

David Stafford
**FIM DE JOGO,
1945**

O capítulo que faltava da Segunda Guerra Mundial

"Stafford reuniu uma galeria extraordinária de histórias humanas — heroicas, trágicas, infames, comoventes." *Daily Mail*


OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

David Stafford
**FIM DE JOGO,
1945**

O capítulo que faltava da Segunda Guerra Mundial

Tradução

Joel Fontenelle Macedo



© 2007 by David Stafford
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Endgame, 1945

Capa
Rodrigo Rodrigues

Imagem de capa
De Agostini/Getty Images

Preparação
Diogo Henriques

Revisão Técnica
João Henrique Barone Reis e Silva

Revisão
Rita Godoy
Lília Zanetti

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S777f

Stafford, David
Fim de jogo, 1945 [recurso eletrônico] : o capítulo que faltava da Segunda Guerra
Mundial / David Stafford ; tradução Joel Fontenelle Macedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *Endgame, 1945: the missing final chapter of World War II*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

656p. ISBN 978-85-390-0562-8 (recurso eletrônico)

1. Guerra Mundial, 1939-1945. 2. Europa - História, 1945-. 3. Livros eletrônicos. I.
Título.

14-08511

CDD: 940.5421

CDU: 94(100)'1939/1945'

*Para Ruth, que sobreviveu,
e em memória de Sydney, que lutou*

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Introdução

Mapas

Parte um - Sexta-Feira, 20 de Abril de 1945

1. Primavera cruel
2. “Tristeza e escuridão”
3. Justiça vingadora
4. “Um estranho tom aperolado”
5. “Cair com heroísmo”
6. “Ich War Immer Dagegen”

Parte dois - De 20 a 30 de Abril de 1945

7. “Um clima de Alice no País das Maravilhas”
8. “O espetáculo mais abominável”
9. A morte de um ditador
10. A oferta de Himmler
11. “The Boulevard of Broken Dreams”
12. Refúgio Alpino
13. “A morte fugiu”
14. “A batalha mais amarga”

Parte três - Da morte de Hitler ao dia da vitória

15. Lidando com nazistas
16. O Cap Arcona

17. “O beco sem saída do Reich”

18. A pilhagem de Hitler

19. “A manhã enfim despontou”

Parte quatro - Do dia da vitória na Europa à conferência de Potsdam

20. O Dia da Vitória na Europa

21. “Fortuna nem sempre é alegria”

22. “Uma comédia grotesca”

23. “Uma cortina de ferro”

24. “Você perdia pessoas enquanto ganhava a liberdade”

25. Berlim: cidade cinza

26. Segunda-feira, 16 de julho de 1945

27. “Outros monstros em outras tocas”

Epílogo: O que aconteceu com eles?

Notas

Bibliografia

Caderno de fotos

Não digas nada além de *O que será de mim?*, pois, seja como for, tudo se resolverá, e a questão há de chegar a um desenlace feliz... se te aparecer um enorme javali, travarás a maior das lutas; se forem homens perversos, livrarás a terra deles. *Mas e se eu morrer?* Morrerás como um bom homem, no cumprimento de um nobre ato.

EPÍTETO

Estou cansado e enjoado da guerra. Sua glória é pura tolice... Guerra é Inferno.

GENERAL WILLIAM TECUMSEH SHERMAN

INTRODUÇÃO

Guerras não terminam quando cessam as batalhas, e a vitória militar por si só não garante a paz. Os feridos continuam a morrer. Os desalojados ainda buscam um lugar para morar. Pais procuram por filhos perdidos entre os escombros, e famílias e amigos tentam desesperadamente se reencontrar. Soldados das forças derrotadas passam semanas, meses, e até mesmo anos, confinados em campos de prisioneiros de guerra, quase sempre muito distantes de casa. Os vitoriosos não convertem suas espadas em arados imediatamente. Eles perseguem os líderes inimigos, enfrentam aqueles que desejam continuar a luta e trabalham arduamente para estabelecer a lei e a ordem. Só então a paz pode vir. Pois ela exige mais do que a ausência de conflito, e é mais difícil chegar a ela do que reduzir cidades a escombros.

As histórias da Segunda Guerra Mundial na Europa terminam invariavelmente com a rendição dos exércitos alemães e a celebração do Dia da Vitória, uma terça-feira, 8 de maio de 1945 (ou 9 de maio para a antiga União Soviética). De uma perspectiva estritamente militar, isso não passa de ilusão, porque as batalhas continuaram até bem depois dessa data. Todavia, mesmo nos lugares onde cessaram os conflitos, os soldados aliados não depuseram suas armas de uma hora para outra, comemoraram animados e voltaram para casa. Pelo contrário, para a maioria deles, o Dia da Vitória foi simplesmente uma breve pausa na prolongada e extenuante experiência de estar sob um uniforme e pronto para a guerra. Graças à visão maníaca de Adolf Hitler, a Europa em 1945 era uma zona de desastre, e as consequências da guerra mostraram-se tão exigentes quanto as próprias batalhas.

Eram necessários a rendição de milhões de soldados inimigos; a repressão urgente de saques, motins e violência gratuita; o restabelecimento severo e implacável da lei e da ordem; a restauração dos serviços básicos de eletricidade,

gás, água e saneamento; a reconstrução de estradas, ferrovias e sistemas de comunicação danificados; a busca pelo ouro e os objetos de arte europeus pilhados em larga escala; e, ainda, encontrar os líderes nazistas e fascistas fugitivos da justiça. Aqueles que participaram desses esforços não pararam de escrever seus diários e cartas para casa, nem acharam que a guerra estivesse terminada; os que estavam envolvidos diretamente na batalha temiam ser transferidos para o Extremo Oriente, para o desfecho do conflito contra os japoneses, que ainda resistiam.

A luta tampouco se tornou menos sangrenta quando a libertação surgiu no horizonte. Nas semanas finais da guerra, com efeito, desenrolaram-se alguns de seus episódios mais cruéis, proporcionando um clímax terrível para o conflito já marcado por brutalidade e mortandade sem precedentes na história. Desde o Dia D, em junho de 1944, os exércitos aliados sofreram uma dura sequência de revezes que adiaram persistentemente o dia da vitória. Quando, por fim, penetraram no coração da Alemanha, Hitler deixou claro que lutaria até o amargo desenlace. Referindo-se ao armistício firmado pela Alemanha no final da Primeira Guerra, ele declarou energicamente à Wehrmacht, em seu discurso no “Dia em Memória dos Heróis” — 11 de março de 1945 —, que “o ano de 1918 não se repetirá”. Para isso, nenhum preço, nem mesmo a destruição total, seria alto demais. Uma semana depois, ele expediu aquela que ficou conhecida como a Ordem de Nero. Nada deveria ser deixado para uso do inimigo: minas deveriam ser explodidas; canais, bloqueados; telecomunicações, danificadas; e a herança cultural alemã, destruída.

Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler, expressou o mesmo niilismo gélido em palavras mais contundentes: “Se tivermos que sair de cena”, escreveu em um estilo tipicamente teatral, “trancaremos tão bem a porta que nenhum outro governante jamais voltará a abri-la”. O que isso significava, em resumo, era que os soldados aliados deveriam esperar uma luta sem piedade até a morte.¹

Para os civis, a libertação marcou o início e não o fim de suas tribulações, um momento agrídoce de exultação e desespero. Foi somente com a invasão dos campos de concentração de Buchenwald, Belsen e Dachau, em abril de 1945, que a extensão plena das atrocidades nazistas se tornou visível aos olhos ocidentais. Para os sobreviventes, o trauma de retornar ao lar foi o começo de um processo doloroso de readaptação à vida normal. Enquanto isso, para os

milhares de judeus que descobriram que não tinham mais lar ou família para onde voltar, começava uma verdadeira luta em prol da construção de seu próprio Estado de Israel. Para os civis que não haviam sido mandados aos campos — a grande maioria dos europeus —, o Dia da Vitória foi pouco mais do que um momento de breve alívio em uma vida de contínuas privações e luta diária.

Foi também um tempo de retaliação e vingança. A Segunda Guerra Mundial precipitou o clímax de duas décadas de rivalidade étnica e conflitos ideológicos, e praticamente em toda parte as sociedades tremiam à beira da guerra civil ou de sérios distúrbios. O fim dos combates permitiu aos vencedores descarregarem sua ira sobre aqueles que colaboraram com o inimigo. Isso sobrecarregou os exércitos de libertação com outro problema urgente na sequência de seus triunfos duramente conquistados.

Além disso, foi apenas depois do completo cessar-fogo que a ajuda humanitária pôde alcançar os milhões de pessoas deslocadas e escravizadas pelos nazistas em sua busca insaciável por mão de obra para a economia de guerra do Terceiro Reich. Pela primeira vez, o exército de agentes humanitários que desembarcou na Europa foi capaz de avaliar verdadeiramente a dimensão do quadro de miséria humana que se apresentava. Eles confrontaram-se também com uma imensa nova onda de refugiados, alguns que seguiam para oeste, fugindo dos exércitos de Stalin, e outros sendo expulsos de suas terras na Europa Central e Oriental por terem sangue germânico. Nesta que foi a maior migração forçada na história da Europa, poucos se deram conta das comemorações do Dia da Vitória; havia a real ameaça do início de uma nova etapa de instabilidades e conflitos.

Mesmo na Grã-Bretanha, que não fora ocupada, uma crise política estava a ponto de derrubar o vitorioso líder de guerra da nação, Winston Churchill. Nos Estados Unidos, o inexperiente novo presidente, Harry Truman, trabalhava com afincamento para dominar as complexidades do jogo de poder internacional para o qual havia sido mal preparado por seu antecessor, Franklin D. Roosevelt. Não é de admirar que os historiadores tenham descrito o fim da guerra na Europa como pouco mais que uma “aparência de paz”, como uma “paz envenenada”, ou, mais recentemente, como um caso de “não somente uma simples vitória”.²

Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a história da Segunda Guerra Mundial é contada, geralmente, através de suas campanhas militares. Isso é compreensível. Nenhum dos dois países foi ocupado e, exceto pelos cidadãos britânicos afligidos pelos bombardeios alemães em suas cidades, a guerra foi vivida na maior parte pelos que participaram das campanhas no noroeste da Europa, Itália e Extremo Oriente. Mas a história da guerra é importante demais para ser relegada apenas aos historiadores militares, e, na Europa, o conflito teve seu maior e mais devastador impacto sobre os civis. Para a maioria deles, não foi uma questão de estratégias e batalhas, mas “uma degradação diária, em que homens e mulheres eram enganados e humilhados, forçados todos os dias a cometer crimes banais e aviltamentos, nos quais todos perderam alguma coisa e muitos perderam tudo”.

Mais de um historiador recente nos recordou disso, e também do fato de que para metade do continente a paz que chegou em 1945 foi a “do pátio da prisão, imposta pelo tanque”.³ A maneira como o Exército Vermelho, rumando para o oeste, esmagou tudo que encontrou pela frente para capturar as grandes capitais da Europa Central e Oriental, como Berlim, Viena, Praga e Budapeste, e o que isso representou para a vida dessas cidades no pós-guerra é uma história que tem sido contada em um sem-número de livros. Isso é motivo suficiente para agradecermos o fato de outras grandes capitais do continente, como Paris, Roma e Bruxelas, terem sido libertadas pelas forças democráticas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos — e por Londres nunca ter sido ocupada. Sem isso, a história da Europa teria tomado uma direção radicalmente diferente e muito mais sombria.

Por essa razão, trato neste livro sobre as últimas semanas da guerra e suas consequências imediatas naquela metade da Europa libertada pelos Aliados ocidentais. Não tento oferecer uma explicação completa, mas sim um retrato, um vislumbre da complexa teia que se instalou na Europa durante os lances finais da guerra de Hitler.

Por trás e no meio de todos os grandes acontecimentos estão indivíduos, suas experiências e ações, e somente os compreendendo podemos vislumbrar inteiramente o cenário como um todo. Relatos históricos têm graus variados de intensidade, como sublinhou o jornalista e escritor alemão exilado Sebastian Haffner em suas brilhantes memórias sobre a vida na Alemanha durante a ascensão de Hitler ao poder. Alguns deles coincidem muito pouco com a

realidade de fato — isto é, as partes mais centrais e pessoais da vida de um indivíduo —, enquanto outros causam devastação e não deixam pedra sobre pedra. Apenas pela leitura de biografias, sobretudo aquelas mais raras, de indivíduos desconhecidos, podemos observar isso. “Nesses textos”, escreve Haffner, “você percebe que um acontecimento histórico passa por cima das vidas particulares (reais) das pessoas como uma nuvem sobre um lago. Nada se altera, há apenas uma sombra passageira. Um outro acontecimento agita o lago como se ele estivesse sob uma tempestade. Por algum tempo, a vida das pessoas mal é reconhecida. Um terceiro talvez seque o lago completamente”.⁴

Isso explica a abordagem que adotei aqui: a de apresentar as narrativas entrelaçadas de indivíduos atingidos pela tormenta do fim da guerra que trágou milhões de vidas, com base em suas correspondências, diários, memórias e testemunhos pessoais. O elenco inclui mulheres e homens, civis e soldados, e pessoas de diversas nacionalidades. Escolhi-as pelo interesse intrínseco de suas histórias individuais, pela maneira como ilustram os temas mais gerais que mencionei e pela luz que lançam em algumas dimensões específicas da guerra.

Entre meus personagens, uma mãe alemã feita prisioneira pela SS e cruelmente separada de seus dois filhos pequenos; um jovem combatente inglês que chega à costa do mar Báltico para testemunhar as consequências da morte horrenda e acidental de milhares de vítimas dos campos de concentração; um jovem soldado americano lutando na Itália que tenta desesperadamente vencer o medo da morte e preservar seu idealismo em meio aos horrores da batalha; um correspondente de guerra de meia-idade que acompanha o Exército norte-americano de George S. Patton rumo ao sul da Alemanha e que desce em uma mina de sal para ver com os próprios olhos as reservas de ouro secretas dos alemães e uma penca de obras de arte saqueadas pelos nazistas; um oficial canadense que se vê envolvido em uma última e amarga batalha na Holanda; um judeu-alemão exilado atuando como agente secreto britânico na Áustria; um oficial da inteligência da Nova Zelândia cuja campanha na Itália termina em confronto com os comunistas na disputada cidade de Trieste; um paraquedista americano cuja guerra contra os nazistas esbarra em uma luta contra os russos em Berlim; e uma mulher com grande experiência humanitária ajudando na libertação de trabalhadores escravos e vítimas de campos de concentração na Bavária.

A narrativa começa na sexta-feira, 20 de abril de 1945. É o aniversário de Hitler, quando o ditador nazista, preso no seu esconderijo de Berlim, deixa claro que lutará até o amargo fim, e que morrerá, se necessário. E termina na segunda-feira, 16 de julho de 1945, quando Churchill e Truman chegam às ruínas da capital nazista para a Conferência de Potsdam, o último dos três grandes encontros de cúpula em tempo de guerra. Eles percorrem a cidade devastada, e Churchill, depois de caminhar em meio a montes de entulho espalhados pelos salões de mármore da chancelaria de Hitler, outrora magnífica, dirige-se ao pátio a fim de contemplar o local exato onde o corpo do ditador foi queimado após seu suicídio. Passados alguns minutos, ele se retira, enojado. Naquela mesma manhã, a milhares de quilômetros, nos desertos do Novo México, a primeira bomba atômica do mundo é testada com sucesso. A sorte do Japão é selada e a guerra do Pacífico também está efetivamente terminada.

Contudo, o significado da paz ainda está longe de ficar claro. Alguns dos personagens estão exauridos, mas sentem que fizeram um trabalho bom e necessário. Uns poucos conservam um idealismo debilitado. Outros estão simplesmente felizes por terem sobrevivido. Pelo menos um se sente desiludido, e outro se descobre perdido e desolado. Todos experimentaram ou testemunharam os horrores da guerra. Todos estão ansiosos em relação ao futuro e pelo que este reserva para cada um deles. Mas ninguém consegue vislumbrá-lo. O que acontecerá com a Alemanha? Há alguma chance de a democracia criar raízes? Ela será esmagada pelo fluxo catastrófico dos milhões de refugiados? O nazismo ressurgirá? Adolf Hitler está realmente morto? A guerra civil vai estourar a qualquer momento na Itália? O país se dividirá em duas partes, norte e sul? Sua monarquia sobreviverá? E as relações com a União Soviética? A paz pode ser construída com Stalin? Ou deve ser construída sem ele, ou mesmo contra ele?

Quando esta narrativa chega ao fim, no verão de 1945, nenhuma das respostas a estas perguntas está suficientemente clara. É notório que houve uma vitória militar, mas, igualmente notório, ela ainda não resultou em paz. Na verdade, ela até criou novos problemas para os que sobreviveram. Apenas uma coisa é certa: a guerra, com todo o seu terrível custo, impediu que Hitler e os nazistas transformassem um mundo imperfeito em um mundo ainda pior. Isto, de alguma forma, lhe confere algum valor.

Tenho muito a agradecer aos que me ajudaram a tornar este livro possível. Minha primeira dívida de gratidão é com aqueles cujas histórias conto aqui, alguns dos quais ainda estão vivos e aceitaram generosamente me receber, discutir suas experiências de seis décadas atrás e me ajudar de várias outras maneiras, desdobrando-se para conseguir documentos, cartas, fotografias e colocar seus pensamentos no papel em resposta às minhas perguntas. Agradeço a todos: em Roma, Fey von Hassell, e seu genro David Forbes Watt; em Hamburgo, Fred Warner, que faleceu neste meio-tempo, e sua esposa, Annette; em Victoria, Colúmbia Britânica, no Canadá, Reg Roy; em Gloucestershire, sir Geoffrey Cox CBE; e em Suffolk, Bryan Samain e sua esposa, Helen. Leonard Linton, de Nova York, concordou gentilmente em me receber para contar sua história, mas faleceu antes que pudéssemos nos encontrar; agradeço à sua filha Sandy por me atender, responder às minhas perguntas e fornecer fotos. Em Londres, Elizabeth Horder me falou gentilmente sobre sua tia, Francesca Wilson, e me cedeu trechos de seu diário; enquanto em York, Rosalind Priestman, outra sobrinha de Francesca, me apresentou fontes sobre os Quakers e me cedeu a foto de sua tia que aparece aqui. Heather Aggins e Russel Enoch também conversaram comigo sobre suas lembranças de Francesca. Para meu amigo e colega em Edimburgo, Jeremy Crang, devo um agradecimento especial, por me deixar pesquisar livremente os papéis, até então inexplorados, de seu avô Robert Reid; por sua vez, à filha de Robert, Elizabeth, sou grato por informações complementares sobre a vida da família de seu pai no período da guerra.

Como sempre, agradeço aos arquivistas e bibliotecários, verdadeiros especialistas, geralmente mal pagos e com excesso de trabalho, que tornam todas as pesquisas históricas possíveis. O bibliotecário-chefe da Biblioteca Alexander Turnbull, em Wellington, Nova Zelândia, me deu permissão para examinar os documentos de sir Geoffrey Cox, e sou grato a Peter Cooke por encontrar para mim este relevante material. Também na Nova Zelândia, Dolores Ho, do Museu do Exército Queen Elizabeth II, em Waiouru, me forneceu documentos adicionais sobre sir Geoffrey Cox, assim como fotografias de G. Kaye, da coleção fotográfica do Kippenberger Military Archive. Na Holanda, o dr. Hans de Vries, do Departamento de Informação e Documentação do Instituto Holandês de Documentação de Guerra, em Amsterdã, me colocou na direção certa no início de minhas pesquisas sobre a

guerra na Holanda; enquanto Monique Brinks, do Groningen Archiv e curadora da exposição “De mim para May: o primeiro ano depois da Guerra em Groningen”, de abril de 2005, gentilmente encontrou espaço em sua agenda apertada para conversar comigo sobre os dias da libertação da cidade. O historiador local Franz Lenselink me levou até Delfzijl para explorar o terreno, me presenteou com uma cópia valiosíssima de um panfleto sobre a cidade durante a guerra e compartilhou comigo suas observações sobre a batalha travada ali em 1945 pelo regimento canadense Cape Breton Highlanders.

No Museu Imperial da Guerra, em Londres, Rod Bailey me ajudou com os Walter Freud Papers, enquanto Stephanie Clarke me auxiliou no acesso aos documentos de Sigismund Payne Best, com a autorização generosa de sua viúva, Bridget Payne Best. Nos Estados Unidos, o professor emérito John Imbrie, veterano de guerra e vice-presidente da Data Acquisition and Analysis of the Tenth Mountain Division Association, me forneceu muitos documentos valiosos sobre as operações de guerra da 10ª Divisão de Montanha, respondeu a várias de minhas perguntas e ofereceu sugestões preciosas. Debbie Gemar e Dennis Hagen, do Tenth Mountain Division Resource Center na Biblioteca Pública de Denver, Colorado, me enviaram cópias dos relatórios da 10ª Divisão do 85º Regimento da Companhia F, entre abril e julho de 1945, assim como fotografias.

O major Alan Edwards, do Defence Intelligence Museum, em Chicksands, Bedfordshire, prestou enorme ajuda durante as etapas iniciais da pesquisa e me ajudou a descobrir o relato inédito de sua missão na Áustria a serviço da Executiva de Operações Especiais (SOE). Em Berlim, o dr. Helmut Trotnow, diretor do Museu dos Aliados, me chamou a atenção pela primeira vez para as memórias inéditas de Leonard Linton. Sebastian Cox, chefe do Royal Air Force Historical Branch, em Bentley Priory, Stanmore, me forneceu material a respeito do *Cap Arcona* e discutiu comigo sobre o trágico acontecimento. O dr. Yves Tremblay, do Directorate of History and Heritage, no quartel-general nacional de Defesa em Ottawa, Canadá, me ajudou nas investigações sobre as forças canadenses na Holanda. O falecido Sidney Hudson permitiu generosamente que eu consultasse sua proveitosa coleção de recortes de imprensa, organizada por seu pai durante a guerra.

Quero agradecer também o generoso auxílio que recebi dos funcionários da Biblioteca Nacional da Escócia, do Liddell Hart Centre for Military Archives

no King's College de Londres, assim como a Ian Martin, arquivista do King's Own Scottish Borderers' Regimental Headquarters em Berwick-upon-Tweed, e à dra. Diana Henderson do Scots at War Trust. Quando eu estava escrevendo *Ten Days to D-Day*, a equipe do escritório de Nápoles da Collier County Library, no sul da Flórida, me prestou um inestimável e excelente serviço.

Também fui beneficiado pelas discussões com amigos e colegas em muitos lugares. Ao professor Terry Copp, da Wilfrid Laurier University, em Kitchener, Ontário, sou agradecido, como sempre, por me franquear acesso ao rico material de suas próprias pesquisas sobre a Segunda Guerra Mundial, que me ajudou decisivamente nos primeiros estágios deste trabalho. David Ellwood, da Universidade de Bolonha, foi, como sempre, generoso com seu conhecimento e seus contatos, e me aproximou do professor Giampaolo Valdevit da Universidade de Trieste, com quem tive uma entrevista esclarecedora a respeito da complexa política da cidade em 1945. John Earle, também de Trieste, foi igualmente valioso, assim como John Shillidy, que me escreveu sobre seu trabalho junto à inteligência militar britânica no desfecho da guerra. O tenente-coronel Roderick Mackenzie me enviou um capítulo relevante de suas memórias a respeito de experiências de combate em apoio à 10ª Divisão de Montanha, assim como um artigo do falecido tenente-coronel Hugh Freeth, oficial comandante do regimento, agraciado com a Estrela de Prata. O dr. F. Akkerman, de Haren, me escreveu sobre o combate por Groningen e a captura da ponte em Oosterhoogebrug, que foi decisiva para o avanço canadense sobre Delfzijl. Os drs. Coen Tamse e Homme Wedman, da Universidade de Groningen, me receberam hospitaleiramente na cidade e preencheram algumas lacunas com detalhes importantes.

Ao longo dos vários estágios de minha pesquisa, recebi ainda o auxílio de Martin Clark, Richard Aldrich, Tim Naftali, Tony Hepburn, Alastair C. Duke, Bob Steers, Hayden Peake, Ian McGibbon, dr. Rob Rabel, Fred Judge, A. Struan Robertson, Mark Seaman, Tessa Stirling, Gill Bennet, Mary Mackie, Beth Slavin, Betty Thomas, Gerry Brent, Seamus Spark, Frank Bright, Madeleine Haag, Tony Williams, Sidney Goldberg da Associação de Veteranos da Normandia, Angus McIntosh, Adrian Gilbert, David Storrie, Matthew Parker, Sandy Gordon, Christopher Woods, Duncan Stuart, Andrew Jeffrey, Tim Carroll, Grant McIntyre, Ian D. Armour, Slawka Mieczysława, Joanna Potts, Marion Milne, Dolores Hatch, Jack Granatstein, Christopher Woods,

Tom Wales e sir Tommy Macpherson. Meus colegas no Centro para o Estudo das Duas Guerras Mundiais e no Departamento de História da Universidade de Edimburgo, Paul Addison, Jenny Macleod, James McMillan, Jill Stephenson, Donald Bloxham e Pauline Maclean, me ajudaram ao proporcionar o ambiente de trabalho acolhedor e estimulante de que todo escritor precisa.

Sou profundamente grato a meu agente em Londres, Andrew Lownie, por tornar este projeto possível. Aos meus editores em Londres e Nova York, Richard Beswick e Liz Nagle, também sou imensamente agradecido pelos comentários oportunos, insights valiosos, sugestões bem-vindas e apoio irrestrito que me ofereceram. A Iain Hunt, Rowan Cope, Bobby Nayyar e Philip Parr, que também ajudaram a concretizar o projeto, em Londres, sou muito agradecido.

Finalmente, à minha esposa, Jeanne Cannizzo, editora da primeira versão e sempre um apoio incondicional para mim, mais uma vez me faltam palavras para agradecer.

David Stafford,
Edimburgo
Fevereiro de 2007





PARTE UM

SEXTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 1945

I. PRIMAVERA CRUEL

Dia 20 de abril, sexta-feira, era aniversário de Adolf Hitler. Desde que tomara o poder, em 1933, tornando-se Führer do povo alemão, a data era comemorada em todo o Reich como feriado nacional. Por toda a Alemanha, a bandeira vermelho-sangue do Partido Nazista, com a suástica negra entortada, tremulava nas sacadas e nos prédios públicos. As estações de rádio tocavam músicas especiais e transmitiam discursos de bajulação, enquanto os estudantes ficavam felizes por não terem aula. Na sua casa em Obersalzberg, na periferia de Berchtesgaden, o aniversariante passava o dia sorrindo e recebendo homenagens, e menininhas louras da Bavária faziam fila para lhe presentear com buquês de flores alpinas.

Mas, hoje, ao completar 56 anos, seu humor estava visivelmente sombrio. Joseph Goebbels, seu ministro da Propaganda fervorosamente leal, tentava fazer o melhor que podia em meio ao clima de desastre iminente. O povo alemão, anunciara naquela manhã pelo rádio, devia confiar em seu líder até as últimas consequências. Para isso, o próprio Hitler estava fazendo uma soturna preparação. Havia algumas semanas, levava uma vida subterrânea em Berlim, no bunker logo abaixo da chancelaria, iluminado por luzes de néon. O esconderijo consistia em 18 cômodos apertados, com uma suíte especial que Hitler dividia com sua amante, Eva Braun.

Como em toda a Europa, fazia um dia ensolarado de primavera na capital alemã, e os lilases estavam em flor. Mas, por toda a cidade, donas de casa estocavam desesperadamente alimentos em preparação para a batalha que, todos sabiam, estava a caminho. No céu, a Luftwaffe, a outrora pomposa e temida Força Aérea alemã, fora reduzida a uma arma impotente, e os bombardeios ingleses e americanos havia meses massacravam a capital sem

piedade. Na semana anterior, tinham posto em chamas o Ministério das Relações Exteriores e a antiga Chancelaria do Reich. Agora, durante a noite, sabendo da importância da data, os aviões aliados voltavam para um ataque ainda mais contundente, e durante todo o dia seguinte o cheiro ácido da fumaça contaminou o ar de Berlim. Em terra, as tropas do Exército Vermelho, com 2,5 milhões de homens, lançavam-se na última grande ofensiva contra a capital e se aproximavam rapidamente dos subúrbios do lado oriental, ameaçando cercar a cidade por inteiro. Agora, o barulho da artilharia pesada era audível até mesmo para os que estavam debaixo do solo.

Tradicionalmente, o Führer recebia os primeiros cumprimentos pelo seu aniversário de seus funcionários pessoais, logo após a badalada da meia-noite. Mas, neste ano, ele comunicou que a situação era grave demais para aquele tipo de cerimônia. Mesmo assim, insistiram. Parecendo vinte anos mais velho e com a pele extremamente branca, Hitler percorreu a fileira de homens e mulheres que o aguardavam e apertou, vacilante, a mão de cada um. Então, após algumas horas de sono, ele subiu, no princípio da tarde, os degraus do esconderijo até os jardins da Chancelaria para receber as saudações nazistas de unidades de elite do Exército e dos oficiais da SS que formavam sua guarda pessoal. Cerca de vinte adolescentes da Juventude Hitlerista que haviam atuado na resistência aos russos também estavam perfilados.

Hitler vestia seu uniforme cinza de campanha com a Cruz de Ferro, conquistada por atos de bravura na Primeira Guerra Mundial. Lentamente, passou a fila em revista, apertando as bochechas de alguns garotos presentes e murmurando palavras de encorajamento. A câmera de um cinejornal registrou a cena. O cinegrafista capturou também os tremores violentos de sua mão esquerda, que ele mantinha escondida nas costas — uma marca de seu rápido declínio físico nos últimos meses. “Aqui em Berlim”, Hitler disse aos adolescentes, “estamos enfrentando a grande e decisiva batalha... A crença de que venceremos tem de permanecer inabalável. Podemos comparar a situação à de um paciente que acredita ter chegado ao fim. Todavia, ele não tem que morrer. Pode ser salvo por um novo remédio, descoberto a tempo de curá-lo”.

O que todos tentavam imaginar àquela altura era qual seria o milagre. Desde o desembarque dos Aliados em solo francês no Dia D, em junho do ano anterior, Hitler e Goebbels deliravam sobre uma arma miraculosa que ainda ganharia a guerra, tal como o foguete V2 ou um novo avião a jato. Naquela

semana, no entanto, estava claro para todos que só mesmo um milagre político, em vez de militar, poderia salvar o Reich. Pouco antes da meia-noite, na quinta-feira, 12 de abril, uma edição extraordinária da BBC-Reuters anunciava a morte súbita do presidente Franklin Roosevelt no seu retiro em Warm Springs, Geórgia.

Goebbels telefonou para Hitler imediatamente. “Meu Führer”, exclamou, “este é o milagre da Casa de Brandemburgo pelo qual estávamos esperando. Esta é a guinada prevista em seu horóscopo!”. O ministro da Propaganda estava se referindo a um acontecimento histórico bastante conhecido de Hitler, com seu hábito megalomaniaco de se comparar às grandes figuras da história da Alemanha. Em 1762, o rei Frederico, o Grande, da Prússia, tinha sido salvo da derrota na Guerra dos Sete Anos contra a Rússia pela morte repentina da czarina Elizabeth. Hitler, que mantinha um retrato de Frederico em seu esconderijo, reagiu à notícia de Goebbels com alegria. Logo, ele lhe disse, os americanos e o Exército Vermelho estariam trocando tiros sobre o teto da Chancelaria.

A euforia foi fugaz. Poucos entre os que agora ouviam as promessas de Hitler no jardim depositavam alguma fé na sua curiosa mensagem desafiadora, mas depressiva, sobre o paciente moribundo. Mais tarde naquele dia, já de volta aos subterrâneos, ele recebeu expoentes do Reich — ministros e generais — que vieram para os cumprimentos de aniversário. Apertou a mão de cada um e trocou algumas poucas palavras ao acaso. Então, uma vez completo o ritual de aniversário, voltaram-se para a grande decisão do dia. Hitler deveria permanecer em Berlim ou se transferir para a Bavária a fim de liderar os últimos nichos de resistência de sua base em Berchtesgaden? Por muito tempo, o plano fora este. Apenas dez dias antes, o Führer mandara seus subordinados ao sul para preparar o caminho.

A decisão agora era urgente. O avanço do Exército Vermelho era tão rápido e os russos estavam tão perto que havia risco de que todas as rotas de escape da cidade fossem bloqueadas. Pior que isso: com os russos avançando para oeste, e os americanos se deslocando velozmente para leste, no centro e no sul da Alemanha, o Reich podia estar sendo partido em dois, com o bloqueio total da estrada para a Bavária. O consenso era de que Hitler deveria deixar a capital imediatamente. Naquela manhã, bem cedo, o marechal de campo Wilhelm Keitel, seu chefe militar, havia encorajado esta conduta, mas ela fora recusada.

“Keitel”, disse Hitler, “eu sei o que quero. Combaterei na frente, dentro, ou na retaguarda de Berlim”. Depois de mais um pouco de discussão, abrandou o tom ao afirmar que deixaria a decisão final nas mãos do destino.

Mas, na verdade, já tinha feito sua escolha. Em março, Eva Braun chegara a Berlim, vinda de Berchtesgaden. Havia apenas uma semana, tinha descido de seus aposentos na Chancelaria para dormir com Hitler no bunker. Gerda Christian, secretária particular do Führer, soube instintivamente o que aquilo significava: Hitler nunca fugiria para a Bavária. Em vez disso, Berchtesgaden, na pessoa de Eva Braun, tinha se mudado para Berlim. Vinte e três anos mais jovem, a amante de Hitler era uma garota católica da classe média de Munique e o conheceu nos estúdios do fotógrafo oficial do Führer, Heinrich Hoffman, de quem era assistente. O que quer que se diga sobre ela, tinha uma lealdade suprema. Ficaria ao lado de Hitler até o mais amargo fim.

A intuição de Gerda Christian foi confirmada mais tarde naquela mesma noite, quando Hitler, como de costume, terminou o dia conversando com as secretárias em sua sala. Ele sempre gostara da companhia de mulheres jovens e sensíveis, e era para elas que revelava seus sentimentos mais profundos. Elas também queriam saber se ele deixaria Berlim. Se abandonasse a cidade, respondeu ele, se sentiria como um lama tibetano girando uma roda de oração vazia. “É preciso fazer as coisas acontecerem em Berlim... ou afundar!”, insistiu.¹

Para todos, exceto os que escolhiam deliberadamente a cegueira, agora estava claro que ele faria as duas coisas. Mas para o Reich sitiado, e mesmo além dele, com os rumos que a guerra estava tomando, importava cada vez menos o que Hitler dissesse ou fizesse em Berlim.

De todos os amargos meses da guerra contra Hitler, abril de 1945 foi o mais difícil de suportar. Não apenas por causa do clima, embora fosse verdade que a estação se movia traiçoeiramente entre os dias promissores de primavera e os últimos suspiros de um inverno renitente que insistia com chuvas fortes e nevascas, empurrando soldados e civis para os abrigos aquecidos.

Nem tampouco por conta do medo de a vitória aliada escapar no último momento, como um prêmio sempre distante e fugaz. O fim do Terceiro Reich de Hitler era agora inevitável e estava visivelmente próximo. Os exércitos inimigos haviam envolvido os nazistas com pulso firme. Nas planícies do

noroeste da Europa, as forças britânicas, americanas e canadenses já tinham atravessado o rio Reno, guardião ancestral da fronteira ocidental da Alemanha, e avançavam rapidamente pela Holanda na direção de Bremen e Hamburgo, os grandes portos alemães do mar do Norte.

Nas extensas pradarias do leste da Alemanha, o Exército Vermelho de Stalin já atravessara os rios Oder e Neisse para chegar à periferia de Berlim. Mais ao sul, as forças do ditador soviético foram estacionadas para se juntar aos norte-americanos no centro do país e, na Áustria, suas tropas já haviam tomado Viena. No sul da Alemanha, as tropas americanas subiam rapidamente pelo Danúbio e aprofundavam-se no interior da Bavária, reduto espiritual do nazismo, com as cidades de Munique — quartel-general do Partido Nazista — e Nuremberg, local dos inflamados comícios que haviam impactado o mundo apenas alguns anos antes. Na Itália, as forças aliadas estavam finalmente prontas para lançar sua cartada decisiva no vale do rio Pó, onde as estradas retas apontam ao norte para os Alpes e, logo atrás dele, para o Reich.

Entretanto, abominavelmente, apesar de tudo, Hitler recusava-se a se render. Em vez disso, seus exércitos obstinavam-se num combate feroz. Soldados e civis sabiam agora que aquela luta seria travada até a morte, com tudo o que isso representava para eles e para a Europa. A libertação de milhões de pessoas estava por vir, mas a um preço penosamente alto, por conta de uma resistência inútil e insana. Mais soldados e civis morreriam. Mais casas seriam destruídas por bombas e tiros de artilharia. Mais plantações seriam inundadas pelo rompimento de barragens e diques, arruinando as colheitas e agravando o fantasma da fome que já levava milhões à inanição. E mais refugiados seriam lançados nas estradas da desolação, com o que sobrara de seus pertences pessoais acomodado pateticamente nas costas ou empilhados em carroças puxadas manualmente. Este, sem dúvida, era um mês ao mesmo tempo amargo e doce.

Em termos globais, o fim da guerra não parecia menos sombrio. O Japão, assim como seu aliado alemão, lutava desesperadamente para adiar a derrota. A esperança da ilha contra o avanço dos americanos no Pacífico se concentrava na rochosa Okinawa, a última parada antes do continente japonês. Ali, 120 mil combatentes apoiados por 10 mil aviões faziam um último esforço suicida contra o exército de 155 mil americanos que desembarcara na praia no primeiro dia daquele mês. Pilotos camicases avançavam na água contra os

navios americanos, e a Armada Imperial japonesa mandou o *Yamato*, o maior navio de guerra do mundo, em uma última e desesperada missão para naufragar tantos navios inimigos quanto possível. A batalha terminaria oitenta dias depois com o suicídio ritual do comandante japonês e de seu ajudante de ordens, e com apenas 10 mil defensores da ilha ainda vivos. Com 50 mil mortos e feridos entre os americanos, a disputa por Okinawa foi um presságio terrível e preocupante do que estava por vir antes da rendição do Japão.

Politicamente, também, as sombras estavam ficando mais profundas. Até a sua morte, Roosevelt não encontrara ainda uma maneira de lidar com Stalin e a União Soviética; e seu sucessor, Harry Truman, era um ilustre desconhecido até para seus compatriotas, além de ter muito pouca experiência de governo. O primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, estava, a esta altura, tomado de pressentimentos sombrios a respeito das intenções soviéticas na Europa e já começava a usar o termo “cortina de ferro” para descrever uma Europa dividida entre o comunismo e a democracia. A Polônia, por cuja independência a Grã-Bretanha havia entrado na guerra em 1939, já estava nas mãos dos comunistas. A vitória militar se transformaria em poeira logo que a matança cessasse?

Mais do que qualquer outra coisa, Robert Ellis queria dormir. Durante toda a noite, ele escalara a montanha, esquivando-se das metralhadoras e do fogo dos morteiros. Física e mentalmente, estava esgotado. Agora, embora fosse apenas o começo da primavera, o forte sol italiano castigava sua pele. Ele se agachou o máximo que pôde em sua trincheira para escapar daquela luz implacável, mas o chão parecia estar fervendo e seu abrigo era muito raso.

A terra é a amiga e o lugar de descanso dos combatentes de infantaria. Nela, eles se protegem, se abrigam e dormem; mas a terra é também aquilo que eles devem capturar e ocupar. Por seis dias seguidos, Ellis, da 10ª Divisão de Montanha, vinha lutando nos esforços finais do V Exército dos Estados Unidos para atravessar os montes Apeninos em direção ao vale do rio Pó.

Agora, via abaixo as férteis pradarias verdes estendendo-se na distância, símbolo ao mesmo tempo de esperança e perigo. As semanas cansativas subindo e descendo ribanceiras pedregosas, enfrentando o inexorável fogo inimigo, haviam chegado ao fim. Mas o rio era largo e profundo, um obstáculo natural para atingir o inimigo acuado, porém inflexível. Os combates da última

semana tinham sido até ali os mais pesados e desgastantes para a divisão. Trezentos e setenta homens foram mortos, e cerca de 1.400 ficaram feridos. Somente no batalhão de Ellis, quase cinquenta homens pereceram em apenas dois dias de combate. Ele sabia muito bem que muitos outros soldados morreriam antes de a vitória chegar. E ela ainda parecia estar longe.

Ele tinha 20 anos e nascera em Wooster, Ohio, onde seus pais se estabeleceram depois de muitos anos servindo como missionários presbiterianos na cidade persa de Urumia. Tinham desembarcado em Urumia durante a Primeira Guerra Mundial. “Era um campo de batalha para tropas turcas e russas, para tribos de curdos, assírios, armênios e outros guerrilheiros nativos”, escreveu Ellis. “Massacres e epidemias eram comuns. Os serviços de meu pai como médico-cirurgião eram desesperadamente necessários.”

Em 1918, seus pais escaparam por pouco de uma chacina de missionários cristãos pelos curdos muçulmanos. Na ocasião já tinham dois filhos, ambos meninos. Uma menina chegou três anos depois. Robert nasceu em 1924 e completou a família, chegando aos Estados Unidos em meados da década de 1930 para receber educação formal.

Agora, Ellis, recém-promovido a sargento, liderava um esquadrão de metralhadores na Companhia F do 85º Regimento da divisão. Tinha coberto o capacete com aniagem para diminuir o reflexo na superfície, o que o tornava um alvo mais difícil para o inimigo, e decidira não usar as divisas de sargento no ombro. Como a maioria de seus camaradas, sabia que os alemães se empenhavam especialmente em alvejar os oficiais e suboficiais para desorganizar a cadeia de comando.

De qualquer maneira, mesmo sem chamar atenção, muitas mortes tinham ocorrido. As baixas estavam aumentando, e uma delas, em particular, aconteceu surpreendentemente perto. No primeiro dia da ofensiva, Bill Luth, um de seus amigos mais antigos na divisão, foi morto. Eles tinham treinado juntos no Colorado, onde passaram uma deliciosa folga de fim de semana com outros dois camaradas em Colorado Springs, cantando sucessos populares e marchas militares enquanto subiam em direção ao ar puro das montanhas sob a luz da lua cheia. Bill vinha de Wisconsin, e Ellis repartira com ele o bolo que recebera da mãe por seu aniversário de 19 anos, dois dias antes do aniversário do próprio Bill.

Agora, Ellis não estava nem um pouco seguro de que conseguiria sobreviver. “A guerra pode estar muito perto do fim”, escreveu aos pais, “mas para os homens que veem seus companheiros morrerem a cada dia, o fim está longe”. Ressoava em sua mente a cena final de *Nada de novo no front*, versão cinematográfica de 1930 do romance pacifista de Erich Maria Remarque sobre a Primeira Guerra Mundial. Enquanto aguarda na trincheira do campo de batalha, com o armistício já assinado, mas ainda não cumprido, o herói-soldado da história se desloca levemente para tocar em uma borboleta pousada na grama do lado de fora, e nesse movimento é alvejado mortalmente por um inimigo de tocaia.

Naquele momento, ninguém queria morrer, e não era incomum os soldados se ferirem de propósito para serem excluídos da batalha. Os riscos não diminuía porque a vitória estava próxima. Naqueles últimos dias, a companhia de Ellis, junto com outros soldados da divisão, avançou lentamente de cume em cume através de mortíferos campos minados muitas vezes desconhecidos, enfrentando o devastador fogo das metralhadoras que varria os declives, levando os homens de Ellis a rolares desesperadamente em busca de abrigo. Disparos de morteiros e fogo de artilharia também provocavam ferimentos terríveis.

“Os homens caíam rodopiando com o impacto das balas”, escreveu um historiador sobre uma típica batalha da 10ª Divisão de Montanha nos Apeninos, “estraçalhados por estilhaços de granada, pulverizados por impactos diretos da artilharia e projéteis de morteiros, lançados ao ar pela força das explosões, ou atirados no chão em agonia, gritando de dor, apalpando seus membros feridos ou os intestinos perfurados”.² As minas alemãs *Schu*, indetectáveis em suas caixas de madeira e espalhadas por toda a paisagem, explodiam sempre os pés das vítimas. Neste cenário cruel e selvagem, onde os soldados americanos viam seus amigos serem mortos ou feridos de maneiras terríveis, os prisioneiros, principalmente os que estavam feridos, eram algumas vezes simplesmente mortos. Ellis, como a maioria dos jovens soldados, era cuidadoso nas cartas que enviava para casa e evitava mencionar estes assuntos.³

As contínuas marchas o tinham exaurido como nunca na vida. No dia anterior, o regimento conquistara a última grande colina antes do vale do rio Pó. Adiante, ele vislumbrou, no horizonte ao longe, a nordeste, os telhados vermelhos de Bolonha. Fazia quarenta horas que não dormia, mas ainda não

havia descanso. À meia-noite, seu batalhão deu início a uma marcha acelerada para assumir o controle de uma pequena cidade, e em pouco tempo combatia ferozmente para conquistar outro cume estratégico com vista para o vale. Nesse momento, precisando desesperadamente dormir, ele se sentia à beira de um colapso e cheio de pressentimentos. Será que, como o soldado do filme, morreria em sua pequena e patética trincheira no momento final?

Neste mesmo dia de abril, bem no interior da Alemanha, outro rio e seus obstáculos confrontavam um jovem combatente britânico, o capitão Bryan Samain. Seus dois últimos anos de vida militar haviam sido quase como uma continuação do colégio. Após a morte de seu pai, quando ele tinha apenas 5 anos, sua mãe, quase na penúria, o mandara para um internato em Hertfordshire que acolhia filhos de maçons necessitados. Mas, ao contrário dos outros novos alunos, Samain não se importava em ficar longe de casa. Ele era filho único — sua irmã mais velha morrera antes mesmo que ele se desse conta de sua existência — e muito cedo aprendera a ter autoconfiança. Tampouco sentia falta da mãe. “Na verdade”, recordou mais tarde, “nunca chorei naqueles dias solitários na nova escola — nem mesmo à noite, no dormitório”.⁴

A vida no internato era espartana e disciplinada, girando em torno de uma rotina diária de esportes e do encontro semanal obrigatório dos alunos novos com o corpo de cadetes. “Uma atenção especial era dada ao polimento”, lembrava-se, “com direito a muita cera para lustrar os cintos”. Samain tinha aprendido também a trabalhar em equipe e a ser útil. Seu pai fora protestante e maçom, mas sua mãe era católica fervorosa e o mandara para ali apenas porque, como filho de maçom, ele estudaria de graça. Assim, Samain era o único católico romano do lugar, embora nunca tenha sido incomodado ou ridicularizado por isso, até porque quase ninguém sabia do fato. Para se camuflar, ele participava das orações da manhã e dos cultos dominicais da Igreja da Inglaterra como todo mundo — mesmo que, nos feriados, fosse com a mãe à igreja católica da cidade.

Samain fora criado em Chelmsford, Essex, que considerava o seu lar, mas agora sua mãe casara novamente e se mudava constantemente pela região das Midlands, seguindo o marido, um contador, em vários trabalhos ligados à guerra. No início, depois de deixar a escola, aos 15 anos, Samain sonhava com os palcos, inspirado por sua tia Kit, que atuara em vários musicais e comédias.

Mas esta fantasia de juventude foi duramente rechaçada, e ele foi trabalhar como estagiário em um jornal em Londres. Perto de seu aniversário de 18 anos, ele trabalhava para um jornal australiano na Fleet Street, o *Daily Mirror* de Sydney.

Ele sabia que logo seria convocado. “Ambicioso como eu era”, lembrou, “queria partir para uma missão em vez de ficar nos quartéis”. Ele soube do esquema “Y” dos fuzileiros navais, um atalho para se chegar a oficial a partir do voluntariado, e então viajou até um posto de recrutamento em Croydon, onde foi entrevistado por um sargento com cara de durão que o sabatinou sobre seu período na escola, seus talentos esportivos e seu histórico acadêmico. Acima de tudo, o sargento interessou-se pelo fato de Samain ter conseguido o “Certificado A” em sua passagem pelo corpo de cadetes. “Você vai dar certo, rapaz”, concluiu.

Então, em 14 de janeiro de 1943, no dia em que completou 18 anos, Bryan Samain deu adeus às tias em Wimbledon que o haviam hospedado e pegou um trem para o centro de recepção dos fuzileiros navais em Devon. Fazia apenas dois anos, mas parecia uma vida inteira.

No dia anterior, ele havia chegado a Lüneburg. Esta pitoresca cidade medieval, com suas estações de água e fachadas góticas e barrocas, era um dos principais redutos hospitalares da Alemanha e vinha sendo usada pela Wehrmacht para o tratamento e convalescença de seus feridos. Lüneburg fora declarada uma cidade aberta, e suas casas em bom estado proporcionavam abrigo confortável para os comandos. Como Ellis e os americanos na Itália, os comandos britânicos estavam dando uma pausa após um período de amargos combates.

O termo “comando” foi cunhado primeiramente pelos bôeres para descrever suas forças irregulares que combatiam os ingleses na África do Sul no começo do século. Agora, era usado para designar os destacamentos aliados autossustentáveis, altamente móveis e fortemente treinados, com cerca de quinhentos homens. Embora na sua maioria britânicos, os comandos também ostentavam centenas de homens de países europeus ocupados, refugiados da França, Bélgica, Polônia, Iugoslávia e até mesmo da Alemanha. Samain sabia que sua família tinha origem francesa; seus ancestrais haviam sido huguenotes exilados durante o reinado de Luís XIV. Os comandos eram treinados para extremos de desafio físico, sabiam usar uma grande variedade de armas e

explosivos e estavam preparados para marchar a 11 quilômetros por hora durante várias horas.

“Como era de se esperar”, escreveu Samain, “os comandos se cercaram de sujeitos corajosos e desapegados à vida — a maioria voluntários, todos preparados para o corpo a corpo com o inimigo. Usar a boina verde dos comandos, coisa que eu agora podia fazer, era uma honra cobiçada. Ter que deixá-los, por qualquer razão — isto é, ser “devolvido à unidade” —, era um amargo revés pessoal”. A própria unidade de Samain fazia parte da Brigada do Primeiro Comando, que avançava com o marechal de campo Montgomery, do 21º Grupo de Exército, no noroeste da Alemanha.⁵

Menos de um mês antes, eles haviam participado da grande travessia do Reno próximo à cidade de Wesel. Quando Samain finalmente entrou lá, a cidade tinha sido tão completamente reduzida a pó pelos bombardeiros Lancaster da Força Aérea Real (RAF) que os mapas das posições defensivas dos alemães tão minuciosamente preparados pela divisão haviam se tornado praticamente inúteis. A sua frente, não se via nada além de um labirinto de crateras enormes, sinalizações destruídas e poucas ruas utilizáveis. Um correspondente de guerra britânico que passou pela cidade registrou:

Com certeza o horror da guerra, sua absoluta crueldade, é mais nitidamente vívido em Wesel do que em qualquer outra cidade da Alemanha [...] nada foi deixado além de entulho, sob o qual os mortos fedem, apodrecendo no forte sol da tarde [...] a devastação é tão grande, a ruína é tão imensa e completa, que não vemos qualquer sinal familiar [...] homens, mulheres e crianças vasculham as ruínas e veem o que podem encontrar... Wesel deixou de existir.⁶

Enquanto Samain e sua tropa avançavam em fila indiana no meio das ruínas, ele foi tomado por maus pressentimentos sobre o que estava por vir. À sua volta, jaziam os cadáveres de inúmeros alemães. Todos aparentemente mortos. Mas, de repente, quando o oficial comandante dos fuzileiros se aproximou de uma esquina de Wesel, um dos “cadáveres” se levantou e disparou um lança-granadas à queima-roupa. Ele matou imediatamente dois comandos, feriu o oficial e mandou todos os outros para o chão.

Surpresos, irados e temerosos, os homens retaliaram, descarregando no alemão suas submetralhadoras Thompson, apelidadas pelos ingleses de

“Tommy”. Quando rolaram seu corpo e o olharam de perto, não se surpreenderam ao constatar que se tratava de um membro da SS. Para que nada parecido voltasse a acontecer, atiraram em todos os cadáveres que viram pela frente. Samain nunca mais daria nada como garantido.

Sua reação foi típica. Havia muitas histórias de soldados alemães que enganavam os soldados aliados fingindo-se de mortos, mesmo que isso significasse violar o texto da Convenção de Genebra sobre o tratamento de prisioneiros. Nos dez meses de combate acirrado desde o desembarque na Normandia, os soldados aliados tinham aguçado seus instintos de sobrevivência. Na França, tripulantes de tanques poloneses avançaram sobre os alemães em retirada, negando-lhes a chance de escapar ou de se render.

Franco-atiradores inimigos sempre recebiam pouca consideração, e às vezes bastava uma resposta arrogante de um alemão capturado para provocar um disparo mortal. Quando um anspeçada de um comando britânico — não da tropa de Samain — ordenou que um general alemão capturado colocasse as mãos para o alto, o oficial da Wehrmacht respondeu desafiadoramente que só se renderia diante de um oficial da mesma patente. Sem se deixar impressionar, o comando replicou: “Tudo bem, isso vai nivelar você”, e disparou sua Tommy. Seu único castigo foi ter de cavar a sepultura da vítima. Era isso que significava “estar em guerra”.⁷

Execuções desse tipo eram a exceção, não a regra, mas a rendição voluntária de milhares de soldados alemães testemunhada por Samain e os outros comandos apenas aumentava a inclemência diante dos que prosseguiram naquela que parecia agora uma resistência sem sentido. Adiante de Wesel, uma unidade inglesa travava uma violenta troca de tiros a fim de ocupar uma pequena vila. Primeiro, a artilharia aliada transformou a cidade em escombros, e então a infantaria avançou. Foram recebidos pelo fogo cerrado de metralhadoras vindo do subsolo de uma casa, enquanto atiradores alemães em pontos estratégicos tentavam acertar qualquer um que os cercasse. Foi necessária uma companhia inteira para que pudessem se aproximar o suficiente dos fundos da casa, que foi então arrombada por um membro da unidade. Nesse momento, um soldado alemão subiu os degraus do porão e disparou sua submetralhadora Schmeisser, matando o intruso na mesma hora. “A morte dele”, lembrou um soldado britânico, “foi seguida, segundos depois, pela do alemão, quando um de nossos camaradas o derrubou. Ao invadirmos a casa,

eles lançaram granadas no porão e nos quartos, tentando fugir. Ninguém foi feito prisioneiro, e os alemães foram mortos a golpes de baioneta quando tentavam se render”.⁸

Os homens de Montgomery agora avançavam pelos tradicionais campos de treinamento da Wehrmacht, que ocupavam uma vasta extensão da planície norte alemã. Pelo caminho, encontravam não apenas os fanáticos e imaturos contingentes da Juventude Hitlerista, mas também destacamentos mais experientes das escolas de cadetes, fuzileiros navais e até mesmo pilotos da Luftwaffe combatendo em terra — todos agora lançados na tentativa final de conter o avanço aliado. As tropas britânicas requisitavam cada vez mais ataques aéreos e bombardeios pesados para destruir os bloqueios de estradas e as últimas trincheiras usadas como fortaleza pelos alemães — enfim, qualquer coisa que pudesse reduzir o risco de lutas corpo a corpo, que poderia provocar mortes num momento em que a vitória era líquida e certa. Os alemães que ainda combatiam estavam preparados para morrer por seu Führer. Mas a maioria dos soldados aliados não estava nem um pouco interessada em forçá-los a isto.⁹

Em Wesel, Samain e os outros comandos dormiram em uma fábrica abandonada. Na manhã seguinte, olhando pela janela, avistaram 12 soldados alemães exaustos vindo de bicicleta na direção da fábrica. Conversavam despreocupadamente, sem notar a presença dos comandos. Os camaradas de Samain, com as armas engatilhadas, observavam enquanto os inimigos chegavam cada vez mais perto, mas não atiraram. Os alemães passaram a uma distância de poucos metros do prédio, e os ingleses ainda se contiveram. Apenas quando o último dos soldados na fila de ciclistas passou, eles abriram fogo. Trinta segundos depois, 12 corpos jaziam na estrada.

Nos poucos dias de descanso que se seguiram, os comandos foram bem alimentados e leram cartas e jornais vindos da Grã-Bretanha, repletos de matérias sobre seus feitos. A maioria era precisa, mas extremamente exagerada. “Cada vez que visito esses homens”, observou um dos correspondentes de guerra, “há uma atmosfera de morte”. Ao ler isto, Samain riu, como os outros. Ele escreveu: “O que mais o repórter esperava? Será que ele não sabia que a morte, naquele momento, era o nosso negócio?”¹⁰

Certamente era o dele. O treinamento que recebera ao se juntar aos fuzileiros navais foi elaborado, sobretudo, para transformá-lo em uma eficiente

máquina de matar. No preparo básico na escola Lympstone, em Devon, o civil que havia nele foi destruído durante as semanas de exercícios rígidos, marchas e mudanças de hábito. Ele aprendeu a se barbear e a tomar banho em água gelada, a defecar encostado precariamente em um longo poste armado sobre uma vala aberta na terra, a manter o cabelo bem curto, e também a estar sempre imaculadamente bem-apresentado.

Transformado em uma máquina humana, ele foi ensinado sobre tudo que havia para conhecer a respeito do manejo do instrumento de que precisava para o trabalho, o rifle. Aprendeu como montá-lo, desmontá-lo, e como atirar. A posição, lhe disseram, era com as pernas bem separadas e os calcanhares bem fincados no chão. O mesmo valia para a metralhadora leve Bren, uma arma típica da infantaria inglesa que pesava duas vezes mais do que um rifle e disparava quinhentos tiros por minuto.

Acima de tudo, ele aprendeu a usar, e quase a amar, a submetralhadora Thompson (a “Tommy”), uma arma de fabricação americana feita para os comandos. Nos filmes de Hollywood, a Tommy era uma pulverizadora de balas que produzia uma pilha de vítimas a cada longa rajada. Mas Samain aprendeu que a maneira correta de usá-la era dando dois ou três disparos de balas calibre 45 por vez. Era essencialmente uma arma de curto alcance, mais eficiente a uma distância de 45 metros. Tinha se tornado sua arma preferida, e ele a carregara pela Normandia e Holanda, sempre desferindo disparos únicos ou rajadas curtas, conservando a munição.

Mas também lhe ensinaram a sobreviver sem armas. Seu treinamento incluiu combate corpo a corpo com um lutador profissional, cuja primeira providência foi apertar sua mão e lançá-lo ao chão por sobre os ombros — “apenas para que você saiba”, brincou, “que nunca deve confiar em ninguém!” Na sequência do treinamento, aprendeu a matar usando apenas as próprias mãos — habilidade de que felizmente nunca precisou se valer —, a deter um adversário armado de faca e a desarmar um soldado inimigo armado a curta distância.

Sua capacidade física foi testada ao máximo nas montanhas galesas e nos planaltos escoceses, quando percorreu quilômetros com uma mochila pesada nas costas, praticou ataques noturnos de canoa em lagos solitários e “engatinhou” em uma corda suspensa através de rios caudalosos. “A maior emoção de todas”, disse, “foi o ‘Tarzã’ final, ou ‘escorrega da morte’, quando você desliza com a ajuda de uma cavilha molhada (para prevenir queimaduras)

por uma longa corda lisa e esticada em um ângulo de 45 graus do topo de uma árvore alta até o chão”.¹¹

Em suma, quando recebeu permissão para usar a cobiçada boina verde, Bryan Samain tinha se tornado um jovem soldado matador soberbamente em forma, disciplinado, treinado em todas as áreas militares e habilidoso. Apenas três anos antes, ele era um estudante de 15 anos que fazia figuração no filme *Adeus, Mr. Chips*. Os estúdios MGM ficavam a apenas alguns quilômetros de seu colégio e ele foi um dos sortudos escolhidos para participar. Por três encantadoras semanas, era apanhado de ônibus pela manhã e levado aos estúdios em Denham, recebia seu figurino de cena e ensaiava durante toda a manhã para as tomadas que seriam rodadas à tarde. O estúdio remunerava o colégio com um guinéu por dia por aluno. A história comovente de um velho professor contemplando carinhosamente sua longa carreira enquanto recordava alunos e colegas era um material para arrebatrar os corações, e nela não cabia sequer um vilão.

Depois de Wesel e 19 horas extenuantes na boleia de um caminhão pelas estradas esburacadas do interior, sob garoa pesada e chuva, Samain seguiu para Osnabrück, um grande centro industrial e ferroviário a caminho de Lüneburg, e até então a maior cidade alemã capturada pelas forças britânicas. Três quartos da cidade foram bombardeados, milhares de habitantes estavam escondidos em porões, e o abastecimento de água, quando funcionava, se misturava com esgoto in natura.

O maior problema aqui não era a resistência fanática da SS, embora muitos dos franco-atiradores do inimigo precisassem ser capturados. Em vez disso, os comandos encontraram em Osnabrück milhares de trabalhadores escravos recém-libertados. Aprisionados à força pelos nazistas em toda a Europa para trabalhar em fábricas e fazendas, eles agora causavam tumulto e faziam saques por onde passavam, em uma celebração frenética. Polonesas sorridentes experimentavam casacos de pele, francesas arrancavam os artigos das vitrines das lojas, e homens de todas as nacionalidades vasculhavam em toda parte à procura de comida. Somente após a imposição de um toque de recolher de 24 horas os fuzileiros conseguiram pôr guardas no comércio e nos armazéns e restabelecer alguma ordem na cidade.¹²

A pilhagem era quase geral. A vizinha Hanover protagonizou outro caso explícito. Oficiais do governo de ocupação aliado encontraram uma cidade de

meio milhão de habitantes sem água, eletricidade ou serviço de esgoto. Mesmo o comedido historiador oficial britânico F. S. V. Donnison registrou as cenas de horror: “Os saques, bebedeiras, estupros e assassinatos grassavam a cidade à medida que os trabalhadores escravos iam sendo libertados”, escreveu. “Tiros zuniam, disparados por ‘escravos’ embriagados ou atiradores deixados para trás. Policiais foram cercados e assassinados e seus corpos pendiam dos postes.” Somente a imposição brutal da lei e da ordem tornou possível o retorno dos serviços básicos e a aparência de uma vida normal.¹³

Entretanto, em Lüneburg, tudo agora parecia calmo e em paz. Os comandos descansavam e se preparavam para a breve travessia do Elba, o último grande obstáculo fluvial em seu caminho. Havia banho quente e comida farta. Um cinema foi improvisado, jogos de futebol foram realizados entre as unidades e, na confortável casa de classe média onde Samain estava alojado, o capelão descobriu uma caixa de vinho fino escondida em um cômodo secreto atrás de um guarda-louça, e todos beberam champanhe. Em volta, a rotina diária da cidade continuava como de hábito, com médicos e enfermeiras seguindo em suas ocupações normais. “Era estranho”, lembrou outro oficial inglês, “vaguear por esta adorável cidade antiga e encontrar em cada esquina um inimigo odiado. Desarmados e comprometidos na tarefa piedosa de cuidar dos doentes e feridos, aqueles alemães pareciam pacatos e inofensivos”.

Mas as aparências eram enganosas. Sempre muito perto estava o ventre escuro do Terceiro Reich de Hitler. Próximo a uma fileira de modernas casas de classe média junto ao centro da cidade, ficava um pequeno hospital feito de cabanas de madeira rústica. Confinados ali dentro, os soldados ingleses encontraram dezenas de trabalhadores escravos russos, homens e mulheres. A maioria tinha sido ferida gravemente em um bombardeio recente da Força Aérea britânica sobre uma fábrica dos arredores onde os russos trabalhavam. Os que tentaram escapar foram baleados pela SS. O necrotério estava atulhado de corpos, e apenas um médico trabalhava, ajudado por uma solitária enfermeira. Em lençóis cinzentos e imundos, banhados pelo próprio suor e imundícies, os russos jaziam fracos e doentes, feridos demais para se mover.

Samain já havia testemunhado miséria semelhante em seu avanço final para a cidade. Dirigindo rapidamente pelas empoeiradas estradas rurais, mais de uma vez se vira atrasado por horas em meio a multidões de errantes, recém-libertados dos campos de concentração ou de trabalhos forçados:

Eles cruzavam conosco em carroças, em carros roubados dos alemães (que pareciam ficar sem gasolina o tempo todo) e no lombo de cavalos. Ordenhavam gado pelo caminho para que pudessem se alimentar; e carregavam nas costas potes, panelas, garrafas d'água e roupas velhas. Cada vez que nos encontrávamos, eles nos saudavam em muitas línguas diferentes, e quando olhávamos para eles mais atentamente, víamos que se tratava de pouco mais que esqueletos ambulantes, com as costelas tristemente à mostra, como que saltando da pele, rostos cavados e pálidos, e olhos que falavam de incontáveis sofrimentos.¹⁴

Havia agora quase 12 milhões de assombrados naquelas partes da Europa invadidas pelas tropas inglesas e americanas. Muitos eram alemães, fugindo em pânico dos russos, ou transformados em sem-teto pelos bombardeios e ataques aliados. Mas a grande maioria era com efeito de vítimas da política nazista de arrancar europeus de seus países nativos por motivos raciais, ideológicos e econômicos. Enquanto alguns se mudavam voluntariamente para a Alemanha à procura de trabalho, a maioria havia sido levada à força para trabalhar para os nazistas em fábricas e fazendas.

Esses “deslocados de guerra”, um caldeirão de desesperados e despossuídos, acabaram sendo uma dor de cabeça para os exércitos que avançavam. Eles bloqueavam as estradas, mendigavam comida e abrigo e com muita frequência liberavam sua raiva e seu desespero através de saques e vandalismo. Para olhar por eles, centenas de servidores civis treinados acompanhavam as tropas no campo. Mas esse esforço militar era visto como uma solução de curto prazo e todos concordavam que mais cedo do que se pensava os civis teriam que se encarregar do problema. E esses civis já tinham a sua própria organização. Em novembro de 1943, os Aliados criaram uma agência de assistência social e reabilitação conhecida como UNRRA (Agência das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação, na sigla em inglês) para lidar com a questão.

Pelo menos, este era o plano. Mas a boa intenção por trás dele rapidamente se deparou com realidades imponderáveis. A agência estava mal organizada, carente de profissionais competentes e experientes e de equipamentos e ferramentas de trabalho — sobretudo, meios de transporte e mantimentos. Das duzentas equipes requisitadas pelos militares para entrar em ação no princípio de 1945, apenas oito estavam completas, e nas regiões da Alemanha libertadas pelo Exército britânico, o trabalho da UNRRA era executado pela Cruz

Vermelha. Na zona americana, porém, onde se encontrava a grande maioria dos deslocados, a UNRRA acabou conseguindo reunir algumas dezenas de equipes.

Este esforço claudicante mostrava sua face sombria no centro de treinamento da UNRRA em Granville, na Normandia. A cidade era uma velha fortaleza cinzenta e austera na costa oeste da península do Cotentin, de frente para as Ilhas do Canal, que na primavera de 1945 ainda estavam ocupadas pelos alemães. Sediado no velho e imponente Hotel Normandie, o centro só abriu as portas no início de março, mas era mal administrado e ficava vergonhosamente longe dos locais onde seus serviços eram mais urgentes.

Na verdade, estava quase abandonado, mesmo antes de começar a operar. Logo que as primeiras equipes começaram a chegar, as forças alemãs fizeram um audacioso ataque de comandos a Granville, a partir das Ilhas do Canal. Permaneceram ali por apenas meia hora, mas conseguiram matar cerca de vinte oficiais e soldados aliados e fazer 15 prisioneiros. Quatro deles pertenciam à equipe da UNRRA.¹⁵

A agência sobreviveu à investida, mas para muitos agentes humanitários britânicos e europeus que se voluntariaram entusiasticamente para trabalhar com os escombros humanos da guerra, Granville mostrou-se um lugar deprimente e frustrante. Dia após dia eles examinavam os quadros de avisos em vão, esperando ser imediatamente transferidos para o trabalho de campo em território alemão. Enquanto isso, os jornais estavam repletos de relatos que descreviam cenas chocantes como as testemunhadas por Bryan Samain, que clamavam por ação urgente.

Uma dessas agentes que aguardava em Granville era uma inglesa frágil de cabelos negros e olhos azuis, que tinha por volta de 50 anos, traços aquilinos e a voz de um serrote enferrujado. Francesca Wilson era uma veterana da ajuda humanitária e servira durante os conflitos europeus do início do século XX. Tinha trabalhado com refugiados sérvios na Primeira Guerra Mundial, alimentado crianças famintas na Viena do pós-guerra, cuidado de exilados russos em fuga dos bolcheviques, assistido as vítimas da guerra civil espanhola e abrigado em sua própria casa fugitivos da Alemanha de Hitler. “A princípio, o que mais me motivava”, costumava dizer, “era um desejo por aventuras e novas experiências, e, depois, a vontade de fazer algo que me afastasse de mim mesma, e me tirasse de todo aquele mundo acadêmico em que vivi quando estudava, e mesmo quando era professora”.¹⁶

E havia muito em sua vida e sua história de que ela gostaria de fugir. Nascida no dia de ano-novo em 1889, em uma família de quakers em Newcastle-upon-Tyne, seu pai dirigia a fábrica de chapéus de pele de propriedade da família junto ao cais do rio Tyne, um prédio escuro e malcheiroso, parecido com uma fortaleza, que sempre assustava Francesca. A fábrica era povoada por mulheres maltrapilhas sentadas nos bancos, gritando ou cantando em voz muito alta enquanto escalpelavam coelhos.

Ela tinha duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo, sua família era bastante próspera, mas seus pais adotavam um estilo de vida austero, frugal e piedoso. “Cada centavo era contabilizado”, ela lembrou, “e não se gastava nada com supérfluos. Meus pais não fumavam, não consumiam bebida alcoólica e iam a pé para o trabalho e para os encontros, ou tomavam um ônibus barato”. Até o final da vida, seu pai tomava banho frio pela manhã, e todos os domingos levava barras de chocolate para os internos do Hospital Workhouse, nos arredores.

Como a maioria dos quakers daquela época, ele era um liberal atuante, partidário de Gladstone, além de pacifista e internacionalista. A única vez que Francesca viu o pai enraivecido foi por ocasião da “libertação de Mafeking”, quando as tropas britânicas romperam o cerco da cidade feito pelos bôeres na África do Sul. A governanta das crianças trouxe para elas bandeiras da Grã-Bretanha, doces azuis e brancos, retratos coloridos dos generais Buller, Kitchener e Roberts. “Explodindo de orgulho”, ela recordou, “nós decoramos a sala e nos preparamos para saborear nossos doces patrióticos”. Mas naquele exato momento seu pai entrou furioso, arrancou todos os troféus e atirou os retratos e as bandeiras no fogo.

A própria casa da família era sisuda, escura e tipicamente vitoriana: uma construção em pedra de três pavimentos que se destacava em uma avenida calma com vista magnífica para o vale do Tyne e as montanhas. A casa tinha seis quartos, uma sala de estudos e um berçário na cobertura que ocupava toda a sua extensão. Os quartos eram sombrios e claustrofóbicos, com tapetes grossos e cortinas, e rendas sobre as janelas. Havia muita mobília pesada e quadros com molduras antigas. Os Wilson tinham a seu serviço uma cozinheira, uma arrumadeira, uma faxineira que aparecia a cada semana e um jardineiro.

Quando Francesca tinha apenas 4 anos, sua mãe “desertou” para a seita Plymouth Brethren, um grupo evangélico fundamentalista cujos seguidores acreditavam na verdade literal da Bíblia e abominavam qualquer ideia sobre evolução. Depois desta mudança, a sra. Wilson tornou-se uma pessoa ainda mais rígida, determinada a manter sua prole cada vez mais reclusa e afastada das contaminações e tentações do mundo. Como consequência disso, até os 13 anos Francesca foi educada em sua própria casa por uma governanta que, por coincidência, também fazia parte da Brethren. Mas, por insistência de seu pai, foi mandada para o melhor colégio de meninas da cidade. Lá, as sementes da dúvida religiosa tiveram campo fértil para florescer. Ela sempre fora uma garota curiosa e cheia de vida com pouco tempo para as tradicionais vaidades femininas, e logo estava saindo sozinha para o Instituto Literário e Filosófico a fim de escutar palestras sobre Dante e outros escritores, ou fazendo caminhadas solitárias na chuva para refletir sobre sua perda de fé na religião. Seu pai, recordou ela, raramente lia um livro.

Aos 18 anos, Francesca conseguiu uma vaga no Newnham College, uma instituição de elite em Cambridge só para alunas com histórico escolar excelente. A vida na cidade universitária lhe proporcionou um estimulante mundo novo de experiências e descobertas intelectuais. Sua melhor amiga era uma atea e, embora sempre acompanhada, ela pôde conhecer rapazes interessantes com quem conversava abertamente sobre a vida e o mundo.

Depois de trabalhar com refugiados da Primeira Guerra, ela passou a maior parte dos anos entre as guerras como professora de História em um colégio de Birmingham. Mas também ali se queixava da vida estagnada e desejava mais. Apaixonou-se pelo menos uma vez durante seus anos na Europa, mas nunca quis se prender a um casamento. Em vez disso, constituiu família dando abrigo a inúmeros sem-teto em exílio. A maior parte deles era de refugiados russos, e ela chegou a adotar um menino, Misha Sokolov, como seu próprio filho. Outros eram alemães que tinham fugido do nazismo, entre eles o futuro historiador da arquitetura Nikolaus Pevsner.

Depois que a guerra irrompeu, em 1939, Francesca aproveitou a chance de retomar seu trabalho na linha de frente com os refugiados e partiu para a Hungria a fim de ajudar os polacos e tchecos que tinham fugido de seus países após as invasões nazistas ou soviéticas. Ela registrou estas experiências em um livro chamado *In the Margins of Chaos* [Nas margens do caos].

Foi este o imprevisível terreno em que ela floresceu. “Como muitas pessoas determinadas e capazes”, escreveu seu contemporâneo, o notável historiador J. L. Hammond, “ela gosta de se lançar em situações que exijam alto grau de desenvoltura, presença de espírito e ações rápidas e eficazes”.¹⁷

Francesca, como admitiam até mesmo seus melhores amigos, não era uma pessoa muito prática, mas era criativa e intuitiva, e tinha uma reserva inesgotável de energia. Agora, em Granville, ela estava impaciente para voltar ao trabalho. Muitas vezes seu rosto se abria com um sorriso caloroso e receptivo. Ela adorava estar de volta à Europa, misturada com pessoas de várias nacionalidades, e achava estimulante conversar com quem havia se esforçado tanto para ver seu país livre dos nazistas. Há apenas um ano, o Hotel Normandie, com seu belo terraço com vista para o mar, tinha sido ocupado pelas tropas da Wehrmacht, e as mesmas pessoas que haviam lavado os uniformes e preparado a comida dos nazistas agora cuidavam das equipes da UNRRA. A vitória, ela podia constatar, estava tomando uma forma visível.

Um por um, Francesca foi conhecendo seus companheiros voluntários. Passar aquele tempo em Granville não a incomodou tanto quanto aos outros. Ela tinha consciência das limitações do centro, mas já fizera a maior parte do seu treinamento na Grã-Bretanha, de modo que isso dificilmente a afetava. Naquele momento, estava contente em fazer novos amigos e ouvir relatos da vida sob ocupação germânica. Adorava liberar os deportados do território inimigo e encaminhá-los de volta a seus países. Tinha uma nova aventura pela frente e fazia por onde realizá-la.¹⁸

Nesta mesma sexta-feira de abril, um soldado canadense chamado Reginald Roy estava em uma margem do lago IJsselmeer — que os holandeses costumavam chamar de Zuider Zee, ou mar do Sul, para distingui-lo do mar do Norte, até que ele fosse quase completamente drenado. As tropas canadenses tinham alcançado a pequena comunidade de Hoorst no dia anterior, depois de um avanço rápido para oeste a partir de Arnhem, a fim de dividir as forças alemãs na Holanda em duas.

Era um bonito dia de primavera. Os campos de tulipa estavam coloridos e a relva crescia verde e exuberante. Não houve resistência quando os canadenses cercaram cinquenta alemães sem nenhuma baixa. Depois de quase uma semana de avanço ininterrupto, algumas vezes até de 40 quilômetros em um dia,

chegara a hora do descanso. O sono veio em primeiro lugar e, em seguida, os chuveiros portáteis foram montados, as armas e os veículos, inspecionados, limpos e consertados, e a correspondência, distribuída. A maior parte dos homens aproveitou a oportunidade para escrever cartas para casa. Estava comprovado que receber e enviar cartas levantava a moral das tropas, e o Exército empenhava-se na tarefa de entregá-las. Algumas vezes, as cartas eram entregues aos soldados quando eles estavam agachados em trincheiras escavadas, a apenas alguns metros do inimigo.

Roy era um segundo-tenente de 22 anos de idade no regimento conhecido como Cape Breton Highlanders, um dos muitos do I Exército canadense que compunham o flanco esquerdo do avanço de Montgomery sobre a Alemanha. Em certa ocasião, ele chegou até mesmo a encontrar o grande herói inglês da batalha de El Alamein. Isso acontecera algumas semanas antes, durante um dos planejados golpes de publicidade tão queridos do comandante britânico, sempre consciente de sua imagem. De maneira irreverente, Roy e seus camaradas referiam-se a Montgomery como “Deus Almonty”. Eles tinham sido avisados de que ele estava se aproximando e combinaram o que fazer. Decidiram ficar espalhados em grupos ao longo da rodovia, e quando o grande comandante passasse em seu jipe, “espontaneamente” e simultaneamente gritariam uma saudação e acenariam com os capacetes. A companhia de Roy foi transportada de caminhão para o local escolhido, os veículos foram colocados fora da vista, e ele exercitou seus homens perfeitamente na saudação que seria feita.

Quando Monty apareceu, como previsto, os canadenses atuaram tão bem que ele parou subitamente diante de Roy e disparou uma série de perguntas: Onde ele estava lotado? Há quanto tempo estava lá? Quando se alistou? Então, quis saber a média de idade daqueles homens. Em uma rápida suposição, Roy respondeu: “Vinte e cinco anos, senhor.” Deliciado, Monty disse que aquilo era exatamente o que ele havia imaginado e logo se apressou a seguir em frente para novas paradas orquestradas.

Mas, nesse momento, Roy devorava com avidez as três cartas de sua irmã Joannie que tinham chegado. Como resposta, ele enviou um aerograma — uma folha única de papel fino azul que se dobrava em quatro, deixando apenas um espaço pequeno para se escrever o endereço do destinatário. Dois dias antes, os Cape Bretoners haviam libertado Barneveld, na região central da Holanda, uma

cidade agrícola com uns poucos milhares de habitantes. “Que boas-vindas!”, ele festejou. “A cidade enlouqueceu — completamente enlouquecida, de alegria [...] Uma multidão de homens e mulheres marchava pelas ruas de braços dados, cantando o hino nacional sem parar. O povo dava risadas por todos os cantos, cantando e gritando de alegria. Nós fomos cercados de carinho.”

Ele estava impressionado com a profusa gratidão do povo holandês. A certa altura, parou em uma casa para fazer um pouco de chá. Quando perguntou à dona, uma senhora idosa, se ela se incomodava em acompanhá-lo na bebida, ela caiu em lágrimas. “Você não pode imaginar como nos faz bem levar tanta felicidade a tanta gente!”, Roy contou à irmã.

Os Highlanders, no entanto, não haviam sido reunidos para trazer felicidade; de fato, eram uma unidade famosa por sua dureza e combatividade. Recrutados na sua maioria entre os trabalhadores de minas, pescadores, metalúrgicos e camponeses da Ilha de Cape Breton, na Nova Escócia, na selvagem costa Atlântica do Canadá, eles eram um grupamento intimamente ligado pelas origens e costumavam rejeitar qualquer um “de fora”, isto é, os que não haviam nascido na ilha. A maioria tinha descendência escocesa ou irlandesa, e alguns poucos ainda falavam o dialeto gaélico da Irlanda. Não era à toa que a folha de carvalho silvestre no distintivo de suas boinas era cunhada com as palavras em gaélico “*Stol Na Fearail*” — “a Casta dos Homens Viris”.

O avô de Roy deixara a Escócia na década de 1850 e desembarcara na Nova Escócia para trabalhar nas minas. Seu pai tinha sido atirador e piloto na Primeira Guerra Mundial, mas, mesmo com esta ancestralidade rude e militar, Roy achava aqueles homens difíceis de suportar. “Fora do serviço”, ele observou, pesaroso, “eles eram agitados. Muitos gostavam de bebida além do normal e eram um tanto encrenqueiros”. A rivalidade entre católicos e protestantes também vinha à tona, e explodia, de vez em quando, de forma abrupta e violenta. Mas quando eram bem liderados, eles eram guerreiros temíveis.

Devido às suas origens, os Cape Bretoners eram famosos pela musicalidade. No dia seguinte à libertação de Barneveld, tocaram suas gaitas de fole pelas ruas, sendo seguidos por uma multidão de cidadãos entusiasmados.

Para os holandeses de toda parte, a chegada dos canadenses pôs fim a cinco anos de uma ocupação hedionda, a um regime que se tornava cada vez mais cruel e intolerante à medida que o tempo passava. Os homens foram

deportados à força para trabalhar como escravos na Alemanha, e a resistência subterrânea crescia constantemente. Retaliações perversas e execuções se seguiram. E pior: uma significativa minoria da população colaborava ativamente com os alemães.

A libertação desencadeou punições espontâneas aos culpados e uma justiça grosseira que apanhou muitos inocentes em suas garras. Os militantes da resistência, agora livres para aparecer abertamente, portavam suas braçadeiras em vermelho, branco e azul, percorrendo a cidade em bicicletas para caçar os colaboradores. As mulheres que se prostituíram para os alemães tiveram suas cabeças raspadas, foram conduzidas em um desfile pelas ruas e agredidas pelas outras mulheres. Uns poucos nazistas holandeses locais vestiram trajes civis e tentaram fugir da cidade, mas foram pegos e forçados a rastejar pelas ruas até a prisão, onde foram executados. Roy viu tudo isto com seus próprios olhos. Sempre pleno de iniciativa, se apossou depressa do apartamento de um desses nazistas, que incluía uma empregada adolescente de 16 anos, e se instalou confortavelmente. Então, exausto pela semana de combates, caiu num sono profundo.¹⁹

Também em 20 de abril, porém ao sul, tropas do I Exército dos Estados Unidos entraram em Leipzig, na Saxônia, a quinta maior cidade da Alemanha e o maior centro industrial do país. Aqui, o reformador Martinho Lutero pregou seu primeiro sermão, Johann Sebastian Bach foi sepultado e Richard Wagner, batizado. A cidade era também o local do memorial histórico mais famoso da Alemanha, o maciço monumento de pedras com 90 metros de altura, construído para celebrar a vitória na Batalha das Nações contra as forças de Napoleão depois de seu recuo em Moscou.

Aqui, também, as tropas da SS lutaram até o amargo fim, algumas retrocedendo até a base cavernosa do monumento para um desesperado tiroteio com os americanos. Quando a batalha pela cidade acabou, os soldados americanos haviam feito cerca de 12 mil prisioneiros. No andar térreo da prefeitura, depararam-se com uma macabra cena wagneriana: sobre as mesas, com os corpos estatelados e sangue no assoalho, jaziam três membros da *Volkesturm*, a Guarda Nacional alemã. Tinham se matado. Próximo a um deles estava uma garrafa de conhaque pela metade.

No andar de cima, no gabinete do prefeito, luxuosamente mobiliado com painéis de carvalho, os soldados se depararam com um espetáculo ainda mais horripilante. Morto sobre seus papéis espalhados na escrivaninha, com as mãos sobre uma almofada de carimbo e uma garrafa vazia ao lado, jazia o prefeito Alfred Freyberg, contemplado por um grande retrato a óleo de Hitler pendurado na parede. Embaixo dele, esparramada como uma águia em um grande sofá de couro, jazia o corpo da esposa de Freyberg, com a cabeça apoiada num dos braços do sofá e um dos pés estendido no chão, como se estivesse tirando uma soneca. No outro braço, o corpo da filha de 18 anos do casal.

Três dias antes, a família ingerira veneno após uma última ceia sombria, quando ficara evidente que havia chegado ao fim o sonho dos nazistas. Em torno das dez da noite, eles desceram para o restaurante nos porões da prefeitura, tomaram champanhe e comeram sanduíches com um nazista local de alta patente. De súbito, Freyberg anunciou que eles não teriam como sobreviver à ocupação da cidade e propôs o pacto suicida. Quando o oficial, chocado, protestou, dizendo que aquilo equivalia a desertar da Alemanha em seu momento de maior necessidade, Freyberg simplesmente deu de ombros. “Está tudo acabado”, disse ele, “a Alemanha foi vencida para sempre”. À meia-noite, ele e sua família foram para seu gabinete, trancaram a porta e executaram o pacto.

Por trás de uma porta fechada, depois do gabinete do prefeito, os americanos encontraram mais três corpos: os do tesoureiro da cidade, sua mulher e sua filha, ainda com o uniforme de enfermeira. Eles também tinham tomado veneno. Do lado de fora, na antessala, estava o corpo de outro membro da *Volkesturm* que também havia se matado. Notas de vinte e cinquenta marcos estavam espalhadas junto ao cadáver.

Na periferia da cidade, os americanos descobriram um pequeno campo de concentração. No dia anterior, os guardas da SS tinham conduzido os trezentos internos do campo para cabanas de madeira embebidas com gasolina, e lançado granadas sobre elas. Os que tentaram escapar das chamas foram fuzilados. As cabanas ainda chamuscavam e os cadáveres estavam presos às cercas de arame farpado do perímetro quando os americanos chegaram. Seguindo o que agora estava se tornando uma rotina sombria e familiar por toda a Alemanha, o novo prefeito da cidade foi obrigado a providenciar caixões

para os mortos e a encontrar pessoas para cavar as sepulturas. Ele também recebeu ordens para colocar uma cruz e uma coroa em cada túmulo, e todos os servidores públicos foram obrigados a comparecer aos funerais, junto com centenas de outros cidadãos proeminentes. Algumas centenas de ex-prisioneiros lançaram flores sobre os mortos, assim como as centenas de alemães que compareceram voluntariamente à cerimônia.²⁰

Mas o zelador que tinha guiado os americanos na ronda pelo prédio da prefeitura se mostrou impassível diante de todas as mortes. Quando eles já tinham visto o suficiente, ele simplesmente trancou as portas e desceu as escadas. Pouco tempo depois, ao ser informado sobre o pacto de suicídio do prefeito, Hitler declarou laconicamente que aquilo havia sido “uma covarde omissão de responsabilidade”.²¹

Enquanto as tropas britânicas avançavam na direção dos subúrbios de Bremen e Hamburgo, no norte da Alemanha, o aniversário de Hitler viu as forças dos Estados Unidos entrarem em Nuremberg ao sul.

Hitler fizera do nazismo uma religião secular, com ele mesmo no papel de deus, e de Nuremberg, seu santuário sagrado. Todos os seis comícios do Partido Nazista do Terceiro Reich tinham acontecido ali, espetáculos rituais grandiosos imortalizados no famoso documentário de Leni Riefenstahl, *Triunfo da Vontade*. No princípio, com a duração de quatro dias, mas logo se expandindo para oito, a cada mês de setembro cerca de 250 mil pessoas compareciam a estas concentrações de massa, vindas de todos os cantos da Alemanha, provenientes de todas as camadas sociais. Cerca de 40 mil eram membros da Juventude Hitlerista ou da Liga das Jovens Alemãs. Um grupo de 2 mil jovens de ambos os sexos caminhava por centenas de quilômetros, todos os anos, em uma severa “Marcha por Adolf Hitler”, até Nuremberg.

Os comícios se transformavam em desfiles intermináveis, espetáculos de calistenia, música e canto, apresentações de gala de Wagner, cerimônias solenes em honra dos “mártires” do partido mortos no fracassado *Putsch* de Munique de 1923, além de manobras militares. O ápice dramático ficava reservado à noite do “Dia dos Líderes Políticos”. Quando a escuridão chegava e os 100 mil espectadores tomavam seus lugares, 110 mil homens marchavam no pátio de desfiles e o espaço era subitamente abrilhantado por um anel de luzes a iluminar milhares de estandartes tremulantes do partido. Então, no instante em

que Hitler entrava na arena, 150 holofotes lançavam seus raios verticalmente no céu da noite para produzir uma imensa “catedral de luz”. Aquilo era, no testemunho de um abismado espectador, “solene e belo [...] era como estar dentro de uma catedral de gelo”.²²

Hitler tinha escolhido Nuremberg porque se tratava de uma cidade medieval murada e com um castelo, praticamente intacta. Sem vestígios do modernismo, ela ligava o Partido Nazista à história alemã, remontando ao Primeiro Reich da Idade Média. A cidade, como declarava orgulhosamente o seu prefeito nazista, era a “mais alemã de todas as cidades alemãs”. Para enfatizar esse ponto, depois da anexação da Áustria, em 1938, Hitler mandou transportar de Viena para Nuremberg todas as insígnias do Sacro Império Romano-Germânico — entre elas o cravejado livro de oração de Carlos Magno e vários cetros imperiais. As relíquias foram parar em Viena em 1794 como proteção contra os exércitos da França revolucionária.

Foi para Nuremberg, também, que o parlamento alemão foi convocado durante o encontro de 1935 a fim de aprovar as infames e antissemíticas “Leis de Nuremberg” que despojaram os judeus da Alemanha de seus direitos básicos e declararam ilegais — através da “Lei de Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã” — todos os casamentos entre alemães e judeus. (Esta lei foi ampliada no ano seguinte para abarcar Roma, os ciganos e a população não branca.) Nuremberg era também a sede da editora Stürmer, cujo proprietário era Julius Streicher, um antissemita radical que acumulava o cargo de líder do Partido Nazista na região. O jornal de Streicher, *Der Stürmer*, tinha uma tiragem de centenas de milhares de exemplares que disseminava ódio explícito aos judeus. “Se alguém realmente quiser pôr um fim no progresso contínuo desta maldição celeste que é o sangue judeu”, escreveu Streicher no dia de natal de 1941, “só há uma maneira: eliminar este povo, esta descendência, raiz e ramo de Satanás”.²³

A cidade murada era pequena demais para as multidões que apareciam nos comícios, então, em 1934, Albert Speer, o arquiteto favorito de Hitler, foi incumbido de projetar um amplo complexo de prédios e arenas de desfiles na parte sudeste da cidade. Em uma área de pouco mais de 4 hectares, o complexo incluía a Arena Luitpold, com lugar para cerca de 150 mil pessoas, o Centro de Convenções, com 50 mil assentos, e o enorme Campo Zeppelin, onde os comícios políticos eram realizados. Este último foi projetado pessoalmente por

Speer e teve como modelo o Altar de Pérgamo, dedicado a Zeus na antiguidade grega. Com uma tribuna medindo 300 metros de comprimento coroada por uma imensa suástica folheada de cobre, podia abrigar centenas de milhares de pessoas. Uma estação de trem especial foi construída próximo da entrada para atender ao público. Nas imediações, uma espaçosa cidade com alojamentos de madeira, teatros a céu aberto, pistas de boliche e carrosséis foram também construídos para usufruto de hóspedes e da organização nazista *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria).

As áreas de comício, com seus prédios monumentais, simbolizavam sobretudo os dois maiores mitos do Terceiro Reich: primeiro, o mito do Führer — a ideia de que Hitler era um instrumento da providência mandado para salvar o povo alemão; segundo, o da *Volksgemeinschaft*, ou comunidade nacional, baseada em sentimentos e experiências compartilhadas. Os prédios foram projetados para que Hitler fosse o único foco de atenção e elevado bem acima das multidões. O eixo central do complexo — a “Grande Estrada”, com aproximadamente 1.800 metros de extensão por 55 de largura — foi propositalmente alinhado por Speer entre o castelo da cidade e a cidade velha. Isso novamente ligava as áreas de reunião, o Partido Nazista e o Terceiro Reich ao passado histórico alemão.²⁴

O significado sagrado de Nuremberg para Hitler e os nazistas não passava despercebido para os propagandistas aliados. Os jornais, principalmente nos Estados Unidos, falavam muito de sua captura iminente, assim como o Exército americano. “Tendo em vista sua posição privilegiada como Cidade Espetáculo dos nazistas”, estava anotado em um mapa do Exército: “a importância de sua captura é essencial”. Por ocasião do aniversário de Hitler, 2/3 dos 450 mil habitantes de Nuremberg haviam fugido, 90% da antiga cidade estava em ruínas, e de seus 65 monumentos artísticos, 32 estavam completamente destruídos, e outros 18, severamente danificados.

Mas o prefeito prometeu a Hitler que lutaria até a morte, e por isso se seguiu uma dura batalha de quatro dias. As ruas medievais da cidade já haviam sido arruinadas, e as construções de madeira, totalmente incendiadas pelos bombardeiros aliados, tendo os ataques mais intensos ocorrido nas semanas anteriores. Mais de 6 mil pessoas foram mortas e mais de 300 mil perderam seus lares durante os ataques. Agora, no entanto, a artilharia antiaérea da cidade estava dirigida contra os soldados da infantaria americana em terra. Disfarçado

de pintor de paredes, Julius Streicher tinha fugido três dias antes de sua casa em Steinbach em uma limusine dirigida por sua mulher, seguida de um caminhão carregado de objetos pessoais, deixando para trás uma grande biblioteca sobre os judeus, inclusive centenas de volumes em língua inglesa. O sucessor de Streicher como prefeito da Francônia e o prefeito da cidade foram ambos encontrados mortos no quartel-general da Gestapo, onde se suicidaram.

Os americanos lutaram corpo a corpo nas casas e nos porões antes de romperem as velhas muralhas da cidade. No dia seguinte, entre os escombros da Adolf Hitler Platz no coração da cidade, hastearam a bandeira dos Estados Unidos enquanto uma banda militar tocava o hino nacional americano. Lá fora, nas arenas populares, viam-se alguns mortos da Juventude Hitlerista e da *Volkesturm* que haviam tentado uma última e inútil resistência. “No enorme estádio”, anunciou o cinejornal dos estúdios Universal nos cinemas de toda a América, “a bandeira dos Estados Unidos prevaleceu sobre os símbolos mais odiados do mundo. Aqui, onde um dia milhares de suásticas tremularam sobre tropas fanáticas que desfilavam diante do Führer, e onde ele discursava para milhares de pessoas reunidas, as tropas que um dia o próprio Hitler ridicularizou tomaram o poder”.

Na cidade arrasada, a ordem só foi restaurada lentamente. Poucos servidores municipais obedeceram à ordem de se apresentar em seus postos, transmitida pelos alto-falantes montados na traseira dos veículos do Exército americano que circulavam com dificuldade pelo que sobrara das ruas de Nuremberg.

Enquanto isso, civis alemães e trabalhadores escravos recém-libertados vasculhavam felizes os armazéns e depósitos em busca de comida, observados apenas pelos duzentos motoneiros de bonde recrutados pelos americanos como policiais temporários. Denúncias de estupro e roubo cometidos pelos soldados americanos se acumulavam sobre a mesa do oficial encarregado da segurança pública. Alguns dias depois, em uma cena assistida por uma legião de correspondentes de guerra de todo o mundo, a suástica que adornava o Campo Zeppelin foi dinamitada pelas tropas americanas e feita em pedaços.²⁵

2. "TRISTEZA E ESCURIDÃO"

A guerra de Hitler não era travada apenas no campo de batalha. Era uma luta em que ele atacava os inimigos onde quer que os encontrasse. Sendo uma ideologia totalitarista, o nazismo tinha qualquer um na mira, e seus oponentes mais óbvios e ameaçadores não estavam senão em sua própria casa. Se a Alemanha deveria ser renovada, como acreditava Hitler, ele deveria eliminar primeiro as forças internas que culpava pela catastrófica derrota da nação em 1918. Isto significava, acima de tudo, judeus, bolcheviques, socialistas, liberais, democratas — em uma lista que poderia ser facilmente ampliada. Desde 1933, ele vinha “limpando” o Terceiro Reich da influência desses grupos com suas leis raciais e uma perseguição política implacável. Aqueles considerados hostis, estrangeiros ou depravados eram lançados nas prisões ou em campos de concentração que se espalharam por toda a Alemanha desde sua ascensão ao poder. Com o início da guerra e a ocupação da maior parte da Europa pela Alemanha, a população dos campos chegou a centenas de milhares de pessoas. Milhões de judeus foram baleados em massa ou assassinados em campos de extermínio como Auschwitz-Birkenau, Treblinka e Sobibor.

Os campos de concentração eram dirigidos pela SS. Seu chefe, Heinrich Himmler, afirmava que eles existiam para reeducar os prisioneiros, tidos como criminosos, nos caminhos da obediência, do sacrifício e do “amor pela terra natal”. Mas, na realidade, eram pouco mais que centros oficiais de brutalidade e terror, criados para isolar e destruir o espírito dos internos.¹ Em abril de 1945, eles tinham se tornado lugares de atrocidade indizível, à medida que a comida ficou escassa, as doenças se alastraram e a violência gratuita e a matança tomaram o controle. Sua existência não era secreta; na verdade, a SS gostava de

usar a má fama dos campos para aterrorizar a população e mantê-la submissa. Fora do perímetro de suas cercas de arame farpado, porém, ninguém tinha ideia da dimensão completa dos horrores que estavam para ser expostos.

A pequena e antiga cidade de Dachau fica 20 quilômetros a noroeste de Munique. Durante séculos, foi o lugar eleito pelos príncipes da Bavária como residência de verão, e no século XVIII eles reformaram seu castelo medieval para transformá-lo num grande palácio real. No fim do século seguinte, a cidade também havia se tornado um reduto florescente de artistas e um refúgio aprazível das ruas barulhentas de Munique.

Mas esta serenidade seria em breve interrompida pela Primeira Guerra Mundial, quando as necessidades vorazes dos exércitos do Kaiser levaram à construção de uma grande fábrica de munição nos arredores de Dachau. Depois que a guerra acabou, com as severas cláusulas de desarmamento do Tratado de Versalhes, a fábrica foi fechada. Suas dependências e as terras ao seu redor ficaram abandonadas, à espera de novo empreendimento. A salvação veio dois meses depois de Hitler chegar ao poder. Em 21 de março de 1933, Himmler anunciou que a antiga fábrica fora escolhida como local de um campo de detenção para “os inimigos do nacional-socialismo”.

Dachau foi o primeiro exemplar daquele que, nos 12 anos seguintes, veio a se tornar um vasto império de campos de prisioneiros do nazismo. Seus primeiros internos foram membros da social-democracia alemã e dos partidos comunistas, que logo teriam a companhia de milhares de outros inimigos do Reich, como testemunhas de Jeová, ciganos, sacerdotes e homossexuais. Após a Noite dos Cristais (Kristallnacht), em 1938, cerca de 10 mil judeus também foram despachados para lá, embora a maior parte deles tenha sido libertada algumas semanas depois. Uma vez começada a guerra, os números foram engrossados por militantes da resistência em toda a Europa ocupada, por fugitivos alemães antinazistas capturados em Paris, Amsterdã ou Praga, além de ciganos, padres poloneses e oficiais dissidentes da Wehrmacht.

Em abril de 1945, mais de 200 mil prisioneiros tinham passado por seus portões, e mais de 30 mil haviam morrido. Além disso, dezenas de milhares de prisioneiros de guerra russos foram fuzilados nesse campo pioneiro, o que não consta dos meticulosos registros mantidos pelos nazistas. Dachau também

sediou experimentos médicos com prisioneiros vivos, para medir os efeitos da descompressão rápida e de temperaturas congelantes sobre o corpo humano.

Enquanto o império de Hitler ruía, o campo tornava-se um depósito dos prisioneiros de outros campos de concentração. As condições, já bastante precárias, se deterioraram ainda mais. Na data do aniversário de Hitler, a dieta dos internos era de seiscentas calorias diárias — uma dieta de fome —, e o tifo havia se alastrado; duzentos internos morriam da doença a cada dia. Apenas algumas semanas antes, Himmler ordenara ao comandante do campo que não se rendesse às forças aliadas. Os prisioneiros deveriam ser evacuados e, em hipótese alguma, ele ordenou, deviam cair nas mãos do inimigo.

O campo mantinha agora 70 mil internos, e nenhum deles sabia se sobreviveria àqueles últimos dias da guerra. Entre eles estava uma alemã de 26 anos de idade e olhos azuis chamada Fey von Hassell. Alguns anos antes, ela nunca poderia imaginar que acabaria atrás das cercas de arame farpado de um campo de concentração. Afinal, era uma garota privilegiada. Seu pai, Ulrich von Hassell, era um dos diplomatas mais cultos e conceituados da Alemanha, com uma carreira que remontava aos tempos do imperador. Ele assumira a embaixada alemã em Roma algumas semanas antes da tomada do poder pelos nazistas e permaneceu no posto até 1938, quando foi afastado por Joachim von Ribbentrop, o ministro das Relações Exteriores de Hitler, por criticar a política nazista com respeito à Grã-Bretanha.

Em Roma, Fey desfrutou das delícias próprias a uma filha de embaixador, frequentando os bailes da sociedade e as festas glamorosas. Na Villa Wolkonsky, a embaixada alemã, ela tinha um belo quarto. “Da sacada, tenho uma vista para o jardim”, escreveu em seu diário. “Me sinto como uma princesa!”²²

Mas seu destino estava intimamente ligado ao de seu pai. Como muitos outros conservadores e nacionalistas empenhados em reconstruir uma Alemanha poderosa alterando os termos do Tratado de Versalhes, ele acreditava que Hitler poderia ser controlado. Então, quando o seu partido, o DNVP, de direita, foi dissolvido em 1933, ele se uniu aos nazistas. Ao contrário de outros diplomatas alemães veteranos, ele foi mantido em seu posto.

Porém, muito antes de sua exoneração, Ulrich von Hassell ficara indignado com as barbaridades do regime e seriamente alarmado com a perspectiva iminente da guerra. Ao deixar Roma, ele se aliou aos grupos mais

conservadores de oposição e, mais tarde, exasperou-se em seu diário secreto contra as perseguições nazistas aos judeus, contra o programa de eutanásia para os deficientes e loucos, contra a selvageria da guerra no leste e a insanidade generalizada que agora governava o país. Isto não impediu o romancista Thomas Mann, exilado, de julgá-lo severamente: von Hassell, declarou Mann, era “uma das pessoas que nunca deveria ter servido aos nazistas, ainda que por ambição, cinismo ou ignorância. Ele demorou muito a demonstrar seu horror”.³

Talvez consciente desta responsabilidade, von Hassell aproximou-se da conspiração que, em julho de 1944, culminou no plano de oficiais do exército para assassinar Hitler com uma bomba colocada debaixo da mesa de reunião no seu quartel-general em Rastenberg, na Prússia. O artefato explodiu, mas não conseguiu atingir seu alvo. A vingança dos nazistas, porém, foi ampla e selvagem. O coronel Claus von Stauffenberg, responsável por plantar a bomba, foi sumariamente executado junto com dezenas de outros conspiradores. Em toda a Alemanha, milhares de pessoas suspeitas de anti-hitlerismo foram presas pela Gestapo e mandadas para os campos de concentração. A oposição organizada ao regime — e com ela a única esperança de livrar o país de Hitler pela resistência interna — foi esmagada.⁴

Em Friuli, região no nordeste da Itália, que faz fronteira com a Iugoslávia, notícias sobre o atentado chegaram a Fey, ainda que filtradas. Naquela época, ela estava casada com um jovem aristocrata italiano, Detalmo Pirzio-Biroli, e morava na fazenda da família do marido em Brazzà, junto aos picos nevados das montanhas Dolomitas, próximo a Udine. A família de Pirzio-Biroli vinha de uma linhagem nobre e antiga: Brazzaville, capital do Congo, fora assim batizada em homenagem ao irmão de seu avô, o explorador Detalmo Savorgnan di Brazzà; enquanto sua avó era a herdeira americana Cora Slocomb. A propriedade pertencia à família havia quase mil anos.⁵

Alguns dias antes do casamento, Detalmo escreveu a Fey uma carta especial:

Começo minha vida como o homem mais feliz do mundo [...] Quanto a você, meu amor querido, eu lhe desejo boa sorte de todo o meu coração! Você está deixando sua bela família e seu povo para se juntar a mim! Você está vindo comigo para uma casa enfadonha [e] vazia [...] Você está se casando com um homem que ainda tem tudo por fazer! Que não pode lhe oferecer absolutamente nada: nem um lar confortável, nem

muito dinheiro, nem uma carreira garantida, realmente nada [...] Você está diante do desconhecido! Sei muito bem disso, Fey, e por isso a admiro tanto.⁶

Ao escrever estas palavras, ele não podia ter ideia de quão imenso era esse desconhecido que ela iria enfrentar.

A mansão de Brazzà tinha 48 cômodos e uma capela no jardim. A família sempre passava os verões ali, o lugar onde seus membros haviam nascido, crescido e foram enterrados. Fey pensava na chácara, agora, também como seu lar. A propriedade era, como Detalmo disse, “uma grande ave nos protegendo com suas asas largas”. Ela amava o lugar, especialmente em meio à turbulência da guerra. “Ela fica em uma montanha, distante de todos os conflitos e preocupações do mundo”, escreveu à mãe quando viu pela primeira vez a chácara com seus bancos de mármore escuro, caminhos de pedras, ciprestes e pinheiros. Ao seu redor estava a planície de Friuli, salpicada de construções brancas resplandecentes e álamos que se estendiam ao infinito. “De um lado da casa podemos contemplar as planícies na direção de Veneza”, ela exultava, “e do outro vemos montanhas ainda cobertas de neve”.

Alguns anos depois, porém, como consequência do atentado a bomba contra Hitler, os conflitos do mundo finalmente alcançaram Fey. Indícios de uma oposição ativa na Alemanha a tinham animado e, a princípio, ela deixou de lado as preocupações com seu pai. “Os nomes dos homens que haviam sido executados, publicados pelos jornais, eram todos muito familiares para mim”, escreveu. “Muito embora eles fossem, na sua maioria, oficiais do Exército, vários eram amigos do meu pai. Pensei, então, que os opositoristas civis ao regime talvez não tivessem sido descobertos.”⁷

Cartas de sua mãe continuaram a chegar da Alemanha, mas nunca faziam referência ao atentado — mesmo porque todos sabiam que as correspondências estavam sendo violadas pela Gestapo. Fey não estava propriamente inquieta, embora várias referências de sua mãe a “uma grande preocupação” a tenham incomodado. Contudo, como não tinha recebido notícias ruins, presumiu que, mesmo que seu pai estivesse envolvido, ele não havia sido pego.

Ainda assim, persistia uma certa preocupação, uma vez que não tinha ninguém por perto para lhe dar informações seguras. Ela não via o marido havia alguns meses. Após a queda de Mussolini, em 1943, a Itália assinara um

armistício com os Aliados. Nesse mesmo dia, Detalmo desertou do Exército italiano para trabalhar clandestinamente na resistência de Roma, sua cidade natal. Quando os alemães invadiram com suas tropas o norte da Itália, seu último ato de desafio tinha sido abrir os portões do campo de prisioneiros de guerra pelo qual zelava e libertar milhares de soldados aliados para fugirem pela região.

Agora, Fey só tinha notícias do marido por cartas esporádicas. Por razões de segurança, ele passou a assinar suas cartas sempre com os nomes “Isabella” ou “Giuseppe”. Algumas vezes, porém, achava um jeito de a carta ser entregue pessoalmente em Brazzà por um combatente da resistência. Nestes casos, escrevia sem reservas. Em dezembro de 1943, escrevera em inglês, a língua em comum do casal, para contar a Fey o que estava fazendo pela resistência, sobretudo contatos no exterior e redação de propaganda para circular na América, sobre a Itália que ele esperava ver emergir da guerra.

Para Detalmo, assim como para outros resistentes, a vitória traria um renascimento comparável ao grande *Risorgimento* do século XIX inspirado por Garibaldi. “Minha querida”, ele concluía sua carta,

eu te amo, e você permanece em meus pensamentos como algo extremamente grande e importante na vida. Eu gostaria de estar com você e tentar consolá-la um pouco. Uma grande revolução está a caminho, como outras grandes que aconteceram na história. Nós devemos construir o mundo novo. Vamos nos dedicar a esta tarefa difícil e pensar que iremos desfrutar tudo isso com nossos filhos sob as bênçãos de nosso grande amor. Rejeite todos os pensamentos negativos.⁸

Mas construir novos mundos era mais fácil no discurso do que na prática. Para tornar as coisas piores, a chácara de Brazzà havia sido requisitada pelos alemães. A princípio, um regimento da SS ocupou o lugar, e, quando foi embora, oficiais do Corpo de Engenharia do Exército alemão chegaram. Somente depois de uma dura negociação os alemães concordaram em deixar Fey e seus filhos morando em três quartos do andar térreo. A vida se tornou, de repente, aflitiva e estressante. Para suportar as semanas e os meses de isolamento, ela teve que mobilizar todas as suas forças interiores.

Fey era uma alemã morando numa Itália em guerra, onde o sentimento antigermânico crescia por todos os lados. A cada dia, ela tinha que negociar

com os oficiais detalhes cansativos, mas essenciais, a respeito de assuntos domésticos e do cuidado com o imóvel. Do lado de fora, nas proximidades, os guerrilheiros italianos estavam crescendo em número e ousadia. Eles se agrupavam nos campos e entravam nas vilas e casas para pedir ou roubar comida, emboscavam soldados alemães, provocando com isso uma retaliação brutal contra os camponeses.

A paciência de Fey com estes guerrilheiros era cada vez menor. Ela acreditava que muito do que eles faziam era estúpido e contraproducente. Atacar os soldados alemães com tiros esporádicos era fácil, ela pensava, em comparação com o trabalho muito mais perigoso e mais produtivo de explodir pontes e estradas; além do mais, aquele tipo de guerrilha provocava contra-ataques contra a população indefesa.

Por trás de sua reação estava a consciência de que seu irmão Hans Dieter estava servindo na Wehrmacht em território francês. Ele fora gravemente ferido no combate contra os russos e servia agora como adjunto de um dos maiores generais na Paris ocupada, onde a resistência francesa tinha começado também a matar soldados alemães. Ele estivera em Brazzà alguns meses antes e se divertira com os oficiais que estavam ocupando a casa da irmã, o que tornou as coisas mais amenas por um tempo. Então, depois de oito dias maravilhosos, ele voltou a Paris.

Após a partida do irmão, Fey se sentiu mais solitária do que nunca. Por várias vezes, a população local recorreu a ela para interceder junto aos alemães, a fim de que alguém não fosse executado ou deportado. Para ajudar, ela fazia o melhor que podia para manter uma relação decente com a SS. De vez em quando, até convidava o representante do Serviço de Segurança em Udine, major Alvensleben, cuja família era conhecida de seus pais, para tomar um chá em Brazzà, e, quando ele vinha, recebia o pedido para cancelar a deportação de alguém na cidade. Como resultado destas ações, ela foi acusada de ser muito íntima dos odiados invasores.

Administrar sua posição no campo minado em que Brazzà havia se tornado era uma tarefa exaustiva. Em uma das raras cartas que conseguiu fazer chegar em mãos a sua mãe, Fey escreveu:

O pessoal da resistência me colocou em sua lista negra, porque acham que tenho bom relacionamento com os alemães. Por outro lado, os cidadãos comuns me agradecem porque sabem que eu tenho ajudado quando posso. Entretanto, isso só é útil para mim

em relação aos guerrilheiros italianos. Se os eslavos chegarem [isto é, os guerrilheiros comunistas da Iugoslávia de Tito], eles não perguntarão sobre o que fiz pelo povo [...] Estou numa enrascada.⁹

O único consolo que ela encontrou nessa rota de choque de independência feminina foi a proximidade de seus filhos, Corrado (de três anos e meio) e Roberto (de dois anos). Ela e Detalmo tinham planejado esperar pelo fim da guerra para ter filhos, mas, mesmo assim, a chegada inesperada de Corrado, em novembro de 1940, lhe trouxe uma discreta satisfação. Já a chegada do irmão dele não foi tão bem-vinda. “Deve ser o supremo encanto da natureza”, Detalmo escreveu resignadamente à sua sogra, “que evidentemente quer combater a morte com a vida”. Mas Fey se adaptou depressa e adorava os dois filhos: “Eles são minha única alegria nos tempos incertos”, escreveu a Detalmo em uma das cartas secretas. Entretanto, até mesmo este pequeno oásis de felicidade familiar estava a ponto de lhe ser arrancado.

Às sete da manhã de 9 de setembro de 1944, um sábado, Fey dormia tranquilamente quando ouviu uma batida forte na porta. Era o tenente Hans Kretschmann, o ajudante de ordens de 23 anos do coronel Dannenberg, o oficial encarregado do contingente que se instalara na casa. Fey teve uma péssima impressão do rapaz. “Educado pelos nazistas e por sua propaganda”, ela lembrou, “sua cabeça não tinha espaço para um pensamento próprio sequer. Suas opiniões tinham sido aprendidas na Juventude Hitlerista e na escola de oficiais”. Sua única fraqueza aparente era uma tendência à melancolia, que ele encobria com a bebida. Algumas vezes, outros oficiais contavam a Fey que Hans, depois do jantar, subia na mesa e começava a sapatear uma dança, “como um homem que precisava do aplauso de uma plateia”.¹⁰

Porém, era um Hans frio e indiferente que estava parado diante dela no umbral da porta. Seu rosto era cinzento e ela pôde ver o medo em seus olhos.

“Pelo amor de Deus, o que houve?”, perguntou ela, nervosa, enquanto ele permanecia ali, imóvel e mudo.

“Felizmente, a senhora ainda está em casa.”

“Por que não estaria?”

“Não escutou o rádio ontem à noite, ou hoje de manhã?”

“Não”, respondeu Fey. “Como poderia? Tenho hóspedes, e eles ainda estão dormindo. Mas o que aconteceu?”

Sem mais delongas, Kretschmann respondeu, encarando-a:

“Seu pai foi detido e executado. Ele foi enforcado.”¹¹

Todo o autocontrole que Fey havia mantido até o momento foi acionado naquele instante. Mas seu corpo a traiu e ela começou a tremer. Como a maioria das pessoas confrontadas com notícias trágicas, sua mente pareceu apagar e focalizar apenas no prático e imediato. Ela pediu a seus hóspedes que saíssem imediatamente e, quando os oficiais deixaram a casa, escondeu alguns de seus diários nos bolsos deles. Se a SS precisasse de provas de seus sentimentos antinazistas, os encontraria ali.

Às dez horas daquela manhã, um oficial da Gestapo, junto com o coronel Dannenberg, chegou para levá-la até Udine. Foi o coronel quem informou à polícia secreta que a filha de von Hassell estava morando em Brazzà. Ele pareceu envergonhado e arrependido ao sussurrar para Fey algumas palavras de desculpas e condolências. Ela pediu às empregadas que levassem as crianças para os quartos, pois não queria que os meninos a vissem partindo. Quando foi finalmente levada para o carro que a esperava, a criadagem da casa observava em silêncio, amedrontada e chorando.

Eles se dirigiram para o quartel-general da Gestapo em Udine também em silêncio. Lá, após alguma discussão, foi decidido que Fey ficaria no presídio da cidade. A ala feminina era dirigida pelas freiras da ordem de Ancella della Carita (as Servas de Caridade). Por muitos anos, elas haviam se acostumado a receber apenas criminosas comuns e delinquentes, e Fey achou suas ordens “grosseiras e desrespeitosas”. A Gestapo ordenou às freiras que colocassem Fey em uma cela individual, mas a prisão, com lotação para cinquenta mulheres, estava agora com o triplo de sua capacidade, e as prisioneiras políticas tinham que ser misturadas a prisioneiras comuns. Algumas eram obrigadas a dividir a cela com mais de trinta mulheres e ainda tinham que dormir sem cobertor, sobre placas de madeira.

De qualquer maneira, Fey teve sorte. Ela foi colocada em uma cela com apenas mais duas mulheres. Ali, havia duas camas de ferro, dois colchões e cobertores. Ela estava cansada e abalada demais para conversar com suas companheiras de cela. Limitou-se a cair exausta sobre uma das camas.

Durante os meses de solidão em Brazzà ela tinha começado a se orgulhar de sua paciência no sofrimento, mas logo entendeu que esta paciência estava passando agora por um teste realmente difícil. Havia apenas um banheiro em

toda a prisão. As celas eram abertas duas vezes por dia e Fey tinha que esperar sua vez em uma longa fila para a privada imunda e precária. As celas eram infestadas de insetos e o zunido dos mosquitos à noite era incessante. Tudo que ela tinha para comer a cada dia era uma sopa nojenta.

Enquanto isso, as freiras rezavam a todo momento. Pela manhã, antes da única refeição, e na hora em que luzes eram apagadas, à noite. Rezavam também na hora do banheiro, e durante os poucos e preciosos minutos em que as internas podiam se exercitar no pátio. Todas as manhãs, elas celebravam uma missa na minúscula capela. “Pelo menos, era melhor do que ficar trancada”, escreveu Fey, ainda que tivesse sido criada como protestante. Até recordou que achava as missas bonitas.

Mas via com muita angústia o momento em que os guardas reuniam as mulheres para chamar as que seriam deportadas para a Alemanha. A prisão, nessa hora, ficava em completo silêncio, e todas aguardavam temerosas, esperando que seu nome não estivesse na lista. As prisioneiras mencionadas caíam no chão em convulsões e crises de choro e tinham que ser arrastadas para fora. Na prisão, Fey se lembrava muito da morte de seu pai e isso lhe causava muitas noites de insônia.

Além da missa, seu único momento de conforto vinha, curiosamente, das visitas quase diárias que recebia de um ou outro oficial alemão que hospedara em Brazzà. O tenente Hans e o coronel Dannenberg apareciam para visitá-la, obviamente carregados de culpa e prometendo interceder junto à SS para que ela fosse solta. Uma longa semana se passou sem notícias, mas, após dez dias, eles conseguiram. Ela pôde voltar para seu lar até que novas ordens fossem expedidas.

“Eu me senti como uma rainha sentada no carro de Hans”, Fey recordou, “avançando velozmente pelo campo sob um céu azul magnífico. O ar fresco, o sol e a relva verde pareciam acenar com uma liberdade ainda maior do que eu esperava obter”. As crianças ficaram encantadas ao vê-la de novo. Corrado ficou abraçado com ela o tempo todo e agarrado em seu braço, e quando ela começou a chorar, ele gritou: “Mamãe está chorando. Corradino quer ajudar mamãe!” Roberto corria como uma flecha de um quarto para outro em sua excitação. Naquela noite, ela orou com os meninos antes de levá-los para a cama. “Mamãe não pode ir embora de novo, sem dizer a Corradino para onde

está indo e quando vai voltar; é muito ruim.” Animada pelos acontecimentos do dia, Fey prometeu que aquilo nunca mais se repetiria.¹²

Mas apenas cinco dias depois, ela foi novamente acordada por uma batida na porta. Desta vez um oficial lhe trazia uma carta de Dannenberg. Ele tinha sido transferido inesperadamente para Verona, explicava, mas havia ordens para que no dia seguinte ela e os meninos fossem embarcados para Innsbruck, na Áustria. Ele os levaria pessoalmente até a estação em Udine, onde um homem em trajes civis os receberia. “Então, sra. Pirzio-Biroli, mantenha a cabeça erguida, mesmo que tudo esteja difícil para você.”

Sua reação foi de desespero e raiva. Embora fosse uma figura periférica, tivesse dois filhos pequenos e sequer vivesse na Alemanha, ela estava sendo sugada pela máquina de terror nazista. Já recusara ofertas da resistência para ajudá-la a escapar, em grande parte devido ao medo de represálias que pudessem recair sobre sua mãe, e agora estava zangada consigo mesma por não ter aceito as propostas. Mas continuava recusando um plano pouco razoável, proposto de última hora pela resistência, de atacar o trem para Innsbruck e libertá-la.

Com menos de 24 horas para arrumar as coisas, os empregados da família passaram a noite ocupados tricotando suéteres para os garotos, enquanto um sapateiro foi chamado para aquecer com lã as botas deles. Um dos oficiais alemães deu a ela 300 marcos e aconselhou-a a costurá-los no forro de seu casaco. Sua bagagem consistia, na maior parte, em artigos de alimentação, incluindo um presunto inteiro e vários pedaços grandes de salame.

A notícia de sua viagem forçada espalhou-se rapidamente, e amigos e vizinhos trouxeram cigarros, biscoitos, carne enlatada, chá e leite condensado. À noite, outros amigos chegaram e todos beberam conhaque. Antes da partida, ela pediu aos amigos que entrassem em contato com Detalmo para lhe dizer o que tinha acontecido. Escreveu também um bilhete apressado para Lotti, sua velha governanta, que havia se tornado uma pessoa da família e estava morando em Roma. Depois de contar a ela em poucas linhas o que estava ocorrendo, assinou: “Sua desesperada e inquieta Fey”.¹³

Às quatro da manhã, quando ainda estava bem escuro, o “grande carro negro” de Dannenberg, como um dos meninos lembraria para sempre, os apanhou na chácara e os conduziu à estação ferroviária. Dannenberg ajudou a carregar a mala de Fey antes de entregar a família ao homem da Gestapo em

trajes civis. Um ou dois amigos vieram à estação para dar apoio moral e Fey caiu em prantos. Ela sentiu que estava a ponto de perder tudo o que tinha.¹⁴

Depois de uma espera angustiante, o trem chegou, o homem da Gestapo os levou para uma cabine privativa e as crianças logo pegaram no sono. O trem ia lento, eles perderam uma conexão e só na tarde seguinte chegaram a Innsbruck. O oficial da Gestapo estava morando em uma vila confortável na cidade, mas a recepção a Fey não foi nada amigável. “Você é filha de um criminoso do qual cortamos a cabeça: aquele cachorro, aquele porco! Você esperava ser recebida com luvas de pelica?”, foram as primeiras palavras que ouviu. Era um prenúncio do que estava por vir.

No dia seguinte, quando Fey estava botando os meninos na cama para a soneca da tarde, duas enfermeiras da SS chegaram e, abruptamente, se apossaram deles. Seria por poucos dias, elas garantiram, e os meninos seriam mantidos em segurança e conforto em uma casa para crianças; enquanto isso, a Gestapo queria lhe fazer algumas perguntas. Da forma mais calma que encontrou, ela disse aos filhos: “Mamãe vai encontrar vocês logo, logo, mas primeiro vocês sairão para um passeio gostoso.” Roberto pareceu contente com a ideia, mas Corrado, sentindo que aquilo tudo estava errado, começou a gritar e tentou desesperadamente escapar do domínio da enfermeira. Fey pôde ouvir seus gritos até que desapareceram na distância e ela ficou sozinha no quarto. Ela não tinha ideia do lugar para onde os meninos estavam sendo levados. E sabia menos ainda qual seria o seu próprio destino.

Três semanas depois, ela descobriu. Um oficial da SS chegou à vila e disse simplesmente: “Nós vamos fazer uma pequena viagem.” “Para onde?”, perguntou ela. “Silésia”, respondeu ele. E o coração de Fey desfaleceu. A Silésia ficava no leste da Alemanha, a centenas de quilômetros dali. “E meus filhos?”, ela indagou. “Você tem filhos? Eu não sabia disso.” A resposta do oficial congelou-a até os ossos. Ele não se importava. Naquela noite, quando sentou entre dois guardas no banco da fria estação de trem de Innsbruck, ela chorou por suas crianças, largadas sem amigos ou família em um país estrangeiro. Derramou lágrimas por si mesma também, por seu pai e pela Alemanha, agora governada por gângsteres. Foi o momento mais triste na vida daquela jovem de 26 anos.

Depois disso, como em um pesadelo, fizeram-na rodar pela Alemanha e pela Europa Central como um saco de entulho. Por fim, em um hotel velho e

isolado nas florestas da Boêmia, ela encontrou um pequeno grupo de prisioneiros. Logo que ouviu os seus nomes, ela se deu conta de que todos ali tinham algo em comum: eram todos parentes de conspiradores no atentado a bomba contra Hitler. Oficialmente, a SS os chamava de *Sippenhafte*, ou prisioneiros por parentela.

Qualquer que fosse seu destino, Fey percebeu que todos ali estavam irremediavelmente ligados até o fim da guerra, ou a morte. A situação do grupo era bizarra — privilegiada, porém precária. Um funcionário do hotel carregou a mala de Fey para o quarto, que tinha uma bela vista sobre as árvores. Duas cartas esperavam por ela na recepção. Externamente, tudo passava a impressão de normalidade e paz.

Mais tarde, na recepção, ela logo veio a conhecer os outros. Entre eles, havia vários parentes de Carl Friedrich Goerdeler, o conservador ex-prefeito de Leipzig que fora derrubado pelos nazistas e apontado pelos conspiradores como o cabeça de um governo pós-Hitler. Mas o grupo a que ela instintivamente se ligou foi o de Stauffenberg. O grupo era formado por vários primos de Claus von Stauffenberg, assim como outros membros de sua família. Com Mika, a viúva do irmão mais velho de Claus, Berthold, que também havia sido executado, ela sentiu uma afinidade imediata. Mika também tivera dois filhos tomados pela SS. Logo, Fey estava chamando a todos por apelidos e passando a maior parte do tempo com os Stauffenberg. Pela primeira vez desde que fora separada de seus filhos em Innsbruck, ela se sentiu novamente em família.

De todos os Stauffenberg, no entanto, foi de Alex, o irmão gêmeo de Berthold, de quem ela mais se aproximou. “Fey — que lindo nome!”, ele exclamou espontaneamente quando a viu pela primeira vez, fazendo-a corar. Ele tinha sido preso enquanto estava com o Exército na Grécia e usava o seu uniforme de oficial, mas não era um soldado de carreira. Pelo contrário, era um tipo intelectual e de poucas palavras que fora professor de História Antiga na Universidade de Munique. Ele se encaixava com perfeição no estereótipo do acadêmico sonhador e desleixado, com o cabelo despenteado e um humor seco e fino que cativou Fey instantaneamente. Sorrindo, e com os olhos brilhando, ele se sentava em sua poltrona depois das refeições e referia-se ironicamente a seus “hospedeiros SS”. Ele sempre a fazia rir.

Alguns dias depois, Fey o encontrou lendo *O inferno* de Dante em italiano. Era uma língua que Alex não compreendia, mas ele tentava dar sentido à sua leitura com a ajuda do latim e acompanhando a tradução inglesa. Então, quando Fey decidiu oferecer aulas de italiano para as pessoas do grupo, para desligar um pouco a sua mente das crianças, Alex participou da turma. Ele aprendeu o idioma com muito mais facilidade do que todos os outros, e em pouco tempo os dois estavam fazendo longas caminhadas conversando em italiano.

Logo se tornaram confidentes. Alex ainda estava sob o impacto da execução de seus dois irmãos. Fey, por sua vez, desabafou a angústia que sentia em relação a Corrado e Roberto, e a dor pela morte do pai. Nestas conversas, ela percebeu que, por causa de seus muitos anos na Itália, estava com muitas saudades da Alemanha. Ao contrário dos nazistas e da SS, Alex representava tudo o que ela amava em sua terra natal. Alto e bonito, ele recitava de cor os poemas de Goethe, seu escritor favorito. E também era poeta. A amizade que cresceu entre os dois ajudou a aliviar a dor e o medo, e deu a Fey um consolo muito bem-vindo.

Muitos daqueles prisioneiros vinham de famílias aristocráticas, como Fey, cuja nobreza não era apenas pelo lado paterno. Sua mãe, Ilse, era filha do almirante von Tirpitz, o mentor das Frotas de Alto-Mar do imperador Guilherme II, que competiram na corrida naval com a Grã-Bretanha antes da Primeira Guerra Mundial. Tirpitz exercera uma influência poderosa sobre o pai de Fey, que absorveu muito do fervor nacionalista do almirante.

Ironicamente, para a neta do homem que fizera tanto para mudar a opinião inglesa sobre a Alemanha e os assuntos teutônicos, Fey, como muitas moças de sua classe social, se formara no requintado Cheltenham Ladies' College. Ela considerava a Grã-Bretanha um lugar amigável, mas estranho. “Nós dávamos longas caminhadas pelos bosques, fazíamos piquenique em qualquer clima, jogávamos tênis, andávamos de bicicleta e tomávamos chá à tarde em gramados verdes”, escreveu em seu diário. “Todos eram gentis e carinhosos, embora não exatamente intelectuais. Tenho a sensação”, concluía, “de que as pessoas na Grã-Bretanha, por viverem em uma ilha, são muito fechadas”. Por outro lado, estava impressionada com o espírito democrático que vira no Parlamento e no cotidiano do país. “Eu queria que nós tivéssemos isto também”, anotou, um

tanto nostálgica. “Será que a Alemanha e a Itália serão capazes algum dia de viver uma democracia?”¹⁵

Para os nazistas, destruir e humilhar famílias como os Stauffenberg e os von Hassell fazia parte da política de varrer da Alemanha uma “elite reacionária” que se posicionava contra a revolução social. “Os discursos de Hitler são todos salpicados de ataques hediondos à classe alta”, observou Ulrich von Hassell em seu diário. “Escória” era a palavra escolhida por Hitler.¹⁶ E Himmler desejava o extermínio de todos os Stauffenberg depois do atentado a bomba.

Agora, apenas sua condição de reféns os mantinha vivos.

Os *Sippenhafte* se uniram às centenas de milhares de prisioneiros políticos e outras vítimas do Reich que eram transportadas arbitrariamente e incessantemente pelo extenso sistema fechado dos campos. Os prisioneiros perigosos que não podiam ser manipulados a bel-prazer pelo Reich eram sumariamente executados. A Gestapo não fazia distinção entre alemães e estrangeiros, e muitas vezes o crime das vítimas era simplesmente ter escutado transmissões das rádios aliadas.

Os demais eram continuamente evacuados dos campos em um esforço inútil e desesperado para encobrir os crimes nazistas — e como um ato selvagem de desforra niilista. “Se o nacional-socialismo for algum dia destruído”, Himmler disse ao seu médico em março de 1945, “então, os seus adversários e os criminosos nos campos de concentração não terão o prazer de emergir dos escombros como conquistadores vitoriosos. Eles compartilharão da nossa desgraça”.¹⁷ Embora tenha rapidamente voltado atrás nesta opinião, já era tarde para impedir que os líderes da SS tomassem decisões assassinas nos campos que administravam.

Em todo caso, quase todas as evacuações se transformaram em marchas da morte. Mesmo os prisioneiros mais fortes estavam muito debilitados, e havia pouca comida, roupas insuficientes e nenhum abrigo. Segundo uma estimativa conservadora, 250 mil teriam morrido durante as caminhadas. “Os errantes, muitos descalços em plena neve, eram conduzidos por guardas que não estavam mais sujeitos a ordens”, escreveu um historiador, “e que matavam os exaustos. Eles também metralhavam pessoas na beira do mar, ou incendiavam milhares de indivíduos em celeiros, enquanto, algumas vezes, escolhiam as piores rotas para que seus prisioneiros morressem no caminho”.¹⁸

Desta maneira, em seus últimos dias, o Terceiro Reich revelou seu verdadeiro desprezo pela humanidade. Somente a ânsia desesperada de Himmler por salvar a própria pele e obter um acordo com os Aliados foi capaz de manter vivos mesmo os *Sippenhafte*. Antes de Dachau, eles passaram dois meses em Stutthof, um famoso campo nas cercanias de Danzig (atual Gdansk, na Polônia). Embora fossem considerados prisioneiros privilegiados e ficassem em casernas especiais, separados do centro do campo, Fey e seu grupo enfrentaram circunstâncias terríveis. Stutthof estava apinhado de poloneses e russos, e tinha uma câmara de gás que comportava 150 vítimas de cada vez.

Fey não foi submetida ao gás, mas sofreu uma grave desnutrição e frio, e teve sorte de escapar da mortal epidemia de tifo que se abateu sobre o campo. Ela começou a pensar se sobreviveria até o final da guerra e se voltaria a ver seus filhos. Alex tinha autorização para ir a seu quarto pela manhã e à tarde a fim de levar lenha para o fogo. Ela havia feito o mesmo por ele algumas semanas antes. Exibindo a costumeira falta de praticidade dos intelectuais, ele quase decepcionou os próprios dedos enquanto cortava lenha, e ela o visitava sempre durante a convalescença. Ele tinha mostrado a Fey alguns de seus poemas, que ela avaliou como “delicados, em um alemão bonito, e cheios de sentimento”. E escreveu: “Alex está se tornando cada vez mais um ímã para minhas emoções feridas”.¹⁹

Foi também em Stutthof que Alex escreveu seu primeiro poema para Fey. “Você caminhará comigo o bastante/ com minha tristeza e escuridão?”, começava. Em meio às tristezas, eles foram ficando cada vez mais unidos.

O único outro conforto que tiveram foi ao saber que Hitler estava perdendo a guerra. Em janeiro de 1945, Fey conseguiu ouvir o barulho da artilharia russa se aproximando a leste. Mas isto foi uma bênção confusa. Os *Sippenhafte* eram valiosos demais para cair nas mãos dos russos. Por isso, foram despachados de Danzig para oeste, dentro de um caminhão de gado e sob uma nevasca cruel. Vários dias depois, chegaram a Buchenwald.

O Ettersberg é um pequeno monte arborizado, com 760 metros de altitude, situado 12 quilômetros ao norte da cidade de Weimar, a capital da Turíngia. Aqui, no século XVIII, Goethe encontrou um lugar tranquilo para suas caminhadas solitárias em meio a árvores e flores. Pouco depois de Hitler chegar ao poder, os nazistas escolheram Ettersberg como quartel-general da famosa divisão SS Totenkopf [Cabeça da Morte] e construíram um grande quartel de

concreto para suas tropas, junto das vilas luxuosas que abrigavam os oficiais. Então, em 1937, começaram a construir o campo de concentração. A princípio pensaram em chamá-lo de Ettersberg, mas acabaram se decidindo por Buchenwald, ou “Faial”, para não ofender as autoridades locais, que não queriam ser associadas ao empreendimento. Goethe, afinal de contas, estava sendo idealizado como “a personificação do espírito germânico”.

Os primeiros prisioneiros a chegar vieram transferidos de Sachsenhausen, campo de concentração próximo a Berlim. Em sua maioria eram membros da resistência alemã, testemunhas de Jeová, criminosos e homossexuais, e foram mandados para capinar a floresta, instalar tubulações de esgoto, construir estradas e levantar dormitórios para os milhares de internos que viriam depois deles. Em pouco tempo, Buchenwald já era considerado o pior campo de concentração de toda a Alemanha.

Depois que a guerra irrompeu, ele se tornou, assim como Dachau, um campo para estrangeiros, e o número de mortos começou a aumentar. Construiu-se um crematório, injeções letais começaram a ser aplicadas e os trabalhos forçados nas pedreiras e fábricas próximas levaram centenas de prisioneiros à morte. Nos antigos estábulos do quartel original da SS, foi preparada uma instalação especial de fuzilamento onde 8 mil prisioneiros de guerra russos foram assassinados com tiros na nuca.

Aqui, também, foram realizados experimentos médicos grotescos em prisioneiros vivos, incluindo testes com bactérias do tifo nos quais morreram dezenas de pessoas. Em 1943, construiu-se uma grande fábrica de armas no campo anexo, utilizando os internos como operários. Havia ainda vários subcampos, incluindo o “Dora”, uma fábrica subterrânea em Nordhausen que usava o trabalho escravo para construir foguetes V2, aviões a jato e outras armas sofisticadas dos nazistas.

Em abril de 1945, Buchenwald era o maior campo de concentração em atividade no sistema penal nazista, com 112 mil prisioneiros, entre os quais 25 mil mulheres, entulhadas no campo principal e nos anexos. Desse total, um terço era de judeus, e quase todos chegaram em 1944, vindos de campos no leste que estavam sendo tomados pelo Exército Vermelho de Stalin. O número de mortos aumentava a cada dia. Em Buchenwald, cerca de 250 mil prisioneiros foram encarcerados pelos nazistas e quase 60 mil morreram.

Fey descreveu o campo como “uma pequena cidade com ruas de cascalho”, e ela e os outros *Sippenhafte* foram abrigados em uma caserna à parte, cercada por um muro de tijolos vermelhos coberto com arame farpado. O grupo foi aumentado com a chegada de mais parentes de conspiradores, e, através de um dos recém-chegados, Fey recebeu as notícias que havia muito vinha temendo.

Apesar de tudo, até mesmo dos insultos cruéis da SS, ela mantinha a esperança de que seu pai ainda estivesse vivo. Mas, da boca de uma das amigas mais próximas de sua mãe, Maria von Hammerstein, viúva do chefe de gabinete do Reichswehr na Primeira Guerra Mundial, Kurt von Hammerstein, ela ouviu pela primeira vez um relato em detalhes do julgamento de seu pai diante do famigerado Tribunal do Povo em Berlim. Ele se defendeu brilhantemente e conseguiu a admiração de muitos que o ouviram, mas o veredito já estava armado. Apenas duas horas depois de ser considerado culpado, ele foi enforcado na Prisão de Ploetzensee. Finalmente, Fey pôde deixar suas lágrimas correrem livremente pelo pai que ela jamais tornaria a ver.

Duas semanas depois de sua chegada, a rotina miserável do campo foi quebrada. Pela manhã, um Fieseler Storch de dois lugares — o avião que a Luftwaffe usava para pequenos voos de reconhecimento — planou em círculos sobre Buchenwald várias vezes, antes de aterrissar em uma pista próxima. Fey e os outros correram para acenar, porque achavam que conheciam o piloto. E estavam certos: era Melitta, a esposa de Alex.

Sua história era inacreditável, até mesmo surreal. Para começar, Melitta era etnicamente judia; seu pai vinha de uma família de classe média em Leipzig que se convertera ao luteranismo, detalhe irrelevante e que a princípio não impediria os nazistas de classificarem-na como impura e racialmente inapropriada. Ela se formou em engenharia, obteve licença para pilotar e, no final dos anos 1920, já testava aviões. Desde 1937, ano em que se casou com Alex em Berlim, já havia participado de mais de 2 mil testes com bombardeiros de mergulho Junkers da Luftwaffe. Apenas um piloto, um homem, superava sua marca. Em 1943, foi condecorada com a Cruz de Ferro de Segunda Classe, junto com a divisa de Piloto em Ouro com Diamantes, e recentemente fora indicada para a Cruz de Ferro de Primeira Classe.

Sua extrema utilidade na guerra livrou-a da deportação e morte nos campos. Melitta chegou a ser detida após o atentado a bomba contra Hitler, mas foi liberada pouco depois para prosseguir seus testes aéreos. Desde então,

usufruíra uma vez de seus privilégios. Quando Alex estava em Stutthof, levou alimentos para ele e os demais prisioneiros, proporcionando ao grupo seu único vínculo com o mundo exterior. Ela também descobrira o rastro de algumas crianças da família Stauffenberg, que estavam sendo mantidas em campos diferentes, e presenteou-as com medalhas no Natal, uma vez que não encontrou brinquedos à venda. “Nós amamos os presentes”, recordou uma das crianças de então, “ela era muito animada e nos contava histórias maravilhosas de suas aventuras nos céus”.²⁰

Apenas Alex foi autorizado a sair para conversar com Litta após seu pouso fora de Buchenwald. Quando ele retornou, os outros o cercaram em busca de notícias. O fato é que Litta havia perdido a pista deles desde Stutthof. A Gestapo havia lhe dito que os *Sippenhafte* estavam agora, muito provavelmente, na mão dos russos. Sem acreditar nisso, ela seguiu sua intuição e foi tentar achá-los em Buchenwald.

Fey, com toda razão, imaginou que sua família devia estar pensando que ela era agora uma prisioneira dos soviéticos, e esse pensamento a aborrecia profundamente. Por isso, ficou aliviada quando, alguns dias depois, chegaram a suas mãos várias cartas. Em uma delas, sua mãe contava sobre o ataque recente da aviação aliada a Munique: “Da Munique que nós conhecíamos, não restou praticamente nada”, lamentava ela.

Para passar o tempo, Fey começou a dar aulas de matemática e línguas para um menino de 10 anos que estava preso com a mãe. Isto reavivou em sua mente o possível destino de seus próprios filhos. Eles estariam melhor em uma casa, ainda que sob o controle da SS? Ou, como o menino que tinha diante de si, estariam melhor ao lado dela, mesmo que em um campo tão terrível como Buchenwald?

Um mês depois de sua chegada, ela escutou o estrondo familiar da artilharia ao longe, e, novamente, os *Sippenhafte* receberam ordem para fazer as malas e se preparar para a mudança. Eles seguiram de ônibus pela noite para mais um destino incerto. Acompanhando o grupo, iam dois oficiais da SS. Um deles, Ernst Bader, era um tipo frio, de olhos azuis, famoso por seu trabalho nas unidades de extermínio. O outro, Edgar Stiller, parecia um pouco mais humano. Sua sorte, agora, estava nas mãos destes dois homens.

Na terça-feira, 17 de abril, pouco antes do meio-dia, eles chegaram ao grande portão de pedra de Dachau, mas, graças à obsessiva burocracia nazista,

entrar em um campo de concentração podia ser quase tão difícil quanto sair. O pequeno comboio de ônibus ficou estacionado durante horas na entrada enquanto os burocratas do lado de dentro lutavam com arquivos e fichários. Fazia calor, não havia comida nem água, e apesar de um coro de apelos desesperados, ninguém teve permissão para sequer ir ao banheiro. No final, o prisioneiro sentado ao lado de Fey simplesmente urinou no chão do ônibus. Ela se acostumara a esse tipo de coisa durante aquelas viagens, e havia muito abandonara qualquer vergonha ou pudor sobre as funções corporais. O grupo, tanto os homens quanto as mulheres, onde quer que estivesse, estava acostumado a compartilhar um balde que ficava escondido num canto atrás de um grosso pedaço de pano.

Somente por volta das nove da noite os ônibus acionaram seus motores e atravessaram os portões. Mais uma vez, os *Sippenhafte*, como prisioneiros especiais do Reich, foram separados do resto do campo, sendo alojados em uma caserna próxima ao hospital da SS. Para alívio imenso de Fey, havia água quente nas torneiras. Enfim, ela poderia fazer sua higiene por inteiro, e lavar suas roupas imundas e encardidas. Havia comida quente também, trazida até eles por prisioneiros russos e poloneses.

A maior preocupação agora era o bombardeio aliado. Durante meses, Munique tinha estado sob ataque constante, e Dachau também era um alvo. Fey se viu tendo que correr para os abrigos antiaéreos enquanto choviam bombas. O medo que sentiu só fez trazer à tona suas preocupações quanto à segurança dos filhos. As cidades por toda a Alemanha estavam em chamas. Onde estavam seus meninos? Estariam a salvo? Ela sobreviveria apenas para saber que Corrado e Roberto estavam mortos? Fey sentiu um desejo quase incontrollável de fugir e partir em busca deles, mas percebeu que esta era uma esperança vã, que poderia torná-la ainda mais vulnerável do que antes.

Envolvida nestes pensamentos nebulosos, ela avistou uma das carcereiras de Buchenwald dirigindo-se para o hospital da SS. O uniforme da mulher estava rasgado e amarrotado, e ela parecia abatida e exausta, uma caricatura da elegância marcial que os guardas costumavam ostentar. Mas ela abriu o coração para dar a Fey uma boa notícia: tinha sido transferida havia alguns dias, e Buchenwald estava agora nas mãos dos americanos.

No domingo, 8 de abril, o quartel-general do III Exército dos Estados Unidos, sob o comando de George S. Patton, captou um sinal de rádio. “Para os Aliados. Para o exército do general Patton”, ele dizia. “Falando o campo de concentração de Buchenwald! SOS. Nós precisamos de ajuda. Eles vão nos evacuar. A SS vai nos exterminar.” A mensagem veio por um rádio construído secretamente no campo e foi transmitida pelo comitê clandestino de prisioneiros. Os operadores de rádio dos Estados Unidos prometeram que a ajuda estava a caminho.

Três dias depois, uma coluna de tanques do III Exército de Patton estava se movendo pela estrada a 30 quilômetros por hora quando, perto de Weimar, se deparou com uma incrível visão. Centenas de ex-internos dos campos de concentração, vestindo farrapos, marchavam para o leste. E estavam armados. Eles contaram aos perplexos americanos que vinham de Buchenwald. Pouco antes, explicavam, tinham conseguido desarmar os guardas da SS, que fugiram. Agora, eles queriam alcançá-los.

Em vez disso, os americanos sugeriram que voltassem ao campo e mandaram dois oficiais para acompanhá-los. Ao chegarem, uma bandeira branca tremulava triunfante no alto da torre de vigia principal. Todos os guardas da SS já tinham fugido por volta do meio-dia, deixando o campo nas mãos da organização de prisioneiros liderada pelos comunistas. Ela funcionava desde 1942 e tinha atuado como fiduciária na distribuição de comida, na nomeação de prisioneiros para tarefas particulares, na entrega de remédios e nos encaminhamentos para os leitos do hospital. Pouco menos poderosa, a organização não comunista havia sido criada em 1944. Em alguma medida, os dois grupos cooperavam, embora um suspeitasse profundamente do outro.

Como em Dachau, a liderança da SS em Buchenwald tinha recebido ordens de Himmler para evacuar os prisioneiros antes que os Aliados chegassem. Nos quatro dias que precederam a chegada dos homens de Patton, cerca de 25 mil internos tinham marchado para fora do campo, entre eles quase todos os judeus. Só uma minoria conseguiu sobreviver.

Os americanos encontraram 21 mil prisioneiros amontoados no campo. Muitos estavam agonizando, à beira da morte, sofrendo de inanição, tuberculose, disenteria e tifo. Buchenwald não foi o primeiro campo a ser libertado pelos Aliados, mas foi o maior e o pior.

A imprensa mundial chegou quase que imediatamente. À frente, estava Edward R. Murrow, o correspondente-chefe na Europa da Columbia Broadcasting System (CBS). Ele ficara famoso com suas reportagens ao vivo durante a Blitz de Londres, usando os bordões “Direto de Londres” e “Boa noite e boa sorte”. Também transmitira bombardeios pela Europa, fazendo gravações contundentes do que via, e tinha reunido uma grande equipe para levar a realidade da guerra aos americanos em seus lares.

Nas semanas anteriores, ele estivera viajando de carro pela Alemanha, seguindo as forças de Patton de Frankfurt até Weimar e além. Os alemães pareciam bem-vestidos, ele reportou aos ouvintes, em um estado melhor do que os civis de qualquer outro lugar da Europa. Homens e mulheres idosos trabalhavam normalmente em suas fazendas, embora vacas e não cavalos estivessem puxando o arado; os cavalos foram todos mandados para o front oriental ou para a Normandia a fim de servir de transporte para a Wehrmacht. “Mas isso não é hora de falar da superfície da Alemanha”, ele disse abruptamente. “Vou contar a vocês sobre Buchenwald.” E o fez na primeira pessoa, compartilhando o que tinha visto quando cruzou os portões. Não precisou de sensacionalismo. Falou das pessoas que morreram aos seus pés, das crianças de 6 anos com números tatuados nos braços, de pessoas esqueléticas de Viena, Paris e Praga. Algumas disseram tê-lo encontrado antes da guerra, mas ele não as reconheceu. Então, foi levado por um médico tcheco até um pequeno pátio:

Ele estava cercado de concreto. Havia duas fileiras de corpos empilhados como lenha. Eram magros e muito brancos. Alguns desses corpos estavam terrivelmente machucados, mesmo que houvesse pouca carne para ser ferida. Alguns foram baleados na cabeça. Mas sangravam muito pouco. Tentei contá-los da melhor maneira que pude e cheguei à conclusão de que se tratava de mais de quinhentos homens e meninos amontoados em duas pilhas compactas.

Rogo para que acreditem no que contei sobre Buchenwald. Falei do que vi e ouvi, mas apenas em parte. Para a maioria das coisas, não há palavras possíveis. Em uma guerra, os mortos são muitos — mas, mortos-vivos, mais de 20 mil em apenas um campo! E as terras em volta eram agradáveis aos olhos, e os alemães estavam bem-alimentados e bem-vestidos.²¹

O primeiro correspondente britânico a chegar a Buchenwald foi um inglês baixo e atarracado, de cabelos pretos, com pouco menos de 40. Seu nome era Robert Reid, um dos oito correspondentes que viajavam com o exército de Patton. Ele trabalhava para a rádio BBC e estava cumprindo a pauta da edição diária de seu *War Report*, que ia ao ar logo depois do noticiário das nove da noite. Um tipo agradável, com uma risada contagiante, era conhecido por todos os colegas como Bob.

Apesar da insígnia de tenente-coronel que ostentava, ele trabalhava em trajes informais, geralmente com as mangas da camisa arregaçadas. À primeira vista, Reid não parecia nem um pouco um correspondente de guerra. Até pouco tempo atrás, suas áreas de atuação eram Bradford e Manchester, onde se especializou em reportagens sobre a vida cotidiana no norte industrial, na trilha do festejado escritor e radialista J. B. Priestley. Os dois frequentaram a mesma escola em Bradford e tratavam de temas similares com o mesmo sotaque de Yorkshire — de tal forma que um colega de Reid um dia o descreveu como “um Priestley de bolso”. Com seu elegante terno escuro, chapéu-coco bem escovado e guarda-chuva enrolado, Reid era uma figura querida nas redações do norte da Grã-Bretanha. Era difícil imaginá-lo de uniforme militar fazendo reportagens na linha de frente da guerra.

Mas ele era bom no seu ofício e nascera com faro de grande repórter. “Ele nunca deixava uma reportagem inacabada, não importava o tempo que tivesse de ficar nela”, revelou um colega. “Ele nunca olhava o relógio.” Tinta corria em suas veias, tanto por seu bisavô como por sua avó, ambos jornalistas na Escócia, e seu irmão era crítico de ópera da revista *Punch*. “Meu trabalho”, Reid observou, “é fazer o que o jornalismo me ensinou: atentar para os fatos básicos no calor de cada acontecimento e dar a eles uma interpretação do homem da rua”.²² Todavia, exceto por uma matéria escrita da França durante sua queda dramática na primavera de 1940, Reid não havia feito qualquer reportagem de guerra.

Então, pouco antes do Dia D, ele foi incluído em uma equipe da BBC criada para seguir os exércitos aliados ao longo da França e dos Países Baixos até a Alemanha. Estes correspondentes foram “embutidos” nas forças militares e tinham seu próprio departamento de censura, o que significava que assuntos delicados podiam ser discutidos rápida e livremente. Com o tempo, Reid sabia de maneira instintiva o que podia e o que não podia ir ao ar. E, de qualquer

forma, ele tinha pouco interesse em questões táticas e estratégicas, preferindo focalizar nas experiências dos soldados comuns. Uma moral alta nas trincheiras domésticas era vital para o esforço de guerra, e aqui a experiência prévia de Reid o colocava em um patamar excelente: ele sabia contar o que estava acontecendo na guerra para os pais, filhos e irmãos de seus ouvintes na Grã-Bretanha.

Ironicamente, no entanto, o que primeiro o tornou conhecido em seu país foi um episódio que nada teve a ver com as forças aliadas. Aconteceu em Paris, no sábado, 26 de agosto de 1944, o dia em que o líder da França Livre, o general Charles de Gaulle, foi à catedral de Notre Dame para a missa oficial de Ação de Graças pela libertação da França. A cidade fora libertada apenas dois dias antes. Mais de um milhão de parisienses ocuparam as avenidas entre o Arco do Triunfo e a praça da Concórdia quando o general atravessou lentamente, erguendo um dos braços para agradecer os aplausos da multidão.

Reid estava esperando na praça em frente à catedral. No dia anterior, ele fora enviado a Paris junto com um colega da BBC. Eles foram avisados para tomar cuidado com os atiradores, pois ainda havia muitos deles na área e era possível que disparassem de janelas ou telhados. Em Paris, ele já tinha ouvido o estalido de um rifle, mas a bala não o atingira.

Ele se posicionou com o microfone na mão. Do umbral da porta da catedral, podia ver a multidão em uma intensa expectativa. O barulho do povo que lotava a praça chegou ao clímax quando de Gaulle apareceu e foi recepcionado pelos cardeais e bispos que o aguardavam para a missa.

De repente, um tiro foi ouvido, logo seguido por uma rajada. A multidão fez pressão em direção à entrada da igreja. Reid ligou o microfone para gravar o que estava acontecendo, mas foi atropelado pelo movimento da massa e caiu no chão. O microfone e seu cabo lhe fizeram companhia. Reid reuniu forças para se levantar e, agarrado ao microfone, conseguiu seguir de Gaulle para dentro da catedral. O general parecia imperturbável e levantou as mãos em um gesto para tentar acalmar os que estavam em volta.

Mas, agora, o disparo foi dentro da catedral. Havia atiradores escondidos no alto das galerias, pouco abaixo do teto. As pessoas se lançaram ao chão ou se esconderam atrás das colunas. Policiais e soldados correram para dentro e trocaram tiros com os que estavam de tocaia, iluminando o interior sombrio da

catedral com o fogo brilhante de armas automáticas. Em meio ao tumulto, Reid ouviu a congregação começar a cantar o *Te Deum*.

Quando a missa acabou, ele se esgueirou por uma porta lateral para ver o que estava acontecendo lá fora. Ainda se ouviam tiros esporádicos. Seu trailer de gravação estava estacionado ali perto e o engenheiro tinha permanecido na mesa de controle até o microfone de Reid ficar mudo. O disco de gravação estava coberto de poeira e de pedaços de alvenaria lançados pelo impacto das balas. Reid e o engenheiro recuperaram todo o equipamento, e ele registrou o que tinha acabado de ver na igreja. Enquanto transmitia seu relato, uma porta se abriu e uma fila de policiais saiu de dentro da catedral com quatro atiradores presos. “Eles têm uma aparência bem ordinária”, Reid contou aos seus ouvintes.

Embora não tivesse a menor ideia do que tinha produzido no disco, ou qualquer lembrança clara do que havia dito no meio do tumulto, fez de tudo para que a fita da gravação chegasse rapidamente a Londres pelo correio aéreo. Na noite seguinte, quando sintonizou a BBC, ele ouviu sua transmissão, inclusive os sons das balas zunindo pelo ambiente. Foi uma das reportagens mais realistas que foram ao ar no período da guerra, “acho que uma das maiores transmissões de todos os tempos”, segundo o editor de reportagens de guerra da BBC. Em uma iniciativa inédita, ela foi veiculada nos Estados Unidos tanto pela CBS como pela NBC.²³

Desde então, as matérias de Reid falavam basicamente sobre os homens que avançavam para a Alemanha. Enquanto esteve com as tropas na linha de frente, interessou-se pelos engenheiros que construíam estradas e pontes e pelos homens que enfileiravam cabos para auxiliar as comunicações. Pouco antes, quando os homens de Patton tomaram um campo de prisioneiros de guerra repleto de soldados ingleses que tinham sobrevivido a uma marcha forçada de quarenta dias, Reid passara de soldado em soldado, gravando suas histórias para transmiti-las às suas famílias via BBC. Sempre que entrevistava aqueles homens comuns fazendo o seu trabalho, resistindo e sofrendo no campo de batalha, ele tinha em mente que os ouvintes em seus lares precisavam ter sua moral elevada também.

Ele entrou em Buchenwald no dia seguinte à sua libertação. Até os cétricos mais atrozinhos choravam com o que viam. Reid, um homem de família até a alma, achou aquilo difícil demais de suportar. Estava longe de casa havia quase um

ano, com muitas saudades da família e muito cansado. Assim como os soldados cujas histórias ele contava para o mundo, esperava ansioso por cartas de casa, e mesmo no fim de um dia longo e exaustivo sempre sentava à máquina para respondê-las. Seu cotidiano como correspondente de guerra era de movimentação constante e improvisos. Ele raramente sabia, de manhã, onde passaria a noite. Jantar com outros jornalistas no front era o mais próximo que ele conseguia chegar de uma vida em família.

Nos últimos meses, ele já estava saturado e pronto para voltar para casa. “Quando penso sobre o futuro, sinto cada vez mais um enorme desejo de sair com você e as crianças para o campo”, escreveu à esposa, Vera, em fevereiro, “e fico planejando feriados imaginários em Wensleydale com nossos estojos de tinta”.²⁴

Na noite anterior à sua viagem para Bunchenwald, Reid recebeu três longas cartas de Vera. Mas elas fizeram com que tivesse mais saudades que nunca. De alguma forma, o fato de ser primavera, com os campos esverdeando e as flores aparecendo nas árvores, tornava a separação ainda mais difícil de aguentar. “Nos últimos dias, tenho pensado cada vez mais em voltar para casa”, escreveu. “Fico suspirando e pensando em você e nas crianças e em como seria bom estar do seu lado para fazermos aquela nossa caminhada favorita.” Assinou como de costume, “Com amor, Rob”, e deu 12 beijos no final da folha.

A vida doméstica de Reid era tão simples e direta quanto a prosa que escrevia e as palavras que falava. Ele e Vera moravam em uma casa alugada em Bramhall, nos arredores de Stockport, próximo a Manchester, e tinham dois filhos: Elizabeth, de 10 anos, e Richard, de 8. Vera enchia suas cartas com detalhes da vida cotidiana no subúrbio, e as numerava metodicamente. Algumas vezes, ao vagar pelo caprichoso sistema postal militar, mudando sempre de front, as cartas chegavam fora de ordem. Isto gerava confusão e a deixava ansiosa, daí a necessidade de numerar a correspondência. Ela contava ao marido sobre uma viagem de compras a Manchester, sobre o clima, sobre bombeiros consertando um cano que vazava na copa, o aquecedor que estava dando problema, as roupas que costurava ou consertava todas as noites, sobre os vizinhos e parentes e até sobre as galinhas que botavam ovos deliciosos. Organizava toda essa produção em um pequeno livro. Fazia comentários todas as vezes que ouvia a voz de Reid no rádio. Desde sua transmissão eletrizante de Paris, ele tinha se tornado uma celebridade, e mesmo que ela perdesse um

noticiário, seus amigos lhe contavam rapidamente sobre ele. Acima de tudo, entretanto, ela lhe contava sobre as crianças.

Em Bramhall, como em Berlim, Lüneberg, Itália e Weimar, aquela sexta-feira, 20 de abril, foi um dia ensolarado, com pancadas de chuva à noite. Depois de fechar as cortinas e botar as crianças para dormir, Vera sentou para escrever a carta de número 55. A grande novidade era sobre Elizabeth e Richard. A filha havia chegado da escola vibrando com a notícia de que obtivera a nota máxima. A conquista fora anunciada naquela manhã diante de toda a escola na reunião matinal depois da oração, e a diretora colocou o emblema azul-marinho com um grande “P” (de Perfeito) em seu vestido. Encantada, Vera presenteou a filha com um novelo de lã para que pudesse fazer um par de luvas para si mesma.

Richard também foi motivo de elogios. Ele estava ficando crescendo, e hoje, pela primeira vez, tinha conseguido pedalar sua bicicleta sentado no selim, em vez de ficar em pé nos pedais. Ele aprendera também a subir e a descer da bicicleta “do jeito dos meninos”, como Vera definiu, colocando uma perna no pedal e lançando a outra sobre o selim. Ele passara a tarde inteira treinando na rua depois da escola, e Vera o tinha visto correndo na bicicleta com os pés levantados do pedal. Estava na hora de checar os freios, ela pensou. Então, permitiu que o filho começasse a pedalar para um pouco mais longe.

Ela terminava a carta, como de costume, dizendo ao marido para tomar cuidado. “Eu espero que isso acabe logo”, escreveu, referindo-se à guerra. “Mas, seja como for, quanto mais perto a gente pensa que está o fim, mais longe ele parece estar.” Ela assinou, “Com todo meu amor, Vera”, e acrescentou também 12 beijos. Foi quase como um PS que ela contou que o tinha ouvido naquela tarde falando sobre Buchenwald.²⁵

O contraste com os horrores de Buchenwald podia ter feito os detalhes da rotina familiar em Bramhall parecerem banais e insignificantes, mas, para Reid, a imagem vívida desenhada por Vera de seus filhos em casa teve o efeito oposto. A carta o fez amar sua família ainda mais e acrescentou às suas reportagens sobre o campo um sentimento especial. “Não pense que você me incomoda”, ele garantiu à esposa na carta seguinte. “Essas coisas todas são como um sopro de vida para mim, querida. Elas me trazem de volta para casa, e consigo esquecer de tudo ao meu redor.”

Reid fez várias reportagens em Buchenwald, a mais terrível delas sobre um grupo de crianças prisioneiras. Em uma cabana de madeira, os americanos encontraram novecentas crianças entre 2 e 14 anos. Seus pais eram prisioneiros que tinham morrido há muito tempo ou haviam sido assassinados. Em sua maioria, eram judias da Polônia, e os prisioneiros mais velhos cuidavam delas. Reid as descreveu como “crianças abandonadas, esfarrapadas e patéticas, com olhar de velhos, rostos amarelos e encovados”. Uma delas, um garoto de 14 anos com a cabeça raspada, contou que o médico do campo costumava promover desfiles. Ele dividia as crianças em grupos, e as que estavam mais doentes seguiam em marcha na direção do crematório e nunca mais eram vistas.

Outra criança judia em Buchenwald era o garoto Elie Wiesel. Deportado com a família de seu vilarejo na Transilvânia, a última vez que ele viu sua mãe e sua irmã foi a caminho das câmaras de gás em Auschwitz, pouco antes de ser mandado junto com seu pai para Buchenwald, naquele mês de janeiro. Aqui, indefeso, ele viu seu pai morrer diante de seus olhos, depois de definhar com diarreia sem receber qualquer assistência médica. Em certa ocasião, chegou a ser surrado por prisioneiros que estavam cansados de vê-lo defecar no dormitório. “Não esqueça que você está em um campo de concentração”, o líder do pavilhão advertiu Elie, quando o garoto pediu socorro para o pai. “Aqui, cada homem tem que lutar por si mesmo e não pensar em mais ninguém. Aqui, não tem pai, nem irmão, nem amigo. Cada um vive e morre por si.”

Certa noite, um guarda da SS atingiu seu pai na cabeça depois que ele suplicou por água. “Eu fiquei paralisado”, Wiesel escreveu depois. “Eu estava com medo [...] Então, meu pai soltou um murmúrio e era meu nome, ‘Eliezer’. Pude ver que ele ainda respirava espasmodicamente, mas não me mexi.” Na manhã seguinte, Elie levantou de madrugada e foi até o cubículo de seu pai, mas havia ali outro prisioneiro. Seu pai fora levado de noite para o crematório. “Não houve orações no seu túmulo”, Elie lamentou, “nem velas acesas em sua memória. Sua última palavra foi o meu nome. Um chamado a que eu não respondi”.²⁶

Elie teve muita sorte em sobreviver. Quando os americanos se aproximaram, os SS decidiram evacuar as crianças e as levaram para a praça central do campo. Foi quando a resistência clandestina decidiu agir. “Homens

armados apareceram de todos os lados”, Wiesel recorda. “Barulhos de tiro. Granadas explodindo. Nós, as crianças, ficamos grudados no chão [...] A batalha não durou muito tempo e por volta do meio-dia tudo estava calmo de novo.” Os SS fugiram, e no momento em que os americanos chegaram a resistência tinha o campo sob controle.²⁷

Bob Reid aprendeu mais sobre Buchenwald com outro grupo de prisioneiros que encontrou. Cerca de quarenta agentes secretos britânicos capturados haviam sido mandados para lá pela SS. Apenas quatro ainda estavam vivos quando Reid chegou. Um deles era um inglês de 20 anos chamado Christopher Burney. Como um entediado oficial júnior dos comandos, ele tinha escrito um relatório sobre como libertar a França a partir de dentro. Então, em um coquetel poucas semanas depois, seu brigadeiro se dirigiu a ele. “Já saltou de algum avião, rapaz?”, perguntou. “Eu sinto que você vai fazer isso.” Não muito tempo depois, Burney foi despachado para Le Mans para se juntar a uma rede da Executiva de Operações Especiais (SOE). Infelizmente, no entanto, a rede tinha sido capturada em massa, e Burney foi levado rapidamente pela Gestapo.

“Eles me espancaram com chutes e socos”, disse, “tomando cuidado para que eu permanecesse consciente”. Mas Burney não abriu a boca. Os 18 meses seguintes foram passados em confinamento, na solitária da prisão de Fresnes, na periferia de Paris. Então, ele foi mandado para Buchenwald. A viagem foi uma tortura. Cem homens, completamente nus, foram empurrados em uma carroceria de caminhão onde só caberiam quarenta. O suplício durou quatro dias, com apenas uma pequena lata de água insalubre para beberem, até chegarem ao seu destino. “Metade dos passageiros daquela viagem enlouqueceu”, Burney lembrou.

Depois disso, toda sua luta foi para permanecer vivo. Uma das piores coisas de Buchenwald, ele contou, era o controle exercido pelos comunistas sobre os prisioneiros no campo, quase todos alemães. “Eles tinham poderes disciplinares absolutos sobre os outros internos”, escreveu, “apoiados pela SS e pela ameaça do crematório, que eles usavam como arma. Qualquer um identificado como capitalista ou intelectual era logo marcado como vítima”. Cerca de dez dias antes da libertação do campo pelos americanos, os comunistas alemães passaram uma resolução declarando: “É de todas as formas lamentável que os capitalistas anglo-americanos devam nos libertar. Nós

faremos tudo ao nosso alcance, mesmo sob o domínio deles, para manter a posição que sempre tivemos.”²⁸

Em resposta a isso, Burney se ocupou organizando a célula de resistência não comunista do campo. Assim, salvou a própria vida. Nos dias imediatamente anteriores à libertação, vazaram informações de que a SS estava querendo assassinar os oficiais britânicos. A notícia tinha fundamento: apenas duas semanas antes, o melhor amigo de Burney, outro agente secreto capturado na França, fora levado ao crematório e enforcado. Agindo com rapidez, o novo grupo de resistência escondeu Burney e outros agentes britânicos em uma cela subterrânea secreta até que o perigo passasse.

Entre os outros agentes, dois eram irmãos. Henry e Alfred Newton faziam voos acrobáticos e estavam baseados em Paris quando estourou a guerra. Em seguida, todos os seus parentes — esposas, filhos, pais — sucumbiram em um navio torpedeado, o que os levou a aderir imediatamente à rede da SOE. Nove meses depois de serem mandados de volta para a França, os irmãos Newton foram presos e torturados pelos nazistas. Certo dia, em Buchenwald, Alfred viu Henry sendo carregado em uma maca: “Ele fez um sinal de que havia me reconhecido”, Alfred contou.

O quarto sobrevivente do serviço secreto foi Maurice Southgate. Ele mantinha uma rede de informações muito eficiente na França antes de cair em uma cilada da Gestapo, apenas seis semanas antes do Dia D, logo após a prisão de seu operador de rádio. Junto com o sistema de comunicações estava um arquivo de mensagens relacionadas ao desembarque dos Aliados. Apesar de ser brutalmente torturado, Southgate segurou ao máximo as informações que tinha até que elas se tornassem inúteis. Ele já estava em Buchenwald havia nove meses quando Reid apareceu por lá. Impotente, ele viu, um por um, os outros agentes da SOE serem levados para execução. E isso foi feito de uma maneira particularmente sinistra, ele contou. Um gancho de açougueiro foi colocado debaixo de seus queixos antes que o alçapão debaixo de seus pés fosse aberto. Da câmara de execução nos subterrâneos, seus corpos seguiram direto para o crematório.

Reid apurou outras histórias de heroísmo durante sua estada em Buchenwald. Em um pequeno hospital nas proximidades, cruzou com um grupo de polonesas que tinham participado do levante de Varsóvia no último mês de agosto. Milagrosamente, os alemães as trataram como prisioneiras de

guerra e não como terroristas, e elas não foram fuziladas. Havia mulheres de 14 a 60 anos de idade. Cerca de 7 mil foram presas na ocasião. De microfone em punho, Reid gravou e transmitiu uma entrevista com uma delas:

“Que papel as mulheres tiveram naquele combate?”, perguntou. Algumas haviam estado em grupos de assalto, a mulher respondeu; outras serviram na Guarda Nacional polonesa. Também haviam atuado como observadoras, combatentes da linha de frente e mensageiras.

“O que as mensageiras faziam?”, ele quis saber. Uma delas tinha apenas 15 anos, contou a mulher. Antes da guerra, era guia de turismo. “Ela tinha que percorrer os canais [de esgoto]”, prosseguiu, num inglês truncado, “e como era pequena era mais fácil para ela fazer aquela tarefa do que seria para um homem ou uma mulher mais grande [sic]”. Os alemães tinham lançado gás e granadas nos esgotos, continuou, e por sua coragem aquela adolescente fora condecorada com a Cruz Militar da Polônia.

Reid estava fascinado. O levante de Varsóvia fora um grande episódio da Segunda Guerra, e esta foi a primeira oportunidade que ele teve de conversar com alguém envolvido no conflito. “Como os alemães trataram a população de Varsóvia?”, perguntou.

“Como se fôssemos animais selvagens”, foi a resposta. “Nós éramos presos nas ruas, nos bondes, em casa. Pela manhã, ninguém sabia se estaria vivo à noite.”

De outra mulher, Reid ouviu que, embora fossem classificadas como prisioneiras de guerra, sofreram muitas privações. Milhares foram obrigadas a marchar para fora de Varsóvia e mantidas sem alimento durante dias. “Se você conseguisse encontrar um cachorro morto, carne de cachorro”, disse a ele, “você estava com sorte”. Então, elas foram conduzidas para a Silésia em caminhões de gado e ficaram trancadas por três dias. “Eles não permitiam que as pessoas cuidassem de nós e nos dessem comida ou água”, prosseguiu. “E costumavam atirar nos poloneses ou qualquer outro que tentasse nos trazer comida.”

Reid reparou que a maioria das mulheres havia perdido os dentes por falta de vitaminas, e que estavam magras e pálidas, mas se mantinham limpas na medida do possível, banhando-se e lavando suas roupas constantemente para evitar doenças.

Elas tinham sido libertadas havia dez dias. Este exato momento ainda reluzia na memória de pelo menos uma das mulheres: “Nós ficamos loucas de felicidade”, ela disse a Reid. “Fomos soltas em 11 de abril, às dez para as quatro. Lembramos muito bem”, acrescentou, “do momento em que avistamos pela primeira vez um veículo americano e os soldados americanos”.

“Como vocês os receberam?”, perguntou Reid.

“Nós gritamos, cantamos e choramos de alegria, e eles foram incrivelmente bondosos com a gente. Nos permitiram [sic] chocolate e cigarros.”

“Nada de batom ou pó de arroz?”

“Não”, respondeu duramente. “Não podemos usar estas coisas quando somos soldados. Embora eu ache que algumas de nós”, acrescentou, em tom conspirador, “sonhem com isso!”

Foi um momento de alegria no meio daqueles dias até então terríveis e depressivos. Quando partiu em busca da próxima história, Bob Reid estava profundamente grato que Buchenwald tivesse ficado para trás.²⁹

Mas, pelo menos, tinha sido capaz de praticar uma boa ação, o que o fez se sentir melhor.

Os quatro agentes britânicos da SOE passaram a primeira noite de liberdade dormindo em um bangalô confortável que pertencera a um oficial da SS e sua família e fora confiscado pelos americanos.

No dia seguinte, um major inglês em um uniforme de combate bem-passado desembarcou de um jipe no campo. “Leve-nos embora desse buraco do inferno”, pediu Alfred Newton, feliz por ver um oficial com uniforme britânico, e também consciente do perigo que os comunistas ainda representavam ali. Mas sua esperança foi frustrada. Eles teriam de esperar até que chegassem as autoridades encarregadas do repatriamento, disseram os oficiais. Ele não podia fazer nada, a não ser escrever um relatório quando chegasse ao quartel. Então, saltou sobre o jipe e foi embora. Nem mesmo lhes ofereceu um cigarro.

A essa altura, Reid havia terminado suas entrevistas e estava conversando com Burney. Seu jipe, com a identificação “Unidade de Gravação da BBC” pintada na lataria, estava estacionado junto ao portão principal do campo, e os dois caminharam lentamente até ele. Quando se aproximaram, Reid ofereceu uma carona a Burney para sair dali. “Obrigado pela oferta, meu caro. Mas há

outros três oficiais comigo, e eu não poderia deixar este lugar sem eles.” Em seguida, ele apresentou Reid aos outros.

Foi então que Reid percebeu a inscrição sobre o portão: “*Recht oder unrecht Mein Vaterland*”. “Certo ou errado, é meu país”, Reid traduziu com seu sotaque de Yorkshire. Ele voltou aos negócios: “Que diabos estamos esperando? Vamos, rapazes! Todos para dentro. Se eu não levar vocês daqui hoje, meu nome não é Bob.”

Burney, Southgate e Alfred Newton se arrumaram no jipe, enquanto Henry Newton se acomodou no trailer entre os equipamentos de gravação. Quando estavam saindo, um soldado americano entregou a eles um pouco de ração.

Começava a anoitecer quando chegaram ao quartel-general do III Exército em Gotha. Ali, Reid deixou os quatro homens no posto de guarda, apertou a mão de todos e deu um largo sorriso. “Certo ou errado, é meu país! Ah, essa eu não posso esquecer... Bem, rapazes, agora eu preciso ir. Me procurem algum dia. A ‘BBC Manchester’ sempre conseguirá me encontrar. Adeus!”³⁰

3. JUSTIÇA VINGADORA

Na Itália, entre os picos recortados dos Alpes, onde a neve do inverno ainda bloqueava as passagens mais altas, outros quatro agentes secretos preparavam-se para missões nas terras inimigas. A França — alvo principal dos agentes britânicos e americanos antes do Dia D — não atraía mais os guerrilheiros das sombras após sua libertação. Como Robert Reid testemunhara com seus próprios olhos em Buchenwald, os agentes capturados pagaram um preço terrível, sendo torturados e mortos, mas seus esforços produziram dividendos, atormentando os alemães e desviando a atenção deles enquanto as tropas aliadas desembarcavam na Normandia.

Agora, nos dias finais da guerra, os agentes aliados estavam saltando de paraquedas dentro do próprio Reich. Aqui, também, talvez eles pudessem colaborar com os avanços aliados com ações por trás das linhas inimigas. A Alemanha se encontrava fora dos limites da SOE até depois do Dia D por ser muito perigosa e porque dificilmente conseguiriam bons resultados ali em meio a uma população hostil. Mas desde o atentado de 20 de julho, que revelou uma resistência interna disposta a eliminar Hitler, as opiniões haviam mudado. A SOE chegou inclusive a gastar tempo e energia preparando um plano para eliminar o Führer, enviando um assassino próximo à sua casa nos arredores de Berchtesgaden, mas logo abandonou a ideia, considerando-a impraticável e desnecessária — a estratégia insana do próprio Hitler, por si só, estava levando a Alemanha à derrota.

Entretanto, os agentes aliados ainda podiam encontrar coisas úteis para fazer e também pessoas no terreno para ajudá-los. Embora parecesse improvável, a Áustria começava a emergir como um foco dos esforços aliados para inspirar resistência. Hitler anexara sua terra natal ao Terceiro Reich,

muitos dos nazistas mais fanáticos e proeminentes eram austríacos e a maior parte da população do país tinha absorvido bem o Anschluss. Pouco depois disso, Fey von Hassell excursionou pela Áustria com seus pais, que planejavam comprar uma pequena casa por lá. Como nenhum dos dois gostava de dirigir, Fey assumiu o volante. Com exceção de alguns solavancos, a viagem foi boa, apesar do fato desconcertante de os austríacos dirigirem do lado esquerdo da estrada, assim como os ingleses. A família adorou a zona rural austríaca, embora as casas estivessem em más condições.

Mas o que mais chamou a atenção de Fey foi o servilismo dos austríacos com relação ao regime nazista. “Certa vez meu pai disse que até as leiteiras na Áustria dizem *Heil Hitler* antes de ordenharem a vaca. Hitler se apossou daquele país pela força”, ela prosseguiu, “mas a Áustria, com pouquíssimas exceções, aceitou isto prontamente”.¹ Mesmo assim, logo surgiram sinais de uma oposição latente, e com o final da guerra se aproximando, a população poderia ousar ajudar os Aliados.

Portanto, a Áustria foi o alvo dos quatro agentes escalados para aquela tarefa. Quando o clima estava favorável e havia um avião disponível, eles sobrevoavam as montanhas à noite e saltavam de paraquedas sobre um local cuidadosamente escolhido. Seria uma queda “cega”, isto é, não haveria nenhum comitê para recepcioná-los. Em lugares como a Áustria, com muitos nazistas ao redor, isso poderia ser desastroso. Mesmo em países mais hospitaleiros, a Gestapo podia penetrar em uma rede da SOE e armar uma cilada com um falso comitê de recepção. Isso já havia acontecido na Holanda, onde cerca de cinquenta agentes saltaram diretamente nas mãos do inimigo.

Ficar esperando até o tempo melhorar poderia levar alguns dias, ou até mesmo semanas. Era preciso que o tempo estivesse bom para a decolagem, no local de salto e também para a aterrissagem na volta. A lua teria que estar clara o suficiente para que o navegador pudesse identificar com precisão razoável o local para o salto dos agentes no ponto de referência correto do mapa — os espiões teriam que descobrir rapidamente onde estavam e se esconder antes do nascer do dia. Um inesperado céu nublado no local do salto levava vários voos secretos a abandonarem suas missões.

E ainda que todas as condições fossem favoráveis para a decolagem, um avião com tripulação treinada para estes voos precisava estar disponível. Voos de precisão à noite eram arriscados e requeriam pilotos com nervos de aço.

Eles teriam que ser capazes de fazer voos rasantes sobre o terreno inimigo e, se necessário, dar várias voltas até o local exato do salto ser localizado. Esse tipo de voo era muito solicitado, tanto pelos americanos como pelos britânicos, e havia sempre uma fila de espera.

Os quatro homens ficaram esperando por dez dias em uma base americana em Rosignano, ao sul de Livorno, na costa oeste da Itália. Eles se alojaram em um casebre nos arredores do aeródromo. Na primeira semana, todo dia, exatamente às 9h30, um mensageiro chegava com sua moto barulhenta, freava com estardalhaço e avisava que não haveria voo naquela noite. Mas, àquela altura, o rapaz já desistira até de fazer isso; ele se limitava a passar lentamente, buzinar e indicar com o polegar para baixo que teriam de esperar pelo menos mais um dia.

Mesmo assim, Fred Warner, um dos agentes, já havia percebido que a situação não era assim tão desagradável. Ele até admitia uma ligeira sensação de alívio toda vez que a missão era cancelada. Como os outros, sabia muito bem o que aconteceria se algo desse errado e podia imaginar uma morte terrível nas mãos da Gestapo. Mais um longo dia sem nada para fazer tinha lá as suas compensações. Ninguém os impedia de sair para passear pelos campos vizinhos naquela primavera, e à noite havia o cinema da cidade, requisitado para fins militares pelos americanos, e que exibia sempre um filme diferente. Em seguida, eles saíam para beber em um dos muitos restaurantes italianos que começaram a brotar como cogumelos em torno do perímetro da base aérea.

Certo dia, foram todos a Pisa e brincaram de turistas, tirando fotos em frente à torre inclinada, da mesma forma que os soldados inimigos haviam feito pouco tempo antes. Devido a seus bonés alpinos, compridos e de formato cilíndrico, chegaram até mesmo a ser confundidos com os alemães — esses bonés não eram muito diferentes daqueles usados pelas tropas alpinas germânicas que já haviam passado por ali, e que naquele momento lutavam ao norte contra a 10ª Divisão Alpina. De repente alguém gritou: “*Tedeschi!*” — “Alemães!” — e, antes que pudessem se dar conta, um grupo de garotinhos os tinha cercado e atirava pedras. A confusão foi desfeita e eles voltaram ilesos para a base.

As crianças italianas não estavam de todo erradas, pois Warner, como os outros do grupo, era um nativo de língua alemã. Assim como ele, outros milhares de refugiados alemães e austríacos, nem todos judeus, decidiram

seguir o mesmo caminho e estavam lutando ao lado das forças aliadas para livrar seus países de Hitler. Warner nasceu em dezembro de 1919 em Hamburgo, onde seu pai tinha um negócio próspero. Sendo o quinto em uma família de sete filhos, ele cresceu em um ambiente confortável, que incluía uma linda casa de veraneio em Travemünde, uma estância badalada na costa báltica, próxima a Lübeck. Fred Warner sempre usava luvas em seu passeio anual até lá, para manter as mãos limpas durante a viagem. A vida era refinada.

Dez anos mais tarde, porém, a situação de sua família mudou de uma hora para outra quando seu pai perdeu toda a fortuna na grande quebra da Bolsa. “Nada de casas, passeios de carro, empregados, governantas ou coisa parecida”, Fred recordou. Em vez disso, todos se mudaram para o casarão de sua avó na cidade, onde alguns dos seus oito filhos já estavam morando. Pelo menos para as crianças, a vida continuou agradável, pois lá havia um jardim enorme para brincar.

Toda aquela vida, porém, teve um final repentino quando os nazistas tomaram o poder em 1933. Na escola de Fred, o diretor foi substituído por um nazista radical que sempre vestia seu uniforme da *Sturmabteilung* (SA) e, gritando, insultava qualquer aluno que não estivesse com o uniforme da Juventude Hitlerista. Fred viu pessoas serem agredidas nas ruas por não fazerem a saudação nazista. Nos cinemas, o hino nacional alemão era imediatamente seguido pela “Canção de Horst Wessel”, assim chamada em homenagem a um jovem herói nazista morto em uma briga de rua. Durante os filmes, Fred notava que as luzes de repente eram acesas e homens da SA começavam a gritar “*Juden Raus!*” (“Fora, Judeus!”). Ninguém ousava reclamar.

Após a aprovação das leis raciais de Nuremberg em 1935, a situação piorou rapidamente. A família de Fred era judia, embora convertida ao cristianismo. Porém, dali em diante, isso não faria mais diferença alguma, e eles foram classificados como “não arianos”. Um de seus tios ficou preso por dois anos por ter um caso com uma mulher “ariana”. Ao ser libertado, imediatamente o prenderam de novo e o mandaram para o campo de Dachau. A família nunca voltou a vê-lo.

Fred largou a escola aos 16 anos, mas não podia entrar para o ramo hoteleiro de que tanto gostava, pois naquela época a hotelaria era vedada aos judeus. Então, ele começou a trabalhar para um judeu mercador de milho e a fazer aulas particulares de culinária à noite — o único homem em uma turma

de 12 mulheres. Como o terror nazista se intensificava, seu pai decidiu dormir cada noite em um local diferente. Até que um vizinho no prédio de Fred foi levado pela Gestapo. Algumas semanas depois, sua esposa recebeu uma carta dizendo que seu marido havia morrido e que ela poderia ir recolher as cinzas. A conta do crematório estava anexada.

Por volta de 1938, a maioria dos irmãos e irmãs de Fred já havia partido para refúgios seguros como o Brasil, a Nova Zelândia ou a Grã-Bretanha. Seu irmão caçula seguiu para Londres em uma caravana de crianças organizada pela igreja dos quakers, e no ano seguinte Fred foi ao seu encontro na Grã-Bretanha. Em fevereiro de 1939, levando uma única mala com todos os seus pertences, ele deu adeus aos pais na estação de trem de Hamburgo. Seu plano era se mudar para a Nova Zelândia e encontrar sua irmã. Mas a guerra chegou antes que ele obtivesse o visto e Fred se viu forçado a ficar. Quando chegou à estação de ferryboats de Harwich, ele tinha 19 anos. No passaporte, seu nome fora mudado para Manfred Werner.

Por algum tempo, Fred se hospedou na casa de uma prima rica de sua mãe, que patrocinou sua entrada na Grã-Bretanha. Mas ele se sentia culpado por não fazer nada e, em 1940, alistou-se como voluntário no Corpo Auxiliar de Sapadores Militares. Pelo menos 20 mil judeus alemães, de ambos os sexos, lutaram ao lado das forças aliadas contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. A maioria dos exilados na Grã-Bretanha alistava-se no Corpo de Sapadores, que fora criado especificamente para os estrangeiros. Porém, os alemães, austríacos e tchecos tinham que passar por uma rigorosa inspeção de segurança. O corpo era uma unidade desarmada, e Fred foi um dos primeiros a se inscrever.²

Embora no princípio fossem considerados pouco mais do que uma “área de descarga” do Exército britânico, gradativamente o Corpo de Sapadores foi conquistando respeito, e seus membros receberam comissões, assim como treinamento com armas. Obviamente, eles possuíam talentos linguísticos valiosos, conheciam muito bem o território ocupado da Europa e começaram a exercer um papel que crescia em importância nos esforços de guerra britânicos. Vários destes imigrantes alistaram-se na infantaria e nas unidades blindadas. Alguns entraram para a Marinha Real, e dezenas se alistaram nos Comandos — dez deles constituídos por judeus alemães e austríacos, sendo chamados de Comandos Interaliados.

Muitos estavam lutando lado a lado com Bryan Samain na Alemanha. Na verdade, naquele mês de fevereiro, 11 homens da sua unidade foram mortos na Holanda durante um ataque repentino a uma ilha no rio Maas, ocupado pelos alemães. Os mortos ficaram caídos por dois ou três dias no local onde haviam sido abatidos. Então, dois homens foram enviados sob uma bandeira de trégua para interceder por seus corpos, a fim de que lhes fosse dado um enterro decente. O intérprete para tal tarefa foi o sargento-major Howarth, de nascença Eric Nathan, filho de um advogado judeu da cidade de Ulm e que havia ingressado no Corpo de Sapadores assim que a unidade fora criada. Os corpos estavam quase irreconhecíveis devido à exposição à neve. “Um dos últimos a serem trazidos de volta”, escreveu Samain, “só pôde ser identificado pelas divisas de pano nos ombros, que ficaram esfarrapadas, além do símbolo dos paraquedistas — um par de asas, que já estava quase apagado no braço direito”. Infelizmente, tratava-se do melhor amigo de Samain nas forças especiais, o tenente Peter Winston. Ele e Samain tinham feito o treinamento de oficiais juntos, e ele fora a razão principal que levava Bryan a optar pelo ingresso no Comando 45. Pouca gente fora dos comandos sabia do importante papel exercido pelos exilados da Alemanha para libertar seu país de Hitler.³

Por volta de 1942, Fred Warner estava desesperado por fazer mais pelo esforço de guerra do que simplesmente ficar trabalhando com a picareta e a pá, e por uma boa razão. “Alguns amigos de meus pais”, explicou, “que emigraram de Hamburgo para a Suécia me contaram que eles e minha irmã mais nova foram deportados para Łódź, na Polônia”. Embora ele não soubesse disso, Łódź era uma estação de baldeação para os judeus a caminho de Auschwitz. Juntamente com seu amigo Eric Rhodes, também de Hamburgo, Fred se inscreveu para trabalhos mais ativos e interessantes. Contudo, por alguns meses, nada aconteceu.

Em janeiro de 1943, porém, Fred foi chamado para uma entrevista no Departamento de Guerra. Ele foi um dos vinte soldados imigrantes duramente interrogados por um tenente-coronel “muito velho” e uma mulher um pouco mais nova vestindo trajes civis. “Eles me fizeram várias perguntas e no final quiseram saber se eu estaria preparado para uma tarefa perigosa. Quando eu disse que sim, pensando nos comandos, fui rapidamente dispensado e me disseram para retornar à minha unidade”, recordou. Algumas semanas depois, Fred e mais 11 soldados foram chamados a se apresentar. Eles se encontraram

com um major do Corpo de Inteligência do Exército. Durante algumas semanas, Fred observou, “o major dormiu, trabalhou e brincou conosco. Ele inspecionava nossa correspondência e escrevia relatórios sobre nós”. Finalmente o grupo foi enviado para uma escola de treinamento especial. Eles haviam ingressado oficialmente na SOE.

Fred havia se tornado o “capitão Frederick Michael Warner”, uma mudança de nome preventiva, caso ele caísse nas mãos da Gestapo, muito embora, em se tratando de agentes secretos, os alemães não se preocupassem com a identidade de quem fossem torturar ou eliminar. Os outros haviam feito o mesmo e eram agora “Bryant”, “Kelly” e “Rhodes”. George Bryant, originalmente Breuer, era um ex-advogado de Viena; seu avô, o dr. Joseph Breuer, havia colaborado com Sigmund Freud no volume de *Estudos sobre a histeria*, publicado em 1895. O nome real de Kelly era Koenig. Assim como Warner e Rhodes, ele era alemão de nascimento.

Sexta-feira, 20 de abril, chegou e passou. Os homens estavam nervosos. A tensão já estava alta havia algumas semanas. O pessoal do quartel-general da SOE os visitava a todo momento. Todos os equipamentos que solicitavam eram liberados, o que quer que fossem. Um dos homens do grupo passava as longas horas de tédio serrando pernas de poltronas e transformando-as em suportes para apoiar melhor suas submetralhadoras Sten. Fred chegava até a imaginar se ele seria despachado antes que a guerra acabasse. Viena já havia caído nas mãos dos russos, e o Exército Vermelho se movia para oeste.

Então, um dia, uma bela integrante da Enfermaria Yeomanry de Primeiros Socorros (FANY) chegou e ficou várias horas em reunião fechada com Kelly, o operador de rádio do grupo. Isso era um sinal bem claro de que o dia da missão estava chegando. A FANY, um corpo de voluntárias do Exército para primeiros socorros, fundada durante a Primeira Guerra Mundial, fornecia à SOE uma boa parte do pessoal de apoio e secretariado, entre os quais criptógrafas e operadoras de comunicação sem fio que trabalhavam em suas próprias casas. Pela última vez, Kelly e a moça reviram os códigos, sinais e escalas de transmissão. Com isso, garantiriam o elo vital entre o agente e a base de operações. A equipe recebeu também um codinome: “Historiador”.

A esta altura, Warner já tinha revisto suas instruções básicas várias vezes até decorá-las. O que realmente aconteceria ao chegarem dependeria, é claro, da sorte e das circunstâncias, e eles foram instruídos a ser flexíveis e criativos na

interpretação de seus objetivos, que se constituíam basicamente de quatro alvos. Eles saltariam de paraquedas na província da Estíria, logo a oeste de Judenburg, um pequeno mas importante centro regional. Ironicamente, a cidade havia sido fundada por mercadores judeus, daí seu brasão retratar uma cabeça usando um quipá. Os judeus haviam sido expulsos duas vezes de sua própria cidade: uma delas no século XV e, depois, quando Hitler tomou o poder. Ali, Fred e sua equipe — ele era o segundo na linha de comando — teriam de encontrar qualquer membro da resistência secreta austríaca.

O grupo teria também de contatar e ajudar um número crescente de prisioneiros de guerra aliados que haviam sido transferidos para lá um pouco antes do avanço das forças aliadas. E deveria impedir ainda que os alemães destruíssem o aeródromo em Zeltweg, 6 quilômetros a leste de Judenburg, um ponto escolhido para os objetivos militares britânicos depois que ocupassem o país. O aeródromo fora deixado intacto pelos bombardeiros aliados.

Esses três objetivos eram típicos nas missões da SOE, mas o quarto era incomum, pois visava ao recolhimento de informações, ao contrário dos outros, mais ligados a algum tipo de ação. Warner e seus companheiros teriam de descobrir se os nazistas haviam preparado um reduto nas montanhas austríacas — um lugar seguro altamente fortificado de onde iniciariam sua desesperada cartada final.⁴

Em novembro de 1944, leitores do *New York Times* abriram o jornal e encontraram um excelente artigo de um dos correspondentes em Londres. Era intitulado “O esconderijo de Hitler”. O artigo falava mais propriamente sobre Berchtesgaden, mas também pintava um vívido retrato das espaçosas fortificações que se acreditava terem sido construídas nas proximidades de sua mansão, chamada de Berghof. O refúgio consistia em um labirinto de túneis bem construídos e cavernas extensas repletas de provisões e equipamentos militares. De acordo com o autor, como última precaução, tinham sido colocadas minas explosivas (com cerca de 34 quilômetros de comprimento por 24 de largura) no distrito inteiro para impedir que a região caísse nas mãos dos Aliados. Heinrich Himmler tinha seu escritório nos subterrâneos de Berghof, e na sua escrivaninha havia um botão. Tudo que o chefe da SS tinha que fazer era apertá-lo e o complexo inteiro explodiria em mil pedaços.

Histórias parecidas começaram a surgir em vários outros órgãos da imprensa aliada durante semanas. Um mês depois, o *Daily Worker*, jornal do Partido Comunista americano, alertava que os alemães tentariam uma última e desesperada cartada nos Alpes, e afirmava que a sua resistência mais renhida seria contra o Exército Vermelho ao redor do lago Balaton, na Hungria. Devido aos violentos confrontos que aconteciam em toda a frente de batalha, cada vez mais pessoas começavam a aceitar a ideia de um reduto alpino: algumas vezes ele era chamado de “Reduto Nacional”, em referência ao grande complexo de cidadelas construído pelos suíços nas montanhas logo após o colapso francês de 1940, para defender o país de uma eventual invasão nazista.

A ideia parecia bastante plausível: afinal de contas, a Bavária era tanto o berço do nazismo como o lar de Hitler, e ele tinha erigido o seu famoso Ninho da Águia no topo de uma montanha por ali. Além disso, dizia-se, frequentemente, que a escola de líderes da SS ficava em Bad Toelz, uma estação de águas da Bavária próxima ao rio Isar, com vista espetacular para os Alpes. Ali, nas montanhas, segundo concordavam os especialistas, situava-se o núcleo psicológico dos nazistas — portanto, era o local perfeito para a morte heroica de seus líderes e seguidores, ao som da ópera de Wagner *O crepúsculo dos deuses*.⁵

Mas não era somente a imprensa que invocava essa visão hipnótica. Nos bastidores da guerra, a ideia também criava raízes nos comandos aliados. “O avanço em direção à Alemanha pode acontecer em condições de caos e desordem em face de uma possível resistência obstinada do que sobrou do Exército alemão e do Partido Nazista.” Assim dizia um relatório da inteligência aliada de setembro de 1944, escrito depois que os Aliados avançaram triunfalmente pelo norte da França e a Bélgica, chegando à fronteira alemã na sequência do desembarque do Dia D.⁶

Ninguém sabia o que iria acontecer quando finalmente alcançassem o solo alemão. A certeza de que o fim da guerra estava próximo só aumentava, e alguns previam que tudo acabaria perto do Natal. Independentemente de quando a guerra acabasse, *como* isso iria acontecer? Com uma súbita rendição alemã, diante da compreensão de que a derrota era inevitável? Em uma série de rendições parciais, front por front, exército por exército? Em uma última grande batalha, nos moldes da derrota de Napoleão em Waterloo? Ou em um desesperado e derradeiro ato de resistência em que o inimigo cairia lutando de forma heroica como acontecera no Álamo?

A origem dos profundos receios dos Aliados sobre o Reduto Alpino era a figura sinistra de Heinrich Himmler, visto como o principal mentor ideológico do Estado nazista. Naquele momento, em 1944, após assumir o comando da Abwehr — o serviço de inteligência da Wehrmacht — e eliminar milhares de dissidentes supostamente envolvidos no atentado ao Führer, Himmler emergia como um líder abaixo apenas de Hitler na hierarquia nazista. Sua imagem de tirano foi mais tarde fortalecida quando Hitler fez dele comandante em chefe das Reservas Nacionais.

Com os ideólogos da SS no controle, parecia claro para os Aliados que somente uma vitória militar não seria capaz de destruir a Alemanha nazista. A SS, conhecida por seu fanatismo, passaria a operar clandestinamente, mas continuaria lutando. Este detalhe foi relatado ao presidente Roosevelt em setembro de 1944 por William J. Donovan, diretor-geral do Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) — principal agência de inteligência do país, precursora da CIA. “Wild Bill” previu que os Aliados teriam que se preparar para combater “um governo nazista operando nas sombras e oferecendo resistência através de um exército clandestino especializado e qualificado semelhante à SS”.⁷

A ousada contraofensiva de Hitler em dezembro de 1944 na Batalha das Ardenas veio aumentar a fama do último reduto. As fontes da inteligência aliada na Suíça alimentavam ainda mais esta ideia. “Parece possível...”, relatou Allen Dulles, chefe do OSS na Europa, de sua base em Berna, em janeiro de 1945,

que os homens próximos a Hitler e Himmler estejam se preparando para uma cartada final nas cidadelas fincadas nos Alpes bávaros e austríacos [...] [Isso] está de acordo com o complexo wagneriano de todo o movimento nacional-socialista e com o fanatismo da juventude nazista. Hitler e seu pequeno bando de salteadores, que começaram nas cervejarias de Munique, podem encontrar seu fim não muito longe dali, nos Alpes da Bavária, depois de deixarem grande parte da Europa em ruínas.⁸

Em abril de 1945, quando os alemães ainda não mostravam nenhum sinal de rendição mesmo após pesadas perdas de pessoal e território, os Aliados se preocupavam com o fato de um último ponto de resistência chegar ao pico. O pior de seus pesadelos estava materializado em um mapa pendurado na parede

do QG do general Eisenhower em Reims. Ali, em uma rua de fundos, no prédio de três andares do Collège Moderne et Technique, próximo à principal estação de trens da cidade, foi instalado o Quartel-General Supremo da Força Expedicionária Aliada (SHAEF). Perto do escritório de Eisenhower ficava sua sala de mapas, onde mapas mostrando as posições conhecidas das forças aliadas e inimigas eram atualizados diariamente.

Um dos mapas tinha como título “Reduto Nacional Informado”. Ele descrevia uma enorme área de mais de 52 mil quilômetros quadrados ao sul de Munique, estendendo-se pelo oeste da Áustria, um cenário marcado por montanhas muito altas e vales íngremes cheios de lagos. No coração da região ficava Berchtesgaden. O mapa era marcado com símbolos militares em vermelho mostrando transmissores de rádio, barracas, depósitos de munição, armazéns de alimentos, fortificações e galpões de armamentos químicos. Acreditava-se que os nazistas mais devotados, que naquele período fugiam em bandos de Berlim em direção ao sul, montariam ali sua última resistência. Dali, também, como sugeriam os relatórios de inteligência, os nazistas despachariam unidades de comando e guerrilha conhecidas como Lobisomens. Como a SOE britânica e o OSS americano, eles semeariam confusão por trás das linhas inimigas.

Mais tarde, em março, o coronel William W. Quinn, chefe de inteligência do VII Exército do general Patch, avançando pelo limite mais ao sul da frente ocidental, emitiu um aviso forte e sombrio. Uma tropa de elite alemã, formada por algo entre 200 mil e 300 mil soldados, havia se reunido no reduto. Toda semana, cinco longos trens de carga entravam na região carregados de armas. Uma fábrica clandestina capaz de fabricar aviões Messerschmitt fora ativada. Escolas de Lobisomens estavam por toda parte. Ali, dizia Quinn, Hitler estava planejando sua temida cartada final.⁹

A inteligência britânica observava os mesmos sinais. O próprio Churchill estava em alerta. Todos os dias, vasculhava uma pilha de “Ultras” — mensagens altamente secretas interceptadas — trazida a ele em uma caixa lacrada especial, com transcrições de mensagens dos inimigos e de forças neutras, que eram lidas pelos criptoanalistas em Bletchley Park. Até então, essas mensagens altamente secretas haviam informado muito pouco sobre as intenções de Hitler, mas à medida que os dias de primavera ficavam mais longos, os criptoanalistas passaram a compilar um fluxo cada vez mais

poderoso de mensagens relatando o movimento de vários quartéis-generais alemães na área ao redor de Salzburgo, movimentação que se referia abertamente ao Reduto Alpino.

Em meados de março, um pequeno detalhe chamou a atenção do primeiro-ministro. Era um relatório diplomático japonês que vinha de Berna, a capital suíça, para Tóquio, informando que estoques de material de guerra estavam sendo reunidos pelos alemães em duas principais frentes de batalha ou redutos. Uma era na região em torno de Wilhelmshaven, Hamburgo e Kiel, no mar do Norte e nas costas bálticas; a outra ocupava uma vasta área que incluía Munique, Salzburgo, Viena e o norte da Itália. Churchill sublinhou a passagem do texto com tinta vermelha e solicitou opiniões de seu Comitê de Inteligência, o JIC. Os maiores especialistas em inteligência da Grã-Bretanha responderam que, por enquanto, havia poucas evidências confiáveis e concretas para apoiar a ideia de que realmente existia um Reduto Nacional; mas, por outro lado, havia informações suficientes para concluir que os nazistas tinham planos de criar um. O Departamento de Guerra também enviou algumas informações que havia colhido: o reduto seria guarnecido por 16 divisões alemãs, com estoques de alimento e munição suficientes para dois anos. Os suprimentos de alimentos eram suficientes para 600 mil pessoas, incluindo reféns que os nazistas levariam consigo. A fonte destas informações, acrescentou o Departamento de Guerra, era um agente “mais confiável do que a maioria”.¹⁰

Com uma enxurrada de relatórios como estes, o que os Aliados deveriam fazer? Levar a sério as informações e tentar neutralizar o reduto? Ou ignorar as mensagens e seguir indiferentes? Algumas suspeitas não tinham substância, eram obscuras e enigmáticas, mas outras eram precisas e claras. As fontes — sempre eram vitais para decidir o valor da informação — pareciam variadas o bastante para que se desse crédito a todas: agentes no local, fotos de reconhecimento aéreo feitas por aviões aliados sobrevoando os Alpes, e a Sigint (decodificadora de mensagens), como a Ultra, sempre considerada a fonte mais confiável de todas. Mas qualquer decisão sobre a estratégia dos Aliados era tomada somente pelo Comandante Supremo Eisenhower.

Com o mapa na parede de sua sala coberto de símbolos, os próprios especialistas de inteligência de Eisenhower estavam apreensivos, escreveu o biógrafo de Montgomery, e logo a preocupação com o Reduto Nacional havia “se alastrado como um câncer”. Os nazistas, segundo concluiu o pessoal de

inteligência do SHAEF, com certeza tinham planos para um reduto nos Alpes que se estenderia de Munique até o oeste da Áustria, passando pelos lagos italianos. Ali, acreditava-se que, “protegidas pela natureza e pelas armas mais secretas já inventadas, as forças que guiaram a Alemanha até aqui sobreviverão para organizar o seu ressurgimento”. E eles acrescentavam que, enquanto os Aliados tanto a leste quanto a oeste direcionavam sua principal estratégia para o norte e o centro da Alemanha, o impulso principal da defesa alemã parecia se voltar para a proteção da região alpina. Por que outra razão armazéns subterrâneos estariam sendo construídos ali? E por que o marechal de campo Kesselring lutava tão ferozmente na Itália para proteger as passagens alpinas vindas do sul?¹¹

Mesmo os mais céticos começam a admitir a necessidade de entrar em ação. Entre estes, destacava-se o chefe de inteligência do SHAEF, Kenneth Strong, um escocês duro e o membro britânico mais antigo do quadro de dirigentes aliados. As avaliações da inteligência geralmente trabalhavam com o “pior dos cenários”. Ninguém — muito menos um chefe como Strong, que carregava sobre os ombros um fardo terrível — jamais se atreveria a rejeitar uma informação como aquela para no fim das contas descobrir que ela estava correta, ainda que as chances fossem mínimas. Strong era um profissional perspicaz e cauteloso. “O reduto pode ou não estar lá”, anunciou ele, “mas devemos tomar medidas para impedir que ele esteja”.¹²

O gabinete de Eisenhower enviou o relatório para Washington. Duas semanas depois chegou uma resposta do general George C. Marshall, que estava claramente impressionado. Ele disse: “Uma ação rápida deverá impedir a formação de qualquer área de resistência organizada. A região montanhosa ao sul é considerada um local possível para isto.” Isso serviu para solidificar as convicções de Eisenhower de que uma grande decisão estratégica deveria ser tomada. Tanto Bedell Smith, seu chefe de gabinete, quanto o general Omar Bradley, um antigo companheiro de turma em West Point e seu subordinado mais confiável, o apoiavam. Chet Hansen escreveu em seu diário secreto: “Bradley está convencido de que teremos de lutar contra os alemães na fortaleza ao sul da Alemanha e destruir o núcleo das unidades SS determinadas a prosseguir na batalha.”

Quando perguntado em uma entrevista coletiva em Paris o que poderia acontecer em seguida, Eisenhower respondeu que “os alemães provavelmente

criariam uma resistência nas montanhas”. Em particular, ele receava que os inimigos pudessem manter sua posição indefinidamente. É claro que ele sabia que as fortalezas poderiam ser forçadas à inanição com um bloqueio, mas os alemães poderiam igualmente iniciar uma guerrilha de alto custo e longa duração, provocando discórdia entre os Aliados e acordos de paz com termos muito aquém da rendição incondicional desejada. Pior ainda: o tempo poderia dar ao inimigo a chance de produzir armas novas e surpreendentes.

Este não era um pesadelo que podia ser simplesmente ignorado. Os nazistas já haviam produzido algumas surpresas terríveis, como os foguetes V1 e V2, aviões propulsionados a jato e uma nova geração de submarinos que causavam sérias preocupações. Eisenhower decidiu, então, cortar o mal pela raiz.¹³

Há muito se presumia que os Aliados iriam direto para Berlim. A tomada da capital alemã — afirmavam com seriedade os planejadores do SHAEF em setembro de 1944 — era o principal objetivo aliado. Mesmo assim, já no final de março de 1945, o Exército Vermelho de Stalin estava mais próximo da capital alemã do que qualquer das forças sob o comando de Eisenhower. As tropas soviéticas cruzaram o rio Oder, que ficava a apenas 64 quilômetros do refúgio de Hitler, enquanto as forças britânicas e americanas mais próximas ainda se encontravam mais de 300 quilômetros a oeste.

A escolha diante de Eisenhower era clara. Ou chegava a Berlim ou deixava a cidade para os russos. Por volta do fim de março, ele tomou a difícil e controversa decisão de deixar a capital de Hitler para o Exército Vermelho. Em vez disso, suas tropas avançariam por um eixo da Alemanha Central na direção de Leipzig, a fim de unir forças com as tropas soviéticas ao sul de Berlim; desta maneira, cortariam a Alemanha em duas. Avançando na direção sul, eles chegariam aos Alpes.

Ao norte, os exércitos britânicos e canadenses sob a direção de Montgomery seguiriam em direção ao mar Báltico. Ali, os receios de um reduto ao norte também impregnavam seu pensamento. Talvez os alemães recuassem pela Dinamarca e entrassem na Noruega para criar um último foco de resistência, com dezenas de milhares de soldados já posicionados. Mas as forças britânicas anulariam completamente essa hipótese atravessando pela base da península da Jutlândia em direção a Lübeck.

O receio de que os alemães estivessem construindo um reduto nos Alpes ou ao norte não foi o único fator a influenciar a decisão de Eisenhower. Chegar à

capital alemã significaria um avanço de 300 quilômetros e uma difícil travessia do Elba, enquanto mais de um milhão de soldados russos estavam muito mais próximos da cidade. As mortes de soldados americanos poderiam chegar a 100 mil, e com que finalidade? Os “Três Grandes” aliados já tinham concordado com a divisão da Alemanha em zonas de ocupação após a guerra, com Berlim situando-se firmemente dentro da zona soviética, porém com as potências ocidentais administrando metade da cidade. Por que arriscar milhares de vidas por territórios que, de qualquer forma, teriam que ser abandonados quando uma base de operações no pós-guerra já estava garantida? Além disso, qualquer avanço em direção a Berlim propiciaria uma colisão de frente com as forças soviéticas no local, com risco de mortes por “fogo amigo”. Somente uma linha de demarcação bem clara poderia prevenir isso. E o Elba, que fluía do sul para o norte, surgia como uma linha divisória inconfundível e perfeita.

No entanto, de todas estas razões, a crescente ameaça do Reduto Alpino e a possível resistência alemã em uma guerrilha prolongada foram as mais decisivas na estratégia adotada por Eisenhower. Bradley certamente deu muito crédito a estes fatores, e sua influência sobre Eisenhower era profunda. Ao cortar a Alemanha em duas, os Aliados poriam fim à migração de outros agentes alemães de Berlim para o sul, tanto civis como militares. Com o movimento complementar na direção sudeste para bloquear as passagens alpinas, o Reduto Nacional de Hitler seria fortemente neutralizado.

Entretanto, a decisão tomada por Eisenhower enfurecera tanto Churchill quanto Montgomery. O primeiro-ministro já estava envolvido em uma jogada poderosa com Stalin. Profundamente preocupado com as intenções da União Soviética na Europa Oriental, Churchill queria tomar Berlim e usá-la como barganha com o líder soviético. Montgomery, comandando a maioria das tropas britânicas no front do norte, queria a glória de marchar sobre Berlim. Telegramas furiosos cruzaram o Atlântico, mas Eisenhower, apoiado tanto por Roosevelt quanto por Marshall, permaneceu firme.

Então, duas semanas depois, a questão ressurgiu. Em uma operação rápida, unidades avançadas das tropas americanas alcançaram o Elba em Magdeburgo, apenas 97 quilômetros a sudoeste de Berlim. Enquanto isso, os soviéticos ainda não tinham iniciado sua ação ofensiva à cidade. Portanto, a perspectiva de uma tomada ocidental da capital alemã se tornou, de repente, viável e atrativa.

Para discutir seu próximo passo na estratégia, Eisenhower e Bradley voaram para o quartel-general de Patton. Foi no mesmo dia em que o presidente Roosevelt morreu, embora a notícia só chegasse aos generais no final da tarde. Na ocasião, Patton insistira em fazer com seus visitantes uma excursão a duas descobertas recentes de seus soldados, quando avançavam para o coração da Alemanha. A primeira foi em Merkers, uma vila na Turíngia, 40 quilômetros a sudeste de Gotha. Ali, estava Kaiserrode, uma das minas de sal mais profundas da Europa. Pouco antes do meio-dia, em 4 de abril, unidades avançadas da infantaria dos Estados Unidos entraram na vila. O lugar estava infestado de refugiados que foram rapidamente interrogados pelos especialistas de contrainteligência ávidos por informações sobre os nazistas. Os refugiados disseram que ouro do Reichsbank, o Banco Central da Alemanha, havia sido mandado para a mina recentemente — mas eram apenas rumores, ninguém tinha visto nada. Um dia depois, os americanos ouviram a mesma história de um grupo de franceses que haviam trabalhado na mina. A área foi, então, rapidamente interditada.

Na manhã seguinte, bem cedo, dois policiais militares que vigiavam uma estrada de acesso interceptaram duas mulheres por estarem saindo antes da hora permitida. Uma delas explicou que estava grávida e que se dirigia para a casa de uma parteira. Os soldados lhe ofereceram uma carona até Merkers e, quando voltavam para a vila, passaram pela entrada da mina. “Que tipo de mina é essa?”, perguntou o motorista. Elas responderam: “Ora, é a mina onde até algumas semanas atrás estavam guardadas as reservas de ouro alemãs e algumas obras de arte.”

A história chegou rapidamente aos ouvidos de um dos oficiais superiores de assuntos civis, e ele se dirigiu à mina imediatamente para interrogar os administradores. Eles confirmaram que ouro e outros objetos de valor haviam sido guardados ali. Entretanto, o que lhes pareceu mais significativo foi a presença na mina de dois altos funcionários de Berlim. Um era o dr. Paul Rave, curador do Museu do Estado Alemão; o outro era Werner Veick, superintendente do Departamento de Notas Estrangeiras do Reichbank. Um batalhão de tanques foi enviado para guardar a entrada principal da mina e soldados armados foram colocados em outras vias de acesso. Enquanto isso, Patton foi informado sobre os rumores. Como já escutara algo parecido antes, ordenou que nada fosse dito até que os boatos pudessem ser confirmados.

Mas a história acabou se espalhando, e a notícia da descoberta dos americanos estampava todas as manchetes.¹⁴

Robert Reid foi um dos primeiros correspondentes a chegar ao local e contar a história.

A mina ficava 610 metros abaixo da terra. “Quando o elevador em forma de jaula desceu quase em queda livre”, Reid contou aos seus ouvintes da BBC, “nós nos vimos no que parecia ser uma daquelas grutas encantadas de parques de diversão”. À sua frente estendia-se um túnel rochoso escavado rusticamente no sal cinza-esbranquiçado, com uma fileira de lâmpadas elétricas penduradas no teto que se estendiam a perder de vista. Uma pequena ferrovia percorria os subterrâneos. Um soldado americano armado de carabina checou as credenciais de Reid. No escritório do cronometrista, ele viu um retrato de Hitler encarando-o da parede. Podia ouvir o zumbido do ar-condicionado, que mantinha a temperatura em 18 graus.

Então, ele caminhou por cerca de 400 metros pelo túnel até chegar a uma porta de aço maciço que ficava em uma parede de tijolos rústicos. Estava lacrada, mas, naquela manhã, com a ajuda de explosivos, conseguiram abrir um buraco nela. Reid se encolheu para passar pela abertura. Logo à sua frente havia uma câmara de cerca de 180 metros de comprimento. O chão estava coberto de sacos posicionados até a altura do joelho em pequenas fileiras bem organizadas. Cada saco estava selado com uma etiqueta vermelha. Um americano rasgou um dos sacos e pegou um lingote de ouro. Impressa claramente em uma das extremidades, Reid pôde ver a marca em relevo da Casa da Moeda e o número de série. No total, havia 4 mil daqueles lingotes escondidos nos sacos. Ele contemplava naquele momento toda a reserva de ouro do Reichsbank alemão. Como ela havia chegado até a mina era uma história tão espantosa quanto a própria descoberta.

Naquele mês de fevereiro, mais de novecentos bombardeiros B-17 da 8ª Força Aérea americana haviam lançado quase 2.300 toneladas de bombas sobre Berlim, demolindo quase por completo tanto o Reichsbank quanto os parques gráficos para impressão de papel-moeda. Parte do ouro do banco já havia sido embarcada em carros-fortes para fora de Berlim; mas os ataques repentinos de fevereiro incitaram o ministro da Fazenda de Hitler e também presidente do Reichsbank, Walter Funk, a ordenar a transferência imediata de todo o restante

da reserva. Transportada com a máxima segurança em trens blindados, ela chegou a Merkers alguns dias depois. Ficou por lá até meados de março, mas o avanço relâmpago de Patton em direção à Turíngia inquietou os funcionários do banco, que decidiram que o ouro deveria retornar a Berlim. Entretanto, neste momento crucial eles enfrentaram um obstáculo inusitado.

O Terceiro Reich podia estar desmoronando, com os americanos e os britânicos do outro lado do Reno e a maioria das províncias do leste já nas mãos dos russos, mas o sistema ferroviário alemão ainda insistia em observar o feriado de Páscoa, funcionando neste dia apenas em meio expediente, o que impossibilitava a remoção do ouro. Goebbels estava incrédulo. “Pensar que o Reichsbahn estava celebrando o feriado de Páscoa enquanto o inimigo saqueava nossos depósitos de ouro era algo que me fazia ter vontade de arrancar os cabelos”, registrou em seu diário.¹⁵

Embora frustrados em seus esforços para remover o ouro, os funcionários do banco conseguiram retirar algum dinheiro, que na época já era escasso em algumas partes do Reich. Apenas três dias antes da chegada dos americanos, eles conseguiram carregar cerca de 200 milhões de marcos e cinquenta pacotes de moeda estrangeira em um caminhão e despachá-lo para Magdeburgo e Halle. Outra carga também quase conseguiu ser transportada, mas acabou voltando quando os funcionários souberam quão próximos estavam os americanos. Eles tinham acabado de recolocar o dinheiro na mina quando os homens de Patton chegaram.

Havia muito mais para Reid ver nesta caverna de tesouros secretos. Em galerias laterais saindo do túnel principal, contava ele a seus ouvintes, “havia incontáveis riquezas em sacos de lona empilhados organizadamente um sobre o outro, enfileirados de modo tão prosaico que não pareciam ser mais do que pequenos sacos de farinha. Em apenas um dos aposentos”, acrescentava, “vi centenas de sacos, cada um deles contendo um milhão de cédulas de marco alemão, cada saco marcado com a etiqueta escarlate do Reichsbank e o valor que continha”. Centenas de outros sacos continham dólares americanos — cerca de 2 milhões de dólares no total —, assim como francos franceses, libras esterlinas, coroas norueguesas, liras italianas, escudos portugueses e pesetas espanholas. Eram os sacos que haviam sido trazidos de volta às pressas para a mina alguns dias antes. “Você não tentou levar nenhuma lembrancinha, não é?”, brincou um colega da BBC depois de ouvir a transmissão de Reid.¹⁶

Os olhos de Reid ainda conseguiram ver mais de mil caixas de madeira preenchendo os espaços vagos naquele labirinto subterrâneo. Elas continham os mais valiosos tesouros das galerias de arte e dos museus de Berlim, que também haviam sido trazidos da cidade três semanas antes. Ali, cuidadosamente empacotadas, havia obras de Rembrandt, Rafael, van Dyck e Dürer, entre outros.

Reid parou para falar com o dr. Rave, o curador que tinha viajado com as caixas e ainda tomava conta delas. O homenzinho nervoso de rosto fino garantiu que nenhuma das obras de arte havia sido roubada de países estrangeiros. Entretanto, o que ele não revelou é que a mina também era usada pela SS para guardar a pilhagem dos bens dos judeus e de outras vítimas dos campos de concentração. Entre agosto de 1942 e janeiro de 1945, o Reichsbank recebeu da SS mais de setenta remessas desse tipo. Os valores conseguidos com a pilhagem eram guardados em uma conta com o nome de “Melmer”, o capitão da SS que tinha feito a maioria das entregas. As joias de ouro eram, em sua maioria, vendidas no exterior, e os penhores e a moeda estrangeira acabavam sempre no Reichsbank. Diversas peças de joias foram transferidas pela Loja Municipal de Penhores de Berlim. Os lucros eram, então, creditados na conta de “Max Heiliger” — um codinome para Himmler e a SS.

Mas nem tudo foi transferido antes de janeiro de 1945, o mês em que decidiram que até as joias deveriam ser enviadas para Merkers por segurança. O ouro e as barras de prata enchiam 18 sacolas grandes. O restante, que incluía todo tipo de itens de ouro e prata — de próteses dentárias a cigarreiras, e também diamantes, moedas e notas estrangeiras —, foi empacotado em cerca de duzentas malas e caixotes. Tudo isso chegara a Merkers três semanas antes, e os americanos encontraram o esconderijo apenas algumas horas antes de Reid aparecer no local.¹⁷

O jornalista também descobriu que o sal ainda era explorado em partes da mina, e que pelo menos duzentos prisioneiros de guerra britânicos realizavam trabalhos forçados ali, alguns havia mais de dois anos. Vários deles vinham da 51ª Divisão Highland e haviam sido capturados perto de Dunquerque em 1940. Reid parou para conversar com os poucos que ainda restavam. Eles sabiam tudo sobre os tesouros. Mas Reid garantiu a seus ouvintes na Grã-Bretanha que a pilhagem não os excitava tanto quanto os maços de cigarro que ele lhes deu.¹⁸

Da mesma forma, os generais americanos eram ambivalentes. “Se estivéssemos nos velhos tempos, quando um soldado pegava a sua parte no espólio”, brincou Bradley ao visitar a mina com Eisenhower e Patton, “você seria o homem mais rico do mundo”. Patton simplesmente sorriu.

De Merkers, os três dirigiram alguns quilômetros para o segundo lugar que Patton queria lhes mostrar. Ficava escondido em uma floresta de pinheiros na pequena cidade de Ohrdruf.

Alguns dias antes, soldados americanos tinham encontrado, ao acaso, no alojamento de um campo nazista, milhares de escravos trabalhando na construção de uma ferrovia. Quase todos eram russos, poloneses e judeus. A maioria havia sido evacuada pela SS para Buchenwald antes do avanço americano. Os demais, na maioria doentes, cansados e idosos, foram massacrados e seus corpos deixados para trás. Logo dentro da área cercada por arame farpado, os soldados encontraram dezenas de homens que haviam sido fuzilados, mortos a baioneta ou que tiveram suas cabeças esmagadas. Em uma das barracas de madeira, mais corpos estavam empilhados como lenha. Havia cal sobre eles. No bosque do lado de fora, os americanos encontraram uma cova bem profunda coberta com uma grade formada por trilhos de trem, bem suja com restos carbonizados de seres humanos. Abaixo, havia uma pilha de ossos, esqueletos e troncos carbonizados.

Um homem que dizia ser um dos prisioneiros do campo atuou como guia para os generais americanos. “Este foi um dos lugares mais apavorantes que eu vi na vida”, confessou Patton. Primeiramente, o guia lhes mostrou um cadafalso onde os homens que tentavam escapar eram enforcados. “O enforcamento era feito com um pedaço de corda de piano”, disse Patton no memorando especial que ditou em seguida para registrar o que tinha visto, “e os homens enforcados não caíam de uma distância suficiente para quebrar seus pescoços, sendo simplesmente estrangulados. Diz-se que os generais alemães condenados à morte após o atentado contra Hitler em julho foram executados da mesma maneira”. Patton continuou:

Então nós vimos uma mesa para chicotadas que se estendia até a altura do estômago. A pessoa a ser chicoteada tinha seus pés amarrados em uma armação de madeira. Era então puxada pelas mãos por sobre a mesa e espancada nas nádegas e costas com uma vara de cerca de 4 centímetros de diâmetro. Nosso guia disse ter levado 25 varadas. Mas ele

parecia tão bem alimentado que tive a impressão de que poderia ter sido um dos carrascos.

E realmente era. Dois dias após a visita, o homem foi esquartejado, membro a membro, por prisioneiros enfurecidos.¹⁹

O cheiro de morte, urina e fezes pairava sobre o campo. Corpos macilentos ainda estavam por enterrar, e piolhos andavam sobre suas peles amarelas e enrugadas. Algumas barrigas estavam cobertas de chagas negras e grossas de sangue seco, pois os prisioneiros famintos tinham rasgado as entranhas dos cadáveres para se alimentar. Bradley estava chocado demais para dizer qualquer coisa. Patton desapareceu para vomitar atrás de um muro. Eisenhower ficou pálido como um cadáver. “Dizem que os soldados americanos não sabem por que estão combatendo”, disse ele severamente. “Agora eles saberão pelo menos *contra o quê*.”

Ele tinha tomado a decisão de ver pessoalmente estas atrocidades para eliminar qualquer alegação futura de que aqueles horrores eram simplesmente propaganda de guerra. Logo depois de seu retorno ao quartel-general, ele telegrafou para Washington e Londres, convocando editores, parlamentares e membros do Congresso para verem aquilo com os próprios olhos. Ele estava determinado a não deixar brecha alguma para dúvidas sobre a natureza e a extensão dos horrores do nazismo, e queria que as provas fossem vistas por todos enquanto ainda eram recentes.

Mais tarde, pela mesma razão, 24 cidadãos de Gotha foram conduzidos à força pelo campo para testemunhar as atrocidades. Dois entre os mais importantes faltaram: naquela manhã, o prefeito e sua esposa, antes de se enforcarem em casa, preferiram cortar os pulsos a reconhecer os horrores que haviam acontecido na periferia de sua cidade.²⁰

Naquela noite, já de volta ao quartel-general de Patton e sob o efeito de uma bebida forte, Eisenhower deu ordens para a próxima fase da estratégia aliada. Patton estava totalmente disposto a tomar Berlim. Ele desconfiava dos russos muito mais do que Churchill. “Ike”, disse ele, “acho melhor ocuparmos Berlim bem depressa e depois seguirmos a leste para o Oder”. Porém, mais uma vez, Eisenhower discordou. Os americanos já estavam sem suprimentos, disse ele. Deixaria a capital de Hitler para os russos. Mais do que nunca seus olhos estavam fixados no Reduto Alpino. Por decisão de Ike, Patton faria uma

poderosa investida com seu III Exército até o Danúbio em direção a Linz e Salzburgo, enquanto no seu flanco direito o VII Exército de Patch, juntamente com o I Exército francês, se dirigiria para Munique e os Alpes. “Mesmo então”, observou o comandante supremo, “o Reduto Nacional poderia continuar existindo, e nossa missão é desbaratá-lo rapidamente antes que o inimigo tenha oportunidade de equipá-lo e organizar suas defesas”.²¹

As experiências do dia haviam provocado uma impressão indelével. Os americanos encontraram por acaso o tesouro de Merkers, e não como resultado de inteligência avançada. Isso levantou uma questão inevitável: que outros recursos desconhecidos os nazistas tinham acumulado em outras cavernas para continuar a luta? E com suas atrocidades agora reveladas ao mundo, o que mais eles, no seu fanatismo, poderiam fazer além de lutar? Se Eisenhower ainda tinha dúvidas, uma visita a Buchenwald na manhã seguinte iria eliminá-las de uma vez por todas.

“As coisas que eu vi superam todas as descrições”, ele escreveu a Marshall em Washington. “Enquanto andava pelo campo, encontrei três homens que tinham sido prisioneiros, mas que por alguma artimanha conseguiram escapar. Falei com eles por meio de um intérprete. As evidências visuais e o testemunho verbal desses homens que experimentaram a fome, a crueldade e a bestialidade eram tão chocantes que me deixaram enojado.” Patton recusara-se a entrar em um aposento, continuou ele, onde cerca de vinte a trinta homens nus haviam morrido de fome. O lugar o fazia vomitar, ele disse a Eisenhower.²²

A experiência abalou profundamente o comandante supremo dos Aliados. Eisenhower escreveu em suas memórias que nunca se sentira tão apto a descrever suas reações emocionais como quando esteve face a face com esta prova irrefutável da brutalidade dos nazistas e de seu descaso cruel com a decência humana. Aquilo estava “muito além do que a mente americana poderia conceber. Eu nunca, em momento algum, sofrera um impacto semelhante”.²³

Se isso era verdade para Eisenhower, era mais ainda para os soldados comuns de infantaria que descobriram as atrocidades no campo, ao acaso, e tiveram seus olhos abertos pela primeira vez para a natureza do inimigo. Nunca antes a insígnia na manga do uniforme do pessoal do SHAEF parecera tão apropriada: sobre um fundo preto representando a escuridão da opressão nazista, havia a espada de um cruzado que simbolizava a libertação. Na junção

do cabo com a lâmina da espada surgia uma chama que subia, e que pela descrição oficial do emblema era “a representação da justiça vingadora, pela qual o poder do inimigo seria destruído na Europa nazista”.

4. "UM ESTRANHO TOM APEROLADO"

No dia 21 de abril de 1945, Robert Reid estava de volta a Buchenwald a serviço da BBC. Os americanos já tinham erguido um monumento provisório em memória das 50 mil pessoas que, segundo as estimativas, haviam morrido no campo. Desta vez, Reid visitou os crematórios e viu com os próprios olhos o elevador de proporção industrial que transportava os corpos dos prisioneiros executados para os incineradores. Em sua companhia estavam membros de uma delegação de parlamentares ingleses que responderam a um pedido de Eisenhower e foram até a Alemanha para testemunhar pessoalmente os horrores.

Sendo o primeiro grande campo libertado, Buchenwald foi visitado várias vezes por delegações similares nos dias que se seguiram, mas o grupo inglês foi o primeiro a chegar, desembarcando 24 horas depois do telegrama de Eisenhower. Dele, faziam parte homens e mulheres, membros de todos os partidos políticos. Logo, três integrantes do Congresso dos Estados Unidos uniram-se a eles. Na delegação americana estava também Clare Booth-Luce, mulher do influente Harry Luce, fundador e editor-chefe das revistas *Time* e *Life*.

Nas bucólicas montanhas com vista para Weimar, agora mostrando o verde da primavera, equipes médicas americanas haviam começado um trabalho árduo para salvar os moribundos. Mas a situação era catastrófica e nem todos os corpos tinham sido ainda sepultados. Os civis alemães, chocados com aquela desgraça tão próxima, entravam e saíam dos hospitais improvisados, ouviam os testemunhos dos sobreviventes e observavam, incrédulos, os corpos magérrimos — centenas deles — sendo enterrados nas sepulturas cavadas em série por máquinas de terraplanagem do Exército americano. “Uma das coisas

mais horríveis daquele lugar”, disse um parlamentar para Robert Reid, depois de visitar o crematório, “foi ver o sangue-frio, tipicamente alemão, com que tudo foi organizado”.

Eles todos tinham visto fotografias de Buchenwald antecipadamente e sabiam o que os esperava, mas nenhuma das fotos era capaz de mostrar o cheiro dos mortos e das doenças que invadiu suas narinas, ou de prepará-los para a experiência de conversar cara a cara com os sobreviventes. “Aos parlamentares não foram mostradas apenas as tocas de ratos nos cubículos onde milhares de prisioneiros viveram e morreram, os corpos esqueléticos daqueles que um dia foram humanos e que agora esperavam por um enterro cristão [sic] decente, e o crematório com ossos ainda espalhados no forno”, contou um Reid emocionado aos ouvintes da BBC na Grã-Bretanha. “Eles tiveram também a oportunidade de conversar com muitos prisioneiros e tudo o que ouviram confirma cada matéria de jornal e cada transmissão de rádio sobre aquele lugar.”

Em parte, foi a chocante coexistência entre a beleza da paisagem e a brutalidade do campo que inspirou Eisenhower a insistir para que os civis alemães da região de Weimar fossem testemunhar in loco os horrores que haviam acontecido no fundo de seus quintais. Ele não queria desculpas ou protestos sobre a “inocência alemã” nos anos que viriam. Pelo menos mil moradores das imediações teriam de visitar o campo e o hospital. Metade deles, mulheres. “Aqueles requisitados a fazer a visita incluem: homens e mulheres de 18 a 45 anos, sobretudo os que pertenceram ao Partido Nacional-Socialista”, diziam suas ordens.

Dois terços devem pertencer às classes mais abastadas e um terço, às baixas. Devem ter resistência suficiente para aguentar a marcha e a inspeção no campo (que terá duração de cerca de seis horas; a distância é de 25 quilômetros). Todos devem trazer comida e se alimentar antes da visita. Nada acontecerá aos participantes. A marcha será acompanhada por caminhões da Cruz Vermelha alemã e médicos, a fim de prover qualquer assistência que se faça necessária.¹

Reid estava lá para testemunhar a cena. Cerca de 12 grupos de alemães — homens, mulheres, rapazes e moças — foram guiados pelo campo, escoltados por policiais do Exército americano e por líderes dos grupos de prisioneiros, e

forçados a encarar, como Reid contou a seus ouvintes da BBC, “os montes de esqueletos cobertos por peles arroxeadas e enrugadas como pergaminhos”. Era uma tarde quente, ele disse, “e o mau cheiro por causa da decomposição dos cadáveres contaminava o ar empoeirado de Buchenwald. Alguns dos alemães mais imperturbáveis apenas olhavam os corpos e não diziam nada. Era impossível sondar seus semblantes e perscrutar suas mentes para saber o que estavam pensando”.

Sua revolta era um pouco pessoal. Ele e Vera haviam abrigado uma refugiada judia de Viena em sua casa na Grã-Bretanha. Ele sabia, pelo que a hóspede lhes dissera, que muita gente respeitável tinha virado as costas para as vítimas de Hitler e optado por ignorar o que estava acontecendo.²

Buchenwald rendeu manchetes ao redor do mundo. Mas os cidadãos britânicos estavam ainda mais assustados pelo horror que suas próprias tropas haviam descoberto recentemente nas florestas de pinheiros do norte da Alemanha.

Celle é uma cidadezinha às margens do rio Aller, cerca de 50 quilômetros a nordeste de Hanover, na estrada para Hamburgo. Perto dela, as forças britânicas de Montgomery montaram um quartel-general quando a linha de frente iniciou seu avanço contínuo em direção ao mar Báltico. Adiante, estava a Charneca de Lüneburg. Na terça-feira, 12 de abril, um coronel da Wehrmacht se aproximou de motocicleta com uma bandeira branca tremulando. Ele pediu para falar com um oficial britânico de alta patente. Com os olhos vendados, o alemão foi levado ao quartel-general.

O coronel estava propondo uma trégua local. A razão, ele explicou, era uma epidemia de tifo em um campo de concentração próximo dali. Se os combates chegassem ao campo, ele temia que os prisioneiros pudessem fugir e alastrar a doença. Depois de muita discussão, sua proposta foi aceita. Foi acordado que, quando as tropas britânicas chegassem a determinado ponto da estrada, o cessar-fogo entraria em vigor.

Três dias depois, as tropas britânicas chegaram à linha combinada. Neste grupo estava o major David Finnie da 11ª Divisão Blindada, um oficial com apenas 23 anos de idade. Ele liderava um comboio de meias-lagartas por uma estrada estreita e cheia de veículos em direção à cidade de Bergen. Eles alcançaram uma ponte sobre o Aller e então, subitamente, o comboio se deteve.

Em ambos os lados havia pântanos; adiante, uma densa floresta de pinheiros. Estavam emperrados. “Nós ficamos ali, esperando, naquele dia gostoso de primavera”, recordou Finnie. De vez em quando uma granada alemã explodia nas proximidades.

Finalmente, ele foi informado pela primeira vez sobre a trégua. O comboio tinha chegado no limite da área combinada. Finnie, então, marcou devidamente o local em seu mapa.³

Enquanto isso, um pequeno destacamento britânico entrou no campo. Um dos primeiros a chegar foi um jovem oficial de inteligência chamado Derrick Sington, que nunca esqueceu o que chegou aos seus olhos, ou ao seu olfato:

Aquilo me lembrava a entrada de um zoológico. Percebemos um odor de excremento — como o fedor de uma jaula de macacos. Uma sinistra fumaça azul fluuava como poeira entre os prédios baixos. Eu já tinha tentado imaginar como seria o interior de um campo de concentração, mas não daquela maneira. Nem tinha imaginado o estranho amontoado símio que se aglomerava junto à cerca de arame farpado que circundava o lugar, com suas cabeças raspadas e seus vergonhosos trajes listrados de prisioneiros [...] Nós já tínhamos sido recepcionados, mas os cumprimentos um tanto incrédulos daqueles homens destroçados, bufões em roupas terríveis, que um dia haviam sido oficiais poloneses, agricultores na Ucrânia, doutores em Budapeste e estudantes na França, provocaram em mim uma emoção tão forte que tive de lutar contra as lágrimas.⁴

No portão principal, o oficial britânico encarregado de controlar o campo encontrou um oficial da Wehrmacht, e este o levou até o comandante-geral do campo, o capitão da SS Josef Kramer, um veterano de Auschwitz. A primeira coisa que Kramer fez foi insistir para que seus homens não fossem desarmados. Se isso acontecesse, explicou, seriam esquartejados pelos prisioneiros. Os ingleses concordaram que por enquanto eles poderiam manter suas armas.

Kramer, então, levou os ingleses para conhecer o campo, sempre deixando claro que ele chegara havia pouco tempo e que a maioria das coisas que eles veriam já estava acontecendo antes que ele assumisse a posição. Ainda assim, não parecia envergonhado e afirmou que tentara fazer o melhor que pôde. Mas os soldados britânicos nunca esqueceram o que viram naquele dia. Eles, e todos os que os seguiram, registra um historiador, “sentiram a mesma sequência de emoções: incredulidade, espanto, horror e raiva”.⁵

Bergen-Belsen, na verdade, era um complexo de dois campos em um. No Campo 1 estavam abarrotados 50 mil internos, metade deles mulheres; destas, em torno de 18 mil eram húngaras, polonesas, romenas, tchecas ou judias alemãs, em sua maioria as únicas sobreviventes de famílias que haviam perecido nas câmaras de gás em Birkenau (Auschwitz) ou Treblinka. As restantes eram russas, iugoslavas, polacas, francesas e belgas que haviam sido presas como ativistas da resistência. O Campo 2 estava situado perto de uma escola de treinamento de blindados no mesmo terreno e só recebia internos masculinos — em torno de 15 mil homens. O grupo maior era de russos, que compunham em torno de 60% do total, seguidos pelos polacos. Havia entre 1.600 e 1.800 alemães e cerca de 2 mil gregos, franceses, belgas e tchecos, igualmente repartidos — os demais eram holandeses e iugoslavos.⁶

De longe, o pior dos dois era o Campo 1. Ali, amontoados em cem cabanas de madeira minúsculas, ou estendidos em pátios sem muros e expostos às intempéries, jaziam dezenas de milhares de prisioneiros definhados e doentes. A maioria estava morrendo de disenteria, tuberculose ou tifo. Os homens estavam vestidos com o uniforme típico dos campos de concentração, que parecia um pijama listrado, ou simplesmente em trapos imundos. As mulheres usavam roupões listrados de flanela. Alguns poucos calçavam sapatos. Por muitos dias, em decorrência da aproximação da frente de batalha, a energia elétrica e a água haviam sido cortadas. O saneamento básico, que já era precário, agora já não existia. Os internos estavam morrendo em uma escala de quinhentos por dia. Em frente a uma das cabanas femininas havia uma pilha de cadáveres por enterrar. Dentro dela, corpos de mulheres mortas ocupavam todo o espaço do corredor, e no dormitório principal havia um aglomerado de cadáveres bloqueando o acesso.

O lugar fedia a carne podre, fezes e urina. “Era como um deserto árido, tão vazio de vegetação quanto uma galinha depenada”, descreveu o oficial de uma unidade de socorro do Exército.

Os cadáveres estavam por toda parte, alguns em grandes montes, onde haviam sido descarregados pelos outros internos, às vezes isolados ou em pares, no local onde caíram depois de deixarem uma trilha de rastros imundos [...] vi mulheres debruçadas no próprio vômito porque estavam fracas demais para se mexer, e homens comendo vermes quando agarravam a metade de uma fatia de pão, porque precisavam desesperadamente

comer, mas não conseguiam mais distinguir o que era pão e o que era verme. Amontoados de corpos, nus e deploráveis, e uma mulher apoiando-se neles por estar fraca demais para ficar de pé enquanto cozinhava em uma chama aberta a comida que lhe demos. Homens e mulheres se agachando em qualquer lugar possível no descampado, para dar vazão à diarreia que dilacerava seus corpos. Uma mulher completamente despida lavando-se com sabão molhado na água de um tanque onde boiavam os restos de uma criança.

Esta era apenas a miséria à primeira vista. No interior das cabanas de madeira lotadas, as tropas de libertação britânicas encontraram cenas do Inferno de Dante. Esforços frenéticos foram feitos para salvar o maior número de vidas possível, mas a tentativa se mostrava quase infrutífera.

A primeira e desesperada necessidade era por comida e água, e em 24 horas comboios de caminhões-pipa, alimentos e utensílios de cozinha chegaram ao local. Entretanto, a maior parte da comida era rica demais para os doentes: muitos deles a devoraram e morreram pouco depois. Mas foi o número alarmante de emergências médicas o que mais impactou os libertadores. Após uma rápida inspeção, descobriu-se que 17 mil mulheres no Campo 1 necessitavam de internação hospitalar imediata, só que não havia hospital. Uma emergência podia ser montada na escola de blindados, mas isso levaria tempo. E embora uma evacuação escalonada tivesse sido cogitada, haveria atrasos fatais. Enquanto isso, a contagem de mortos continuava a crescer.

Duas semanas depois de entrar no campo, o serviço médico do Exército britânico ainda estava tão sobrecarregado que pediu ajuda desesperada a Londres, que enviou 96 estudantes de medicina. Cada um foi lotado em uma cabana com a ordem de tornar as condições as mais salubres possíveis enquanto os internos esperavam para ser transferidos para um leito de hospital. Eles também deviam controlar a dieta diária de cada paciente, para que os mais fortes não se apoderassem da porção dos mais fracos.

Um dos estudantes deixou um relato vívido sobre sua cabana:

Ali estavam as pessoas mais cadavéricas que já vi na vida. Deveria haver uma luz no fim do túnel, mas elas não conseguiam se levantar e ir até lá. [Na cabana] os excrementos iam quase até a altura do tornozelo. As pessoas estavam muito fracas para usar [o banheiro] e descarregavam suas fezes e urina ali mesmo, e elas escorriam de um cômodo para outro.

Outro estudante registrou um momento singular de horror:

Eu estava em pé no meio de toda aquela imundície, tentando me acostumar ao cheiro, que era uma mistura de necrotério com fedor de esgoto, suor e pus, quando ouvi um barulho vindo do chão. Eu olhei e avistei a meia-luz uma mulher agachada a meus pés. Ela tinha um cabelo preto emaranhado, cheio de piolhos, e suas costelas saltavam como se não houvesse nada entre elas, seus braços eram tão magros que me aterrorizaram. Ela estava defecando, mas estava tão fraca que não conseguia erguer suas nádegas do chão e, como sofria de diarreia, o líquido amarelo borbulhava sobre suas coxas.

Quando os estudantes caminhavam pelas cabanas, as mulheres agarravam suas mangas em desespero, gritando, “*Herr Doktor! Herr Doktor!*”, e lhes contavam suas tristes histórias: “Minha mãe e meu pai foram queimados em Auschwitz”; “Meu marido foi chicoteado até a morte pela SS”; ou perguntavam suplicantes: “Voltarei a ser bonita algum dia, *Herr Doktor?*”⁷

As fichas de identificação das vítimas foram abandonadas, ou nunca chegaram a existir. Para tornar as coisas piores, os parentes consanguíneos eram muitas vezes separados no processo de evacuação dos campos, fato que causou enorme aflição. Entretanto, gradualmente, as enfermeiras começaram a catalogar a história pessoal dos sobreviventes, junto com detalhes sobre seus parentes perdidos. Este processo revelou, mais uma vez, a desumanidade chocante dos nazistas, como relatou uma enfermeira da Cruz Vermelha suíça que pediu a uma paciente para informar seu nome, nacionalidade e lugar de origem: “A mulher não sabia o que dizer. Por fim, ela levantou a manga de sua camisola e murmurou: ‘Eu... não tenho nome — só número — nem país, sou só uma judia, me entende? Sou apenas um cachorro’.”⁸

O problema mais alarmante era o tifo. Devido às condições insalubres, ele tinha se alastrado rapidamente pelo campo. O piolho é o principal propagador do tifo, que primeiro se revela como uma erupção de pele, seguida de febre, dores fortes na cabeça e no corpo, e então, insuficiência renal e gangrena. Algumas vezes, o tifo penetra no sistema nervoso central, provocando uma morte agonizante e convulsiva. Uma de suas vítimas foi Anne Frank, que morreu de tifo em Belsen naquele mês de fevereiro.

Para estancar a epidemia da doença, o piolho tinha que ser exterminado. Então, todos no campo, e não só os prisioneiros, tiveram que se submeter à

aplicação do inseticida DDT. “Uma borrifada em cada manga. Uma dentro das calças. Outras duas nas costas e na frente das camisas ou blusas, e uma última no cabelo”, recordou um visitante. Foram impostas também restrições severas à velocidade dos veículos no interior do campo, para que não levantassem poeira, que continha e espalhava as fezes mortais dos piolhos. Aos poucos, a taxa de mortalidade no campo foi diminuindo e, no fim daquele mês, estava em trezentos óbitos por dia. À medida que as cabanas imundas e contaminadas eram esvaziadas, imediatamente eram incendiadas até virarem cinzas.

Enquanto os médicos e as enfermeiras dedicavam-se incansavelmente aos sobreviventes, o trabalho de enterrar os corpos prosseguia sem cessar. Os números eram grandes demais para permitir covas individuais, ou para que se observasse qualquer dignidade no sepultamento. Em vez disso, como aconteceu em Buchenwald, as escavadeiras militares fizeram grandes valas ao ar livre e os corpos eram lançados ali. No início, esta tarefa cruel foi dada aos guardas remanescentes da SS, que estavam sendo deliberadamente alimentados com a comida que davam aos prisioneiros antes da libertação. Dois dias depois, dois deles cometeram suicídio, um enlouqueceu, e outro se disfarçou de prisioneiro e foi baleado quando tentava fugir.

Um correspondente de guerra, Alan Moorehead, que acompanhava as forças britânicas no noroeste da Alemanha, observou uma destas cenas de sepultamento:

Nós vimos um grupo de guardas alemães atirando os corpos em uma vala de cerca de 10 metros quadrados. Eles traziam os corpos em um carrinho de mão, e à medida que estes iam sendo jogados na cova, um soldado inglês fazia a contagem. Quando o total em cada vala atingia quinhentos corpos, uma escavadeira dirigida por outro soldado vinha e começava a jogar terra sobre a sepultura. Os corpos empilhados, pequenos como corpos de crianças, tinham um estranho tom aperolado [...] todos os padrões normais pelos quais se reconhece um corpo humano haviam praticamente desaparecido.⁹

Finalmente, decidiu-se agilizar os trabalhos simplesmente empurrando os cadáveres nas valas com uma escavadeira. Um padre e um rabino rezavam então sobre a cova.

Belsen nunca chegou a ser um centro oficial de extermínio como Auschwitz e Treblinka. Nem foi um dos campos de concentração utilizados no pré-guerra

para os opositores políticos do nazismo, como Buchenwald e Dachau, onde Fey von Hassell ainda permanecia. Ironicamente, o campo de Belsen tinha sido construído em 1943 como um campo relativamente brando para prisioneiros privilegiados, sobretudo judeus com ligações importantes, que os nazistas pretendiam trocar por alemães presos em países aliados. Entretanto, apenas um pequeno grupo chegou a ser permutado, e no final de 1944, o campo havia se degenerado em apenas mais buraco do inferno no vasto gulag nazista de arames farpados que se alastrara pela nova Europa de Hitler, “o terminal, a última estação”, diziam, “do Holocausto”.¹⁰

Em pouco tempo, Belsen estava amontado de prisioneiros evacuados da Polônia e do leste da Alemanha pela proximidade dos invasores russos, de enfermos dos campos de trabalhos forçados de todo o Reich e de milhares de outras vítimas capturadas pelo império decadente de Hitler sem nenhuma razão evidente. A única certeza que emergiu do caos era que Himmler esperava conseguir um acordo para salvar a própria vida. Em março, um de seus principais auxiliares, o SS Obergruppenführer Oswald Pohl, tinha visitado o campo a pedido de Josef Kramer. Chocado com o que viu, ele providenciou a remoção rápida de 7 mil dos “judeus permutáveis” que lá permaneciam, na esperança de que ainda pudessem ser trocados com os Aliados por alguma coisa que salvasse seu chefe. No entanto, mesmo depois que estes judeus deixaram o campo, mais carga humana continuou a chegar.

No começo de abril, o número de prisioneiros havia atingido 40 mil, contra apenas 15 mil em dezembro do ano anterior — muitos outros milhares desembarcaram nas semanas seguintes. As condições tornaram-se consideravelmente piores com a chegada dos administradores de Auschwitz, homens e mulheres já calejados quando o assunto era brutalidade e morte. Kramer era um nazista entusiasmado e obediente, cuja indiferença absoluta pela sordidez que o rodeava desafiava a lógica. Uma de suas primeiras medidas foi impor um regime perverso ao nomear “kapos” arianos (internos de confiança) em cada cabana e aterrorizar os prisioneiros com intermináveis listas de chamada. A epidemia de tifo chegou ao auge em fevereiro. Em março, o empenho para enterrar os mortos já tinha sido abandonado.

Uma musicista francesa, que chegou a tocar na orquestra do campo, contraíra tifo duas semanas antes da chegada dos ingleses. Ela recorda:

Eu tive uma diarreia abominável e me vi como um animal doente deitado sobre seu próprio excremento. A partir de 8 de abril, tudo a minha volta se transformou em um pesadelo. Eu era apenas uma cabeça que explodia, um intestino e um ânus em permanente atividade. Uma fileira acima de mim estava uma garota francesa que eu não conhecia; em meus instantes de lucidez, eu a ouvia falar em uma voz clara, calma e até prazerosa: “Preciso cagar, mas preciso cagar na sua cabeça, é mais higiênico!” Ela tinha ficado louca; outras, igualmente fora de si, gargalhavam sem parar ou brigavam. Ninguém mais veio nos ver, nem mesmo a SS. Eles tinham desligado a água.¹¹

Por todo o mundo, transmissões radiofônicas, manchetes de jornal e fotos de Belsen com relatos dos horrores detonaram um mal-estar e uma comoção universal. Kramer e seus guardas da SS, homens e mulheres, foram denunciados como “As Feras de Belsen”. Poucas horas após a tomada do campo, Kramer foi mantido preso em sua própria caserna. No dia seguinte, ele foi removido de Belsen e colocado num porão. Ali, foi interrogado pelos oficiais de segurança e, em seguida — já execrado nas manchetes como “O Monstro Algemado de Belsen” —, levado para o campo de prisioneiros de guerra de Celle.

As guardas femininas de Belsen provocavam uma repulsa especial, ao exibir um comportamento que afrontava tudo o que as mulheres da época deveriam representar. “Elas faziam seu papel de vilãs torturando e matando de fome milhares de homens, mulheres e crianças”, lia-se na legenda de uma foto que mostrava três dessas mulheres bem-nutridas. “Elas chicoteavam mulheres fracas demais para andar e urravam sadicamente diante de suas vítimas moribundas.” Outras legendas as descreviam como “capangas” que “empunhavam com alegria os chicotes de Himmler”. Se alguma coisa era necessária para provar que os Aliados estavam combatendo por uma causa justa, isto servia. Os alemães eram “As Feras da Europa”, estampavam as manchetes.¹² E as forças de libertação acreditavam claramente que a nação como um todo era responsável pelos crimes nazistas.

Nove dias após as forças britânicas entrarem no campo, os prefeitos e as autoridades de Celle e dos vilarejos vizinhos foram trazidos a Belsen e tudo lhes foi mostrado. Eles foram levados até a vala que era usada como sepultura, ainda cheia de corpos, e depois obrigados a se perfilar junto aos homens e mulheres da SS. Então, o comandante inglês leu um longo comunicado. “O

que vocês viram aqui”, ele lhes disse, “é a condenação final e definitiva do Partido Nazista. Isto justifica todas as medidas que as Nações Unidas tomarão para exterminar o partido. O que vocês viram aqui é uma desonra tão grande para o povo alemão que seu nome deve ser riscado para sempre da lista das nações civilizadas”. Sobretudo, ele deixou clara a sua intenção de incriminá-los também. “Quem assume a responsabilidade final?”, perguntou dramaticamente. “*Vocês*, que deram o aval para que seu Führer pusesse em prática seus delírios e caprichos. *Vocês*, que foram incapazes de fazer qualquer coisa para deter seus avanços pervertidos [...] *Vocês*, que não se levantaram espontaneamente para limpar o nome da Alemanha, sem temer as consequências. *Vocês* estão aqui sendo julgados pelo que viram neste campo.” Um dos prefeitos cobriu o rosto com as mãos e chorou. Outro vomitou. Um terceiro recusou-se a olhar para a vala a sua frente. Todos disseram que jamais imaginaram que aquilo estivesse acontecendo.¹³

Seguindo os termos da rendição, os guardas do campo permaneceram temporariamente em suas funções. Os cozinheiros e outros servidores domésticos também continuaram trabalhando até serem substituídos por ingleses. Mais tarde, foi acordado que, não mais de seis dias após a chegada dos ingleses, todo o pessoal da Wehrmacht seria mandado de volta para as fileiras alemãs com seus equipamentos, armas e veículos, mas isso não se aplicava ao pessoal da SS.

Os seis dias se completaram no aniversário de Hitler. Às 8h30, um comboio de caminhões do Exército britânico estacionou no portão do campo e embarcou quatrocentos soldados da Wehrmacht. Dois dias antes, uma contagem revelara que apenas 54 deles desejavam retornar ao Reich, e que os outros ficariam felizes em se tornar prisioneiros de guerra. Mas os ingleses indeferiram o pedido. Uma testemunha ocular recorda:

Em seus uniformes cinza, eles marchavam, carregando seus rifles, bazucas, granadas e morteiros, com o suor escorrendo por baixo dos capacetes de aço, abrindo sulcos nos rostos empoeirados. Os homens da Wehrmacht marchavam para fora deste necrotério a fim de tomar posição contra nossas tropas. Nossos homens, com expressão severa, observavam de armas engatilhadas enquanto eles partiam [...] Ao passar pelas casernas vazias e esverdeadas que lhes haviam servido de moradia, eles pareciam aliviados [...] acreditavam com segurança que não seriam designados para a linha de frente. Tinham

sido guardas por muito tempo e não sabiam que Hitler estava mandando estudantes para as linhas inimigas.¹⁴

Enquanto as tropas alemãs deixavam o campo, centenas de internos que ainda tinham alguma força berravam e urravam como animais. Um dos prisioneiros, fraco demais para se unir ao coro, mergulhou numa poça uma solitária casca de pão a fim de torná-la macia o bastante para ser engolida. Para piorar as coisas, antes de partir, os alemães já haviam deliberadamente destruído o suprimento de água da caserna.¹⁵

Perto dali, em Lüneburg, Bryan Samain ainda não sabia dos horrores de Belsen. Seu único vislumbre do que um campo de concentração podia significar tinha vindo na escola, quando ele só tinha 13 anos e nenhum interesse em política e assuntos internacionais: um dia, na capela, o culto foi dirigido por um pastor alemão visitante. O homem de Deus era um refugiado e mostrou seu braço. Chocado, Samain viu ali números azuis tatuados.¹⁶

Sua principal responsabilidade desde o desembarque na Normandia era como oficial de inteligência da sua unidade. Ele passara seis semanas na escola de treinamento da inteligência militar do Exército britânico em Matlock, Derbyshire. Instalada em grande hotel do pré-guerra, a escola ainda conservava plantas na recepção e uma estufa da era vitoriana. Sua equipe incluía várias belas moças do Serviço de Auxílio Territorial. Boa parte do treinamento envolvia trabalho com mapas e bússolas, assim como TEWTS, que Samain logo descobriu serem os “exercícios táticos sem tropas”. Isso, recordou ele, “normalmente implicava se posicionar em uma montanha e discutir o movimento e deslocamento das tropas, tanto as ‘suas’ como as do ‘inimigo’, dentro da situação apresentada”.¹⁷

No treinamento básico, ele já se familiarizara com a maior parte desse trabalho, mas havia ainda muita coisa nova a aprender: como interrogar prisioneiros de guerra, estudos sobre as linhas de batalha do inimigo, códigos da linha de frente, como escrever com precisão relatórios sobre situações específicas. A aula de que Samain mais gostava era sobre as linhas de batalha do inimigo. Ela envolvia aprendizagem sobre a organização do Exército alemão e suas divisões na Europa Ocidental — e continha um elemento intelectual de resolução de quebra-cabeças. “Nós logo aprendemos que, a partir

da captura de um simples inimigo prisioneiro de guerra, podíamos deduzir o regimento a que ele pertencia pelo nome ou número de sua unidade, a divisão de que aquele regimento fazia parte, e daí por diante.” Ao longo do curso, ele era constantemente lembrado de seu papel básico como oficial de inteligência: “Agora sei isso, quem preciso informar?”

E era isso que ele estava fazendo na maior parte do tempo desde que cruzara o canal da Mancha. O oficial de inteligência da sua unidade havia sido morto no próprio Dia D, e Samain fora escolhido para substituí-lo por seu empenho no curso de Matlock. Sua equipe incluía um sargento, um cabo e seis fuzileiros navais. Sua tarefa, como ele mais tarde descreveu, era coletar, analisar e passar informações operacionais quando encontrassem seu oficial-comandante e a brigada de inteligência. “Para este último propósito”, disse ele, “eu ia sempre ao QG da Brigada, pouco mais de um quilômetro atrás de nós, geralmente de bicicleta. Certa vez, percorrendo uma estrada deserta, fui atirado da bicicleta por uma granada lançada a esmo que explodiu perto de mim”. Ele também tinha que garantir que os homens da linha de frente estivessem absolutamente atualizados com os últimos posicionamentos das linhas inimigas, em especial pelos mapas de fotorreconhecimento feitos poucas horas antes. Para isso, ele se movia com agilidade também para a frente, levando as informações aos homens entrincheirados.

Mas ele também passava muito tempo sob fogo cruzado por outro motivo: sua especialização como franco-atirador.

Apesar do treinamento, os civis que viravam soldados achavam muito difícil matar. Eles tentavam evitar isso, ou matar apenas quando se tratava de uma questão de vida ou morte. De preferência, faziam o trabalho a distância, para não precisarem ver o impacto das balas em suas vítimas, as quais reconheciam como seres humanos. Só uma pequena minoria sentia prazer no assassinato, e, depois que a guerra acabou, poucos quiseram falar sobre isso. Muitos sentiam-se culpados. A recordação de um soldado inglês que combateu nas forças de Montgomery é emblemática:

Eu era um caipira, mas eles me ensinaram a matar em um mês e meio. Inacreditável. Eu nunca teria matado alguém em um milhão de anos sobre a terra. Mas não há dois caminhos a respeito disso, você se adapta [...] Primeiro eu matei com a Bren, uma metralhadora ligeira — isso faz muito tempo [...] eu era melindroso quando entrei pela

primeira vez num combate corpo a corpo — quando fiz meu primeiro ataque de baioneta. Mas eu era bom em bloquear minha mente [...] é matar ou morrer. Se você pensa que eles não farão isso com você, é um homem morto. Então, quer eles atirem, quer não, você tem que atirar primeiro.¹⁸

Matar a sangue-frio era duro. Isso é o que tornava os franco-atiradores especiais. Era sua única tarefa, “mirar na cabeça de um homem e puxar o gatilho”, observa um historiador.

A abordagem tinha que ser tranquila e não havia espaço para emoções. Alguns chegaram ao ponto de manter cadernetas nas quais anotavam sua “carga” diária. Atiradores britânicos operando em casas nas imediações de Arnhem usavam lápis para marcar suas matanças diárias nos móveis ou nas paredes. Alguns homens da infantaria consideravam essa atividade desonrosa e desprezavam seus próprios atiradores tanto quanto temiam o inimigo.¹⁹

A prática, porém, tinha um lugar privilegiado nas campanhas militares através dos tempos; foi um franco-atirador que, escondido no cordame de um navio francês, feriu mortalmente o almirante Nelson, na Batalha de Trafalgar, em 1805, enquanto ele estava no convés do *Victory*. Historicamente, os peritos na técnica eram conhecidos como “atiradores de precisão” [*sharpshooters*], mas durante os tempos de Raj, na Índia, alguns oficiais entediados desenvolveram o esporte de atirar em narcejas [*snipes*] velozes para testar seus reflexos e pontaria — e o novo termo [*sniper*, franco-atirador] foi adotado.

Se fosse pego, o franco-atirador dificilmente tinha um final feliz. Algumas vezes, podia oferecer informações úteis. Na maioria dos casos, porém, era eliminado sem grandes cerimônias. “Não havia tempo para se perder com eles”, observou Samain, que não conseguiu se lembrar de qualquer ocasião em que a vida de um franco-atirador inimigo tivesse sido poupada.

Para aperfeiçoar suas próprias habilidades de tiro, que havia aprendido na escola de cadetes, Samain foi mandado para um curso específico do Exército britânico em Devizes, Wiltshire, para atiradores britânicos e também americanos e canadenses. “Lembro em especial de um jovem camponês canadense. Ele conseguia acertar uma lata com o rifle a 90 metros de distância, e então fazer o mesmo com outras latas em uma sequência de tiros.” Mas estes

talentos não eram levados em conta no curso: os talentos que os instrutores estavam procurando eram a paciência, o deslocamento furtivo e a capacidade de disparar um único tiro certo no momento certo.

Samain exercitou repetidamente o repertório básico do treinamento dos comandos: o uso adequado de camuflagem natural como cercas vivas e valas, as sombras de árvores e prédios, e assim por diante. Mas aprendeu também a preparar um esconderijo de atirador. Em linhas gerais, isso envolvia cavar uma trincheira rasa em uma cerca viva e se esconder ali, coberto por galhos e folhagem, garantindo um amplo campo de fogo. Sua arma em geral era um rifle Lee-Enfield Mark I, com visor telescópico destacável, que ele carregava separado em uma caixa de metal. Ele usava também um binóculo padrão do Exército britânico.

Ele camuflava seu rosto e as costas das mãos com lama ou pasta escura, e usava uma malha marrom-esverdeada para cobrir o corpo. Como sua unidade dispunha de apenas quatro franco-atiradores, contando com ele, Samain aprendera depressa na Normandia que havia pouco tempo para preparar esconderijos, então fazia uso da camuflagem natural ou do telhado de um prédio antigo, ou de um estábulo ou celeiro abandonado. Ao contrário dos soldados colaboracionistas franceses ou da Wehrmacht, ele não se amarrava a uma chaminé ou no galho alto de uma árvore. Achava que essas posições impediriam uma fuga rápida, se necessário.

Muito da vida do franco-atirador, como seu treinamento demonstrara, envolvia longas horas de espera paciente. Um caso típico foi a patrulha em que ele foi enviado com dois outros atiradores. Pouco antes do nascer do sol, eles desembocaram em uma terra de ninguém entre as frentes britânicas e alemãs, tentando alcançar uma casa de fazenda deserta alguns quilômetros adiante. Na travessia até lá era preciso passar por estradas de terra esburacadas e estreitas, trechos de bosque despedaçados por explosões e campos áridos. “O mau cheiro do gado morto e em decomposição contaminava o ar”, recordou ele, “e nos bosques havia cadáveres alemães e ingleses, entre eles os de vários paraquedistas que tinham saltado no Dia D e cujos corpos pendiam das árvores”. A não ser pelos disparos esporádicos da artilharia, o silêncio era total.

Eles acharam que a fazenda estava abandonada, então, cautelosamente, ocuparam as posições de tiro — “no alto de uma escada não muito firme na casa principal e no sótão, de onde podíamos ter alguma visão das linhas

inimigas por entre as telhas quebradas”. Durante duas ou três horas, eles vigiaram, incomodados o tempo todo por enxames de mosquitos. Então, subitamente, perceberam um movimento sutil atrás de uma cerca viva que lhes ocultava a visão das posições alemães. Este foi seguido por um brilho opaco de capacetes. Era um pequeno grupo de soldados movendo-se pela brecha da cerca viva.

Um dos atiradores que estavam com Samain disparou um tiro solitário. A partir daí, não houve mais sinal de movimentação. A patrulha dos comandos ficou em completo silêncio e imóvel por um bom tempo, apesar da investida dos mosquitos, esperando para ver se algum outro alvo se apresentava. Nada. Por fim, eles se retiraram lenta e silenciosamente, deixando a fazenda da mesma forma cautelosa como haviam chegado. Não poderiam contabilizar uma morte naquele dia, mas Samain se consolava com o pensamento de que haviam dado uma pequena contribuição, fazendo talvez os alemães pensarem duas vezes antes de desferir um ataque.²⁰

É claro que os franco-atiradores alemães também estavam em ação, mas havia outros perigos ocultos, e Samain teve sorte de não ter sido vítima fatal de um deles. Pouco depois de assumir como oficial da inteligência, ele avançava por uma área de floresta densa na Normandia quando rompeu um fio esticado entre duas árvores e detonou uma armadilha estúpida. A granada que explodiu lançou estilhaços em seu peito e suas costas, e ele foi rapidamente embarcado para uma base de primeiros socorros, sendo então transferido de ambulância para um hospital em Bayeux. Ficou internado por cerca de vinte dias, dividindo uma enfermaria com alguns queimados graves de um grupamento de tanques que eram alimentados a canudinho. Quando teve alta e pôde voltar à ativa, a primeira coisa que fez foi ir à missa na catedral da cidade.

Ele soube, então, que sua unidade havia retornado à Grã-Bretanha para uma reciclagem e conseguiu carona em um Dakota da Força Aérea americana. O avião estava cheio de pequenos engradados e outros pacotes vindos de Bruxelas, que tinha sido libertada. A maior parte era de champanhe, perfume e meias de seda. Na base de Northolt, ele ganhou outra carona, agora de um mensageiro do rei, do Ministério das Relações Exteriores, que estava aguardando o avião em uma limusine Daimler. Enquanto se dirigiam a Londres, Samain percebeu que viajava com vários dos pacotes pilhados de Bruxelas, que tinham sido acomodados na mala do carro.

Mesmo quando Belsen estava sendo esvaziado e desativado, os nazistas ainda arrastavam freneticamente os prisioneiros de seus campos de concentração, acudados pelas forças britânicas que agora se aproximavam velozmente de Hamburgo. Nas cercanias deste porto agora bombardeado, e que um dia fora o lar de Fred Warner, ficava outro campo famoso: Neuengamme. Outrora um subcampo de Sachsenhausen, com o tempo Neuengamme absorveu dezenas de campos satélites dele próprio e, em 1945, abrigava 13 mil prisioneiros, entre homens e mulheres. Neuengamme sempre foi um lugar brutal, caracterizado por fome, abusos físicos e total falta de higiene e assistência médica, com os internos sendo submetidos a trabalhos forçados nas pedreiras e fábricas de munição. A taxa de mortalidade era de 50%.

No aniversário de Hitler, o comandante do campo ordenou ao SS Sturmbannführer Gehrig, que era seu gerente administrativo, que fosse até Lübeck para providenciar o embarque de milhares de prisioneiros de Neuengamme em navios. Aos milhares, eles foram abarrotados em caminhões de gado ou despachados a pé, calçando botinas gastas ou até mesmo descalços, em uma longa marcha pelas estradas e ao longo de ferrovias. Centenas morreram de exaustão ou foram eliminados pelos guardas da SS quando desfaleciam pelo caminho. Um grupo, na rota do sul, foi conduzido a um galpão que foi fechado e incendiado enquanto os guardas atiravam pela porta. Apenas 22 dos mil prisioneiros conseguiram sobreviver ao massacre.

Também neste dia, no princípio da tarde, um comboio de caminhões transportou um contingente de judeus do campo de Neuengamme para um prédio escolar abandonado no extremo norte de Hamburgo. Entre os judeus estavam 26 homens, duas mulheres e 22 crianças entre 4 e 12 anos de idade. Todos tinham sido usados em experiências científicas. Eles foram levados para o ginásio da escola e enforcados, para que não pudessem dar testemunho das atrocidades nazistas.²¹

Um dia antes de Gehrig receber suas ordens, um primeiro grupo de internos já havia chegado a Lübeck trazido em vagões de gado. Por fim, 11 mil internos de Neuengamme foram amontoados no cais daquele porto do Báltico. Mas para onde esta caravana de pobres coitados estava indo, e por que motivo, nenhum deles sabia.

Na semana entre a traumática visita de Eisenhower a Ohrdruf e o aniversário de Hitler, episódios como a resistência feroz da SS em Nuremberg e o suicídio do prefeito de Leipzig com sua família intensificaram os temores aliados sobre uma última cartada dos nazistas no Reduto Alpino.

Agora, a velocidade do avanço aliado levava a crer que a ameaça de um reduto de fanáticos era real. Forçar “os alemães desesperados a recuarem para o coração das montanhas”, declarou um oficial da inteligência britânica no início de abril, os obrigaria a ficar acuados sem possibilidade de se deslocar. Poucos dias depois, os criptoanalistas captaram uma mensagem que parecia confirmar os receios mais pessimistas. Ela vinha de ninguém menos que Heinrich Himmler. Na mensagem para seus imediatos na Bavária, o chefe supremo da SS ordenava: “Reúnam as unidades SS militarmente sob seu comando e defendam os Alpes.”²²

No dia seguinte à queda de Nuremberg, o chefe de gabinete de Eisenhower, Walter Bedell Smith, convocou alguns correspondentes de imprensa para a sede do SHAEF. Depois de avisar que o que tinha para dizer deveria ser mantido em sigilo absoluto, ele admitiu que os Aliados não sabiam muita coisa sobre os redutos. Porém, estava claro que os alemães haviam enviado tropas e mantimentos para lá. “Mas não sabemos o que encontraremos no local”, disse aos jornalistas. “Estamos começando a achar que será muito mais do que imaginávamos. Nosso alvo agora, se tivermos que terminar esta guerra o mais rápido possível, é esse reduto nacional, e vamos direcionar nossa energia agora nesse sentido [...] Temos razões para acreditar que, quando cortarmos a cabeça da serpente, sua cauda não se agitará por muito tempo.”²³

Sem que Bedell Smith e a inteligência aliada soubessem, apenas algumas horas antes, Hitler finalmente revelava seus planos sobre o reduto. Em um dos últimos despachos daquele dia, ele ordenou a um de seus subordinados mais confiáveis, o tenente-general Winter, vice-chefe de operações das Forças Armadas, que voasse imediatamente para a Bavária. Winter fora encarregado por Hitler de organizar uma “fortaleza interna” (*Kernfestung*) nos Alpes, para servir como último baluarte da fanática resistência nazista.

A região, segundo a instrução de Hitler, deveria ser fechada, a partir de agora, para a entrada ou saída de civis, quer alemães, quer estrangeiros, e a SS tinha que expulsar dali todos os trabalhadores estrangeiros considerados supérfluos. Suprimentos para as Forças Armadas e a população civil local

seriam estocados na maior quantidade possível. Material de guerra de todos os tipos, especialmente para guerra nas montanhas, seriam enviados com a maior rapidez, de toda a Alemanha, para a região. Aeronaves dos correios com grande autonomia de voo e outros aviões de reconhecimento também deveriam ser colocados à disposição. Fábricas de emergência para produzir munição, bazucas e explosivos deveriam ser implantadas nos Alpes pelo Ministério de Armamentos e Produção de Guerra. O comandante militar da área assumiria o comando da fortaleza, enquanto os poderes supremos sobre o Partido Nazista e todo o governo civil seriam exercidos pelo atual gauleiter e governador do Tirol, Franz Hofer. A diretiva de Winter tornou-se oficial na terça-feira, 24 de abril.²⁴

Na mesma manhã, Fred Warner e a unidade “Historiador” da SOE viram finalmente o polegar levantado do mensageiro que vinha de moto todas as manhãs, indicando que chegara o momento de sua missão na Áustria. Warner passou o dia checando cuidadosamente os equipamentos e organizando sua mochila de alpinista. Dentro dela havia de tudo, menos comida, que seria necessária para a sobrevivência nas montanhas: ceroulas e meias térmicas, um saco de dormir, um archote e uma capa à prova d’água de cor areia, desenhada especialmente para que qualquer um pudesse confundi-lo com um trabalhador comum ou camponês. Por baixo, Fred usaria seu tradicional traje cáqui de combate inglês. Se fosse capturado, alegraria ser um combatente e assim teria alguma chance de não ser fuzilado como espião; isso era especialmente importante para emigrantes que retornavam de fora, como Warner e seu grupo, que poderiam, de outra forma, ser tachados prontamente de traidores pelos nazistas.

Os itens ainda mais fundamentais foram acondicionados nos bolsos de seu uniforme: mapas, bússola, uma pistola Colt calibre 45 e uma Browning calibre 22 belga, além de papéis do Exército britânico que o identificavam como o tenente Fred Warner. Com estes itens, se o pior acontecesse e ele viesse a perder a mochila, ao menos seria capaz de identificar onde estava e atirar, ameaçar ou negociar sua saída de uma situação problemática.

Um jantar antecipado veio logo em seguida. Era um momento sombrio, e cada homem estava perdido em seus próprios pensamentos, embora o cozinheiro tenha feito o melhor que pôde para tornar aquela refeição memorável. Estava escuro quando eles foram transportados para um hangar

especial no canto do aeródromo que costumava ser utilizado para a checagem final dos agentes. A primeira coisa que Warner viu, largada no chão à sua frente, foi seu macacão de salto. Era um grande traje de lona com zíperes em vez de botões, luvas especiais, um capuz acolchoado, e reforço também acolchoado nos cotovelos e joelhos. Antes de vesti-lo, ele examinou seu cinto de dinheiro. Bem organizados, estavam duzentos dólares, seis moedas de ouro puro e várias notas de mil Reichsmarks. Ele decidiu saltar sem o forro de pele do macacão, que o deixaria mais volumoso do que gostaria. Então, inspecionou seu paraquedas.

A prática de saltos ocupara uma grande parte do treinamento desde sua adesão à SOE, em 1943. Ele começou a lidar com paraquedas em Altrincham, um bairro nobre de Manchester, em uma casa particular requisitada pelo governo na qual pavões se exibiam majestosamente nos jardins. Ali, bem escondida entre árvores e bosques, estava a fuselagem de um velho avião Whitley. Warner passou muitas horas saltando da nave, aprendendo a cair sem quebrar as pernas ou o tornozelo no momento da aterrissagem.

Treinamentos adicionais se seguiram em um Whitley em funcionamento, no aeroporto Ringway de Manchester, com as quedas acontecendo de uma altitude relativamente baixa sobre o Tatton Park, nas cercanias de Cheshire. Sentado em um canto do avião, ele aprendeu a esperar pela voz de comando gritando “Agora” antes de se lançar no vazio a centenas de metros do chão. Depois de vários saltos bem-sucedidos, conquistou o direito de pregar o escudo de um pequeno paraquedas na manga do uniforme. Era um momento simbólico que significava muito para ele. Finalmente, poderia se desfazer da insígnia do Corpo de Sapadores com sua pá e picareta, e toda a frustração e humilhação que isso representara para ele. Enfim, sentia-se como um soldado completo fazendo sua parte na luta contra Hitler.

Na escuridão do hangar, já em seus trajes de salto, Warner e os outros discutiam os detalhes do voo com a tripulação. O avião era um Liberator B-24, e a tripulação era americana: piloto, navegador, mestre de salto e artilheiros. Mas isso foi uma má notícia para Warner: as tripulações americanas eram consideradas desatentas e não muito cuidadosas ou treinadas quanto ao local onde lançar os agentes. Mas não havia o que ele pudesse fazer àquela altura a não ser esperar por boa sorte. Houve uma despedida e um aperto de mãos de um membro do quartel-general da SOE que chegou para vê-los, e um rápido

agradecimento ao sargento que tomara conta do grupo durante as semanas de espera na Villa Rosso. Então, Warner foi erguido por mãos fortes para o interior da aeronave. Já embarcados, estavam os contêneires com o transmissor e receptor de rádio, os explosivos necessários para operações de sabotagem e o carregamento de munição e comida. Toda essa carga seria lançada separadamente, para ser resgatada no solo.

De repente, o silêncio foi quebrado pelos artilheiros, que resolveram abrir fogo para verificar se as armas do avião estavam funcionando adequadamente. Então, o piloto acionou os motores e acelerou a máquina para se certificar de que tudo estava bem. Quando o barulho diminuiu, o avião se dirigiu lentamente para a cabeceira da pista, sacolejando. A duas horas de voo por sobre os Alpes, 480 quilômetros ao norte, estava o desconhecido território do reduto nacional de Hitler.

5. "CAIR COM HEROÍSMO"

“Os alemães nunca vão cair?” No dia do aniversário de Hitler, um oficial de inteligência da Nova Zelândia estava sentado nos degraus de um trailer no quartel-general de sua divisão na Itália — um acampamento de veículos camuflados, estacionados entre fileiras de álamos e vinhedos. Geoffrey Cox imaginava o que escrever no seu relatório para a reunião de avaliação diária da guerra. Era outro dia de sol glorioso. Uma brisa suave balançava as árvores, e flores amarelas e roxas brotavam delicadamente na relva. Acima, no céu azul radiante, ele podia ouvir o canto de uma cotovia. A Itália nunca estivera tão bonita. No entanto, ele estava abatido, e toda aquela beleza era incapaz de levantar o seu ânimo.

A oeste, as tropas do V Exército dos Estados Unidos, entre elas a 10ª Divisão de Montanha, que tinha um exausto Robert Ellis em sua trincheira, haviam conquistado o pior dos picos apeninos e estavam às portas de Bolonha. Os russos já tinham chegado aos subúrbios de Berlim. As forças britânicas e americanas avançavam rapidamente pela Alemanha central e ocidental, onde Robert Reid e um pequeno exército de correspondentes de guerra acompanhavam seu avanço.

Aqui, porém, ao longo da costa adriática da Itália, o VIII Exército britânico parecia paralisado. Provavelmente, este foi o exército mais famoso da Segunda Guerra Mundial. Ao iniciar suas atividades no deserto ocidental, em 1941, ele experimentou derrotas amargas, bem como vitórias duras, enquanto ia abrindo caminho pelo vale do Nilo, das areias do norte da África até a Tunísia, cruzando a Sicília e subindo a Itália em direção aos Alpes. O VIII Exército também fora descrito como “o império britânico em guerra”, porque incluía numerosas e famosas divisões e unidades do Canadá, Nova Zelândia, Índia,

África do Sul e Austrália.¹ Agora, na Itália, seu progresso era difícil. Mas isso não chegava a surpreender. O alto-comando aliado concentrava sua investida na Alemanha. Para reforçar suas fileiras, os exércitos na Itália haviam sido obrigados a abrir mão de milhares de homens e equipamentos valiosos.

O bem-preparado Cox, com seus cabelos pretos penteados para trás e olhos sempre alertas, era um veterano não só de guerra, mas do mundo duro e competitivo do jornalismo em tempos de paz. Ele nascera em Palmerston, uma pequena vila em South Island, Nova Zelândia, havia 35 anos. Como muitos de sua comunidade, tinha descendência escocesa — sua mãe era uma MacGregor. Frustrada por não ter podido seguir uma profissão, ela transmitiu ao filho uma vontade ardente de estar no centro dos acontecimentos. Ainda menino, ela o fazia ler as legendas das fotos da Primeira Guerra Mundial publicadas no jornal *Otago Witness* e relatar o que compreendia delas — desde então, Cox passou a desejar explorar o mundo além dos limites da Nova Zelândia.

Depois de se formar em História na Universidade de Otago, ele conseguiu uma prestigiada bolsa de estudos do Rhodes Trust para Oxford. Sua paixão era a História, mas ele não queria ser um acadêmico em uma torre de marfim. “Eu queria estar no centro das coisas, onde a história estivesse sendo escrita”, explicou, sobre sua decisão de se tornar um correspondente estrangeiro após se pós-graduar em Oxford.

“Jornalismo?”, exclamou horrorizado Lord Lothian, secretário do Rhodes Trust, quando Cox lhe disse que tinha desistido de ser diplomata. “Isto não é profissão para um homem de universidade!”

Mas Cox insistiu e conseguiu trabalho como correspondente de grandes veículos como o *Daily Express* e o *News Chronicle*. Instintivamente, encontrou seu caminho para a linha de frente. Explorando a Alemanha nazista pouco depois de Hitler chegar ao poder, passou três semanas com a Juventude Hitlerista drenando pântanos perto de Hanover e foi preso pela tropa de assalto em Berlim por não ter feito a saudação nazista. Teve também uma visão privilegiada do comício de Nuremberg em 1934 graças a um livreiro nazista da cidade que o deixou assistir ao desfile da janela de sua loja. O que viu fez dele um feroz opositor do nazismo.

Cox cobriu também, como correspondente, a Guerra Civil espanhola e por pouco não foi baleado. Abordado por uma patrulha, ele procurou um lenço branco nos bolsos para mostrar sua neutralidade, mas o chefe da patrulha

atirou, achando que procurava uma arma; por sorte, a bala passou raspando. Em seguida, esteve em Viena durante o Anschluss em 1938 e dois anos depois, viajando ao norte do Círculo Ártico, viu as tropas de esqui finlandesas combaterem os soviéticos na “Guerra do Inverno” e lhes darem uma verdadeira surra. Na primavera seguinte, deixou Bruxelas apenas algumas horas antes da invasão alemã e fugiu para a França praticamente com a roupa do corpo.

Então, ele se alistou. Ser correspondente na guerra dos outros era uma coisa, pensou. Mas era diferente quando seu próprio país estava envolvido. Ele se alistou no Exército britânico, passando pelo treinamento de oficiais, e foi lotado na 2ª Divisão da Nova Zelândia, combatendo em Creta, no norte da África e agora na Itália.

Em Oxford, conhecera e se casara com Cecily Turner, uma colega de universidade, e tiveram dois filhos: Peter, agora com 8 anos, e Patrick, com 6. Cecily era uma inglesa de Sussex, mas durante os dois primeiros anos da guerra morou na Nova Zelândia com os meninos e viu quando as armadilhas de tanque foram construídas na periferia de Auckland para o caso de os japoneses tentarem invadir a cidade. Dentro de seu livro de pagamento do Exército, Cox carregava três fotos preciosas da família. Ele escrevia com frequência para Cecily e festejava quando as respostas chegavam. Costumava contar sobre o que estava lendo no momento. Alguns meses antes, ele passara um mês no hospital com um quadro de icterícia. “Querida Cecily”, escreveu depois de receber uma das cartas carinhosas da esposa, “eu estava bem desanimado [...] lendo *The American Character*, de Margaret Mead [...] Li também tudo de Shakespeare, com exceção de *Henrique VIII*, e estou na metade de *Hamlet*”. Nos meses anteriores, tinha lido *Ulisses*, de James Joyce, e *Jane Eyre*. No momento, estava lendo *The Trial of Mussolini*, do polêmico jornalista britânico de esquerda Michael Foot, um ataque não só ao ditador fascista italiano, mas àqueles na Grã-Bretanha que o apoiaram antes da guerra.

A 2ª Divisão da Nova Zelândia tinha acabado de sair de uma batalha sangrenta que levou Cox a imaginar se algum dia veria o fim daquela matança. Os alemães estavam empreendendo uma luta obstinada em cada um dos rios que cruzava o caminho do avanço aliado. Apenas três dias antes, Hitler emitiu um comunicado a seus comandantes e oficiais na Itália: “Sob hipótese alguma as tropas ou comandantes devem vacilar ou adotar uma postura derrotista. O

Führer espera agora, como antes, a máxima tenacidade no cumprimento da missão, para defender cada centímetro do norte italiano sob domínio alemão.” Ele finalizava com uma ameaça velada apontando as “sérias consequências” para quem não obedecesse às suas disposições ao pé da letra. Em outras palavras, se alguém hesitasse, seria morto. Os comandantes estavam, portanto, cumprindo ordens do próprio Führer.

Duas noites antes, nas margens do rio Gaiana, os neozelandeses travaram um combate corpo a corpo com vários batalhões de paraquedistas alemães. Eles eram combatentes de elite da Wehrmacht, duros e perversos, e também dispostos a morrer por Hitler. “Detesto esses paraquedistas”, confessou o general Bernard Freyberg, comandante da divisão de Cox. “Eles representam o que há de pior no sistema nazista.”

Ele os detestava porque tinha medo deles. Apelidado de “baixinho”, Freyberg media 1,83m de altura e era o militar mais respeitado da Nova Zelândia. Sua coragem era notória. Ele fora condecorado com a Ordem por Serviços Distintos ao nadar em alto-mar durante o desembarque de Galípoli em 1915, a fim de acender sinais luminosos diversivos, e também com a Victoria Cross, a mais alta condecoração de guerra da Grã-Bretanha, ao comandar um assalto na batalha do rio Somme. No dia em que a Primeira Guerra Mundial terminou, ele acrescentou uma barra a sua DSO ao tomar uma ponte na França exatamente um minuto antes de o armistício entrar em vigor. Mas, por suas experiências amargas, Freyberg e seus homens sabiam que tipo de inimigo tinham agora pela frente. Um ano antes, em Monte Cassino, na batalha mais selvagem que travaram na Itália, haviam sido encurralados pelos paraquedistas e sofrido muitas baixas. Agora era a hora da revanche, uma oportunidade para empatar o jogo.

“A batalha do rio Gaiana”, observou Cox, “chamou pouca atenção naqueles dias finais de abril de 1945, mas acho que podemos dizer que poucas vezes antes o caixão do nazismo foi tão bem lacrado”.²

A descrição de “rio” era quase pejorativa. Na realidade, o Gaiana era pouco mais que uma vala cruzando a estrada entre Ravena e Bolonha, um córrego de água lamacenta que podia ser transposto facilmente pela infantaria. Mas os tanques não podiam atravessá-lo porque ele tinha sido canalizado por barragens de 6 metros de altura. Ali, os paraquedistas alemães tinham se

entrincheirado. Estavam preparados para provar que podiam manter as defesas onde a infantaria normal não conseguia.

Dois dias antes da batalha, os neozelandeses fizeram sua reunião diária para ficar a par da situação. Ela aconteceu em uma espaçosa casa de fazenda construída em pedra, e da janela da sala Cox conseguia ver os tiros atingindo o lado oposto do Gaiana.

“Você tem certeza de que os paraquedistas estão lá com força máxima?”, Freyberg perguntou.

“Sim”, respondeu Cox, confiante de que ele e sua equipe de inteligência haviam identificado seis batalhões completos, distribuídos na linha de frente ou de reserva na retaguarda, junto com meia dúzia de tanques Panther.

“Você tem certeza de que eles vão resistir e lutar?”, perguntou Freyberg.

Cox estava convicto. Os alemães haviam empenhado todas as suas reservas e lutavam ferozmente por toda a Itália. Tinham até mesmo chamado de volta uma divisão de granadeiros Panzer que pouco antes partira para o front na Alemanha. Para Cox, parecia óbvio que, rompendo a defesa do inimigo, poriam em perigo todas as linhas alemãs.

“Muito bem, então. Vamos penetrar por aqui”, disse Freyberg.

Não havia dúvida de que eles tinham um combate dos mais sérios pela frente. Houve tiroteio pesado, e os Nebelwerfers — lançadores de foguete com cano múltiplo e alcance de cerca de 6 quilômetros — estavam trabalhando bastante. As tropas aliadas os chamavam de “nervosinhos”, por causa do barulho que os foguetes, equipados com sirene, faziam durante o voo. Houve também alguns contra-ataques ferozes dos alemães, sobretudo no flanco esquerdo neozelandês, tendo os gurkhas como alvo. Cox estava contente em ter estes soldados nepaleses por perto. Naquele inverno, eles haviam mostrado sua estirpe guerreira ao lado dos neozelandeses. “Eles já estavam congestionando a área”, Cox observou, “com seus pequenos rostos redondos e amarelos emergindo como rostos de crianças da carroceria de seus vários caminhões, com o emblema de suas facas kukhri entrelaçadas pregado nos ombros, e seu equipamento marcial bem-cuidado”.

A longa tarde ensolarada aproximava-se do fim. Canhões posicionaram-se rapidamente para tomar parte no bombardeio, enquanto do cristalino céu azul a aviação aliada continuava a triturar as linhas inimigas. O breu da noite

chegou, e o ar esfriou depressa. Cox foi chamado a encontrar Freyberg. Ele viu o general caminhando nervosamente de um lado para outro na grama.

“Me dê novamente uma estimativa da força do inimigo”, disse Freyberg.

“No máximo, mil combatentes, senhor!”, respondeu Cox.

Freyberg fez uma conta rápida de cabeça.

“Isto significa cem disparos de nossos canhões pesados sobre cada paraquedista alemão em solo, sem contar os de médio calibre. Eu não gostaria de estar debaixo dessa chuva — é o pior fogo de barragem que já houve nesta guerra. Esta”, disse a Cox, “será a nossa batalha mais importante na Itália”.

Às nove da noite, a artilharia aliada começou a descarregar um pesado fogo de barragem. Para Cox, aquilo se parecia com uma centena de trovoadas. “As árvores ao nosso redor”, escreveu ele, “mudaram da escuridão adormecida para formas de verde e amarelo”. Ele assistiu a distância quando os lança-chamas chegaram. Eram pouco mais de dez horas e estava muito escuro. “Seus jatos flamejantes, vermelhos sob os flashes acelerados, brilhavam mais e mais no céu. Por toda a extensão do rio aquele clarão reluziu, vermelho e aterrorizante. A fumaça negra encobriu as estrelas.”

A princípio, ele temeu que o ataque tivesse fracassado. Poucos prisioneiros foram trazidos, e eram sobretudo prisioneiros que ele queria ver. Não apenas para interrogá-los, embora para um oficial de inteligência como Cox eles pudessem fornecer informações valiosas sobre as intenções inimigas. Mais do que isso, ao fazer prisioneiros, ele destruía o exército de Hitler na Itália e impedia seu recuo até os Alpes para uma cartada final.

Quando o dia amanheceu, porém, Cox viu que estava enganado. Ele dirigiu seu jipe até a margem do rio e entendeu, de repente, por que as jaulas de prisioneiros da sua divisão estavam quase vazias. Diante dele, estava uma cena de impressionante carnificina. “Ao longo das margens, no córrego, nas trincheiras, em casas e poços da redondeza, jaziam os mortos da elite do Exército alemão. Os paraquedistas tinham queimado até a morte em suas trincheiras, atingidos pelas chamas ariscas e impiedosas que os caçavam como pragas”, lembrou. Estraçalhados pelo pesado fogo de barragem, muitos haviam sido decapitados, ou estavam sem braços e pernas, com as vísceras expostas. Na sequência do bombardeio, foram atacados pelas metralhadoras dos neozelandeses em um massacre cruel. Havia morrido também de várias outras maneiras.

Agora, alguns estavam esparramados no chão com seus cabelos foscos e sem vida, com os olhos arregalados para o céu de primavera, ou curvados em posição fetal e enrijecidos pelo mergulho dos corpos nas águas escuras e oleosas do Gaiana. Era como um cenário do front ocidental da Primeira Guerra, uma minibatalha do Somme ou de Paschendaele, a morte em uma escala grotesca. “Ali jaziam eles”, Cox anotou emocionado, “em todo seu horror [...] a juventude da Alemanha nazista, o orgulho do hitlerismo [...] estavam aniquilados. Imprestáveis e perigosos em vida, eram ainda mais imprestáveis na morte, o preço final de Hitler e das forças que o haviam levado àquela posição”.

Mas será que o massacre fora suficiente para fazer o inimigo desistir? Ou encontrariam mais um grupo adiante? Sentado ali no sol, no dia do aniversário de Hitler, Cox agarrava-se a um último resquício de esperança, a qualquer pequeno sinal de que os nazistas estavam finalmente perdendo sua fé. Entre o punhado de prisioneiros que capturaram estava um desertor genuíno, um oficial, o primeiro paraquedista que os neozelandeses tinham visto até ali. Era um nazista dos velhos tempos, um veterano da Legião Condor, a unidade alemã que ajudou Franco a tomar o poder na Espanha. Cox lhe ofereceu um cigarro e puxou conversa com ele na jaula de prisioneiros. O oficial alemão confessou que os lança-chamas, e não a artilharia, haviam quebrado a espinha dorsal de sua resistência.

“Qual é a sua estratégia?”, Cox perguntou.

“Combater vocês e imobilizá-los. Mas se vocês continuarem lutando, vamos acabar sucumbindo.”

“Por que você desertou?”

O homem deu de ombros. Independentemente do que acontecesse na Itália, a guerra estava perdida. Então, por que esperar? Para ser mandado de volta à Alemanha e cair na mão dos russos? Daqui, pelo menos, ele podia ir para os Estados Unidos. Ele estivera lá, embarcado como marinheiro em um transatlântico nos anos 1920. Os Estados Unidos, com suas mulheres, que país!

Depois desta conversa, Cox passou a acreditar que o espírito nazista estava se desfazendo. Mesmo os mais entusiastas estavam finalmente procurando saídas de emergência. Ele voltou para o aconchego de seu trailer e passou as horas seguintes preparando cuidadosamente seu relatório, que estava pronto e datilografado por volta das seis da tarde. Os alemães sobreviventes já haviam

fugido na direção do rio Idice, e todos na divisão esperavam ter de enfrentá-los novamente por lá. Mas, ao longo do dia, enquanto Cox escrevia seu relato, duas companhias maoris atravessaram o Idice quase sem luta. Ao mesmo tempo, tanques chafurdavam rio acima. Com certeza, relatou Cox, os alemães estavam em retirada. Nem mesmo os “paraquedistas fanáticos” eram páreo para a artilharia pesada e os lança-chamas.

A experiência de guerra o alertava contra a complacência. De acordo com uma lista codificada apreendida naquele dia, Cox soube que uma nova divisão de paraquedistas formada por combatentes relativamente jovens, mas experientes, fora deslocada para aquela zona pelos alemães. Além disso, para garantir sua retirada, o inimigo teria que proteger um corredor no território logo à frente dos neozelandeses. “Devemos esperar obstinação e combate difícil pela frente, no mais puro estilo dos paraquedistas”, Cox advertiu.

A resistência obstinada dos alemães e sua defesa estratégica vinham caracterizando as batalhas desde que a campanha na Itália começara, com o desembarque dos britânicos e americanos na Sicília, em julho de 1943. Projetada para reproduzir as grandes vitórias aliadas no norte da África, a campanha italiana se atolou no terreno hostil das peculiaridades do país, cujas terras desmentiam cruelmente o discurso otimista de Churchill, segundo o qual a Itália era “o ponto fraco da Europa”. De norte a sul, o território italiano abriga montanhas inóspitas de até 2 mil metros de altura, perfeitas para a defesa, mas não para o ataque, dispondo somente de duas estreitas planícies costeiras em ambos os lados da península para o avanço aliado. Era um terreno que dava ampla vantagem aos alemães. O calor escaldante no verão e as chuvas torrenciais e tempestades de neve no inverno faziam daquelas montanhas o Inferno na Terra.

Hitler e o marechal de campo Kesselring, seu comandante na Itália, decidiram defender cada centímetro de solo e distribuíram em várias divisões alguns dos melhores combatentes da Wehrmacht. Em vez do avanço rápido até Florença, onde pretendiam chegar em poucas semanas, os Aliados enfrentaram violentas e desgastantes batalhas por dois invernos sob uma neve impiedosa, chuva e lama. Para piorar as coisas, seis divisões aliadas foram deslocadas da Itália para a invasão do sul da França na sequência do desembarque da Normandia em junho de 1944.

Não chegava a surpreender que na primavera de 1945 os Aliados ainda não tivessem cruzado o rio Pó. Robert Ellis, combatendo na 10ª Divisão de Montanha, teve sorte de seu grupo ter chegado à Itália somente naquele mês de janeiro. Mas Reg Roy, agora na Holanda, desembarcara com os canadenses na Itália e ali sobrevivera a combates ferozes com os alemães. Apenas em fevereiro fora transferido para a Holanda. Geoffrey Cox, por sua vez, tinha ainda mais experiência na guerra contra os alemães, pois desde 1941 os enfrentava.

As mesmas habilidades que haviam feito dele um grande jornalista fizeram dele um excepcional agente de inteligência: uma mente penetrante e afiada; um olho adestrado para os detalhes; a capacidade de absorver e sintetizar rapidamente uma grande quantidade de informações; e um talento raro, sobretudo no ambiente militar, para escrever com clareza e objetividade; além de narinas privilegiadas que farejavam a ação onde quer que ela estivesse. “A gente sempre sabia que, quando Cox aparecia, os alemães estavam logo ali, do outro lado da montanha”, revelou um de seus camaradas. “Era como ser o editor de uma movimentada agência de notícias”, Cox resumiu.

Isso sem contar que ele era também um repórter brilhante. Quando se tratava de assuntos táticos, quase nada de importante escapava da observação aguda de seus olhos azuis esverdeados. Em um caderno, ele rabiscou:

Como é plano o horizonte militar, como lhe falta percepção do tamanho das operações imediatas em que cada um está envolvido. Alamein, Cassino são apenas outro dia de operação. Para o soldado no campo, uma rápida patrulha pode implicar mais drama pessoal do que uma grande batalha. Para um oficial de inteligência, o dia em que a presença de uma nova formação é discutida pode ser mais importante do que a vitória para a qual essa descoberta conduz.

Cox achava tudo isso fascinante e animador. “Eram necessários disciplina intelectual e discernimento”, observou, exigindo uma abordagem tão crítica, criteriosa e curiosa quanto a de “qualquer acadêmico no exame de um texto clássico recém-descoberto”. Tampouco havia margem para erros. Um pequeno traço malfeito em um mapa de referência, por exemplo, ou uma descrição apressada num telefonema precário podia representar, no mínimo, desperdício de munição e, no máximo, acidentes e tragédias. “Foi o melhor treinamento mental que recebi na vida”, admitiu.³ Cox cresceu rapidamente no conceito dos

chefes e, por volta de abril de 1945, como já vimos, Freyberg confiava plenamente nas suas informações.

Assim como todos os outros. Durante a noite, eles gravitavam em torno do trailer “T” de Cox. Bem-arrumado e aquecido, o espaço podia acomodar confortavelmente seis oficiais de alta patente — ou o dobro, com algum aperto —, e Cox mantinha a tradição de boa hospitalidade iniciada por seus dois antecessores. Em muitas noites, o trailer parecia “uma mistura de redação de jornal com um pequeno bistrô parisiense”, mas aqui, em uma atmosfera densa de fumaça de cigarro e alegre, os oficiais lhe traziam informações que ele nunca poderia obter por si mesmo. Isto transformou Cox e seu trailer — “o café” — em uma fonte indispensável de inteligência.⁴

Na manhã seguinte ao interrogatório do desertor, Cox foi chamado bem cedo pelo capitão Colmore Williams, o oficial de ligação entre a Força Aérea britânica (RAF) e os neozelandeses, responsável pelo apoio da aviação aos combatentes em solo. Lentamente, enquanto o dia clareava e suas cores começavam a iluminar a paisagem, Cox caminhou até o caminhão de Williams e ouviu o jovem oficial explicar o problema. Na estrada entre os rios Gaiana e Idice, a rota natural de retirada dos alemães, ficava a pequena cidade de Budrio. Ajudaria, Williams perguntou a Cox, se a RAF a bombardeasse? Eles tinham 24 aviões armados de prontidão, que poderiam facilmente bloquear as estradas de acesso e saída da cidade para impedir o recuo alemão. Mas isso dependia da posição do inimigo.

Na traseira do caminhão, com as bainhas das calças ainda úmidas pelo orvalho da manhã, Cox ponderou a questão. A única maneira de os bombardeiros bloquearem a estrada era destruindo as casas que a margeavam. Em nome das necessidades militares, tinham feito isso antes várias vezes, e a rota do avanço aliado na Itália formava agora uma grande cicatriz de devastação na paisagem. Mas, desta vez, Cox pensou nos civis encolhidos em seus porões, imaginando se suas casas seriam poupadas e se conseguiriam escapar com vida. Aquilo era mesmo necessário? “Custei a acreditar que sim”, confessou ele. “Honestamente, eu não podia garantir que atingiríamos o inimigo de forma significativa ao enveredar por este caminho.” Ele voltou a refletir sobre a miséria da guerra. Agora, tinha em mãos o poder de transformar em destroços mais um punhado de lares. E apenas cinco minutos para decidir o que fazer.

Cox examinou rapidamente as opções, compilando tudo o que sabia sobre os alemães. A maior parte de sua artilharia pesada já estaria do outro lado do Idice. Além disso, aqueles tenazes paraquedistas dificilmente seriam detidos por montes de entulho espalhados pela estrada. Então, por que mandar os bombardeiros e causar mais miséria entre os civis inocentes?

Isso era simples sentimentalismo? Cox era um realista convicto e não mantinha ilusões sobre o nazismo e os seus perigos, mas também estava cansado e abatido pela devastação da guerra. Já não via Cecily e os meninos havia mais de um ano. Pensava sempre neles e imaginava como seria a vida com a família depois da guerra. Que tipo de mundo seus filhos herdariam? Ele havia dedicado aos filhos o livro que contava suas experiências na amarga Guerra Russo-Finlandesa “na esperança de que eles possam crescer para conhecer a luta, mas não a guerra”.

Alguns meses antes, ele escrevera aos garotos uma carta emocionada tentando explicar do que a guerra se tratava: “Vocês devem se esforçar no colégio e aprender todas as palavras. Assim, quando crescerem, poderão aprender a fazer qualquer coisa. Há milhares de coisas que precisam ser feitas — casas que foram derrubadas por bombas, pontes que foram explodidas, navios que foram afundados. Teremos que trabalhar muito para construir tudo de novo.” Três semanas antes, tinha escrito uma carta a Peter: “Esta guerra está quase no fim, em breve estaremos juntos e começaremos a construir a nossa nova casa. Vamos ter muito trabalho.”⁵

Estaria esse lado emocional interferindo em uma decisão talvez vital para salvar as vidas de seus próprios camaradas? Esta, afinal de contas, era a sua primeira obrigação.

Williams, obviamente, debatia-se com o mesmo dilema. Então, de repente, perguntou: “E se, em vez disso, arrasarmos as defesas principais pelo norte do rio?”

Cox recebeu a ideia com enorme alívio. “Sim. Vamos poupar Budrio”, respondeu.⁶

Tomada a decisão, beberam o chá da manhã em canecas de esmalte lascadas, e Cox retornou pela grama para se barbear. Budrio estava a salvo. Uma cidade e seus habitantes, pelo menos, ficariam de fora da tenebrosa lista de vítimas da guerra na Itália.

No mesmo dia, em Milão, nos escritórios improvisados no primeiro andar do Palazzo Montforte, sede da prefeitura da cidade, Benito Mussolini, o homem que tinha levado seu país à guerra de forma tão retumbante em 1940, reunia-se pela última vez com seu gabinete. Do lado de fora, sentinelas da SS alemã montavam guarda.

O ditador fascista e aliado de longa data de Adolf Hitler estava agora com 62 anos. A pompa com que alardeara sua vitória sobre a Abissínia em 1936, a triunfante proclamação do “Pacto de Aço” com Hitler em 1939, a extravagante e cínica declaração de guerra em junho de 1940, quando a França caiu — tudo isso era agora coisa do passado: “Preciso de muitos milhares de cadáveres para conseguir lugar na mesa de negociação de paz”, ele havia dito. Desde então, a Itália sofrera seguidas derrotas, e o número de mortos no país chegou a dezenas de milhares. Agora, longe de ser um aliado de Hitler, ele se tornara um dependente sem perspectivas.

Em julho de 1943, depois que os Aliados desembarcaram na Sicília, o rei Vítor Emanuel e o Grande Conselho Fascista afastaram Mussolini do governo e o prenderam. Então, em uma ação ousada dos paraquedistas alemães comandada pelo lendário Otto Skorzeny, ele foi resgatado e estabelecido no norte da Itália como chefe da recém-formada “República Social Italiana”. Seus escritórios foram espalhados ao longo das margens do lago de Garda, próximo à pequena cidade de Salò, de onde surgiu a alcunha “República de Salò”. Mussolini foi morar na Villa Feltrinelli, na aprazível cidade de Gargagno, junto ao lago.

A jurisdição da República de Salò limitava-se à parte da Itália controlada pelos alemães. Ela não era exatamente uma marionete dos alemães, mas estava longe de ser uma república independente. Mussolini passou os 18 meses seguintes como um “chefe de Estado sem poder nem autoridade” e fingindo governar, um hábito que retornou facilmente ao ex-jornalista que tinha um fraco por discursos e retórica. Ele lavava as mãos sobre decisões infames, como a execução em Verona de seu genro e herdeiro, o conde Galeazzo Ciano, marido de sua filha predileta Edda, por ter votado contra ele em junho de 1943; falhou em conter as muitas milícias fascistas que cresciam e empreendiam uma guerra cada vez mais brutal contra seus opositores domésticos; e, embora vez por outra esboçasse um protesto, foi incapaz de impedir a deportação de 100 mil trabalhadores italianos para a Alemanha, o envio dos judeus do país

para o extermínio em massa, assim como o saque das reservas de ouro e de obras de arte do país. Os alemães seguiam todos os seus passos, o espionavam constantemente e grampeavam suas ligações.

Na primavera de 1945, Mussolini alternava entre desespero, resignação, autopiedade e surtos desvairados de esperança. Algumas vezes, aparecia calmo e sóbrio; em outros momentos, completamente apático; e em certas ocasiões, maníaco. “Ele vive de sonhos, em sonhos, e através de sonhos”, revelou uma pessoa próxima a ele. “Não tem mais qualquer vínculo com a realidade.” Algumas vezes, Mussolini explodia de raiva contra os alemães; em outras oportunidades, blasfemava contra os ingleses e americanos. E invariavelmente culpava os outros por seu destino. “Sou como o capitão de um navio em uma tempestade; o navio partiu-se ao meio e estou no mar em fúria em uma balsa impossível de navegar ou governar”, disse a um jornalista, esquecendo que, afinal de contas, fora ele a lançar seu barco na tempestade. “Ninguém mais ouve a minha voz.”

Sua partida de Gargagno, junto com outros membros de seu governo, foi precipitada pela invasão iminente dos exércitos americanos e britânicos na travessia do rio Pó. No jardim de sua vila, ele se despediu da esposa, Rachele, prometendo voltar mais tarde, e então deixou o lugar escoltado por um pelotão alemão comandado por dois oficiais da SS. Mas sua amante, Clara Petacci, que morava em uma vila vizinha, estava determinada a ficar ao lado dele. Ela também partiu para Milão naquela noite, protegida por seus próprios guarda-costas da SS.

Na pauta daquela reunião de gabinete em Milão estava o próximo passo a ser dado. Várias alternativas tinham sido discutidas nos dias anteriores, mas nenhuma decisão foi tomada. Alessandro Pavolini, o secretário do Partido Fascista, era a favor de se fazer um último esforço em Milão e falou entusiasmadamente em transformar a cidade em uma “Stalingrado italiana”. Mas o marechal Rodolfo Graziani, comandante do Exército de Mussolini e seu oficial mais leal e confiável, descartou a ideia de Pavolini ao lembrar que os bombardeiros americanos e britânicos simplesmente destruiriam Milão. Em vez disso, ele sugeriu uma abordagem direta aos Aliados para o fim do conflito. Graziani tinha sido vice-rei da Abissínia e comandante na Líbia, e sofrera vários revezes no deserto diante dos britânicos. Ele tinha uma consciência clara da natureza devastadora do poder dos Aliados.

Mussolini, porém, já havia tentado secretamente um contato direto com os Aliados através do cardeal Schuster, arcebispo de Milão, e fora rechaçado. Então, a ideia de uma cartada final o atraiu bastante. “Não importa o lugar, o fascismo tem que cair com heroísmo”, declarou na reunião. No início, ele pensou em Trieste. A cidade na costa adriática era um símbolo poderoso do nacionalismo italiano. Cedido à Itália após a Primeira Guerra Mundial como recompensa pelo apoio do país aos Aliados, o antigo porto austro-húngaro recebeu uma chuva de subsídios e verbas públicas logo que Mussolini tomou o poder em 1922, sendo tratado como um bastião da “italianidade” contra o mar de eslavos na vizinha Iugoslávia e no resto dos Bálcãs. Mas os alemães rechaçaram esta ideia: eles tinham seus próprios planos para Trieste, que estava agora sob administração nazista. Em San Sabba, numa velha fábrica de arroz nos subúrbios da cidade, tinham até mesmo implantado um campo de concentração.

A segunda opção de Mussolini era a Valtellina, um trecho do território italiano próximo à fronteira suíça, ao norte do lago Como. Esta proposta já havia recebido algum apoio no gabinete, e agora Mussolini confirmava que no momento certo se retiraria para lá. Pavolini, frustrado em seus planos para Milão, ainda assim prometeu arrebanhar uma tropa de 3 mil milicianos fascistas dos mais devotados.

Às dez da noite, um Mussolini aparentemente tranquilo recebeu um jornalista italiano a quem havia prometido uma entrevista. “O que posso fazer por você?”, perguntou.

“Gostaria de uma foto autografada”, respondeu o visitante.

Orgulhoso, Mussolini pegou uma foto sua, assinou e datou-a com algarismos romanos: “Ano XXIII da Era Fascista.” Então, deu início a uma longa elegia de sua própria trajetória política, afirmando ter feito todo o possível para defender os interesses da Itália nas circunstâncias mais difíceis. Terminou seu relato declarando que, embora sua carreira tivesse chegado ao fim, nem a Itália nem o fascismo desapareceriam.

O jornalista perguntou se isso significava que havia armas alemãs milagrosas.

“Sim, elas existem. Eu soube disso há alguns dias”, respondeu ele.

Os encontros pessoais entre o Duce e o Führer tinham se tornado raros, mas os dois ainda mantinham contato, incrementando as ilusões um do outro

com doses cavalares de fantasia. Por conta disso, dois dias depois, Mussolini recebeu um telegrama particular do bunker de Berlim cheio da mesma retórica vazia. O bolchevismo e o judaísmo trouxeram desgraça e destruição à Europa, declarava Hitler, mas o “inigualável heroísmo” do povo alemão ainda mudaria o destino da guerra.

No entanto, em seus raros momentos de lucidez, Mussolini não acreditava em nada disso e sabia muito bem que o fim estava próximo. Cada vez mais ele falava da morte. A resistência final na Valtellina não fora concebida com propósitos militares. Em vez disso, pretendia proporcionar uma “vitória moral” do fascismo: sua filosofia política cairia lutando. Mussolini recusou com veemência sugestões de seus camaradas e amigos para que fugisse para a Espanha ou Suíça. Ele insistia em morrer gloriosamente na Valtellina. Nesse meio-tempo, entretanto, ficou em Milão, aguardando os acontecimentos. Agora que Roma estava perdida, a cidade do norte onde 25 anos antes ele organizara pela primeira vez seus esquadrões fascistas e onde — para surpresa sua e dos alemães — multidões entusiasmadas o tinham saudado em uma visita improvisada no último mês de dezembro era a única capital verdadeira da república italiana.⁷

Enquanto isso, em Roma, a capital oficial da qual Mussolini havia sido expulso de forma vergonhosa um ano e meio antes, os políticos italianos já disputavam o poder. Geoffrey Cox testemunhou a libertação da cidade em junho de 1944, horas antes de as forças aliadas desembarcarem nas praias da Normandia.

No princípio de 1943, ele estivera por pouco tempo em Washington como primeiro-secretário e encarregado de Relações Exteriores em uma missão diplomática da Nova Zelândia. Era uma posição de prestígio que o levava até a Casa Branca ao encontro de Roosevelt, o colocara no centro das deliberações do Conselho da Guerra do Pacífico e lhe dera um assento nas primeiras fileiras da conferência de abertura da Agência das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação (UNRRA). Então, em abril de 1944, Freyberg o chamou urgentemente de volta à Itália, onde seu filho havia escapado de um campo de prisioneiros de guerra e encontrado abrigo no Vaticano. Freyberg queria que Cox averiguasse se ele estava bem.

A dúvida de todos sobre Roma era se os nazistas defenderiam a cidade. Havia muitos indicativos de que sim, e isso poderia acarretar um banho de

sangue: a Wehrmacht lutava ferozmente na retaguarda da cidade e a polícia fascista e a SS estavam massacrando os prisioneiros. Então, subitamente, as colunas de soldados e a artilharia aliada que penetravam pelo sul de Roma mudaram de direção e se dirigiram para o norte da cidade. Os oficiais alemães começaram a fechar rapidamente suas contas nos hotéis romanos, enquanto os guerrilheiros lubrificavam suas carabinas enferrujadas. Cerca de 2 milhões de pessoas aguardavam com ansiedade, a população normal da cidade e cerca de meio milhão de refugiados. Todos estavam com fome. A água e a eletricidade haviam sido racionadas.

Então, uma comunicação de rádio alemã foi interceptada e decodificada pela inteligência britânica, revelando aos Aliados que o marechal de campo Kesserling estava pedindo a autorização de Hitler para uma desocupação da cidade sem luta. Hitler concordou, mas, para manter a retirada em segredo, Kesserling ordenou que alguns de seus oficiais mais importantes fossem à ópera naquela noite, para ver Gigli se apresentando em *Un ballo in maschera*, de Verdi.

Poucas unidades alemãs e grupos de soldados desertores ainda se encontravam na cidade quando os americanos chegaram. Algumas tiveram que atravessar o Tibre a nado, outras alugaram charretes romanas para fugir, enquanto franco-atiradores, ainda que em pequeno número, se posicionavam nos telhados dos prédios. O chefe de polícia fascista fugiu para o norte em seu Alfa Romeo carregando grande quantidade de joias, relógios e pastas recheadas de libras esterlinas e liras italianas.⁸

Muitos segmentos do exército aliado declararam terem sido os primeiros a ocupar a cidade. O general Mark Clark, comandante do V Exército dos Estados Unidos, dirigiu seu jipe até a praça de São Pedro e posou para seu fotógrafo pessoal ao lado de um padre. Uma multidão de italianos acenava com bandeiras pelo Corso, esperando ver o comandante, e outros desfilavam pelas ruas com bandeiras dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Itália, ou com o símbolo soviético da foice e do martelo. Dizia-se que Mussolini esperava que os romanos morressem defendendo a cidade. Mas eles não o fizeram; em vez disso, houve alguns atos de vingança e revanchismo nas ruas.

Hitler colocou panos quentes sobre o episódio, garantindo ao seu povo que, na realidade, a perda de Roma fora uma vantagem, pois os alemães não teriam mais que alimentar 2 milhões de italianos. Em Washington, o presidente

Roosevelt disse: “Uma a menos e duas pela frente”, referindo-se às cidades de Berlim e Tóquio, e o *New York Times* anunciou que o Tibre reduzira-se praticamente à insignificância, enquanto em outras partes “fluíam os rios do poder”.

Cox desembarcou na costa de Anzio em 4 de junho de 1944 e logo tomou a estrada para o norte em direção a Roma, num dos veículos do grupo de Freyberg. No caminho, passando por cidades e vilas que haviam se tornado pouco mais do que montes de escombros, ele alcançou as tropas americanas que avançavam. Chegou à cidade na manhã em que ela foi liberta, sendo logo cercado pelo povo em êxtase nas ruas em celebrações frenéticas. Alguns saudavam a perspectiva de paz. Outros exultavam ao perceber que o fantasma de Mussolini havia sido banido para sempre depois de duas décadas de fascismo. Um rapaz saltou sobre o estribo do carro de Cox e colocou os braços sobre seus ombros, gritando: “Estamos livres. Finalmente livres!” Um idoso chorou. “Livres finalmente, depois de vinte anos”, soluçava ele. No Palazzo Venezia, Cox viu policiais civis ocupando o prédio de onde, oito anos antes, Mussolini tinha declarado guerra à Abissínia. No dia seguinte, encontrou uma mulher cujo filho filmara a chegada das tropas americanas no Vaticano. Ela pediu que Cox assinasse seu nome na contracapa de um livro. Enquanto escrevia, ele percebeu entre aspas as palavras de Abraham Lincoln traduzidas para o italiano: “Governo do povo, pelo povo e para o povo”.

Depois, ele descreveu a cena em uma carta a Cecily, que tinha se mudado com os meninos para Massachusetts a fim de lecionar na Dana Hall, uma escola de artes para meninas vinculada à Universidade de Wellesley, onde ela também tentava dar seus primeiros passos como contista. Cox dizia:

Querida, sei que vi essa cena no seu ápice, e que estas pessoas estão fadadas à desilusão e muita tristeza, mas mesmo assim demos um passo adiante na vida ao lutar e libertar este povo. Por favor, meu amor, acredite nisso e conte aos meninos, assim que eles puderem compreender, que, por mais que isso nos custe caro, é algo que ajudou a libertar um povo daquilo que o oprimia — o que é bom para nós e para eles.⁹

Nas montanhas da Itália, porém, Robert Ellis tinha menos certeza de que aquilo tudo valia a pena. No início, ele tinha uma visão romântica da guerra, sonhava em ser um arrojado piloto de caça. Fora aprovado em todos os testes, mas um leve daltonismo descoberto em sua visão o tirara do páreo.

Em seguida, ele foi seduzido pelo glamour do combate sobre esquis. Como milhões de outros, fora enganado pelos cinejornais que documentavam a Guerra Russo-Finlandesa, mostrando os valentes finlandeses sobre esquis, com seus uniformes brancos vistosos, atacando os pelotões soviéticos, surpreendendo-os com sua habilidade no gelo e depois voltando em velocidade para os abrigos. Houve uma febre de artigos de revistas e documentários sobre a guerra no Ártico, e Ellis foi seduzido com muita facilidade pelas imagens dos guerreiros intrépidos, como ele colocou, “esquiando nas trilhas iluminadas pelo sol para defender seu país”. Com alguns anos de prática de esqui na Suíça, ele se ofereceu como voluntário para a Divisão de Montanha recém-formada.

Mas os sonhos de lutar corpo a corpo deslizando velozmente pelo gelo arrefeceram quando se tornou perito em metralhadoras. Ele imaginava que a arma poderia lhe trazer proteção especial no campo de batalha, com seu alto poder de fogo, e custou um pouco a entender que ela impedia sua mobilidade e o tornava ainda mais vulnerável que antes. “A metralhadora impedia o soldado de se movimentar no meio do combate por causa de seu peso”, aprendeu rapidamente, “e [era] o alvo preferido da artilharia e dos morteiros”.¹⁰

Isso explicava por que Ellis passara grande parte de seu tempo na Itália esquivando-se de balas e escondido em trincheiras. As primeiras semanas de combate foram quase um literal batismo de fogo, que pôs à prova os seus ideais de juventude. “A guerra é certamente um choque quando você a enxerga pela primeira vez em sua nudez absoluta”, escreveu à sua irmã Margareth.

Por exemplo, a primeira vez que você se depara com um velho amigo, caído imóvel e sangrando, e ainda assim você tem que prosseguir no ataque. Você fica pensando se será o próximo [...] você reflete sobre as suas esperanças, sonhos e memórias, sobre as coisas que quer fazer — sobre o amor pela vida — e enxerga tudo ali em suspenso e desprotegido, tudo a um fio de se perder para sempre. Então, você pensa se qualquer coisa, qualquer ideal, vale o preço de uma vida.¹¹

Um de seus sonhos dizia respeito a sua namorada, Pat, que era irmã de um de seus melhores amigos na Universidade de Chicago e que estava agora no segundo ano da Oberlin, uma conceituada universidade particular de Ohio. Ele escrevia para Pat regularmente, mesmo que não conseguisse imaginá-los ficando noivos ou se casando nos quatro anos seguintes. “Ela é bastante

independente, tem ideias firmes, e eu admiro isso”, confidenciou à mãe. Estava louco para reencontrar Pat e sua família.

Mas isso só aconteceria quando a guerra terminasse. E que tipo de paz o fim da guerra traria? No dia em que escreveu à irmã, Ellis mandou também uma carta a seu irmão mais velho, Paul, que estava em um seminário em Chicago. Para escrever, usou o nanquim que encontrou em uma trincheira alemã. “Acho que devemos nos apressar para construir um mundo mais seguro, livre das ameaças de guerra e matanças”, conclamava. “Fazendo uma analogia com nossas trincheiras, devíamos cavar e construir alicerces sólidos de fraternidade, e nos proteger atrás dos muros da cooperação e do debate cordial.”¹²

O debate cordial continuava a ser uma possibilidade remota, e o idealismo de Ellis ia ficando cada vez mais fraco. No princípio de fevereiro, ao chegar ao front italiano, ele escutara notícias da conferência dos “Três Grandes” — Roosevelt, Stalin e Churchill — em Yalta, na Crimeia, que pareciam apontar para um novo mundo através da criação de uma Organização das Nações Unidas para substituir a combalida Liga das Nações. “Parece que estamos a caminho de uma paz duradoura”, escreveu em seu diário. “Penso que se eu for morto, pelo menos terei morrido por alguma coisa que vale a pena.”

Depois de sua primeira experiência de batalha, porém, o ataque selvagem para conquistar o monte Belvedere, ele já se questionava a esse respeito. Rezava e lia o Novo Testamento, que trazia sempre no bolso. Termos como “medo da morte” e “terrível massacre” começaram a ocupar as páginas de seu diário. Certa vez, cercado pela artilharia pesada alemã e vendo homens morrerem ao seu lado, teve certeza de que havia chegado ao fim de linha. “Peguei minha Bíblia e li a epístola de Paulo aos gálatas”,¹³ escreveu aos pais.

Toda aquela matança poderia de alguma forma valer a pena? Ele não tinha certeza, no fim das contas. “Eu continuava sem saber se o horror que tinha experimentado, com suas consequências sobre aqueles que tinham perdido a vida ou sofrido ferimentos terríveis, justificava o prosseguimento da insanidade com que havíamos nos deparado”, escreveu mais tarde. No mínimo, ele esperava que nem o tempo nem a memória viessem a falsificar ou atenuar a realidade medonha da guerra.

6. "ICH WAR IMMER DAGEGEN"

Ele percorreu a trilha cuidadosamente. À frente, a escuridão era total. Desobedecendo à regra do bom-senso que sempre aconselha a sair com um companheiro, ele fazia a ronda sozinho. Era por isso que o chamavam de aventureiro. Ele estava também se tornando descuidado. Em vez de ter o rifle M-1 nas mãos, bem-posicionado em frente ao corpo, firme e pronto para qualquer imprevisto, a arma balançava solta em sua mão direita. Logo acima dele estava a ferrovia, que corria paralela à trilha pela qual ele se esgueirava, sua única referência visual sendo o aço dos trilhos que ocasionalmente produzia um brilho opaco. De vez em quando, um holofote distante iluminava as nuvens. Ele podia ouvir o estrondo da artilharia pesada ao fundo.

De repente, algo roçou levemente seus lábios. Ele escutou um ruído e sua boca ficou úmida. Quando tocou com a língua nos lábios, sentiu o gosto de sangue. Ficou imóvel por alguns minutos, tentando apurar os ouvidos, mas como não ouviu nada, continuou seu caminho, desta vez com mais cuidado. Chegando finalmente à estação de trem, percorreu-a várias vezes até concluir que não havia tropas alemãs escondidas nos prédios.

O dia estava amanhecendo quando ele decidiu voltar para a trilha. Foi então que viu o que lhe causara o sangramento. Do outro lado da trilha, na altura de sua cabeça, havia um fio de arame farpado ligando um poste de concreto a outro de madeira. Uma granada estava presa ao poste. Quando ele caminhava no escuro e tocou no arame, o pino de segurança do artefato se deslocou, mas por um milagre a granada não explodiu. Olhando o arame mais de perto, ele reparou que estava bastante enferrujado; o detonador devia estar úmido e por isso a explosão não aconteceu. A granada estava a uns 2 metros de sua cabeça. Desta vez, havia tido sorte.

Leonard Linton tinha 23 anos. Era um dos paraquedistas da 82ª Divisão Aerotransportada do Exército dos Estados Unidos e estava a serviço nos arredores de Colônia. A cidade — a quarta maior da Alemanha, situada às margens do Reno — se tornara um monte de escombros, praticamente sem qualquer prédio ainda de pé.

Colônia fora tomada pelo I Exército em março. Mais de 100 mil de seus habitantes haviam sido mortos por bombardeios, e o mesmo número sobrevivia em condições precárias, entre as ruínas. Janet Flanner, uma das primeiras correspondentes americanas a chegar lá, escreveu que “a cidade é agora um símbolo de destruição... [ela] se encontra prostrada, sem beleza, sem forma, destroçada e desolada por uma derrocada física total. Por ruas laterais interditas surge aos poucos o que resta de sua vida: uma população minguada trajando luto e carregando trouxas em silêncio — o silencioso povo alemão, tão apropriado àquela cidade taciturna”. Uma das últimas ordens emitidas pelos nazistas que partiram ainda estava afixada em cartazes por toda a cidade: “*Schweigen siegen*” — “manter o silêncio é vencer”. Tendo perdido a batalha das armas, concluía Flanner, a Alemanha, derrotada mais uma vez, contava com a vitória psicológica que obtivera na última guerra — “a vitória do silêncio, das mentiras, da lamúria, do vigor, da devoção e do engano”. A jornalista só esperava que os militares americanos que agora governavam a cidade não fossem ludibriados por tudo isso.¹

A maior parte dos prédios de valor arquitetônico fora destruída, entre os quais pelo menos duas igrejas de estilo romanesco. Entretanto, por algum milagre, a majestosa catedral gótica, com suas torres gêmeas de mais de 152 metros de altura, ainda permanecia de pé. Suas paredes de pedra enegrecidas pela fumaça estavam danificadas por estilhaços de granada, e um tanque Tiger, incendiado, ainda guardava sua entrada. A 82ª Divisão Aerotransportada tinha se deslocado para a cidade no começo de abril após a vitória no vale do Ruhr, quando 325 mil combatentes alemães foram cercados e emboscados pelas tropas aliadas antes de se renderem e seu comandante, o marechal de campo Walther Model, entrar em uma floresta e se suicidar.

Naquele momento, os paraquedistas americanos estavam se reagrupando, aguardando as ordens de sua próxima missão, mais fundo no coração da Alemanha. Enquanto isso, a divisão se estabelecia em prédios ao longo do Reno e criava postos de escuta para detectar qualquer movimento dos alemães

na outra margem. A todo momento, patrulhas eram enviadas pelos oficiais de inteligência a fim de trazer prisioneiros para interrogatório. Na retaguarda, a polícia militar e outras unidades guardavam as pontes e fábricas para prevenir sabotagem.²

O incidente com a granada fora a terceira cartada de sorte de Linton em três meses. A primeira tinha sido por uma questão de tempo. Em Nova York, em janeiro, ele embarcara em um luxuoso transatlântico das linhas Cunard chamado *Aquitania*, junto com outros 16 mil soldados. Após alguns dias, ele podia dizer pela posição das estrelas e pelo clima ameno que estavam passando perto da linha do equador. Alguns soldados imaginavam que podiam estar no sul do Pacífico, para lutar contra os japoneses, mas Linton sabia que para isso já deveriam ter cruzado o canal do Panamá. Então, a água voltou a ficar fria e, observando a Estrela do Norte, Linton soube que estavam indo para norte novamente. “Fizemos vários exercícios com coletes salva-vidas”, lembrou ele, “e passamos horas em filas de comida e outras, o que fazia o tempo passar. Eu lia tudo que encontrava. Muitos jogavam, e havia um boato de que mulheres no convés superior estavam fazendo fortuna com visitas rápidas dos homens as suas cabines”.³

Janeiro de 1945 foi um mês sombrio para os Aliados. A euforia do Dia D, apenas seis meses antes, havia evaporado. Paris fora libertada, e logo depois Bruxelas, e em setembro de 1944 havia relatos otimistas de que a guerra iria acabar por volta do Natal. Mas aí tudo começou a dar errado. Os alemães revidaram furiosamente, houve um fracasso espetacular quando os paraquedistas foram soltos atrás das linhas inimigas em Arnhem, e em dezembro os Aliados quase sofreram uma gigantesca catástrofe. Ainda em 1940, Hitler surpreendera todos ao lançar seu ataque à França pela região extremamente arborizada e montanhosa das Ardenas. Agora ele enganava os Aliados mais uma vez, lançando sua ofensiva maciça no mesmo local com o objetivo de recapturar o porto de Antuérpia, de importância vital, e abrir uma brecha entre os exércitos americanos e britânicos. Isso os pegou de surpresa. O resultado foi um mês de batalhas desesperadas e sangrentas em terríveis condições de inverno.

Com enorme interesse para ambos os lados, a Batalha do Bulge, como ficou conhecida, foi um conflito que muitas vezes desceu ao nível da selvageria. As perdas foram pesadas, especialmente para os americanos, que tiveram milhares

de soldados mortos e cerca de 20 mil homens tomados como prisioneiros na maior rendição de soldados americanos em território estrangeiro. Por fim, os Aliados venceram, mas sem o menor sinal da tão prometida ofensiva soviética no front oriental, o pessimismo passou a dominar Londres e Washington. Todos, agora, falavam que a guerra se estenderia até o final de 1945.⁴

Quando Linton viu as luzes da ilha de Manhattan desaparecendo atrás de si, tudo que sabia era que os americanos ainda sofriam pesadas baixas. A 82ª Divisão Aerotransportada estava no meio dos conflitos, e ele supôs que logo se juntaria àquela que era conhecida como a “Divisão Totalmente Americana”. Era precisamente a primeira unidade da Divisão Aerotransportada do Exército, que, ao lado de sua rival, a 101ª — dos “Águias Gritantes” —, formava a elite das forças americanas, com suas resistentes botas de salto e o cobiçado emblema prateado dos paraquedistas. “Demônios de calças largas”, gritou um petrificado soldado alemão ao enfrentá-los pela primeira vez — e, imediatamente, os paraquedistas adotaram esse nome.

O *Aquitania*, que havia sido usado como navio de tropas na Primeira Guerra Mundial, era rápido o bastante para cruzar o Atlântico sem precisar da proteção de um comboio. Mas, certo dia, um alarme repentino soou, e o navio mudou de rota abruptamente e deu uma guinada para o lado. Linton correu para sua estação de emergência. Então, o capitão veio ao alto-falante. Ele disse que um submarino acabara de disparar um torpedo contra eles e que, dali em diante, fariam uma rota em zigue-zague até o porto. Para sua surpresa, Linton conseguia avistar terra no horizonte por todos os lados. Todos a bordo vestiam coletes salva-vidas, prontos para qualquer comando, mas o clima era tranquilo. O capitão voltou ao alto-falante para dizer (“de um jeito bem britânico”, pensou Linton) que haviam interceptado uma transmissão alemã informando que o *Aquitania* fora afundado nos arredores de Glasgow. Logo depois, o capitão deu boas-vindas aos americanos em sua chegada à Europa. Em seguida, surgiram dois rebocadores britânicos, que ficaram por perto enquanto o navio se aproximava do rio Clyde. Mais tarde, após vinte horas de viagem de trem, os soldados estavam em Southampton, embarcando em um barco bem menor para atravessar o canal da Mancha em direção ao porto francês de Le Havre.

Foi uma travessia sem qualquer complicação, e nenhum avião da Luftwaffe fora avistado. Mas, naquele momento, os paraquedistas estavam comedidos e silenciosos, e conseguiam ver alguns portos completamente destruídos.

Aguardando ao lado do desembarcadouro, havia uma locomotiva e uma longa fila de vagões de carga. Cada vagão tinha o número 40/8 estampado. Isso significava quarenta homens ou oito cavalos em cada um. Entretanto, os americanos eram privilegiados, e por isso apenas vinte homens eram acomodados em cada vagão.

Linton deu sorte. De alguma forma, ele conseguiu um lugar no carro “de luxo”, três ou quatro vagões atrás da locomotiva, equipado com galão de água mineral, um fogão portátil Coleman para esquentar café ou sopa e um buraco para necessidades no canto. Estes pequenos confortos significavam que ele não precisaria esperar pela chamada “parada da mijada”, quando os soldados saltavam para fazer suas necessidades ao lado dos trilhos. Para evitar a monotonia, às vezes ele ia até a locomotiva, e, fazendo amizade com os maquinistas, descobriu que estavam a caminho de Verviers. Mas ninguém tinha ainda revelado formalmente seu destino final, e o oficial no comando mantinha os mapas bem seguros a seu lado. Linton decidiu não contar a ele o que sabia.

Várias horas e muitas paradas depois, o trem chegava a Verviers, bem próximo das Ardenas. Ali foi dado a Linton um rifle M-1 e um kit de fuga: um mapa de alta qualidade impresso em seda, uma pequena serra para metais em uma caixa de papelão encerado tão pequena que poderia ser escondida em uma peça de roupa e uma pequena bússola redonda. Após receber as instruções sobre onde esconder melhor seu kit, Linton batizou a bússola de “bússola anal”. Os últimos objetos eram uma máscara antigás e munição. Após receber o kit, ele subiu em um caminhão que fazia parte de um longo comboio e partiu em uma noite fria e nublada. Algumas horas depois, pararam em um pequeno vilarejo; então, Linton e mais 25 soldados marcharam até uma fazenda próxima para passar a noite. Olhando ao redor, Linton encontrou uma pilha de jornais e revistas velhos e uma caixa com cartas e documentos. Todos estavam escritos em alemão, e muitos traziam a insígnia nazista da águia alemã agarrando a suástica em suas garras.

A partir disso, Linton concluiu que estava em solo alemão. Àquela altura, a Batalha do Bulge já estava terminada e vencida, mas os americanos tinham sofrido as suas maiores baixas na Europa até então. Linton esperava que a disposição de lutar dos alemães tivesse finalmente arrefecido, mas logo descobriu que sobrava aos alemães muita disposição, e então sua sorte entrou em ação mais uma vez.

Linton foi enviado com outros homens em uma patrulha para localizar o inimigo. Deixados pelo caminhão próximo a uma floresta, eles partiram a pé em meio às árvores, andando lado a lado, cada um ao alcance visual do outro, a fim de poderem se comunicar silenciosamente através de sinais. Havia neve no chão, e o topo das árvores fora retalhado por projéteis rasantes; seus troncos estavam bastante descascados por estilhaços de granadas.

Eles encontraram uma pequena ravina, e Linton e dois companheiros foram enviados para contorná-la pela esquerda, enquanto os outros iam por fora, pela direita. Depois de algum tempo, chegaram a uma pequena clareira e um abrigo subterrâneo alemão abandonado. Enquanto olhavam ao redor, ouviram, de repente, o ruído surdo de um tanque vindo em sua direção e o estalar de pequenas árvores e vegetação rasteira sendo esmagadas debaixo de suas esteiras. Rapidamente, pularam para dentro do abrigo, que era em formato de “L” e fortemente reforçado com pranchas de madeira — excelente, pensou Linton, para se protegerem do fogo de artilharia inimigo, e mais bem-feito do que o da maioria dos americanos. Um dos soldados preparou a garrafa de vinho cheia de óleo e gasolina que alguém trouxera em uma meia. Se tivesse oportunidade, ele a lançaria dentro da grade de entrada de ar na traseira do tanque.

“Eu estava surpreendentemente calmo”, escreveu Linton. Foi quando um tanque Tiger alemão surgiu das árvores vindo justamente na direção deles. Linton deitou-se o mais baixo que pôde e esperou. Tudo ficou escuro, de repente. O tanque estava praticamente em cima deles. “Ele estava passando exatamente sobre o nosso abrigo”, recordou, “quando de repente ouvimos um barulho muito alto de algo se esmigalhando e o abrigo cedeu. Obviamente, o tanque dirigia suas esteiras alternadamente para a frente e para trás, logo acima de nós, para desmoronar o esconderijo. A terra arenosa me puxou para baixo. Afundei junto com ela e fui enterrado sem conseguir me mexer, mas continuei escutando o tanque a se mover, até que tudo ficou quieto”. Por sorte, conforme a terra foi caindo sobre ele, seu capacete deslizou em direção ao rosto, criando uma bolsa de ar. Ele ouviu o tanque se movendo em direção às árvores e perdeu a noção do tempo, mas a terra úmida começou a esfriar seu corpo. Linton se deu conta de que poderia ser o fim. Ainda não conseguia se mexer. Muito tempo parecia ter se passado quando ouviu logo acima o som de alguém raspando alguma coisa. O restante da patrulha retornara para saber o

que tinha acontecido. Por sorte, um deles viu o cano da arma de Linton emergindo da terra.⁵

Depois dessa fuga por um triz, a fim de ser reaparelhada, a 82ª Divisão foi enviada de volta à sua base principal nos arredores da vila de Sissonne, a alguns quilômetros de Reims e da sede do SHAEF. As baixas foram compensadas com novos recrutas e o equipamento danificado foi reparado ou substituído pelo vasto e aparentemente inesgotável estoque de suprimentos que chegava diariamente dos Estados Unidos para os exércitos aliados na Europa. Linton recebeu uma máscara de gás novinha em folha. Obviamente, os especialistas em armas químicas esperavam que os alemães começassem a usar gás venenoso a qualquer momento.

A tenda de Linton foi armada perto do edifício que abrigava o quartel-general regional e seu comandante, o general James “Slim Jim” Gavin. Ali perto, sempre pronto para decolar, ficava seu avião C-47. Aos 37 anos, Gavin era o general mais jovem do Exército americano desde a Guerra Civil. Nascido no Brooklyn, filho de imigrantes irlandeses pobres, era muito bem-apeesoado e elegante, e movido por um desejo impetuoso de ferir o inimigo de maneira rápida e impiedosa. Um dia, ao anoitecer, Linton viu o avião de Gavin decolar, retornando na manhã seguinte. Quase de imediato, correram boatos por toda a base de que Gavin havia se encontrado com Eisenhower para receber a nova missão dos Totalmente Americanos: um ataque de paraquedistas a Berlim.

Para a maioria dos paraquedistas, a notícia veio como um alívio. Muitos tinham saltado de paraquedas na Sicília, Itália, Normandia — apenas algumas horas antes que as forças terrestres invadissem as praias no Dia D para tomar uma cabeça de ponte de importância vital — e Holanda. Mas, desde então, haviam atuado somente em operações em terra. Sentiam-se frustrados por todo o tempo investido em treinamento. Qual era a finalidade de vestirem suas tão apreciadas botas de salto? Sim, a máquina de propaganda alemã os havia endeusado como uma força a ser temida, e a reputação de durões dos paraquedistas fez maravilhas — muitas unidades desistiam de lutar quando descobriam que eles estavam vindo, tivessem ou não saltado por trás das linhas inimigas. Por outro lado, pensava Linton de forma mais prática, as botas não conservavam o calor de forma adequada nem haviam se mostrado fortes o bastante para as duras condições de inverno que eles vinham enfrentando.

Portanto, os rumores sobre Berlim revitalizaram todos na base. Em um escritório cuidadosamente fechado e com mapas bem guardados, Gavin instruiu secretamente um seletivo grupo de oficiais, em uma tentativa inútil de manter as coisas em sigilo. O assalto seria parte da Operação Eclipse, um plano que seria ativado se os alemães dessem a impressão de estar à beira de um colapso iminente. O alvo dos Totalmente Americanos seria o aeródromo de Tempelhof, enquanto à divisão rival, os Águias Gritantes, caberia a captura de Gatow, outro campo de aviação na cidade. Então ambas esperariam pela chegada das forças terrestres.⁶

Iniciou-se um treinamento intensivo de paraquedismo, e em um aeródromo próximo a Sissonne as práticas de salto começaram. Entretanto, Linton decidiu fazer algumas preparações por conta própria. Paris ficava a apenas três horas de distância se conseguisse uma carona, o que era fácil por conta dos diversos veículos militares indo e vindo da recém-libertada capital da França, que se tornara um local de diversão para milhares de soldados. Sendo assim, ele partiu, em parte porque queria se divertir um pouco antes do ataque a Berlim, mas também — dizia isso a si mesmo — para se apoderar de mapas urbanos da capital de Hitler, mais detalhados do que os oferecidos pelo Exército americano.

Depois de achar um mapa apropriado na Rive Gauche, encontrou uma garota e aproveitou o melhor de Paris. Duas ou três vezes ao dia, ligava para um amigo em Sissonne para perguntar se algum alerta havia sido emitido. Sua dispensa não era oficial; para ser mais exato, ele se ausentara do posto sem permissão, mas todo mundo fazia isso — Paris era irresistivelmente próxima —, e seus camaradas lhe davam cobertura. Se por acaso chegassem ordens de iniciar a operação ou sua ausência fosse notada, ele voltaria para a base na mesma hora.

E foi exatamente isso que ele fez ao ser chamado à guarnição. Correu de volta para a base, onde foi indagado sobre seu conhecimento dos russos e da sociedade soviética. A reunião não deu em nada, mas Linton teve a confirmação de que os rumores sobre Berlim tinham fundamento. Mesmo assim, apesar de seus esforços, não conseguiu descobrir mais nada. Com o tempo, os rumores se dissiparam e Berlim deixou de ser um dos tópicos principais das conversas. É claro que Linton não sabia nada do grande bate-boca entre Montgomery e Eisenhower sobre o destino daquela cidade.

Em vez disso, logo depois, ele foi enviado a Colônia. Quando chegou à cidade, já era quase um experiente veterano de guerra. Aprendera a distinguir o som do estampido de projéteis sobre sua cabeça e sabia dizer se procediam da artilharia americana às suas costas ou da alemã à sua frente. No princípio, sempre se abaixava para se proteger, mas, com o tempo, como faziam os veteranos, simplesmente prosseguia em seu trajeto se notasse que os projéteis não iriam cair por perto. Mesmo quando os temíveis projéteis alemães “88” zumbiam a 40 metros de sua cabeça, ele continuava andando. De vez em quando, ouvia mísseis V1 voando na direção das cidades belgas de Liège e Antuérpia.

Linton também aprendeu a traduzir a gíria do dia a dia do Exército para a linguagem da sua escola de treinamento nos Estados Unidos. Antes de seu contato imediato com o tanque Tiger, o sargento dissera à sua patrulha: “Está tudo f-dido e ninguém sabe onde fica a p-rra do front ou a m-rda da retaguarda. Nós vamos entrar nessa p-rra de floresta em uma escaramuça f-dida pra encontrar os m-rdas dos Krauts e voltar pra essa p-rra de base e reportar a situação.” Em outras palavras, Linton compreendeu que aquilo era uma patrulha de reconhecimento.

Àquela altura, também havia se acostumado a ver a morte de perto. Certa vez, em uma estrada lateral, ele se aproximou de dois tanques destruídos, um americano e um Tiger alemão. O temido canhão do tanque alemão, capaz de perfurar o casco dos tanques inimigos, estava apontado para o tanque americano, que por sua vez tinha sua arma apontada para o Tiger. Eles haviam atirado simultaneamente um no outro, com efeito mortal para os dois lados. Linton subiu no topo do Tiger e olhou rapidamente lá dentro. “Pude ver claramente os restos cinzentos da equipe que fora incinerada pela grande quantidade de gasolina e óleo que aqueles tanques carregavam, assim como os destroços da explosão de seus canhões e da munição da metralhadora”, escreveu. “Não sobrou ali nada parecido com um ser humano, com exceção de uma fivela de metal com restos carbonizados de couro.” Ele decidiu não olhar dentro do tanque americano. Por fim, estas cenas se tornaram normais, e ele parou de olhar para dentro dos tanques porque sempre via a mesma coisa.⁷

Naquele momento, Linton já sabia que no calor da batalha as regras da guerra eram infringidas. Quando chegou ao front, todos tinham ouvido sobre o massacre de Malmédy. Ele aconteceu durante um momento especialmente

desesperador da Batalha do Bulge, quando uma unidade americana, apressando-se para reforçar a cidade sitiada de St. Vith, foi capturada em Malmédy pelas tropas da 1ª Divisão Panzer da SS. Os alemães levaram os americanos para um campo e abriram fogo. Quando terminaram, soldados da SS andaram entre os corpos atirando em qualquer um que ainda estivesse vivo. Mais tarde, 81 corpos foram recolhidos, com as mãos ainda amarradas nas costas. Esta foi apenas uma das inúmeras atrocidades executadas por essa divisão da SS durante a batalha. Muitas delas também envolveram homens, mulheres e crianças belgas, civis assassinados a sangue-frio em seus próprios lares.

A reação ao massacre foi previsível e imediata. Como Linton observou, “estas e inúmeras outras brutalidades alemãs não estimulavam exatamente o melhor da bondade humana de nossas tropas”. Segundo um correspondente de guerra dos Estados Unidos, a uma das unidades americanas foi dada a abrupta e inconfundível ordem: “Nenhum combatente da SS ou paraquedista será levado prisioneiro, devendo ser morto assim que avistado.” Logo depois, quando 21 soldados alemães foram forçados a sair de um celeiro usado como posto de primeiros socorros, foram trucidados na porta por tiros de metralhadora. Outros atos de vingança foram inspirados pelo episódio em Malmédy, como contou um soldado: “Nós estávamos trazendo nossos prisioneiros e o capitão disse: ‘Levem eles pra fora e atirem.’ E assim foi feito. Foi terrível. Ele os assassinou.”⁸

Muitas vezes, esses crimes eram cometidos no calor da batalha, mas nem sempre. Os soldados alemães capturados tinham que ser levados em marcha para a prisão na retaguarda, algumas vezes a uma distância de vários quilômetros, e depois os soldados escolhidos para a tarefa tinham que retornar para sua unidade. Isso representava uma jornada longa, muitas vezes debaixo de neve, e sempre com um risco pessoal considerável. Quando os prisioneiros alemães pertenciam à SS, então, suas chances de chegarem vivos à prisão eram pequenas. Em vez disso, muitas vezes eram “mortos enquanto tentavam fugir”. Sem dúvida, alguns realmente tentavam fugir — oficiais da SS tinham todos os motivos do mundo para se preocupar em cair nas mãos aliadas —, e não era incomum que prisioneiros de guerra alemães guardassem granadas em seus corpos e depois explodissem os Aliados que os escoltavam. Todo cuidado era pouco, e sobreviver era o que importava. Mas muitos soldados americanos

sabiam que a marcha para a prisão muitas vezes significava uma sentença de morte automática.

Isso não era diferente nos fronts canadenses e britânicos. Desde a chegada à Normandia, eles também aprenderam a ser cautelosos com os prisioneiros alemães, especialmente aqueles que fingiam estar se rendendo. Havia dezenas de exemplos de soldados aliados que foram mortos por alemães que simulavam estar mortos ou se rendendo e, de repente, começavam a atirar — como Bryan Samain descobriu. Inevitavelmente, os instintos de sobrevivência entravam em ação. “Quando os boches vinham com as mãos para o alto gritando ‘Kamerad’”, disse alegremente um soldado canadense durante a cruel batalha pela posse de Caen, “nós os recebíamos com rajadas de bala”.⁹ Lá, também, os soldados da SS eram os que tinham mais chance de ser mortos, muitas vezes como resultado de sua própria desconsideração pelas leis de guerra. Na fronteira belga-alemã, um grupo de prisioneiros da SS estava sendo levado pelas ruas de uma cidade quando um deles lançou uma granada na direção de um grupo de oficiais britânicos, matando um comandante de regimento. Todos foram mortos. Ocasionalmente, soldados aliados também respondiam a pedidos de vingança de civis. “Havia diversas regiões em que os soldados da SS haviam assassinado pessoas em uma cidade ou vilarejo e nós acabávamos ouvindo sobre isso”, disse um veterano aliado. “Não havia muitos prisioneiros em lugares como esses.”¹⁰

Por fim, a matança de prisioneiros alemães mostrou-se contraproducente. “As prisões em que eram alojados os alemães não estavam recebendo nenhum influxo significativo de informação e os inquiridores não conseguiam obter a matéria-prima de que precisavam para uma boa inteligência de guerra”, recordou Linton. E, como Geoffrey Cox estava descobrindo em primeira mão na Itália, informações atualizadas obtidas de prisioneiros eram vitais para o pessoal da inteligência, sempre sob intensa pressão.

Então, sem que se admitisse que chacinas ilegais jamais houvessem ocorrido, foram dadas ordens para aumentar o fluxo de prisioneiros. Todos sabiam o que isso significava. Linton não estava nem um pouco preocupado com o extermínio de soldados da SS, mas, como a maioria dos soldados, evitava se envolver e, quando o calor da batalha arrefeceu, pronunciou-se contra a matança.¹¹

Com relação aos interrogatórios, seu conceito também se revelou flexível. De acordo com a Convenção de Genebra, um prisioneiro de guerra era obrigado a dar apenas o seu nome, posto e número de identificação, e não poderia jamais sofrer qualquer tipo de violência. Mas, um dia, Linton testemunhou uma violação irrefutável dessa regra. Sua unidade tinha capturado um prisioneiro, um capitão da Wehrmacht, que disse que forneceria somente a informação pessoal requerida pela Convenção. Através de outros prisioneiros, porém, os inquiridores americanos sabiam que o capitão era o coordenador de fogo de artilharia de sua unidade. Isso significava que ele certamente conhecia a localização das baterias de artilharia alemã e podia indicá-las com precisão à frente americana que atacava. “O tempo era curto, a tensão era grande, a vida não valia nada, os sentimentos humanos eram inúteis, [mas] a vida de nossas tropas era o mais importante”, observou Linton depois de participar de uma das sessões de interrogatório.

Finalmente, após o alemão clamar mais uma vez pelos seus direitos, o oficial inquiridor, frustrado, pegou o telefone sobre a escrivaninha e sussurrou algumas palavras. Quase imediatamente, chegou furioso do aposento ao lado um outro inquiridor. Ele não tinha se barbeado, parecia exausto e seu sobretudo estava molhado e sujo de lama. Ele voou na direção do oficial alemão e lhe deu um soco na cara. “Fale ou vai apanhar mais. A Wehrmacht já abandonou a Convenção de Genebra há muito tempo”, rosnou. O alemão logo começou a falar, mas insistiu, “somente sob protesto”.¹²

Este tampouco foi um incidente isolado. Mais uma vez, era tudo uma questão do instinto de sobrevivência pisando nas regras e leis estabelecidas por advogados sentados à mesa em tempos de paz. Um soldado britânico testemunhou uma cena envolvendo um franco-atirador alemão trazido para interrogatório por um brigadeiro. “Um oficial mantinha uma arma em sua têmpora enquanto o brigadeiro tentava interrogá-lo”, recordou o soldado. “Ele não falou nada. Eu fiquei olhando aterrorizado para ver se o oficial ia puxar o gatilho. Ainda consigo ver a expressão no rosto do prisioneiro, aguardando que estourassem seus miolos.”¹³

E também havia a pilhagem. Ela era totalmente proibida de acordo com os regulamentos do Exército, mas, sob o pretexto de “levar lembrancinhas do lugar”, era uma prática amplamente disseminada, em especial durante as primeiras horas de ocupação de uma cidade ou povoado. Os prêmios mais

populares entre as tropas britânicas, americanas e canadenses eram pertences nazistas ou da Wehrmacht que fossem dignos de serem lembrados, tais como pistolas Luger, bandeiras, insígnias e medalhas do Partido Nazista, pistolas automáticas Schmeisser, baionetas, câmeras fotográficas e quaisquer outros itens facilmente transportáveis.

Mais uma vez, as definições variavam de acordo com o momento e a circunstância. Linton compartilhava a visão do general, de que a SS era um alvo legítimo para “lembrancinhas”. As carteiras de soldados capturados da SS eram esvaziadas e fotos de família jogadas em uma pilha; documentos de identidade e ordens eram jogados em outra; dinheiro alemão em uma terceira; e dinheiro francês, belga ou holandês era dividido entre os soldados. Mas enquanto essa prática era considerada legítima no campo de batalha, mais tarde tornou-se pilhagem ilegal — principalmente quando praticada contra civis em bloqueios de estradas, por exemplo.

Em pouco tempo, Linton estava profundamente envolvido no cotidiano dos civis. Ao descobrir que ele falava alemão fluentemente, o pessoal do QG da 82ª Divisão Aerotransportada o enviou a Romilly, na França, para um curso rápido sobre governo militar. As unidades MG, como eram chamadas, eram incorporadas às unidades de combate para reforçar a política de ocupação imediatamente após os avanços da linha de frente. Linton aprendeu sobre a divisão da Alemanha em províncias, condados, cidades, povoados e vilarejos, e quais autoridades controlavam qual serviço público. Aprendeu ainda sobre o modo de operação da polícia civil e dos bombeiros, sobre o funcionamento dos serviços postais e telefônicos, quem era responsável pelo suprimento de água e como as estradas de ferro, os canais e outras vias navegáveis eram organizados. Todos esses serviços passariam ao controle dos Aliados assim que a guerra acabasse. Linton também descobriu que todo o sistema do Partido Nazista seria abolido e as polícias política e secreta seriam dissolvidas, como também todas as forças militares alemãs, sendo que oficiais nazistas de todos os níveis da administração alemã seriam removidos imediatamente de seus cargos.

A ideia básica era manter a sociedade alemã funcionando apesar de tudo. Pessoas como Linton estavam sendo treinadas para preencher as lacunas causadas pela remoção dos nazistas, até que fossem encontrados na população alemã substitutos adequados sem vínculo com o nazismo. Seguindo logo atrás das tropas de combate, as unidades MG (conhecidas como G-5 no Exército

americano) chegariam a um povoado, montariam um escritório e começariam a expedir ordens para funcionários alemães locais. Normalmente, sua primeira ação seria afixar um grande comunicado em lugares públicos com os dizeres “Proclamação Nº 1”. Escrito em alemão e inglês e assinado por Eisenhower como Comandante Supremo, o texto anunciava que ele estava assumindo todo o controle local e estabelecendo um governo militar. Após a identificação e “prisão automática” de todos os nazistas, seus substitutos seriam apontados.

Isso por si só já era um desafio gigantesco. Entretanto, para tornar a coisa ainda mais difícil, tudo tinha que ser feito dentro da rigorosa política da “não fraternização”, desde o princípio polêmica e quase sempre violada. “Não deve haver fraternização alguma. Sem exceções! [...] Não é permitido visitar lares alemães ou associar-se íntima ou amistosamente com eles, quer em público, quer em particular. Não se deve jamais confiar neles”, lia-se na apostila entregue a todos os soldados que cruzavam a fronteira para a Alemanha. Para que tivessem a apostila sempre à mão, eles foram instruídos a carregá-la de forma segura nas presilhas de seus capacetes de aço. O jornal dos soldados americanos, o *Stars and Stripes*, traduzia em termos mais populares: “Não fique amiguinho dos boches. Todo alemão é um Hitler de coração, corpo e espírito.”¹⁴

O manual de bolso distribuído às tropas inglesas e da Comunidade Britânica trazia um conselho semelhante. A maior parte dele parecia um guia de viagem básico para mochileiros, com uma extensa introdução sobre a história alemã e os nazistas, seguida de capítulos sobre a sociedade, a comida, a cerveja, os esportes, o dinheiro, pesos e medidas, religião, literatura, música e saúde, como também um glossário de termos e expressões úteis em alemão como “*Bitte*”, “*Danke sehr*”, “*Guten Morgen*” e “*Wie Heissen Sie?*”. Mas seu objetivo principal era alertar o soldado britânico para não cair na tentação de ser sensível e emotivo com os alemães. “Vocês poderão ver muitas cenas deploráveis”, alertava o manual. “Histórias de infortúnio podem, de alguma forma, chegar até vocês. Algumas delas podem ser verdadeiras, pelo menos em parte, mas muitas serão apenas tentativas hipócritas de angariar compaixão. De maneira geral, o alemão é brutal quando está ganhando, sente pena de si mesmo e implora por compaixão quando é derrotado.” O manual continuava nessa mesma linha, generalizando que todos os alemães “adoram ostentação militar” e “amam canções melancólicas”.

O leitor era advertido repetidamente de que esta era a segunda vez em trinta anos que os alemães haviam começado e perdido uma guerra na Europa. Entretanto, desta feita, ao contrário de antes, eles teriam que entender de uma forma absolutamente clara que haviam sido verdadeiramente derrotados. “Fomos ludibriados por eles após a última guerra, e por isso entramos voluntariamente nesta.” O manual reconhecia que havia muitos alemães genuinamente antinazistas, mas muitos apenas fingiriam sê-lo, e quase todos teriam de ser convencidos a se tornar antinazistas. Esta era uma das razões para a ordem de não fraternizar.

O manual encerrava com uma lista de deveres e proibições. Dentre as obrigações, ele encorajava os recrutas a se lembrar de que eram representantes da Grã-Bretanha e da Comunidade Britânica, de que deveriam dar bons exemplos, ser astutos e manter a postura militar. Deveriam também ser firmes e justos, não se entregar a bebidas como o schnapps e se lembrar de que na Alemanha “doenças venéreas atingem uma em cada quatro pessoas entre os 15 e os 41 anos”. Logo depois, lia-se a ordem de “MANTER OS ALEMÃES A DISTÂNCIA, mesmo aqueles com quem se têm relações oficiais”, o que, a esta altura, parecia quase redundante.

Dentre as proibições, recomendava-se que não fossem emotivos — “os alemães só têm a si mesmos para culpar” —, não acreditassem nos relatos de guerra alemães ou nos acontecimentos que os havia levado à guerra, nem em histórias que criticassem os Aliados britânicos e suas áreas de controle — “eles têm como propósito disseminar a inimizade entre nós” —, e não se iludissem pelas superficiais semelhanças físicas entre eles e os alemães. O manual concluía lembrando o leitor da necessidade fundamental de segurança. Mesmo que não houvesse lutas onde o leitor se encontrasse, ele não deveria jamais esquecer que a guerra não havia terminado, e que os alemães ainda deveriam ser considerados “inimigos perigosos” até que o acordo final de paz fosse selado. Agentes nazistas, propagandistas e sabotadores ainda estavam em atividade, o livro alertava. Ele declarava que “a vida na Alemanha exigirá sua constante vigilância, precaução e autoconfiança. Cada um de vocês tem um trabalho a ser feito [...] faça o máximo para que ele seja cumprido [...] Quanto mais meticolosos formos agora, menores serão as chances de nos preocuparmos no futuro”.¹⁵

Tudo fazia sentido até certo ponto. Enquanto a luta continuava, misturar-se com os civis inimigos poderia comprometer a segurança vital dos Aliados e entregar informações úteis aos alemães — especialmente se, como os Aliados temiam, existisse um movimento de Lobisomens com que se preocupar. Mas o principal propósito da interdição era deixar claro aos alemães que eles eram uma nação culpada de agressões e crimes, que havia feito de si mesma pária e marginal do mundo civilizado.

A política funcionou razoavelmente no contato com os oficiais locais recrutados pelos Aliados para tocar as tarefas básicas e manter as coisas em operação. Eles simplesmente recebiam ordens e deviam cumpri-las. Mas quando a guerra efetivamente acabou, as tropas se sentiram mais seguras e a não fraternização começou a ruir. Não ser amigável com crianças, ser proibido de lhes dar chicletes ou balas, até mesmo de sorrir ou falar com elas era quase impossível para a maioria dos soldados.

Mas o que realmente acabou com a “proibição de fraternidade” foi o sexo, sobretudo depois que a guerra acabou e o horror das descobertas de campos como Buchenwald e Belsen desvanecera. Para o deleite dos soldados aliados, as alemãs mostraram-se diferentes das francesas, belgas e holandesas. No setor americano, a multa padrão pela infração era de 65 dólares; então, propostas a mulheres alemãs passaram a ser conhecidas como “a questão de 65 dólares”. Milhares de soldados aliados acharam que o preço valia a pena — mesmo se fossem pegos. Na verdade, sexo podia ser obtido por muito menos do que um maço de cigarros, que, na Alemanha do pós-guerra, funcionava como unidade monetária, assim como o chocolate. Estima-se que por volta de 90% dos pracinhas ignoravam a proibição de fraternidade quando o assunto era sexo.

De fato, um novo vocabulário de gírias surgiu em torno da interdição. “Não fraternização” ficou conhecido como “não fertilização”. O simples ato de sair com uma Fräulein era chamado de “fraternizar”, enquanto passar a noite com uma delas era “irmanar”, substituindo a palavra mais conhecida para a mesma atividade. No Exército britânico, os sanduíches de queijo ou carne — de eficiência comprovada para “pegar” mulheres — ficaram conhecidos como “sanduíches fraternais”. E os soldados aliados cantavam com a melodia de “Lili Marlene”: “Debaixo dos arbustos/ Você aceita seu pedaço de pão”.¹⁶

Um soldado americano recordou suas experiências de fraternização em Brunswick, que se tornou o quartel-general do IX Exército dos Estados

Unidos após o fim dos combates. Como em tempos de paz era psicólogo, foi dada a ele a missão de explorar “a mentalidade alemã”. Ele levou sua missão a sério e, por isso, começou a vaguear pelas ruas. Relatou que, por toda parte, “mulheres, algumas delas lindas e muitas jovens, nos ofereciam sexo e sussurravam convites. Elas passavam por nós bem devagar, nos olhavam sensualmente e murmuravam: ‘Eu moro sozinha, você quer ir lá em casa me conhecer melhor?’”. Literalmente, não havia nenhuma competição com os homens alemães, pois eles estavam quase todos na Wehrmacht, em prisões ou em hospitais.¹⁷

As alemãs eram as únicas provedoras de milhões de famílias e o que valia era a sobrevivência. “Mulheres de todos os níveis sociais”, escreveu um historiador, “ iam em bandos para as barracas e alojamentos dos soldados britânicos, onde trocavam seus corpos por café, cigarro e comida. Em muitos lugares, algumas das mais desesperadas não vestiam nada a não ser sapatos e casacos, sempre prontas a dar prazer a qualquer homem para salvar sua família da fome”. Mais tarde, em 1945, um policial alemão relatou: “É impossível distinguir entre as moças boas e más na Alemanha. Até mesmo as moças decentes de boa família, boa educação e berço fino descobriram que seus corpos lhes proporcionam o único sustento real. Os padrões morais caíram a um nível muito baixo.”¹⁸

A vida de Leonard Linton como cabo da unidade G-5 começou fora de Colônia, quando seu comandante ordenou que encontrasse um alojamento para a unidade. Explorando o território em seu jipe, ele encontrou uma casa de campo que parecia adequada e não havia sofrido danos muito evidentes. Ao entrar na casa, entregou uma cópia da Proclamação N° 1 para seu ocupante mais velho. O homem tremia de medo. Em pé, próximo a ele, Linton fez com que a lesse. Logo em seguida, disse que o homem tinha trinta minutos para arrumar as malas e sair. Ele nunca voltou a vê-lo.

Entretanto, ele logo se viu sobrecarregado com uma pilha de problemas que o mantinham, bem como outros soldados do G-5, trabalhando até depois do toque de recolher. Havia parentes ansiosos por saber do paradeiro de membros da família postos em prisão automática, indivíduos reclamando por terem sido demitidos de seus cargos, e outros que alegavam que sua filiação ao Partido Nazista não era nada sério. Os requerentes faziam fila do lado de fora e solicitavam rações de alimento mais generosas, permissão para viajar além das

zonas restritas ao redor de suas residências, auxílio médico e abrigo, entre várias outras coisas. Sempre que podia, Linton os mandava à administração alemã civil da região, algumas ainda controladas por nazistas. Em teoria, aqueles funcionários deveriam ter sido dispensados, mas razões práticas levavam os Aliados, algumas vezes, a desconsiderar tais regras. No caso do abastecimento de água, por exemplo, o único técnico competente era membro do partido. Até que se encontrasse outra pessoa capaz, ele permaneceu no cargo.

Com respeito às relações de Linton com os civis alemães, dois refrões clássicos dominavam as conversas: “*Ich war immer dagegen*” (“Eu sempre fui contra os nazistas”) e “Eu tinha [ou ajudei] um amigo judeu”. Se somasse todos os que se diziam antinazistas, ele lembrou, as multidões que saudaram a Hitler tão entusiasticamente deviam ter sido uma miragem. Com relação aos judeus, a julgar pelo número que os gentis alemães diziam ter ajudado, eles totalizariam uns 50 milhões. Algumas vezes, antes de aprender a ignorar tais alegações, ele pedia nomes e detalhes dos judeus envolvidos. “Ah! Eles desapareceram sem deixar vestígios”, era normalmente a resposta. Ao que Linton respondia rudemente: “Não, eles partiram em uma nuvem de fumaça, talvez em Auschwitz.” Raramente isso despertava qualquer outra reação a não ser o silêncio, exceto pela negação ocasional: “Eu não sabia nada sobre isso.” Estas negações eram ainda mais difíceis de aceitar depois que o oficial no comando de Linton preparou algumas fotos explícitas de Bergen-Belsen para serem afixadas na sala de recepção do G-5. Ali, civis alemães esperavam, às vezes por horas, para que seus problemas fossem discutidos. Quando alguns sugeriram que as fotos não eram senão propaganda aliada, a ira de Linton transbordou de um modo que ele depois veio a lamentar.

Um dia, ele parou para almoçar em uma cozinha de rua do Exército. De pé na fila, recebeu a generosa porção de comida em seu prato. Mas, dessa vez, em lugar de receber um bife grande, ele recebeu dois, juntamente com o habitual purê de batata, uma larga colherada de caldo de carne bem quente e, para a sobremesa, fatias de pêssegos em conserva. Ele descobriu que só conseguiria comer metade daquela refeição, por isso jogou o que havia sobrado na lata de lixo, que já estava cheia pela metade. Assim que acabou, alguns meninos alemães de uns 7 ou 8 anos, loiros de olhos azuis e bem magros, tentaram desesperadamente pegar o que tinha ido para o lixo. Furioso, Linton impediu

que qualquer um deles pusesse as mãos na comida. “Eu os odiei simplesmente porque eram alemães e de alguma forma responsáveis pela miséria que nós víamos”, confessou. Foram necessários vários meses para que aquele sentimento o deixasse. Ele estava longe de estar sozinho na tentativa de impedir que aquela fartura de alimentos alcançasse os alemães famintos, mas no futuro ele se recordaria daquele momento como “provavelmente o dia mais negro de minha vida”.¹⁹

Um companheiro da divisão dos Totalmente Americanos que compartilhava o ponto de vista de Linton tentou reforçar a proibição quando ela chegou até os relacionamentos sexuais entre seus homens e mulheres alemãs. Ele entendia perfeitamente as necessidades sexuais do grupo, mas era difícil aceitar a disposição das mulheres alemãs em dormir com seus inimigos tanto pelo prazer sexual como para ganho material. Uma noite, em patrulha, ele abriu a porta de um celeiro e iluminou o local por dentro com o poderoso feixe de luz do farol de sua motocicleta. O que ele viu, escreveu, foi “um bacanal sobre a palha”. Os homens foram rapidamente dispersos, mas ele reteve três mulheres por violarem o toque de recolher — que ia do anoitecer ao amanhecer — e prendeu-as em uma cela escura por 48 horas sem comida ou água, para fazer delas um exemplo.²⁰

Tudo isso devia ter mantido Linton bem ocupado em seu trabalho até o dia da rendição alemã, mas então Eisenhower tomou uma decisão que iria afetar todos os soldados na divisão do general Gavin. A questão de Berlim no fundo ainda estava fervilhando, envenenando as relações entre os Aliados. Para resolvê-la de uma vez por todas, Eisenhower, no dia do aniversário de Hitler, viajou até o quartel-general do marechal Montgomery para mais um tête-à-tête sobre estratégia. Montgomery ainda se ressentia da decisão sobre Berlim, mais difícil ainda de suportar porque Eisenhower também afastara o IX Exército dos Estados Unidos do 21º Grupo de Exércitos de Montgomery, a fim de auxiliar Bradley na investida pelo centro da Alemanha.

A situação se tornara tão difícil que, antes de ir ver Montgomery, Eisenhower fez um voo especial até Londres para falar pessoalmente com Churchill sobre o problema. Relutantemente, o primeiro-ministro concordou que os russos fossem os primeiros a entrar em Berlim e que não havia muito sentido em que os Aliados — ainda sem uma posição forte do outro lado do

Elba — fizessem uma tentativa. Como alternativa, eles concordaram que outra cidade alemã merecia uma atenção urgente no momento: Lübeck, na costa báltica. “Nossa chegada a Lübeck antes de nossos amigos russos [...] nos pouparia muita discussão mais adiante”, disse Churchill a Anthony Eden, o secretário britânico das Relações Exteriores, após sua conversa com Eisenhower. “Não há razão para os russos ocuparem a Dinamarca, um país que deverá ser libertado e ter sua soberania restabelecida. Nossa posição em Lübeck, se a conquistarmos, será decisiva com relação a isso.” Este não foi o único problema discutido entre Eisenhower e Churchill. O primeiro-ministro também concordava com a decisão do Comandante Supremo americano de capturar as instalações de pesquisas atômicas alemãs perto de Stuttgart antes que o I Exército francês chegasse.²¹

Ao saudar Eisenhower, Montgomery estava com seu habitual humor rabugento: sentia-se paralisado, sua campanha tinha estacionado, e suas forças, ao contrário dos americanos, não haviam ainda cruzado o Elba. Por isso, Eisenhower sentiu que Montgomery estava desanimando e precisava de um firme encorajamento para acelerar seu progresso. Este ponto de vista era reforçado por Bradley, que não gostava nem um pouco do comandante britânico e, como ele mesmo escreveu mais tarde, acreditava que ele relutava “em investir com tudo, em ir à luta, em arriscar”.

Então, o Comandante Supremo decidiu falar francamente: a menos que os britânicos se apressassem em alcançar Lübeck e os países bálticos, os russos chegariam lá antes deles, alcançariam a fronteira dinamarquesa e talvez até mesmo continuassem marchando para dentro da Dinamarca. Por razões meramente políticas, isso seria bastante indesejável, mas, no plano estratégico, poderia ser um desastre. Se os britânicos não conseguissem isolar a base da península da Jutlândia, isso possibilitaria aos alemães evacuar um grande número de forças pela Dinamarca em direção à Noruega e estabelecer um reduto ao norte. Esta perspectiva não atemorizava tanto o SHAEF quanto a ideia de um reduto ao sul, mas Eisenhower estava preocupado o suficiente com essa possibilidade, a ponto de modificar seus cálculos.

Para encorajar Montgomery, que reclamava ser o Elba um desafio tão difícil quanto o Reno, Eisenhower ofereceu-lhe ajuda adicional sob a forma do 18º Corpo Aerotransportado do general Matthew Ridgway. Montgomery aceitou a oferta — mas apenas após vários dias de relutância. O grupo de Ridgway

incluía a 7ª Divisão de Veículos Blindados e a 8ª Divisão de Infantaria, ambas americanas, a 6ª Divisão Aerotransportada britânica e a 82ª Divisão Aerotransportada, de Gavin.

Em uma questão de dias, os soldados de Gavin receberam ordens para desistir de Colônia e sair em disparada para o Elba.²²

Para Linton, no entanto, havia tempo para mais uma missão. Ele foi chamado ao escritório do oficial no comando, onde lhe transmitiram a informação que acabara de chegar sobre a existência de um grande paiol de armas e munição escondido pelos alemães no Ruhr. O informante era um russo recém-libertado de um campo de trabalhos forçados. Os americanos tinham sido preparados para quase todos os tipos de problemas de ocupação, exceto o grande número de vítimas nazistas, e estavam quase exauridos pela tarefa de lidar com eles; naquele momento, porém, pareciam ter encontrado algo promissor, uma pista que precisava ser seguida.

Linton recebeu instruções minuciosas de interrogar novamente o russo. O ex-prisioneiro tinha em torno de 24 anos e explicou que estava trabalhando em uma fazenda plantando batatas e beterrabas quando, certa noite, viu os alemães enterrando armas, munição e rádios.

“Você viu câmeras Leica?”, perguntou Linton.

“Sim, um bom número”, respondeu o russo.

“Eu sempre quis ter uma Leica”, disse o oficial no comando quando Linton voltou com seu relatório e prontamente ordenou uma incursão. O russo bateu em um ponto do mapa com o dedo, e Linton e seu pelotão de soldados saíram em disparada em dois jipes com o russo no banco de trás. A animação deles não se devia tanto à possibilidade de uma pilhagem — qualquer câmera Leica que encontrassem obviamente pertenceria ao oficial no comando —, mas à esperança de que pelo menos tivessem recebido informações seguras sobre um problema constante: os Lobisomens.

Um pouco antes da Primeira Guerra Mundial, um escritor alemão do norte chamado Hermann Lons havia publicado *Der Webrwölf*, um romance baseado nos míticos “Lobisomens” — guerrilheiros camponeses da Charneca de Lüneburg que haviam combatido os suecos e mercenários estrangeiros durante a Guerra dos Trinta Anos. Seu sanguinário espírito justiceiro e suas formas sádicas de matar constituíam a legítima justiça “do povo”, argumentava Lons,

porque a lei e a ordem normais haviam sido destruídas. Próximos ao solo e vagando pelas florestas, Lons constantemente os comparava a lobos. Era uma imagem que ressoava profundamente em uma nação que crescera com lendas obscuras e assustadoras dos Irmãos Grimm. (Significativamente, quando precisou de um pseudônimo, nos anos 1920, Hitler escolheu “Herr Wolf”, e seu quartel-general secreto nas florestas da Prússia Oriental era conhecido como “A Toca do Lobo”.)

O livro de Lons foi um sucesso de vendas na Alemanha e inspirou pelo menos um dos grupos Freikorps que travaram combates de guerrilha contra os poloneses na alta Silésia depois da Primeira Guerra. Em 1944, quando os Aliados ocidentais entraram na Alemanha, o Partido Nazista publicou uma edição especial do livro, e passagens dele apareceram ainda em vários jornais. A SS também começou a organizar várias unidades de Lobisomens. Como qualquer menção de derrota era estritamente proibida, sua tarefa seria atormentar as forças inimigas nas áreas “temporariamente” ocupadas pelos Aliados, e como eram especializados em combates de guerrilha, eles deveriam se organizar e lutar em células altamente descentralizadas. Seu coordenador nacional era o SS Hans Adolf Prützmann, um veterano da Freikorps nascido na alta Silésia.

Os Aliados estavam bastante preocupados com os Lobisomens de Prützmann, e também com outros grupos de resistência por trás das linhas de combate que poderiam causar transtornos. Afinal de contas, os próprios Aliados haviam criado com êxito a SOE e o OSS para causar mortes e caos nas linhas alemãs. A preocupação aumentou depois de um grupo de Lobisomens ter assassinado o prefeito de Aachen que havia sido nomeado pelos americanos em março de 1945 e se intensificou com a primeira transmissão, no começo de abril, da “Rádio Lobisomem”.

Este era um esforço desesperado de Goebbels para inspirar resistência contra os britânicos e americanos por trás das linhas inimigas, algo que até então havia faltado. “O ódio é a nossa oração, e a vingança, o nosso grito de guerra”, anunciava a estação em sua transmissão inaugural. “Malditos sejam os estrangeiros que torturam e oprimem nosso povo, mas três vezes mais malditos sejam os traidores entre nosso próprio povo que os ajudam.” O propósito da estação era tanto nomear e envergonhar os alemães que colaboravam com os Aliados como tirar a vida dos soldados inimigos.

Mas qual a verdadeira extensão daquela ameaça? O pessoal da contrainteligência aliada fazia circular alertas entre as unidades no front e recomendava cautela. Se as ameaças nazistas eram para valer, então um sério perigo se escondia à frente para os exércitos aliados. Um típico exemplo foi um relatório de 19 páginas lançado cinco dias depois do aniversário de Hitler. Após identificar precisamente Prützmann como o líder do movimento e lembrar os leitores do assassinato do prefeito de Aachen, o relatório concluía dizendo que o perigo dos Lobisomens estava “longe de ter acabado”, sobretudo porque êxitos anteriores poderiam estimular a imaginação de membros fanáticos da Juventude Hitlerista.²³

Quase todos os dias um boletim de inteligência do SHAEF passava pela mesa de Linton, alertando-o para manter os olhos bem abertos para qualquer sinal de Lobisomens. Eles seriam altamente organizados: armas e munição, por exemplo, podiam estar escondidas em latas de conserva e codificadas com certas letras e números. Linton descobriu que, felizmente, o SHAEF havia adquirido cópias de todos os códigos e poderia identificar as latas suspeitas.

Ele também recebia um boletim detalhando a astúcia diabólica dos Lobisomens. Os alemães — alegavam os especialistas do SHAEF — eram capazes de transformar explosivos em linha de costura, com a qual teciam casacos. Um homem que os vestisse poderia passar por um posto de inspeção sem ser detectado. Tudo que precisaria fazer depois disso seria tirar o casaco, dobrá-lo e conectá-lo a um detonador convencional, podendo explodir até uma ponte.

Linton achava que este e outros truques sujos na mesma linha eram bastante plausíveis. Afinal, os alemães continuavam lutando, mesmo em extrema desvantagem. O que os impediria de planejar e organizar uma resistência a ser mobilizada após a rendição? França e Noruega haviam se rendido, e o que aconteceu por lá?, perguntava-se ele. Os boletins circulavam entre todas as unidades. Os soldados eram alertados a não perambular sozinhos, a manter suas armas sempre em prontidão e a relatar toda e qualquer sabotagem.

Naquele momento, dirigindo-se com outros jipes para a zona rural alemã, parecia que Linton e seus camaradas finalmente encontrariam algo concreto. A princípio, o guia russo mostrava-se desorientado, devido às ruínas e aos escombros do último combate. Então, de repente, ele apontou para uma casa bem grande em uma fazenda, com um muro alto de pedra. Os jipes partiram

para lá, cercando a casa e fazendo barulho ao frear. Os pracinhas saltaram já com as metralhadoras em punho. Linton entrou no prédio atrás do russo. Ali dentro, enfileirado contra uma parede, havia um grupo de 15 a vinte alemães — a maioria deles homens, mas também algumas mulheres e uma menina de 8 anos. O russo gritava e apontava para eles, puxando a manga da camisa de Linton e implorando que o deixasse atirar nos alemães. Linton acalmou-o e leu a Proclamação N° 1 para o fazendeiro, perguntando a ele se havia alguma arma escondida na fazenda. “Não”, respondeu o homem. Linton então pediu que o russo lhe mostrasse o local onde dizia ter visto o equipamento ser escondido.

Ele foi direto até um celeiro, abriu a porta e pisou no chão perto de uma carroça. O chão produziu um som oco. Linton pediu ao fazendeiro que falasse a verdade desta vez. O homem disse que haviam escondido alguns itens para manter a família a salvo. Admitiu também que o russo fora um dos mais de vinte trabalhadores rurais designados pela Secretaria de Trabalho para ajudá-lo na colheita. Mas ele insistiu que todos os russos foram muito bem tratados e que comiam da mesma comida que sua família. Ele até perguntou por que o russo estava com tanta raiva e concluiu dizendo que o povo da fazenda nunca apoiara Hitler, que a maioria deles nunca ouvira falar de campos de concentração e que estavam felizes porque a guerra havia acabado e todos poderiam voltar a trabalhar nos campos.

Enquanto o fazendeiro falava friamente, os soldados cavavam o solo. Parecia muito suspeito. Logo abaixo, encontraram um longo aposento com filas de prateleiras. Em muitas delas estavam empilhados utensílios caseiros como lençóis, toalhas e roupas. Havia também um bom número de caixas de papelão. Para economizar tempo, os pracinhas simplesmente as rasgaram com suas baionetas, e em uma questão de minutos parecia que um tornado havia passado por ali. Mas, para aumentar a fúria dos soldados, eles não encontraram nenhuma arma, nenhum rádio, nem sequer uma câmera Leica, somente uma Brownie surrada que pertencia à garotinha.

De repente, tudo ficou bem claro, revelando que aquela era uma caçada inútil criada pelo desejo de revanche do russo contra seu ex-patrão. Mas o feitiço se voltou contra o feiticeiro, e o russo mal conseguiu continuar vivo. Sentindo-se enganados, os soldados queriam matá-lo, e Linton teve de impedi-los por duas vezes. Mas, ao voltar mais uma vez a Colônia, estava feliz por ter deixado o impostor em um campo que naquele momento era administrado

com rigor pelo oficial de prisioneiros de guerra do Exército Vermelho. Ali, Linton pensara, o homem enfrentaria uma corte marcial e talvez fosse fuzilado. Mas ele estava muito atarefado para voltar lá e por isso nunca descobriu o destino do russo. Linton continuou em alerta, em busca de qualquer sinal de atividade dos Lobisomens.²⁴

As outras unidades fizeram o mesmo. Uma delas se mudou para Bonn, especificamente para neutralizar a possível ameaça da resistência, através de buscas intensivas de casa em casa por paióis ilegais de armas. “Proseguimos nessa busca de maneira planejada, para convencer a população local de que estávamos firmes em nosso propósito”, lembraram os paraquedistas envolvidos.

Após dividir a cidade em setores, os que seriam inspecionados foram fechados. No primeiro dia liderei um grupo que fez buscas na prefeitura de Bonn e em seu abrigo antiaéreo anexo. O abrigo, que tinha vários andares, era também uma torre de artilharia antiaérea. Havia quatro ou cinco níveis subterrâneos [...] [onde] [...] nós descobrimos salas e mais salas cheias de quadros e outros objetos de arte. Relatei o fato às autoridades do governo militar americano.

No dia seguinte, a unidade fez buscas em todos os prédios no centro da cidade. Quando os proprietários alegavam que haviam perdido as chaves, os paraquedistas atiravam nos cadeados, fazendo-os em pedaços, até que todos “entendessem a mensagem”. Mas a única descoberta significativa que fizeram foi uma adega cheia de vinhos e destilados. Na calada da noite, alguns civis transportaram as bebidas para outro lugar, mas os paraquedistas rapidamente reencontraram o estoque, trouxeram um caminhão e tiraram tudo dali.

Dos Lobisomens, porém, não havia sinal algum.²⁵

PARTE DOIS

DE 20 A 30 DE ABRIL DE 1945

7. "UM CLIMA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS"

Enquanto esperava pacientemente na Normandia, Francesca Wilson ia se conscientizando cada vez mais do começo desajeitado da UNRRA na condução do enorme problema dos refugiados europeus. Muitos dos recrutados pela agência humanitária das Nações Unidas pareciam ou inexperientes ou cínicos. “Para muitos franceses”, observou ela, “a organização parecia uma brincadeira confusa, mas divertida”. Um dos designados para o almoxarifado, que havia participado da Legião Estrangeira, confessou que nada sabia sobre gestão de estoques. Outros, nomeados oficiais de refeitório, contaram-lhe, achando graça, que também não entendiam nada de cozinha — “a não ser comer como franceses”. Havia ainda os que trabalhavam com suprimentos. “Isso era bem comum”, observou ela, argutamente. “Tanto no Exército como na resistência, os soldados aprenderam a se ajudar [...] Eles estavam prontos para qualquer aventura, e os salários eram altos.”

Mas ela equilibrava seu ceticismo com realismo. A UNRRA era uma grande experiência — a primeira organização internacional que tentava fazer algo prático e construtivo em relação aos refugiados. Era bem verdade que muita coisa parecia trabalho de amador, mas, afinal, a agência iniciara seu trabalho de campo havia menos de um ano. Seu orçamento era de vários milhões de libras. Isso, Francesca observou com otimismo, já representava um enorme avanço em termos de atitude com respeito às necessidades humanas geradas pela guerra moderna, em comparação com o que vigorava na geração anterior.¹

Enquanto isso, na Bavária, Robert Reid estava tendo dificuldades em acompanhar o passo dos tanques de Patton. “Este é verdadeiramente o maior avanço na história da guerra”, contou ele a seus ouvintes da BBC, “um progresso em que postos de comando divisionais fazem grandes avanços duas a três vezes ao dia”. E isso mesmo antes de chegarem a Buchenwald, durante a impressionante investida de Patton para o leste, do Reno até a Turíngia.

Enquanto Reid relatava os horrores de Buchenwald, a atenção de Patton dirigia-se rápida e definitivamente para o sul, na direção do Danúbio. Ali, lia-se no plano do general que o seu III Exército provavelmente se uniria aos avanços soviéticos vindos do oriente, antes de prosseguir para Salzburgo e para o Reduto Alpino mais além. A fim de alimentar os homens e abastecer os veículos, a meta era acumular um milhão de toneladas de alimentos e um milhão de galões de gasolina. Com o propósito de se preparar para o contato com o Exército Vermelho, Patton fez circular informações de reconhecimento de veículos e equipamentos russos entre todos os comandantes de tropas. Ninguém queria incidentes de “fogo amigo” com as forças de Stalin.

Em seu avanço rápido pelo interior da Alemanha, Patton estava à vontade. Um sujeito extravagante, profano e agressivo, com botas sempre bem engraxadas e pistolas com cabo de marfim na cintura, não era à toa que o chamavam de “velho duro e sanguinário”. Ele idolatrava seus antepassados confederados da Virgínia e amava o Exército e seus soldados. “Nenhum general americano teve uma compreensão tão ampla do elemento humano em uma guerra”, escreveu um biógrafo, “ninguém compreendeu tão profundamente que o moral nunca é constante [e que] tropas, quando em contato com o inimigo, jamais deveriam permanecer inertes [...] pois somente a ação ofensiva traz satisfação”.² Mesmo Montgomery, que o detestava e o chamava de “atiçador”, admitiu que ele era o líder mais incisivo no campo aliado.

Quer estivesse circulando de jipe, quer de pé em posição de sentido, ou ainda concentrado em alguma instrução, ele sempre dominava a cena. “Sua aparência refinada reluzia”, escreveu outro biógrafo. “Ele sempre mantinha a pose, e sua energia era como a de um gato [...] ele inspirava emoção e reverência, como também lealdade e confiança.” Entretanto, por trás desta aparência agressiva havia um homem que se preocupava de todo coração com o bem-estar de seus soldados. “Nenhum comandante”, escreveu um terceiro

biógrafo, “dedicou mais tempo que ele a treinar suas tropas em nível tão alto, para *salvar*, e não desperdiçar, suas vidas”.³

Em termos de personalidade, Patton e o tranquilo Robert Reid não poderiam ser mais diferentes. Talvez por isso, o correspondente britânico não deixava transparecer suas impressões sobre o controverso general americano. Mas pelo menos uma coisa eles tinham em comum: ambos acreditavam instintivamente na importância decisiva do moral e tinham uma empatia profunda por seus soldados.

As defesas alemãs revelaram não ser mais que uma película fina, e os americanos encontraram pouca ou nenhuma oposição. Eles se depararam também com muitas pontes demolidas e bloqueios nas estradas, mas com pouca defesa humana. A maioria dos tanques da Wehrmacht havia sido destruída na batalha de Ruhr, e sua administração, em geral eficiente, encontrava-se em total desordem. As reposições não estavam chegando aos fronts e tropas improvisadas, que incluíam até idosos e adolescentes de ambos os sexos, participavam de uma defesa cada vez mais desordenada. Ao encontrar os tanques de Patton, os alemães rendiam-se em massa. Nas primeiras três semanas de abril, o exército de Patton capturou quase meio milhão de prisioneiros de guerra.

O tempo também estava cooperando. Com exceção de um ou dois dias de chuva, vento e granizo, céus claros proporcionaram condições excelentes para centenas de missões aéreas com o objetivo de auxiliar os homens em terra. As tropas aliadas deixavam para trás milhares de locomotivas e aeronaves destruídas, estradas de ferro crivadas de balas, caminhões incendiados e pontes destroçadas. Àquela altura, a Luftwaffe já tinha praticamente deixado de existir e aviões aliados operavam quase que à vontade.

Basicamente, os únicos obstáculos ao avanço de Patton eram os suprimentos de gasolina para seus tanques e o congestionamento nas estradas à medida que os comboios de suporte tentavam acompanhar o passo. Entretanto, a comida também estava se tornando um problema. Capturar e armazenar os suprimentos alemães de alimentos tornaram-se uma prioridade, sobretudo porque milhares de prisioneiros de guerra e desabrigados encontravam-se naquela zona de operações, e todos precisavam comer.

Até mesmo Reid estava sentindo o aperto. Geralmente, os correspondentes de guerra podiam contar com uma boa alimentação, compartilhando da porção

reservada aos oficiais no quartel-general. Mas, naquele momento, a situação era totalmente diferente das primeiras semanas que ele passara com o exército de Patton, antes da travessia do Reno. No início, Reid usufruía do conforto de um quarto de hotel sempre com água quente, refeições excelentes, cozinheiros profissionais e garçons civis, e bastante tempo livre à noite, quando podia ler ou escrever cartas. Recentemente, porém, “só tem havido trabalho pesado, e penso que todos estão bem cansados de novo”, escreveu em uma das cartas a Vera, que se tornavam cada vez mais raras e datilografadas apressadamente. “Nossa comida já não é tão boa como antes, por causa da questão do suprimento [...] quando um exército está se deslocando, é preciso retornar aos biscoitos de água e sal e enlatados.” Portanto, foi um grande alívio quando um de seus colegas correspondentes fez, certo dia, uma incursão pela roça e retornou com uma boa quantidade de ovos frescos. Foi ainda melhor quando um terceiro conseguiu achar um rifle e saiu para caçar lebres.⁴

As unidades do III Exército faziam avanços regulares de 50 a 60 quilômetros por dia. Na terça-feira, 24 de abril, finalmente alcançaram o Danúbio, próximo a Ratisbona, na alta Bavária. Ali, apenas três semanas antes, Fey von Hassell fora colocada em uma cela pequena e imunda. Ratisbona, uma das mais antigas cidades alemãs, já fora sitiada 17 vezes e sobrevivera a uma longa e sangrenta história de violência. Já havia sido uma fortaleza romana, um bispado desde o século VIII, um ponto de refúgio para os cruzados a caminho da Terra Santa e uma cidade portuária medieval bem próspera, além de ter sediado a Assembleia Legislativa do Sacro Império Romano-Germânico até sua extinção por Napoleão. Ratisbona foi palco de uma das vitórias napoleônicas no avanço francês em direção a Viena em 1809. Ali, também, Napoleão foi levemente ferido durante a batalha para romper as muralhas da cidade. O astrônomo medieval Johann Kepler e, bem mais tarde, o industrial Oskar Schindler, que salvou centenas de judeus do Holocausto, foram dois filhos proeminentes da cidade.

Quando entrou em Ratisbona, Patton encontrou-a parcialmente intacta, embora os bombardeiros aliados tivessem arrasado suas estações de trem, armazéns de carga e a fábrica de aviões Messerschmitt. A Steinerne Brücke, uma ponte do século XII, tinha sido praticamente destruída pelos soldados da SS enquanto tentavam impedir o avanço americano. Isso mostra mais uma vez o tremendo descaso nazista pela herança cultural do país. Escondida nos cofres

do Reichsbank, os americanos encontraram uma grande coleção de arte roubada de várias partes da Europa: quadros, pedras preciosas, braceletes e relógios retirados de vítimas de campos de extermínio, barras de prata feitas de joias derretidas e artigos de ouro removidos de igrejas na Tchecoslováquia, entre os quais um tabernáculo de ouro maciço de uma igreja ortodoxa russa em Praga. Os itens mais valiosos, no entanto, eram apólices austríacas avaliadas em 3 bilhões de dólares, assim como a maior parte dos títulos de crédito da Bavária.⁵

Enquanto isso, algumas unidades do exército de Patton margeavam a fronteira tcheca, e outras cruzavam o rio Isar — que corta Munique para se juntar ao Danúbio — e seguiam em direção à Áustria.

Não era surpresa que Reid estivesse sem fôlego diante da velocidade com que as coisas aconteciam. Todas as manhãs, ele e seu técnico de rádio, Bill Costello, montavam na garupa de um jipe e eram levados por um motorista do Exército, dirigindo por horas à procura de uma história. Em abril ainda fazia muito frio, e Reid vestia por cima de seu casaco de couro um sobretudo pesado, e enrolava um casaco forrado de lã em volta dos tornozelos, pilhado dos alemães.

O trabalho de Reid era um pouco diferente do de muitos outros correspondentes que seguiam os avanços de Patton. Aqueles homens e mulheres trabalhavam para a imprensa escrita. Por aí já se via o contraste, uma vez que Patton, trabalhando na Rádio BBC, precisava levar a seus ouvintes na Grã-Bretanha os sons da batalha e do front. Ele tinha profunda consciência de estar na vanguarda das comunicações, que tornava a reportagem da presente guerra inteiramente distinta do jornalismo praticado durante a Primeira Guerra Mundial, e orgulhava-se disso.

“Os milagres modernos da comunicação sem fio”, escreveu, “traziam os sons dos campos de batalha para a lareira doméstica”. Isso marcava uma revolução e, como em todas as revoluções, trazia desconfiança e resistência. Durante a Batalha da Grã-Bretanha, em 1940, a BBC transmitira o relato de uma testemunha ocular de um combate violento sobre o espaço aéreo de Dover entre os pilotos da RAF e da Luftwaffe, o que havia sido criticado. Uma coisa era narrar um jogo de críquete ou uma corrida de cavalos; mas relatar um acontecimento no qual homens estavam perdendo suas vidas foi considerado

de mau gosto.⁶ Àquela altura, porém, as opiniões já haviam mudado completamente.

A maior parte dos relatos de Reid era transmitida no *War Report*, programa que ia ao ar todas as noites após o noticiário das 21 horas. Isso significava que ele estava sempre trabalhando freneticamente contra o relógio. Quando achava alguma coisa interessante, pegava seu microfone portátil e sem perder tempo descrevia a cena que se passava à sua frente, ou improvisava uma entrevista, enquanto Costello garantia que tudo estava sendo gravado corretamente no pequeno trailer, rebocado atrás do jipe.

Algumas vezes, quando não podiam chegar a um lugar de jipe, carregavam uma caixa com o equipamento de gravação portátil até o local. Ela fazia parte do equipamento padrão e fora desenvolvida pelos engenheiros da BBC, sendo usada pela primeira vez de forma bem-sucedida no desembarque em Anzio, na Itália, no ano anterior. Pesando cerca de 18 quilos, a caixa incluía 12 discos de dupla face que gravavam uma hora de reportagem, um microfone com um clipe pequeno que podia ser acoplado a praticamente qualquer coisa e uma unidade de pilha seca. O equipamento era tão fácil de operar que Reid podia trabalhar sozinho, embora no trailer fosse necessário o auxílio do técnico, porque a unidade de gravação era muito mais sofisticada.

Ao retornar à área de imprensa todas as noites, Reid era obrigado a submeter as gravações aos censores do Exército, que procuravam eliminar tudo que pudesse ser militarmente delicado ou útil para os alemães.

Isso significava que ele precisava fazer uma autocensura cuidadosa durante suas gravações. Era muito fácil eliminar uma palavra ou frase ofensiva numa matéria impressa, mas fazer o mesmo com um disco era quase impossível. Ao aceitar o convite da BBC para fazer reportagens de guerra, ele fora submetido a cursos de treinamento muito rigorosos, nos quais aprendeu sobre as armadilhas embutidas na censura.

Isso não era tudo o que havia enfrentado. Nas montanhas do norte do País de Gales, em meio a muita dor, ele montara em uma mula para observar um exercício de artilharia, e nos charcos de Yorkshire teve de se deitar no chão enlameado fingindo escrever uma matéria enquanto balas de verdade zuniam sobre sua cabeça e minas explodiam ao redor, espalhando torrões de terra. Ele também aprendeu a dirigir caminhões pesados, uma experiência penosa para quem nunca havia dirigido sequer um automóvel. Tudo ficou ainda pior

quando teve de cumprir seu ofício nas estradas rurais ao redor de Portsmouth, apinhadas de tanques de guerra, canhões autopropulsionados, tratores e ambulâncias dirigindo-se às praias do Dia D. Certa vez, ao encontrar um comboio dos famosos Ratos do Deserto com a mensagem “de Alamein para Berlim” escrita a giz nas torres de seus tanques, ele, sensatamente, passou a direção para seu instrutor.

Mas o treino mais importante que recebeu, excluindo-se os aspectos técnicos relacionados à transmissão diretamente do campo, foi com respeito à censura. Para ressaltar os problemas relativos aos discos, os correspondentes eram levados a um falso QG alemão onde um oficial de inteligência “nazista” rodava gravações especialmente preparadas e supostamente feitas por correspondentes ingleses descuidados, nas quais comentários aparentemente inocentes eram usados para extrair informações militarmente significativas. Os jornalistas ingleses, então, fizeram um curso para aprender a evitar tais erros. Tudo isso ajudou Reid a pensar rápido enquanto gravava suas histórias.⁷

Depois que os discos recebiam o aval dos censores, eram cuidadosamente embrulhados, endereçados à BBC e colocados em um avião. Algumas vezes, quando Reid dava sorte, encontrava um telefone a partir do qual podia falar diretamente com a BBC. Neste caso, um aparelho especial em Londres chamado “teledifone” gravava suas palavras em um cilindro de cera. A gravação era ouvida por um datilógrafo; ele produzia um texto que pudesse ser lido por um censor, o que agilizava a transmissão e economizava tempo.⁸

Naquele momento, até mesmo a velocidade dos acontecimentos da guerra proporcionava reportagens boas e dramáticas. “Ontem, dirigi por várias horas sob chuva torrencial e uma tempestade de granizo, por estradas que levam ao sudeste e estavam abarrotadas de trens de suprimentos, por campos nos quais mais uma vez os engenheiros fizeram milagres, construindo pontes sobre rios e estradas de ferro”, ele contava ofegante a seus ouvintes, três dias após os relatos sobre Buchenwald. De repente, Reid passou por um vilarejo cuja população ainda estava chocada com o avanço no estilo “rolo compressor” de Patton. À sua frente, civis alemães andavam despreocupadamente de bicicleta ao longo dos trilhos da ferrovia, onde um trem carregado com vinte ou trinta caminhões ainda queimava, após um ataque aéreo aliado.

Tanques americanos rompiam pelas ruas em direção a seu próximo objetivo, enquanto Reid parava para olhar pela janela do QG nazista do lugar. Na

parede, um antigo boletim de notícias relatava a batalha do Reno. Enquanto ele olhava, duas jovens apareceram, mostrando-se aborrecidas ao descobrir que o escritório estava fechado. Uma delas viera devolver um pequeno livro e o colocou atrás de um cano junto à porta da frente. Reid, gentilmente, pegou o exemplar. “Era um texto impressionante”, ele contou a seus ouvintes, “falando da invencibilidade do Reich alemão e da segurança do muro ocidental, cheio de ilustrações”. O livreto fora bastante manuseado e obviamente lido por muitas pessoas. Rindo, as garotas deixaram Reid levá-lo. “É só propaganda”, disseram com desdém. “Nada além de propaganda.”⁹

Àquela altura, Reid, assim como muitos outros correspondentes de guerra — e com certeza as tropas na região —, já não tinha vontade de falar com os alemães, especialmente depois de testemunhar as atrocidades de Buchenwald e outros campos de concentração. Confessara a Vera que agora não fazia a menor distinção entre os alemães e os nazistas, e que todos precisavam arcar com a responsabilidade dos horrores que os Aliados estavam revelando. Ele detestava todos, sobretudo os mais servis. Para tornar mais claro seu ponto de vista, deu um exemplo. Tinha ouvido um novo prefeito discursar para um oficial americano. Ao terminar de falar, o alemão, por instinto, encerrou seu discurso com um “Heil Hitler”. “Não é possível passar por cima desse tipo de coisa”, Reid insistiu. “É o princípio de correr com as lebres e caçar com os cães o tempo todo.”

Alguns de seus colegas na Grã-Bretanha pensavam igual e lhe escreveram dizendo isso. Um deles, da redação da BBC em Manchester, sublinhava a diferença entre as colocações de Reid e as dos correspondentes de alguns jornais, que destacavam a cordialidade dos alemães quando se encontravam com as forças aliadas. “Eu não consigo acreditar nisso”, escreveu a Reid. “É claro que eles são cordiais agora que foram conquistados, mas a natureza deles é outra [...] fico feliz em saber que os nossos correspondentes sejam mais equilibrados.”¹⁰ Vera sentia o mesmo. Como seus vizinhos em Stockport, tinha visto as fotografias de Belsen nos jornais e ouvira o relato do marido sobre Buchenwald na BBC: “Eu esterilizaria todos com mais de 4 anos de idade”, desabafou com revolta.

Todo esse cenário fazia Vera se preocupar cada vez mais com o marido. Como ele estaria lidando com o veneno emocional da guerra? Será que estava se alimentando direito? “Já vi tantas fotos, li tanto sobre os horrores que você

testemunhou que, sabendo como é o seu estômago, tive a certeza de que não fez sequer uma refeição decente na semana passada.” Ela também sabia que Reid tomara uma vacina havia pouco tempo, provavelmente contra o tifo. Sentia muitas saudades e, junto com as crianças, queria que ele voltasse logo para casa. Três meses e meio já haviam se passado desde o último encontro. Mas, apesar das ótimas notícias sobre os avanços de Patton, Vera continuava cética sobre o anunciado fim da guerra. Simbolicamente, a guerra havia terminado na Grã-Bretanha naquela mesma semana, com o fim dos blecautes. Ela contou a Reid que não precisava mais fechar as cortinas, embora na prática as continuasse fechando, pois não queria que as pessoas a vissem sozinha em casa à noite. As luzes de Londres mais uma vez estavam acesas. Mas ela não deixava o coração se encher de esperanças. Achava que a guerra ainda se arrastaria por muitas semanas.¹¹

A tinta de sua carta ao marido mal havia secado e Reid já contemplava as ruínas de Nuremberg. A cidade fora bombardeada em janeiro daquele ano, e seus escombros ainda ardiavam após a amarga batalha, apenas três dias antes, em que os americanos capturaram a capital espiritual do Reich. Os alemães haviam montado uma forte defesa no lar dos grandes comícios do Partido Nazista, contando plenamente com a forte bateria antiaérea que circundava a cidade, e que agora era usada contra os soldados americanos em terra. Quando estes romperam o cerco, escreveu o historiador oficial da campanha americana, “a batalha se transformou no trabalho árduo de transpor prédios desmoronados, porões e pilhas de escombros, e em vencer o infrutífero mas perigoso contra-ataque de uns poucos homens, uma esquadra e um pelotão”. O tempo todo, os bombardeiros e a artilharia americana castigavam a cidade já destruída. As tropas levaram três dias para alcançar os muros ao redor da cidade velha. Antes de o sol nascer, no dia seguinte, o prefeito nazista lançou um último e fracassado contra-ataque. Com exceção de alguns fanáticos, que precisaram ser arrancados dos escombros, era o fim.¹²

Certa manhã, pouco antes da guerra, Reid e a esposa haviam atravessado a cidade de trem, a caminho de Munique; quase dormindo, eles deram uma espiada pela janela do vagão. “Você se lembra?”, ele perguntou em uma carta. “O lugar hoje está completamente arrasado!”

Para seus ouvintes na BBC, ele descreveu um cenário muito mais contundente. A Nuremberg conhecida pelos turistas já não existia, e a cidade

na qual Hitler fazia comícios à luz de tochas estava sem eletricidade, luz ou gás. Três dias antes, ao entrar nas ruínas de Nuremberg, as forças americanas encontraram uma fábrica subterrânea de tanques e 18 abrigos antiaéreos repletos de soldados alemães mortos ou feridos. Cerca de 10 mil trabalhadores escravos russos, poloneses, franceses, belgas e tchecos vagavam pelas ruas, procurando comida e abrigo.

Os bombardeios e tiros de artilharia pesada, relatou Reid, haviam reduzido a cidade “a um vasto deserto de ruínas já desabadas ou prestes a cair, paredes desmoronando e montes de entulho e esqueletos de prédios ainda em chamas e fumegando”. A população de 200 mil habitantes vivia uma existência troglodita dentro de porões e túneis. Reid avistou a chaminé de um fogão surgindo de dentro dos escombros e foi dar uma olhada mais de perto. Encontrou uma pequena entrada em meio à desolação. Espiando mais ao fundo, viu algumas silhuetas indistintas, mal iluminadas pela luz de velas. Ao notar sua presença, começaram a gritar, em pânico, parando somente quando entenderam que ele não era nem russo nem polonês. Os civis alemães temiam acima de tudo ter de enfrentar o ódio dos trabalhadores escravos, que eles haviam ignorado, tolerado ou explorado.

Por toda parte, gangues de crianças e jovens movimentavam-se silenciosamente pelas ruínas, como coelhos. Nos escombros de uma igreja, Reid se deparou com uma cena surreal: em meio a cápsulas de bala espalhadas pelo chão, avistou uma atadura ensanguentada; em um prato, restos de alimento congelados e endurecidos de uma refeição que não chegara ao fim; e, em cima de um aspirador de pó, vários pacotes de tintura de cabelo.

Mas a cena mais fantástica que ele testemunhou foi no centro histórico da cidade velha, no porão de um armazém de vinho. As pessoas corriam para lá de todas as direções levando panelas, vasilhas, garrafas e jarros, arrastando-se pelas ruínas até a porta do porão. “Havia senhores e senhoras de idade”, relatou Reid, “prostitutas e vadias, meninos e meninas de Nuremberg”. Lá dentro, gigantescos tonéis de vinho eram inclinados e o vinho era colocado em jarros e baldes. No pátio do lado de fora, trabalhadores inclinavam os tonéis sobre seus lábios, deixando o vinho escorrer livremente sobre si. Enquanto assistia a tudo isso, Reid viu um homem cambalear e cair em uma poça de lama e vinho. Viu também alguns meninos rolando tonéis para fora do prédio e para bem longe dos escombros.

Ali perto, um dos trabalhadores franceses recém-libertado descobrira uma maneira fácil de obter sua parte no espólio. Quando os cidadãos de Nuremberg passavam por perto carregando sua pilhagem, ele delicadamente dava um tapinha em seus ombros e perguntava: “Alemão?” E quando a resposta era afirmativa ele tirava uma garrafa de vinho de cada um deles. Ninguém ousava protestar.

As forças americanas já trabalhavam arduamente para improvisar abrigos de emergência para os milhares de trabalhadores libertados que andavam sem rumo pelas ruas, sozinhos ou em gangues predatórias. Escolheram um local que não muito tempo antes abrigara um espetáculo totalmente diferente. Em um magnífico golpe de justiça poética, os locais que haviam sido palco dos comícios do Partido Nazista eram transformados em campos de refúgio para os desabrigados.

“Levando em conta o aspecto da cidade hoje”, concluiu Reid terminada sua inspeção, “seria melhor apagar Nuremberg do mapa e começar tudo de novo”.

Sobrevoando a cidade dois dias depois, Patton a descreveu como uma “visão patética”. No dia da reportagem de Reid, as baixas no exército do general haviam descido a seu menor número desde o desembarque na Normandia: apenas três mortos, 37 feridos e cinco desaparecidos. E, naquele mesmo dia, tinham capturado 8.878 combatentes inimigos.¹³

A queda de Nuremberg tinha forte simbolismo. Mas os olhos do mundo estavam voltados para um acontecimento de maior significado estratégico e político — o tão esperado encontro entre as forças americanas e soviéticas.

Torgau é uma típica cidadezinha medieval à beira do Elba. Bem próximo a ela, às 16h40 de quarta-feira, 25 de abril, os soldados à frente do I Exército dos Estados Unidos se encontraram com as forças da 58ª Divisão de Guardas do Exército Vermelho. A Alemanha, agora, estava cortada ao meio. Truman e Stalin foram informados imediatamente, a imprensa correu para o local e os soviéticos organizaram um esplêndido banquete regado a álcool com a participação de muitas recrutas atraentes em uniformes bem engomados. Edward Ward, um colega de Reid da BBC, chegou um pouco depois. “Vi soldados do Exército americano e do Exército Vermelho se abraçando e se beijando no rosto”, ele contou pelo rádio. “Eu mesmo fui saudado assim por um corpulento soldado ucraniano [...] Toda aquela cena demonstrava a mais

alegre das confraternizações. Um tenente russo sentou sobre um muro e começou a tocar acordeão e entoar canções russas, e os Doughboys juntaram-se a ele. Bebidas passavam de mão em mão e estavam todos felizes.”

Naquela noite, Churchill marcou o momento histórico com um pronunciamento à nação: “Após longas jornadas, trabalho árduo e vitórias por terra e mar, depois de transpor muitos campos de batalha mortais, os exércitos dos dois grandes países aliados atravessaram a Alemanha e trocaram apertos de mão. Agora sua tarefa será destruir todas as resistências militares alemãs remanescentes, extirpar o poder nazista e conquistar o Reich de Hitler.”

Entretanto, as cenas de cordialidade e conversas amigáveis de “mãos dadas” mascaravam uma realidade muito mais dura. “Não tomem nenhuma iniciativa de organizar encontros cordiais”, ordenavam os comandantes soviéticos às suas unidades, “[e] não deem nenhuma informação sobre nossos planos operacionais ou os objetivos de cada unidade”. O Exército Vermelho revelava-se rapidamente mais do que apenas um aliado confiável.¹⁴

Não obstante, mesmo com a reunião das forças americanas e soviéticas, a guerra parecia longe do fim. Em Moscou, mais de trezentos canhões dispararam 24 salvas de tiros para celebrar. Na Times Square, uma impressionante multidão de nova-iorquinos cantou e dançou a noite toda. Na pequena Torgau, câmeras flagraram aquele momento, e fotos de soldados americanos e soviéticos se abraçando em intenso júbilo espalharam-se por todo o planeta. Era o momento que a imprensa mundial — e não apenas a BBC — estava esperando. Concluindo equivocadamente que o exército de Patton seria o primeiro a se juntar às forças de Stalin, a BBC disse a Reid que aquele encontro deveria ser a sua prioridade máxima. O telegrama de Londres não escondia nenhum detalhe. Ele chegara quando Reid ainda estava arquivando suas matérias sobre Buchenwald. “Agradecidos matéria sua controle e alívio campo Buchenwald seguindo história de Murrow”, lia-se, em telegramês. “Isto apenas secundário para cobertura militar. Qualquer ajuntamento russo prioridade máxima.”¹⁵

Na ocasião, nem o exército de Patton nem Reid tiveram seu momento de glória. Em vez disso, um dos grandes rivais de Reid na BBC, Frank Gillard, que seguia o I Exército americano, chegou primeiro. Entretanto, isso não abalou Reid. Ele não era guiado por nenhuma grande ambição pessoal e não cobiçava a luz dos holofotes. Sabia que sua grande história, a de Notre Dame,

acontecera quase por acidente. Mas Vera estava furiosa. Ela detestava que o marido fosse constantemente superado por Gillard. A estrela da BBC tornara-se persona non grata para ela, que frequentemente manifestava isso nas cartas a Reid. E consolava-se, dizendo: “Seu prêmio talvez seja Hitler.”¹⁶

Após Nuremberg, Reid retomou sua perseguição desordenada das forças americanas, conforme estas penetravam cada vez mais pelo interior da Bavária. Ele atravessou uma paisagem idilicamente verde salpicada de campos de mostarda amarelos, onde agricultores trabalhavam como se nada incomum estivesse acontecendo a sua volta. “Uma atmosfera de completo e desequilibrado irrealismo envolve uma nação que se desintegra diante dos nossos olhos [...] um clima de Alice no País das Maravilhas”, registrou.

Em muitas das cidadezinhas e vilarejos por onde passei, parecia óbvio que a rede local de boatos se ocupava em produzir notícias de acontecimentos estupendos, porque as ruas principais estavam amontoadas de moradores, prisioneiros de guerra e deportados — multidões incomumente amistosas e receptivas em territórios cuja liberdade não dava a impressão de ter sido conquistada a duras penas.

A população chegara inclusive a saudar as tropas americanas com gritos de empolgação, oferecendo vinho e indicando direções.

Até mesmo Reid experimentou um pouco da gentileza dos moradores das vilas. “Quando o motor do meu jipe afogou, próximo a uma oficina que havia sido bombardeada”, disse a seus ouvintes, “o alemão que era dono do lugar veio em pessoa ajudar meu motorista e ficou meia hora trabalhando no motor para que pudéssemos seguir viagem.”

Apenas ocasionalmente os americanos se defrontavam com grupos isolados de resistência, os quais eram rapidamente dizimados por um poder de fogo esmagador. Algumas colunas americanas avançaram lenta e gradualmente sem disparar um único tiro, e o número de soldados mortos e feridos era tão baixo que as unidades médicas ficavam praticamente sem ter o que fazer. Mas as prisões para as quais eram levados os prisioneiros de guerra estavam ficando lotadas a ponto de explodir. “Paciência e bom humor irradiam num exército que sabe que a vitória final na campanha é agora apenas uma questão de dias”, Reid narrou com satisfação.¹⁷

Patton deu o seu próprio veredito sobre os acontecimentos, severo e inimitável, em uma entrevista coletiva em Erlangen, nos arredores de Nuremberg, na sexta-feira, 27 de abril. Ele acabara de ser promovido a general de quatro estrelas e estava particularmente agitado.

“O senhor espera que os alemães tentem uma resistência?”, indagou um correspondente de guerra.

“Eu espero que sim [...] mas realmente não sei”, disse Patton, demonstrando claramente que ainda queria uma batalha de verdade. “Não sei pelo que esses tolos ainda estão lutando [...] não tem nada de interessante acontecendo. Fui até o Danúbio hoje e ele não servia nem para mijar.”

Três dias depois, ele gravou antecipadamente um discurso para ser transmitido com os de outros comandantes aliados quando chegasse o Dia da Vitória. “A guerra”, escreveu em uma carta à esposa, “é muito sem graça”.¹⁸

A guerra tinha se tornado enfadonha para o belicoso Patton, mas, enquanto ele gravava seu discurso, milhares de prisioneiros próximos dali celebravam a libertação graças aos homens de seu III Exército.

Moosburg é uma pequena cidade 45 quilômetros a nordeste de Munique. Ali, um dia antes, milhares de prisioneiros de guerra aliados comemoraram alegremente quando as forças americanas entraram no Stalag VIIA, nome oficial do campo de prisioneiros de guerra construído na periferia da cidade. Com capacidade para 10 mil homens, naquele momento estava superlotado, abrigando cerca de 80 mil prisioneiros, na maioria franceses e russos. Mas havia também no campo 14 mil pilotos e soldados britânicos e americanos. Muitos tinham chegado ali recentemente, após muitos dias de marcha, ou vindo de trem de outros campos alemães ameaçados ou invadidos pelas forças soviéticas.

O campo era sórdido, a disciplina era precária e havia locais muito perigosos, onde não se podia ir. As casernas de madeira estavam lotadas, e os homens que sobravam dormiam em tendas cujo chão, por conta do degelo de abril, se transformara em um mar de lama. Uma grande trincheira servia como latrina a céu aberto, e a disenteria era galopante. A comida era escassa. Nas semanas anteriores, um número cada vez menor de pacotes da Cruz Vermelha conseguia chegar até eles. Em pouco tempo, começou a correr pelo campo um boato segundo o qual todos os prisioneiros seriam levados para o Reduto Alpino, mas isso não chegou a acontecer, graças a um acordo de última hora entre os alemães e a Cruz Vermelha.

Agora o campo fora libertado. Os guardas fugiram silenciosamente durante a noite. Algumas tropas da SS se entrincheiraram perto do rio para defender a cidade, e por algum tempo houve uma intensa troca de tiros. De repente, tudo parou. Logo, uma coluna de tanques Sherman passou pelo portão do campo desfraldando a bandeira americana.

Pouco depois, Patton apareceu em seu jipe. Carregando suas famosas pistolas de seis tiros com cabo perolado, ele apontou para a bandeira nazista ainda tremulando no mastro e praguejou: “Eu quero aquela filha da puta rasgada”, disse ele, “e o homem que a rasgar eu quero que limpe a bunda com ela”. Pelo menos é o que reza a lenda. Verdadeira ou não, a bandeira dos Estados Unidos foi devidamente hasteada, e os soldados choraram e vibraram. A bandeira da Grã-Bretanha rapidamente se juntou à americana.

Muitos dos prisioneiros britânicos estavam detidos desde 1940 — velhos de guerra, como um deles expressou. Ele e seus companheiros observavam os jovens soldados americanos loucos de alegria. Então ele disse: “Nós celebramos silenciosamente com um gole de chá ao sol.” Outro oficial britânico que esteve preso celebrou o acontecimento repartindo uma lata de salmão com seus companheiros e tomando um trago do uísque escocês oferecido pelos americanos. “Deus abençoe esses desgraçados”, rabiscou ele em seu diário, “estou louco de alegria. Depois de cinco anos, finalmente estou livre. Talvez eu já esteja em casa no domingo”.¹⁹

Reid chegou ao local dois dias mais tarde. Moosburg, o centro de uma ampla área que se estendia até Munique, era pontilhada por campos menores e grupos de trabalho formados por prisioneiros de guerra. Ao se dirigir para o campo principal, ele viu centenas de prisioneiros comemorando, enquanto assistiam ao desfile de tanques, caminhões e soldados. Por toda parte, Reid podia avistar construções rurais com a abreviação “POW” [prisioneiros de guerra] pintada em letras brancas nos telhados. Cruzou com centenas de soldados indianos que acenavam para ele tremendo de frio. Moosburg era um campo com 9 mil combatentes de todos os países da comunidade britânica, incluindo quase todos os oficiais canadenses capturados durante a malfadada invasão de Dieppe em 1942.

Reid entrevistou o oficial britânico de mais alta patente, o capitão de grupo Willetts, da Força Aérea britânica, em seus aposentos. Usando um tom natural e despreocupado, Willetts minimizou o problema com a comida: os

suprimentos da Cruz Vermelha agora abundavam, assegurou a Reid, e saciariam a fome dos soldados por duas semanas até que fossem evacuados.

“Qual é o estado geral dos prisioneiros?”, perguntou Reid.

Willetts continuou seu discurso otimista que, com certeza, visava às famílias dos prisioneiros, que ouviriam a transmissão em seus lares. “Eles estão de barriga cheia como pulgas”, brincou, “até mesmo os que têm pulgas! Estão todos felizes. Na verdade, há um grupo aqui querendo mudar o Natal para 28 de abril, o dia em que os tanques entraram pela porta da frente”.²⁰

A vitória trouxe alegria para muitos, mas para outras vítimas do Terceiro Reich de Hitler a libertação raiou em meio à morte e ao desespero. E Reid tinha decidido que essa história não poderia não ser contada. Ela oferecia um contraponto sóbrio e sensato às belas cenas que ele vinha relatando a partir do exuberante interior da Bavária.

“Existe uma trilha de morte de 200 quilômetros que atravessa a Alemanha de um lado a outro — não a morte de soldados abatidos em combate, mas o assassinato dos infelizes internos que foram forçados por seus carcereiros nazistas a sair dos campos de concentração de Buchenwald e Flossenbürg quando os americanos se aproximaram”, contou à sua audiência da BBC após entrevistar um dos 6 mil sobreviventes entre os 11 mil que iniciaram a marcha da morte.

O entrevistado era um francês de 34 anos que fora enviado a um campo de concentração após ser preso em Paris, em 1941, e acabara em Buchenwald.

Ele tinha uma história terrível para contar. A matança começara logo que eles saíram pelos portões do campo, com homens da SS postados a cada 5 metros batendo com porretes nos prisioneiros à medida que eram forçados a marchar morro abaixo pelo caminho que levava a Weimar. Lá, eles foram colocados em um trem de carga praticamente sem comida. Quando por fim chegaram a Dachau, quatro dias depois, quatrocentos deles haviam morrido.

Após uma breve estada nesse campo, foram obrigados a seguir viagem, com outros 5 mil prisioneiros de Dachau. “Os tiros começaram de novo”, contou a Reid o francês. “Eles atiravam quando alguém parava para amarrar o sapato ou quando um homem parava para pegar grama para comer.” Quando finalmente chegaram ao campo de Flossenbürg, perto da fronteira tcheca, apenas metade dos prisioneiros que havia deixado Buchenwald continuava viva.²¹

Melhor descrito como uma fábrica de morte, Flossenbürg era o campo principal, com 47 campos-satélites para homens e 27 para mulheres. Em muitos deles, o trabalho era feito no subterrâneo. A taxa de mortalidade era assustadora: durante os primeiros 12 meses, quase 15 mil homens e mais de mil mulheres haviam morrido. O alto número de mortos era atribuído à fome, ao tratamento sádico, vestuário inadequado, negligência médica, doenças, espancamentos, tiros, suicídios e enforcamentos. Naquele Natal, alguns prisioneiros foram enforcados na frente dos outros. Ao lado da forca, havia uma árvore decorada com cores alegres.²²

Entretanto, eles mal haviam chegado lá quando veio a ordem para que Flossenbürg fosse também evacuado. E, mais uma vez, lá foram eles, com os guardas ainda provocando jocosamente os prisioneiros e atirando em retardatários por todos os lados. Isso aconteceu por quatro dias. Então, eles ouviram o barulho de um avião de reconhecimento aéreo americano Piper Cub circulando sobre suas cabeças e, de repente, uma coluna de tanques americanos entrou em cena. Em vez de se render, os guardas da SS decidiram opor uma última resistência. “Eles apontaram suas armas automáticas para os prisioneiros semimortos e mataram à queima-roupa, imediatamente, duzentos deles, para fazer uma barricada de corpos humanos”, reportou Reid. “Então os guardas tentaram escapar pela mata, mas os tanques abriram fogo, matando mais de duzentos alemães.”

Durante a marcha da morte, alguns prisioneiros eram forçados a cavar covas rasas para os corpos de seus companheiros. Eisenhower ordenou que esses corpos, e os outros que haviam sido deixados para apodrecer à beira de estradas ou em valas, tivessem um funeral decente. Durante aquela última semana de abril, capelães do III Exército cumpriram seus deveres religiosos em centenas de funerais. Em algumas cidades, majores e generais ordenaram aos civis alemães que exumassem os corpos das covas, fizessem caixões e preparassem sepulturas dignas.

Reid falou sobre um vilarejo da Bavária onde homens, mulheres e crianças foram forçados a assistir ao enterro de cerca de duzentas vítimas inocentes. Um correspondente de imprensa americano também testemunhou a cena. Aconteceu no domingo, 29 de abril. “Sob um céu azul-claro, e com o sol da primavera iluminando os arbustos verdes do cemitério”, escreveu John R. Wilhelm, do *Chicago Sun*,

centenas dos mais proeminentes cidadãos daquele vilarejo alemão enterraram hoje 204 corpos de judeus poloneses surrados e mortos a tiros perto daqui por seus carrascos da SS. Eu vi quando esses burgueses alemães, vestidos com suas melhores roupas, alguns com os colarinhos extremamente brancos e gravatas pretas arrumadas, pegaram aqueles corpos definhados e mutilados e os colocaram lado a lado com seus ancestrais alemães no cemitério do vilarejo. Várias mulheres choravam, muitas tremiam. Outras desmaiavam. Mas o funeral continuava.

Na verdade, nem todas as vítimas eram judias, mas as que eram recebiam um sepultamento especial dos sobreviventes judeus. “Eles se recusavam a deixar os alemães tocarem em seus mortos”, Reid contou aos ouvintes. “Em vez disso, eles mesmos enterravam os restos mortais de seus amigos, agora nos caixões. Então, quatro alemães carregavam cada caixão e um sobrevivente judeu ia à frente fazendo orações em hebraico, e a procissão seguia vagarosamente até o cemitério.”

Os aldeões, escreveu Wilhelm, tinham “a vergonha estampada nos olhos”. Sim, eles tinham ouvido falar dos campos de concentração, mas nunca tinham visto coisas assim com seus próprios olhos. “Eles também sinceramente sentiam”, acrescentou o repórter, “que seu vilarejo fora relacionado aos massacres apenas por acidente”.

Como todos os que testemunharam tais cenas, Reid queria ter certeza de que a história seria contada. Ainda havia céticos que relutavam em aceitar a verdade ou estavam prontos a criar pretextos. Ele ficou sabendo disso por Vera: “Vários vizinhos me perguntaram se você estava bem, todos têm ouvido suas histórias”, ela escreveu ao marido depois de sua matéria sobre Buchenwald. “A maioria das pessoas está muito chocada com tudo isso, mas dois dos comentários que ouvi esta semana foram: ‘É claro que eu não acredito em tudo’, e outro sobre os prisioneiros foi: ‘Vai ver eles mereceram.’ As pessoas que fizeram estes comentários são pessoas que moram perto de nós”, Vera lembrou a ele.²³

Enquanto as colunas de Patton situadas mais ao sul penetravam na Áustria, outras unidades do III Exército cruzavam a fronteira tcheca e iam em direção a Pilsen. Ali, também, a temporada de caça estava aberta para os aviões aliados. Cerca de 32 quilômetros a leste da cidade, aviões de reconhecimento aéreo

americano localizaram um gigantesco comboio de tanques alemães, armas móveis, carros blindados e veículos puxados a cavalo dirigindo-se lentamente para o sul, longe dos russos, que já haviam capturado Brno. Durante as três horas seguintes, voos sucessivos de Thunderbolts bombardearam e metralharam a coluna alemã a seu bel-prazer.

Reid entrevistou um dos pilotos, um americano de Miami, quando retornou à base. “Eles estavam engarrafados”, disse o piloto, “e quando os atacamos, os carros e caminhões começaram a pegar fogo, e as chamas se alastraram de um para o outro, e daí para os prédios vizinhos, até que vilarejos inteiros começaram a arder”.²⁴

A entrada das tropas aliadas em território tcheco apresentou um problema imediato. A Tchecoslováquia era uma nação ocupada e seu governo em exílio na Grã-Bretanha era um aliado na guerra contra Hitler. Mesmo assim, a região que os soldados de Patton estavam capturando eram os Sudetos, historicamente ocupados por alemães. Exigências de autonomia dos habitantes nazistas e do Partido Sudeto-Germânico, sob a liderança de Konrad Henlein, levaram à Conferência de Munique em 1938. Em uma tentativa inútil de apaziguar Hitler, Neville Chamberlain entregou o território à Alemanha. A maioria da população dos Sudetos saudou as tropas de Hitler quando estas entraram imediatamente na região. Henlein, que na época mesclou seu partido ao dos nazistas e se tornou uma eminência parda da SS e deputado do Reichstag, foi indicado para gauleiter (representante do partido) da região, cargo que manteve durante toda a guerra.

A pergunta do momento era se os Sudetos deveriam ser tratados pelos Aliados como território conquistado do inimigo ou como terra livre. Tecnicamente falando, a resposta era clara: era um território livre, mesmo que isso significasse acabar com o acordo de Munique. Apesar disso, a maioria da população apoiava Henlein e por isso formava uma força potencialmente hostil que poderia causar sérios problemas. “Uma visita informal aos Sudetos”, declarou Reid, “dava a impressão de que um governo totalmente militarizado estava atuando. Algumas das Proclamações de Eisenhower, por exemplo, foram afixadas nas ruas de algumas cidades como Asch”. Situado bem próximo à fronteira bávara, o local era o antigo berço de Henlein e “a região onde eclodiram os planos e as conspirações nazistas”.

Os americanos também postaram cartazes exigindo a entrega de armas de fogo, mas, como isso não produziu resultados aceitáveis, eles invadiram centenas de casas e deram um ultimato em letras vermelhas bem vivas. Estes cartazes ficavam estranhamente ao lado de outros, que elogiavam a nação tcheca como aliada.

Em resumo, como Reid reportara, a atitude dos moradores dos Sudetos em relação aos americanos foi indiferente. Asch, uma cidade cuja população em tempo de paz era em torno de 25 mil habitantes, teve esse número aumentado para 48 mil, graças ao grande influxo de deslocados de guerra, mas deste total apenas 15 mil eram originalmente tchecos. A pergunta implícita de Reid ficara suspensa no ar. Qual seria o destino dos moradores alemães dos Sudetos na região que eles haviam quase completamente destruído? Pelo menos para um homem, a resposta estava clara. Henlein foi capturado sem demora pelos soldados de Patton e, em seguida, cometeu suicídio, cortando os pulsos na prisão de Pilsen.²⁵

Havia ainda uma última pergunta. Alguns dias antes, ao relatar a fuga de Julius Streicher de sua residência perto de Nuremberg, Reid percebeu que o notório antissemita havia rumado para o sul. Provavelmente, especulou, estava “a caminho do reduto nazista nas montanhas bávaras”. No entanto, Patton agora desdenhava aquele cenário. Ao ser questionado sobre o reduto por outro correspondente de guerra, ele descartou a hipótese sem titubear: “Eu acho que isso é fruto de imaginação”, disse.

Seria verdade? Quando o mês de abril terminou, a ameaça do Reduto Alpino ainda parecia bastante real para muitos.²⁶

8. "O ESPETÁCULO MAIS ABOMINÁVEL"

Quando as forças de Patton na Bavária romperam a frágil crosta da defesa alemã, os exércitos aliados na Itália completaram, finalmente, seu avanço pelos montes Apeninos em direção ao vale do rio Pó. Por fim, observou um exausto Geoffrey Cox, “os frutos começaram a brotar desta árvore”. Na noite do aniversário de Hitler, o comandante alemão na Itália, general von Viettinghof, ignorou a ordem do ditador para se manter firme e determinou uma retirada geral de suas tropas da região de Bolonha. Bem cedo na manhã seguinte, a cidade foi ocupada por forças polonesas, logo seguidas por americanas e italianas.

Praticamente ao mesmo tempo, o general Freyberg expedia ordens para que a 2ª Divisão da Nova Zelândia continuasse seu avanço para nordeste na direção do rio Ádige. Operando como uma cavalaria motorizada, veículos blindados do 12º Regimento de Lanceiros abriam o caminho enquanto o restante da divisão os seguiria. Agora, prometia Freyberg, seria como eles estavam acostumados a fazer no deserto: um avanço tão rápido que teriam que se manter em contato pelo radiotransmissor sem fio. Apenas à noite, quando paravam para descansar, os sinaleiros tinham tempo de preparar as linhas telefônicas com que vinham contando nos últimos tempos.

No trailer da inteligência estacionado no quartel-general da divisão, agora bem protegido do outro lado do rio Idice, Cox pegou seus mapas para examinar a rota adiante. Enquanto isso, um dos intérpretes fotográficos da unidade examinava fotos aéreas dos Alpes. Cox trabalhava junto com outros quatro especialistas de inteligência. Dois deles eram peritos em fotos aéreas e dispunham de um caminhão próprio especialmente equipado. Ambos pertenciam à Seção Ocidental da Unidade de Intérpretes Aéreos do

Mediterrâneo. Quando visitantes apareciam, deparavam-se com dois circunspetos ingleses. Um deles era um comerciante de móveis em Lake District, na Grã-Bretanha; o outro, um antigo funcionário da Milk Marketing Board, a maior distribuidora de leite do Reino Unido; e ambos eram grandes analistas de inteligência. Passavam horas examinando seus mapas fotográficos para identificar armas enterradas, trincheiras estreitas, rastros de veículos e trechos perigosos pelo caminho. O cálculo que faziam da largura dos rios era tão exato que os engenheiros confiavam neles cegamente ao improvisar pontes sobre os vários cursos de água com que se deparavam os neozelandeses durante a jornada.

Cox estudava também os mapas do norte da Itália controlado pelos alemães. Aqui, o rio Ádige era chamado pelo seu nome alemão, “Etsch”, e ele se lembrava do verso no hino “Deutschland Über Alles” que instigava os alemães a protegerem o Reich “do Etsch até o Báltico”. Segundo maior rio da Itália, tinha mais de 90 metros de largura e era muito fundo e caudaloso para ser atravessado a pé ou a nado. Ao longo de suas margens, os alemães construíram sua última barreira defensiva na Itália antes dos Alpes, a chamada Linha Veneziana, que ia do sul de Veneza até o lago Garda. Montada para bloquear o vácuo entre o mar Adriático e as montanhas Dolomitas, que era o trajeto para o nordeste da Itália, a Linha Veneziana poderia deter o avanço aliado por muitos dias.

No momento, entretanto, os neozelandeses pressionavam, removendo todos os obstáculos. Se o único problema real encontrado por Patton na Bavária era o fornecimento de gasolina para seus tanques, para os Aliados no norte da Itália, agora, o principal entrave ao avanço era o tempo que os engenheiros precisavam para construir as pontes. Havia poucos sinais dos inimigos fardados, exceto pelos grupos esporádicos que esperavam pacientemente à beira das estradas para se render.

O ânimo das tropas alemãs estava diminuindo depressa. No final de abril, por todo o front do Exército britânico, os interrogatórios aliados revelavam isso. Cox sintetizou o quadro em um dos seus boletins diários de inteligência:

O fato de eles [os alemães] continuarem a lutar — e algumas vezes, lutarem bem — não se deve mais a convicção alguma, mas à falta de iniciativa, à estagnação mental e à covardia moral. Muito embora esteja claro para a grande maioria que a Alemanha já perdeu a guerra, eles estão preparados para lutar mesmo assim, como se fosse a coisa

mais fácil a fazer, contanto que haja alguém ali comandando as ações. O pensamento de insubordinação não lhes passa pela cabeça — a menos que uma situação tática torne a rendição um caminho “honroso” e a melhor saída, eles continuarão lutando com disposição.¹

Algumas vezes, os alemães apareciam, apenas para em seguida simplesmente evaporar. Uma das unidades da Nova Zelândia consistia inteiramente em maoris — o 28º Batalhão, criado em 1939 por solicitação direta dos maoris do parlamento neozelandês. Uma força composta exclusivamente por voluntários, era engrossada por muitos maoris que já haviam se alistado em outras unidades. Eles queriam provar que eram tão capazes quanto seus camaradas brancos (os *pakeha*) e que mereciam todos os privilégios e benefícios dos cidadãos da Nova Zelândia.

O batalhão era organizado em pelotões tribais e sob lideranças tribais, embora a maioria de seus oficiais de alta patente fosse *pakeha*. Ele conquistou uma bela reputação na Grécia e em Creta, onde, certa vez, rechaçou os alemães com um ataque surpresa de baionetas enquanto dormiam. “A reação instantânea dos maoris — uma *haka* [dança tradicional nativa acompanhada por cânticos e gestuais] seguida de um ataque — aterrorizou os inimigos com seus rituais e gritos de guerra”, escreveu um historiador, “demonstrando o estilo maori de combate durante todo o confronto”. Naquela ocasião, eles mataram cerca de cem alemães e fizeram o resto fugir em pânico. Episódios semelhantes no Norte da África levaram o comandante alemão Erwin Rommel a afirmar que os maoris eram “caçadores de escalpo”.²

Desde o mês de novembro anterior, o batalhão estava sob comando maori na pessoa do tenente-coronel Peter Awatere, de 35 anos.

Em tempos de paz, ele era contador, mas agora, com sua figura robusta e atlética cercada de armas, como um xerife do Velho Oeste, ele contrariava qualquer estereótipo do comedido e burocrático contador de escritório. Awatere era um líder imponente, com grande conhecimento tanto de seu povo como dos *pakeha*. Cox escreveu sobre ele: “Eu sempre imaginava se ele tinha sufocado propositalmente sua personalidade maori em troca do que acreditava que os *pakeha* queriam, para poder dar a eles uma porção generosa de sua competência.” Se era este o caso, funcionou. Não havia dúvida sobre a coragem de Awatere na 2ª Divisão da Nova Zelândia. Ele fora condecorado por bravura

com a Cruz Militar e a medalha da Ordem por Serviços Distintos, uma vez que ele e seus homens jamais relutavam em atacar os alemães. “Afinal de contas”, ele certa vez disse a Cox enquanto explicava a reputação dos maoris, “a geração de meu pai foi a primeira na história maori a não passar a maior parte da vida empunhando armas”.³

Agora, o reconhecimento aéreo indicava que não havia sinal do inimigo nos poucos quilômetros à frente. Mas Awatere insistia que os maoris avançassem a pé e vasculhassem cada prédio no caminho. Cerca de vinte alemães tinham, de fato, se entocado em uma casa abandonada, mas, logo que viram os maoris se aproximando, fugiram apavorados.

Awatere, no entanto, ainda não estava satisfeito. Naqueles dias, seus homens viviam encharcados até a cintura devido à travessia de canais, e por causa da lama em suas meias carregavam as botas e meias nos ombros. Por toda parte, as casas tinham lençóis brancos nas janelas. Finalmente os maoris subiram nos tanques e em qualquer veículo que encontrassem e rumaram para o próximo obstáculo, o rio Reno. Mas Awatere não desistia. “Disposto a varrer do mapa qualquer companhia inimiga”, registra a história oficial da campanha neozelandesa na Itália, “ele avançava sobre cada palmo de terra e verificava as trincheiras [alemães] vazias. Então, gritava no idioma maori: ‘Não há nenhum aqui. Companhia B, pode vir!’.”⁴ À noite, os neozelandeses estavam seguros do outro lado do rio, e Cox, exultante. Naquela tarde — segunda-feira, 22 de abril — ele tinha a sensação de que haviam conseguido sair de um longo túnel, ou de uma floresta escura, para a luz do sol. “O fim de tudo aquilo aparecia, de repente, diante de nossos olhos”, escreveu.⁵

Depois de um dia de reagrupamento, o VIII Exército e os neozelandeses fizeram um balanço de seu progresso em solo italiano, e no dia seguinte alcançaram a margem sul do Pó, ao norte de Bolonha. O terreno agora era uma planície e nas estradas havia fileiras de álamos e plantações de carvalho ou pinheiro aqui e ali. À medida que avançavam sob o sol brilhante de abril, os tanques e caminhões levantavam nuvens de poeira amarela que faziam muitos neozelandeses se lembrarem — como Freyberg havia prometido — do deserto do Norte da África.

Aquela era uma terra exuberante e densamente povoada, com muitas cidades e torres de igrejas. “As valas brilhavam com ranúnculos, margaridas brancas e bocas-de-leão”, relatou um poético diarista da campanha, “todo

campo era cercado por amoreiras, álamos, elmos, castanheiras e carvalhos, que serviam como apoio para videiras viçosas. A população saudava os caminhões que passavam em velocidade e, durante as paradas frequentes nas vilas, multidões cercavam o comboio trazendo flores e vinho”. Parecia um delicioso piquenique de domingo.⁶

Cox, no entanto, enxergava tudo com um olhar diferente — aquele olhar de oficial da inteligência que calculava de modo perspicaz o prejuízo causado na força do inimigo. Ele percebeu na hora que as aproximações do rio Pó significavam, literalmente, muitos quilômetros de equipamentos abandonados pelo Exército em retirada, alguns destruídos deliberadamente, e outros apenas abandonados. Os alemães haviam estado sob ataque constante da aviação aliada em uma “centena de repetições locais de Dunquerque, cada uma delas pior, à sua maneira, que a evacuação das tropas aliadas em 1940”. Agora, caminhões, carroças puxadas a cavalo, carros, trailers e canhões estavam largados pelo caminho. Centenas de cavalos usados militarmente pelos alemães e pelas unidades húngaras que os acompanhavam perambulavam soltos pelos campos. Os civis garimpavam o que havia de útil no material abandonado e tentavam laçar os cavalos para trocá-los ou para vendê-los a quem se interessasse. Qualquer veículo alemão que pudesse ser consertado era incorporado à coluna que se movia para o norte na direção dos Alpes.

Aqui, mesmo no seu ponto mais estreito, o Pó tinha mais de 270 metros de largura e era demasiadamente fundo e caudaloso para se atravessar. A aviação aliada destruíra cada ponte sobre o rio para impedir a retirada alemã, e agora os neozelandeses tinham que atravessar o rio com botes de assalto, tanques anfíbios e “patos” ou DUKWs (caminhões de seis rodas de fabricação especial e equipados com hélices).

Eles fizeram a travessia à noite, com a cobertura da artilharia pesada, e se expuseram a uma resistência pouco provável e debilitada. Então, os engenheiros começaram a construir uma ponte flutuante para a travessia dos tanques Sherman, outros suprimentos e homens que levariam a divisão para o norte. “Sob a luz do sol”, Cox recordou, “aquilo era como uma regata”. Naquela quarta-feira, 25 de abril, as tropas comemoraram o trigésimo aniversário do dia histórico em que as forças da Austrália e da Nova Zelândia desembarcaram em Galípoli na Primeira Guerra Mundial. “O inimigo não teve coragem para um combate no Pó na noite passada”, Cox relatou com alegria.⁷

Enquanto isso, as unidades do V Exército dos Estados Unidos, que avançavam mais a oeste sob o comando de Mark Clark, tinham alcançado os arredores de Verona, enquanto a 10ª Divisão de Montanha já controlava o lago Garda e as estradas que conduziavam ao passo do Brennero — última rota de fuga para os alemães chegarem aos Alpes. Os dois exércitos aliados na Itália haviam finalmente se encontrado e fechado o cerco, e seu avanço ganhava um grande impulso. “Se não pararmos agora, o inimigo não será capaz de voltar a combater”, Freyberg comunicou aos neozelandeses.

Naquela manhã, Cox foi chamado para conversar com o imediato do Corpo de Inteligência. O homem havia interceptado uma mensagem de rádio e gostaria que Cox a ouvisse. Ele caminhou até o técnico de rádio, debruçado sobre um pequeno receptor, e colocou seus fones de ouvido. Em meio à estática, ouviu uma voz falando depressa num inglês precário: “Aqui é Gênova. A rádio patriótica de Gênova. Os guerrilheiros patriotas capturaram nesta manhã Gênova inteira. As guarnições alemãs se renderam. Nós estamos com muitos prisioneiros. Mandem ajuda imediatamente. Aliados, mandem socorro já!”⁸

Mas isso foi só o começo. Por todo o norte da Itália, os guerrilheiros patrióticos, ou partisans, deflagravam rebeliões na dianteira dos exércitos aliados que avançavam. Em Gênova, o comandante alemão recebera ordens, apenas dois dias antes, de abandonar a cidade e seguir para a Lombardia, e obteve a promessa, através de um intermediário, de que os guerrilheiros os deixariam partir sem luta. Mas o segredo foi revelado antes de qualquer acordo e os partisans se sublevaram. Após dois dias de combate, os alemães se renderam e os patriotas transmitiram seu pedido de ajuda.

Até então, Cox tivera muito pouco contato com os partisans, embora tivesse visto muitos sinais de sua atuação. Na cidade de Forlì, pela qual viajara bastante naquele inverno, em suas idas e vindas pelo front, os alemães enforcaram o líder do grupo guerrilheiro na praça da cidade, junto com sua companheira, e os muros das casas foram pichados com os seus nomes, saudando-os como mártires da resistência. No norte de Bolonha, Cox dormira na beira de uma estrada onde cartazes alertavam os comboios alemães de que estavam trafegando em uma área “infestada de bandidos”. Com certeza, os guerrilheiros eram uma séria dor de cabeça para os alemães, mas Cox, como a

maioria dos soldados, nunca acreditara que pudessem prestar qualquer ajuda significativa aos Aliados.

Agora, no entanto, as coisas estavam mudando. Os partisans começavam a emergir de seus esconderijos e ajudavam os neozelandeses de maneira prática e efetiva. Poucos dias antes, haviam construído uma ponte para os maoris e tomado parte em um tiroteio contra os alemães. Muitos neozelandeses previamente capturados na Itália voltaram às linhas de combate louvando os partisans, que os esconderam ou ajudaram a fugir. Junto com estas histórias, aumentavam as evidências da generosa ajuda que os camponeses davam aos Aliados fugitivos ou desgarrados das tropas, sempre com grande risco pessoal. O Exército alemão era implacável e criminoso no trato com os civis italianos suspeitos de ajudar os Aliados ou de qualquer envolvimento com os “bandidos”. Do lado aliado, brincadeiras depreciativas sobre os italianos começavam a dar lugar a uma admiração de seu valor e a uma avaliação mais precisa do sofrimento pelo qual haviam passado no contato próximo com os invasores indesejáveis.

Cox teve uma empatia instintiva pelos partisans, que eram, na sua maioria, gente pobre e sem posses. Quando estudante, ele passava os feriados da escola e da faculdade trabalhando em uma fazenda na Ilha Norte da Nova Zelândia e também em sítios de criação de ovelhas nas montanhas de Otago. Isso lhe tinha dado uma ideia do trabalho duro dos primeiros fazendeiros, desbravadores que, na sua opinião, eram “o coração e a alma da Nova Zelândia na década de 1920”. Cox aprendera ainda a amar a natureza, a observar os detalhes da topografia e a encontrar tranquilidade na paisagem a sua volta.⁹

Ele era também um homem com forte convicção igualitária. Nos anos 1930, como muitos de seus contemporâneos, inclinara-se ao comunismo, e, durante a Guerra Civil espanhola, esteve bem perto de se filiar ao partido. “Se Harry Pollitt [o líder do Partido Comunista britânico] me pedisse para me filiar, eu o faria”, admitiu certa vez. Mas o convite nunca foi feito, e o comportamento dos soviéticos que ele observou mais tarde na Finlândia o transformou em um anticomunista ferrenho. Agora, ele se definia como um social-democrata pragmático.¹⁰

Na noite em que atravessaram o Reno, Cox conversou com um sargento neozelandês que estivera escondido com os partisans no norte de Veneza desde 1943. O homem estava exultante por compartilhar com eles a batalha final.

Durante uma hora, ele e Cox estudaram os mapas, e o sargento assinalou os locais onde as formações guerrilheiras poderiam ser encontradas. Com o sargento estava um oficial americano que combatera ao lado dos resistentes italianos perto de Veneza. “Espere até vê-los. Eles têm um exército completo a sua espera. Os caras são muito bons”, o americano disse a Cox.¹¹

Fugitivos aliados como estes dois forneciam a Cox informações excelentes sobre o estado dos alemães em retirada. Um subtenente prisioneiro de guerra que ele havia interrogado naquela semana pintou com cores vivas uma cena que testemunhara na estrada que tinham pela frente: “O combustível era tão pouco que cada caminhão de carga rebocava pelo menos outros três ou quatro. Os tanques, e até mesmo cavalos e bois, puxavam os veículos motorizados. Havia carroças puxadas a cavalo e bois em grande número, mas muito poucas armas [...] O inimigo correu para as trincheiras logo que um avião apareceu no horizonte.” O subtenente estava lá quando começou o fogo da artilharia. “O inimigo entrou em pânico e saiu em debandada pelos campos”, contou, “ou lutou para entrar em algum veículo preparado para a fuga. Os que já estavam nos veículos tentavam impedir que outros subissem. Era evidente que os combatentes alemães sentiam que a guerra estava irremediavelmente perdida”.¹²

Alguns dias depois, Cox pôde ver com os próprios olhos como os partisans eram bem organizados. No domingo, 29 de abril, ele acordou em uma manhã cinzenta e fria com o som de disparos. O tempo havia mudado e a chuva forte começava a fazer muita lama no acampamento, atrapalhando o trabalho dos engenheiros e atolando os pneus dos caminhões. Cox ainda não se acostumara ao som das armas italianas tão próximas e tinha ido dormir inquieto.

Ele estava nos limites de Pádua, cidade fundamental para a ocupação de Veneza e além. No dia anterior, os neozelandeses haviam rompido a tão temida Linha Veneziana praticamente sem conflito, conseguindo avançar 32 quilômetros ao norte do rio Ádige no “território inimigo”, como Cox o chamou. Verona já estava sob domínio americano, e em algum lugar nas montanhas à frente encontravam-se os paraquedistas alemães. Mas onde exatamente estariam, o que faziam e o que planejavam fazer continuava sendo um mistério. Era óbvio que estavam desesperados. Em uma vila pela qual os neozelandeses passaram, os habitantes disseram a Cox que os alemães pediam bicicletas para a fuga e atiravam nos moradores que se recusavam a entregá-las.

Quando o tempo melhorou, Cox obteve um quadro mais nítido, graças principalmente aos guerrilheiros. O oficial do VIII Exército que servia de ponte de ligação com os partisans era um montenegrino que falava italiano fluentemente. Ele alcançara os neozelandeses no dia anterior, e Cox logo o mandou adiante para apurar o que estava acontecendo. Ele voltou com a notícia de que Pádua estava agora nas mãos dos guerrilheiros. “A notícia é confiável?”, perguntou um oficial de alta patente. Acreditando que sim, e respirando fundo, o montenegrino confirmou. Com base nesta certeza, os tanques se movimentaram lentamente em direção à cidade, com o oficial de ligação instalado na torre de tiro do tanque principal. Em uma pequena praça, um grupo emergiu das sombras empunhando rifles. O montenegrino gritou algumas palavras em italiano e a resposta daqueles homens veio também em italiano. Eram os partisans. Eles já haviam assumido o controle da cidade, obrigado as autoridades fascistas a se renderem e tomado cerca de 5 mil alemães como prisioneiros.

No interior do tanque, o operador de rádio transmitiu: “Cidade nas mãos dos guerrilheiros”, e logo Cox voltava a se reunir com o montenegrino na porta de seu trailer. Tiros vindos da patrulha dos partisans ainda podiam ser ouvidos, enquanto em uma pequena praça as mulheres dirigiam-se calmamente para a missa e os soldados se barbeavam diante de pequenos espelhos pregados na lateral dos tanques. Os guerrilheiros estavam ávidos para entregar todos os prisioneiros alemães, mas os neozelandeses tinham condição de absorver apenas os oficiais mais graduados.

Cox enviou seu especialista em rádio para trazer alguns oficiais. Ele voltou no princípio da tarde, sentado em um tanque Sherman, com uma submetralhadora Tommy na mão. Atrás dele estavam quatro oficiais alemães, amarrados por uma das mãos e carregando bandeiras brancas na outra. Dependurados em outras partes do tanque havia guerrilheiros impacientes, com os lenços vermelhos das brigadas Garibaldi, predominantemente comunistas. Acompanhando o séquito, uma multidão de civis aplaudia. Cox reconheceu um dos alemães como sendo o general von Alten, comandante da região de Ferrara. Ele e os demais foram trancafiados em um escritório vazio da cidade.

Quando voltou para providenciar sua transferência para o sul, Cox foi recebido com a saudação nazista e ouviu o ajudante de ordens de Alten fazer

comentários sarcásticos acerca dos “negros” que montavam guarda na porta — os recrutas maoris. Enfurecido, Cox recusou o pedido de von Alten de levar com ele uma caixa de garrafas de conhaque. Em vez disso, deu o conhaque aos guardas maoris.

Sua aversão aos alemães havia crescido desde a campanha na Líbia em 1941, quando começou a interrogar prisioneiros de guerra. “Eu não os odeio. Apenas não gosto deles como não se gosta de ratos e cobras. Eles foram estragados pelo nazismo até se tornarem pessoas detestáveis [...] Eles foram estragados por Hitler”, observou Cox. Agora, porém, seu sentimento se transformara em uma raiva que estava chegando ao ponto de ebulição. Dias antes, seu motorista apareceu empunhando alguns exemplares do *Union Jack* e do *Eighth Army News*, boletins produzidos para as tropas. “Temos matérias realmente horrorosas esta manhã, senhor”, disse. Na primeira página, Cox viu fotos dos cadáveres de Belsen empilhados como toras de madeira. Ainda que tivesse trabalhado como correspondente estrangeiro durante o pré-guerra e tivesse conhecimento dos horrores nazistas, ele ficou chocado. “Leve isso para o seu caminhão”, disse a Cox, “e pergunte a opinião deles”.

Ainda irritado, Cox foi até a jaula para conversar com um novo grupo de prisioneiros entre os cerca de duzentos paraquedistas recém-capturados — quatro russas e um oficial alemão que falava perfeitamente o inglês e que afirmou ser antinazista. As mulheres diziam trabalhar em um hospital, mas para Cox estava claro que elas faziam parte de um bordel itinerante dos alemães. Com idade entre 18 e 30 anos, três delas sentaram no chão; tinham os olhos vermelhos e choravam. A quarta estava encostada em uma árvore olhando firme para a jaula dos alemães e passando as mãos sobre seus longos cabelos pretos e revoltos. “Toda a raiva de um continente escravizado e desprezado flamejava nos olhos daquela camponesa russa”, Cox escreveu em seu diário.

Enquanto Cox contemplava a cena, o oficial alemão se aproximou. Era professor de inglês em Hanover, e, para testar seu antinazismo, Cox resolveu lhe mostrar as fotografias do campo de Belsen impressas no jornal. O homem balançou a cabeça como se quisesse sugerir que eram falsas. “Por que você não fez nada contra Hitler?”, Cox indagou. O alemão perguntou o que poderia ter feito. “Eu e meus amigos não éramos nazistas. Nós detestamos os nazistas. Mas

estávamos impotentes. Tínhamos que cumprir ordens. Mas você já deve saber que nem todos os alemães são maus”, finalizou.

Cox sabia disso muito bem, mas não libertaria aquele homem tão facilmente e o interrogou sobre suas tarefas no Exército alemão. Por que ajudara os nazistas se era contra eles? O homem respondeu que nunca havia entrado em combate e que era encarregado apenas de uma balsa que fazia a travessia do Pó. Mas isso, Cox replicou, significava que tinha auxiliado assassinos de seus amigos neozelandeses. O homem emudeceu e voltou a olhar as imagens de Belsen. De repente, diante dos olhos de Cox passou um caleidoscópio com as imagens que ele tinha presenciado na Itália: os corpos enegrecidos e inchados dos reféns assassinados na periferia de Arezzo; os pedaços de carne e de pano pendurados nos galhos de pinheiros onde os alemães tinham mandado pelos ares três partisans depois de amarrá-los no tronco de uma árvore; e o muro manchado de sangue de uma igreja em Siena onde, num domingo, os alemães retiraram todos os homens da missa e os executaram.

Quando se preparava para ir embora, o oficial alemão perguntou o que seria feito deles. Tomado por um desejo irresistível de desforra, Cox mentiu: “Vocês serão entregues aos russos”, disse secamente, vendo o medo na expressão do homem antes de voltar ao trailer.

Dias depois, ainda não conseguira controlar seus sentimentos. A vitória estava obviamente próxima, e o fim da matança, no horizonte; a derrota era inevitável para os alemães, mas eles ainda continuavam no campo de batalha. “Querida Cecily”, dizia à esposa numa breve carta manuscrita, postada de Pádua:

Podemos ver os Alpes diante de nós, o que é muito estimulante. Percebo que meu desprezo pela grosseria da raça alemã aumenta quando eles continuam obedecendo docilmente às ordens de um regime corrupto e derrotado. Dia após dia, interrogo jovens [alemães] cujas mentes foram fechadas para qualquer pensamento arejado, ficando reduzidas à obediência nazista desde que Hitler tomou o poder. Eles são o espetáculo mais abominável a que eu já assisti na vida.¹³

No momento em que chegaram a Pádua, os neozelandeses receberam suas próximas ordens. O alvo agora era Trieste, no coração do mar Adriático, a 160 quilômetros de Veneza. A captura desse porto estratégico, outrora portão

marítimo do império austro-húngaro, proporcionaria uma linha vital para o abastecimento dos exércitos aliados na travessia dos Alpes, a caminho da Áustria. Os partisanos iugoslavos sob o comando do marechal Tito, agora organizados como um exército regular, também avançavam para Trieste vindos do sul. Entre eles, os alemães estavam espremidos. Veneza era secundária e podia ser deixada de lado, talvez com um pequeno esquadrão, apenas por segurança. Quanto mais rápido os neozelandeses pudessem alcançar Trieste, melhor. “Podemos chegar lá em apenas um dia”, prometeu Freyberg.¹⁴

Cox estava na estrada de novo. Enquanto lidava com o irritante von Alten e seus oficiais ajudantes nas cercanias de Pádua, os tanques avançavam pela madrugada escura na direção de Trieste. No rio Brenta, na saída de Pádua, a artilharia surpreendeu os alemães, capturou a ponte intacta e avançou com seus veículos em direção a Veneza, 32 quilômetros adiante. À uma da tarde, Cox ouviu uma mensagem em seu rádio: o 12º Regimento de Lanceiros atravessara a ponte sobre a lagoa e entrara em Veneza.

Ele já estava de malas feitas e pronto para acompanhar o restante do quartel-general. Ao atravessar velozmente as ruas de Pádua, enfeitadas com o verde, vermelho e branco da Itália, os oficiais eram saudados e aclamados pelos moradores. A chuva resolveu cair novamente, açoitando o parabrisas de seu jipe, e vez por outra ele precisava parar, enquanto ouvia o barulho do movimento dos tanques adiante e o ratatá das metralhadoras que varriam as últimas trincheiras e a débil resistência alemã.

Aqui o campo era plano e entrecruzado por canais, as estradas pontilhadas por casarões e jardins murados dos comerciantes ricos e das famílias nobres de Veneza. Os guerrilheiros cruzavam em seus caminhões, e quando o tempo voltava a abrir, mostrando os raios de sol, o povo saía de casa para saudar os neozelandeses. Em certo lugar, Cox estacionou perto de um pequeno parque e um homem atravessou por um portão de ferro fundido com a esposa e duas filhas pequenas. Seu rosto tinha a palidez de um doente. “Este é meu primeiro dia fora do esconderijo em um ano. Estive um ano escondido. Um ano em uma cela subterrânea”, disse ele. E repetiu: “um ano”.¹⁵

Foi uma libertação alegre. Mas a morte ainda viajava de carona. Em uma curva da estrada, Cox se deparou com uma cena de carnificina. Vinte minutos antes, um grupo de soldados da guarda costeira alemã tinha aberto fogo contra os neozelandeses da vanguarda, que revidaram com suas metralhadoras

pesadas. O confronto durou dez minutos. Caído sob uma árvore à beira da estrada estava o corpo de um alemão gravemente ferido. Seu rosto era cinza de dor, e seus lábios mal se moviam. Vinte metros adiante, outros alemães jaziam em um fosso. “Eles estavam onde tinham sido alvejados”, notou Cox, “mortos e feridos na lama cinzenta [...] entre 15 e vinte alemães. Os partisans já haviam tomado suas armas. Um soldado olhou para nós, suplicante, mas sem emitir palavras. Outro, um alemão de meia-idade, formava com os lábios as palavras ‘*Ich habe Schmerzen — Schmerzen*’ [Tenho dor, dor]. O rosto de outro, deitado sobre dois cadáveres, já estava com o cinza da morte”. Um padre italiano apareceu para ministrar os sacramentos. Então, um jipe cheio de fotógrafos surgiu do nada e muitas fotos do padre benzendo os corpos foram tiradas. A pedido dos repórteres, o religioso mudou de posição de forma que a luz do sol favorecesse uma foto mais nítida. Por trás deles, os sinos de um campanário de tijolos vermelhos badalavam, anunciando a libertação. Mais além, Cox podia ver a silhueta azul dos Alpes. Lentamente, uma carroça de madeira forrada de palha se aproximou para recolher os alemães feridos.

Então, Cox pôs-se em marcha novamente. Em questão de minutos, avistou o domo da Basílica de São Marcos à direita, do outro lado da lagoa. Mas em vez de atravessar a ponte para a cidade, ele permaneceu no continente, seguindo para a cidade industrial de Mestre, na estrada para Trieste. As ruas encontravam-se novamente repletas de civis exultantes, e os guerrilheiros estavam totalmente às claras com seus lenços e gravatas vermelhas. Cox ficou encantado com as mulheres. “As italianas seriam sempre como as garotas de Mestre naquele domingo de libertação?”, ele se perguntou.

Faces morenas, aquilinas, bronzeadas, mocinhas de cabelos brilhantes com olhos convidativos e alegres [...] Os italianos nos saudavam com calor humano, alívio e gratidão. Mas nos olhos das garotas havia alguma coisa que beirava o êxtase. Algumas nos mandavam beijos, outras lançavam seus braços sobre nós, como se fossem nos abraçar em sua excitação; outras, ainda, sorriam discretamente e diziam “ciao, ciao” conforme seguíamos para leste pelas ruas em delírio. Nós rimos até nossos músculos endurecerem e apertamos suas mãos até que nossos braços ficassem doloridos. Não tínhamos como recompensar a acolhida daquelas pessoas de Mestre sob o sol de abril.¹⁶

Fora da cidade, ele dirigiu seu veículo pela estrada que margeava o Adriático à direita. À esquerda, podia ver as majestosas montanhas Dolomitas, da cordilheira dos Alpes, cobertas de neve. Entre o mar e as montanhas estavam a planície de Friuli e Brazzà, lar de Fey von Hassell. Cox atravessou um povoado onde crianças sentadas em um banco coberto de grama cantavam “*Viva — i — nostri-liberatori*” (Viva os nossos libertadores). Viu um grupo de prisioneiros alemães com olhar aterrorizado sendo transportado para algum lugar, talvez para a morte, pelos partisans de Friuli. E, no final da tarde, seus olhos se fixaram em uma pedra pintada de branco na estrada anunciando que Trieste estava a apenas 125 quilômetros.

Naquela noite, as unidades de vanguarda neozelandesas cruzaram o rio Piave em botes. Mais uma vez, os incansáveis engenheiros, os verdadeiros heróis da campanha italiana, se desdobraram para construir a ponte que levaria o resto da divisão a seu destino final. “Deve haver apenas uma resistência leve”, Cox previu naquela noite, quando relatou que os alemães estavam agora recuando para os Alpes, no norte. “Uma vez cruzado o Piave, nós deveríamos, portanto, ir em frente até o [rio] Tagliamento ou o [rio] Isonzo, que deve ceder com um bom golpe.”¹⁷

O breve retardo durante o qual os engenheiros construíram uma nova ponte sobre outro rio deu a Cox a chance de retornar a Veneza. Havia um grupo de inteligência dos partisans na cidade, e ele poderia conseguir alguma informação útil por lá. Isso também lhe daria a oportunidade de conhecer a famosa cidade das águas em outro momento marcante de sua história.

Com seu labirinto de canais, Veneza é um arquipélago em uma enorme lagoa salgada no coração do Adriático. A República Veneziana, berço do grande explorador Marco Polo, foi um dia a cidade mais próspera da Europa e o maior poder marítimo de seu tempo. As poderosas famílias de mercadores que viviam ali dominavam o comércio mediterrâneo, construíaam palácios e financiavam artistas como Ticiano, Tintoretto e Canaletto.

Mas Napoleão pôs um abrupto fim à sua independência e entregou-a ao controle dos Habsburgo. Desde então, como parte do novo reino da Itália, Veneza ingressou em um longo e gradual período de declínio, tornando-se um remanso que atraía um número cada vez maior de turistas para suas atrações melancólicas. “Nada na história de Veneza”, escreveu um historiador, “é banal.

Ela nasceu em perigo, viveu grandiosamente e nunca abandonou sua impudente individualidade”.

Isso, no entanto, não a impediu de ser “submissamente fascista” ao governo de Mussolini; embora tenha havido uma resistência esporádica, a cidade proporcionou, durante a guerra, um lugar seguro de descanso para oficiais alemães e fascistas italianos do alto escalão. Mestre, a cidade vizinha, com suas indústrias, foi bombardeada severamente, mas os aviões aliados sempre deixaram Veneza intacta. Talvez o único incidente de guerra no local tenha sido a queda de duzentos cidadãos venezianos nos canais durante as noites de blecaute.¹⁸

Às quatro horas daquela tarde de domingo, 29 de abril, dois tanques aliados atravessaram a barragem que ligava a cidade ao continente e estacionaram na sua estação de trens. A população veio em peso saudar os neozelandeses, e os guerrilheiros montavam guarda sobre 3 mil prisioneiros alemães que ainda permaneciam na cidade, trancafiados em um grande galpão. Em Roma, Freyberg tinha ficado furioso com os americanos, que ocuparam por inteiro o Hotel Excelsior. Dessa vez, quando a nata dos oficiais da Nova Zelândia viu caminhões do Exército dos Estados Unidos vindo de Trieste e ostentando placas com o nome do Hotel Danieli, o melhor de Veneza, Freyberg, para não assistir a uma repetição do que tinha ocorrido na capital italiana, mandou suas tropas cercarem o hotel e manterem os americanos a distância. Eles cumpriram a ordem e o Danieli foi logo ocupado pelos oficiais britânicos e neozelandeses.

O Danieli era agora, também, o destino de Cox. Após cruzar a barragem, ele embarcou em uma gôndola e navegou majestosamente pelo grande canal, maravilhando-se com os belos palácios e desembarcando na praça de São Marcos. Os canais estavam bem tranquilos. Apenas em alguns pontos um popular o saudava ou gritava das janelas, mas, na maioria das vezes, o povo só o observava discretamente enquanto navegava sob as pontes. Refestelado em uma gôndola, ele achava difícil se ver como um libertador e se sentiu constrangido. Ficou feliz quando finalmente chegou ao hotel.

Em Veneza, como em toda parte, os partisans se rebelaram com a partida dos alemães, e seguiram-se dois dias de confrontos contra a SS e os camisas-negras. Alguns dos partidários de Mussolini ainda rondavam, e Cox avistou um deles, cercado por uma multidão excitada, sendo escoltado por guerrilheiros armados até a prisão da cidade pela margem de um canal próximo à Ponte dos

Suspiros. Era um homem magro de trinta e poucos anos, e usava uma boina azul que o fazia parecer um funcionário da estação de trem. “Ele carregava um embrulho de papel debaixo do braço e seu rosto estava pálido”, recordou Cox. “Fazia caretas constantemente, ou por medo ou por desprezo.”

Fora isso, entretanto, Veneza parecia estar fazendo uma transição perfeita de um cenário de ocupantes para outro, como aconteceu tantas vezes em sua história. Na praça de São Marcos, a normalidade imperava. As mulheres já vendiam comida de pombo para soldados neozelandeses, e na entrada da torre dos sinos alguém arrancava a lista de preços escrita em alemão para colocar outra em inglês. Todas as lojas estavam fechadas, mas havia muita gente na rua, e grandes bandeiras de Veneza e da Itália logo foram hasteadas na frente da igreja.

Os partisans locais, auxiliados pelos agentes do OSS, montaram seu quartel-general de inteligência em uma suíte do Danieli. Ali, com vista para o Grande Canal, Cox passou as horas seguintes ouvindo relatos atualizados e de primeira mão sobre as posições alemãs e sobre as condições das pontes nas cidades e nos vilarejos na rota de Trieste. Enquanto anotava os detalhes em seu mapa, parecia claro para ele que os guerrilheiros haviam tomado o controle de todas, menos uma.

Antes de anoitecer, Cox retornou a seu trailer nas margens do Piave para preparar o avanço do dia seguinte. Mas uma cena presenciada no Danieli não lhe saía da cabeça. No almoço daquele dia, ele tinha visto homens negros refinados em ternos elegantes acompanhando senhoras bem-vestidas e bem-penteadas nas mesas do restaurante do hotel, entre taças de cristal e talheres de prata. Veio a saber que os líderes fascistas haviam mandado suas esposas e amantes para Veneza a fim de salvá-las dos bombardeios. Ele encontrara a opulência do norte da Itália. “Aqui”, refletiu, “elas esperavam para ver o que seria feito, agora que nós, e não mais os alemães, éramos os donos do jogo”.¹⁹

Centenas de quilômetros a oeste, no entanto, o destino dos colaboracionistas da França já estava bastante claro. Alguns dias antes, em uma fria madrugada, um comboio de nove carros atravessou a Áustria em direção à cidade de St. Margarethen, na fronteira suíça, junto ao lago de Constança. No banco traseiro da limusine que liderava o comboio estava um senhor careca com um recheado bigode branco. Sua esposa, logo ao lado, vestia um casaco preto e viajava de

chapéu. No carro atrás, vinham a filha do casal e seu marido. Em outros cinco carros se acomodavam o médico daquele homem, seu ajudante de ordens, assessores e as empregadas domésticas.

No final da fila, vinham dois carros transportando malas, baús e objetos pessoais da comitiva. Quando o posto de fronteira se aproximou, a Mercedes que escoltava o comboio recuou para a última posição. Dentro dela estavam agentes da SS e dois oficiais da Gestapo fortemente armados.

Uma vez cruzada a fronteira, a comitiva parou em uma pequena pousada suíça. O passageiro idoso foi ajudado a saltar da limusine. Estava sem chapéu e usava um sobretudo cinza. Uma jovem suíça estendeu-lhe um buquê de lilases frescos e fez uma reverência. “Pelo seu octagésimo nono aniversário, marechal Pétain”, disse suavemente.

Philippe Pétain, marechal francês e herói nacional da Batalha de Verdun, na Primeira Guerra Mundial, estava indo para casa. Ele tinha assinado em nome da França o acordo humilhante de 1940. Em Touraine, apertou a mão de Hitler, garantindo ao ditador nazista a colaboração total da França na construção de uma nova Europa, e governou a França como cabeça do regime Vichy durante quatro anos.

Então, três meses após o Dia D, os alemães o colocaram em um carro e o despacharam para a Alemanha. Ele passara um longo tempo encarcerado, praticamente prisioneiro, em um castelo em Sigmaringen, no alto Danúbio. Agora, tinha decidido voltar à França, para enfrentar o que quer que a justiça lhe reservasse. Havia muito vinha se enganando sobre seu papel como protetor da França contra os nazistas e acreditava que sua condição de verdadeiro patriota francês seria reconhecida.

“Estar aqui, agora, em território suíço é o maior presente de aniversário que eu poderia desejar”, ele disse para a moça que lhe ofereceu flores e derramou algumas lágrimas. Depois de insistir que havia sido levado para a Alemanha contra sua vontade e que recusara a proposta de formar um “governo francês entreguista”, ele ficou aguardando próximo ao carro enquanto os guardas da fronteira ligavam para Berna em busca de instruções.

As autoridades suíças já haviam recusado a entrada do primeiro-ministro de Pétain e seu maior colaborador, Pierre Laval. No outono anterior, Laval fora condenado à morte *in absentia* por uma corte de Marselha. Desesperado para escapar da justiça francesa, ele tentou durante uma semana entrar na Suíça, mas

a cada vez era barrado. Chegou até mesmo a suplicar a um oficial da Cruz Vermelha suíça que intercedesse por seu exílio. Quando o homem explicou que aquilo estava além de sua autoridade, Laval, totalmente em pânico, desabou num choro convulsivo. “Você me condenou à morte”, ele gritava.²⁰ Os suíços recusaram abrigo também a Marcel Déat, outro colaboracionista francês que tentava asilo político.

Mas Pétain não buscava refúgio. Ele só queria atravessar o país em direção à França. Por fim, depois de uma hora e meia de espera no salão bem aquecido da pousada, a permissão chegou por telefone. Uma escolta motorizada da polícia suíça juntou-se ao comboio na estrada para oeste rumo à França. Quando eles partiram, Pétain saudou gentilmente o silencioso grupo de suíços que observava a comitiva.

Por fim, o comboio chegou à fronteira da França. Sua entrada havia sido permitida em uma reunião de emergência do gabinete francês, que também determinou a hora exata e o lugar onde ele deveria aparecer.

Ao descer de sua limusine, já em território francês, Pétain foi imediatamente detido. Um oficial da alfândega começou a vasculhar sua bagagem e a contar seu dinheiro. Esperando por ele estava o general Pierre Koenig, o fiel chefe de gabinete da França Livre do general De Gaulle e agora governador militar de Paris. Pétain estendeu a mão cordialmente, mas Koenig ignorou o gesto. A seu lado, um representante da alta Corte francesa leu um resumo da sentença do julgamento do marechal. Com o ritual concluído, Pétain e sua comitiva foram embarcados em um trem fretado. Militares armados guardavam os vagões quando o trem partiu da pequena cidade de fronteira. A hora da chegada em Paris foi mantida em absoluto sigilo.²¹

A França que aguardava Pétain era muito diferente da que o havia aclamado como salvador da pátria apenas cinco anos antes. De Gaulle e seus seguidores democratas rejeitaram desde o início o acordo de 1940 com Hitler, e a resistência organizada havia muito tempo pedia que Pétain e outros colaboracionistas fossem trazidos à justiça e expurgados da sociedade francesa. Por fim, os excessos nazistas e as atitudes suspeitas de seus colaboradores acabaram por levar milhões de outros franceses a desistirem de Pétain. Agora que ele era um homem derrotado e um caso perdido, não queriam nada dele. Porém, havia ainda muitos partidários que argumentavam que ele tinha, sem

dúvida, livrado a França do pior e não se arrependiam de seu compromisso com o antigo regime.

Desde o desembarque da Normandia a França vinha sendo libertada em etapas, e julgamentos e expurgos estavam acontecendo havia meses. Eles foram acompanhados por muita justiça “com as próprias mãos” — represálias espontâneas contra os colaboracionistas —, e milhares de suspeitos haviam sido linchados, assassinados ou surrados. Inúmeros julgamentos já haviam mandado dezenas de colaboracionistas para a cadeia ou para a guilhotina. Entretanto, até mesmo alguns fervorosos partidários de De Gaulle estavam começando a se incomodar com os expurgos e reclamavam de seu caráter muitas vezes arbitrário e primitivo. Em nome da união nacional, eles sustentavam que estava na hora de se demonstrar uma maior compreensão e tolerância. Mas agora, em abril, os Aliados liberavam os campos de concentração e seus internos voltavam para casa. Milhares deles eram franceses. Muitos tinham sido denunciados pelos próprios vizinhos e foram levados para a Alemanha, onde ficaram presos atrás de cercas de arame farpado. E a França estava completamente horrorizada com o que estava começando a ouvir.

Dois meses antes, De Gaulle encabeçara um comitê de recepção na Gare de Lyon, em Paris, para receber o primeiro grupo de quase trezentas mulheres francesas libertas dos campos. Alguns levaram buquês de flores para lhes dar as boas-vindas. Outros levaram batons e pó de arroz como símbolos da liberdade.

Ninguém, no entanto, estava preparado para o que viu quando o trem desembarcou suas passageiras cadavéricas e traumatizadas. “Suas faces mostravam uma coloração cinza-esverdeada com círculos marrons em torno dos olhos, que pareciam ver, mas não enxergar”, registrou um jornalista na ocasião. Outro observou que as deportadas libertas tinham “faces enrugadas e esverdeadas como se fossem de cera, lembrando aquelas pequenas cabeças humanas esculpidas pelas tribos primitivas”. Algumas estavam tão fracas que mal conseguiam se manter de pé diante das autoridades. As que conseguiam foram convidadas a cantar “A Marselhesa”, e o fizeram tremendo, com suas vozes fracas, para uma plateia em estado de choque.²²

Um dos que se posicionaram contra os excessos no revanchismo foi o intelectual François Mauriac. O romancista e dramaturgo, então com 62 anos, passara a década de 1930 inteira atacando o fascismo em sua coluna no *Le Figaro* e era um partidário convicto de De Gaulle, mas até mesmo ele

identificava um ânimo rancoroso e estranho em seu país. “O avanço aliado na Alemanha”, escreveu Mauriac, “transformou-se, de repente, em uma descida ao inferno”. Agora, os testemunhos de insanidade começavam a aparecer em escala gigantesca, e os colaboracionistas que haviam buscado refúgio na Alemanha estavam sendo presos e trazidos de volta. “Todos os ressentimentos”, continuou ele, “foram reverberados ou agravados contra os franceses que colaboraram com os autores e cúmplices destes crimes, e que trabalharam para sua vitória”.²³

Imagens assustadoras das vítimas que retornavam de Buchenwald, Ravensbruck e Bergen-Belsen eram estampadas em jornais por toda a França, e o debate sobre o que fazer com os colaboracionistas se tornou mais acalorado que nunca.

Na Normandia, Francesca Wilson estava ouvindo relatos de primeira mão sobre o nazismo e seus partidários, direto das vítimas. Ávida por aprender e curiosa por natureza, ela conversou com o maior número de pessoas que conseguiu, para conhecer melhor a vida sob ocupação nazista. Acabou construindo um caleidoscópio de pontos de vista.

Quase todos que ela encontrou tinham um parente na Alemanha, ou como prisioneiro de guerra ou como deportado. Ela conversou com uma mulher que encontrou catando conchas e mexilhões na areia. A praia havia estado proibida para os civis até muito recentemente e se tornara, agora, um fruto palpável da libertação. A mulher contou a Francesca que certo dia um oficial alemão lhe pedira um quarto em sua casa para ficar. “Mas este é o quarto de meu filho, monsieur”, protestou ela. “E ele é um prisioneiro de guerra no seu próprio país; eu não posso cedê-lo.” O oficial não insistiu.

Uma outra mulher já estava decepcionada com a libertação. Ela trabalhava para uma empresa de transportes em Paris, fazendo remessas diárias ao Reich de Hitler que eram pagas com francos impressos em Munique e que portanto não custavam nada aos alemães. Depois que estes deixaram Paris, ela passou a servir aos americanos. O problema com eles, disse a Francesca, era que “pensam que a França é uma boate que nunca fecha as portas. Eles não percebem que a maioria de nós está profundamente enojada de bebedeiras e promiscuidade sexual”.

Alguns na população local estavam satisfeitos por terem servido aos alemães. Comparavam o comportamento “correto” dos antigos ocupantes ao comportamento rude e desleixado dos americanos. Mas outros viam os últimos quatro anos sob uma perspectiva profundamente distinta. “Cortesia alemã?”, protestou um francês estupefato. “Cinquenta reféns inocentes foram arrancados de seus quartos de dormir, obrigados a atravessar a cidade e a cavar suas próprias sepulturas para serem fuzilados em seguida!”

Francesca encontrou também um engenheiro de 40 anos a quem descreveu como “um verdadeiro latino, baixo, magro, moreno, ativo e realista”. Ele tinha evitado a convocação para o trabalho escravo na Alemanha mergulhando na clandestinidade e se apoderara de uma arma lançada por um avião inglês para a resistência francesa. Muitas vezes, despachava armas à noite, de Paris, por via férrea. Certa vez, quase foi fuzilado por sentinelas alemães, mas conseguiu escapar. “Homens que tinham filhos não podiam fazer esse tipo de coisa”, ele revelou a Francesca. Sua esposa o ajudava na resistência e eles nunca foram pegos. Fora uma época de “perigos, aventuras e um objetivo”.

Um estudante, combatente das forças de libertação de De Gaulle, lastimava que grande parte de suas derrotas tivesse acontecido menos pela Gestapo e mais pela traição de seus concidadãos da odiada Milice, a força policial paramilitar do regime de Vichy. Ele descrevia estes homens como gananciosos que “caçavam em alcateias”.

Outro rapaz fora preso por ajudar na fuga de pilotos aliados perdidos em terra. Ele foi salvo de um pelotão de fuzilamento pela chegada súbita das forças britânicas. Durante os meses de confinamento solitário, confessou que sua maior fonte de conforto vinha da leitura de Pascal. “Não compreendo isso agora, mas enquanto eu esperava pelo interrogatório da Gestapo, encontrava consolo nele [...] talvez porque Pascal menosprezasse tanto as ‘perpétuas agitações e preocupações da conturbada vida humana’ [...] Por que [pergunta ele] o homem teme ficar sozinho consigo mesmo mais do que a todas as outras coisas? Ele não percebe que todo o mundo visível é uma cela de prisão?” Ele recomendaria Pascal a qualquer um que estivesse passando pelo confinamento.

Francesca estava particularmente impactada pelo testemunho de um homem de meia-idade e bem-apeado que lhe contou ter abandonado sua casa para evitar qualquer relacionamento com os nazistas. Agia, segundo ele, de forma semelhante a Montaigne, que abandonou sua biblioteca por não suportar a

guerra civil entre católicos e protestantes, repleta de traição e selvageria. Trezentos anos mais tarde, disse a Francesca, os nazistas fizeram da desumanidade uma ciência e “deram prêmios para a traição”. Ela tinha sorte de ser inglesa, decretou. Assim, ela não precisou ver seus amigos fazendo acordos com nazistas, ou denunciando inocentes para obter vantagens.

Eram depoimentos moderados, mas havia coisa muito pior. Certo dia, um grupo de soldados do Exército Vermelho veio cantar músicas russas em um dos concertos dominicais improvisados. Eles haviam sido capturados pelos alemães e obrigados pela Wehrmacht a trabalhos forçados quando finalmente foram resgatados pelos americanos de um campo nas proximidades.

Após terem cantado, Francesca conversou com um deles. Ele tinha uma expressão facial “trágica”, na expressão dela: “Era aquele olhar meio animal adquirido devido à dureza do tratamento desumano e a longas privações”, escreveu. Tendo caído nas mãos dos alemães em Odessa, ele marchou na neve por toda a Romênia até chegar à Alemanha. Os fracos, que não suportavam o suplício da travessia, eram simplesmente eliminados. Mas a cena que ele não conseguia tirar da cabeça era a dos sete marinheiros da Frota Soviética do Mar Negro que tiveram que marchar para o cadafalso, completamente nus, com as mãos atadas atrás das costas. Eles esperavam na fila a sua hora de serem enforcados, um por um, vendo seus camaradas morrerem no final da corda. “E mesmo assim eles cantaram canções como estas”, disse o soldado russo a Francesca, “eles cantaram até o último momento, nus, e com as mãos amarradas nas costas”.²⁴

9. A MORTE DE UM DITADOR

“Isso aqui tem sido uma loucura — acho que você pode ler mais sobre o assunto nos jornais do que eu posso lhe contar agora, mas, com certeza, tenho vivido algumas experiências e espero poder lhe contar sobre elas muito em breve. Mas parece que ainda teremos algumas batalhas duras, se os nazistas se esconderem em algum buraco nos Alpes.”

Era uma quarta-feira, 25 de abril. Robert Ellis e sua companhia da 10ª Divisão de Montanha americana tinham acabado de cruzar o rio Pó, perto da cidade italiana de San Benedetto Po, e ele aproveitara aquele momento para escrever aos pais. Seu pai havia desistido do Irã e trabalhava agora no interior de Ohio como médico. Sua mãe sempre acreditara firmemente que os dons dados por Deus devem ser aperfeiçoados, e, como resultado disso, os dias de Ellis na infância foram rigorosamente ocupados com aulas de piano, violino e os deveres de casa. Mas, ao mesmo tempo, ela sempre fora generosa em elogios e afeição, respondendo as cartas de Ellis sempre que podia e, orgulhosamente, fazendo-as circular por toda a família.¹

Além de enfatizar o autoaperfeiçoamento, a família de Ellis tinha um poderoso espírito internacionalista. Como milhões de outras famílias durante a sombria década de 1930, eles haviam colocado suas esperanças na segurança coletiva como garantidora da paz. Um dos momentos mais marcantes, nos anos em que Ellis estudou na Escola Internacional em Genebra, foi quando ele e sua mãe se sentaram no grande salão da Assembleia Geral da Liga das Nações para escutar o imperador Haile Selassié, da Abissínia, apelar por ajuda contra a invasão de Mussolini ao seu país. “Eu olhei com admiração quando a figura pequenina do imperador subiu ao pódio”, ele recorda. “Em um impetuoso clamor por socorro, ele fez um dos maiores discursos da História [...]”

Infelizmente, as grandes potências estavam preocupadas demais com a ‘paz a qualquer preço’ para resgatar Selassié [...] A segurança coletiva estava condenada”, concluiu Ellis, “e a Segunda Guerra Mundial era inevitável”.² Aquele momento histórico o marcou profundamente. Ele se matriculou em cursos de relações internacionais nas universidades da Carolina do Norte e de Chicago antes que seus estudos fossem interrompidos por sua entrada nas Forças Armadas em 1943.

Desde que a divisão emergira das montanhas, Ellis mal tivera tempo de respirar, enquanto as forças americanas se apressavam em direção ao norte para alcançar os Alpes antes que os alemães em retirada pudessem transformar as montanhas no seu reduto final. Quatro dias antes, ao alvorecer, ele havia começado uma marcha forçada para alcançar o rio, cerca de 80 quilômetros à frente. Além da mochila e outros equipamentos, ele carregava em cada mão uma caixa com sete quilos de munição para metralhadora. As alças eram feitas de aço e fincavam-se tão intensamente em suas mãos que, sempre que ele tentava abrir os dedos, tinha a impressão de que eles jamais voltariam ao normal. Ellis e a companhia marchavam rapidamente por inúmeros vilarejos sob o calor do sol. Por toda parte, os camponeses os saudavam com muitas flores, vinho, água, comida e beijos. Pela primeira vez desde que chegara à Itália, ele sentiu que tudo pelo que haviam passado tinha valido a pena. Ellis fora treinado, sobretudo, para os árduos combates nas montanhas, mas agora a divisão liderava o avanço pelo vale plano do Pó e pegaria os alemães de surpresa com velocidade inesperada.

Como o resto de seus companheiros da 10ª Divisão, Ellis sobrevivera ao treinamento extenuante em Camp Hale, a 2.900 metros de altitude, nas montanhas nevadas do Colorado, nos arredores de Boulder. Foi um período lendário na curta história da divisão, registrado vividamente na memória de cada soldado esquiador. “Ao mesmo tempo louvado e amaldiçoado”, contou um historiador, “era um lugar selvagem e terrível, onde a cada ano metade dos homens desistia por causa do rigor do clima e dos exercícios”.³

Ellis admitiu que achava o treinamento duro. “Até agora”, escreveu à família após sua chegada, “a vida aqui tem sido um inferno. Por alguns dias pensei em sair escondido [...] todo mundo aqui está com asma, febre reumática ou resfriado”. Ele logo ficou doente também e foi hospitalizado por vários dias com febre alta. Quando se recuperou, sua rotina diária voltou a ser pesada:

“Acordar às 5h30, café da manhã às 5h45, inspeção das 6h30 às 7 horas”, contou à família sobre os dias em Camp Hale. Mas isso era apenas o prelúdio da meia hora de ginástica que vinha logo depois, seguida de uma hora de palestra sobre disciplina militar e outras sobre temas variados, como a guarda de prisioneiros. Após o almoço vinha uma palestra e aula prática sobre cavar trincheiras, mais uma hora de exercícios, corrida de quase 2 quilômetros e, depois do jantar, ele ainda tinha de marchar por 4 quilômetros para assistir a uma demonstração de tiro noturno com metralhadoras. Então, todos marchavam de volta aos alojamentos, tomavam uma chuveirada para tirar os carrapatos das Montanhas Rochosas que causavam febre e iam para a cama às 23h.⁴

Por mais duro que fosse, Ellis conseguia aguentar. Às vezes, ele até gostava. Mas, ao contrário do soldado da tropa de comandos britânica Bryan Samain, detestava a falta de liberdade que o ingresso nas Forças Armadas exigia. “Isso é um tipo de vida completamente diferente”, reclamou na segunda carta à família. “Mal posso acreditar que estou aqui, vestindo um uniforme cinza e sentado em uma dessas camas dobráveis do Exército. Para mim parece tão irracional estar aqui, sem poder expressar a minha vontade ou ter liberdade de agir [...] Odeio toda essa imposição e destruição da individualidade [...] Com certeza ficarei feliz quando esta guerra terminar.”⁵ Embora tenha se ajustado — na verdade, não tinha escolha —, Ellis continuava se ressentindo daquela existência como uma engrenagem na grande máquina militar. Para um jovem sensível e culto, que adorava se reclinar confortavelmente com um bom livro, a vida na infantaria era algo para ser suportado, e não desfrutado.

Entretanto, naquele momento, ele começava a se sentir livre e a ter esperança de que alguma coisa finalmente aconteceria em sua vida, sobretudo após beber um copo de grapa que uma família lhe deu na estrada, e que ele pensava ser água. Então, Ellis e seu amigo Larry Boyajian depararam-se milagrosamente com um carro conversível alemão para oficiais abandonado na beira da estrada. Com Boyajian no volante e Ellis no banco de trás, eles dispararam pela estrada, levantando nuvens brancas de poeira, sentindo-se como Erich Von Stroheim em um filme de Hollywood, e contando piadas sobre a obrigação de fazer continência para oficiais enquanto passavam voando por outros companheiros de infantaria com os pés doloridos.

Quando a gasolina do conversível acabou, encontraram um carro acoplado a uma moto. Ele funcionou assim que deram partida ao motor, e então eles seguiram para a segunda rodada de seu passeio maluco. Aquela era uma escapada típica e foi bem observada no relatório lacônico do sargento da companhia em seu informe oficial matutino daquele dia: “Em ação. Correndo pelo vale do Pó. Usando cavalos e veículos alemães.”⁶

Aqui, e também mais ao leste, como Geoffrey Cox e os neozelandeses descobriram, os alemães tinham abandonado nas estradas veículos de todos os tipos. Ellis e Boyajian passaram por caminhões, carros, bicicletas e carroças a cavalo, assim como por fileiras de prisioneiros alemães forçados a marchar para a retaguarda. Bandos de partisans vagavam também por toda parte, cortando as linhas de comunicação e os suprimentos alemães, preparando emboscadas para os franco-atiradores e bolsões de resistência isolados, destruindo as instalações e equipamentos alemães e prendendo fascistas.

Os camisas-negras atrás das linhas de combate ainda eram uma ameaça. Os civis em San Benedetto denunciaram que alguém estava usando o sino da igreja como um sinalizador. Toda vez que as tropas americanas se movimentavam em direção à margem do rio para cruzá-lo, o sino tocava e a artilharia alemã começava a atirar. Por isso, o sino foi silenciado e os tiros da artilharia diminuíram gradativamente. No mesmo dia, dois fascistas da região foram presos ao tentar disparar sinais luminosos.⁷

Nos arredores de Módena, outras unidades da 10ª Divisão invadiram Fossoli, o maior campo de concentração da Itália. Ex-campo de prisioneiros de guerra, fora transformado pela SS em um lugar de trânsito para judeus a caminho dos campos de extermínio na Alemanha ou na Polônia após a promulgação da bárbara lei antissemítica da República de Salò em dezembro de 1943. O escritor Primo Levi, de Turim, passou por Fossoli em fevereiro de 1944, a caminho de Auschwitz. “Havia 12 vagões de carga para 650 homens”, relatou. “No meu, éramos apenas 45, mas era um vagão pequeno [...] O trem só partiu à noite. Descobrimos nosso destino com alívio. Auschwitz era um nome sem nenhum significado para nós até então, e pelo menos ainda estávamos em algum lugar nesta terra.”

O trem seguiu vagarosamente, com inúmeras paradas, e todos ficaram com muita sede. Pelas brechas entre as ripas, avistavam os altos e pálidos penhascos do vale do Ádige, e os nomes das últimas cidades italianas desapareceram logo

atrás. “Cruzamos o passo do Brennero ao meio-dia do segundo dia, todos se levantaram, mas ninguém disse nada”, ele escreveu, “e eu olhava ao redor e imaginava quantos naquela imensidão de gente seriam vítimas do destino”. Quando os americanos chegaram a Fossoli, apenas quatro dos homens que haviam viajado no vagão de Levi ainda estavam vivos. Um terço dos judeus deportados da Itália morreu em campos de extermínio.⁸

Mesmo em plena retirada, os alemães continuavam sendo um incômodo, provocando o humor da infantaria americana, agora exausta pela longa marcha e impaciente pelo fim da guerra. Fora das cidades e vilarejos do vale do Pó, a zona rural era plana e espaçosa, mas havia um número considerável de fazendas que proporcionavam bases excelentes para uma ação de retaguarda. Geralmente, os alemães eram forçados pela artilharia aliada a sair de sua toca, mas, quando conseguiam se posicionar mais atrás, a infantaria tinha que retirá-los de lá. Estes combates provocaram muitas mortes, devido à natureza aberta do campo de batalha e à falta de cobertura. Algumas vezes, após matarem vários americanos, os alemães colocavam uma bandeira branca no último minuto e tentavam se render. Por isso não era de surpreender que os americanos raramente aparecessem com prisioneiros.⁹

Quando a gasolina da moto também acabou, Ellis e Boyajian pediram carona em um tanque. “Os italianos estão loucos de alegria de estarmos aqui”, Ellis conseguiu rabiscar em seu diário enquanto o tanque os levava. “Eles nos dão ovos e leite. Uma garota acabou de jogar flores em mim, e os sinos das igrejas celebram a liberdade. As pessoas abraçam a gente.” Uma força-tarefa especial da divisão passou rapidamente à frente de Ellis e chegou ao rio Pó tão rápido que o general von Senger und Etterlin, comandante alemão do 14º Corpo de Blindados Panzer e, assim como o neozelandês Geoffrey Cox, ex-bolsista na Universidade de Oxford, foi forçado a atravessar o rio a nado para escapar. “Tentei várias vezes mandar os retardatários voltarem às suas unidades, que ainda lutavam na frente de batalha”, ele recordou tristemente, “[mas] quando todas as unidades importantes tiverem sido desmembradas e as tropas de infantaria estiverem exaustas depois de tantas marchas, de cruzar rios a nado, de noites sem dormir, por razões psicológicas resta apenas uma alternativa: agir de acordo com o instinto do soldado comum e ordenar às unidades que batam em retirada”.¹⁰

Após dois dias de marcha, Ellis também estava morto de cansaço. “A poeira que nunca acabava, a movimentação contínua, a comida engolida às pressas [...] tudo isso contribuía para a formação de um quadro deprimente que aparentemente jamais chegaria ao fim”, lembrou ele. O rio Pó, sem ponte, tampouco oferecia qualquer oportunidade para descanso. Apenas 24 horas depois de atingir os bancos de areia mais baixos, Ellis se atrapalhava em um pequeno barco de assalto feito de lona para remar à noite até o outro lado do rio. A água estava apenas um pouco abaixo da amurada e o barco parecia frágil e instável, então ele desamarrou as botas e tirou sua mochila e o cinto de munição para se precaver caso o barco virasse. Perto dali, outro barco virou, mas estava escuro demais para saber quem estava na água e em que ponto, e, sem poder fazer nada, ele ouviu aterrorizantes gritos de socorro, até tudo voltar a ficar assustadoramente quieto. Uma vez na margem, se entrincheiraram, esperando um contra-ataque alemão que nunca chegou a acontecer. Foi então que, depois de algumas horas de sono e relaxamento, ele encontrou tempo para escrever aos pais.

Ele também aproveitou a oportunidade para fazer uma confissão: “Outro dia matei um franco-atirador a quase 5 metros de distância com minha .45.” Várias semanas depois, Ellis descrevia os detalhes a um de seus irmãos. O episódio se dera dias antes, nas montanhas, no início do grande avanço da sua divisão. Ele estava encurralado já havia algumas horas, junto com Boyajian, em um dos lados da montanha, acossado pelos estilhaços de granadas e o fogo dos morteiros, quando um dos soldados de seu pelotão foi atingido no pé. Por alguma razão isso deixou Ellis com raiva. Ele levou para o lado pessoal. Então, rastejou por entre os arbustos para tentar descobrir de onde o tiro tinha vindo. Apenas 20 metros à frente, ele viu duas casamatas de madeira. Mantendo-se deitado no chão, rastejou até o primeiro dos esconderijos e percebeu que estava abandonado. Então, avançou lenta e cuidadosamente em direção ao ponto cego da segunda casamata. De repente, viu a cabeça e o ombro do atirador alemão. Ele estava quase de costas, e sua cabeça se movia para cima e para baixo de maneira bem peculiar. Ellis não via nenhuma arma, mas, se o alemão estava desarmado, por que não havia se rendido? Poderia Ellis mandá-lo levantar as mãos e arriscar-se a tomar um tiro ou ter uma granada lançada sobre si? A decisão teria de ser rápida. Tudo o que ele havia aprendido com seus pais missionários vinha agora à sua mente, lhe dizendo para jamais imaginar o pior

de uma pessoa, mas seu treinamento no Exército — sem falar no medo e na adrenalina do instante — o guiava para outra direção. Ele apoiou os cotovelos no chão e fez pontaria segurando a .45 com as duas mãos.

O alemão provavelmente o ouviu, pois se virou. Assim que o inimigo se moveu, Ellis puxou o gatilho e o acertou na cabeça. O homem saiu imediatamente de seu alcance visual. Em vez de investigar mais a fundo, Ellis sinalizou aos outros soldados de seu pelotão que continuassem avançando. Com um simples tiro, rompera com seus próprios princípios. Agora era um membro qualificado do que o correspondente de guerra americano Ernie Pyle descrevia como a “sinistra irmandade de guerra”.¹¹

Pyle se tornara famoso no ano anterior por suas reportagens realistas na frente de batalha italiana, nas quais não suavizava a realidade brutal da vida na infantaria nem escondia que rapazes americanos de boa família tinham sido transformados em assassinos. O garoto da casa ao lado, relatava ele a seus leitores nos Estados Unidos, havia feito a “transição psicológica da crença normal de que tirar uma vida humana é pecado para uma nova perspectiva profissional, segundo a qual matar é uma arte”. Sua matéria mais impactante e comovente foi sobre o retorno do corpo de um comandante sendo trazido das montanhas nas costas de uma mula e sobre o efeito que isso teve em seus homens. Apenas quatro dias após o encontro de Ellis com o franco-atirador, Pyle foi morto a tiros perto de Okinawa, no oceano Pacífico.¹²

As ordens da 10ª Divisão de Montanha eram para avançar o mais rápido possível do Pó até Verona, no rio Ádige, cortando as estradas ao norte da cidade que levavam ao passo do Brennero e às linhas alemãs que recuavam para os Alpes. Para encabeçar o avanço, o general George P. Hays, comandante da 10ª Divisão, criou uma força-tarefa móvel. Como líder da divisão, nomeou o coronel William Darby, que antes liderara uma tropa de elite na África do Norte e na Sicília conhecida como Os Guardas de Darby, moldada nos padrões dos comandos britânicos. O regimento de Ellis deveria seguir logo atrás, varrendo qualquer tropa alemã que tivesse escapado dos Guardas e atuando como apoio caso a força-tarefa encontrasse resistência pesada. O plano de Hays era que seus três regimentos de infantaria tomassem a frente do avanço alternadamente. Cada um marcharia o mais rápido que pudesse por oito horas, descansando nas 16 seguintes; enquanto um regimento marchava, os outros

eram trazidos de caminhões. Desta forma, ele esperava avançar 96 quilômetros durante o dia e 32 durante a noite.

Estes saltos alternados começaram naquela sexta-feira em Villafranca, um vilarejo ao sul de Verona, e por volta das seis da tarde Ellis já alcançara as bordas do lago de Garda, o maior da Itália, com 48 quilômetros de comprimento e largura variando entre 3 e 18 quilômetros. Mais à frente, unidades avançadas encontraram barricadas alemãs e travaram batalhas violentas contra as tropas da SS. Naquele momento, partisans do norte da Itália estavam em combate declarado e a maioria das rotas de escape pelos Alpes encontrava-se fechada para os alemães. A única exceção era a estrada que subia para leste na orla do lago. Naquele local, os alemães decidiram oferecer o máximo de resistência possível, e o terreno era ideal para defesa.

O lado esquerdo da estrada estreita circundava o lago. Do outro lado, em sua extremidade norte, surgiam os íngremes penhascos rochosos dos Alpes, com centenas de metros de altitude, onde a estrada havia sido construída, muitas vezes desaparecendo em túneis com dezenas de metros de comprimento. Ellis estava bem familiarizado com a história recente e sabia que, trinta anos antes, durante a Primeira Guerra Mundial, a região fora disputada pela Itália e o império austro-húngaro. Por um pequeno punhado de terras, os mortos em ambos os lados chegaram a mais de 200 mil. Até o momento, Ellis conseguira escapar ileso e obviamente não estava disposto a levar um tiro no momento em que a guerra se aproximava do fim. Mas ele não tinha outra opção além de cumprir seu dever.

Fazia frio e chovia muito quando Ellis e seu regimento começaram a marchar ao longo do lago. Ele rapidamente descobriu um truque para ajudá-lo na caminhada — se andasse atrás de um tanque, o cano de descarga emitiria jatos de ar quente que o manteriam mais seco e aquecido. À meia-noite, ele chegou à pequena cidade de Malcesine, a dois terços do caminho subindo o lago. Após uma marcha de oito horas e 27 quilômetros percorridos, os homens tiveram permissão para dormir. “O moral estava alto”, recordou o sargento da companhia.

Ao acordar, na manhã seguinte, Ellis viu montanhas rochosas dos dois lados do lago e se lembrou dos fiordes noruegueses. Finalmente chegara aos Alpes. “A 10ª Divisão de Montanha treinou e equipou seus soldados para conflitos nas montanhas”, recordou orgulhoso o historiador da divisão, “e ela havia

superado todas as outras unidades do V Exército no fechamento das rotas de escape alemãs”.¹³

Ellis era um homem de sorte. Seu regimento deveria seguir viagem no dia seguinte, mas uma firme resistência alemã junto às bordas do lago atrasou o avanço, e ele continuou na reserva por mais dois dias. As batalhas que ainda seriam travadas, observou o historiador oficial americano da guerra na Itália, “não iriam afetar em nada o resultado da longa campanha; entretanto, continuariam a produzir mais mortos e feridos”. Isso acontecia não porque os alemães mantivessem alguma esperança de vitória. Pelo contrário, a estratégia do marechal de campo Kesselring, comandante de todas as forças alemãs no sudoeste da Europa, incluindo o sudeste da Alemanha, Iugoslávia e Itália, era se utilizar o melhor que pudesse da derrota inevitável. Quanto mais suas tropas resistissem, mais forças alemãs recuando diante dos russos poderiam alcançar as linhas americanas e britânicas e render-se a elas, em vez de ao Exército Vermelho.¹⁴

Unidades avançadas da 10ª Divisão seguiram para o norte lago acima e para as cidades de Riva e Torbole. A fim de tornar o avanço aliado o mais difícil possível, os alemães começaram a explodir os túneis das estradas, mas os americanos frustraram esses planos transportando seus homens de barco pelo entorno dos trechos de estrada destruídos. Repetiram este processo por todo o caminho ao norte, e na tarde do dia 30 de abril, enfrentando violentos contra-ataques alemães, entraram em Torbole.

Aqui, a mão do destino interveio. O coronel Darby, o líder da força-tarefa que encabeçara de forma bem-sucedida o avanço, estava entrando em seu jipe estacionado do lado de fora de um hotel na cidade quando estilhaços de um projétil disparado por alemães do outro lado do lago o atingiram no peito. Darby morreu uma hora depois.

Vários outros soldados pereceram naquelas últimas horas da guerra quando uma bomba explodiu dentro de um dos túneis, a 9 metros da entrada. A explosão provocou um abalo estrondoso, com pequenos estilhaços ricocheteando para todos os lados e transformando fragmentos de rocha em armas mortais. Cinco americanos foram mortos instantaneamente, e cinquenta ficaram feridos. Para piorar a situação, à medida que rastejavam para a saída do túnel, os feridos deparavam-se com os corpos despedaçados de soldados

alemães e cavalos mortos algumas horas antes, quando a carga de demolição que estava sendo colocada explodiu prematuramente.¹⁵

Para Ellis, no entanto, Malcesine oferecia um refúgio seguro e bem-vindo. Em tempos de paz, o lago de Garda era um resort exuberante com casas de veraneio, belos jardins, bosques de oliveiras, árvores cítricas, palmeiras e hotéis confortáveis. A vila por si mesma era um porto de pesca digno de cartão-postal e abrigava um castelo do século XIII, local idílico onde Goethe viveu e trabalhou entre 1786 e 1788.

Ellis se esbaldou no luxo de um quarto no andar térreo de um dos hotéis. Depois de colocar o sono em dia, passeou pela cidade com seus companheiros, apreciando os barcos no porto e conversando com os moradores. Nem mesmo os disparos dos grandes canhões do pátio de seu hotel o perturbavam mais, depois que ele se acostumou ao barulho. As armas pertenciam ao Exército britânico que dava suporte à divisão. Algumas vezes a relação entre os britânicos e os americanos podia ser difícil, mas um dos oficiais de artilharia, um escocês, tinha muita admiração pelos americanos da divisão de Ellis. “Estamos nos divertindo muito perseguindo os hunos”, escreveu a sua família, entusiasmado. “Nós damos apoio a tropas de primeira classe e alcançamos grandes êxitos com elas. Tenho certeza de que os hunos já estão praticamente derrotados e que, com exceção de algumas lutas de guerrilha, tudo vai acabar dentro de 15 dias.”¹⁶

Do outro lado do lago, alguns quilômetros ao sul, Ellis podia ver a cidade de Gargagno. Mas, àquela altura, o seu mais ilustre residente, Benito Mussolini, já havia sido morto a tiros por militantes nas margens do lago de Como.

Mussolini passou seus últimos dias em Milão em uma mórbida indecisão. Cercado de defensores maltrapilhos remanescentes, ele hesitava em decidir qual seria o próximo passo a tomar enquanto os Aliados varriam o norte do vale do Pó, e as cidades do norte da Itália caíam, uma após a outra, nas mãos dos partisanos. Às vezes, ele falava de rendição para evitar os males de uma guerra civil. Em outras ocasiões, retornava bombasticamente à ideia de manter uma última posição na Valtellina. Suas ações eram caóticas, e ele parecia “uma folha ao sabor do vento”. De todas as partes do país vinham notícias do massacre de fascistas.¹⁷

Finalmente, na tarde de quarta-feira, 25 de abril, com os partisans locais preparados para tomar o controle de Milão e uma greve geral já a caminho da cidade, a situação chegou a um clímax. Depois que um intermediário agenciou um encontro de Mussolini com uma delegação do Comitê de Libertação Nacional da Alta Itália (CLNAI), o grupo dominante dos guerrilheiros, o ditador seguiu pelas ruas estranhamente silenciosas até o palácio do cardeal Schuster, arcebispo de Milão. Tendo endossado o fascismo como uma proteção contra o bolchevismo, o cardeal naquele momento queria evitar qualquer inútil derramamento de sangue.

Os delegados da resistência chegaram atrasados, por isso Mussolini ficou uma hora conversando com o cardeal sobre assuntos triviais. A conversa não o animou. O mandatário católico lembrou-o de que Napoleão, ao ser derrotado, encontrara conforto em Deus durante seu exílio em Santa Helena, e quando Mussolini mencionou seus planos para uma última resistência na Valtellina com 3 mil defensores, Schuster observou delicadamente que trezentos parecia um número mais realista. Mussolini deu um sorriso amarelo e concordou. O cardeal comentou depois que naquele encontro “Mussolini parecia um homem despojado de vontade, aceitando letargicamente o seu destino”.

Finalmente, os guerrilheiros chegaram. Após uma constrangedora troca de apertos de mãos, eles deixaram claro que só aceitariam a rendição total do ditador. Mussolini parecia disposto a aceitar, contanto que seus soldados recebessem garantia de tratamento decente como prisioneiros de guerra de acordo com a Convenção de Genebra. Então, o marechal Graziani interrompeu de repente, dizendo que nada poderia ser decidido sem que primeiro os alemães fossem informados. Afinal, eles eram aliados da Itália e uma rendição unilateral seria desonrosa.

Este comentário instigou uma resposta surpreendente do general Cadorna, comandante das forças guerrilheiras: “Receio que os alemães não sejam igualmente escrupulosos.” Os Aliados de Mussolini, revelou, já estavam em negociação para uma rendição incondicional com os britânicos e americanos.

Esta notícia caiu como uma bomba sobre Mussolini, que estava sendo mantido em completa ignorância pelos alemães. A SS na Itália tinha enviado sugestões atrativas para os Aliados desde fevereiro. As discussões haviam sido longas, tortuosas e complexas, mas àquela altura todos já estavam a ponto de entrar em acordo.

Mussolini explodiu em fúria. Levantou-se abruptamente, reclamou que os alemães sempre trataram os italianos como escravos e saiu em disparada do palácio do arcebispo, declarando que precisava de uma hora para repensar algumas coisas antes de prosseguir as conversas. Entretanto, tomado pela raiva, ele decidiu sair de Milão imediatamente e partir para a Valtellina. Vestindo o uniforme da milícia fascista — um casaco marrom-acinzentado e uma calça cinza com listras vermelhas e pretas de ambos os lados — e com uma submetralhadora pendurada no ombro, ele partiu no banco traseiro de seu Alfa Romeo conversível. Atrás, seguia um comboio de trinta veículos que transportava seus guarda-costas e um onipresente contingente de guardas da SS que recusavam ser dispensados. No final do comboio vinha sua amante, Clara Petacci, e seu filho Vittorio.

Naquela noite, Mussolini chegou a Como. Mas, em vez dos 3 mil combatentes fascistas que lhe haviam sido prometidos e com os quais ele contava, apenas 12 se juntaram a ele. Sua viagem até a orla do lago, que antes havia sido imaginada como o prelúdio de uma resistência final gloriosa, declinou para o desastre caótico de uma fuga infame. Em Menaggio, aquele desanimado grupo se juntou a um comboio militar alemão de cerca de duzentos soldados indo para o norte na direção do passo do Brennero, e de lá para a segurança da Áustria. Naquele momento, estavam no território dos guerrilheiros das montanhas, um lugar onde a justiça implacável andava de mãos dadas com a libertação do país. Por precaução, Mussolini trocou o conforto de seu Alfa Romeo pela segurança dos carros blindados do comboio. Apenas 24 horas antes, na cidade próxima de Dongo, o funeral de quatro guerrilheiros cujos corpos haviam sido resgatados das montanhas após terem sido largados por fascistas foi interrompido por membros das Brigadas Negras — uma milícia fascista — que atiravam para o alto ostensivamente.

De repente, nos arredores de Dongo, o comboio foi parado por uma barricada da resistência, e uma troca de tiros começou. Mas, a essa altura da guerra, nenhum dos lados estava com disposição de encarar uma luta séria, e ali se seguiram várias horas de negociação. Finalmente foi acordado que o comboio poderia passar, mas sem os italianos, que seriam entregues aos guerrilheiros. Mussolini prontamente se disfarçou de soldado alemão, vestindo um capacete e um sobretudo militar. Ele então subiu desajeitadamente em um dos caminhões no final do comboio e fingiu estar dormindo.

O truque não deu certo. Quando o comboio foi detido na praça de Dongo para uma inspeção mais severa, o Duce foi rapidamente reconhecido por um dos guerrilheiros. Arrebatado do caminhão sem a menor cerimônia, o ditador fascista foi mantido preso por várias horas no gabinete do prefeito da cidade. Mais tarde, para garantir que não haveria uma repetição do resgate de 1943 realizado por Otto Skorzeny, Mussolini e Petacci foram secretamente removidos para a casa de fazenda de um simpatizante dos partisanas nas montanhas próximas. Não apenas os esforços alemães para libertar Mussolini eram temidos pelos guerrilheiros. Os Aliados — ou pelo menos os americanos — estavam interessados em capturá-lo. “Fizemos um esforço extremo para interceptá-lo e resgatá-lo”, declarou o general Lucian Truscott, comandante das forças americanas na Itália, “mas sem sucesso”.¹⁸

Mussolini e sua amante terminaram o último estágio da viagem a pé, subindo uma trilha íngreme e pedregosa que começava no vilarejo de Giulino di Mezzegra. A chuva forte encharcou o cobertor que Mussolini usava para se manter aquecido. Naquela noite, no meio de uma tempestade com trovões e relâmpagos, ele e Petacci dormiram em uma cama de casal no sótão de uma singela casa.

Às quatro da tarde do dia seguinte — sábado, 28 de abril —, enquanto Robert Ellis aproveitava sua folga nas margens do lago de Garda e Geoffrey Cox e os neozelandeses estavam prontos para entrar em Pádua, um homem alto vestindo uma capa de chuva marrom chegou à casa onde estava Mussolini. Carregava uma submetralhadora. “Eu vim para resgatá-los”, declarou. “Rápido.” Petacci começou a juntar suas roupas. “O que você está procurando?”, perguntou o homem, impaciente. “Minha calcinha”, respondeu a morena de 33 anos, conhecida por sua maquiagem pesada e aparência elegante. “Não se preocupe com isso”, rosnou o homem. “Vamos, rápido!”

Eles desceram aos tropeços a árdua encosta da montanha até chegarem a um carro estacionado na rua abaixo, onde se acomodaram no banco de trás. Além do motorista e do homem de capa marrom, havia outro homem no carro. Eles rodaram montanha abaixo por alguns metros, e então pararam em frente ao portão de ferro enferrujado de uma casa de veraneio. Os dois passageiros foram amarrados e empurrados para a frente de um paredão de pedra.

O que aconteceu depois disso continua incerto. De acordo com o “libertador” — na verdade, o carrasco do casal —, ele leu uma sentença de

morte oficial em nome do povo italiano e em seguida fuzilou os dois. O ditador não teria dito nada, apenas encolhendo-se de terror nos segundos finais de sua vida. Porém, um relato posterior de outro membro do esquadrão da morte dizia que Mussolini manteve o orgulho, abrindo desafiadoramente o casaco e gritando: “Mire no coração!”

Quer tenha morrido corajosamente, quer como um covarde, o que aconteceu depois é inquestionável. Os corpos foram colocados no carro, que seguiu em alta velocidade para Dongo. Lá, 15 dos homens que haviam seguido Mussolini para a região do lago já haviam sido fuzilados, e o corpo de seu líder e o de Clara Petacci foram adicionados à pilha humana. Nela encontravam-se também vários ministros da República de Salò, altos oficiais do Partido Fascista e o irmão de Clara, Marcello.¹⁹

Em tempos de paz, o homem que atirou em Mussolini, Walter Audisio, era contador e membro comunista do CLNAI, com o codinome “coronel Valério”. Ao ouvirem sobre a captura de Mussolini, uma reunião do CLNAI foi convocada às pressas em Milão, de onde partiu a ordem para que ele fosse executado, e de onde partiram Audisio e outro comunista engajado, Aldo Lampredi, para consumir a missão. Desde 1924, com o assassinato pelos fascistas do membro esquerdista do parlamento Giacomo Matteotti, o extermínio do Duce era um ponto de honra, o preço que ele teria de pagar por seu regime criminoso. Mussolini sobreviveu a vários atentados à sua vida durante duas décadas de poder.

Os corpos pernoitaram em Dongo. Logo depois, foram levados em uma van até Milão, onde, 25 anos antes, nascera o fascismo. O sol despontava quando o veículo entrou na Piazzale Loreto e os corpos foram jogados sobre uma pilha de outros cadáveres, sem o menor respeito. O lugar era repleto de simbolismo. Oito meses antes, 15 prisioneiros políticos de esquerda haviam sido arrancados das prisões de Milão e fuzilados por um esquadrão fascista a mando da SS, em represália a uma suspeita de ataque dos partisans. Na época, seus corpos foram jogados na praça para que todos vissem — uma prática que acabou virando rotina na Itália fascista. Desde então, a praça tinha se tornado altamente significativa para a resistência, como um lugar que clamava por vingança. Uma coroa de flores cobria o local onde os corpos foram lançados, e letras manuscritas diziam: “Praça dos 15 Mártires”. Os fascistas, Mussolini tinha

declarado na época — e de forma mais profética do que jamais poderia imaginar —, “pagariam um alto preço pelo sangue da Piazzale Loreto”.

Na praça, seu corpo jazia ao lado do da amante. Os cabelos escuros de Clara Petacci e os babados de renda de sua blusa estavam cobertos de lama. À medida que a notícia se espalhava, uma grande multidão foi se formando, empurrando, gritando; as pessoas começaram a chutar, cuspir e a urinar nos corpos. A cabeça de Mussolini levou várias pancadas fortes, e tiros foram dados em seu cadáver.

Milton Bracker, um correspondente de guerra do *New York Times*, chegou ao local na hora da confusão. Os olhos de Mussolini ainda estavam abertos, “e esta talvez tenha sido a ironia final: aquele homem, que gostava de empinar o queixo para tantas fotografias oficiais, teve seu rosto pálido escorado pelo cabo de um rifle para que a luz do sol favorecesse os dois únicos cinegrafistas aliados que testemunharam a cena”. Suas fotos foram vistas no mundo inteiro, como prova irrefutável de que o ditador italiano estava morto.²⁰

Algum tempo depois, Mussolini, Petacci e outros dois fascistas foram pendurados em uma barra de metal enferrujada em frente a um posto de gasolina na esquina da praça. Como último insulto, foram pendurados de cabeça para baixo, como animais em um abatedouro, seus nomes escritos em um papel e presos a seus pés. O vestido de Clara caiu sobre sua cabeça. Em um ato de decência, alguém o colocou de volta. Contudo, isso não impediu que a multidão continuasse a dar socos na cabeça de Mussolini até que ela se tornasse uma imundície ensanguentada, salpicada de pedaços de cérebro.

Um pouco mais tarde, mais ou menos às 10h30, um caminhão atravessou a multidão na praça. Em pé, bem no meio da caçamba, cercado de guardas armados, estava um homem carrancudo, de queixo quadrado, vestindo uma camisa preta. O homem era Achille Starace, ex-secretário-geral do Partido Fascista e também chefe da odiada milícia fascista. O caminhão parou por um segundo em frente ao corpo despedaçado de Mussolini, e Starace deu uma rápida olhada. Chegou a se inclinar para a frente, mas os guardas logo o puxaram para trás.

Starace foi levado e colocado junto a uma parede branca atrás do posto de gasolina. Perto da parede havia algumas cestas com flores de primavera — rosas, amarelas, lilases e azuis —, que tinham sido colocadas em homenagem aos antifascistas que ali padeceram alguns meses antes. Então, um pelotão de

fuzilamento atirou em Starace pelas costas. Outro militante se empoleirou em uma viga bem acima da multidão e com os braços fez um largo gesto, indicando que tudo estava terminado.

“Não se ouviram brados de comemoração nem gritos de pavor”, relatou outro correspondente americano que testemunhou a cena. “Houve apenas silêncio, e depois, sem nenhum aviso, um suspiro — um profundo gemido, que parecia expressar a libertação de algo sombrio e fétido.” Dois minutos depois, o corpo de Starace foi pendurado junto ao de Mussolini. “Olhe para eles agora”, repetia um velho, em pé ao lado do jornalista. “Apenas olhe para eles agora!”²¹

Por fim, as autoridades militares americanas, que acabavam de entrar na cidade, ordenaram que os corpos fossem tirados de lá e transportados para o necrotério da cidade. Mesmo assim, espectadores seguiram o fotógrafo do Exército americano enquanto ele, cuidadosamente, posicionava Mussolini e Clara, abraçados, para uma foto.

Era domingo, 29 de abril de 1945. Naquela mesma data, no quartel-general dos Aliados em Caserta, perto de Nápoles, chegavam ao fim as semanas de tortuosas negociações nos bastidores, em que dois delegados alemães assinaram a rendição de todas as forças nazistas na Itália. Ela entraria em vigor a partir do meio-dia de quarta-feira, 2 de maio.

Robert Ellis ouviu a notícia da morte de Mussolini pelo rádio enquanto descansava às margens do lago de Garda. No dia seguinte, encontrou tempo para escrever algumas palavras em seu diário e uma longa carta para a família, fazendo um breve resumo de suas últimas marchas pelo vale do Pó, e das boas-vindas frenéticas que haviam recebido da população. “No começo, os recém-libertados estavam um pouco assustados”, contou a seus pais, “mas no momento em que descobriram que éramos americanos, sua alegria não pôde ser contida”. Em suma, ele escreveu, as notícias da guerra eram incrivelmente boas. Isso, aliado ao fato de que o lago de Garda era o lugar mais lindo que ele já vira, fez com que a carta tivesse um tom eufórico. Aquele alto-astral, porém, também contribuiu para aumentar seu sentido de proximidade da morte. Ainda havia soldados morrendo na Itália, ele lembrava aos pais, “e o fardo não será tirado de nossos ombros até que seja disparado o último tiro”.²²

Naquele mesmo dia, outra companhia do regimento de Ellis foi enviada em uma missão potencialmente arriscada do outro lado do lago, na margem ocidental. Seu alvo era a Villa Feltrinelli, residência pessoal mais recente de Mussolini em Gargagno, e sede também dos escritórios dos ministros e oficiais da República de Salò. Após assumir o controle daqueles prédios, como de qualquer outro prédio fascista a ser encontrado, a companhia seguiria para o norte a fim de neutralizar alguma força alemã que porventura ainda ocupasse o lado mais afastado do lago.

Um pouco depois da meia-noite, a pequena tropa de duzentos soldados atravessou as águas do lago em 12 DUKWs, desligando os motores à medida que se aproximavam da margem e deslizando silenciosamente no solo 3 quilômetros ao norte de Gargagno. Obstáculos foram rapidamente dispostos na estrada, e, ao alvorecer, toda a tropa seguiu a pé para a cidade. Por volta das 8h15, já haviam ocupado a casa de veraneio de Mussolini e seu escritório na cidade. Não encontraram qualquer resistência, e cerca de 12 prisioneiros alemães foram entregues pelos guerrilheiros.

A Villa Feltrinelli ficava bem em frente ao lago e era um prédio espaçoso com 36 quartos e abrigo antibomba. Na garagem, os americanos encontraram duas limusines, mas os motores haviam sido destruídos por granadas. Na casa, havia um quarto cheio de comprimidos e remédios, e uma grande cozinha. Rapidamente, ela se tornou um alojamento temporário para um dos pelotões americanos.

Dois agentes americanos acompanharam a pequena força-tarefa até a casa de veraneio. Eram membros do Corpo de Contraineligência do Exército dos Estados Unidos (CIC), que procuravam por qualquer arquivo pessoal de Mussolini que comprovasse as atividades criminosas do ditador e do regime fascista. Desde a rendição da Itália, em 1943, encontrar Mussolini e criminosos de guerra italianos se tornara uma prioridade para os Aliados, e mesmo quando o Duce escapou de Milão, os agentes americanos e britânicos o continuaram caçando intensamente. Nesta busca, foram ultrapassados tanto por defensores de Mussolini como pelos partisans. A razão era simples: os guerrilheiros queriam cuidar de Mussolini de seu próprio jeito. “De maneira alguma”, admitiu o general Cadorna, “eu o entregaria nas mãos das forças aliadas, para que ele fosse julgado e executado por estrangeiros”.

Mas quaisquer que fossem as consequências do pós-guerra, os documentos poderiam ser vitais para provar a culpa ou a inocência de alguém.

Os americanos não eram os únicos a dar atenção à captura destes documentos importantes. Durante sua odisseia de três dias entre Milão e Dongo, Mussolini carregava consigo duas maletas de couro que nunca deixava fora de vista. Dentro delas, havia vários documentos que ele tinha esperança de usar em sua defesa, documentos que comprovariam o quanto ele tentara evitar uma guerra civil na Itália e o quanto resistira às pressões alemãs.

Antes de partir de Milão, ele retirara uma grande quantia em dinheiro da conta bancária da República de Salò. Este dinheiro ele mantinha em outra maleta ao viajar no comboio para a serra do lago de Como. Mesmo quando passou para o carro blindado alemão nos arredores de Menaggio, ele levou as maletas consigo e, ao ser preso na praça de Dongo, ainda conseguiu carregar pelo menos uma delas para a prefeitura. Mas não lhe foi permitido carregar a maleta mais adiante. Na última noite de sua vida, no quarto da casa de fazenda em Giulino di Mezzegra, ele dormiu consciente de que a última cartada para sua defesa lhe fora retirada.

Entretanto, os documentos nas maletas representavam apenas “o que havia de melhor” nos arquivos de Mussolini. Após abandonar a Villa Feltrinelli, ele enchera dois enormes baús de estanho com arquivos enviados a Milão, e foi deles que retirou os arquivos que colocou nas maletas. Estes baús seguiram o comboio para Como em um caminhão, mas foram interceptados pelos guerrilheiros e pelo menos um deles desapareceu. No final das contas, o restante, assim como as maletas capturadas em Dongo e o dinheiro, caiu nas mãos dos partisanos.

Portanto, não foi surpresa alguma que os agentes americanos descobrissem pouca coisa de real interesse na Villa Feltrinelli. Com exceção de alguns dossiês de personalidades do Partido Fascista, alguns artigos de interesse histórico e outras informações atualizadas e úteis sobre organizações fascistas em Turim e Milão, a maior parte dos arquivos, nas palavras de um dos agentes, “foi inteiramente descartada”. Mais uma vez ficava claro que os próprios italianos estavam determinados a lidar com Mussolini e seu legado de sua própria maneira.²³

De volta ao outro lado do lago de Garda, Robert Ellis terminava sua carta à família. Ele descobriu que seu irmão, Edwin, estava prestes a ser convocado pelas Forças Armadas. Por outro lado, não entendia por que os americanos que serviam na Europa teriam ainda de combater no Pacífico. Entre todas as divisões americanas na guerra, a divisão de Ellis tinha uma das maiores taxas diárias de mortandade. Um entre cada três soldados de infantaria que haviam desembarcado em Nápoles havia sido morto ou ferido em combate. “Aqueles de nós que tiveram sorte o bastante para sobreviver”, ele escreveu aos pais, “deveriam ter direito ao descanso”.²⁴

10. A OFERTA DE HIMMLER

O pressentimento de Robert Ellis de que sobreviveria à guerra na Europa apenas para ser embarcado para a guerra do Pacífico era compartilhado pela maioria dos soldados aliados na Alemanha e na Itália. Os japoneses não davam sinais de desistência. Em vez disso, continuavam a revidar furiosamente e estavam causando baixas terríveis. Nas Filipinas, os americanos haviam conseguido finalmente evacuar os combatentes japoneses das pequenas ilhas na baía de Manila, mas na ilha de Luzon, onde fica a capital do arquipélago, a resistência permanecia forte. Okinawa estava sob fogo intenso, e os ataques camicases ficaram mais frequentes. Na pequena ilha adjacente de Ie Shima — onde Ernie Pyle foi morto em 18 de abril — foram necessários cinco dias de batalha pesada e 5 mil japoneses mortos para encerrar o assunto. Somente a invasão do Japão propriamente dito parecia capaz de pôr um fim na matança. No quartel-general de Eisenhower em Reims, seus auxiliares diretos procuravam identificar as unidades que poderiam ser transferidas da Europa para o Pacífico.

A guerra contra o Japão também tirava o sono do novo presidente americano Harry Truman. Roosevelt lhe transmitira muito pouco sobre assuntos estratégicos e diplomáticos, e ele teve de aprender rápido e no calor dos acontecimentos. “Eu sentia como se tivesse vivido cinco vidas em meus primeiros cinco dias como presidente”, confessou Truman. E a velocidade frenética continuava. Treze dias depois de assumir o cargo, ele recebeu o comunicado mais importante de todos, de seu secretário de guerra Henry Stimson. Certificando-se de que estava a sós com o presidente, Stimson sacou de sua pasta um memorando datilografado com várias páginas e entregou a Truman. “Dentro de quatro meses teremos completado a construção da arma

mais terrível de que se tem notícia na história. Uma bomba capaz de destruir uma cidade inteira”,¹ dizia o memorando.

O novo presidente absorveu a notícia com naturalidade e concordou que o projeto deveria ir até o fim. Dois dias depois, foi criada uma “comissão de alvo” para deliberar em qual cidade japonesa a bomba atômica deveria ser lançada, com exceção de Tóquio, que já estava devastada o suficiente pelos bombardeios americanos. A maior cidade japonesa até então intocada era Hiroshima. Segundo a comissão, Hiroshima deveria constar da lista.

Após a leitura do relatório de Stimson, Truman se dirigiu ao Pentágono para conversar diretamente com Churchill em Londres pelo telefone transatlântico que ligava os dois mandatários. Uma coisa que precisava ser discutida urgentemente acabava de vir à tona. Era nada menos que uma oferta secreta dos alemães para capitulação, feita dois dias antes para o vice-diretor (e chefe executivo) da Cruz Vermelha sueca, conde Folke Bernadotte. O homem que oferecera a rendição alemã era ninguém menos que Heinrich Himmler, o líder da SS. Depois de Hitler, ele era o membro mais temido na hierarquia nazista.

Folke Bernadotte era sobrinho do rei sueco Gustavo V e descendente direto de um dos marechais mais polêmicos de Napoleão, Jean-Baptiste Bernadotte. Após se casar com uma ex-amante de Bonaparte, Jean-Baptiste rompeu com o imperador francês, tornou-se príncipe coroado da Suécia, aderiu à coalizão que derrotou Napoleão em Leipzig e, por fim, em 1818, tornou-se o rei Carlos XIV da Suécia.

Casado com uma americana rica, Folke Bernadotte era muito bem relacionado internacionalmente e já havia intermediado negociações de troca de prisioneiros de guerra incapacitados entre alemães, ingleses e americanos. Desde fevereiro ele vinha se encontrando regularmente com Himmler, em Berlim e seus arredores, para discutir um esquema de envio para a Suécia de todos os prisioneiros noruegueses e dinamarqueses dos campos de concentração. “Himmler tinha mãos pequenas e delicadas sempre com unhas feitas por manicure”, escreveu depois de seu primeiro encontro com o líder da SS. Ele também se mostrara muito afável; mas isso não o impediu de rejeitar a proposta sueca, não sem antes garantir a Bernadotte que “cada alemão lutará como um leão antes de abrir mão da esperança”.²

Apesar disso, ele concordou que os dinamarqueses e noruegueses poderiam ser reunidos no campo de Neuengamme, na periferia de Hamburgo, para receber assistência da Cruz Vermelha sueca. Pouco depois, dezenas de ônibus suecos pintados de branco e estampando uma grande cruz vermelha atravessaram a fronteira dinamarquesa em direção à Alemanha. Nos dias que se seguiram, eles recolheram cerca de 4.500 prisioneiros escandinavos em Dachau, Sachsenhausen e outros campos de concentração e os levaram para Neuengamme. Ali, em uma área especialmente preparada, os agentes humanitários suecos trabalharam duro para melhorar as condições sanitárias dos presos e levar a eles todos os remédios necessários.

Bernadotte resolveu ver tudo com os próprios olhos e visitou o campo em uma sexta-feira, tornando-se o primeiro representante de uma agência humanitária de país neutro a ter acesso a um campo de concentração nazista. O comandante da SS de Neuengamme recebera ordens de Himmler para, na medida do possível, dar ao campo uma aparência razoável durante a visita, mas Bernadotte, mesmo assim, achou a superpopulação apavorante e a disciplina “bárbara” — e pôde imaginar muito bem como deviam ser as condições antes da visita. Ele também lançou um olhar para seções do campo onde sua entrada não foi permitida. Além da cerca de arame farpado, vislumbrou “destroços humanos, vagando a esmo [...] apáticos, com a mente ausente, incapazes de voltar à existência normal”.

Logo, Himmler aceitou fazer concessões maiores: todos os prisioneiros escandinavos doentes, todas as mulheres, todos os estudantes noruegueses e todos os policiais dinamarqueses — internados depois que os nazistas dissolveram a força policial do país — poderiam ser evacuados para a Dinamarca com vistas a uma transferência eventual para a Suécia.

O êxodo de Neuengamme começou no dia do aniversário de Hitler, com mais de 4 mil agradecidos dinamarqueses, noruegueses e de outras nacionalidades embarcando no imenso comboio de ônibus da Cruz Vermelha que pegou a estrada para o norte em segurança. Este foi também o dia em que a liderança da SS no campo decidiu evacuar o resto dos prisioneiros. De forma apressada e brutal, os infelizes foram empilhados em caminhões de gado, quarenta em cada caçamba, e desapareceram na direção do leste.

Desta vez, Bernadotte não esteve presente para assistir à cena. Ele estava em Berlim, tentando convencer Himmler a concessões humanitárias mais amplas.

Os escritórios da Cruz Vermelha sueca durante esta missão de resgate ficavam em Schloss Friedrichshuh, na região de Hamburgo, a antiga mansão do conde Otto von Bismarck, o “chanceler de ferro” da Alemanha no século XIX. Mas era de outro imóvel de Bismarck próximo a Berlim — Schonhausen, terra natal de Bismarck — que Bernadotte fazia suas viagens constantes de carro para a capital alemã. A esta altura, tinha endurecido sua resistência emocional para poder suportar a visão das prisioneiras de Ravensbrück andando em fila pelas estradas em direção aos campos de trabalho forçados, e se acostumar à presença das infindáveis colunas de refugiados da Prússia em fuga dos russos, que tinham invadido a região em janeiro e agora praticavam saques e estupros em sua marcha para o oeste. A maior parte destes fugitivos alemães também era de mulheres, mas havia idosos com mais de 65 anos e crianças. Se tivessem sorte, pegariam carona em vagões cobertos parecidos com aqueles utilizados pelos pioneiros americanos para atravessar as pradarias.

Os menos afortunados simplesmente caminhavam sem parar, cobertos de trapos — tudo que tinham para aquecer os pés —, e alguns usavam roupas de camponeses. Eles representavam uma grande reviravolta da história, o reverso de centenas de anos de colonização alemã na Europa Oriental. Neste mês de abril, cerca de 8 milhões de civis alemães estavam perdidos nas estradas, fugindo da Prússia, da Pomerânia e da Silésia. Três milhões já haviam atravessado Berlim, onde muitos morreram. O preço dos caixões na capital disparou.

“Eles surgiam abatidos e exaustos”, Bernadotte registrou, “e completamente sem esperança. Não havia futuro para eles, e o presente era um inferno. Tudo o que possuíam se perdeu, tanto os bens materiais como a fé na vida. A procissão de miseráveis movia-se silenciosamente pelas estradas junto com os esqueletos de cavalos raquíticos que tinham puxado as carroças no início da jornada até suas forças acabarem”. Com frequência, ele tinha que saltar do veículo no meio da viagem e se jogar em um buraco para se proteger do bombardeio da aviação aliada na estrada.³

O dia do aniversário de Hitler não foi exceção. Como precaução, Bernadotte viajava com dois motoristas. Um deles ficava na caçamba da caminhonete para servir de vigia: sua tarefa era esmurrar o teto do carro sempre que avistasse aviões aliados. Nos arredores de Nauen, apenas 32 quilômetros a oeste de Berlim, eles ouviram subitamente o zumbido de

bombardeiros se aproximando e saltaram para se esconder na trincheira antiaérea mais próxima. Era um dia ensolarado e sem nuvens, por cerca de uma hora, Bernadotte viu ondas e mais ondas de aeronaves militares despejando suas bombas. Nenhum avião alemão apareceu para revidar — mais um sinal da derrocada completa da outrora poderosa e temida Luftwaffe, comandada pelo marechal Hermann Göring.

Quando finalmente chegou a Berlim, Bernadotte reparou que os festejos barulhentos que normalmente marcavam o dia do aniversário de Hitler tinham dado lugar a uma atmosfera lúgubre. A cidade estava silenciosa, com a população à espreita, taciturna e tensa, como se aguardasse instruções. Ele mal havia chegado e mais ataques aéreos aliados obrigaram-no a se proteger durante horas no abrigo subterrâneo do comissariado sueco. Ao retornar à superfície, soube que Himmler havia abandonado Berlim e partido para Hohenlychen, um sanatório a 130 quilômetros da capital onde fora estabelecido um quartel-general provisório. Bernadotte conseguia ouvir os estrondos da artilharia russa vindos dos subúrbios de Berlim.

Às seis horas da manhã seguinte, Himmler finalmente deu as caras. Parecia exausto e alheio, e cobria nervosamente os lábios com os dedos. Tudo o que Bernadotte conseguiu extrair dele foi a concordância de que se a Dinamarca se tornasse um campo de batalha, os prisioneiros escandinavos de Neuengamme seriam transferidos para a Suécia e poderiam ser resgatados imediatamente pela Cruz Vermelha sueca, e também que as prisioneiras de Ravensbrück poderiam ser removidas de imediato pela mesma Cruz Vermelha. “A situação militar é extremamente grave”, Himmler admitiu antes de interromper a breve reunião.

De volta a Friedrichshagen, para providenciar a libertação das internas em Ravensbrück, Bernadotte foi despertado às três da madrugada por um telefonema. Até então, Himmler insistia a cada encontro que a guerra prosseguiria, e por causa de seu voto de lealdade pessoal a Hitler ele não podia considerar outra alternativa. O Führer havia traçado claramente o caminho com a Ordem de Nero, em março, quando determinou que os militares alemães e também os civis deveriam resistir até o fim, e quando anunciou a tática de “terra arrasada” para impedir os Aliados de se beneficiarem dos frutos da vitória. “Nenhuma cidade alemã será declarada cidade aberta”, Himmler comunicou a toda a SS em 12 de abril. “Cada cidade e cada vila será defendida até a última gota de sangue.” Por toda a Alemanha, as forças da SS estavam

empenhadas nesta política, ordenando que os oficiais locais se mantivessem firmes, organizando a resistência até a última trincheira e fuzilando ou enforcando aqueles que desobedecessem.

No entanto, parecia agora que Himmler tinha mudado de rumo abruptamente. Ele disse a Bernadotte que queria encontrar Eisenhower com a máxima urgência para negociar a rendição de todas as forças alemãs no front ocidental. Entretanto, Bernadotte tivera longas conversas com Eisenhower e sabia que o Comandante Supremo dos Aliados recusaria uma rendição alemã apenas na frente ocidental. A rendição total e incondicional de todas as forças nazistas, incluindo a derrubada do regime nazista, era uma exigência inegociável. Qualquer coisa abaixo disso estava fora de cogitação, porque abria a possibilidade de a Alemanha, como acontecera após o Tratado de Versalhes, se erguer novamente dos escombros. E Eisenhower entendia que os soviéticos seriam aliados até a extinção do regime nazista. Ainda assim, Bernadotte concordou em encontrar Himmler mais uma vez. O lugar combinado foi Lübeck.

O porto báltico era caracterizado por ruas labirínticas, telhados vermelhos e igrejas imponentes. O romancista Thomas Mann, cujo pai havia sido um comerciante próspero e senador influente na cidade, ficara feliz ao deixar aquele provincialismo burguês para trás pouco antes da Primeira Guerra Mundial. “Nossa Lübeck é uma boa cidade”, escreveu ironicamente. “No entanto, me faz lembrar sempre de uma praça gramada, coberta de poeira, que precisa da tempestade de primavera para extrair vida da concha sufocante.” Mas foi a morte e a tempestade produzidas por mãos humanas que finalmente despertaram a cidade de seu torpor medieval. Em março de 1942, a Força Aérea britânica escolheu Lübeck como alvo de seu primeiro bombardeio em solo alemão.

O resultado foi que a simetria curva de suas ruas antigas se desintegrou. A grama cresceu entre os escombros, e a imponente igreja gótica luterana Marienkirche ficou como uma concha aberta e vazia, com um dos sinos da torre estatelado no chão da nave. A cidade havia sido palco de uma das mais importantes vitórias de Jean-Baptiste Bernadotte a serviço de Napoleão, quando o marechal obrigou as forças prussianas do general Blücher a se renderem. Agora, na segunda-feira, 23 de abril de 1945, em um prédio ocupado

pelo consulado sueco, seu descendente encontraria Himmler mais uma vez. Faltava pouco para a meia-noite.

“Não esquecerei facilmente aquela noite, com seu prenúncio inquietante de desgraça”, Bernadotte recordou mais tarde.⁴ Himmler acabara de chegar quando as sirenes de ataque aéreo dispararam, e eles tiveram de descer correndo as escadas para o abrigo subterrâneo. Muita gente já estava lá, inclusive alguns civis alemães, mas Himmler não foi reconhecido quando puxou conversa com eles e tentou demonstrar sua visão dos acontecimentos. Uma hora depois, a sirene indicando que o perigo havia passado tocou e eles subiram para a sala de reunião. A energia elétrica não havia retornado e a conversa foi iluminada por duas velas tremeluzentes.

Himmler estava muito nervoso, mas lutava para manter um semblante de calma. “Admito que a Alemanha foi vencida”, confessou ele. Tanto quanto sabia, confidenciou a Bernadotte, Hitler àquela hora já devia estar morto. Ao proferir estas palavras, devia saber que o que dizia não era verdade, mas os acontecimentos no bunker de Berlim no dia do aniversário de Hitler, assim como um acesso maníaco do Führer dois dias depois, tinham convencido o líder da SS de que era seguro quebrar seu voto de fidelidade. Agindo com “sigilo serpentino” — nas palavras de um de seus biógrafos⁵ —, Himmler no momento só desejava salvar a própria pele, além de ganhar um tempo precioso para a Alemanha ao separar o ocidente dos soviéticos.

Ele reiterou que estava preparado para se render no front ocidental, mas não a leste. “Sempre fui e sempre serei um inimigo ferrenho do bolchevismo”, declarou naquela noite. Mais uma vez, Bernadotte reiterou que as chances de americanos e britânicos concordarem com aqueles termos eram muito pequenas, mas disse que levaria a proposta ao governo sueco, caso a rendição das tropas alemãs na Dinamarca e na Noruega estivesse incluída no acordo. Himmler concordou imediatamente.

Eram 3h30 quando a reunião acabou. Himmler fez questão de dirigir ele mesmo seu carro, pois tinha pressa de retornar ao front oriental. Mas estava tão agitado que logo na partida atravessou a cerca de arame farpado que circundava o prédio e precisou de alguns frenéticos minutos para recolocar o veículo na estrada. Para Bernadotte, aquele acidente simbolizava toda a bizarrice e o caos na mente daquele líder. Himmler, ele soube depois, ingressara em um mundo tão fantasioso que especulava com seus ajudantes de

ordens se teria de curvar-se a Eisenhower ou se deveria apenas cumprimentá-lo com um aperto de mão.

Era sobre esta oferta de Himmler que Truman discutia agora por telefone com Churchill, na primeira vez em que os dois conversaram diretamente. O primeiro-ministro britânico já tinha uma opinião formada sobre seu colega de Washington. “O novo homem não pode se deixar intimidar pelos soviéticos”, disse a Anthony Eden, seu secretário das Relações Exteriores.

Na realidade, havia pouca coisa substancial a ser debatida, e Truman foi inflexível: “Não acho que devemos sequer considerar uma rendição pela metade”, opinou secamente. Mesmo assim, devido à dimensão do poder soviético, a questão era altamente sensível, e eles precisavam estar de acordo quanto às palavras corretas a serem empregadas na resposta aos suecos. Uma rendição alemã, comunicaram a Estocolmo, só poderia ser aceita em todas as frentes. E se, depois da assinatura, a resistência alemã continuasse em qualquer lugar, os ataques aliados seriam impiedosos até a vitória final.⁶

Em 27 de abril, na Suécia, Bernadotte transmitiu esta resposta ao oficial da SS Walter Schellenberg, braço direito de Himmler nas negociações. Parecia que as coisas tinham chegado a um fim. Mas, ainda na esperança de conseguir um acordo para a retirada das forças alemãs na Dinamarca e na Noruega, Bernadotte organizou mais um encontro com Himmler em Lübeck.

Entretanto, ele nunca chegou a acontecer. As notícias sobre as conversas entre Himmler e Bernadotte vazaram para a imprensa e em poucos dias chegaram às rádios e às páginas dos jornais de todo o mundo. O comandante da SS ficou transtornado com o fato de seu segredo ter vindo à tona, e sua fúria só foi ultrapassada pela de Hitler. A Rádio Estocolmo transmitiu a notícia em detalhes e ela foi captada por Goebbels em Berlim. Pela primeira vez, Hitler tomou conhecimento do que acontecia por suas costas. Aquilo, bradou ele em seu bunker, era uma traição definitiva. E, pior de tudo, fora cometida por seu “leal Heinrich”.⁷ Ele ordenou imediatamente a prisão de Himmler, o expulsou do Partido Nazista e proibiu sua entrada em todos os prédios públicos.

Enquanto a cúpula nazista se digladiava, Truman e Churchill estreitaram seus laços e mantiveram a aliança com o Kremlin, enviando a Stalin um telegrama sobre sua decisão a respeito da proposta de Himmler. O ditador soviético deu sua aprovação e para todos os efeitos os três governantes permaneceram unidos e em marcha.

No entanto, desde a Conferência de Yalta, e até mesmo antes, os temores de Churchill sobre os alvos dos soviéticos, tanto territoriais quanto políticos, não paravam de crescer, e a evidência incontestável de que Stalin pretendia implantar um governo comunista na Polônia levava o primeiro-ministro britânico a falar abertamente das “sombras da vitória”.⁸ Apenas quatro semanas antes, ele insistira em cruzar o Reno para contemplar por si mesmo os frutos da vitória e visitara o que sobrou de Wesel, que Bryan Samain havia atravessado com os comandos alguns dias antes. Ver aquela destruição fez Churchill refletir seriamente sobre o futuro da Alemanha. Ele nunca concordaria com o desmembramento do país, chegou a declarar, até que suas suspeitas sobre as intenções russas fossem dissipadas.

Por ocasião da oferta de Himmler, a divisão da Europa entre oriente e ocidente estava tomando forma concreta, com a ocupação iminente de Praga pelo Exército Vermelho e o estreitamento do cerco soviético sobre a Áustria. Churchill e Truman reclamaram com Stalin que em Viena os russos estavam tomando decisões sem consultar as potências ocidentais. O desejo de Churchill de ver as tropas aliadas avançando sobre Berlim tinha sido abortado, é claro. Mas desde que Eisenhower desembarcara em Londres para as conversas no meio de abril, o primeiro-ministro tinha se convencido de outro ponto de enorme relevância política: o Comandante Supremo dos Aliados não deixaria o Exército Vermelho suplantá-lo em Lübeck e estava determinado a bloquear seu avanço sobre a Dinamarca.

Dada a velocidade do avanço soviético para oeste ao longo da costa do Báltico, isso parecia agora uma ameaça real. E o movimento proposto por Eisenhower teria o benefício adicional de impedir um recuo dos alemães para a Jutlândia a fim de estabelecer um reduto ao norte. Desde seu último encontro com Churchill, Eisenhower vinha cobrando de Montgomery agilidade na travessia do Elba. Mesmo enquanto Bernadotte se reunia com Himmler para verificar as chances de rendição das forças alemãs na Dinamarca e na Noruega, o SHAEF telefonava a Montgomery para falar sobre a necessidade urgente de ocupar Lübeck antes dos russos, e o próprio Eisenhower reforçou a opinião enviando um telegrama nesse sentido para seu comandante militar. Mas, a essa altura, Montgomery já tinha expedido suas ordens. O Elba seria atravessado na noite de sábado, 28 de abril.⁹

As ordens de Montgomery puseram fim aos dez confortáveis dias de descanso que Bryan Samain e os comandos britânicos tinham vivido em Lüneburg. Sua unidade fora designada para atravessar o Elba próximo à cidade de Lauenburg, do outro lado do rio. Não seria uma empreitada fácil. A cidade ficava no alto de um penhasco cercada por mata densa, ao longo da qual os alemães haviam construído muitas trincheiras defensivas reforçadas com ninhos de metralhadoras. Fora da cidade, baterias de canhões pesados dominavam todos os pontos viáveis da travessia do rio. A inteligência sugeria que os alemães tinham agrupado uma força considerável na área. O rio era a última barreira natural para o avanço aliado. Apenas três dias antes, em torno de Bremen, as forças britânicas haviam enfrentado uma resistência final suicida dos alemães, que envolvera até meninos de 8 anos. Assim como todos sob o comando de Montgomery, Samain estava convencido de que os alemães tentariam novamente uma defesa desesperada.

Às seis da tarde daquele sábado, ele deixou o alojamento e embarcou no comboio de ônibus que transportaria os comandos para seu ponto de assalto. O comboio atravessava as pequenas cidades e vilas lentamente, procurando não despertar muita atenção. Samain pôde ver pela janela outros detalhes da ofensiva militar: homens de artilharia empilhavam grandes estoques de projéteis, cartuchos e granadas ao lado de suas armas; luzes de bateria antiaérea eram testadas; e nos ônibus seguiam dois grandes pelotões de soldados escoceses — a brigada de Samain estava sob o comando da 15ª Divisão (escocesa).

Duas horas depois, o comboio chegou à área de concentração das tropas e todos desembarcaram. Samain tentou tirar uma soneca no caminho, mas o céu já reluzia com o fogo da artilharia britânica, que começava uma barragem para enfraquecer as defesas inimigas. Ele se lembrou da travessia do Reno algumas semanas antes. “O estrondo do armamento pesado e o ganido estridente das balas silvavam pelo ar, e uma vez mais o céu estava tomado por formas fantásticas de luzes alaranjadas, como se ‘pimenta em conserva’ estivesse sendo lançada sobre Lauenburg. A cidade já começava a brilhar, com suas construções pegando fogo uma atrás da outra.”¹⁰ Enquanto os comandos aguardavam ordem para avançar, começou a cair uma chuva fina. Logo, o uniforme de combate de Samain estava encharcado. Seria uma longa espera naquela situação. Duas outras unidades dos comandos lideravam o ataque, com

o objetivo de estabelecer uma cabeça de ponte. Só então a tropa de Samain seguiria adiante.

Eram duas horas da madrugada quando a ordem finalmente chegou. Samain saltou da trincheira para um dos botes que conduziria os soldados pelo rio. Os comandos da dianteira já haviam completado a travessia. Mesmo com o ronco dos motores das embarcações, ele conseguia ouvir os estalidos das metralhadoras e o estrondo das granadas na cidade. Mas a travessia foi tranquila. Algumas rajadas de tiros cruzavam o ar, sem no entanto causar transtornos. Quando por fim Samain percebeu que o bote raspava no cascalho, rapidamente saltou para fora da embarcação. Poucos metros adiante estava o matagal, e eles começaram a subir. A chuva tornara o único caminho para a cidade enlameado e escorregadio, e foram necessários vinte minutos para que chegassem ao topo. Ali, viram a trilha de fita branca deixada pelas unidades de vanguarda a fim de guiá-los pela escuridão total à frente.

Nas horas seguintes, Lauenburg foi completamente ocupada pelas tropas britânicas, e ao amanhecer a cidade estava a salvo. A resistência se limitou a revides ocasionais e a velocidade e ousadia do ataque dos comandos pela mata fechada pegaram o inimigo desprevenido. Centenas de soldados alemães aterrorizados logo surgiram de abrigos e porões, entregando suas armas.

A maior tarefa agora era construir a ponte sobre o rio. Como Folke Bernadotte percebera nas estradas em torno de Berlim, a Luftwaffe tinha praticamente parado de operar, mas, aqui, seus últimos remanescentes se esforçaram para deter os engenheiros. Era a primeira vez que Samain via aviões alemães em combate desde a Normandia. Os ataques eram barulhentos, mas pouco efetivos, sendo dificultados por uma bateria de fogo antiaéreo abandonada pelos alemães em fuga durante a noite e operada agora pelos comandos. A cada meia hora, o que restava da Luftwaffe fazia voos rasantes sobre o rio e lançava bombas na tentativa de destruir a ponte pela qual tanques e veículos já circulavam. Os aviões alemães provocaram atrasos, mas não atingiram o alvo. Um deles foi atingido pela artilharia aliada e se espatifou no chão. À noite, os ataques haviam cessado.¹¹

Naquela noite, Samain dormiu tranquilamente. Quando despertou na manhã seguinte, soube que as divisões blindadas já haviam cruzado o Elba e rumavam velozmente para o norte. Montgomery estava radiante. “Tenho plena esperança de que alcançaremos Lübeck em dois dias”, telegrafou a Londres.

Intimamente, ele agora estava confiante de que os alemães estavam finalmente prestes a se render. “Eles estão sob pressão total”, registrou Montgomery, “e só continuam lutando porque cada soldado alemão fez um voto pessoal de lealdade a Hitler, e enquanto ele estiver vivo devem permanecer no combate. Mas assim que souberem que ele morreu, ou se entregou, haverá um colapso em grande escala”.¹² O Exército Vermelho estava agora nos subúrbios de Berlim, mas ninguém fora do esconderijo de Hitler tinha qualquer ideia do paradeiro do Führer.

Só às nove da noite do dia seguinte a unidade de Samain recebeu ordens para seguir. Sua missão agora era “limpar” os bolsões de resistência alemã deixados para trás durante o avanço. Os primeiros alvos eram dois pequenos povoados, Lutau e Wangelau, respectivamente 20 e 24 quilômetros a leste do Elba. Samain embarcou novamente em um ônibus e depois prosseguiu a pé até chegar bem perto do alvo. Mas Lutau já estava em ruínas por conta do ataque da artilharia inglesa, então eles se moviam com cautela. A tropa de Samain assumiu a dianteira. Avançaram em fila indiana ao longo de cercas vivas e árvores, e logo por uma estrada, até chegarem aos limites de Wangelau. A 300 metros da vila, pararam. Havia notícias de muitos alemães carregando armas por lá. Um contingente foi mandado para investigar uma fazenda do lado direito da estrada. Entraram no terreno sem nenhuma oposição e chegaram à janela da casa. Dentro dela, vários homens e oficiais da SS estavam sentados tranquilamente, fazendo uma refeição. “*Handes hoch!*” (Mãos ao alto!), gritaram os comandos e invadiram a sala. Apanhados de surpresa, os oficiais da SS largaram tudo, ficaram de pé e ergueram as mãos em obediência.

Enquanto isso, o restante do pelotão surpreendeu outro grupo de soldados alemães preparando sua refeição na cozinha da fazenda. Os comandos agiram com calma e aproveitaram para comer. Pouco depois, outro grupo de soldados alemães desatentos chegou a Wangelau vindo do norte e caiu em uma emboscada. Os que não foram mortos ou feridos imediatamente fugiram em disparada a fim de se proteger em casas próximas ou resistir das cabanas das fazendas. Foram vinte minutos de tiroteio, mas logo que as armas pesadas britânicas começaram a causar baixas nos alemães, muitos lenços brancos apareceram nas janelas das casas e dos prédios. Os comandos já tinham caído em uma cilada de lenços brancos e perdido vidas, mas desta vez os alemães

queriam se render de verdade. Em apenas meia hora, os comandos tinham acrescentado 135 prisioneiros à sua contagem. Mas, durante a operação, um sargento britânico da tropa de Samain morreu.

Na manhã seguinte, Samain testemunhou talvez o último confronto aéreo da guerra na Europa. No céu azul de um lindo dia de sol, ele assistiu ao duelo entre um Spitfire da Força Aérea britânica e um Messerschmitt da Luftwaffe, e vibrou com seus camaradas quando o avião alemão foi atingido e caiu em chamas a um quilômetro e meio da cidade. Quando os comandos mandaram um destacamento para procurá-lo, “vimos o típico e terrível estrago na fuselagem, e o piloto estirado a alguns metros da máquina, como uma massa de carne”. Eles pegaram seu documento de identidade e enterraram o corpo. Naquela tarde, também sepultaram seu sargento na sombra da fazenda onde ele havia travado a última batalha. “Parecia uma ironia do destino que dois homens, um britânico e um alemão, morressem quase ao mesmo tempo, quando os últimos disparos da guerra estavam sendo feitos”, Samain escreveu. “Para nós, simbolizava a estupidez de tudo aquilo.”¹³

Também rumando a leste pelo Elba encontravam-se os paraquedistas da 82ª Divisão Aerotransportada de Gavin. Leonard Linton estava entre eles. Como membro de uma unidade do governo militar, ele desfrutava do privilégio de um jipe e rodava em velocidade por uma estrada vicinal em direção ao primeiro alvo além do Elba, a cidade de Neuhaus. Inesperadamente, chegou a um entroncamento na borda de uma encosta. Enquanto pensava se seguiria pela direita ou pela esquerda, Linton avistou um buraco negro no meio de uma moita logo adiante. Com um embrulho no estômago, ele se deu conta de que estava olhando para a boca de um canhão antitanque de 88mm. Houve movimento no mato e de repente ele se viu cercado por vários soldados da Wehrmacht.¹⁴ Um deles gritou em inglês: “*Hands up!*” Quase sem pensar, Linton respondeu em alemão.

Era uma língua que ele conhecia bem e que aprendera depois de seu pai ter-se mudado para Berlim a negócios quando ele ainda era bebê de colo. Seu irmão Val nascera lá, e a família morava em Schoneberg, bairro de classe média alta da cidade. Linton estudara na capital alemã até os 11 anos de idade.

Como muitos berlinenses prósperos, a família de Linton passava as férias de verão em resorts da costa báltica. Certa vez, alugaram uma casa no resort de

Swinemünde, na Pomerânia. Com o filho dos caseiros, um menino de sua idade, Linton passou horas inesquecíveis nas dunas junto à praia e em brincadeiras inspiradas pelas lendas do famoso pirata alemão do mar do Norte, Klaus Stortebecker, terror dos navios hanseáticos no século XIV e conhecido por aprisionar os marinheiros em barris de arenque. Os livros que conseguia reunir sobre seu herói nunca eram o bastante para deixá-lo feliz.

De volta às ruas da capital, Linton era um pouco desajuizado. Certa vez, juntou-se a uma gangue da Juventude Hitlerista e, inconsequentemente, lançou bombas fedorentas em lojas judias e atirou pedras em suas vidraças. Ele logo abandonou o grupo, mas, em outra demonstração de arroubo juvenil, passou a frequentar reuniões de uma organização de adolescentes sionistas, também por pouco tempo. Ele achava os garotos muito sérios e, além do mais, não entendia hebraico.

Seu pesado sotaque berlinense, no entanto, não se perdera com o tempo, e Linton tratou de aproveitá-lo naquele momento crítico. “*Seit nicht doorf, wir sind Tausende*” (Não sejam estúpidos, nós somos milhares aqui), disse ele, afastando com extrema frieza o cano de um rifle Mauser apontado para sua cabeça, antes que o atirador tivesse tempo de reagir. Depois disso, tudo foi fácil. Linton se apossou de uma pistola Luger, uma joia preciosa da guerra, altamente cotada entre os soldados americanos, arrancou um telefone de campo que encontrou na trincheira dos soldados e distribuiu pacotes de cigarros Lucky Strike. Depois de dizer que eles estariam seguros se levantassem as mãos à chegada dos paraquedistas, partiu em disparada para Neuhaus.

Ele dirigiu tão depressa que estava convencido de que seria o primeiro americano a chegar à cidade. Assim, ficou extremamente desapontado quando viu, pichadas em um muro, com letras brancas sobre um fundo vermelho e azul, as iniciais da Divisão Totalmente Americana e, logo abaixo, a frase imortal: “*Kilroy Was Here*” [Kilroy esteve aqui]. Também ficou impactado pela visão de uma rua próxima, onde a fachada de uma casa havia sido destruída por granadas. Os quartos estavam totalmente expostos, como em uma casa de bonecas, e na sala de jantar ele viu toda uma família alemã sentada à mesa, morta.

Dirigindo por uma estrada de terra, chegou à Ludwigslust, poucos quilômetros adiante. A cidadezinha estava intocada pela guerra. Nos seus arredores, cercado por um jardim em estilo inglês, ficava o palácio barroco dos

grão-duques de Mecklemburgo. Sem ânimo turístico, Linton seguiu sem demora para a sede da prefeitura. Ele apareceu na hora em que as autoridades se reuniam para decidir o que fazer quando os americanos chegassem. Pegos de surpresa, alguns pularam de suas cadeiras em posição de sentido. Outros começaram a tremer de medo. Linton tomou a iniciativa e começou a ler em plenário a Proclamação Nº 1 de Eisenhower, e disse ao prefeito que ele deveria continuar administrando a cidade até segunda ordem.

Linton requisitou então vários prédios e residências, e o palácio se tornou o quartel-general da Divisão Gavin. Para uso de sua própria unidade, ele ocupou a casa de duas irmãs, que se mudaram para as dependências de empregada. Em um dos guarda-roupas ele encontrou o uniforme marrom de um alto oficial da Organização Todt. Levando o nome de seu fundador, Fritz Todt, comandante de engenharia de Hitler, a estatal nazista usava a força de trabalho dos prisioneiros de guerra russos e já havia consumido milhões de toneladas de cimento na construção de pontes, estradas, rampas de lançamento de foguetes, atracadouros de submarinos, abrigos e instalações de defesa, incluindo as da Muralha do Atlântico. O uniforme pertencia ao marido de uma das irmãs que tinha fugido.

Dois dias depois, Linton descobriu também que um pequeno busto de Hitler que ele tinha confiscado de outra casa como souvenir havia sumido. Depois de procurar por todos os lados ele o encontrou partido em pedaços no pátio dos fundos. Após um interrogatório, uma das irmãs confessou que era a responsável pela destruição do busto. Ela disse ter ficado com medo de que algum inimigo de sua família na cidade tivesse colocado o busto para incriminá-las como nazistas. Pouco depois, Linton surpreendeu dois homens muito magros mexendo nos pertences das anfitriãs e ordenou que deixassem a casa. As mulheres, já muito assustadas, ficaram profundamente gratas. E tinham boas razões para isso: os intrusos eram sobreviventes de um campo de concentração nas redondezas, e poucas vítimas do nazismo agiam de forma benevolente com os civis alemães — sobretudo aqueles de alguma maneira ligados ao regime de Hitler.

II. "THE BOULEVARD OF BROKEN DREAMS"

Nos labirintos do bunker de Berlim, os dez dias que se seguiram às comemorações fúnebres do aniversário de Hitler testemunharam a desintegração final do regime nazista. O Exército Vermelho apertava o laço implacavelmente sobre a cidade, seus tanques aproximando-se cada vez mais da capital e sua artilharia pesada despejando tiros com grande precisão sobre a Chancelaria.

Dois dias após seu aniversário, a fantasia de Hitler de paralisar os russos se despedaçou. Ao tomar conhecimento do fracasso de um contra-ataque ordenado ao general Felix Steiner, do Corpo de Blindados da SS, no qual colocara todas as suas esperanças, Hitler teve um acesso de fúria. Gritando pelo esconderijo que estava sendo traído por todos, e agora até mesmo pela SS, ele percorreu em passadas largas o salão de conferência do bunker, socando a palma da mão, o rosto pálido de raiva, e derramou lágrimas de ódio e frustração. Sua explosão durou cerca de meia hora, abalando todos no salão e chegando aos ouvidos daqueles que estavam do lado de fora.

Finalmente exausto, Hitler desabou choramingando sobre uma poltrona. A guerra estava perdida, declarou ali. Agora, ele ficaria na cidade para liderar sua defesa final. Mas não cairia nas mãos do inimigo. Em vez disso, se mataria no último minuto.

Nas horas seguintes, Hitler se recolheu com seus interlocutores mais íntimos. "Está tudo perdido. Irremediavelmente perdido", disse para seus secretários e secretárias, e ordenou que deixassem Berlim imediatamente rumo ao sul. Havia um avião abastecido, pronto para levá-los. Mas todos recusaram a proposta, assim como Eva Braun, que já havia declarado que não o abandonaria. "Ah", sussurrou Hitler, desolado, "se pelo menos meus generais

fossem tão corajosos quanto minhas mulheres!” Mais tarde, ele deu ordem para que seus papéis e documentos pessoais fossem queimados. Seu ajudante de ordens começou a transportá-los para o pátio e acendeu uma fogueira.

Goebbels, o último chefe nazista fiel a Hitler e também seu último porta-voz, anunciava agora que ele, sua mulher e os seis filhos do casal estavam se mudando para o bunker, para ficar ao lado do Führer. Pouco depois, deixaram a residência oficial perto do Portão de Brandenburgo e foram levados à Chancelaria em duas limusines Mercedes. Antes de partir, Goebbels fez um último pronunciamento pelo rádio: “O Führer está em Berlim”, anunciou, “e morrerá lutando com suas tropas em defesa da capital”. Em seu editorial derradeiro, naquele mesmo dia, para o semanário *Das Reich*, ele convocou uma resistência a qualquer preço. Até as crianças deveriam arremessar granadas e minas antitanque sobre os russos, apesar do perigo.

Hitler abria mão agora de qualquer liderança e deixava seus subordinados livres para fazerem suas próprias escolhas. “Façam o que quiserem”, ele lhes disse. “Não darei mais ordens.” Quase todos, com exceção de seus auxiliares diretos, escolheram abandonar a cidade. Alguns optaram por continuar a luta de outro lugar, outros em salvar o que pudessem dos escombros. Com a Alemanha partida em duas, foram criados os comandos norte e sul. O almirante Karl Dönitz assumiu o comando no norte e o marechal de campo Albert Kesselring, no sul. Ambos decidiram combater pelo tempo que pudessem com as tropas que tivessem à disposição. Progressivamente, o bunker foi se esvaziando.

Nesses últimos dias, Hitler parecia um caco humano. Ele se transformara em uma figura ainda mais bizarra, que vagava como um corcunda pelos labirintos do esconderijo, com as mãos sempre tremendo. Seu uniforme, sempre impecável, agora vivia sujo de restos de comida. Seus olhos azul-claros estavam injetados de sangue, com enormes olheiras negras. Rugas acentuadas marcavam seu rosto pálido. Cada vez mais, recolhia-se em si mesmo, remoendo a traição e a covardia que acreditava terem sido as causas da iminente *Götterdämmerung*.

Himmler não foi o primeiro do círculo íntimo de Hitler a abandoná-lo. No último inverno, Hermann Göring já havia mandado mulher e filhos para o sul, para a segurança relativa da Bavária. Junto com eles seguiram várias obras de arte, pilhadas por toda a Europa e abrigadas em Carinhall, palacete de Göring

nas cercanias de Berlim. O marechal também já começara a falar da necessidade de negociar com os americanos. Era urgente que ele partisse para a Bavária a fim de comandar a Luftwaffe, comunicou a Hitler, na noite do aniversário do Führer. Hitler pareceu indiferente, como se não esperasse nada melhor do que isso. Ele apenas murmurou algumas palavras e apertou a mão de Göring de maneira protocolar.

Após esta despedida fria, Göring deu ordens para que Carinhall fosse explodido e partiu em sua limusine blindada ao encontro da família em uma vila aprazível próxima a Berghof, a chácara de Hitler. Ali refugiavam-se também, naqueles últimos dias de abril, muitos outros membros do alto escalão do governo, oficiais da Wehrmacht e figurões do Partido Nazista.

Três dias depois, chegaram aos ouvidos de Göring as palavras furiosas de Hitler, afirmando que não tinha mais ordens a dar. Parecia-lhe que o Führer havia definitivamente renunciado ao poder. Depois de obter aconselhamento legal, ele enviou um telegrama a Hitler sugerindo que chegara o seu momento de assumir a “completa liderança” do Reich. Caso não recebesse resposta até as dez horas daquela noite, acrescentava, presumiria que Hitler tinha perdido sua liberdade de ação e procederia como havia mencionado.

Impor um prazo foi seu grande erro. Göring tinha muitos inimigos no bunker de Berlim, como Goebbels, por exemplo, que havia muito tempo detestava o corpulento e endinheirado comandante da Luftwaffe, e o enxergava como um homem que gostava dos altos privilégios, mas que tinha fracassado na sua missão primordial de defender as cidades alemãs contra os ataques aéreos aliados. “Caçadores de medalhas burros e inúteis, aristocratas perfumados não devem fazer parte do alto-comando”, Goebbels desdenhava.

O secretário particular de Hitler e também seu guarda-costas, Martin Bormann, que se tornara uma das pessoas mais influentes no bunker, era um adversário ainda mais ferrenho. Sobre Bormann, Göring observou certa vez: “Ele só está esperando uma chance para me pegar. Se eu agir, ele me chamará de traidor. Se eu não agir, ele me acusará de ter falhado na hora mais decisiva.”¹

Göring estava certo. Bormann manipulou o telegrama da Bavária para que parecesse um arroubo impaciente e desleal pelo poder. Hitler vinha lutando contra suas desconfianças crescentes a respeito deste antigo camarada de armas, e Bormann finalmente desequilibrou a balança. “Nada do que está escrito aqui é novidade para mim”, rugiu Hitler. “Eu sempre soube que Hermann Göring

era preguiçoso. Ele deixou a Luftwaffe desmoronar. Esse homem é um escroque monumental [...] Ele foi viciado em drogas por muitos anos. Eu sabia dessas coisas todas faz tempo.”² Então demitiu seu velho aliado de todos os cargos públicos e partidários e, em poucas horas, o homem que chegara a ser a figura mais poderosa da Alemanha depois de Hitler recebeu ordem de prisão do próprio Führer e sua casa na Bavária foi imediatamente cercada por guardas da SS.

Mas o pior ainda estava por vir. Vinte e quatro horas depois, Göring acordou com um barulho ensurdecedor vindo das campinas de Berchtesgaden, e logo as janelas das casas na vila começaram a tremer. Era a Força Aérea britânica fazendo um bombardeio pesado sobre Berghof. Enquanto os aviões Lancaster despejavam suas bombas, Göring e sua família foram empurrados rapidamente pelos guardas da SS para os túneis do abrigo antiaéreo construído para proteger as autoridades alemãs. O abrigo era úmido e tinha um aspecto sinistro, e como não havia luz elétrica, eles tiveram que iluminar o ambiente com velas.

Göring tentou mandar um telegrama para Berlim, mas seus captores se recusaram a postá-lo. Neste ínterim, faminto e malcheiroso pela falta de banho, o pretense sucessor de Hitler vivia um calvário de autopiedade. Na superfície, os bombardeiros aliados destruíram por completo a casa de Hitler, e quando Göring voltou finalmente à luz do dia, verificou que o telhado de sua própria casa, sua piscina e seu escritório também haviam sido destruídos.³

Abalado com a deserção de Göring, a notícia sobre a traição de Himmler foi a gota d’água para Hitler, o indício definitivo de que tudo estava realmente perdido. Quando isso ficou claro, escreveu um biógrafo de Eva Braun, “ele rugiu possesso, com o rosto inundado de sangue, quase irreconhecível, furioso, completamente fora de si, e por estranho que possa parecer, magoado”.⁴ Hitler lembrou que tinha defendido Himmler inúmeras vezes daqueles que o abominavam na cúpula nazista, mas agora ele descobrira que estava errado.

Em sua raiva, ordenou a execução imediata de Hermann Fegelein, o oficial de ligação de Himmler em Berlim e cunhado de Eva Braun. Apesar do apelo desesperado de Eva, Fegelein foi arrastado para o jardim da Chancelaria e fuzilado. Então, Hitler ordenou a dois de seus mais fiéis acólitos, os ases Ritter von Greim e Hanna Reitsch, que voassem até Plön em seu pequeno avião, onde deveriam instruir Dönitz a prender Himmler imediatamente e fuzilá-lo.

Neste momento, o bombardeio soviético à Chancelaria tinha chegado ao clímax e as bombas caíam em intervalos regulares no centro do prédio. Sob a terra, aqueles que haviam permanecido enclausurados ensaiavam seus planos de suicídio e discutiam de forma macabra sobre a maneira como seus corpos deveriam ser destruídos.

Hitler planejava agora um desaparecimento heroico. “É a única forma de eu recuperar minha reputação”, confidenciou ao super leal Goebbels. “Se sairmos de cena em desgraça, teremos vivido para nada [...] É melhor terminar a luta com honra do que continuar a viver em vergonha e desonra por mais alguns dias ou meses.”⁵

Determinado a não dar aos soviéticos o prazer de matá-lo em combate, nem de violar o seu cadáver, ele arquitetou um plano cuidadoso de suicídio. Para testar o veneno que pretendia ingerir, ele o deu primeiro ao seu querido cão alsaciano, Blondi. Ao ver que a substância funcionava, lembrou sua secretária particular, Traudl Junge, seu rosto “parecia sua própria máscara de morte”.

Ele também se certificou de que havia à disposição um bom estoque de gasolina para que seu corpo fosse completamente incinerado no pátio. A notícia do destino trágico de Mussolini tinha chegado a ele apenas algumas horas depois que seu ex-aliado, junto com Clara Petacci, haviam sido pendurados em Milão. Estes fatos apenas consolidaram a decisão de Hitler de que nunca acabaria como um espetáculo público à mercê de seus inimigos.

Pouco depois da decolagem de Greim e Reitsch, em torno de 23h30 de sábado, 28 de abril, ele ditou seu último testamento particular e político para Traudl Junge. Em seu testamento particular, ele transferiu seus bens e posses para o Partido Nazista, e expressou o desejo de que sua coleção de pinturas fosse doada para uma galeria de Linz, na Áustria. Ele designou Martin Bormann como o executor do testamento, para garantir que seus parentes e servidores fiéis não ficassem sem recompensa. Porém, o documento mais significativo foi seu testamento político, um longo e desconexo relato de autojustificação que revelou a profundidade de seu ódio pelos judeus e sua capacidade inextinguível de culpar a todos, menos a si próprio, pela catástrofe que desencadeou na Alemanha e na Europa.

Era uma enfadonha ladainha de arrogância, reclamações, hipocrisia e desilusões: ele nunca desejara a guerra, que havia sido instigada por governantes internacionais que ou eram judeus ou agiam a favor de interesses

judeus; os judeus teriam que pagar por toda a destruição que a Europa tinha sofrido nos últimos seis anos de “luta assassina”; a luta do povo alemão contra os judeus ficaria finalmente na história como “a mais corajosa e gloriosa manifestação da vontade de uma nação para manter sua existência”; em algum lugar do futuro haveria o renascimento do nacional-socialismo; e, para concluir, ele dizia que a luta deveria continuar mesmo depois de sua morte e que não haveria rendição.

Na parte final do testamento, ele apontou um governo sucessor, com o almirante Karl Dönitz como chefe de Estado e das Forças Armadas, Goebbels como chanceler, e o prefeito de Munique Paul Giesler como ministro do Interior. O gauleiter Karl Hanke, que ainda liderava uma obstinada resistência final contra os russos em Breslau, foi nomeado o sucessor de Himmler. Se ainda fosse necessária alguma prova do fanatismo racial de Hitler, ele encerrou seu ditado patético com as seguintes palavras de estímulo ao seu novo e derradeiro governo nazista: “Sobretudo, conclamo o governo e o povo a cumprirem as leis raciais no seu limite extremo e a combater impiedosamente o veneno de todas as nações que é o povo judeu”.⁶

Com o bunker tremendo com as explosões cada vez mais próximas, Hitler se casou com Eva Braun. Ele sempre declarara que nunca se casaria, pois já era casado com seu país, mas agora a Alemanha sucumbira, e ele estava livre. Além do mais, isso não poderia mais lhe causar qualquer prejuízo político. Bormann e Goebbels serviram de testemunhas, e a cerimônia foi conduzida por um tabelião de Berlim trazido às pressas para executar a tarefa. Hitler estava débil e curvado, com os cabelos já quase todos brancos, mas, ao seu lado, Eva Braun sorria extasiada em um elegante vestido azul-marinho bordado com lantejoulas, e sapatos de camurça pretos do estilista italiano Salvatore Ferragamo. Em seguida, todos brindaram com champanhe. Os noivos e convidados só foram para a cama às cinco da manhã.

A esta altura, as tropas soviéticas já estavam a caminho da Potsdammer Platz, no centro de Berlim, a apenas um quilômetro do Portão de Brandemburgo, e, ao amanhecer, a artilharia do Exército Vermelho lançou um bombardeio maciço sobre a Chancelaria. Mais tarde, Hitler participou de um almoço com seus secretários, servido em uma pequena mesa naquela que era conhecida como a sala dos mapas — comeram espaguete e salada. Em seguida, ele apertou as mãos de sua equipe remanescente e formalizou sua despedida.

Usava sua costumeira calça preta com a túnica do uniforme e uma camisa branca por baixo. Ao seu lado, Eva Braun usava um vestido preto com rosas no contorno do pescoço, seu favorito. “Por favor, tente escapar”, ela pediu, sorrindo, para Traudl Junge. “Talvez você ainda consiga romper o bloqueio. E”, acrescentou melancolicamente, “transmita à Bavária o meu amor”.⁷

Então, o casal se retirou para a sala de estudos de Hitler. Dez minutos depois, um dos auxiliares do Führer abriu a porta. Dentro do quarto, Hitler e sua esposa de poucas horas estavam sentados lado a lado em um pequeno sofá azul e branco. Braun estava tombada de lado com os dois pés aconchegados harmoniosamente sob o corpo. Ela mastigara sua cápsula de cianeto de potássio e havia um cheiro de amêndoas amargas no ar. A cabeça de Hitler pendia inerte, e o sangue escorria sobre a túnica, vindo de um buraco de bala em sua têmpora direita. A seus pés estava sua poderosa pistola Walther.

Eram aproximadamente 15h30 de segunda-feira, 30 de abril. Apenas uma hora antes e a um quilômetro e meio de distância, um soldado soviético estendera a bandeira vermelha na janela do segundo andar do Reichstag. Como combinado, os corpos de Hitler e Eva Braun foram transportados do bunker para o jardim da Chancelaria, ensopados de gasolina e incendiados.

Uma das poucas pessoas que viram Hitler em sua explosão maníaca no domingo anterior tinha sido o Obergruppenführer Gottlob Berger, chefe da Waffen SS. Ele havia chegado pouco depois da meia-noite, vindo do gabinete de Himmler, em resposta a uma ordem de Hitler de que desejava vê-lo antes que partisse para a Bavária. No interior do bunker, Berger viu Hitler ainda explodindo com todos à sua volta. “Todos me enganaram! Ninguém me contou a verdade!”, rosnava ele. “As Forças Armadas mentiram para mim!” Ao final da conversa, surgiu a questão dos *Prominente* — os prisioneiros com boas relações políticas ou sociais que estavam sendo mantidos reféns pela SS para negociações futuras com os Aliados. Recentemente, eles haviam sido transferidos para a Bavária vindos de campos de toda a Alemanha. Os dois homens também conversaram sobre o crescente sentimento separatista que vinha se manifestando na Alemanha e na Áustria.

Quando Berger preparava-se para partir, Hitler levantou-se com o corpo e a cabeça balançando e as mãos trêmulas. “Atire em todos! Mate todo mundo!”, gritava. Mas quando levantou voo da capital no avião de Himmler em direção à

Bavária, Berger estava em dúvida se Hitler tinha mandado matar os prisioneiros de elite, os separatistas, ou ambos.⁸

Em Berlim, entretanto, a SS sabia exatamente o que fazer.

Localizada no centro da capital estava a prisão de Moabit. Um edifício austero de cinco andares, fora construído no formato de estrela e em suas várias alas espalhavam-se cerca de quinhentas celas. Centenas de prisioneiros políticos passaram pelos portões de Moabit desde 1933, entre os quais o pai de Fey von Hassell, que padeceu em uma das celas por vários dias no seu calvário de Ravensbrück para a central de interrogatórios da Gestapo na rua Prinz Albrecht. Outros tinham permanecido lá por anos.

Um bombardeio pesado dos Aliados havia destruído parte do prédio e os prisioneiros passaram a ficar permanentemente trancados nas celas. Naquela noite, porém, dois grupos de oito prisioneiros foram tirados das celas e receberam seus pertences de volta. Outros vinte haviam sido libertados mais cedo, à luz do dia, e havia um clima de expectativa na prisão. Entre os 16 homens — Moabit não recebia mulheres — havia advogados famosos e oficiais militares que, de alguma forma, se opuseram ao regime. Dois eram comerciantes ou industriais, e o grupo incluía também um jovem comunista alemão, um prisioneiro de guerra soviético, e Karl Bonhoeffer. Ele era consultor jurídico da companhia aérea estatal Lufthansa, mas também irmão de Dietrich Bonhoeffer, teólogo, pastor luterano e incansável opositor do nazismo. No grupo estava ainda o professor Albrecht Haushofer. Filho do homem que praticamente inventara a “ciência” da geopolítica — que forneceu a Hitler algumas das ideias-chave apresentadas em *Mein Kampf*, como o conceito de *Lebensraum* (“espaço vital”) —, Haushofer tinha reprimido sua desconfiança dos nazistas e servido como assessor de um delegado de Hitler, Rudolf Hess. Realizara ainda algumas missões especiais tanto para Ribbentrop como para o próprio Führer.

Tarde demais, ele despertou para os perigos da guerra e tentou desesperadamente enviar mensageiros de paz à Grã-Bretanha. Nos bastidores, também teve participação no voo de Hess à Escócia em maio de 1941, com o objetivo de negociar um acordo de paz com os britânicos, e por conta disso acabou detido brevemente pela Gestapo. Três anos depois, foi novamente preso, na caçada geral às famílias implicadas de alguma maneira no atentado a bomba de julho, e desde dezembro de 1944 ocupava uma cela em Moabit.⁹

Ao receber seus pertences, os prisioneiros voltaram às celas para fazer as malas. Haushofer dividia a sua com um comunista alemão, Herbert Kosney, e deu a ele um pedaço de pão de centeio para que comesse no caminho de casa. Então, os prisioneiros foram colocados em marcha para o pátio da prisão. Ali, receberam o restante dos objetos, como isqueiros, relógios, anéis e carteiras. Assinaram comprovantes de devolução, preencheram formulários afirmando que estavam liberados e foram avisados disso pelo diretor da prisão, que apareceu brevemente. Um dos guardas da SS disse a Kosney que em breve ele estaria em casa com sua esposa. Alegres, os prisioneiros caminharam em direção ao portão da prisão por um corredor estreito. De repente, uma luz forte foi acesa. Bloqueando o portão, eles viram mais de trinta soldados da SS armados com pistolas automáticas — dois para cada prisioneiro. Então eles ouviram que, afinal de contas, não estavam sendo libertados. Em vez disso, seriam transferidos de trem para outro presídio. Quem tentasse escapar seria morto.

Já passava da meia-noite. Clarões da artilharia soviética iluminavam o céu. Sadicamente, os prisioneiros foram obrigados a devolver todos os pertences que tinham acabado de receber. Marcharam humilhados por um trecho da rua escura e foram direcionados para uma grande área bombardeada no meio da qual havia um prédio em ruínas. Os soldados explicaram que aquele era um atalho para a estação de trem, mas todos sabiam que não era o caso. Uma vez no interior do prédio, o grupo foi dividido em dois: o grupo de Haushofer foi colocado à esquerda.

Todos ficaram de frente para um muro. Então, Kosner e Haushofer ouviram barulho de tiros e entreolharam-se por alguns segundos, antes de serem também derrubados por uma rajada de disparos em suas nuças.

Kosner teve muita sorte. Tinha virado a cabeça e a bala o atingiu de raspão, sem no entanto matá-lo. Apesar disso, ele caiu com os outros. Então, ainda consciente, se estirou o máximo que pôde fingindo-se de morto, enquanto os carrascos da SS disparavam na cabeça de todos que ainda pudessem estar vivos. Por fim, quando tudo silenciou, Kosner conseguiu se esgueirar até sua casa, e então desmaiou. Ao recuperar a consciência no hospital, alguns dias depois, ainda tinha em seu bolso o pedaço de pão de centeio que Haushofer havia lhe dado, agora encharcado de sangue.

Somente no sábado, 12 de maio, Heinz Haushofer conseguiu achar o corpo do irmão, ainda abandonado onde havia sido morto. Apertadas em sua mão, havia algumas folhas de papel contendo poemas que escrevera na cadeia.

Durante suas semanas na Moabit, Haushofer teve tempo bastante para meditar sobre o destino da Alemanha e seu papel naquela derrocada. Como muitos alemães que flertaram com o nazismo ou acreditaram que poderiam influenciar Hitler na direção da paz, ele viu que estava redondamente enganado e se encheu de culpa. Admitiu que tinha sido usado por “assaltantes e criminosos”, e se refugiou nos poemas que seu irmão encontrou. “Uma horda cinza de ratos devorou a terra”, começava um deles, retratando uma ninhada de roedores enlouquecidos devastando os campos enquanto um flautista [Hitler] os conduzia ao abismo, para a morte no mar.¹⁰

Nos dias da derrocada final do império de Hitler, a vida continuava a valer pouco, e o destino dos prisioneiros nas mãos da SS era uma questão arbitrária. Desde março, pelo menos, Himmler procurava uma maneira de sobreviver ao desastre iminente e se engraçar com os Aliados. Isso explicava seus acordos com Folke Bernadotte sobre os prisioneiros escandinavos e sobre outros temas, como o envio de certos judeus para a Suécia.

Entretanto, ele continuava disposto a manter alguns reféns. Mas à medida que o Reich se desintegrava, seu poder sobre os assuntos da SS enfraquecia progressivamente. Nem todos os seus subordinados concordavam com ele, enquanto alguns, como o chefe da Gestapo, Heinrich Müller, que ordenara o assassinato de Haushofer e de outros em Berlim, desobedeciam abertamente ao seu comando. Para estes fanáticos obstinados, simplesmente não havia espaço para negociações ou clemência envolvendo prisioneiros. Se o Reich idolatrado iria desaparecer, os inimigos deveriam desaparecer com ele.¹¹

Poucos prisioneiros estavam mais conscientes do risco que corriam nestes últimos dias de abril do que Fey von Hassell. Em Dachau, cercada de outros *Sippenhafte* cujos parentes haviam sucumbido nas mãos dos nazistas, a morte brutal de seu pai ainda doía como uma ferida aberta. Ela também não tinha ideia do que podia ter acontecido a seus dois meninos.

Mais de uma vez em sua odisseia forçada, a mão do destino atingira arbitrariamente seus companheiros de cativeiro, levando-os à execução. A última vítima fora Dietrich Bonhoeffer. O teólogo dissidente unira-se a eles

recentemente na escola em Schoneberg, junto com vários outros novos prisioneiros. Lá, ele passou um bom tempo com a sobrinha do ministro das Relações Exteriores soviético Venceslau Molotov, tentando instilar na jovem comunista as verdades do cristianismo, enquanto em troca aprendia um pouco de russo.

Mas Bonhoeffer já estava condenado. Os nazistas haviam descoberto o diário secreto do almirante Canaris, no qual o antigo chefe da Abwehr confessava seus contatos com a resistência antinazista. Isso deixou Hitler possesso de raiva, e ele ordenou a Ernst Kaltenbrunner, o delegado austríaco de Himmler, que providenciasse o descarte imediato de Canaris e quaisquer outros conspiradores que tivessem escapado da execução.

No domingo, 8 de abril, Fey compareceu ao culto matinal no prédio da escola. O ato religioso foi ministrado por Bonhoeffer, que leu os textos bíblicos do dia, fez orações e pregou palavras de estímulo para os prisioneiros. De repente, a porta se abriu e dois civis interromperam a pregação dizendo: “Prisioneiro Bonhoeffer, se apronte e venha conosco!”

Em seguida, Fey ouviu o barulho de passos descendo a escada e, pela janela, viu quando o teólogo foi levado em um veículo preto da Gestapo. Poucas horas depois, ele chegava a Flossenbürg. Ali, uma corte sumária já o aguardava e Bonhoeffer se uniu a Canaris e outros conspiradores militares. Somente após a meia-noite os prisioneiros foram mandados para as celas. Canaris esmurrou a parede para sinalizar que haviam todos sido condenados.

No amanhecer cinzento do dia seguinte, eles foram apanhados na cela. O médico do campo de Flossenbürg viu Bonhoeffer ajoelhado e orando fervorosamente antes que o obrigassem a tirar seu uniforme de prisioneiro. “Fiquei profundamente impressionado pela maneira como aquele homem amável orava”, escreveu ele, “tão devotado e seguro de que Deus ouvia suas preces”. Nos pés do cadafalso, ele fez uma curta oração, e então subiu os degraus, calmo e confiante, e colocou a corda em torno de seu pescoço. O chão do cadafalso se abriu e ele foi enforcado. Entre a pilha de pertences daqueles condenados deixada na caserna dos guardas havia um exemplar ilustrado de Goethe com o nome de Bonhoeffer. Todos os objetos foram incinerados, assim como os cadáveres de seus antigos proprietários.¹²

Agora, em Dachau, os sobreviventes da caravana dos *Sippenhafte* permaneciam sob a guarda da SS, chefiada pelo sinistro Ernst Bader. Quase

toda noite, as sirenes de ataque aéreo soavam e bombas caíam no campo e nas redondezas. Conforme os dias passavam, os estragos da artilharia chegavam mais perto.

Então, na quarta-feira, 25 de abril, Fey ouviu a ordem que temia: “Preparem-se para partir! Levem apenas o que puderem carregar nas mãos!” O campo estava sendo evacuado antes da chegada dos americanos. Dois dias antes, todos os judeus tinham sido obrigados a passar a noite em pé no descampado e dezenas deles morreram. Os demais foram trancafiados em vagões e aguardavam uma locomotiva para levá-los embora.

Fey teve enfim de abandonar a velha mala que a acompanhava desde Brazzà, fez uma escolha criteriosa do que lhe era essencial e amontoou tudo em uma pequena mochila improvisada com um cobertor. Os demais fizeram o mesmo. Logo, o perseverante comboio humano atravessava o campo a pé com panelas, chaleiras, xícaras e latas penduradas nas mochilas, como se estivesse saindo para um despreocupado passeio.

Lá fora, eles foram empurrados para dentro de caminhões superlotados cobertos com forros de lona pesada. Como sempre, Fey colou nos Stauffenberg. Sentia-se mais próxima que nunca de Alex. Duas semanas antes, acontecera uma tragédia: enquanto pilotava um avião de treinamento Bücker-181, desarmado, Litta fora atingida no ar por um caça americano. Ela conseguiu aterrissar, mas morreu pouco depois devido aos ferimentos das balas. Alex soube da morte da esposa quatro dias depois, quando Edgar Stiller o chamou no corredor. Fey estava lá quando ele voltou. Seu rosto estava branco, e ficaram todos tão horrorizados que preferiram deixá-lo um pouco sozinho para absorver a devastadora notícia. Então, ele trouxe Fey e sua prima Elizabeth de volta para seu lado e disse que precisava de gente próxima que entendesse o seu sentimento. A tragédia alterou sutilmente o equilíbrio do relacionamento: antes, Fey achava que só ela precisava dele; agora, percebia que Alex também precisava dela.¹³

Durante horas, eles ficaram apinhados na boleia do caminhão estacionado, vendo filas e mais filas de prisioneiros sendo evacuados do campo em seus tamancos de madeira e uniformes listrados. Alguns estavam fracos demais para caminhar e caíam sobre as mãos ou joelhos. Os guardas os cutucavam com cassetetes para fazê-los se levantar. Aqueles que não conseguiam se erguer, Fey constatou, horrorizada, eram baleados na nuca diante de todos.

Depois que os últimos prisioneiros passaram pelos portões, o caminhão começou a andar e Fey se deteve em seus novos acompanhantes de peregrinação. Além dos já habituais, alguns novos haviam chegado. Os *Prominente* — reféns privilegiados da SS que três dias antes Hitler condenara à morte — tinham se juntado aos *Sippenhafte* para a próxima etapa de sua viagem bizarra. Alguns ela já conhecia de sua breve passagem pela cadeia de Ratisbona. Outros haviam se incorporado ao grupo em Dachau. O comboio, que se dirigia a um paradeiro desconhecido no sul, transportava agora quase 150 pessoas.

Uma delas Fey reconheceu imediatamente; era o antigo chanceler da Áustria, Kurt von Schuschnigg. Ele ainda não havia chegado aos 40 anos, mas era um homem cortês à moda antiga. Trajando calças tirolesas, estava sentado ao lado da esposa, Vera, bem mais nova que ele, que aconchegava nos joelhos a filha de 3 anos do casal, Sissy. Como muitos políticos europeus do pré-guerra, Schuschnigg subestimara o rolo compressor dos nazistas. Como ministro no governo austríaco de direita do tirano Engelbert Dollfuss, ele se entusiasmara em reprimir os social-democratas, e quando Dollfuss foi assassinado em 1934 por pistoleiros da SS, Schuschnigg o substituiu como chanceler e ditador da Áustria.

Mas ele não conseguiu se opor à vontade ferrenha de Hitler de anexar sua terra natal e viu o tratado que assinara com Berlim — e que garantiria a soberania da Áustria — ser totalmente desrespeitado. Convocado a comparecer em Berchtesgaden, foi intimado por Hitler a nomear como ministro do Interior o líder do Partido Nazista austríaco, Artur Seyss-Inquart. Em um esforço desesperado para manter sua autoridade, Schuschnigg convocou um plebiscito sobre a continuidade da independência austríaca, mas, dois dias antes da votação, as tropas de Hitler invadiram o país, anexaram a Áustria à Alemanha nazista e prenderam o chanceler. Por quase um ano e meio, ele ficou confinado em um pequeno quarto do Hotel Metrópole, em Viena, no qual a Gestapo montou seu quartel-general. Lá, era humilhado e forçado a limpar as latrinas de seus carcereiros com a única toalha de rosto que lhe forneciam diariamente para uso pessoal.

Schuschnigg havia permanecido atrás das grades e das cercas de arame farpado desde então, embora estivesse secretamente escrevendo um diário onde registrava suas experiências e reflexões sobre o futuro da Áustria e da Europa.

No início, Fey o achou taciturno e desconfiado, mas logo ele relaxou e falou bastante sobre as perspectivas da Europa no pós-guerra. Sua maior preocupação era a União Soviética, cujo Exército Vermelho já ocupava Viena. Schuschnigg acreditava que eles nunca mais sairiam de lá.

Vera, ex-condessa Czernin, era muito mais próxima de Fey na idade. Ela tivera permissão para se casar com Schuschnigg na prisão, mas ainda sofria com os traumas das semanas que ambos haviam passado no campo de Flossenbürg. De dentro de sua cela, ela contou a Fey, sempre ouvia o grito de comando, “Tire suas roupas!”, seguido de uma assustadora saraivada de tiros. Havia também uma área no pátio onde lhes era permitido se exercitar durante meia hora por dia, e Vera reparou que a serragem do chão era substituída com frequência. “Quem quer que tenha sido condenado a este inferno”, escreveu Schuschnigg em seu diário, “fez penitência o suficiente por qualquer erro do passado”.¹⁴

Fey reconheceu também um dos maiores oponentes alemães do nazismo, o pastor Martin Niemöller, que estava próximo a ela, encostado na carroceria do caminhão com um cachimbo vazio na boca. Condecorado na Primeira Guerra como comandante de submarinos, ele se tornara um nacionalista germânico e oficial na organização de direita Freikorps. Para ele, os 14 anos da República de Weimar liberal-democrática haviam sido “anos de trevas”. Niemöller chegou a ser envolvido por Hitler e pelas propostas do Partido Nazista de estabelecer um “cristianismo positivo”, deu seu voto aos nazistas quando o partido concorreu pela primeira vez na eleição de 1924 e saudou a chegada de Hitler ao poder em 1933. O renascimento nacional da Alemanha, acreditava Niemöller, poderia conduzir ao renascimento cristão da nação.

É claro que ele logo ficou decepcionado. Quase de imediato, os nazistas tentaram assumir o controle das igrejas e impuseram um “bispo do Reich” aos protestantes. Em questão de meses, Niemöller estava organizando a Liga de Emergência dos Pastores para resistir a eles, e, mais tarde, inspirou a fundação da Igreja Confessional, dissidente. De seu púlpito em Dahlem, um dos bairros mais prósperos de Berlim, e onde se estabeleceu boa parte da elite nazista, ele começou a pregar sermões de rebelião explícita que enfureceram Hitler.

O pai de Fey ouviu um destes sermões durante uma visita à cidade em 1937. Ela lembra da reação dele em seu diário. “O pastor se levantava ali como um profeta sem medo, pregando com total convicção”, registrou. “A mensagem

dele era clara. Era obrigação de todos combater o mal que estava se alastrando pela Alemanha.”¹⁵ Algumas semanas mais tarde, Niemoller foi preso, junto com centenas de outros pastores dissidentes por todo o país. Desde então, passara a maior parte de seu tempo na prisão ou em campos de concentração, terminando em Dachau.

Na véspera do Natal de 1944, ele recebeu permissão para dirigir cultos religiosos em sua cela. A última pregação que fez, três semanas antes, na segunda-feira de Páscoa, refletia sua tristeza pelos últimos oito anos. Alertando contra um duvidoso otimismo inspirado pela chegada da primavera, ele afirmava que a misericórdia de Deus “nada tem a ver com a lei natural universal segundo a qual a vida é mais forte do que a morte, o bem é mais poderoso do que o mal, ou outros dogmas idealistas, nos quais de qualquer maneira ninguém mais acredita”. Somente na crença da ressurreição de Cristo, concluía ele, a esperança poderia ser encontrada.

Fey, porém, não considerava Niemoller a mais agradável das companhias. Ele trazia uma mensagem incômoda para qualquer alemão, especialmente para alguém como ela, cujo pai servira ao regime nazista até ser defenestrado pela força. Todos os alemães, Niemoller pregava, deveriam compartilhar a culpa pelo nazismo. Mais tarde, o epigrama que cunhou sobre isso se tornaria famoso: “Primeiro, eles pegaram os comunistas, mas eu não era comunista e não protestei. Então, eles pegaram os socialistas e sindicalistas, mas eu também não era um deles e fiquei calado. Em seguida, eles pegaram os judeus, mas eu não era judeu e também não protestei. Então, quando vieram me prender, não havia mais ninguém para protestar por mim.”¹⁶ Isso, naquele fim de guerra, aplicava-se à maior parte daqueles viajantes, em sua odisseia rumo ao desconhecido.

Mas, de todos os *Prominente*, o que viria a ser mais importante para Fey e os outros prisioneiros era o capitão Sigismund Payne Best. Fisicamente, ele era o perfeito cavalheiro inglês. “Muito alto, magro e elegante, com covinhas acentuadas no rosto, dentes fortes, um monóculo, calças de flanela, paletó de tweed e um cigarro, [e] sempre mostrando seus falsos dentes de cavalo em um sorriso fleumático, exalando aquela descrição honrada que inspira profunda confiança.”¹⁷ Esta confiança estava bem situada. Payne Best falava alemão fluentemente e se tornou um elo e um negociador indispensável nos dias tensos que se seguiram. Foi aceito rapidamente por todos como porta-voz do grupo.

Tendo passado por experiências amargas, Payne Best tinha uma compreensão e um conhecimento perspicaz da SS. Ainda que fosse um estereótipo de inglês, ele era também um oficial veterano do SIS — o serviço secreto de inteligência britânico — e ajudara a criar as redes de comunicação da Europa Ocidental em um escritório na Holanda. Mas, em novembro de 1939, ele foi preso pelos alemães em Venlo, na fronteira da Holanda com a Alemanha, enquanto explorava supostas propostas de paz vindas de Berlim, às quais o governo Chamberlain estava disposto a dar seguimento. Na realidade, tudo isso não passava de um plano maquiavélico da inteligência alemã — arquitetado por Walter Schellenberg, que agora negociava com Folke Bernadotte — para capturar Best e seu companheiro de SIS, major Richard Stevens, que também estava no grupo de prisioneiros, e interrogá-los sobre as redes de espionagem britânicas na Europa. Best, desde então, passara cinco anos e meio em Sachsenhausen, antes de ser transferido para Buchenwald.

Ele encontrou Fey pela primeira vez na prisão de Ratisbona. “Uma garota muito bonita que imaginei ter uns 16 anos de idade”, recordou ele, e que “vivia absorvida pelo medo de nunca encontrar seus filhos de novo”. Com seu alemão fluente e suas maneiras polidas, ele logo se tornou uma importante figura paterna para a jovem mãe alemã.¹⁸

Depois de partir de Dachau, o comboio de caminhões atravessou Munique, balançando como um navio ao passar pelos buracos na estrada. A cidade fora bombardeada recentemente e ainda havia muita fumaça no ar. Payne Best, que tinha vivido e estudado em Munique, só conseguia ver escombros de prédios derrubados por trás de muralhas de entulho. Os bondes ainda funcionavam, mas suas vidraças quebradas haviam sido substituídas por pedaços de papelão. Era difícil acreditar que alguém naquela cidade ainda estivesse vivo. “Nem um ser humano, nem uma luz, nem um barulho”, observou outro prisioneiro. Mas Fey estava preparada para o que seus olhos viram: “Da Munique que costumávamos visitar não sobrou praticamente nada”, sua mãe lhe escrevera no último mês de janeiro, após um grande ataque aéreo.

À medida que se aproximavam das montanhas, a estrada ia ficando mais íngreme e estreita. Em determinado trecho, os prisioneiros foram retirados do caminhão para empurrá-lo, e Fey se juntou aos outros. Em uma destas paradas, reconheceu mais um *Prominente*, um homem baixo de idade avançada, óculos, bigode cerrado e longos cabelos brancos. Ele carregava uma bengala e

caminhava com dificuldade. Era Léon Blum, primeiro-ministro da França duas vezes na década de 1930, num governo popular de esquerda. Socialista de longa data, ele introduzira a jornada semanal de trabalho de quarenta horas e a negociação coletiva, assim como nacionalizara o Banco da França e a indústria de munições do país. Após a derrocada da França em 1940, foi detido pelo regime de Vichy do marechal Pétain e levado a um tribunal de cartas marcadas sob acusações forjadas de “culpa de guerra”. Sob os holofotes da imprensa mundial, no entanto, ele conseguiu virar a mesa e o julgamento fracassou, o que o fez reemergir com um prestígio ainda maior.

Mas sendo socialista, judeu e um partidário ferrenho do general De Gaulle como a personificação da resistência francesa, ele foi um alvo de tripla suspeita para os nazistas. Depois que eles assumiram o controle da França em novembro de 1942, Blum foi mandado para Buchenwald como refém. Lá, ele tinha pelo menos uma tênue esperança de vida e permanecia atento à presença diária da morte. Sobretudo porque Hitler tinha aprovado pessoalmente a inclusão do nome de Blum em uma lista de reféns que seriam mortos em represália à execução de colaboracionistas pela França Livre de De Gaulle. Esta não era uma ameaça vazia. Por muitos meses, Blum dividiu espaço com Georges Mandel, ministro do Interior de seu país na época da derrocada francesa, e observou a hostilidade dele à Alemanha nazista. Mas, em julho de 1944, Mandel foi mandado de volta para a França e assassinado pela milícia colaboracionista. O irmão de Blum, René, antigo diretor do Balé de Monte Carlo, já havia perecido em Auschwitz.

Mantido com sua esposa em uma caserna especial, Blum tinha permissão para ler jornais franceses e ouvir rádio, de forma que pouco via as barbaridades cometidas em Buchenwald, embora, às vezes, captasse um odor estranho no ar — o cheiro do crematório a pleno vapor.

Depois de ser evacuado do campo, ele escreveu um diário. Era repleto de sombrios pressentimentos de morte, embora exteriormente, em consideração aos outros prisioneiros, ele mantivesse um ânimo positivo. Estava convencido da realidade dos planos nazistas para o Reduto Alpino e tinha certeza de que todos os *Prominente* seriam esmagados na queda definitiva do Terceiro Reich. Hitler sucumbiria, ele escreveu em seu diário, “mas, assim como os déspotas do Oriente — como Sardanapalo, na pintura de Delacroix —, levando para a pira funerária seus comparsas, escravos e reféns”.

Os caminhões continuaram chacoalhando em sua travessia noturna e, ao amanhecer, cruzaram as ruas adormecidas de Innsbruck. Fora dos limites daquela cidade austríaca, pegaram uma estrada vicinal e pararam em frente a um portão onde sentinelas da SS montavam guarda. Era o “Campo de Educação da Polícia” de Reichenau, o que significava, como observou Payne Best, ser a polícia que cuidava da educação.

Fey não via a hora de saltar daquele caminhão e, assim que o veículo parou, foi uma das primeiras a pular e esticar as pernas e os braços sob um sol auspicioso. Já fazia calor, e ela se viu em um vale muito bonito cercado de montanhas. Mas isso era apenas um contraste para o campo que os aguardava, sórdido e infestado de piolhos, com valas abertas usadas como banheiro.

Durante horas, os prisioneiros recém-chegados ficaram expostos ao sol quente. Na longa espera, descobriram que havia muitos oficiais britânicos no campo. Alguns eram sobreviventes do massacre infligido aos oficiais da Força Aérea britânica que haviam escapado do Stalag Luft III na “Grande Fuga” de março de 1944. (Cinquenta deles, recapturados após a fuga, foram fuzilados por ordem pessoal de Hitler.) Estava ali também o tenente-coronel Jack Churchill, que fora capturado dramaticamente em um ataque aéreo no litoral da Dalmácia.

Porém, o mais proeminente do grupo inglês era um homem bem-apegoado com seus trinta e poucos anos, o capitão Peter Churchill. Nem ele nem Jack Churchill tinham parentesco com o primeiro-ministro britânico — ou mesmo entre si —, mas cuidavam para que seus captores não abandonassem essa ideia. Peter era um oficial da SOE e fora capturado na França. Durante nove meses, trabalhara atrás das linhas inimigas, antes de ser traído e preso pela Gestapo junto com sua parceira de operações, Odete Sansom. Daí em diante, ele passou vários meses em Sachsenhausen, antes de ser transferido daquele campo, junto com outros *Prominente*, para Dachau.

Invocando o nome Churchill em um esforço para proteger a parceira, ele garantiu que Odete era sua esposa, mas eles foram separados pouco depois da prisão, e agora Peter não tinha ideia de para onde a tinham levado. Na verdade, ela estava em Ravensbrück, onde, como ele esperava, o boato sobre Churchill a livrara da morte. Mas ela foi mantida em confinamento em uma minúscula cela solitária próxima ao pátio de execuções. Todos os dias, ela ouvia rajadas de tiros que lhe informavam da matança contínua no campo. Aqui, escreve um

historiador, “no clima de sadismo ou anglofobia, seus captores a sujeitavam à fome, a extremos de claridade ou escuridão, ao calor e ao frio”. Era melhor que Churchill ignorasse tudo isso, pois ele tinha se apaixonado por ela.¹⁹

Entre outros *Prominente* que desembarcaram dos caminhões estavam Mario Badoglio, cujo pai havia negociado o armistício italiano com os Aliados, e o general Garibaldi, um comandante partisan do norte da Itália, de 60 anos, neto do grande libertador italiano do século XIX. Em Dachau, ele foi escalado pelos carcereiros para ser o limpador de latrinas. Havia também o coronel Ferraro, seu braço direito, um tipo alto e atlético, com cabelos castanhos cacheados, que fumava placidamente seu cachimbo no meio do tumulto e da gritaria. Na visão de Peter Churchill, ele olhava para todo mundo como “um campeão de golfe esperando pacientemente em um clube pela sua vez de jogar”.²⁰ Havia também vários outros membros da resistência italiana. Fey os achava gentis e generosos, embora sua postura às vezes a incomodasse. “Eles andavam empertigados como pavões”, zombou ela, “como se eles, e somente eles, pudessem salvar a Itália”.

Outras personalidades conhecidas da Alemanha haviam se juntado ao comboio. Uma delas era o industrial e magnata do aço Fritz Thyssen, que ajudara a financiar a ascensão de Hitler ao poder, mas com o tempo entrara em rota de colisão com o Führer e fugira para a França, onde foi capturado e entregue aos nazistas pelo regime de Vichy. Outro antigo prisioneiro era o príncipe Philipp de Hesse, bisneto de George V, rei da Grã-Bretanha, e sobrinho do imperador Guilherme II. Fey estava surpresa de vê-lo por ali, uma vez que ele era um conhecido partidário do nazismo, amigo pessoal de Hermann Göring e o homem que, na Itália, ajudara a pilhar obras de arte para o futuro Führermuseum imaginado por Hitler. Mas ele era também casado com a princesa Mafalda, filha do rei italiano Vítor Emanuel, e depois que Hitler considerou o monarca responsável pela deposição de Mussolini, Philipp e sua esposa foram presos e encarcerados em campos de concentração diferentes.

Fey sabia que Mafalda havia morrido em um ataque aéreo aliado quando estava em Buchenwald, mas quando Hesse lhe perguntou se sabia do paradeiro de sua esposa, ela não conseguiu contar a verdade. Além disso, sentia-se muito desconfortável junto dele. Como confessou mais tarde a Best, ele havia sido um nazista cheio de mentiras, traições e desonestidade, e tinha se portado “vergonhosamente” em relação a seu pai.²¹

A figura mais conhecida entre todos os alemães era o dr. Hjalmar Schacht, ex-presidente do Reichsbank. Ele era mais um desiludido com o nazismo. “O futuro da Alemanha é sombrio”, preconizava, “porque loucos, charlatães e megalomaníacos jogaram fora o capital do seu bom nome e a sua honradez”. Ele declarou que a melhor coisa para a Alemanha no momento seria a dominação britânica.²² No grupo estava também o coronel Bogislav von Bonin, um oficial que ainda vestia o uniforme da Wehrmacht, mas que fora exonerado por Hitler por desobedecer às suas ordens de jamais capitular diante dos russos, mesmo que em posição insustentável.

Fey passou a maior parte do dia tentando descobrir se algum deles sabia alguma coisa sobre o destino de seus meninos nas mãos da SS. Tudo que soube foi que alguns filhos de prisioneiros estavam sendo mantidos em instituições especiais e que outros haviam tido seus nomes trocados e foram dados para adoção a famílias alemãs. Depois de insistir o suficiente, ela mudou de assunto, porque ninguém parecia muito interessado nisso. O que preocupava a todos agora era a própria sobrevivência.

No entanto, qualquer que fosse o seu destino, esta Miniliga das Nações agora estava unida. Como Blum colocou, eles tinham sido armazenados como um resíduo filtrado dos “mais detestáveis adversários [do nazismo], sujeitos e vassalos gravemente suspeitos de traição [...] o último batalhão de inimigos e reféns”. Blum, socialista e judeu secular, só podia concordar com a cabeça quando Schuschnigg, católico devoto e flagelo do socialismo austríaco, observava pesarosamente que ambos haviam buscado o bem-estar de seus países e a paz, mas agora tinham somente o mesmo inimigo. Fora preciso o horror nazista para fazer aqueles dois homens compreenderem os valores que tinham em comum. “Devo agradecer à Gestapo”, escreveu Schuschnigg, “por ter conhecido e me relacionado com Léon Blum, em quem reconheço um grande europeu e — ainda mais importante para mim — um caráter reto e nobre”.²³

Blum, sem dúvida, tinha se tornado um poderoso símbolo vivo da Europa democrática destruída pelos nazistas. Ao ser despachado de Dachau junto com os outros, ele foi reconhecido pela multidão de prisioneiros esqueléticos que os viu atravessar o campo em direção aos caminhões. Blum ouvia seu nome ser pronunciado, junto com o de Schuschnigg e outros, num poderoso sussurro em volta deles. Em troca, eles começaram a sussurrar suas nacionalidades:

francês, austríaco, russo. Então a multidão começou a fazer o mesmo, e Blum teve a impressão de que um forte sino bradava a vitória.²⁴

A dignidade pessoal de Blum em meio àquelas condições precárias impressionava a todos no grupo de Fey. “Creio que a maior parte de nós concordava”, escreveu Peter Churchill, “que o veterano Léon Blum era um exemplo ímpar de mente alerta, espírito inquebrantável e modos invariavelmente fascinantes, capazes de fazer todos os corações franceses suspirarem de orgulho, independentemente de sua posição política”.²⁵

Para o alívio de todos, cinco grandes ônibus foram enviados a Innsbruck para substituir os caminhões. Como em algumas excursões turísticas do pré-guerra, eles se instalaram nas poltronas, agradecidos por deixarem para trás mais um antro nazista infectado de insetos. Ao pôr do sol, eles estavam a caminho do passo do Brennero e da fronteira italiana. Desta vez, o comboio foi obrigado a parar, enquanto bombardeiros aliados metralhavam as estradas para bloquear a movimentação em grande escala das tropas alemãs e o tráfego de munição, aparentemente para o Reduto Alpino. Era difícil ver alguma coisa do lado de fora, mas Fey reparou na queda da temperatura quando eles atingiram os picos nevados das montanhas.

Como de costume, ela ficou grudada em Alex e nos outros Stauffenberg. Embarcados com eles estavam os Blum, os Schuchnigg e o pastor Niemoller. O ânimo era sombrio. Bader e Stiller estavam agora acompanhados por cerca de vinte guardas da SS e, ameaçadoramente, levavam uma caixa de granadas a bordo. Para quê? A guerra ainda não havia acabado. E todos temeram pelo pior.

Em outro ônibus, os prisioneiros resolveram levantar o ânimo cantando. Este ônibus ficou conhecido como o ônibus inglês, embora houvesse ali alguns prisioneiros sem relação com o grupo de oficiais britânicos, um dos quais, uma alemã da mesma idade de Fey, também uma *Sippenhafte*. Mas com um passado inteiramente diferente.

Isa Vermehren era uma cantora de cabaré e acordeonista de Berlim que gravara vários discos e atuara em meia dúzia de filmes. Uma jovem promissora dos anos 1930, ela se consagrou com baladas de amor e canções de marinheiro, chegando ao topo das paradas, e nos primeiros anos de guerra foi levada ao front para divertir as tropas.

Mas, assim como Fey, foram as atividades de membros de sua família que a tornaram uma vítima do nazismo. No caso de Isa, foi seu irmão Erich, tachado de politicamente incorreto ao recusar o ingresso na Juventude Hitlerista. Ele teve sua bolsa de estudos da Rhodes, em Oxford, suspensa por ordem do próprio Hitler. Como forma de protesto, Erich se filiou à Igreja Católica, mas posteriormente deu um jeito de ser mandado para Istambul como membro da Abwehr. Por fim, em fevereiro de 1944, ele desertou para o lado britânico, junto com sua esposa e parceira no serviço secreto, a requintada condessa Elizabeth von Plettenberg, de uma das famílias católicas mais importantes e tradicionais da Alemanha.

A dupla deserção fez a paciência de Hitler com a Abwehr se esgotar — havia muito tempo ele suspeitava, com razão, que o serviço abrigasse membros com sentimentos antinazistas. Suspeitando até mesmo da lealdade de seu comandante, o almirante Canaris, o Führer decidiu extinguir o serviço e transferir suas funções para a SS de Himmler.

A fim de proteger a família de represálias, Erich tentou disfarçar sua deserção e planejou com agentes britânicos um “sequestro” em via pública. Mas a SS não caiu no golpe. Circulavam rumores de que os Vermehren haviam fugido com códigos secretos da Abwehr e um Hitler enfurecido decidiu por uma ação exemplar. Isa, seus pais e um irmão foram presos e se tornaram os primeiros *Sippenhafte*. Em abril de 1944, seus pais foram mandados para Sachsenhausen, enquanto Isa ficou interna em Ravensbrück antes de terminar no comboio internacional que agora se dirigia para o passo do Brennero.²⁶

Peter Churchill a encontrara alguns dias antes. Ela o tinha procurado após saber que havia um Churchill no grupo e perguntou se fora a mulher dele que encontrara em Ravensbrück. Pela descrição, Isa soube que se tratava mesmo de Odete. Ela contou que, por causa de ordens expedidas pelo comandante do campo, ela era chamada de Frau Schurer, embora todas soubessem quem era realmente. Odete estava com ótima saúde e moral elevado, garantiu a Churchill. Entretanto, aconselhou que ele conversasse com outro prisioneiro que havia estado em Ravensbrück em contato mais próximo com Odete. E ele o fez, colocando no bolso uma foto de Odete para mostrar ao homem. Este levou algum tempo para reconhecê-la. “Sim, sim [...] pode ser ela”, o homem por fim admitiu. “As pessoas mudam tanto na prisão [...] desculpe, meu caro Churchill.” Isso foi como um soco no estômago. Agora, sozinho com seus

anseios sobre a integridade física e mental de Odete, ele só conseguia imaginar o pior.²⁷

Isa ainda tinha seu acordeão, mas não liderava a cantoria. Isso ficava a cargo de um membro do contingente britânico: um sargento irlandês de cabelos ruivos chamado Thomas Cushing, que fora capturado em Calais, em 1940, durante a frenética retirada britânica para Dunquerque. Grandalhão, Cushing era um mercenário com forte sotaque irlandês e boa lábia. “Depois de três ou quatro cervejas, sou o maior contador de histórias desde o velho Paddy Flynn do condado de Sligo”, ele se gabou certa vez, “e isso é fato!”.²⁸ Cushing dizia ter lutado no Exército Republicano Irlandês e também com o Exército dos Estados Unidos na China, na Nicarágua e nas Filipinas. Por um tempo, chegara a trabalhar como guarda no presídio de Alcatraz, antes de se juntar ao Batalhão Lincoln e combater ao lado dos republicanos na Espanha.

Após sua captura em Calais, fugiu três vezes antes de ser recrutado pela Abwehr, que o treinou como agente secreto para operar na Grã-Bretanha, onde os irlandeses planejavam imediatamente recrutá-lo. Mas a Gestapo percebeu seu jogo duplo e o lançou em um campo de concentração. Ali, afirmou ele, compartilhava seus pacotes da Cruz Vermelha com Jacob Stalin, o filho do ditador soviético que também fora detido.

Agora, ele puxava o coro em seu ônibus em um show de bravura despreocupada, enquanto Isa o acompanhava no acordeão. O irlandês mostrou-se também um exímio percussionista, Isa recordou, “tirando som do que lhe aparecesse pela frente, malas, janelas, painéis e qualquer outro objeto sólido, como as cabeças de quem se sentasse à sua frente”. Quando não tinha no que bater, simplesmente gritava: “bababababa...”.

O estranho concerto alcançou seu clímax quando o ônibus chegou ao cume do passo do Brennero e duas dezenas de vozes cantaram uma versão lasciva de “The Boulevard of Broken Dreams” [Bulevar dos sonhos perdidos], sucesso de 1934 do musical hollywoodiano *Moulin Rouge*. “Eu ando pelas ruas da tristeza/ o bulevar dos sonhos perdidos/ onde o gigolô e a cafetina/ podem se beijar sem segredo/ para esquecer seus sonhos perdidos.” Para Isa, a letra tinha um significado especial, uma vez que seu noivo era prisioneiro de guerra dos russos e ela não tinha ideia de onde poderia estar, ou mesmo se estaria vivo.²⁹

Perto do topo da passagem o ônibus de Fey enguiçou, e novamente eles tiveram que saltar e empurrar. Era uma noite de lua cheia e, iluminadas pela

sinistra luz, centenas de figuras silenciosas caminhavam pelas margens da estrada.

“Alguns eram trabalhadores italianos libertados dos campos de trabalho forçado [na Alemanha]”, recordou Fey, “outros provavelmente tinham escapado de campos de concentração. Todos faziam lentamente seu caminho de volta para a liberdade, arrastando-se pela paisagem desoladora da montanha”. Nas semanas seguintes, aquele filete de refugiados marchando para casa sobre os Alpes se tornaria uma torrente com mais de 6 mil homens, mulheres e crianças cruzando o passo do Brennero a cada dia.³⁰

Por fim, o ônibus foi consertado e atingiu o cume, cruzando a fronteira da Itália e começando sua longa e lenta descida para o Alto Ádige, território concedido à Itália pelo império austro-húngaro após a Primeira Guerra Mundial, mas de maioria germanófona.

À luz da aurora, até mesmo o ônibus inglês estava em silêncio. Para Isa Vermehren, ver aquela estranha paisagem montanhosa apenas agravava seu estado de apreensão. Até mesmo uma mínima redução da velocidade do comboio era motivo para alarme. Havia uma sensação crescente de que se aproximava a hora da decisão. Quando eles viam um albergue ou uma vila, os ânimos se aliviavam, mas um recanto mais isolado inspirava medo.

Stiller garantira a Best que eles se dirigiam para um hotel no Alto Ádige, onde os prisioneiros seriam mantidos até a chegada das tropas aliadas. Best, porém, suspeitava disso. Se isso era verdade, por que Bader e seu contingente da SS ainda estavam com eles? Eram homens com um histórico sinistro de assassinatos. E para que a caixa de granadas?

Sentado perto de Fey, “Onkel” Moppel, um dos Stauffenberg mais velhos, ainda usava seu uniforme de oficial de cavalaria. Estava convencido de que o destino do grupo era Bolzano, a capital provinciana do Alto Ádige. Ali, afirmava ele, os nazistas tentariam sua infame resistência final.

12. REFÚGIO ALPINO

Quando rompeu a manhã de sábado, 28 de abril, o comboio de ônibus que transportava Fey e os outros prisioneiros concluiu a travessia do passo do Brennero e prosseguiu em direção a Bolzano. Então, tomou uma estrada vicinal e rodou por vários vilarejos antes de parar bruscamente. Algum tempo depois, dobrou à direita e seguiu por uma estrada estreita cruzando uma ferrovia antes de fazer nova parada. Já eram quase nove horas. Estavam a um quilômetro e meio da pequena cidade de Villabassa. Nem Bader nem Stiller pareciam saber o que estava acontecendo. Fey viu os dois confabulando na estrada antes de mandarem tocar na direção da cidade. Sentinelas com armas automáticas tomavam posição ao longo da estrada a cada 10 metros. Léon Blum estava convencido de que o fim era iminente. As únicas perguntas que pareciam relevantes eram: Onde? Quando? Como?¹

Fey estava sentada naquele ônibus havia horas. Já passava do meio-dia. Lá fora, chovia. Ela não comia ou bebia desde o campo de Reichenau, no dia anterior. O mesmo valia para os outros, inclusive os guardas. Enquanto o tempo passava, alguns optaram por relaxar e compartilhar suas expectativas pelo reencontro com suas famílias, agora que a guerra estava quase no fim. Não faziam ideia do que aconteceria em seguida. Tinham cada vez mais fome e sede. No fim da tarde, a atmosfera voltou a mudar. Os prisioneiros estavam ficando impacientes e os guardas, nervosos e agitados. O que os homens da SS faziam naquela aldeia?

Mas um dos companheiros de Fey já estava empenhado em descobrir isso. Durante a interminável viagem pelas montanhas, o coronel von Bonin captara uma conversa ao pé do ouvido entre os dois guardas da SS. Era noite alta, e, julgando que todos os prisioneiros dormiam, os homens discutiram sobre o

que fazer com aqueles da comitiva cujos nomes não estavam na lista de extermínio. “Bem”, disse um dos guardas, “a ordem é colocarmos a bomba debaixo do ônibus, ou antes ou logo depois do...” Então o barulho do motor impediu que ele ouvisse a conclusão da frase. Mas von Bonin já escutara o suficiente.

Pouco depois de Bader e Stiller estacionarem os ônibus em Villabassa, ele usou seu status de oficial uniformizado da Wehrmacht para intimidar os militares mais jovens a lhe permitirem sair do ônibus. Então, ele seguiu os dois oficiais SS até a cidade a fim de tentar descobrir o que estava acontecendo.

Em outro ônibus, o capitão Payne Best também se convencera de que havia algo sinistro no ar. Então, disse a Thyssen e a Schacht que era chegada a hora de tentar um suborno, e perguntou se eles aceitariam dispor de 100 mil francos suíços para convencer o maleável Stiller a levá-los até a fronteira suíça. O ex-industrial e o ex-diretor do Reichbank concordaram em agir como banqueiros, mas negaram-se a levar a proposta de suborno a Stiller. Isso enfureceu Payne Best, que achava que já era tempo de os alemães do grupo tomarem alguma iniciativa.

Enquanto discutiam, um grupo de ciclistas em um passeio matinal reconheceu Schuschnigg (o ex-chanceler austríaco era uma personalidade conhecida e reverenciada na região). Eles espalharam a notícia da presença do comboio na região e logo a novidade chegou aos ouvidos do líder da resistência local, dr. Antonio Ducia. Em pouco tempo ele já organizava hospedagem para os prisioneiros em casas e estalagens dos arredores.

Nesse meio-tempo, Bader, Stiller e a maior parte dos guardas da SS se empanturravam de salsicha e cerveja no Hotel Bachmann, uma pequena hospedaria situada na praça principal da cidade. O plano deles ainda não estava claro, mas, qualquer que fosse, foi repentinamente interrompido. Von Bonin já havia decidido contatar o general von Viettinghof, comandante das forças alemãs na Itália e seu amigo dos tempos de quartel-general, para participar dos acontecimentos. Enquanto pensava em uma maneira de atingir seu intento, observou a praça e viu um grupo de oficiais alemães conversando. Não demorou muito para persuadi-los a permitir que ligasse para Viettinghof e o alertasse sobre o que estava ocorrendo. A última coisa de que o comandante alemão precisava, àquela altura, no exato dia em que negociava a rendição de

suas forças na Itália, era um massacre, então ele prometeu a Bonin que tomaria as “medidas apropriadas”.

Uma hora mais tarde, os homens da SS ainda desfrutavam de seu almoço quando a porta do Hotel Bachmann se abriu e um major da Wehrmacht entrou com uma pistola na mão e um pelotão de soldados armados atrás de si. Os atônitos homens da SS não tiveram tempo de reagir quando o major gritou que entregassem suas armas. Bader tentou uma resposta intempestiva, mas recebeu ordem para calar a boca e conferir se seus homens estavam desarmados. Confuso e intimidado, ele obedeceu.

Com a Wehrmacht agora no controle, finalmente os prisioneiros estavam a salvo. O Exército alemão atuaria como seus guardiões, não como captores. Mas eles ainda precisavam de proteção caso a SS tentasse recapturá-los.

Pouco depois, os demais prisioneiros chegaram à cidade e foram encaminhados aos vários lugares confortáveis que Ducia lhes havia providenciado. Fey e as mulheres mais jovens do grupo dormiram em colchões no térreo do Hotel Bachmann, com a barriga forrada por uma refeição quente tipicamente tirolesa servida pelos funcionários da hospedaria.

A celebração estava no ar. Ao longo da noite, grupos de excitados soldados alemães voltando para casa apareceram no hotel. Mas alguns deles, Fey reparou, deixavam transparecer em seus rostos que a guerra ainda não havia terminado. “Churchill e os americanos vão se juntar a nós em um ataque aos russos!”, bradavam eles. Fey estava certa de que eles sabiam que isso jamais iria acontecer, mas eles estavam desesperados pela sorte de suas esposas, filhas e mães nas mãos dos soviéticos. “Acima de tudo”, escreveu ela, “este palavrório dos pobres soldados trouxe à tona para mim a crueldade de Hitler e dos nazistas contra o próprio povo alemão”. Como a confirmar isso, agora que sua tarefa havia sido abortada, Stiller confessou que recebera ordens do gabinete de Himmler para que aqueles prisioneiros em nenhuma hipótese fossem parar nas mãos dos Aliados. A data-limite para seu extermínio era 29 de abril — o dia seguinte.

Payne Best também se alojou confortavelmente no hotel. Tarde da noite, ele foi até a cozinha à procura de uma bebida. Dois guardas da SS que haviam continuado no hotel esvaziavam uma garrafa de vinho e Best juntou-se a eles, um dos quais, Fritz, já estava bastante alto e não absorvera ainda o rumo dos

acontecimentos. Em tom truculento e lacrimejante, ele falava emocionado da mulher e dos filhos e de como não permitiria ser apanhado vivo.

Então, tirou do bolso um pedaço de papel. “Aqui está a ordem de execução”, disse a Payne Best. “Vocês não passariam de amanhã!”, continuou, agitando a folha freneticamente. E, em uma reviravolta emocional, confidenciou: “Herr Best, você é um amigo.” O plano, revelou ele, era botar fogo no prédio que seria usado para alojar os prisioneiros, e então fuzilá-los. Mas fuzilamento era trabalho sujo, confessou Fritz. Ele sabia por experiência própria que nem sempre a morte era rápida e disse que planejava, quando o momento chegasse, chamar Payne Best de lado e aplicar nele um rápido e certo “*Nackenschluss*” — um tiro na nuca —, e tudo se acabaria em um segundo.

A essa altura, o companheiro de Fritz já havia desmaiado sobre a mesa, e o próprio Fritz se tornava cada vez mais estranho e melancólico. Sua querida esposa e seus filhos não tinham ideia, admitiu, de quantas centenas — não, milhares — de pessoas ele matara durante a guerra, e isso era uma coisa terrível. Mas era tudo culpa dos judeus e dos ricos na Grã-Bretanha e na América. Hitler era um bom homem e só desejava a paz...

Enquanto ele divagava em seu terror etílico, Payne Best saiu de fininho e se recolheu ao quarto. Fey dormia alegremente, confortável em seu colchão sobre o assoalho.

O perigo, entretanto, não havia passado. Havia outras unidades da SS perambulando nas proximidades, a guerra não estava oficialmente terminada e ainda era preciso encontrar um local seguro para os prisioneiros. Para piorar as coisas, na manhã seguinte Payne Best descobriu que o general Garibaldi e o coronel Ferrero estavam planejando uma insurreição com os partisanos para tomar a cidade de assalto naquela noite e levar os prisioneiros para lugares seguros nas montanhas.

A ideia já recebera apoio de alguns membros do contingente britânico, inclusive de Peter Churchill e dos fugitivos da RAF, mas Payne Best só conseguia ver maus presságios naquele plano que considerou “absolutamente louco”.² Os membros locais da resistência italiana pareciam jovens inexperientes que rapidamente colocavam lenços vermelhos ao redor do pescoço. Não teriam a menor chance contra os profissionais bem armados da Wehrmacht.

Então, ele chamou Garibaldi de lado e manifestou seus temores. Suponhamos que as coisas não saiam como o planejado e pessoas como Blum e Schuschnigg sejam mortas. Imagine o clamor internacional e quem levaria a culpa. O que aconteceria com o Alto Ádige, apenas há pouco sob jurisdição italiana? Um episódio como este, uma vez comprovada a imperícia de Garibaldi e seus homens, poderia afetar seriamente o futuro da região como parte da Itália. Além disso, acrescentou Best, a Wehrmacht não tinha interesse em molestar os prisioneiros e, a essa altura da guerra, por que provocá-los?

Essa argumentação poderosa sensibilizou Garibaldi e ele resolveu abortar o plano, mas não sem o descontentamento do coronel Ferrero, que se retirou bruscamente da sala. Ao meio-dia, Fey e os demais se encontraram no restaurante, e Payne Best subiu em uma mesa para anunciar que agora todos ali já podiam se considerar livres, mas, por precaução, deveriam permanecer onde estavam enquanto se completassem as negociações para hospedá-los em outro hotel, em um ponto mais alto das montanhas. Acessível apenas por uma única e apertada estrada, o futuro hotel poderia ser facilmente protegido e seria um lugar seguro para aguardar a chegada das forças aliadas e o fim oficial da guerra.

Era domingo, 29 de abril — o dia marcado pela SS para as suas mortes. Agora, Fey já se sentia menos entre estranhos e mais entre amigos. O oficial da Wehrmacht que os guardava era o major Werner von Alvensleben, que ela logo descobriu ser conhecido de sua família e até já ter estado com seus pais em sua casa de campo. Por uma incrível coincidência, ele era irmão do oficial da SS em Udine que se recusara a ajudá-la depois de sua prisão em Brazzà. “Não falemos sobre ele!”, disse Alvensleben. “Você já deve ter percebido que ele é a ovelha negra da família. Ele sempre foi um nazista e eu só espero, pelo bem dele, que não continue assim até o fim da guerra.”³

Enquanto isso, na França, Francesca Wilson experimentava um alívio temporário ao sair de Granville e esquecer um pouco a guerra. Um dos diretores da UNRRA era um general reformado que, como ela, era natural de Northumberland. Eles foram juntos de carro para o interior, e os campos franceses eram ainda mais bonitos do que ela esperava. “Faíais, viscos, plátanos e álamos brilhavam no laqueado de suas folhas frescas”, lembrou, “e o ar estava tomado pelo calor de uma primavera que mais parecia verão”. Eles

ultrapassaram comboios de prisioneiros de guerra alemães que catavam lenha à margem das estradas vigiados por soldados negros. Os pomares, pastos e campos arados transmitiam uma profunda paz e eram pontilhados por vilarejos de pedra e graciosas igrejas que lembravam a Francesca sua terra natal e cidades inglesas como Hexham, com sua antiga abadia saxônica, e Corbridge, no rio Tyne, com sua origem românica. Quando criança, ela passava as férias com a família nos vilarejos mouros isolados e se deliciava com a paisagem, com a exótica muralha romana, com o som das tarambolas uivando no vento e com os ecos de Meg Merilies, a personagem cigana de Walter Scott.⁴

A maioria dos recrutas britânicos que ela conhecera em Granville eram oficiais aposentados do Exército, muitos deles indianos e ex-integrantes das forças coloniais, e havia muita conversa à noite, no bar, a respeito de Poona e dos bons tempos do Raj. Outros tinham vindo do governo local ou de organizações de defesa civil. Levando em conta que as obrigações da UNRRA envolviam basicamente o trabalho de assistência social, ela ficou surpresa ao constatar que era uma das poucas mulheres do grupo.

“É difícil”, ela escrevera no início do ano em um panfleto para os quakers, “escolher as pessoas certas para um trabalho humanitário no exterior. Motins atraem não só os desequilibrados, mas aqueles com poder construtivo. As pessoas que arruinaram suas vidas em seu próprio país estão ansiosas para deixá-lo”, alertou, “e conseguem ótimas referências de amigos que acham que elas serão muito úteis em outro lugar — e preferem vê-las por lá”. Viciados em drogas, alcoólatras, fugitivos da lei, todos “se infiltram nas agências humanitárias, junto com um bando de aventureiros loucos para escapar do confinamento exigido dos civis em tempos de guerra”. Francesca reconhecia a importância do espírito de aventura, assim como capacitação específica, mas o que considerava essencial, acima de tudo, eram a solidariedade e o amor ao próximo, “no sentido bíblico tradicional”.⁵

Em Granville, porém, a maior parte das mulheres que encontrou tinha sido bem escolhida. Com idades variando sobretudo entre 30 e 45 anos, elas agregaram uma experiência valiosa como organizadoras de abrigos e casas de repouso para retirantes, atuando nas fábricas, na orientação de crianças refugiadas e em tarefas afins. No grupo reduzido de mulheres, havia um bom contingente de francesas. Algumas haviam trabalhado com refugiados durante a desastrosa queda da França em 1940; outras ajudaram na resistência; e havia

ainda as que tiveram experiência na linha de frente do I Exército francês na Alsácia. Também fazia-se presente um grupo de americanas. As poucas que falavam uma língua estrangeira levavam vantagem, e Francesca teve de admitir que as americanas tinham muito mais vivência profissional em serviço social do que as outras, mostrando-se administradoras de mão cheia.

Entretanto, quando abril chegava ao fim e a hora da ação se aproximava, a ansiedade entre os voluntários e as voluntárias da UNRRA cresceu. Francesca imaginava se os outros em seu grupo estariam capacitados. E como havia agentes de mais de 12 nacionalidades sendo treinados no campo, ela tinha dúvida se conseguiria sequer se comunicar com os membros de sua equipe.

Agora, na preparação para a partida iminente, todos haviam sido levados para a pequena cidade litorânea de Jullouville, 7 quilômetros ao sul. Em vez do conforto do Hotel Normandie, Francesca se viu no pátio de uma velha escola. Não havia privacidade, eles dormiam em colchonetes em uma grande área que parecia uma estação de trem e os banheiros sem assento afligiam as americanas. As listas com as equipes começaram a aparecer no quadro de avisos e eram avidamente consultadas. Mais tarde, Francesca ouviu murmúrios e cochichos de pessoas descontentes com suas equipes. Em alguns casos, para conter rebeliões, a direção da UNRRA, mesmo contrariada, alterou as equipes. Apesar de tudo, Francesca estava feliz que abril tivesse ficado para trás.⁶

No domingo, 29 de abril, quatro dias depois de Fey von Hassell se livrar definitivamente dos horrores dos campos de concentração, pelotões avançados do VII Exército dos Estados Unidos do general Patch entraram em Dachau. Em Milão, o cadáver mutilado de Mussolini estava dependurado humilhantemente na Piazza Loreto, ao lado do corpo de sua amante. Em Berlim, Adolf Hitler preparava-se para ditar seu último testamento particular e político.

Era uma manhã cinzenta e gelada quando a infantaria americana atravessou silenciosamente as ruas de Dachau, mantendo vigilância contra os franco-atiradores. Mas as ruas estavam desertas e não havia resistência. Patrulhas avançadas se dirigiram para o campo. Uma delas chegou até ele vindo do sul e atingiu seu portão principal.

Dachau era o maior campo de concentração a ser libertado pelas forças americanas. A essa altura, os horrores de Buchenwald já eram conhecidos por

todos, mas o que os soldados descobriram era ainda pior do que qualquer um deles havia imaginado. Em um ramal da principal estrada de ferro para Munique eles se depararam com 39 vagões de carga estacionados. Normalmente, eram usados para transporte de gado. Ao se aproximarem, os soldados ficaram impactados pelo fedor da morte. Todos os vagões estavam apinhados de corpos humanos em decomposição. No total, eles contaram 2.300 cadáveres entre homens, mulheres e crianças. Eles estavam ou completamente nus ou cobertos pelo uniforme listrado de azul e branco do campo de concentração, manchado de sangue e de excrementos. A maior parte dos presos havia morrido de fome durante o transporte de Buchenwald para Dachau havia cerca de três semanas. O trem chegara ao ramal apenas dois dias antes dos americanos, e os poucos prisioneiros que sobreviveram à jornada foram fuzilados ou mortos a pauladas pela SS.

Os soldados estavam chocados e incrédulos diante do que viam. “Nós já tínhamos visto homens se partirem em dois no campo de batalha, queimarem até a morte e morrerem de diversas maneiras”, um deles recordou, “mas jamais fomos preparados para aquilo. Muitas das vítimas estavam de olhos abertos. Parecia que olhavam para nós, dizendo, ‘por que demoraram tanto?’”. Alguns soldados choraram. Outros começaram a gritar e explodir de raiva. “Aquilo me assombrou por 36 anos”, confessou um soldado muito tempo depois. “Quem eram eles? Quais os seus nomes? De que país vinham? Qual a sua religião? Por que estavam lá?”⁷ Gritos de “Vamos matar todos esses bandidos!” e de “Não deixe nenhum SS vivo!” se seguiram ao episódio macabro.

A maioria dos guardas da SS tinha fugido do campo na véspera, mas alguns permaneciam no local. Quatro deles emergiram de um esconderijo com as mãos levantadas, mas um tenente americano simplesmente os levou à força até um dos vagões, mostrou-lhes a cena e descarregou sua pistola sobre eles.

Enquanto isso, outras unidades americanas se aproximavam do portão principal do campo. Quando chegaram perto, no entanto, metralhadoras dispararam das torres de vigia. Alguns prisioneiros exaltados, que trabalhavam na moenda em uma grande praça, começaram a investir contra a torre e os guardas atiraram neles também. No final, a infantaria americana dominou a torre e a maioria dos guardas foi morta. A história oficial conta que os soldados americanos tentaram proteger os alemães dos prisioneiros em fúria,

mas pelo menos uma testemunha ocular garante que, na sua ira, os americanos atiraram para matar.

Próximo à enfermaria do campo, outro grupo da SS foi cercado. Os americanos os puseram contra um muro enquanto uma metralhadora foi posicionada para mantê-los em forma. Pensando que seriam executados, os homens da SS entraram em pânico e começaram a correr. Alguém gritou: “Fogo!” e a metralhadora disparou. Na chuva de balas, 17 guardas da SS foram mortos.

O campo ainda abrigava cerca de 31 mil prisioneiros que sobreviviam com uma dieta de 600 calorias diárias. No cumprimento das ordens de Himmler, os alemães começaram a evacuar o campo vários dias antes da chegada dos americanos. Apenas dois dias antes, um grupo de mais de 6 mil prisioneiros tinha sido posto em marcha, supostamente para ajudar a construir o Reduto Alpino. Mas a apenas 25 quilômetros de Munique, em uma área deserta, os guardas abriram fogo e os chacinaram. Apenas sessenta sobreviveram.

Agora, os sobreviventes do campo estavam perto da morte por inanição e tifo. Não havia nem água nem energia elétrica, muito menos esgoto sanitário. Por fim, o tiroteio cessou. Na frente do portão principal, com o lema “*Arbeit Macht Frei*” (O trabalho liberta) escrito em arco, o comandante do campo rendeu-se oficialmente aos americanos. Depois disso, os prisioneiros ouviram que estavam livres. “Primeiros americanos vindos pela entrada”, escreveu um dos prisioneiros em seu bloco de notas. “Dachau livre!! Felicidade indescritível. Celebração insana.”

Muitos internos, desesperados, tentaram escapar pela cerca de arame, mas um oficial americano disse que eles deviam esperar pela chegada de comida, água e remédios. “Então, vi corpos voando pelos ares e prisioneiros os dilacerando com as próprias mãos”, contou. “Estavam matando os informantes entre eles. Na verdade, os fizeram em pedaços só com as mãos.”

Um pouco além do recinto dos prisioneiros ficava o crematório e as câmaras de tortura. Em um destes prédios jaziam os cadáveres de 1.200 prisioneiros, e além do crematório os americanos encontraram mais 2 mil corpos. Eles haviam sido jogados em uma vala pelos homens da SS, que não tiveram tempo de incinerá-los antes da fuga. Só depois que uma equipe de investigação dos crimes de guerra chegou ao campo, dias mais tarde, todos os corpos que tinham sido achados foram levados a sepultamento.

Um dos primeiros correspondentes de guerra dos Estados Unidos a entrar em Dachau foi Marguerite Higgins, uma repórter do *New York Herald Tribune* de 24 anos de idade. “Você é americana?”, gritou um dos prisioneiros. Ela fez que sim com a cabeça. Um pandemônio se instalou. “Homens esfarrapados e esqueléticos choravam, vibravam e gritavam ‘Vida longa à América’, caminhando em turbas na direção do portão”, ela escreveu.

Higgins inspecionou então um crematório. Lá, havia ganchos nos quais a SS pendurava os prisioneiros para chicoteá-los e também um mural grotesco pintado pelos próprios guardas, mostrando um homem sem cabeça de uniforme com a insígnia da SS em sua gola, montado em um porco no qual cravava suas esporas. Mostraram a ela ainda o local exato onde os prisioneiros tinham que se ajoelhar para receber tiros na nuca. Lá, apenas dez dias antes, o general Charles Delestraint, chefe do Exército Secreto do general De Gaulle na França, havia sido executado. Ele fora capturado pela Gestapo no verão de 1943 e mantido em uma caserna próxima à de León Blum e sua esposa. Ele se dirigiu para a morte acreditando, a princípio, que estava apenas sendo transferido para outro campo.⁸

As tropas americanas que libertaram Dachau tinham sido temporariamente desviadas de sua missão original de ocupar Munique — que Eisenhower descreveu como “o berço do monstro nazista” —, 23 quilômetros ao sul. “Estou mais apegado a esta cidade do que a qualquer outro pedaço de terra no mundo”, Hitler escreveu em *Mein Kampf*. Desde o nascimento do partido, no desdobramento revolucionário da Primeira Guerra Mundial, a cidade tinha adquirido uma suprema importância emocional e ideológica para o movimento nazista. Depois de assumir o poder, Hitler conferiu a Munique dois títulos honoríficos — “*Hauptstadt der Deutschen Kunst*” (Capital da arte alemã) e “*Hauptstadt der Bewegung*” (Capital do movimento) —, uma iniciativa que demonstrava sua afeição pela cidade onde passara boa parte da juventude e que ele ajudou a transformar no principal ponto de peregrinação dos idólatras políticos do Terceiro Reich. As honrarias foram incorporadas fisicamente com vários prédios novos e monumentais como a Haus der Deutschen Kunst (Casa da arte alemã) e os escritórios do Partido Nazista, que foram construídos como grandes palácios neoclássicos na Königsplatz. Em 1937, a cidade foi também declarada uma das cinco “*Führerstadt*” (Cidades do Führer). Se não tivesse sido

interrompido pela guerra, o projeto teria se desdobrado em uma extensa renovação urbanística que incluiria a construção do mausoléu de Hitler.⁹

Até aqui, o avanço americano pela Bavária em direção à cidade tinha enfrentado pouca resistência, porque as forças alemãs estavam desarticuladas e sem equipamento. Em muitos dos vilarejos típicos, a população acenava com bandeiras brancas e os tanques simplesmente seguiam para o próximo ponto do mapa. Mas onde os alemães ofereciam resistência, os tanques, a artilharia e a aviação transformavam rapidamente as construções em ruínas. A mensagem espalhou-se rapidamente. Logo, praticamente em todas as vilas tremulavam bandeiras brancas.¹⁰

O padrão de não resistência apareceu também nas cidades maiores. Em Memmingen, os americanos mandaram à sua frente um contingente de prefeitos de vilarejos que já haviam capturado para alertar que somente as bandeiras brancas salvariam a cidade da destruição imediata. Ninguém resistiu. Em Landsberg, onde Hitler escreveu *Mein Kampf* depois de ser preso em decorrência da fracassada intentona de Munique de 1923, as guarnições húngaras simplesmente se colocaram em posição de sentido para se render, e não houve combate algum. Em Augsburg, o comandante alemão teve cinco minutos para se render; ele perfilou suas tropas e todos marcharam diligentemente para fora da cidade, empunhando bandeiras brancas. Aqui, também, começaram a surgir evidências de uma resistência interna aos nazistas. Um grupo que se autodenominava “Partido da Liberdade de Augsburg” fez contato telefônico prévio com os americanos para anunciar que a cidade queria se render, e outros civis chegaram a conduzir uma coluna americana ao reduto do comandante alemão e dos governantes da cidade.

A Bavária, berço do nazismo, tombava de joelhos sem protestar. Munique, porém, mostrou-se um osso mais duro de roer, embora, mesmo aqui, uma resistência interna ao nazismo tenha se manifestado.

No sábado, 28 de abril, dois dias antes de as primeiras tropas americanas alcançarem a cidade, houve uma insurreição encabeçada por um pequeno grupo de cidadãos, que a denominavam “Ação pela liberdade da Bavária”. Liderado por um capitão da Wehrmacht, de uma companhia de intérpretes do Exército, o grupo incluía advogados, professores, funcionários públicos e médicos. Com o apoio de outras associações, algumas genuinamente

antinazistas, outras simplesmente cansadas da guerra, e outras ainda por mero oportunismo, o levante começou durante a madrugada.

No princípio, ele logrou sucesso, com a ocupação de duas estações de rádio para que o líder do grupo se dirigisse à população e conclamasse os cidadãos de Munique a se juntarem a eles. De repente, a bandeira azul e branca da Bavária apareceu em diversos pontos da cidade e o povo começou a ocupar as ruas entre rumores de que Hitler estava morto e de que a guerra havia terminado. Em poucas horas, entretanto, a insurreição fracassou. Os rebeldes não conseguiram capturar o prefeito de Munique, o nazista Paul Giesler, nem convencer o general Ritter von Epp, principal executivo do Reich na Bavária, a apoiar o movimento. E tampouco foram capazes de tomar o prédio do comando militar na cidade, ou a sede do Partido Nazista. Enquanto isso, de quartéis da SS no norte da cidade, nazistas fiéis ofereceram forte resistência. Às duas da tarde, Giesler já tinha retomado o controle da cidade, e os líderes do levante fugiram em um carro com placas da SS.¹¹

No entanto, Munique não estava em condições de se defender das quatro divisões americanas que estavam a caminho. A Wehrmacht entregou a cidade à sua própria sorte, e havia apenas agrupamentos de nazistas linha-dura dispostos a resistir. “Na maior parte do dia”, registrou o historiador oficial da última ofensiva americana,

tratou-se de despejar artilharia pesada, atacar as ruas da cidade por trás de fumaça, esquivar-se do fogo mortal das baterias antiaéreas e das insistentes metralhadoras — tudo o que nossos homens já esperavam enfrentar nas cidades alemãs cobertas de escombros. Ainda que uma grande bandeira branca tremulasse no prédio mais alto de Munique, as tropas da 45ª Divisão combatiam cômodo por cômodo no quartel da SS para desalojar os defensores mais obstinados.¹²

No caos destas últimas horas, uma multidão avançou sobre o Museu do Führer, onde mais de setecentas pinturas de toda a Europa, a maior parte delas saqueada, estavam reunidas, incluindo a Coleção Schloss completa, roubada de um colecionador na França.¹³

A cidade em que as forças americanas entraram na manhã de segunda-feira, 30 de abril, era a ruína esburacada que Fey von Hassell vislumbrara, assustada, ao passar pelo local na carroceria do caminhão que a levava de Dachau. Como

a maior parte das cidades alemãs, Munique tinha sido atingida com dureza pelos bombardeiros aliados. Nos dois anos anteriores, ela fora bombardeada pelo menos 66 vezes. Entre um terço e a metade de suas construções foram severamente danificadas ou destruídas. No centro da cidade, o Altstadt, o número subia para 60%. Sua igreja mais antiga, a Peterskirche, construída durante a Idade Média, em 1169, teve sua torre, o teto e a nave devastados, assim como a Frauenkirche (Catedral de Nossa Senhora), com suas famosas abóbodas gêmeas. A residência histórica da dinastia Wittelsbach, que havia governado a Bavária até 1918, perdera a maior parte de seu teto, e na Marienplatz, a praça principal da cidade, o velho prédio da prefeitura estava completamente destruído. O palácio Wittelsbacher, construído pelo rei Luís I para seu filho, o príncipe Maximiliano, e utilizado durante a guerra tanto como base da Gestapo quanto como campo-satélite de Dachau, fora completamente lambido pelo fogo; apenas seus muros externos continuavam de pé. A estação de trens era agora um emaranhado de metal retorcido.

“Eu imaginava que seria terrível, mas foi ainda pior”, recordou o escritor Klaus Mann, filho mais velho de Thomas Mann, ao retornar à cidade dias depois, pela primeira vez desde que partira para o exílio, em 1933: “Munique não existe mais. Todo o centro da cidade, da estação central à praça Odeon, transformou-se em escombros [...] todas as ruas que conheci tão intimamente ficaram horrivelmente desfiguradas”. A inútil resistência final das tropas da SS havia tornado as coisas ainda piores, já que o único meio de tirá-las do caminho era atacando maciçamente com metralhadoras e granadas.¹⁴

Um dos primeiros soldados dos Estados Unidos a entrar na cidade foi um tenente de 27 anos que passou grande parte da manhã com sua companhia, avançando lentamente pelas ruas desertas, margeando os prédios com cuidado, sem saber o que esperar. “Mesmo se não avistássemos ninguém”, observou ele, “nunca sabíamos o que estava escondido do outro lado da esquina. Não tínhamos cães nem tanques, nada parecido. Apenas jipes. Meus soldados carregavam rifles e eu tinha uma pistola. Só isso.”

Eram duas da tarde quando ele chegou à Marienplatz.

Havia um pequeno grupo de pessoas. A maior parte eram idosos, gente muito velha para fazer parte da *Volkssturm*. Fomos saudados como os grandes libertadores da cidade, o que, na ocasião, para ser sincero, me fez sentir raiva. Afinal, aquela era a capital do movimento. Ali o Partido Nazista teve seu começo, e era naquela cidade que ficava a

sede de seu maior órgão de propaganda, o *Völkischer Beobachter*. E eles estavam felizes por estarem sendo libertados?

No lado oposto da praça ficava a delegacia de polícia, e o tenente americano caminhou até lá para confiscar as armas dos guardas. Preparado para o pior, ele foi recebido, para sua surpresa, com saudações militares e já encontrou as armas encaixotadas e prontas para serem transportadas pelos conquistadores. Com uma eficiência imaculada, cada uma das mais de cem pistolas abandonadas pelo inimigo portava duas etiquetas, uma contendo o seu número e a outra contendo o nome do oficial a quem ela havia pertencido. O oficial que entregou os caixotes com as armas pediu que os americanos assinassem um recibo, alegando formalidades burocráticas.

Era um momento irônico. Aquele tenente, nascido em Hamburgo e criado em Berlim na igreja protestante, fora identificado no início da guerra como um judeu, sendo por isso expulso de seu grupo escoteiro quando este foi transformado na Juventude Hitlerista, e forçado a fugir de sua Alemanha natal para a América depois que os nazistas tomaram o poder. Agora, praticamente no mesmo momento, Hitler, ainda obcecado com os judeus, estava prestes a apertar o gatilho de sua pistola Walther.¹⁵

No dia em que Munique caiu, o jornal inglês *Daily Telegraph* publicou uma reportagem de seu enviado especial Noel Panter da cidade suíça de St. Margarethen, na fronteira com a Bavária. Com a manchete “Chefes nazistas em fuga desesperada para o sul da Alemanha”, a matéria narrava a confusão e o pânico dos gauleiters que se viam sem combustível e, desesperados, procuravam esconderijos nos vilarejos da Bavária. Um oficial da SS buscou refúgio em uma igreja católica, mas teve a pouca sorte de ser recebido por um padre que estivera em Dachau por vários meses. “Posso apenas tomar sua confissão”, disse o padre, levando uma coronhada que o fez perder os sentidos antes que o SS fugisse em uma bicicleta. Enquanto isso, uma multidão enfurecida furou todos os pneus de seu carro. Mulheres de oficiais nazistas bem-vestidas e cheias de joias tentavam apressadamente trocar suas roupas por trajes de camponesas para se disfarçar. A área da fronteira, contou Panter, estava repleta de oficiais alemães que agora davam a guerra como terminada.¹⁶

No sul, do outro lado dos Alpes, o tempo em Villabassa estava frio e desconfortável. Fey von Hassell passou a maior parte do dia se aquecendo no conforto aconchegante do Hotel Bachmann, aproveitando seu primeiro dia em liberdade. Mas ainda era um tipo estranho e ambíguo de liberdade. Felizmente, Bader e seu contingente ameaçador de homens da SS haviam desaparecido. Agora, no entanto, ela se sentia uma presa das circunstâncias. Estava sem dinheiro e sem comida, sem notícias de casa, e só tinha uma pálida ideia do que acontecia no mundo lá fora. Separada dos filhos pequenos, ela passava por uma tribulação agonizante e não via a hora de começar sua busca por eles. Mas como? Neste estágio da guerra, com a Alemanha em colapso total, as comunicações postais e telefônicas através da Europa eram nulas e ela não tinha sequer um meio de transporte para se locomover. De qualquer forma, a maior parte das rotas terrestres estava intransitável, quer pela destruição das estradas, quer pelo bloqueio militar. E não havia trens circulando em parte alguma.

Para o capitão Payne Best, que tentava reanimar Fey e os outros 136 homens, mulheres e crianças de idades que variavam entre 4 e 73 anos, eles pareciam passageiros de um velho veleiro cruzando o oceano. “Nós nos amotinamos e expulsamos os comandantes e a tripulação”, escreveu ele, “mas não sabíamos quanto tempo mais demoraríamos no mar ou quem assumiria o leme”.¹⁷

Pouco depois das cinco da tarde, chegaram alguns ônibus. Mais uma vez, eles embarcaram. Então, pegaram a estrada para o topo das montanhas. Foi um trajeto curto e bem íngreme, e por fim eles foram desembarcados na frente de um grande resort à margem de um lago. Estavam a 1.500 metros de altitude e nevava suavemente. O hotel, um grande prédio antigo no estilo chalé, era o Lago di Braies. Ele estivera fechado durante o inverno e lá dentro o frio era intenso. Em uma inspeção descobriu-se que o aquecedor central estava congelado e consistia em uma porção de canos arrebentados. De qualquer forma, não havia combustível. Lareiras foram rapidamente acesas no salão de refeições e na cozinha, mas isso não fez diferença alguma — o lugar ainda parecia uma geladeira.

Apesar disso, para Fey, era o paraíso. Um grupo se antecipara para organizar os quartos de todos, tentando da melhor maneira possível manter agrupamentos por nacionalidade. Pela primeira vez, naquele tempo que

pareceu toda uma vida, ela tinha um quarto e uma cama só para ela. E tinha vista para o lago, que era calmo e silencioso, com suas águas verde-esmeralda congeladas. Em volta, ela avistou pinheiros deslumbrantes. No horizonte, havia picos nevados que pareciam envolvê-la em um abraço protetor e carinhoso. Com dificuldade, ela conseguiu afastar-se da janela. Quando se percebeu envolvida na paisagem, Fey se deu conta de que sua querida Brazzà estava a menos de 100 quilômetros de distância. Por um instante sentiu-se tentada a ir para casa por conta própria, mas não tinha coragem. Passara muito tempo em cativeiro e, em um primeiro momento, pelo menos, faltava-lhe energia para agir por si mesma.

13. "A MORTE FUGIU"

Fred Warner e seu grupo da SOE haviam alcançado agora o coração do temido Reduto Alpino. Tinham decolado do campo de aviação na Itália no mesmo dia em que Fey von Hassell partiu de Dachau no comboio de caminhões cobertos. Agora eram duas da madrugada, a lua cheia brilhava e Warner já estava voando havia três horas. Abaixo de si, podia ver com nitidez os incríveis picos nevados dos Alpes. Em qualquer outra situação, teria se deslumbrado com a vista, mas nesta noite estava absorto em suas reflexões, imaginando que perigos sua missão lhe reservava e se escaparia dela com vida. Fazia muito frio no interior do Liberator, mas ainda assim ele conseguiu tirar uma soneca durante o voo.

Além da tripulação e do despachante, cuja tarefa era verificar se os paraquedas dos agentes estavam ajustados corretamente e cuidar para que eles saltassem no momento certo, havia sete homens no avião. Um deles era um agente americano do OSS enviado para uma missão em terra desconhecida de todos os demais. Os americanos cuidavam de suas próprias operações e tinham enviado recentemente duas equipes para investigar indícios de uma cartada final dos nazistas nas montanhas, uma das quais estava em atividade próximo a Innsbruck.¹ Os britânicos da SOE tinham nove equipes similares em compasso de espera.

Os demais passageiros eram agentes britânicos em duas missões distintas: o grupo de quatro pessoas de Fred — os “Historiadores” — e uma dupla que ficaria conhecida como “Bobeira”. O líder da dupla era Hans Schweiger, advogado de Viena que na guerra era chamado de “Stevens”. Seu companheiro era um homem mais jovem, que acabara de comemorar seus 24 anos. Foi o único entre os agentes da SOE que se recusou a adotar outro nome. Havia

duas razões para isso: em primeiro lugar, ele acreditava que, se fosse apanhado pelos nazistas, seria executado independentemente de seu nome; segundo, tinha orgulho de sua ascendência. E tinha boas razões para isso. Walter Freud, afinal, era neto de Sigmund Freud.

Juntamente com toda a família Freud, ele fora obrigado a deixar Viena após a anexação da Áustria, em 1938. Por fim, uniu-se ao pai — o primogênito de Sigmund — e ao restante da família em Londres. Assim como Fred Warner, ele fora detido brevemente como um inimigo estrangeiro antes de aderir ao Corpo de Sapadores e, então, ser recrutado pela SOE. Capacitou-se como operador de comunicações sem fio e foi mandado para a Itália, onde continuou seu treinamento de campo junto com Warner e os outros. Carregava em seu bolso os códigos de rádio essenciais. O transmissor-receptor que usaria para manter contato com a base seria despachado do avião em um contêiner à parte.

A luz vermelha acendeu. Estavam se aproximando do alvo e saltariam em dois grupos de três. Warner observou quando o primeiro trio se posicionou em torno do buraco no assoalho do avião, com suas pernas balançando no espaço. Então, acendeu a luz verde. O despachante gritou “Agora!” e eles desapareceram, um por um. Freud foi o primeiro a saltar. Ao tocar o solo, eles fariam sinal com uma lanterna, indicando que o local era seguro e que o outro grupo poderia saltar. O avião fez uma curva breve e retornou para a zona de salto. Fred se colocou em primeiro lugar no buraco. A luz verde acendeu e ele saltou.

Logo acima, ouviu o conhecido e confortante zunido de seu paraquedas se abrindo. Um pouco depois, ouviu o motor do avião mais alto e mais perto enquanto o piloto executava um último círculo para que fossem lançados os contêineres com o equipamento pesado e os artefatos de comunicação dos grupos. Em seguida, os ruídos desapareceram e Fred Warner estava sozinho no espaço.

Ele olhou para baixo e teve seu primeiro choque: havia sido lançado de uma altitude bem acima do planejado. Deveria ter sido de 300 metros, mas ele imaginou que estava a 2 mil. A segunda surpresa veio quando ele tentou descobrir sua localização. Na lua cheia, conseguiu enxergar um rio descendo pelo vale na direção do qual ele estava sendo levado. Também havia uma linha de trem ao lado, e ele pôde ver uma cidade de porte razoável nas proximidades. Fred tinha gasto horas decorando detalhes dos mapas de reconhecimento aéreo

na zona de aterrissagem, e nada do que via agora estava no mapa. Ele se dirigia para o lugar errado.

Mas o pior viria em seguida. Ele fez um pouso correto e suave, e se livrou com rapidez do paraquedas e do macacão de salto, debaixo de uma árvore. Até aqui, tudo bem. Ninguém o tinha visto e nenhum cachorro latira denunciando algo estranho, muito embora ele tivesse pousado próximo de uma fazenda. Mas onde estavam os outros? Fred não fazia ideia. Ele escalou uma colina, mas ela estava coberta de árvores e ele não conseguia ver ninguém nem nada por perto. Em pouco tempo, percebeu que não apenas estava no local errado, mas que também estava só. Entendeu que precisava se mover rápido para se afastar o máximo possível da zona de aterrissagem. As marcas de sua chegada seriam logo detectadas e os fazendeiros costumavam se levantar cedo.

Freud, por sua vez, estava em uma situação parecida. Tinha pousado a uma distância considerável dos outros e, no escuro, não se incomodara ainda em procurar seus parceiros ou qualquer equipamento. Em vez disso, ele encontrou um abrigo, esticou seu saco de dormir e tentou pegar no sono.

Por sorte, os demais no grupo aterrissaram perto uns dos outros. Mas alguns perderam seus utensílios pessoais e, para desespero geral, eles descobriram que os contêineres com seus kits de demolição e rádios sem fio haviam ficado presos na chaminé de uma casa, em um vilarejo que não deveria estar ali. Teriam de ser abandonados. Os quatro homens decidiram que a única coisa a fazer era reagrupar as forças. Por algum tempo procuraram por Warner, mas logo desistiram. Não se incomodaram com Freud, porque perceberam que ele havia sido levado para bem longe do curso. Tendo perdido seu material de demolição, abandonaram qualquer plano de sabotagem e optaram por tomar o aeródromo de Zeltweg.

Enquanto isso, Warner tinha que decidir seu próximo movimento. A princípio, o melhor que podia fazer era encontrar um esconderijo seguro em um local mais alto, fora da cidade. Então, nas horas seguintes, ele subiu pela montanha coberta de florestas. Agora entendia por que o treinamento da SOE havia sido tão duro.

Ele percebera rapidamente que havia sido recrutado para a SOE e não para os comandos ao ser mandado para a Arisaig House, um alojamento grande e antigo na costa acidentada das Terras Altas da Escócia. Sem dúvida, o curso exigia muito em termos físicos e incluía a maior parte das habilidades dos

comandos aprendidas por Bryan Samain e seus pares, mas focalizava também nas ações de sabotagem — como por exemplo fabricar e utilizar explosivos —, e ele e seus camaradas eram estimulados a falar alemão entre si. Eles também foram abastecidos com as revistas mais recentes do Exército alemão para se manter em dia com a gíria da Wehrmacht. Certa vez, ele foi até mesmo mandado para um curso de arrombamento de casas.

Na maior parte do tempo, Warner ficava perto de seu amigo Eric Rhodes. Ainda que tivesse nascido em Hamburgo, seu parceiro era mais escocês do que alemão, uma vez que sua mãe era escocesa, seu pai era um alemão naturalizado bretão e Eric tinha vivido a maior parte do tempo em Aberdeen. O último grande exercício dos dois havia sido uma “missão secreta” em Birmingham em abril de 1944. De posse de documentos falsos e histórias pessoais forjadas, eles receberam ordens para se infiltrar nas dependências da estrada de ferro e “destruir” as instalações-chave usando o mínimo de explosivos. Depois, relataram seus resultados em código por meio da Dead Letter Box (DLB), sistema de transmissão secreta que montaram em um banheiro público. Nesta empreitada bem-sucedida em que só foram “presos” cinco dias depois, eles tiveram permissão para se reportar a partir de uma “casa segura” previamente acordada.

Warner e outro recruta ficaram em uma pensão, sobreviveram por cinco dias e se sentiram satisfeitos consigo mesmos. Então, no meio da noite, foram acordados brutalmente por dois detetives mal-encarados que submeteram Warner a um interrogatório e lhe mandaram tirar a roupa antes de constrangê-lo com uma completa inspeção corporal. Estavam à procura de seus códigos. Espertamente, porém, Warner os tinha enrolado e apertado em uma pequena bolinha que foi pendurada na parede do lado de fora da janela na ponta de um fio preto. No escuro, ele calculou, ninguém a encontraria. E estava certo. Logo depois, ele foi calorosamente parabenizado e ganhou como recompensa um esplêndido café da manhã. Concluiu que aquele fora, sem dúvida, “um exercício da maior utilidade”.

Finalmente, Warner seguiu para Londres a fim de ser equipado com roupas de estilo neutro, sem qualquer tipo de indicativos. Certa noite, ele e seus colegas saíram para uma refeição em um restaurante chinês em Leicester Square. Usavam uniformes com o emblema dos paraquedistas na manga esquerda; fizeram o pedido e, após uma longa espera, perguntaram ao garçom

chinês quando o prato estaria pronto. “Vocês não sabem que estamos em guerra?””, respondeu ele, mal-humorado. Como se fossem um só homem, eles o levantaram do chão e gritaram: “Nós sabemos!” Quando o largaram, ele saiu voando para a cozinha e nunca mais foi visto.²

Agora, na Áustria, atrás das linhas inimigas, ele se ocultava em uma pequena cabana de lenhador em uma clareira. Ali, ele descansou, secou suas roupas e botas e recorreu a sua alimentação de emergência. O sol despontou e começou a aquecer, e com o calor ele foi recuperando a confiança. Mais tarde, já se sentia melhor. Lá no alto, cintilando sob a luz do sol, ele avistou esquadrilhas de aviões aliados voando para a Alemanha.

Quando a escuridão chegou, ele tirou as botas e o casaco, mas manteve o resto das roupas, inclusive o cinto com sua Colt calibre 45 automática e uma pequena bolsa de munição. Esta era uma regra básica da SOE — estar preparado. Após estudar sua bússola, verificou que haviam sido lançados a cerca de 30 quilômetros da zona de pouso planejada. Calculou a localização do ponto de encontro de emergência pré-combinado e descobriu em que direção teria de seguir na manhã seguinte. Então, caiu em um sono profundo.

De repente, no meio da noite, acordou sobressaltado. Lá fora, podia escutar vozes de homens. Então, alguém tentou abrir a porta. Em um salto ele estava fora de seu saco de dormir, esticado no chão e com a arma empunhada. “Quem está aí?”, perguntou em alemão, tentando soar tão indiferente quanto possível. A resposta veio na mesma hora, na forma de uma rajada de balas.

“Ouvi as balas atingindo as toras de madeira na parede às minhas costas”, recordou. “Pólvora e pedaços de casca de madeira voavam ao meu redor. Permanecer no chão, naquela hora, salvou a minha vida.” Ele respondeu à primeira rajada atirando duas ou três vezes na direção da porta, agora parcialmente aberta, e logo com mais dois tiros na direção das janelas laterais da cabana. Podia ouvir os tiros ecoando na vastidão das montanhas e viu clarões esguichando do cano de sua Colt. Então, o tiroteio cessou. Ele recarregou sua arma rapidamente e ouviu o som de pés correndo. Por um segundo, pensou que os homens estavam avançando em sua direção. Mas, para seu alívio, percebeu que na verdade estavam indo embora.³

Logo que se sentiu seguro, saiu da cabana e caminhou o mais rápido que pôde, durante muitas horas, pelo meio das árvores, na direção que havia

planejado na véspera. Mais uma vez, encontrou uma cabana desabitada, cheia de palha seca. Warner desenrolou seu saco de dormir e voltou ao sono.

Muitas horas depois, despertou e viu que nevava forte. A neve continuou caindo nos dias seguintes, mas seu refúgio estava aquecido e ele resolveu que o melhor a fazer seria esperar até que passasse. Os únicos visitantes que teve desta vez foram alguns veados que apareceram ao entardecer em uma clareira. Por fim, começou a faltar comida. Lá embaixo, bem adiante, ele podia ver com seus binóculos uma estrada bastante movimentada, por onde passavam veículos militares e carroças puxadas a cavalo. Por ora, ele havia abandonado qualquer ideia de chegar ao ponto de encontro de emergência. Muito tempo já havia se passado, e as chances de encontrar os outros ali eram mínimas. Sem radiotransmissor, sem comida e em um país inimigo, Warner estava definitivamente só.

Walter Freud encontrava-se na mesma situação. Passara toda a semana procurando pelos outros, abrigando-se a cada noite com famílias diferentes de camponeses em sítios isolados das montanhas. Algumas vezes, as pessoas o temiam e lhe serviam sopa com as mãos tremendo. Em outras ocasiões, o recepcionavam quase como se ele estivesse sendo esperado. Ninguém jamais perguntou sobre a sua identidade, e ele nunca deu qualquer explicação. Mas era óbvio que não era dali — seu forte sotaque vienense deixava isso claro. Em todos os sítios onde se hospedou ou pediu comida, ele encontrou apenas mães com filhos pequenos e avós. Todos os outros haviam sido tragados pela máquina de guerra alemã. Todos os homens saudáveis em idade militar, o que na Alemanha nazista significava entre 16 e 60 anos, estavam servindo nas forças armadas ou na *Volkesturm*. Mulheres solteiras eram aproveitadas nas fábricas de munição, e adolescentes, na artilharia antiaérea. Estava claro para Freud que este não era o material adequado para qualquer força de resistência — nazista ou qualquer outra.

Certa vez, Freud cometeu um grave erro. Em um dos atalhos pelos bosques, encontrou um caminhão recolhendo lenha. Pediu uma carona e o motorista lhe disse que poderia subir na caçamba. Freud respondeu com um animado “OK” em inglês. Imediatamente, percebeu que havia cometido um deslize fatal, do tipo exato que o treinamento da SOE procurava eliminar. Mas o homem apenas olhou para ele, curioso, antes de dar a partida. Freud tomou muito cuidado ao dizer “*Auf Wiedersehen*” quando se separaram.

Em outra ocasião, entrou em pânico quando achou que tinha perdido sua mochila. Ele a deixara ao pé de uma árvore enquanto escalava uma colina para descobrir sua localização. Ao voltar, não conseguiu encontrá-la. Tudo de que precisava para sobreviver estava ali, principalmente seu saco de dormir. Sem isso, morreria de frio. Ele começou a vasculhar de árvore em árvore procurando pelo conjunto, cada vez mais descontrolado e aflito. Então, recobrou o autocontrole e decidiu voltar ao topo da colina e retornar lentamente, andando de costas. Finalmente, para seu imenso alívio, enxergou a mochila. Nunca mais a deixou longe da vista.

Ele havia trazido um pequeno radioreceptor, muito menos sofisticado do que aquele que os outros abandonaram perto do local de pouso. Entretanto, por meio dele, mantinha-se informado do andamento da guerra e soube do rápido avanço aliado no norte da Itália. Uma vez que as tropas britânicas entrariam em breve na Áustria, ele desistiu de qualquer plano de voltar para encontrar seus companheiros. Em vez disso, preferiu partir para o aeródromo de Zeltweg. Se nada mais fosse possível, poderia reivindicá-lo em nome de Sua Majestade Britânica.⁴

No último dia de abril, uma coisa estava se tornando clara e evidente para todos nas montanhas: o Reduto Alpino era uma miragem que se dissolvia tão rapidamente quanto a neve sob o sol forte da primavera. Fey von Hassell e seus companheiros, que por muito tempo haviam temido o extermínio durante a cartada final dos nazistas, estavam agora em segurança nas mãos das forças da Wehrmacht na Itália que, por sua vez, esperavam a consolidação da rendição já assinada. Durante sua semana nas montanhas austríacas, Fred Warner encontrara pouco mais do que um lenhador assustado e um bando de veados pastando. Walter Freud conhecera sobretudo mulheres e crianças conservando seu lar. E enquanto os demais agentes da SOE em solo austríaco eram avisados pela população da presença de elementos da SS ou do Partido Nazista, eles também entravam em contato com líderes locais da resistência que desejavam ajudá-los.

Pouco depois de partirem, eles encontraram um fazendeiro simpático que os alertou sobre os nazistas na vizinhança e indicou uma estrada segura por onde poderiam seguir. Acabaram encontrando uma cabana no bosque sob a guarda de três soldados alemães. Como George Bryant achou que poderia se

tratar de um esconderijo dos Lobisomens, conservaram uma boa distância. Por fim, seguindo em frente para sondar o terreno, encontraram uma mulher que se provou amistosa e antinazista, e que disse ser seu maior desejo que a filha voltasse de Linz, para onde fora recrutada pela defesa antiaérea. Ela os alertou ainda de que trabalhava em um hotel cujos donos eram nazistas e que gerenciava um outro nas imediações onde Himmler havia pouco tempo jantado. Os homens da SOE decidiram não se alongar ali e seguiram adiante.

No geral, acharam os civis amistosos e definitivamente cansados dos nazistas. Sem dúvida, podiam ver que o momento de restaurar a independência da Áustria estava se aproximando. De volta a Viena, Karl Renner, o chanceler social-democrata da Áustria após a Primeira Guerra Mundial, proclamou a criação de um governo austríaco independente. E, no norte da Itália, Fey von Hassell tinha visto com seus próprios olhos o entusiasmo provocado pela presença de Schuschnigg, o último chanceler da Áustria independente, no Alto Ádige. Não havia em parte alguma qualquer indício sério de um último reduto nazista.⁵

Tratava-se, sem dúvida, de uma quimera. Apesar das determinações finais de Hitler em seu bunker, ele nunca levava à frente um plano sistemático para a organização de um Reduto Alpino. Para ele, o simples fato de aventar essa hipótese soava como derrotismo. A ideia, porém, incendiou os aliados e afetou significativamente sua estratégia com relação aos dois últimos meses de combate. Mas por que isso aconteceu? A resposta está em uma série de acontecimentos iniciada vários meses antes.

A pequena cidade austríaca de Bregenz fica na fronteira com a Suíça, próximo ao lago de Constança, na junção de linhas férreas histórica e estrategicamente importantes. Aqui, durante toda a guerra, a SS manteve um posto avançado do Sicherheitsdienst (SD), seu serviço de segurança e inteligência. Sua principal tarefa era atuar como uma estação de correio para relatórios secretos vindos da Suíça para o Terceiro Reich.

Em setembro de 1944, o posto recebeu um pacote especialmente gratificante. Dentro dele havia um relatório diplomático americano, bastante extenso, que fora interceptado na sua trajetória de Zurique para Washington. Seu conteúdo era similar ao relatório do OSS enviado naquele mesmo mês por “Wild Bill” Donovan para o presidente Roosevelt: a saber, uma argumentação

detalhada sobre os perigos de um Reduto Alpino. O relatório logo foi parar na Chancelaria de Berlim, seguido de outros na mesma linha.

Himmler, astutamente, vislumbrou uma oportunidade. Se os Aliados pudessem ser induzidos a crer na realidade de um Reduto Alpino e acreditar que esta guerrilha poderia durar cerca de dois anos, isso poderia beneficiar grandemente os nazistas. Havia inclusive a chance de os americanos e britânicos desejarem uma paz negociada, o que, por sua vez, provocaria um rompimento deles com os soviéticos. Nesta trilha, fantasiava Himmler, a vitória poderia ser arrancada das mandíbulas da derrota.

Goebbels também pôs mãos à obra, ainda que por razões diferentes. Aqui, ele via uma oportunidade de reforçar o compromisso público de Hitler de jamais se render — uma promessa que tinha como alvo tanto a população alemã quanto os Aliados. No começo de 1945, ele criou uma unidade com a missão especial de espalhar rumores sobre o Reduto e alimentar boatos sedutores junto a uma imprensa faminta de notícias, tanto aliada quanto neutra. Os temas das reportagens eram sempre os mesmos: “posições inexpugnáveis, provisões abundantes estocadas cuidadosamente em cavernas à prova de bomba, fábricas subterrâneas e, é claro, a formação de unidades de elite para sustentar o último baluarte nazista”.⁶ A imprensa ocidental e os analistas aliados caíram na armadilha. Então o SD entrou na história, vazando plantas e informações falsas para fontes que sabidamente alimentavam os americanos.

Estas manobras nazistas funcionaram exatamente como planejado. Um resultado típico apareceu na revista americana *Collier* em janeiro de 1945. No artigo, o autor descrevia detalhadamente uma gigantesca campanha de guerrilha pós-derrota que estava sendo montada em Bad Aussee, no topo dos Alpes austríacos, a cerca de 80 quilômetros de Berchtesgaden. Ali, a nata da SS e a Juventude Hitlerista estariam sendo treinadas com os Lobisomens. Por fim, a fantasiosa matéria revelava que um quartel-general secreto seria montado em um local ainda mais alto das montanhas. O jornalista apontava o delegado de Himmler, Ernst Kaltenbrunner, como o mentor do esquema.

Assim como o Reduto Alpino, um movimento de Lobisomens preparado para contra-atacar após a derrota da Alemanha não passava de ilusão. Mas esta fantasia contaminou também os membros da inteligência no gabinete de Eisenhower. Quando os exércitos aliados começaram a penetrar seriamente no território alemão em 1945, o mito do Reduto Alpino e o medo dos

Lobisomens chegaram a um ponto quase irrefreável. Himmler quase sempre aparecia como o mentor: as complexas e bem organizadas providências seriam típicas de sua verve demoníaca e do fanatismo suicida de seus seguidores na SS.⁷

A verdade, porém, é que na primavera de 1945 Himmler estava indeciso e à beira de um colapso nervoso, falando ardentemente sobre negociações de paz e, no momento seguinte, prometendo luta ferrenha até a última gota de sangue. Ironicamente, tendo espalhado o mito sobre o Reduto para enganar os Aliados, às vezes ele parecia seduzido pela ideia, sobretudo quando entrava em desespero tentando achar um jeito de escapar da derrocada absoluta. Quanto à SS, estava longe de ser o instrumento infalível imaginado pelos Aliados, que Himmler dirigiria confortavelmente. Ela estava rachada por intrigas, tramas e complôs. Por exemplo, dois dos principais subordinados de Himmler, Schellenberg e Kaltenbrunner, viviam numa briga feroz.

Kaltenbrunner flertara por um tempo com a ideia do Reduto Alpino, mas a descartou após um encontro com Hitler, que o hipnotizou, não pela primeira vez, com sua convicção fanática de que a vitória ainda era possível, se apenas ele mantivesse a determinação. “Você só precisa acreditar”, disse ele a seu camarada austríaco. “Ainda disponho dos meios e caminhos para terminar essa guerra vitoriosamente!”⁸

Infelizmente para os Aliados, seus serviços de inteligência, em geral excelentes, falharam ao não identificar esta discórdia no seio da SS, assim como a movimentação frenética de Himmler e seus delegados para salvar a própria pele. Isso aconteceu porque, apesar de muitos sucessos brilhantes na quebra dos códigos alemães, por volta de abril de 1945, os criptoanalistas de Bletchley Park não tinham nenhum conhecimento interno do que se passava nas reuniões da SS. As interceptações das mensagens da Abwehr, tão valiosas no começo da guerra, tinham esvaziado depois que a SS assumiu suas funções e introduziu códigos novos. Tudo o que os analistas aliados podiam fazer era alimentar pequenos trechos de inteligência, algumas vezes precisos por si mesmo, mas, em outras ocasiões, manipulados pelos nazistas na direção de um quadro que lhes convinha — e que incluía pistas falsas sobre a localização do Reduto Alpino, assim como o compromisso ideológico radical dos líderes da SS.

Havia céticos entre os Aliados, mesmo no escalão mais alto, mas depois do custoso fracasso da inteligência no ataque dos alemães nas Ardenas, em

dezembro de 1944, ninguém estava disposto a descartar a possibilidade e correr o risco de um outro desastre. Uma vez que a imagem do Reduto havia sido plantada nas mentes aliadas, ela germinou e cresceu como um câncer. A astúcia dos nazistas se encarregou de abastecer este grande equívoco.

Ironicamente, no entanto, durante estes últimos dias de abril, referências explícitas ao Reduto Alpino começaram a aparecer pela primeira vez nas mensagens decodificadas em Bletchley Park. Elas não procediam da SS, mas do general Winter. O oficial da Wehrmacht se deslocara fielmente para a Bavária, seguindo instruções de Hitler, a fim de preparar uma “fortaleza interna” nos Alpes como baluarte final da resistência fanática. Esta foi a única vez que Hitler mencionou a ideia, e tratava-se claramente de uma improvisação apressada, tardia e motivada pelo desespero.

Tão logo chegou à Bavária, Winter percebeu que todas as esperanças de criar um Reduto Alpino eram irreais, mas ainda assim tentou implementar algumas das medidas ordenadas por Hitler, ou por convicção ou porque quis demonstrar lealdade até o fim. Suas mensagens de rádio para Berlim foram interceptadas pelos Aliados e, é claro, reforçaram a crença na materialidade de um Reduto. No domingo, 29 de abril, dia em que os exércitos alemães no norte da Itália e no oeste da Áustria se renderam, Winter alertou Hitler de que uma resistência do Exército alemão em Munique envolveria a perda de tropas fundamentais para o Reduto. No dia seguinte, ele detalhou para Kesselring os vários locais que havia escolhido para servir como bases operacionais da fortaleza alpina.

Como se isso não bastasse, surgiram mensagens de Himmler para confundir as coisas. Um dia depois da recusa dos Aliados à oferta de paz do chefe da SS, ele enviou um mensagem a Gottlob Berger, seu delegado na Bavária, intimando-o a colocar em prontidão todas as forças da SS no sul da Alemanha. “Reúna as unidades militares da SS sob seu comando e proteja para mim a entrada dos Alpes.”⁹ No dia seguinte, os Aliados interceptaram um relatório para Himmler de ninguém menos que Ernst Kaltenbrunner. Aquilo pareceu tão importante que foi logo encaminhado para Churchill.

A essa altura, Kaltenbrunner havia deixado Berlim e se retirado para Alt Aussee, na Áustria, onde a condessa Gisela von Westarp, sua amante loura de apenas 22 anos, dera à luz gêmeos. Sua mensagem para Himmler se referia à “Fortaleza Tirol” e ele reconhecia indícios de uma oposição crescente aos

nazistas e à continuidade da guerra. Mas, acrescentava, “nenhum lugar na terra e nenhuma paisagem política apresentam requisitos mais favoráveis para uma cartada final do que o Tirol. Vários interesses dos Aliados e dos países neutros entram em conflito aqui. Uma movimentação política astuciosa e energia militar tornarão estes conflitos mais agudos”.¹⁰

Isso insinuava fortemente que os Aliados ainda poderiam aguardar combates muito sérios nos Alpes. Àquela altura, Kaltenbrunner e outras figuras da SS esperavam não mais ganhar a guerra, mas adiar a derrota por tempo suficiente para provocar uma discórdia fatal entre os Aliados.

No último dia de abril, o minúsculo vilarejo holandês de Achterveld testemunhou um encontro significativo para o povo da Holanda. Em nenhum lugar da Europa Ocidental a fase final da guerra foi mais amarga do que ali. Áreas enormes do país foram propositalmente inundadas pelos alemães. No oeste, ignorada pelos exércitos aliados em seu avanço rumo ao norte para o Terceiro Reich, grande parte da população ainda sob o regime nazista — incluindo cidades grandes como Roterdã, Amsterdã e Haia — estava passando fome ou morrendo.

Os últimos meses foram tão terríveis que ficaram para sempre na memória da Holanda como o “inverno da fome”.¹¹ Mas abril conseguiu ser ainda pior. A ração oficial da população caíra para 400 gramas de pão por semana para cada adulto. Quarenta pessoas morriam de fome diariamente em Roterdã, e a previsão era que a comida acabaria por completo no final do mês. Em Amsterdã, também havia penúria. “Não tínhamos comida nem combustível”, lembrou um morador da cidade. “Recolhíamos madeira das casas abandonadas pelos judeus [isto é, judeus forçosamente deportados para os campos de extermínio] e das ruas onde blocos de madeira substituíam o pavimento. Todos os dias, recebíamos uma tigela de sopa no refeitório municipal e um pedaço de pão, uma coisa cinzenta e horrível. A fome era tanta que comíamos bulbos de tulipa.”¹²

Nas sarjetas da cidade, os excrementos borbulhavam dos ralos porque o sistema de esgoto estava danificado. Não havia madeira para os caixões, de forma que os corpos jaziam insepultos nas igrejas. Não havia nada para vender e o comércio estava fechado. A cidade fora tomada pelo saque e pelo crime. Um cidadão de Amsterdã que vivia ilegalmente na clandestinidade, como

milhares de holandeses conhecidos como “mergulhadores”, viu duas crianças morrendo nas ruas. “Elas pareciam dois passarinhos mortos no inverno”, relatou, “tão tristes e abandonadas”.¹³

Aqui, as semanas finais da guerra foram as mais sangrentas, com o terror alemão atingindo seu ápice com a execução em massa dos reféns. “Você via os cadáveres deles largados por toda parte em grupos de vinte, e os nazistas os deixavam ao relento como um aviso”, registrou um holandês. Para aumentar o impacto, os alemães fuzilavam os reféns em público, nas praças ou esquinas. O maior de todos esses banhos de sangue acontecera menos de oito semanas antes, em seguida ao ataque de um grupo da resistência a Hans Rauter, segundo na hierarquia nazista holandesa, que ficou gravemente ferido, mas não morreu. Himmler ordenou a execução de quinhentos reféns. Em Amsterdã, setenta homens foram mortos, e no resto do país grupos de cinco a dez pessoas foram fuzilados. O pior massacre aconteceu na cidade onde Rauter foi baleado. Três carroças transportaram 117 reféns dos presídios de Arnhem e Apeldoorn e os descarregaram na estrada. Em seguida, eles foram colocados em uma longa fila e fuzilados por membros da Polícia de Ordem alemã, que vestiam uniforme verde.

As represálias não acabaram por aí. O sucessor de Rauter embarcou em uma escalada de assassinatos que se estendeu muito além dos reféns. Uma semana depois do ataque ao líder nazista, um cidadão de Roterdã viu em Hofplein os cadáveres de vinte homens e garotos que haviam sido chacinados naquela manhã. “Em outro ponto da cidade”, lembrou ele, “outros vinte homens foram baleados em público [...] Eles jaziam da maneira como haviam caído, desordenadamente, próximos e em cima uns dos outros, incredivelmente imóveis [...] Um homem ainda tinha sua marmita debaixo do braço e um rapazinho de 15 anos foi alvejado a caminho da escola.”¹⁴

Achternveld fica 8 quilômetros a leste de Amersfoort, onde estavam posicionadas as forças canadenses. Havia na cidade uma pequena escola, a St. Josef, com muitas salas de aula vazias. Ali, os Aliados concordaram em discutir com os oficiais nazistas uma maneira de salvar os holandeses. Bandeiras com o azul, vermelho e branco da Holanda foram hasteadas nas ruas. Era o aniversário da princesa Juliana, herdeira de Guilhermina, rainha da nação, que passara a guerra no exílio.

Oito anos antes, Juliana se casara com um conde alemão, Bernhard von Lippe-Biestedfeld, que havia trabalhado para a IG Farben como secretário de seu conselho de administração em Paris e fora membro do Partido Nazista e da Reiter SS (Cavalaria da SS). Em tempos de guerra, encontrar uma atividade que fosse aceitável para o povo holandês mostrara-se uma tarefa difícil para ele, mas no ano anterior, em um lance de gênio, Guilhermina o nomeara comandante das Forças Holandesas do Interior, uma manobra que unia todos os movimentos holandeses de resistência sob a proteção da Coroa e dava a eles status de combatentes. Isso significava ainda que eles podiam ser controlados de forma mais efetiva pelos Aliados e impedidos de iniciar levantes prematuros e desastrosos. Bernhard adotou a nacionalidade holandesa e mostrou-se um cidadão tão leal que se tornou muito popular entre o povo.

Agora, ele era um dos primeiros a ser saudado pelos aldeões. “Como está a princesa?”, perguntavam alguns, e Bernhard sorria. Ele era seguido pelo chefe de gabinete de Eisenhower, o major-general Walter Bedell Smith, e por uma equipe de Aliados que incluía o tenente-general Charles Foulkes, comandante do 1º Corpo canadense, o major-general Francis de Guingand, chefe de gabinete de Montgomery, o major Kenneth Strong, chefe da inteligência de Eisenhower, e um representante soviético.

Mas todos os olhos estavam voltados para o homem calvo e de óculos que mancava levemente de uma perna, e que saltou do comboio de limusines ostentando bandeiras brancas. O Reichskommissar Artur Seyss-Inquart era a figura mais odiada do país, pois fora o homem enviado por Hitler em 1940 para governar os holandeses. “O Führer deseja que eu plante tulipas”, ele brincou com a mulher. Mas o regime nazista na Holanda nunca fora uma brincadeira. Ao contrário, Seyss-Inquart usou seus conhecimentos jurídicos para explorar o país em benefício da Alemanha, da mesma maneira gananciosa como havia entregue sua Áustria natal para Hitler nos dias do Anschluss. Agora, no entanto, ele estava empenhado em salvar a própria pele e em ignorar a ordem de terra arrasada que o Führer expedira em março, que determinava a destruição de tudo que pudesse ajudar os Aliados na Europa ocupada.

Ao saltar de sua limusine, Seyss-Inquart viu o príncipe Bernhard encostado em um grande Mercedes e tirando fotos da cena histórica. Chocado, ele reconheceu o carro, com a placa exclusiva RK1 (Reichskommissar 1), como sendo o seu; Bernhard o havia encontrado em Amersfoort e não resistira à

tentação de dirigi-lo em seu encontro com o figurão nazista. Ele sempre apreciara carros velozes e conseguira escapar com vida de uma colisão em alta velocidade seis anos antes, na qual teve o pescoço quebrado. Disfarçando sua raiva, Seyss-Inquart afastou-se com frieza e conduziu sua delegação para o prédio da escola. Ali, os alemães ficaram trancados em uma sala de aula sob a vigilância de armas. Enquanto isso, em outra sala, os líderes aliados confraternizavam com os holandeses e participavam de uma farta refeição. Para muitos holandeses, aquele era um momento emocionante. Alguns deles tinham vivido na clandestinidade por anos e este era o primeiro encontro com compatriotas que haviam estado exilados em Londres e outras partes.

Exatamente à uma hora da tarde, os dois lados finalmente se reuniram em torno da mesa. Sua tarefa era concluir um arranjo que havia surgido depois de quase um mês de negociações nos bastidores, por pressão infatigável de Churchill e Roosevelt. Dois dias antes da morte deste, o primeiro-ministro britânico o havia alertado para a iminente “tragédia” holandesa; mais tarde, enviou o mesmo alerta para Truman. Dois dias antes, naquele mesmo prédio, oficiais alemães de baixa patente e diplomatas holandeses haviam esboçado os detalhes do arranjo. Ficava entendido por todos que a guerra ainda não havia acabado e que os Aliados não tentariam libertar a Holanda pela força. Em contrapartida, os alemães permitiriam que os Aliados enviassem ao país alimentos e ajuda humanitária e suspenderiam qualquer inundação e destruição adicional, bem como o assassinato de reféns e combatentes da resistência.

Com os princípios fundamentais bem preparados, chegou-se rapidamente a um acordo na reunião da escola. Então, as delegações se reuniram em subgrupos de trabalho para discutir as medidas práticas sobre a forma como a comida poderia ser trazida por via aérea, terrestre e marítima. Enquanto isso, entre muitas doses de gim, Bedell Smith disse a Seyss-Inquart que Eisenhower responsabilizaria pessoalmente o Reichskommissar caso alguma coisa desse errado. O advogado austríaco concordou que a Alemanha estava praticamente derrotada, mas recusou a rendição das forças nazistas na Holanda. Isso, disse ele, era um assunto para ser tratado com o general Blaskowitz, comandante da Wehrmacht no país.

“Se você estiver blefando”, retrucou Bedell Smith, irado, “[e] causar mais perdas de vidas às tropas aliadas ou aos civis holandeses [...] você já sabe o que isto significa — o paredão e um pelotão de fuzilamento”. Lentamente, Seyss-

Inquart voltou seus olhos pálidos para o outro lado da mesa e fitou seus interlocutores. “Não tenho medo”, respondeu tranquilamente, “sou alemão”.¹⁵

Nesse meio-tempo, a operação “Manna”, para salvar os holandeses da fome, já havia começado. No dia anterior, após um atraso de 24 horas provocado pelo mau tempo, o primeiro de centenas de bombardeiros Lancaster e Flying Fortress aterrissou com os alimentos embarcados em aeroportos britânicos. Voando baixo através de uma nevasca sobre as águas revoltas do mar do Norte, eles entraram na Holanda. Luzes verdes em terra sinalizavam as zonas de lançamento dos pacotes e contêineres. Planando próximo ao solo, as tripulações podiam ver centenas de pessoas acenando e saudando-os enquanto abriam os pacotes.

Era um cenário em tudo diferente daquele de apenas alguns dias antes, quando a Holanda estava na rota de bombardeio para a Alemanha e a região do Ruhr. “Eu me lembro nitidamente de muitas de nossas operações [de bombardeio]”, contou um piloto canadense que participou da Manna,

o toque de despertar às duas da manhã, a ida ao refeitório para o café e a conversa na mesa que não passava de uma disputa para se ter uma fatia a mais de bacon [...] [Mas] quando sobrevoávamos a parte ocupada da Holanda, eu ficava tão aliviado por não mais ter que ser destrutivo que nem me preocupava com a possibilidade de ser atingido por alguma instalação antiaérea alemã. Lembro-me de ver a artilharia antiaérea alemã acompanhando os nossos movimentos, para garantir que obedeceríamos aos termos e às condições da operação.

A tripulação toda comia sanduíches de rosbife no avião, lembrou outro piloto, “e nós achávamos aquilo um luxo descabido. Um de meus homens se sentia tão culpado que lançou no ar seu pacote de cigarros, e os outros seguiram seu exemplo”.¹⁶ No total, em torno de 11 toneladas de alimentos foram lançadas pelos Aliados na Holanda nos dez dias seguintes.

Quatro zonas de lançamento foram estabelecidas e a operação de resgate foi anunciada pela rádio holandesa. Quando o marco zero da operação se aproximou, a tensão entre os civis ficou altíssima. Assim que ouviram os motores dos aviões, as pessoas saíram de casa para vê-los. “Nós deixamos nossa refeição para trás”, escreveu um jornalista em Haia,

e corremos lá para fora, acenamos com chapéus, xales, bandeiras, lenços, com qualquer coisa, enfim, para os aviões que faziam agora o maior barulho em nossas ruas, em uma carreira interminável. Em um segundo, nossas ruas tranquilas estavam tomadas por uma multidão que acenava e saudava em júbilo e que até chegava a dançar nas sacadas e nos telhados. Muitos tinham lágrimas nos olhos, outros conseguiam articular apenas umas poucas palavras indistintas.

Em Amsterdã, um morador escreveu simplesmente em seu diário: “A morte fugiu”.¹⁷

Mas, na realidade, a morte levou mais tempo para ir embora. A comida tinha que ser cuidadosamente repartida em dietas balanceadas, pesada de forma correta, para então ser distribuída a centros especiais em toda a Holanda, de modo que todos recebessem a sua parte. Isso servia também para a comida que estava chegando de caminhão e navio, segundo o plano combinado com Seyss-Inquart. Apenas dez dias após o primeiro lançamento aéreo a comida finalmente chegava aos famintos. Para muitos, já era tarde demais.

Estes foram dias longos para os holandeses que lutavam pela vida e pela liberdade. As pessoas continuavam a morrer às centenas; na verdade, a taxa de mortalidade aumentou. As comemorações frenéticas pela chegada dos Aliados camuflavam as condições desesperadoras, porque os homens e as mulheres morrendo em seus leitos permaneciam invisíveis. “É um país vazio, habitado por uma população faminta”, escreveu um observador do gabinete de Eisenhower. “As pessoas, principalmente nas grandes cidades, estão exauridas tanto física quanto mentalmente [...] mais crianças morrem *agora* por mês do que morriam por ano em 1942.” O mercado negro estava aquecido, com muitas famílias da classe média vendendo suas posses para comprar gêneros de primeira necessidade. Havia um tráfico amplo e ilegal de cupons de alimentação e uma escassez completa de condições básicas de vida: faltava carvão e, em consequência, não havia aquecimento e luz, faltava sabonete, e ninguém comprava roupas novas desde 1940. Um especialista inglês em nutrição enviado à Holanda relatou ter visto centenas de pessoas de ambos os sexos, e de todas as idades, “tão definhadas pela fome como as que vimos no campo de concentração de Belsen”.¹⁸

Cinco dias após o encontro na escola de Achterveld, as forças alemãs na Holanda capitularam e o combate cessou. Havia, porém, uma nova batalha:

para combater a fome, o tifo, a febre tifoide e a disenteria. E, como o oficial canadense Reg Roy logo descobriria, mesmo em território amigo e com uma população agradecida, a ocupação podia rapidamente tornar-se intolerável.

14. "A BATALHA MAIS AMARGA"

No norte da Holanda, Reg Roy estava prestes a ter uma pequena amostra das consequências da obstinada recusa alemã em se render.¹ Todo mundo o conhecia como "Boy Roy", porque ele aderira aos Cape Breton Highlanders quando tinha apenas 16 anos de idade. "Boy" era uma patente antiga no Exército britânico que havia sido herdada pelos Cape Bretoners. Os "meninos" faziam quase tudo o que os soldados faziam, mas recebiam um salário duas vezes menor e precisavam da autorização dos pais para participar da tropa. Roy se alistou avidamente na primavera de 1939 junto com Bob, seu irmão mais velho. Quando a guerra estourou naquele mês de setembro, ele foi despachado de saíote escocês, bolsa de couro e meias três-quartos coloridas, sobre as quais vestia polainas brancas. Ele recebeu também um chapéu Glengarry forrado com lã, mais tarde substituído pela boina Tam o' Shanter pela qual os Cape Bretoners ficaram conhecidos. Agora, no entanto, ele usava seu tradicional uniforme cáqui e um capacete.²

Até poucos dias antes, ele era o responsável pelo pelotão Pioneers, a miniunidade de engenharia do regimento que limpava campos minados, desmontava armadilhas e fazia de tudo, desde construir pequenas pontes até fortificar com sacos de areia os quartéis do oficial comandante. Eles eram responsáveis também pelas medidas de precaução contra o gás venenoso, caso este fosse usado pelo inimigo. Roy era agora um especialista no manejo de explosivos e na colocação e no desmonte de minas, sabia como guiar qualquer coisa, desde uma motocicleta até uma carreta Bren, e podia atirar com qualquer arma, de pistolas a submetralhadoras Sten e Tommy, morteiros e canhões antitanque. A única coisa que não havia feito até então era pilotar ou viajar em um tanque, muito embora estivesse servindo em uma divisão blindada.

“Animais grandes e barulhentos”, pensava ele sobre os tanques, alvos que sempre atraíam o indesejável fogo inimigo e que, uma vez atingidos ou danificados em suas lagartas, tornavam-se inflamáveis armadilhas de morte. Pessoalmente, ele preferia a liberdade da trincheira aberta.

Agora, ele estava a serviço de um pelotão na Companhia “D” (Dog). Aos 22 anos, ainda conservava uma aparência meio adolescente, apesar do bigodinho à la Hitler que vinha cultivando desde que se tornara oficial. Ao ser mandado de volta para o Canadá, dois anos antes, para completar seu treinamento, Roy ficara noivo de Ardith Christie, uma australiana de Sydney. Ela se mudara havia pouco tempo, com seus pais, para a costa oeste do Canadá, e ele tinha planos de construir sua vida no pós-guerra ao lado dela. Mas, na Holanda, assim como na Itália e na Alemanha, abril de 1945 acabou sendo um mês amargo, com mais de mil combatentes canadenses sendo incorporados à triste estatística daqueles já sepultados em túmulos improvisados e em cemitérios militares espalhados por todo o país.³

No domingo, 29 de abril, Roy reservou alguns minutos para fazer anotações em seu diário. Os Cape Bretoners haviam sido fustigados pelos alemães na noite anterior e ele sabia que estaria de volta à ação ao cair da noite. Neste intervalo, se atualizou com as notícias da guerra no rádio. O grande assunto era a oferta de paz de Himmler, que fora rejeitada por Truman e Churchill porque excluía os soviéticos. “A notícia é que Hitler está muito doente”, anotou Roy. “Göring foi visto abandonando o país e Himmler é o verdadeiro comandante no momento.” Como quase todos no lado aliado, Roy não sabia que Hitler já havia despojado “o traidor” Himmler de todos os seus cargos.

As forças aliadas enxergaram na oferta de Himmler um sinal de que o moral alemão estava nas últimas. Naquele mesmo dia, no fim da manhã, a artilharia canadense bombardeou 22 posições suspeitas do inimigo adiante de Roy. Os morteiros foram lançados com 30 mil panfletos especialmente impressos que se referiam à oferta e incitavam os alemães a se render. Em seguida, foram enviadas centenas de passes de salvo-conduto.

Entretanto, esta ofensiva de propaganda no campo de batalha não teve efeito algum. Para Roy e os demais canadenses lutando na Holanda naquele mês de abril, ficara claro havia muito tempo que “o ganso alemão estava cozido”, porém ainda lutava. Mas pelo quê? Menos de 2 quilômetros à frente,

cruzando uma paisagem morta, onde tudo o que se via eram alguns sítios e moinhos esparsos, ficava o porto holandês de Delfzijl. Lá, estava a resposta.

Isolada em um canto no nordeste da Holanda, a cidade de Delfzijl se aninhava atrás de um dique na margem ocidental do rio Ems, a apenas alguns quilômetros do porto alemão de Emden. Sua história estava ligada aos navios mercantes do mar do Norte e do Báltico, e durante séculos Delfzijl florescera como um porto movimentado, ainda que pequeno, envolvido em negócios de exportação de laticínios e farinha de batata e importação de madeira, carvão, grãos e produtos químicos. Pouco tempo antes, o extraordinário romancista belga Georges Simenon, ainda em seus vinte e poucos anos, havia ancorado ali enquanto testava seu *Ostrogoth*, o iate que comprara com os ganhos de seu sucesso literário precoce. Ele frequentava os cafés, observava os costumes, e desta experiência surgiu seu lendário detetive, o inspetor Maigret. O porto foi também cenário de um dos livros posteriores de Simenon, *Um crime na Holanda*.⁴

Mas, à parte esta breve notoriedade, Delfzijl passara largamente despercebida na cena mundial. Seus 10 mil moradores, sobretudo protestantes, eram um povo considerado sóbrio, silencioso e pouco emotivo. Em 1876, a construção do canal Eems proporcionou a ligação de Delfzijl com Groningen, a maior cidade do norte da Holanda, apenas 27 quilômetros ao sul, e fez dela o principal terminal de desembarque no norte do país, e o terceiro maior porto holandês em volume de negócios.

A Segunda Guerra Mundial, entretanto, conferiu a Delfzijl uma importância inesperada. Embora seu contato com os britânicos e outras nações aliadas houvesse minguado, o porto atraiu um novo comércio, que fora desviado dos portos holandeses mais próximos da Grã-Bretanha, como os de Flushing e Roterdã, mais vulneráveis aos ataques aéreos aliados. Seu cais se transformou em um ancoradouro habitual de caça-minas, contratorpedeiros e embarcações alemãs de vigilância costeira.

Além disso, e mais importante, tão logo ocuparam a cidade, em maio de 1940, os alemães construíram uma bateria antiaérea de longo alcance no alto da muralha protetora da cidade junto ao mar. Isso era menos para a defesa de Delfzijl do que para proteger Emden, a cidade vizinha alemã. Ligado por canais ao coração industrial da Alemanha no vale do Ruhr, o porto de Emden estava destinado a se tornar um dos maiores alvos dos bombardeiros aliados,

por causa de seus estaleiros navais que não só consertavam as embarcações alemãs danificadas, como também construíam submarinos e peças para uma ampla variedade de navios de guerra da armada do Reich.

A apenas dois minutos de voo de Emden, Delfzijl sofreu vários ataques acidentais dos aviões aliados, que despejaram ali cargas altamente explosivas enquanto voavam de volta para suas bases. Com frequência, bombas incendiárias também caíam sobre a cidade ou em suas imediações. Durante um destes ataques, um armazém pegou fogo até virar cinzas e uma jovem de 20 anos foi mortalmente ferida.

Equipada com holofotes e radar, a bateria antiaérea de Delfzijl, em 1945, era tripulada por mais de cem fuzileiros navais alemães e protegida em sua divisa terrestre por cercas pesadas de arame farpado e campos minados. Para todos os efeitos, a cidade era uma guarnição naval governada pelo comandante alemão.⁵

Durante a maior parte da guerra, seus civis suportaram a existência típica de centenas de cidades holandesas. No início, a vida continuou normal, mesmo com o patrulhamento das ruas pelos soldados alemães: as pessoas continuaram em seus empregos, as crianças iam a pé ou de bicicleta para o colégio, e o prefeito da cidade tomava as providências cotidianas. Mas quanto mais claro ficava que a maioria dos cidadãos de Delfzijl estava insatisfeita com a ocupação, mais os alemães recorriam à força e à intimidação. A censura foi instaurada, os partidos políticos foram banidos, e qualquer manifestação de lealdade à família real holandesa, que partira para o exílio em Londres, era ferozmente reprimida. Em 1942, o prefeito foi afastado de seu cargo e feito refém, para ser eliminado em caso de rebelião na cidade. Um holandês conivente com os nazistas foi colocado em seu lugar.

Delfzijl era uma cidade mais suspeita para os alemães do que muitas cidades holandesas, porque, como porto do mar do Norte, oferecia uma ligação natural com a Grã-Bretanha e a neutra Suécia. O serviço de inteligência britânico, mais de uma vez, considerou utilizar Delfzijl como ponto de entrada de agentes em solo holandês.⁶ Não por acaso, o SD, o serviço secreto nazista, chegou cedo na cidade. Ali, ele montou um escritório na antiga sede da prefeitura, na Markstraat, com uma central de apoio na residência do encarregado do canal de Eems. Esta central se ocupava da inspeção de navios, da administração do serviço de travessia de barcas que continuava a funcionar entre a cidade e Emden, e mantinha vigilância sobre mercadorias e pessoas que tentavam

embarcar clandestinamente para a Inglaterra. O SD também reprimia qualquer sinal de resistência. Isso significava qualquer atividade ilegal, como sintonizar a BBC, por exemplo, ler jornais não autorizados ou fazer comentários depreciativos aos alemães. Ofensas consideradas menores eram tratadas no escritório da Markstraat. Os suspeitos eram intimados, questionados, intimidados e, por vezes, espancados. Os casos considerados mais graves eram encaminhados ao quartel-general do SD, que ficava na praça principal de Groningen. Qualquer um que acabasse por lá corria sério risco de ser espancado até a morte ou levar uma bala na cabeça.

O SD era especialmente temido em Delfzijl porque metade de seus membros era holandesa, integrantes da sociedade que eles estavam oprimindo. Alguns eram oportunistas e mercenários. Outros eram partidários da ideologia nazista ou membros do Nationaal-Socialistische Beweging (NSB), o equivalente holandês do Partido Nazista, comandado pelo colaboracionista mais destacado da Holanda, Anton Mussert. Devido, principalmente, às precárias condições econômicas dos anos 1930, a província de Groningen tinha uma percentagem mais alta de filiados e simpatizantes do NSB do que as outras regiões do país, e Delfzijl não era exceção.

Em abril de 1945, o número de nazistas em Delfzijl havia crescido consideravelmente, graças aos colaboracionistas que fugiam para lá vindos do sul da Holanda, à medida que as cidades do país eram libertadas pelos Aliados. Em Groningen, uma equipe famosa do SD chegou do sul no outono de 1944, e nos meses seguintes, até a libertação da cidade, impôs uma das piores repressões experimentadas pela população civil em toda a guerra. Por toda a área de Delfzijl, a intimidação dos colaboracionistas aumentou.

Basicamente, eram os informantes holandeses que mantinham o SD em funcionamento. Isso acabou atingindo o principal grupo de resistência da cidade, o “Zwaantje”, ou “Pequeno Cisne”, assim batizado em homenagem ao café que o fundador do grupo frequentava durante seu serviço militar antes da guerra, em outra parte da Holanda. Allard Oosterhuis era um médico local e dono de um barco, que usava para contrabandear informações de inteligência e transportar foragidos para a Inglaterra via Suécia. Em troca, ele recebia radiotransmissores, dinheiro e material de propaganda, assim como fotografias da rainha Guilhermina e do restante da família real.

Alertado de sua existência por detalhes minuciosamente revelados em uma emissora de rádio americana por um fugitivo que chegou aos Estados Unidos graças ao empenho do grupo, o SD decidiu infiltrar no Pequeno Cisne um de seus informantes, um capitão holandês da Marinha. Os nazistas também tiveram sucesso em localizar o transmissor secreto do grupo de resistência por meio de uma unidade de radiodetecção, um veículo disfarçado repleto de equipamentos sofisticados que trafegava pelas ruas captando as frequências e localizando a origem dos sinais de rádio não autorizados. Em julho de 1943, depois de monitorar as atividades do Pequeno Cisne por alguns meses, o SD atacou o grupo e prendeu seus líderes. Tempos depois, em junho de 1944, eles foram condenados à morte.

Este foi o mesmo mês em que um traidor holandês denunciou o esconderijo de Anne Frank no anexo secreto da casa de sua família em Amsterdã, condenando a adolescente judia, autora do célebre *Diário de Anne Frank*, a uma morte triste e trágica em Bergen-Belsen. Os 150 judeus de Delfzijl já haviam sofrido a sina da maioria dos judeus holandeses. Em março de 1942, eles foram levados de trem para Amsterdã e mais tarde deportados para o terrível campo de triagem de Westerbork, ao sul de Groningen e no extremo leste do país. De lá, foram transportados em caminhões de gado para os campos de extermínio de Auschwitz e Sobibor, na Polônia. Pelo resto da guerra, os alemães usaram a sinagoga de Delfzijl como um lugar para estocar carvão. Os judeus de Groningen seguiram logo depois. Ali, o chefe de polícia, um nazista holandês, instruiu seus homens a respeito da tarefa “agradável” que tinha para eles — a de reunir, disse ele com sarcasmo, as muitas famílias judias que estavam separadas.⁷ Os trens que transportavam os judeus holandeses de Westerbork para os campos de extermínio passavam por Groningen em sua viagem para o leste europeu. Quando os vagões cruzavam a estação, os internos atiravam bilhetes sobre os trilhos. Algumas vezes, os bilhetes eram encontrados e guardados pelos moradores da cidade.

Apenas dez judeus de Delfzijl sobreviveram à guerra. A polícia militar holandesa acatou as ordens do SD para lacrar a estação de trem da cidade a fim de impedir sua fuga da cidade. Na Holanda da Segunda Guerra Mundial, os informantes e colaboradores da ocupação nazista desfrutavam de muitas vantagens, e cerca de 66 mil cidadãos holandeses foram mais tarde considerados culpados de colaboracionismo.

Reg Roy já testemunhara a justiça implacável exercida sobre aqueles que haviam ajudado os alemães. Ele sabia também que a resistência local estava sendo muito útil: não era eficaz como força de combate, mas tinha conhecimento de detalhes preciosos sobre as instalações militares alemãs na região. Recentemente, a resistência passara detalhes de um navio alemão em alto-mar que estava bombardeando os canadenses e, no dia seguinte, a Força Aérea britânica o localizou e o afundou. Roy tinha consciência também de que os informantes holandeses ainda rondavam, ávidos, da mesma forma, para transmitir informações das posições canadenses para os inimigos.

Apenas três semanas antes, Hitler ordenara que Emden e Delfzijl fossem declaradas “fortalezas”. Isso significava que ambas as cidades deveriam ser defendidas até o último homem e a última bala. Emden já suportara dezenas de ataques aéreos aliados e 85% de suas construções estavam em ruínas. Um comandante do Reich foi nomeado para a fortaleza, e poucos dias depois seu representante chegava a Delfzijl com plenos poderes sobre todas as forças alemãs dentro e em torno da cidade. Nesta hora, Roy e os Cape Bretoners entraram em cena, e a fortaleza nazista ficou em estado de alerta máximo, preparada para a resistência final. Para os habitantes da cidade, o momento de sua libertação viria a ser o mais perigoso de todos.

Dois dias antes de Roy escrever em seu diário que Himmler era “o verdadeiro comandante”, os Cape Bretoners tomaram conhecimento de que liderariam o assalto final a Delfzijl. Os planos para o ataque haviam começado na semana anterior. No dia do aniversário de Hitler, enquanto Roy descansava nas praias de Zuiderzee, o general Harry Crerar, comandante do I Exército canadense, gravou a mensagem que transmitiria às suas tropas no Dia da Vitória. Mais tarde, naquele mesmo dia, ele colocou a sua 5ª Divisão Blindada — conhecida como “Poderosa Máquina Marrom”, por causa da insígnia marrom que seus integrantes usavam na manga do uniforme — sob o comando do general Bert Hoffmeister, que estava encarregado de solucionar a questão do norte da Holanda. Entre as instruções recebidas por Hoffmeister estava a de “limpar o bolsão de Delfzijl”.

Havia razões táticas e estratégicas por trás desta ordem. Groningen, o último centro de comunicações relevante para os alemães na região, já sucumbira diante de tropas canadenses e polonesas após quatro dias de batalhas que castigaram duramente o centro da cidade. Isso fez com que a área

em torno de Delfzijl fosse a única parte da Holanda ainda sob domínio alemão. Dali, as tropas e os equipamentos alemães estavam sendo evacuados para Emden, e todo soldado nazista que conseguia escapar da Holanda representava um defensor a mais para a cidade alemã, alvo primordial da 3ª Divisão canadense, que já havia cruzado a fronteira do país. Estrategicamente, capturar os portos do mar do Norte tinha se tornado uma prioridade máxima para os Aliados no capítulo final da guerra no noroeste da Europa. Estes portos provaram ser essenciais para o desembarque de suprimentos de extrema necessidade para os Aliados. E quanto mais tempo permanecessem nas mãos do inimigo, mais ameaçadores seriam, pela presença perigosa de submarinos e outros navios de guerra alemães.

Desde o final de março, os criptoanalistas de Bletchley Park vinham interceptando mensagens navais alemãs reportando preparativos para resistir aos avanços aliados no estuário do Ems, assim como em Schleswig-Holstein, usando minissubmarinos, lanchas explosivas, homens-torpedo e homens-rã. A inteligência aliada relatou que, mesmo neste estágio da guerra, 75 minissubmarinos Seehund patrulhavam as águas holandesas e dinamarquesas, apresentando uma ameaça que preocupava profundamente o almirantado britânico.

A campanha terrestre podia estar caminhando bem, mas os navios aliados estavam sendo afundados em maior escala nos primeiros três meses de 1945 do que em qualquer quadrimestre do ano anterior. Ao lado dos submarinos convencionais, os velozes barcos-torpedo (chamados pelos alemães de *Schnellboots*, ou *S-boots*) figuravam no topo da lista das ameaças navais. A estimativa era de que entre trinta e quarenta ainda estivessem ao largo da costa holandesa. Qualquer coisa que pudesse tornar a tarefa aliada menos difícil neste final de guerra, como capturar Delfzijl, passou a ter alta prioridade.

O porto era importante também por outras razões. Isso nada tinha a ver com as batalhas, mas com a tragédia humanitária que ameaçava devorar a Holanda. Se conseguisse ser capturado intacto, o porto seria de importância vital para o desembarque de alimentos, fundamental para salvar as vidas de centenas de milhares de pessoas famintas. Navios da Cruz Vermelha sueca já haviam descarregado toneladas de comida em três viagens a Delfzijl, alimentos que seriam transportados para o sul, onde a fome era mais aguda, através da imensa rede de canais. Mesmo agora, quando as forças canadenses se

preparavam para o ataque, outro cargueiro sueco estava ancorado ao largo, aguardando autorização para entrar no cais.⁸

Ninguém esperava que o ataque a Delfzijl fosse tarefa fácil. A inteligência do Exército canadense estimava que os combates seriam pelo menos tão duros quanto os da tomada do “Breskens Pocket”, no estuário do rio Scheldt, em outubro — uma batalha para limpar o caminho ao sul da Antuérpia, na qual os canadenses haviam perdido milhares de vidas. O terreno em torno do porto era plano, descampado, encharcado e entrecruzado por incontáveis valas de escoamento e canais. Os veículos teriam que se manter nas estradas e não haveria cobertura. Toda a área estava repleta de minas terrestres e cercada por trincheiras. Várias pequenas aldeias na rota para Delfzijl. Em cada uma delas erguia-se um muro de proteção contra o avanço do mar, o que constituía uma vantagem para os alemães que defendiam a cidade. Além disso, as armas pesadas da bateria antiaérea de Delfzijl tinham sido apontadas na direção da terra. Uma vez que os canadenses entrassem na linha de tiro, seria menos perigoso acelerar resolutamente do que fazer uma pausa para tentar um cerco à cidade: “Três ou quatro dias de hesitação nos custariam muito no final”, declarou Hoffmeister. Ansioso por capturar o porto intacto, ele optou por um assalto rápido frontal e um ataque surpresa durante a noite.⁹

À disposição de Hoffmeister para a “Operação Canadá”, codinome oficial do ataque, estavam vários regimentos canadenses além dos Highlanders, como os Westminsters, os Perths, o Regimento Irlandês, os Dragões da Colúmbia Britânica, os Hussardos de New Brunswick e mais dois regimentos de artilharia de campo. A oeste da cidade, vastas extensões de terra estavam submersas, e, portanto, qualquer ataque partindo daquela direção estava fora de cogitação. Como alternativa, os canadenses alcançariam a cidade em um movimento de pinça de duas pontas pelo norte e pelo sudeste. Depois de pressionarem o inimigo com força, os Cape Bretoners aplicariam o golpe de misericórdia e tomariam a bateria alemã.

O clima havia piorado quando Reg Roy chegou para participar do ataque. Depois de dois dias em Zuiderzee, ele tinha sido levado de caminhão rapidamente para a região de Delfzijl, no norte, atravessando muitas cidades já libertas, onde a bandeira holandesa tremulava nas janelas das casas e nos postes das ruas. Partes da estrada pela qual ele passou já estavam com a sinalização das unidades militares recém-transferidas da Itália: pichações onde se lia “Caminho

Sangrio” ou “Via Coriano” espalhavam-se no tronco das árvores e nos postes de telégrafos, e certa vez, ao atravessar uma ponte chamada “Oh Mama Mia”, Roy deu uma boa gargalhada.

Ele próprio tinha combatido na Itália por muitos meses, antes da transferência em fevereiro, junto com o restante dos canadenses, para engrossar as fileiras de Montgomery que pressionavam no noroeste da Europa. O combate na Itália havia sido duro, mas o que realmente o chocou foram as condições da vida civil. “Uma velha Itália corrompida e imunda”, descreveu ele em uma carta à noiva, “onde crianças com guimbas de cigarro no canto da boca se reuniam e mendigavam diante dos soldados, e onde tudo parecia pobreza e abandono”. Ao ser transferido de lá e passando pela França, Roy se sentiu “saindo de uma terra deprimida para um belo jardim florido”, como registrou em uma carta a seus pais.¹⁰

Mas, na Holanda, os alemães haviam destruído grande parte dos diques que protegiam o continente, e uma chuva incessante encarregara-se de tornar o resto do terreno ainda mais lamacento do que o normal, tornando quase impossível o tráfego de tanques. As nuvens baixas inviabilizaram o apoio aéreo, e a incumbência agora estava com a infantaria e sua artilharia leve. Se Roy estava preocupado com a possibilidade de morrer nesta última batalha da guerra, não deixou que isso transparecesse em suas cartas. Ao escrever para casa, ele manteve seu ânimo forte e o humor brincalhão, quase como se quisesse encorajar a si mesmo e aos seus destinatários. Em um contraste acentuado com as cartas que Robert Ellis escreveu da Itália para sua família, as cartas de Roy eram cheias de minúcias das proezas da infantaria e não demonstravam nenhuma das dúvidas experimentadas pelos americanos sobre o valor daquilo tudo. Apesar desse otimismo epistolar, no entanto, ele sabia muito bem que os Cape Bretoners enfrentariam uma batalha renhida. Ele começara a respeitar o Exército alemão na Itália. Algumas vezes, ao ter de confrontar a pouca disposição de seus homens, ele chegara a invejar os oficiais alemães pelas tropas disciplinadas que tinham sob seu comando.

Para os primeiros combates da Operação Canadá, os Cape Bretoners ficaram na retaguarda na pequena cidade de Bierum. Então, na noite de domingo, 29 de abril, eles avançaram para outra cidadezinha, Uitwerde, a menos de 3 quilômetros de Delfzijl. Apenas alguns dias antes, a resistência local em Bierum tinha planejado ajudar os canadenses, atacando um posto de

vigilância do inimigo nas proximidades, mas uma moradora traiu os patriotas e cinco inocentes da cidade pagaram o preço. Apanhados ao acaso pelos alemães, eles foram obrigados a cavar as próprias sepulturas junto a um dique de contenção, sendo fuzilados logo em seguida.¹¹

Agora, no último dia de abril, Roy estava posicionado para o assalto final a Delfzijl. Depois de escurecer, às dez da noite, os Cape Bretoners estavam prontos para o ataque, mas somente três horas depois a Companhia D recebeu o sinal para avançar. Logo que se movimentaram, porém, os alemães abriram fogo. “Eles nos pegaram despreparados”, recordou Roy, e seu primeiro pensamento foi o de que haviam sido traídos por civis holandeses. Mas este não era o pior dos problemas. “Logo vieram as bombas — das grandes. KEERIST! [Cristo]”, escreveu em seu diário logo que pôde. Para tornar as coisas ainda mais difíceis, as estradas estavam tão ruins que eles tiveram de abandonar seus veículos de apoio.

Apesar de tudo, Roy e seu pelotão conseguiram chegar até um pequeno dique. “Estava apinhado de franco-atiradores e tinha também um maldito SP [canhão autopropulsionado que os alemães haviam instalado no chassis de um tanque]”, anotou rapidamente. “Vi a Companhia C avançando com os tanques e fazendo um bom trabalho. Meu Deus, como foi terrível ver nossos companheiros serem retalhados daquele jeito.”¹² Às cinco da manhã, a Companhia D estava em apuros. Nesse momento, Roy se convenceu de que havia chegado ao fim da linha.

Eles quase não tinham mais munição, e o veículo que fazia o transporte de armas estava encalhado muito atrás. Os lança-chamas usados para confundir as tropas inimigas não conseguiam atravessar as estradas estreitas e imprestáveis. Roy achava quase impossível distinguir sua posição da dos inimigos, porque a escuridão era total. “Era MUITO difícil saber quem estava atirando em você e de onde”, confessou. “Estranho, mas verdade. Se você percebia um espaço conveniente para os boches, então provavelmente o fogo estava vindo de lá. No entanto, era um alvo muito difícil de apontar com precisão.” Algumas vezes, acrescentou, “se houvesse uma aproximação com cobertura para a posição alemã, os boches despejavam um monte de balas sobre a trincheira coberta de mato, mesmo que não houvesse nada lá. Um lance inteligente da parte deles!” Naquele momento, a companhia inteira estava acuada pelos Panzerfausts e metralhadoras Spandau. O fogo era tão intenso que não podiam sequer enviar

um mensageiro para a retaguarda a fim de pedir reforços. Cercado por ruído e confusão, e perdido no breu, Reg achava quase impossível entender o que estava acontecendo. Mas, quando a luz da alvorada começou a brilhar, seguiu-se um daqueles momentos surreais que ocorrem em todas as batalhas.

Eu me lembro de estar na estrada, me aproximando do dique, quando nos detivemos por um instante. Olhei em volta e percebi um capacete alemão, aparentemente largado no nada. Cheguei mais perto e lá estava um soldado alemão dormindo profundamente, com uma metralhadora grudada no corpo, e usando o capacete! Nós o despertamos do sono, tomamos a metralhadora e o mandamos para a retaguarda [...] O inimigo estava em algum ponto adiante e prosseguimos nos esgueirando pelo dique, imaginando o que encontraríamos pela frente.¹³

Quando o dia amanheceu, Roy ainda estava encurralado e encharcado pela chuva em campo aberto, a menos de um quilômetro da cidade. Um fogo pesado e incessante vinha das dezenas de casamatas subterrâneas e dos grandes esconderijos reforçados que protegiam a bateria alemã. Tarde demais, no entanto, Roy percebeu que o boletim de inteligência antes da batalha estava enganado: a resistência alemã era muito mais consistente do que se imaginava; os soldados não tinham ideia de que havia esconderijos de concreto e de que o inimigo estaria tão bem protegido — na verdade, ele imaginara que a bateria alemã na cidade seria simplesmente uma “fortificação grosseira” a ser eliminada; e também o contingente de soldados inimigos era obviamente muito maior do que todos haviam previsto.

Ele tampouco tinha sido avisado sobre a existência de minas de vidro. Roy acumulara experiência em descobrir minas comuns com o costumeiro detector manual (mesmo assim, os alemães — “bastardos sujos como eram” — tinham desenvolvido uma mina com um detonador no fundo que explodia e matava qualquer um que tentasse removê-la). Este aparelho, porém, não era capaz de detectar um novo tipo de mina, do tamanho de um prato de sopa, feita de vidro, e que continha dois compostos químicos. Quando a mina era pressionada, esses dois compostos se misturavam e produziam uma chama que acionava uma placa de algodão-pólvora, detonando a explosão. “Aquilo”, explicou Roy, “era o fim da proteção de aço tão útil proporcionada pelos tanques [...] Graças a Deus eles não as inventaram antes”. Mas agora não havia

consolo. Aquele era um artefato mortífero que ele nunca havia enfrentado antes.¹⁴

Pela primeira vez desde que chegara à Holanda, o oficial no comando dos Cape Bretoners estava seriamente preocupado e entrou num tanque, que foi rapidamente feito em pedaços pelo pesado fogo alemão. No final, foi necessária uma ação desesperada de outras unidades pelos flancos para salvar o dia. Os canadenses ocuparam a estação de trem, fizeram centenas de prisioneiros e, no meio da manhã, finalmente conseguiram aliviar a pressão sobre a acossada Companhia D. A essa altura também, Roy e seus camaradas exaustos foram reabastecidos de munição. Eles retomaram o avanço e, às 11 horas, por fim, capturaram as quatro grandes baterias de canhões que ficavam no dique e fizeram trezentos prisioneiros. Ainda que seus defensores pretendessem destruí-lo, o porto foi capturado intacto.

Para os Cape Bretoners, entretanto, a batalha por Delfzijl custou caro: foram vinte mortos e mais de cinquenta feridos. Metade dos mortos era da Companhia D. “Espero nunca mais ver uma batalha como essa”, rabiscou Roy em seu diário algumas horas depois. “Foi matança pura [...] a batalha mais amarga de que já participei na vida.” E ele teve muita sorte. Apenas algumas horas antes do começo do ataque, fora substituído como líder do pelotão por um recém-chegado ao regimento, um tenente de 23 anos ávido para sentir o gosto do combate. “Não me incomodei nem um pouco!”, confessou Roy, após ser transferido para a retaguarda. O recém-chegado foi morto quando liderava o pelotão em direção aos diques.

No momento em que atingiu seu alvo, Roy estava exaurido. “Estou morto de cansaço, com frio, dores no corpo, e muita fome”, registrou. “Achei quatro garrafas de champanhe!”¹⁵ Mas ele não parou ali. Ávido por encontrar mais despojos de guerra, ele embolsou várias bandeiras alemãs e então se candidatou para ir até a cidade fazer uma inspeção junto com outros voluntários. No caminho, cruzou com um depósito militar em chamas. Entrou rapidamente no prédio, tomou posse de um punhado de distintivos com a suástica e correu para fora quando a munição começou a explodir.

Ao retornar para o dique, teve tempo de dar uma olhada em volta. Marcadas claramente nas amuradas de concreto das armas pesadas alemãs estavam as posições dos pontos de referência locais, como casas e igrejas, e também suas respectivas distâncias, de maneira que os atiradores pudessem calcular

extensões. Ele descobriu também que as posições dos canhões estavam conectadas por cabos subterrâneos aos fortins, onde um periscópio fixado sobre o telhado dava ao comandante alemão uma visão excelente do campo de batalha — exceto à noite. Os corpos dos companheiros de Roy mortos em batalha já haviam sido envolvidos em cobertores e estavam em fileira no chão, aguardando sepultamento. Vinte e nove moradores de Delfzijl também pereceram durante o ataque.

PARTE TRÊS

DA MORTE DE HITLER AO DIA DA VITÓRIA

15. LIDANDO COM NAZISTAS

Hitler estava morto, mas a guerra continuava. O cheiro da vitória estava no ar e a Wehrmacht, outrora tão temida e poderosa, estava destruída e sem salvação. No entanto, remanescentes obstinados continuavam a lutar e a perspectiva de um Reduto Alpino ainda turvava o horizonte. Ignorando os últimos movimentos no esconderijo subterrâneo de Hitler, muitos observadores aliados acreditavam que o homem que agora puxava as cordas era Heinrich Himmler.

Um deles era um colega de Robert Reid na BBC. Chester Wilmot estava viajando com as tropas britânicas em avanço pela costa do mar do Norte na direção de Hamburgo e do mar Báltico. “Aqui no norte, ainda há um exército a ser levado em conta: um exército cujo poder de fogo Himmler ainda pode considerar uma arma de barganha”, disse ele a seus ouvintes em uma transmissão radiofônica no exato dia em que Hitler se suicidou. “Nós destruímos o Exército alemão como um todo e a sua Força Aérea; mas não destruímos ainda o poder e o espírito da Marinha alemã.”

Sem dúvida, como Reg Roy e os canadenses estavam experimentando naquele mesmo dia em Delfzijl, os alemães reuniam suas últimas forças para defender os portos e as bases navais ao longo do mar do Norte e da costa báltica. Em Kiel, Wilhelmshaven e outros lugares, mais de 100 mil combatentes da Marinha alemã estavam envolvidos em batalhas terrestres, reforçados pelas unidades da Dinamarca. “Não podemos nos permitir a esta altura da guerra interromper a missão”, enfatizava Wilmot. “Enquanto houver bolsões de resistência tão bem organizados como este, os nazistas podem ser estimulados a combater em outros lugares. De forma que aqui no norte”, concluiu, “o II Exército britânico está atacando a última esperança de Himmler”.¹

Uma fonte poderosa de alimentação destes medos fora a recente e amarga batalha ocorrida em Bremen. Esta antiga cidade de tijolos vermelhos era um dos portos alemães mais importantes no mar do Norte e uma grande base de submarinos. Os nazistas estavam determinados a conservá-la pelo maior tempo possível. Quando as forças britânicas apertaram o cerco sobre a cidade, Himmler fez uma visita a Bremen. Viajando em seu trem particular blindado, ele ordenou um estreitamento do controle da SS sobre as defesas da cidade a fim de garantir que nem as autoridades municipais nem o comandante militar local se rendessem em um momento de fraqueza. Por muitos dias, Bremen foi castigada pelos bombardeiros da RAF, atingida sem piedade pela artilharia e atacada incessantemente pela infantaria. Finalmente, as forças britânicas entraram nos escombros do que dela restou.

Entre os britânicos estava um soldado que combatia em uma divisão escocesa. “A população civil não tinha condições de resistir”, lembrou ele,

[ela] estava psicologicamente no desesperado e insano estado de abandono que muitas vezes atinge um povo que se recusa a enxergar a derrota evidente. Os cidadãos se entregaram à selvageria, aos saques, à bebedeira, brigando entre si pelos bens de consumo; seu descontrole foi agravado pela presença entre eles de um grande número de deslocados de guerra desmoralizados, pessoas que deixaram os campos de concentração no interior. Por dois ou três dias no final de abril de 1945, Bremen foi talvez um dos lugares mais depravados e corrompidos desta terra de Deus: todas as proibições eram ignoradas por aqueles alemães que se revoltavam em sua chocante incapacidade de aceitar as conseqüências de sua própria estupidez política.²

Wynford Vaughan Thomas, outro colega de Reid na BBC, fez um retrato vivo da catástrofe, falando diretamente do centro da cidade, onde máquinas de terraplanagem do Exército, guiadas por homens com lenços sobre o rosto em uma proteção improvisada contra as nuvens de poeira, já trabalham duramente para remover os escombros. Bremen, relatou Vaughan Thomas, virou um “monte de lixo”.

“Há muros de pé, há chaminés de fábrica aqui e ali, mas não há mais forma nem ordem, e com certeza nenhuma esperança para esta carapaça de cidade que um dia foi chamada de Bremen”, prosseguiu. Era uma paisagem de muitos quarteirões de apartamentos com as fachadas partidas, casas à mostra com os

móveis das famílias explodidos pelas bombas. A maior parte dos cidadãos de Bremen sobreviveu refugiando-se nos muitos gigantescos abrigos antiaéreos. Alguns, acrescentava Vaughan Thomas, começavam a “andar de um lado para outro, com aquele jeito atônito de um povo bombardeado, entre as ruínas empoeiradas”. Milhares de estrangeiros deportados para trabalhar na cidade já tomavam o caminho de suas casas, na França, na Itália, na Holanda e na Polônia. “Mas os habitantes de Bremen”, concluía ele com amargura, “tiveram de ficar entre os escombros de sua cidade. E agora terão tempo de sobra para perambular e refletir sobre o resultado da guerra total”.

Quando abril cedeu espaço para maio, a perspectiva de que outras cidades alemãs como Hamburgo, Lübeck e Kiel pudessem oferecer obstáculo similar às forças aliadas parecia bastante provável.³

Um dos homens mais alertas para esta probabilidade de uma última trincheira de resistência nazista era Winston Churchill. Neste momento, ele não exercia mais influência alguma sobre os exércitos aliados, e os acontecimentos em terra, tanto militares quanto políticos, estavam além de seu controle. Mas ele ainda tinha capacidade, vontade e a determinação de um buldogue para acompanhar de perto o que estava acontecendo no dia a dia. Fazia isso lendo a torrente incessante de interceptações secretas produzidas por seus homens da inteligência em Bletchley Park.

Estes relatórios eram levados pessoalmente até ele por sir Stewart Menzies, o cérebro do Serviço Secreto de Inteligência britânico. Em 30 de abril, porém, com a guerra quase acabada, Menzies decidiu que chegara a hora de reduzir a quantidade de papéis e detalhes levados a Churchill. “Primeiro-ministro”, escreveu ele, “a fim de economizar tempo de leitura, eu estou preparando, até que o senhor me determine o contrário, os relatórios em forma de manchetes, da mesma maneira que as notícias da Marinha lhe são enviadas diariamente”.

O bilhete parecia inócuo. As “manchetes” navais eram curtas — resumo em uma ou duas linhas produzido pela inteligência da Marinha —, mas Churchill sempre pareceu satisfeito com isso. Menzies estava, então, propondo resumos similares para o Exército e o corpo diplomático, que até então lhe mandavam releases longos e detalhados.

Churchill, todavia, reagiu mal à proposta. Como o chefe do Serviço Secreto podia imaginar que ele tinha menos necessidade de ler esse tipo de material

agora? Só porque a guerra estava próxima do fim? Pois este era o momento em que, pelo contrário, ele queria saber *exatamente*, e em detalhes, o que estava acontecendo. Depois de pegar um grosso lápis vermelho em sua mesa, Churchill escreveu laconicamente a palavra “Não” no papel onde estava a sugestão de Menzies. Então, sublinhando para enfatizar, acrescentou: “Claro que não!”, e ordenou que ele continuasse providenciando os relatórios completos.⁴

Como todos os outros, Churchill estava tentando penetrar na cortina de fumaça que envolvia os últimos dias da resistência nazista. Apenas duas semanas antes, ele tinha lido a interceptação de uma ordem do próprio Hitler que conclamava o aumento da resistência às forças aliadas, porque elas estavam nitidamente ganhando a guerra. “O pico da atividade deve ser mantido em ação, somente com ataques contra o flanco e a retaguarda do inimigo a ruptura e interrupção de suas comunicações de suprimento podem ter sucesso garantido”, Hitler ditou para seus comandantes. “O sucesso do todo é conseguido pelo total de contragolpes a serem executados em todos os momentos e em todos os lugares na retaguarda inimiga, combinados com ação de guerrilha.”⁵

Por experiência própria, Churchill sabia que muitos danos poderiam ser causados às tropas aliadas pela ação de guerrilheiros. Na juventude, ele tinha visto os bôeres causando grandes estragos na África do Sul. Em Cuba, fora informado pelos jornais ingleses do sucesso das forças insurgentes no combate aos espanhóis durante a luta pela independência da ilha. Mais recentemente, ele próprio havia liberado apoio britânico às forças de Tito na Iugoslávia, aos maquisards na França e aos partisans que lutavam atrás das linhas alemãs na Itália. Seu receio agora era que, somado à obstinação fanática e à fidelidade ao nazismo, esse tipo de campanha pudesse causar prejuízos terríveis aos exércitos aliados.⁶

Seus temores devem ter sido reforçados quando ele leu, no dia da morte de Hitler, uma mensagem interceptada pelos britânicos, de Himmler para Kaltenbrunner, em Salzburgo. O líder da SS estava agora tentando desesperadamente consertar o estrago causado pelo vazamento das notícias sobre seus encontros com Folke Bernadotte. Denunciando os relatórios como “perversão maliciosa”, ele tentava reforçar a decisão de seu delegado de

prosseguir com a luta. “Está claro”, dizia Himmler, “que combater é a única chance que temos, uma vez que o outro lado está absolutamente contra nós!”

Nos dois dias seguintes, a equipe de Bletchley Park decifrou vários outros relatórios escritos em caráter similar. Todos apresentavam a mensagem de que os nazistas lutariam até o último minuto possível. Na quarta-feira, 2 de maio, o dia em que as forças alemãs na Itália se renderam, os criptoanalistas captaram uma Ordem do Dia do marechal de campo Kesselring, comandante das forças alemãs no sul da Europa. “O homem que [desiste] agora [peça] contra o povo, [perde] sua honra e [perde o direito] à vida”, dizia o texto. Logo depois, a inteligência britânica decifrou uma ordem igualmente ameaçadora do almirante Dönitz, chefe do estado-maior da Marinha alemã. Nela, ele conclamava todas as tripulações de submarinos a lutar contra o bolchevismo “para salvar milhares de alemães da destruição e da escravidão”. Uma vez que os “anglo-americanos” toleravam a destruição da Alemanha pelos bolchevistas, exortava Dönitz, “a luta terá de prosseguir sem restrições”.⁷

Esta segunda mensagem era particularmente assustadora, pois naquele mesmo dia a Rádio Hamburgo anunciou ao mundo que Hitler tinha sucumbido “em defesa de Berlim” e que havia nomeado Dönitz como seu sucessor, presidente do Reich e ministro da Guerra. A impressão que se tinha era que a morte de Hitler não tivera efeito algum no enfraquecimento da disposição nazista em combater até o amargo fim.

Karl Dönitz era um homem alto, sisudo, de lábios finos, com 54 anos de idade. Não fazia parte da alta cúpula nazista, mas em abril de 1945 sua influência sobre o Führer era absoluta. Submarinista durante a Primeira Guerra e mentor da frota de submarinos nazista, Dönitz detinha em suas mãos a promessa da arma secreta derradeira que ainda poderia salvar o Terceiro Reich. Tratava-se de um submarino movido a eletricidade, o Modelo XXI de 1.600 toneladas que Hitler entendia ser uma nova e decisiva arma de guerra. A Luftwaffe sob o comando de Göring havia fracassado em sua missão, e a Wehrmacht, por sua vez, estava povoada de generais que defendiam uma retirada estratégica. Aos olhos de Hitler, Dönitz, pelo contrário, era leal, comprometido e eficiente. Nascido em uma rígida família luterana na Prússia, ele fora educado com um absoluto senso de dever e obediência ao Estado. Até mesmo o habitualmente rigoroso Goebbels o descrevia como “um calculista muito frio”.⁸ Graças ao empenho de Dönitz, assim como de empreendedores

como o ministro do Armamento Albert Speer, a construção de submarinos alemães crescera vertiginosamente nos anos anteriores.

Em março de 1945, apesar de todos os esforços dos bombardeiros aliados para destruir as fábricas alemãs e os estaleiros, a frota de submarinos nazistas chegou a 459, o número mais alto da guerra. O Modelo XXI poderia cruzar o Pacífico sem a necessidade de recarregar as baterias e, quando se movimentasse em alta velocidade nas profundezas, poderia facilmente acompanhar o curso dos navios aliados mais velozes. Junto com outros novos modelos de submarino, este “alongado precursor do futuro” despontava como uma grande possível ameaça, que prometia inaugurar uma segunda e catastrófica Batalha do Atlântico para as forças aliadas.⁹

Como oficial de carreira, Dönitz não era membro do Partido Nazista, mas em todos os outros aspectos era o mais fiel e confiável dos paladinos de Hitler. Completamente hipnotizado pela personalidade elétrica do Führer, ele falava com fervor de sua “excepcional energia” e partilhava das visões nazistas sobre “o veneno desagregador do povo judeu”. Mais do que qualquer outro comandante de alta patente, Dönitz insistia que os interesses das Forças Armadas e do Estado eram um único e o mesmo. “Dizer que o militar é apolítico é papo-furado”, costumava declarar. “Todo o corpo de oficiais deve ser doutrinado de tal forma que se sinta corresponsável pelo Estado nacional-socialista na sua totalidade.” No pós-guerra, mesmo depois de passar dez anos na prisão de Nuremberg condenado por crimes de guerra, ele mantinha a convicção firme de que somente através do nacional-socialismo a Alemanha tinha conseguido verdadeiramente estabelecer sua unidade.¹⁰

Quando os soviéticos avançaram sobre Berlim, Dönitz ordenou a seus oficiais que fossem duros e rígidos com seus homens: “Se as circunstâncias exigirem que venhamos a punir alguém exemplarmente, não podemos nos intimidar, por mais doloroso que seja.” A Marinha deveria se firmar como “uma rocha de resistência”, como um exemplo para o resto da Alemanha. Tendo isso em mente, ele cooperou com Himmler e a SS, enviando suas equipes de submarinos para missões suicidas no mar. Em Dönitz, portanto, Hitler encontrara um autêntico companheiro de espírito.¹¹

Embora atordoado com a indicação, Dönitz acatou-a prontamente. No que dizia respeito a ele, a tarefa agora era salvar da ruína o máximo que pudesse. “Quando li a mensagem, não duvidei sequer por um momento que era minha

obrigação aceitar a incumbência”, revelou mais tarde. A seus olhos, agora a maior ameaça para a Alemanha e os alemães vinha do leste. Em seu pronunciamento inaugural à nação alemã como sucessor de Hitler, transmitido pela Rádio Hamburgo em 1º de maio, ele declarou que sua missão era “salvar os homens e as mulheres alemães da desintegração pelo avanço do inimigo bolchevique”. Desta maneira, sua estratégia era colocar obstáculos às forças no oeste pelo maior tempo possível, na esperança de que isso pudesse provocar uma divisão entre os Aliados.¹²

A esta altura, Dönitz havia deixado Berlim e se estabelecera na pequena cidade de Plön, em Schleswig-Holstein, a salvo do Exército Vermelho e mais próximo da grande base naval de Kiel. Ali, na margem de um lago, os nazistas haviam construído imensos quartéis navais que foram transformados durante a guerra na maior escola de treinamento de submarinistas do Reich. Em Plön fora instalado também o quartel-general da Marinha alemã. Isso fez com que a cidade se tornasse a base natural de Dönitz, e ali ele organizou um novo governo alemão, o último do Terceiro Reich. Como ministro das Relações Exteriores, ele nomeou o conde Schwerin von Krosigk, membro da antiga nobreza alemã, ex-aluno de Oxford e socialista fabiano. Krosigk também servira lealmente a Hitler como ministro da Fazenda e ajudara a confiscar as propriedades dos judeus.

Após alguns dias, no entanto, até mesmo Plön parecia vulnerável. As forças britânicas estavam se aproximando rapidamente pelo sul. Arquivos e documentos foram empacotados às pressas e embarcados em caminhões para o norte pelas estradas caóticas povoadas por milhares de refugiados e dezenas de comboios militares lotados de soldados feridos. Acompanhando a mudança em sua limusine blindada, Dönitz era obrigado frequentemente a sair da estrada para se proteger quando aviões britânicos bombardeavam a via. Ele chegou finalmente ao seu destino em Murwick, ao norte de Flensburg, junto à fronteira dinamarquesa, nas primeiras horas da madrugada. Aqui, nas duas semanas seguintes, foi encenado o ato final da tragédia nazista.

Na vanguarda das forças britânicas que se moviam em direção a Schleswig-Holstein e que empurraram o último governo nazista ainda mais para o norte estava o comando Bryan Samain. Tendo atravessado o Elba, sua brigada deslocava-se rapidamente para nordeste. Eles contornaram Hamburgo e, na

quarta-feira, 2 de maio, ocuparam o pequeno porto de Neustadt, no mar Báltico, 32 quilômetros ao norte de Lübeck.

No caminho, Samain viu todos os sinais de uma nação derrotada. “Passamos por colunas e mais colunas de prisioneiros cansados de viajar”, lembrou, “por civis atordoados, quase sempre em pequenos grupos familiares, com mulheres e crianças, carregando o que havia sobrado de seus bens e andando pela margem da estrada na direção oposta a nós; aquilo me lembrava as famílias francesas e outros refugiados buscando segurança nas estradas da França logo após a invasão alemã de 1940”.

Em determinado ponto, os comandos pararam para ajudar alguns exaustos e recém-libertados prisioneiros de guerra britânicos, que estavam caminhando havia horas depois de deixar o campo. Um deles, um oficial de meia-idade, caiu em prantos quando os avistou. “Na mesma hora, oferecemos a ele e a seus camaradas chá ‘quente’ e cigarros”, recordou Samain, “enquanto nossas unidades de alimentação preparavam ovos e batatas”.¹³

Outras unidades britânicas rumaram para Lübeck. Contrariando seus temores por uma desesperada cartada final, elas encontraram apenas uma resistência insignificante e uma sociedade em decomposição. Na cidade vizinha de Mölln, um grande contingente de trabalhadores escravos tinha fugido de um campo e aterrorizava as ruas, saqueando lojas e depósitos de vinho, de maneira que o vinho literalmente escorria pelas calçadas.

Um campo de prisioneiros de guerra fora libertado e a equipe de terra da RAF providenciara todo tipo de transporte disponível: alguns se instalaram na parte de cima de grandes carroças de cavalo, enquanto outros juntavam seus trapos e, tendo de ambos os lados slogans escritos com giz, caminhavam felizes para a parte de trás.

No meio deste carnaval caótico, milhares de soldados alemães perplexos e desanimados, mas fortemente armados, assistiam à cena sentados nas margens das estradas, ou vagavam sem rumo. “Em pouco tempo”, recordou um soldado britânico, “as campinas começavam a se encher de uma espécie cinza de gado, silenciosa, cansada e abatida. [Tanques] Panther novos em folha eram abandonados pela tripulação nos cruzamentos; soldados da artilharia antiaérea observavam com as mãos no bolso enquanto eles eram deixados de lado. A SS estava fingindo ser outra coisa e tentava fugir, mas sem ter ideia de para onde”.¹⁴

Alguns dos inimigos derrotados, no entanto, tinham uma ideia clara de para onde deveriam ir. No resort de Travemünde, no litoral báltico, onde o agente da SOE Fred Warner passara férias quando garoto, uma unidade britânica avistou uma lancha tentando fugir pelo mar. Os britânicos a detiveram com uma rajada de balas que inutilizou seu armamento. A bordo da embarcação, encontraram um major-general alemão que confessou estar fugindo para a Escandinávia com sua turma de oficiais, sua amante, um grande estoque de cigarros e trinta garrafas de licor Kümmel.

A embarcação de outro nazista *bon vivant*, desta vez bem mais conhecido, também foi capturada pelas forças britânicas durante o cerco a Lübeck. Entre os itens mais suntuosos acumulados por Hermann Göring durante sua carreira de saqueador e explorador dos cofres públicos e privados estava seu iate *Carin II*. Durante os anos 1930, ele com frequência navegava de Berlim até o Elba e de lá, pelos canais, até o Reno, sendo aclamado pelos alemães que assistiam das margens. Vestido com uniforme branco e refestelado em uma cadeira no deque, ele sorria exultante enquanto as caixas de som tocavam em alto volume canções populares como “Culpe Napoleão” ou óperas de Wagner. Certa vez, Göring zarpou para Copenhague a fim de assistir a uma apresentação de *Hamlet* no castelo Elsinore e, lá, se deliciou com as tortas e os doces dinamarqueses que tanto amava. Durante a guerra, o barco ficara atracado no rio Oder, mas naquele mês de fevereiro fora trazido de volta e levado a Mölln, para evitar um confisco russo. Aqui estava ele agora, como um símbolo vergonhoso e lembrança de um regime venal e corrupto em sua agonia derradeira.

Havia muitos outros sinais que revelavam a verdadeira natureza dos nazistas. E conforme os comandos britânicos prosseguiam em seu avanço, os olhos jovens e perceptivos de Samain captavam todos eles. “Em prados que atravessamos”, recordou, “vimos vítimas de campos de concentração recém-libertadas vagando sem rumo, confusas e desorientadas, facilmente identificáveis por suas cabeças raspadas, rostos e corpos enrugados, e por aquelas roupas listadas deprimentes”. Ao chegar a Neustadt, lembrou ele, “já não esperávamos qualquer resistência e de fato não a encontramos”. Em vez disso, havia uma massa de soldados alemães tentando se render e, como em Mölln, trabalhadores escravos recém-libertados enchiam as ruas. A primeira tarefa de Samain foi liderar uma pequena patrulha até a cidade e conseguir alojamento para os 450 integrantes da sua unidade, o Comando 45. Ele

embarcou em seu jipe e percorreu as ruas principais de Neustadt até encontrar dois grandes blocos de apartamentos, em calçadas opostas da mesma rua, um bem em frente ao outro. Samain percebeu que os prédios estavam intactos. “Saltei do jipe com o resto do pelotão e ordenei a todos os ocupantes do prédio do lado esquerdo da rua que deixassem seus apartamentos em meia hora e fossem se abrigar do outro lado da rua com os moradores do outro bloco”, recordou. “Eram todos civis, de meia-idade ou idosos, casais ou pequenas famílias, e obedeceram sem reclamar. Tinham [compreensivelmente] muito medo.” Mas Samain tinha uma missão a cumprir, e não havia espaço para sentimentalismos: precisava alojar 450 soldados cansados, e rapidamente. “Não tive escrúpulos”, admitiu, “e quando o restante da unidade chegou em seus veículos, instalei-os naqueles apartamentos desocupados e mobiliados”.¹⁵

Este procedimento era normal por onde os exércitos aliados passavam. As regras eram simples, mas claras: os alemães tinham um certo tempo para juntar seus “pertences pessoais” e, em seguida, deixar as casas. Para onde ir, isso era problema deles, e não das tropas de ocupação. E o que seriam esses “pertences pessoais” ficava inteiramente a cargo do oficial incumbido da ação. Normalmente, isso significava roupa de cama básica e artigos de vestuário que podiam ser carregados rapidamente. Material de cozinha, alimentos, combustível e rádios — qualquer item que tivesse serventia para os soldados — tinham que ser deixados para trás. A propriedade ocupada passava a pertencer às forças de ocupação. Frequentemente, muito do que era encontrado era levado adiante para ser utilizado em outro lugar.¹⁶

Os civis em Neustadt conheciam as regras. Eles haviam sido derrotados e não havia escolha. Para ele próprio e outros cinco agentes de sua unidade de inteligência, Samain separou um apartamento no último andar do prédio. Ali, encontraram um velho gramofone e um único disco, com o “Capriccio italiano” de Tchaikóvski. “Ouvíamos aquele disco por horas a fio, de dia e de noite. Desde então, e mesmo após todos estes anos”, escreveu ele quase meio século depois, “não consigo ouvir esta música sem pensar imediatamente naqueles dias em Neustadt”.¹⁷

Para todos os efeitos, Neustadt era apenas um porto que havia sido mutilado pela guerra. Mas, na realidade, como Samain rapidamente descobriu, servira também como “um antro das atrocidades inimigas”.¹⁸

Mesmo antes de entrar na cidade, as tropas britânicas tinham recebido uma amostra do que viria a seguir. Em sua marcha para Lübeck, outra unidade dos Comandos avistara, acuado em um bosque, um pequeno grupo de pessoas famintas e esqueléticas vestidas com o já conhecido uniforme listrado dos campos de concentração. Estavam aterrorizadas e em péssimas condições. Um oficial britânico levou um pedaço de pão até o grupo, e um dos prisioneiros o repartiu em pequenas porções e distribuiu para os outros. “Sou um soldado inglês”, disse o oficial num alemão tosco, “de onde são vocês?” O prisioneiro que repartira o pão respondeu, “Ruskie”, e apontou para o mar. Na baía, os comandos puderam ver um navio ancorado. Os russos também disseram que os guardas da SS haviam chutado, espancado e matado a tiros muitos dos prisioneiros.

Enquanto isso, as unidades britânicas de vanguarda relatavam que, próximo a Neustadt, trabalhadores escravos — na maioria polacos, russos e judeus — estavam sendo fuzilados na praia por militares alemães e tropas da SS. Mais adiante, na cidade, os comandos descobriram um pequeno campo de concentração. Era uma miniatura de Belsen, com centenas de cadáveres estirados no solo sobre as próprias fezes.

O encarregado da Brigada do Primeiro Comando era o brigadeiro Derek Mills-Roberts, da Guarda Irlandesa. Procurador em Liverpool antes da guerra, ele era uma personalidade combativa, conhecido por seus homens como “Bomb Mills”, em referência à granada de mão inglesa com formato oval. Bryan Samain lembra que ele falava de forma arrastada, enganadora, “mas seu tom de voz não deixava dúvidas de que não era um homem de brincadeiras”. Liderara as quatro unidades da brigada nos combates na Normandia, Bélgica e Holanda, e possuía uma Cruz Militar e duas Ordens por Serviços Distintos, além da Légion d’Honneur e da Croix de Guerre. Ele tinha visto o difícil final da guerra com todos os seus horrores, mas ainda assim estava abalado com o que seus olhos contemplavam agora.

Ao entrar em uma das cabanas do campo para testemunhar por si mesmo o crime nazista, ele viu a figura esquelética de um homem alto deitado no chão à sua frente. Ergueu a cabeça daquele homem enquanto um médico militar aplicava no esqueleto vivo um pó antitetânico. “Você está seguro agora”, disse Mills-Roberts, “o Exército inglês está aqui”. Mas o médico balançou

negativamente a cabeça. A fome já ultrapassara o limite e aquele homem não poderia mais ser salvo.

Horrorizado, Mills retornou ao quartel-general provisório instalado em um restaurante na praça da cidade. Mal havia chegado e soube que um oficial alemão de alta patente o estava aguardando. Era ninguém menos que o marechal de campo Erhard Milch. Comandante de um esquadrão de caça na Primeira Guerra Mundial e ex-diretor executivo da Lufthansa, Milch foi um nazista de primeira hora. Indicado por Göring para o Ministério da Aviação em 1933, tornou-se mais tarde o superintendente-geral da Luftwaffe. Encarregado da direção técnica da Força Aérea alemã durante a maior parte da guerra, ele conseguiu triplicar a produção de aeronaves e foi promovido a marechal de campo, comandando em seguida a 5ª Frota Aérea da Luftwaffe durante o ataque de 1940 à Noruega.

Alguns dias antes, enquanto o Exército Vermelho se aproximava de Berlim, Milch fugira de sua cabana de caça próxima à capital e se refugiara no castelo Sierhagen, nos limites de Neustadt. Ali, vestiu seu uniforme completo, com as medalhas de ambas as guerras, e esperou calmamente pelo fim, que veio com a chegada de dois soldados britânicos que bateram na porta do castelo. Milch cobriu-se com um sobretudo preto de couro e pegou o quepe. Então, embarcou em seu Mercedes com motorista e foi levado até Mills-Roberts. Esperando um tratamento de celebridade compatível com seu status militar, e carregando seu bastão de marechal de campo — uma bengala preta com cabeça prateada e seu nome gravado —, ele marchou com arrogância para o restaurante. Lá, encontrou um silencioso Mills-Roberts, que mal lhe dirigiu o olhar. “Ele falou em inglês e suas primeiras palavras consistiram em um autoelogio por não ter se rendido aos russos”, lembrou o irascível brigadeiro. “De fato, ele tivera o cuidado de deixar a área de influência e ocupação russa e estava feliz por se render a nós.” Depois de sua amarga experiência no campo de concentração, porém, o oficial inglês não estava para gentilezas. Em vez disso, cortou Milch bruscamente ao lhe perguntar sobre os prisioneiros no campo. Milch pareceu surpreso que Mills-Roberts estivesse tão preocupado com aquilo. Os prisioneiros não eram soldados, mas polacos e russos, ele disse. Então, como se para explicar melhor as coisas, acrescentou que eles não eram “seres humanos pelos nossos padrões”. Esta colocação enfureceu Mills-Roberts, que pegou uma garrafa vazia de champanhe e bateu-a com força sobre

a mesa, exigindo uma resposta adequada. A reação de Milch foi tentar tirar a garrafa da mão de Mills-Roberts, o que enfureceu o comandante inglês, que simplesmente arrancou a bengala de Milch e partiu-a na cabeça de seu dono. Então, ele deu ordens para que Milch fosse levado sob escolta até o campo de concentração. Isso provocou o efeito desejado: o antigo braço direito de Göring ficou abalado. “Foi um espetáculo abominável”, registrou em seu diário, “internos mortos, doentes [...] estirados ao ar livre e nas cabanas”.¹⁹

Mais tarde, Milch alegaria ter sido tratado brutalmente por um dos soldados que o escoltava pelo campo, possivelmente um dos muitos exilados antinazistas em uniforme britânico e com nome anglicizado que lutavam nos comandos. Mills-Roberts contava com cerca de sessenta soldados desse tipo sob suas ordens, e eles não tinham qualquer apreço pelos nazistas. “Realmente não me preocupei em reunir uma escolta especial para Milch”, lembrou Mills-Roberts, “havia assuntos mais importantes e urgentes para tratar”.

16. O CAP ARCONA

Uma semana já se passara desde a evacuação, pelos guardas da SS, dos prisioneiros do campo de concentração de Neuengamme, próximo a Hamburgo, diante do avanço das forças britânicas. Alguns partiram a pé; outros foram entulhados em vagões de transporte de gado. Ao atravessar o perímetro urbano de Hamburgo, os prisioneiros mais próximos das laterais do vagão olharam através das ripas de madeira. Do lado de fora, puderam ver uma paisagem repleta de casebres caindo aos pedaços, onde milhares de moradores da cidade haviam se refugiado dos bombardeios aliados. Por fim, as pobres vítimas chegaram a Lübeck. Dois navios, o *Thielbek* e o *Athen*, estavam atracados no cais. O primeiro era um cargueiro seriamente danificado no ano anterior durante um ataque aéreo no rio Elba e trazido aos estaleiros da cidade para conserto. O outro também era um cargueiro, mas de porte menor. Ambos tinham sido requisitados pela SS.

Nos dias seguintes, em grupos, os prisioneiros foram transportados da ferrovia do cais para os navios. Em um primeiro momento, o comandante do *Athen* se recusou a recebê-los, mas logo mudou de ideia quando foi ameaçado pela SS. “Eles nos levaram para o navio aos gritos e pancadas”, revelou um prisioneiro polonês. “Fomos obrigados a descer por escadas exageradamente íngremes até o porão onde seríamos alojados. Na correria, muitos prisioneiros caíram nas profundezas da cela e ficaram gravemente feridos, com luxações e até fraturas. Nós mal conseguíamos nos mover lá embaixo. Estava escuro, frio e úmido. Não havia banheiros. Nem água. Logo, começou a feder.”¹

Embarcar no *Thielbek* não foi menos doloroso. Os prisioneiros entraram por uma porta estreita na lateral do navio e desceram várias escadas de ferro até o porão. Ali, eles foram mantidos por vários dias na mais completa escuridão.

Havia uma tina no meio do porão que foi usada como latrina. Em pouco tempo, ficou cheia de urina e fezes. Cada centímetro além daquela tina estava sendo ocupado por um corpo humano. Os prisioneiros estavam tão espremidos e apertados que muitos tentavam se equilibrar na superfície curva do casco do navio. De tempos em tempos, uma fresta era aberta e panelas de sopa eram quase que atiradas para dentro. Mas nenhum prato foi entregue, de forma que grande quantidade do alimento acabava derramada no chão. A verdade é que os prisioneiros só sobreviviam por conta dos suprimentos doados pela Cruz Vermelha americana, que eles haviam escondido ao sair de Neuengamme. As condições no *Athen* eram idênticas.

Um dos prisioneiros no *Thielbek* tinha coragem de subir as escadas regularmente e dar uma olhada lá fora. O combatente da resistência francesa Michel Hollard fora traído e capturado pela Gestapo depois de fornecer à inteligência dos Aliados informações sobre a localização dos foguetes alemães V1 em território francês. Ele enfrentou meses de tortura e espancamentos na prisão de Fresnes, até ser transferido para a Alemanha. Lá fora, no cais, ele avistou três vagões de carga. Um deles estava sendo aparentemente usado como hospital. Logo atrás, Hollard enxergou uma ponte cruzando um canal. Em outra ocasião, viu passar um bonde cheio de homens e mulheres a caminho do trabalho, que em seguida desapareceu numa rua arborizada que levava ao centro de Lübeck. De volta à escuridão da cela marítima, ele sentia a atmosfera se tornar cada vez mais pesada e fétida, com a sensação de desgraça iminente.²

Alguns dias depois, a porta principal foi aberta e desceram-se algumas cordas para a tão esperada remoção da tina fedorenta. Mas o ato só causou mais degradação para os prisioneiros. “Ao ser erguida pelas cordas, e prestes a deixar o local, a tina pesada e cheia de dejetos se inclinou, derramando seu revoltante conteúdo na cabeça dos prisioneiros que tinham se reunido logo abaixo para ter um vislumbre do céu”, lembrou Hollard. Ninguém se preocupou em vir limpar a sujeira, e daí para a frente os prisioneiros foram obrigados a se mover com fezes e urinas até os tornozelos.³

Por fim, o *Athen* zarpou de Lübeck com ordens de transferir os prisioneiros para um grande navio de passageiros ancorado em alto-mar. Era o *Cap Arcona*, um luxuoso e antigo transatlântico de 28 mil toneladas que fazia o trajeto Hamburgo-América do Sul. Conhecido como “A Rainha do Atlântico Sul”, antes da guerra ele transportava passageiros na rota Hamburgo-Rio de Janeiro.

Muitos eram alemães imigrando para o continente sul-americano. O elegante navio de três chaminés fora comissionado para serviço de guerra em 1939, e sua superestrutura branca com chaminés listradas de vermelho e branco agora estava camuflada com um cinza-escuro. A embarcação passou a maior parte da guerra atracada em Gotenhafen (atual Gdynia), próximo a Danzig, servindo como hospedagem para pessoal da Marinha.

Este era um final melancólico para a brilhante carreira do transatlântico que 12 anos antes deixara o estaleiro da Blohm and Voss em Hamburgo para sua viagem inaugural a Buenos Aires, saudado por uma multidão em festa que se estendia pelas margens do Elba. “Das águas do Báltico, ao norte da querida ilha de Rügen, erguem-se altos rochedos coroados por um farol [...] que lança seus raios de luz todas as noites sobre o mar”, disse com eloquência a filha do armador ao lançar oficialmente o navio: “O nome desses rochedos, do único cabo que enfeita toda a costa alemã, o Cabo Arcona, será a partir de agora o seu nome. Que você possa percorrer os mares, para a honra de nossa querida terra alemã e para a alegria de seus proprietários e tripulantes, e se tornar um elo majestoso entre o velho e o novo mundo.”

A cada viagem, os milhares de passageiros do *Cap Arcona* eram assistidos por um pequeno exército de massagistas, médicos, capelães, alimentados com 50 quilos de caviar, 6 mil quilos de frango e carne de veado. O poeta hamburguês Hans Leip, autor da tradicional canção “Lili Marlene”, originalmente um poema, que escreveu quando servia como soldado na Primeira Guerra Mundial, passou a lua de mel a bordo do transatlântico. “Um cruzeiro marítimo é assim”, dizia ele, “um curto assovio, um beijo estalado. Nós comíamos bem e dançávamos. Dormíamos juntos no balanço do navio”.⁴

Por um curto período, em 1942, o navio recobrou parcialmente seu glamour graças a Joseph Goebbels, que delirou com a ideia de produzir um grande filme-catástrofe, com mensagem antibritânica explícita, e escolheu o *Cap Arcona* como locação para as filmagens. Baseado na história do *Titanic*, o filme denunciava os proprietários e investidores do luxuoso navio, que obrigaram o comandante a navegar em velocidade máxima para quebrar o recorde da travessia transatlântica e assim valorizarem as ações de sua empresa. Ao fazerem isso, desrespeitaram perigosamente os alertas de iceberg dados pelo primeiro oficial e herói do filme, o único tripulante alemão a bordo. A

mensagem era que as centenas de pessoas que haviam morrido nas águas gélidas do Atlântico Norte tinham sido vítimas da “ambição inglesa”.

O projeto, no entanto, também naufragou. Incomodado com o constante envolvimento dos oficiais da Marinha — que atuavam como figurantes — com as atrizes do elenco, o diretor deixou escapar comentários deselegantes sobre a Marinha alemã e acabou sendo preso pela Gestapo. Pouco depois, em agosto de 1942, foi encontrado enforcado em sua cela, e nunca se esclareceu se se tratou de suicídio ou assassinato. Seu substituto terminou o filme e realizou uma sessão para convidados, mas quando Goebbels o viu, subitamente mudou de ideia sobre a vantagem de usar o filme como propaganda. As cenas de pânico quando o navio começava a afundar pareciam reais demais e semelhantes ao que estava acontecendo naquele momento em muitas cidades alemãs por causa dos ataques dos bombardeiros aliados. Na trilha de Stalingrado, o filme podia ser visto também — receava Goebbels — como uma metáfora sobre o futuro do Terceiro Reich. Assim, sua exibição ficou restrita a uma sessão especial em Paris, em novembro de 1943, e nunca chegou às telas da Alemanha.⁵

Após sua incursão desafortunada pelo mundo do cinema, o *Cap Arcona* voltou para a vida sedentária em Gotenhafen até fins de 1944. Então, junto com centenas de outros navios, foi mobilizado com urgência para ajudar na enorme operação montada pela Marinha alemã a fim de evacuar mais de 2 milhões de alemães dos países bálticos e das províncias orientais da Alemanha, que estavam sendo invadidos pelo Exército Vermelho. O *Cap Arcona* fez três viagens, zigzagueando em velocidade máxima para evitar os submarinos soviéticos e os ataques aéreos, e finalmente chegou à baía de Lübeck com suas turbinas gastas e imprestáveis para futuras viagens.

Da mesma forma que o capitão do *Athen*, o comandante do *Cap Arcona*, a princípio, recusou aceitar a bordo os prisioneiros dos campos de concentração. Alegou que só tinha acomodações e recursos sanitários para receber algumas poucas centenas de pessoas e que seu navio estava desprotegido. Mas também mudou de ideia depressa quando a SS lhe comunicou que simplesmente seria morto se não obedecesse às ordens. Durante três dias, os prisioneiros foram transferidos do *Athen* para o luxuoso transatlântico. Por fim, 4.600 prisioneiros estavam apinhados no navio, ao lado de aproximadamente seiscentos guardas da SS. Como de hábito, o tratamento mais cruel foi reservado aos russos, em sua maioria prisioneiros de guerra. Eles foram jogados no porão mais baixo — o

chamado porão das bananas —, sem ar fresco, luz ou comida. Vez por outra, os guardas abriam as portinholas para deixar entrar um pouco de ar, mas logo voltavam a fechá-las. A quantidade de oxigênio foi ficando cada vez mais comprometida. Até o fim, a SS manteve seu sentido perverso de hierarquia racial.

Todos os coletes salva-vidas foram retirados do navio para impedir fugas, exceto por uns poucos, que foram separados para a tripulação. A cada dia, uma lancha trazia água potável de Neustadt e retornava ao porto carregando os cadáveres dos que morriam durante a noite. Estes eram, então, enterrados em sepulturas coletivas na cidade e em sua periferia.

Enquanto isso, ainda preso na escuridão fétida em Lübeck, Michel Hollard e os outros detentos no *Thielbek* ouviram o som de armas de fogo na cidade e no entorno: eram as tropas britânicas que avançavam. Pouco depois, ouviram as gruas começando a girar e o som estridente de correntes. A vibração dos motores do navio deixava claro que ele se preparava para partir. Na escuridão completa, todos sentiram que sua jornada se aproximava do fim e se recolheram em um silêncio profundo.

Hollard foi o primeiro a dizer alguma coisa. “Meus amigos”, disse em francês, aparentando mais calma do que realmente sentia, “chegou a nossa vez de partir rumo ao desconhecido. Estamos todos com medo, e devo confessar que minha expectativa está longe de ser animadora. Mas não é este o momento de mostrarmos que tipo de homens nós somos?”. Então, convidou os prisioneiros a orar. “Vamos fazer uma corrente com nossas mãos”, disse. Houve um rebuliço no escuro quando alguns prisioneiros franceses se aproximaram dele para formar um círculo. “Oh, Deus, das profundezas de nossa agonia, clamamos a Vós”, ele rezou em voz alta. “O que quer que nos aconteça, imploramos que protejais nossas esposas e nossos filhos, e os guardeis do mal.” Por alguns segundos, as mãos continuaram entrelaçadas. Então, o círculo se desfez, e os prisioneiros voltaram a se acomodar em suas posições habituais.⁶

Pouco tempo depois (embora sem Hollard e seus compatriotas), o *Thielbek* zarpu do porto e foi para junto do *Cap Arcona*. Os dois navios ainda estavam ao largo quando Bryan Samain e os comandos ocuparam Neustadt. Nenhuma iniciativa foi tomada para pintar os navios de branco ou para estampar neles a insígnia ou a bandeira da Cruz Vermelha. O *Athen* ainda estava atracado no

cais, assim como outro antigo navio de passageiros de 20 mil toneladas, o *Deutschland*, que fora transformado em hospital. A bordo, havia duas dúzias de enfermeiras e um cirurgião. Apenas aqui houve algum esforço para proteger o navio de ataques aéreos. Uma única cruz vermelha fora pintada na lateral de uma de suas chaminés brancas. Mas ele não fora registrado como navio-hospital junto à Cruz Vermelha.

Por que os navios-prisão estavam ali, e qual era o seu destino, permanecia um mistério. Disseram a algumas tripulações do navio que os prisioneiros seriam levados a alto-mar e, de lá, transferidos para embarcações da Cruz Vermelha sueca, mas isso parecia improvável e não foi confirmado por nenhuma fonte daquele país. Muito provavelmente, os guardas da SS apenas enxergavam aqueles navios como uma penitenciária conveniente para os prisioneiros, pelos quais eram patologicamente indiferentes — tratava-se apenas de um grupo de pessoas que, segundo as ordens de Himmler, não deveria cair nas mãos dos Aliados. Talvez eles tivessem a intenção de afundar os navios com os prisioneiros a bordo e assim eliminar as testemunhas inconvenientes das atrocidades em Neuengamme. Qualquer que fosse o caso, o infortúnio da guerra interviria mais uma vez de forma trágica e terrível.

A manhã de quinta-feira, 3 de maio, alvoreceu nublada e cinzenta em todo o norte da Alemanha. Na véspera, o major-general Wolz, comandante militar de Hamburgo, concordara com a rendição da cidade aos britânicos. Assim, dissipava-se a visão fantasmagórica de um combate rua a rua e casa a casa pela conquista do grande porto que Hitler dera ordens de ser defendido até o fim. As forças britânicas planejavam entrar na cidade pouco depois do meio-dia.

Em outras partes, porém, não havia sinal de rendição. Sobre Schleswig-Holstein, os aviões de reconhecimento aliados avistaram comboios imensos da Wehrmacht rumando para o norte. Dentro e em torno da base naval de Kiel, eles relataram a presença de centenas de navios, incluindo encouraçados e submarinos. Na confusão geral, era quase impossível para a inteligência aliada determinar o significado e o propósito de tudo aquilo.

Mas uma coisa parecia clara: havia uma mobilização geral de navios e submarinos alemães na direção da Noruega, que ainda estava ocupada por 11 divisões nazistas, e cujos fiordes longos e profundos proporcionavam um abrigo seguro para dezenas de submarinos. Estaria toda aquela atividade

destinada à criação do temido Reduto do Norte? Relatórios da inteligência aventavam com frequência esta possibilidade, e o risco não podia ser ignorado. A situação não era muito distinta do que havia acontecido na primavera de 1943 em Cape Bon, na Tunísia. Ali, após a derrota do exército de Rommel no norte da África, os alemães tentaram evacuar homens e suprimentos para a Itália através do Mediterrâneo. Na tentativa, apenas proporcionaram alvos tentadores para os Aliados.

A principal diferença, agora, era que os britânicos não tinham belonaves no mar Báltico, porque as minas no estreito de Kattegat bloqueavam o caminho. De forma que tudo estava por conta da Royal Air Force. A aviação aliada recebeu ordem para lançar ataques aéreos maciços por toda a região.

“Não haveria clemência nos ares”, avisou um boletim da inteligência da RAF, “e as operações aconteceram à máxima potência [...] Todas as aeronaves transportando bombas ou R/P [mísseis propulsionados por foguete] foram desviadas para lidar com a grande concentração de navios saindo de Lübeck, Kiel e Schleswig em direção à Noruega [...] Resultados positivos da investida aérea mostrarão sem dúvida que uma vitória muito significativa foi obtida”.⁷

Em Lübeck, entretanto, alguém já havia pressentido uma tragédia inevitável. Quatro dias antes, uma carta anônima fora deixada na caixa de correio da sede da Cruz Vermelha sueca naquela cidade alemã, denunciando a presença do *Athen* com sua carga humana de prisioneiros. Um dos médicos da Cruz Vermelha dirigiu-se ao navio no cais e conversou com o oficial da SS no comando. Este contou ao sueco que 250 dos prisioneiros a bordo vinham da França, Bélgica e Holanda. Os demais eram quase todos da União Soviética. O médico disse que não poderia fazer nada pelos russos, mas se ofereceu para tomar conta dos outros, embarcando-os para a Suécia em dois navios da Cruz Vermelha de seu país que também estavam atracados em Lübeck. O oficial alemão concordou, e no dia seguinte, ao retornar ao cais, o sueco encontrou os 250 prisioneiros que lhe haviam sido prometidos aguardando para serem entregues à Cruz Vermelha e mandados em liberdade para a Suécia, para completa satisfação do grupo.

Entre eles estava Michel Hollard, do *Thielbeck*. Junto com os demais franceses, belgas, suíços e holandeses, pouco depois de ter liderado a corrente de oração nos porões do navio, ele fora subitamente chamado e transportado ao convés. Temendo o pior, Hollard só descobriu que estava tudo bem quando

foi ligada uma mangueira e disseram a eles que se lavassem de toda a sujeira acumulada. Depois do banho, foi providenciado um passadiço para que deixassem o navio.⁸

Agora, o médico perguntava ao oficial da SS o que aconteceria com os prisioneiros que haviam ficado a bordo. O oficial admitiu não ter a menor ideia e disse também que não sabia o que fazer com eles. O médico sugeriu que os entregasse às forças britânicas assim que elas entrassem na cidade. Acreditando que isso seria feito, voltou ao porto dois dias depois da ocupação britânica. Mas descobriu que o *Thielbek* havia partido e estava ancorado agora perto de outros navios-prisão ao largo de Neustadt. Logo que pôde, ele comunicou o fato a um oficial sênior do Exército britânico na cidade, enfatizando, sobretudo, os perigos de ataques aéreos a que os prisioneiros estavam expostos. Mais tarde, no mesmo dia — uma quarta-feira, 2 de maio —, esta informação foi transmitida para um oficial da inteligência do Grupo 83 da RAF, ao qual os esquadrões de Typhoons estavam subordinados.⁹

Na manhã seguinte, quatro esquadrões de Typhoons da RAF decolaram das bases recém-esvaziadas da Luftwaffe no norte da Alemanha e voaram em direção à baía de Lübeck. Os poderosos monomotores Typhoon carregavam bombas de 450 quilos ou oito foguetes, cada um com uma ogiva de 27 quilos de alto teor explosivo. Os Typhoons haviam executado ataques devastadores a tanques alemães, veículos blindados, trens e pelotões de infantaria nas últimas semanas, e os alemães descreviam as esquadrilhas como “*shreckliche Jabos*”, aterrorizantes bombardeiros.

“Sobrevoamos toda a costa”, lembrou um dos pilotos. “A quantidade de navios ali era inacreditável. Até aquele dia não tínhamos visto quase nenhum. Agora, de repente, víamos navios de todos os tipos, desde embarcações de transporte a barcos de patrulha. Lembro de ter visto uma longa fila de submarinos, um atrás do outro.”¹⁰

Entretanto, as nuvens estavam muito baixas para empreender ataques com segurança, e os pilotos retornaram à base. No início da tarde, quando o tempo melhorou, eles decolaram de novo. A missão, explicada aos pilotos em um comunicado, era clara: os navios na baía de Lübeck faziam parte de uma grande concentração da Marinha inimiga que podia estar se dirigindo para a Noruega e transportando nazistas do alto escalão e militares.

“Nós entramos em ‘prontidão’ quando nos comunicaram que um navio muito grande cheio de soldados da SS estava partindo para continuar os combates da Noruega e tinha que ser afundado”, disse o líder de uma das esquadrilhas envolvidas no ataque. “Não ficamos muito contentes, pois a guerra estava obviamente acabando e nós tínhamos experiência com o fogo antiaéreo da SS.” Para outro piloto, sua tarefa “era impedir a evasão do inimigo para a Noruega, o que prolongaria a guerra”. Ainda, um terceiro aviador recordou que eles haviam recebido “informações secretas dias antes segundo as quais os chefões nazistas queriam se refugiar na Noruega [...] Eles queriam continuar a guerra de lá”. Esta fuga dos nazistas deveria ser impedida a qualquer custo.¹¹

Isso parecia direto o suficiente, mas os pilotos ignoravam um fato crucial: alguém no quartel-general da RAF se esquecera de passar a informação sobre a carga humana que a SS havia entulhado nos porões dos navios ao largo da baía de Lübeck.

Pouco depois do meio-dia, quatro Typhoons do esquadrão 184 lançaram o primeiro de seus ataques em voo rasante exatamente sobre os navios-prisão. Um segundo ataque veio três horas depois liderado pelo capitão de grupo Johnny R. Baldwin, um piloto habilidoso e muito condecorado que conduziu o ataque que feriu o marechal de campo Erwin Rommel na França no mês de julho do ano anterior.

A bordo do *Thielbek*, Bogdan Suchowiak, um prisioneiro polonês de 38 anos, compartilhava uma rara porção de sopa com pedaços de carne com um amigo que conseguira roubar uma lata de carne em conserva da tripulação. No início, quando os aviões apareceram, Bogdan não prestou atenção, mas quando o primeiro foguete atingiu o casco do navio, o pânico tomou conta de todos. Os prisioneiros nos andares mais baixos tentavam freneticamente subir pelas íngremes escadas de ferro para chegar ao convés. No empurra-empurra, muitos caíram de volta no porão. Os prisioneiros no convés lançavam cordas para que os outros conseguissem subir, mas quando os Typhoons surgiram para mais um ataque, eles abandonaram rapidamente o que estavam fazendo a fim de procurar abrigo.

Então, o navio começou a adernar. Suchowiak lembrou:

Estava claro para mim que, se não pulássemos na água imediatamente, acabaríamos sendo tragados pela sucção do navio. Tirei a camisa e desci por uma corda. A água

estava gelada pra diabo. Então, me agarrei em uma prancha de madeira. Deve ter sido por volta das três da tarde. O sol brilhava, mas logo ficou nublado e choveu. O mar estava relativamente calmo, com poucas ondas. Estávamos a 5 quilômetros da costa.¹²

De alguma forma, Bogdan conseguiu flutuar por algumas horas. Então, avistou um caça-minas recolhendo sobreviventes e nadou o mais rápido que pôde na sua direção. Ao chegar mais perto, viu um oficial gritando para a tripulação: “Não peguem nenhum prisioneiro. Só pessoal da SS e marinheiros.”

Felizmente, Suchowiak falava alemão e conseguiu ser içado a bordo:

Rastejei até uma cama e me cobri com tudo que encontrei pela frente. Dois prisioneiros soviéticos fizeram o mesmo. A cama desabou. Um marinheiro entrou e rugiu com a gente. Outro comentou com ele que éramos estrangeiros. O marinheiro puxou uma baioneta. Saí correndo para o convés e me escondi no armário de espias. O barco se movia depressa. Um marinheiro me encontrou e gritou Fora Daí! E me puxou e lançou de volta ao mar.

De novo contando com a sorte, desta vez ele estava próximo do litoral e conseguiu nadar até a praia.

Bogdan foi um dos poucos sobreviventes. O *Thielbek*, 45 minutos depois do primeiro impacto de foguetes, adernou e afundou. Dos 2.800 prisioneiros a bordo, apenas cinquenta sobreviveram. A maioria afundou com o navio antes de ter tempo de deixar o porão.

O *Cap Arcona* teve destino semelhante. Quarenta dos 62 mísseis lançados pelos Typhoons atingiram o transatlântico, penetrando sua superestrutura e explodindo na área de alojamentos. Logo começou um incêndio, mas o equipamento para extingui-lo fora danificado, sendo impossível puxar água do mar. Os prisioneiros tentaram desesperadamente subir pela escada principal que levava ao convés, mas ela, de repente, desabou, tomada pelas chamas, levando centenas. Em pouco tempo, toda a superestrutura estava em chamas, da proa até a popa.

Um alemão chamado Heinrich Mehringer estava deitado no chão de uma cabine luxuosa no Deque C do navio, junto com outros 11 prisioneiros, quando os Typhoons atacaram. Os prisioneiros não tinham comido nada nas

últimas 24 horas, a não ser uma fatia de pão, e estavam obviamente muito fracos. “O navio tremeu como se fosse um terremoto”, recordou Mehringer.

As pessoas saíram correndo de suas cabines. Os prisioneiros ficaram acuados nos corredores com as roupas em chamas. Nós lançávamos cobertores sobre eles. Um francês chegou à escada de tombadilho com suas roupas pegando fogo. Ele gaguejava: “Água por todos os lados! Fogo por todos os lados! Está tudo acabado!” E então desmaiou. Debaixo de nossas cabines o fogo já devia ter devorado tudo, pois os gritos pararam de repente. O piso do navio estava muito quente [...] todos, nos andares de baixo, já estavam mortos e queimados.¹³

Os prisioneiros que ainda viviam correram na direção das amuradas, mas a maioria dos botes salva-vidas disponíveis estava em chamas ou tinha caído na água quando as cordas que os prendiam pegaram fogo também. De alguma forma, no entanto, três botes conseguiram ser lançados com sucesso. Os prisioneiros subiram nele se acotovelando. Outros flutuaram na água, segurando-se nas laterais. Dois botes logo viraram, e os que tombaram junto com ele nadaram na direção do terceiro. Mas quando chegaram lá, tentando se agarrar ou embarcar, desesperados, o bote não aguentou e virou também.

A água estava gelada e a hipotermia atingiu rapidamente os famintos e definhados. Algumas vítimas conseguiram coletes salva-vidas, mas morreram na superfície, com seus braços estirados e suas cabeças balançando entre as ondas. A maior parte, entretanto, apenas afundou silenciosamente nas águas geladas da baía de Lübeck.

Enquanto isso, em terra firme, um esquadrão de tanques britânicos se aproximava de Neustadt ao longo da estrada de Lübeck. Para um dos comandantes de tanque que havia avançado desde as praias da Normandia, a experiência era muito diferente da que ele tinha vivido na França e na Bélgica. Em vez de multidões exultantes com bandeiras coloridas, eles foram recebidos por cidadãos silenciosos, carrancudos e assustados, e a única bandeira visível era a branca. “Grupos de pessoas fazendo enorme esforço, veículos, ciclistas e trabalhadores exaustos afastavam-se da estrada a um aceno de minha mão”, escreveu ele.

Depois de passar por muitos locais pitorescos, o esquadrão parou em um lugar com vista panorâmica da baía. Sua chegada coincidiu com o ataque dos

Typhoons. “No porto, podíamos ver vários submarinos”, prosseguiu o comandante, “e três aviões da RAF investiram sobre eles. A defesa antiaérea dos submarinos e de outros navios alemães entrou em ação na baía. Meu esquadrão de tanques aproveitou para entrar na dança abrindo fogo contra todos os navios que conseguimos enxergar”.

Então, eles prosseguiram em seu trajeto para Neustadt, onde chegaram às quatro da tarde.¹⁴

De volta ao *Cap Arcona*, os bramidos do inferno logo abafaram os gritos dos prisioneiros. “Minhas costas e minha cabeça estavam queimando”, recordou Heinrich Mehringer, “mas por causa da agitação eu não sentia o fogo quente, mas frio”. Ele conseguiu agarrar um tubo de aço e, junto com um amigo, erguer-se acima da massa fervente. “Para sobreviver, corremos por cima das cabeças de nossos camaradas como se estivéssemos numa calçada. Sob nossos pés, as pessoas estavam tão compactadas que não havia o risco de cair.” Chegando à amurada do navio, eles escalaram a parede e desceram pelo outro lado, no deque do leme de direção. “No convés superior, todos os nossos camaradas estavam em chamas. Em pouco tempo, não havia nada mais para o fogo consumir. Tudo ficou mortalmente silencioso.”

O fogo ardeu durante três horas, e então aconteceu uma grande explosão, que abriu o casco. O *Cap Arcona* adernou bruscamente a bombordo e afundou. Dos 6.400 embarcados, 4.250 prisioneiros morreram afogados, queimados ou assassinados, quase todos dos andares inferiores, como os russos no “porão das bananas”, mas também os que eram mantidos no outrora glamoroso “jardim de inverno”. Dos quinhentos integrantes da SS a bordo, cerca de quatrocentos se salvaram, incluindo vinte camareiras.

As águas da baía de Lübeck não são muito profundas, e por isso, depois que o navio afundou, uma das laterais de seu casco permaneceu na superfície. Cerca de 350 pessoas conseguiram a proeza de se agarrar ali, esperando resgate. Tinham queimaduras graves e ferimentos diversos, e tremiam de frio. Mesmo assim, uma delas conseguiu se agarrar na placa de bronze com o nome do navio.

Heinrich Mehringer estava entres estes que aguardavam socorro. Depois de muito tempo, uma pequena lancha se aproximou. “Nós estávamos agarrados na popa e tivemos que correr pelo casco quente até a proa”, lembrou ele. “A superfície estava tão quente que tivemos que usar pedaços de madeira um na

frente do outro, pegando o de trás e colocando-o na frente, para andar sobre eles. Todo mundo se ajudava e, aos poucos, até os mais debilitados conseguiram ser embarcados.” Ao chegar à praia em Neustadt, ele percebeu que dois tanques britânicos encontravam-se no píer. “Os Tommies vieram até mim e apertaram minha mão”, disse ele. “Não entendi palavra alguma do que disseram, mas senti que estavam sendo amáveis e calorosos.” Então, de repente, Mehringer se deu conta de que estava livre e começou a caminhar. “Foi como um delírio”, definiu. “Passo a passo, e morrendo de frio, porque minhas roupas estavam encharcadas. Todas as casas na cidade estavam sem luz, às escuras.” Ele tentou se abrigar sem sucesso em algumas delas, até que uma mulher lhe apontou a direção da escola de submarinos. Estava vigiada por uma patrulha britânica, e logo que Mehringer conseguiu explicar que era sobrevivente do *Cap Arcona*, foi levado para um cômodo onde havia lençol e cobertores. “Eu fiz daquilo um ninho e afundei na minha cama paradisíaca.”¹⁵

Em dois ataques subsequentes, os Typhoons bombardearam o *Deutschland* e o fizeram adernar. Nenhum dos pilotos conseguiu ver a pequena cruz vermelha em uma das chaminés. Mas o *Athen* escapou milagrosamente. Seu capitão havia decidido, mais cedo, retornar ao porto de Neustadt para abastecer o navio de água e isso o livrou dos ataques. Todos os seus 2.400 passageiros desembarcaram com vida.

Depois da guerra, os britânicos abriram um inquérito militar sobre os crimes de guerra praticados no campo de concentração de Neuengamme e também tentaram descobrir o que havia acontecido nos navios-prisão. Em meio às muitas testemunhas estava o oficial de inteligência do Grupo 83 da RAF que admitiu ter recebido em 2 de maio uma mensagem avisando que os navios estavam repletos de prisioneiros do campo de concentração. “Embora não tivesse faltado tempo para alertar os pilotos dos aviões que atacaram estes navios no dia seguinte, por algum descuido a mensagem nunca lhes foi transmitida”, lia-se no relatório.

Este observava também que tal mensagem tampouco fora passada ao oficial naval de ligação com as tropas britânicas que ocuparam Neustadt, e, portanto, ele não tinha a menor ideia de que havia prisioneiros a bordo do navio. Em consequência disso, e acreditando que os esforços de fuga dos nazistas eram o principal problema, o oficial britânico vetou todas as iniciativas do porto para

enviar ajuda e resgatar os sobreviventes. Somente às seis da tarde ele veio a saber que se tratava de prisioneiros e mudou as suas ordens.

O ataque aos navios-prisão foi um acidente de guerra trágico, desnecessário e evitável, que não teria acontecido se a informação procedente de Lübeck tivesse sido passada às esquadrilhas da RAF. Em vista disso, o inquérito britânico chegou a uma conclusão inequívoca: “A responsabilidade primária por esta grande perda de vidas deve ser atribuída ao pessoal da Royal Air Force, que se omitiu de passar aos pilotos a mensagem que havia recebido sobre a presença de prisioneiros de guerra a bordo dos navios.” Entretanto, o inquérito falhou ao não fornecer uma explicação para este lapso fatal, sugerindo em vez disso uma investigação oficial sobre a catástrofe. Apesar de sua importância, no entanto, este processo nunca foi instaurado.¹⁶

A responsabilidade moral sobre a tragédia, porém, era claramente dos nazistas e da SS. As mortes não resultaram de um ataque sabido e deliberado a navios-prisões indefesos, pois os pilotos só souberam depois que seus alvos levavam carga humana. A SS, ao contrário, tinha conhecimento pleno de que estava mandando navios-prisão não identificados como tal para o campo de batalha. Ela também agiu de forma cruel antes, durante e após os ataques, e não tomou qualquer providência para salvar os prisioneiros da morte. As condições em que os estes foram mantidos, o estado dos navios, a retirada de muitos botes salva-vidas, a negligência ao não pintar os navios de branco ou identificá-los como sob proteção da Cruz Vermelha, tudo isso condizia com o tratamento dado pela SS aos internos dos campos de concentração por toda a Europa nestes dias finais e cruéis da guerra.

Outro exemplo desse descaso está no tratamento selvagem conferido aos sobreviventes dos naufrágios. Como vimos, Bogdan Suchowiak conseguiu miraculosamente chegar à praia. Ele havia vencido enormes adversidades e salvado a própria vida. A guerra estava ficando para trás, assim como a batalha de setembro de 1939, quando ele lutara para tentar livrar a Polônia das mãos dos nazistas. Ele tinha sobrevivido como prisioneiro de guerra durante 57 meses (quase cinco anos) em um campo de concentração. “Em última análise”, concluiu com humor, “fui salvo pela sopa com pedaços de carne que devorei pouco antes do ataque, e que me deu forças para suportar o que veio a seguir”.

Porém, um choque terrível o aguardava em terra. Após um enorme esforço no mar, as primeiras palavras que escutou ao colocar os pés na praia foram:

“Bandido! Faça o que eu mandar ou atiro!” Seu captor era um cadete de 16 anos de uma escola naval de Neustadt. Junto com cerca de outros 15 sobreviventes que haviam conseguido chegar à praia, Suchowiak foi obrigado a marchar até uma choupana nas proximidades. Nervosos, os rapazes ameaçaram os prisioneiros com seus rifles e os trancaram no lugar. Seu futuro nas mãos dos alemães parecia óbvio. Porém, uma vez mais, a benevolência do destino interveio:

Depois de muito tempo, um caminhão da Marinha chegou. Mandaram a gente subir — podíamos ouvir o fogo de metralhadoras a distância. De repente, o caminhão parou. Foi quando achamos que seríamos executados. Alguém abriu a porta traseira do caminhão. Eu não podia crer no que meus olhos viam. No meio de um grupo de soldados alemães estava um capitão britânico — e um major da infantaria alemã prestava continência para ele.

Entretanto, dezenas de outros não tiveram o mesmo destino feliz. Em vez disso, foram fuzilados sumariamente na areia por soldados da SS assim que conseguiram chegar às praias. Uma dessas atrocidades ainda estava acontecendo quando o primeiro dos comandos britânicos entrou em cena. “Os alemães, ao perceberem que o jogo tinha virado, pararam de atirar e correram para os comandos em busca de proteção”, lembrou um oficial britânico. “Muitos dos que estavam para ser executados queriam se vingar e cercaram os alemães. Foi a primeira vez que os comandos não tiveram pressa em intervir.”¹⁷

Outros massacres da SS ocorreram em Neustadt. Desta vez, as vítimas não eram os prisioneiros do campo de Neuengamme; eram de Stutthof, um dos campos de concentração por onde havia passado Fey von Hassell. Uma semana antes, três grandes barcaças puxadas por rebocadores tinham deixado a península de Hel, na foz do Vístula, próximo a Stutthof, apinhadas de prisioneiros daquele campo de concentração, que estavam sendo evacuados por causa do avanço dos russos. Cada barcaça transportava em torno de mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Elas estavam definhadas, com as cabeças raspadas e vestidas com farrapos. Eram sobretudo judeus, embora uma das barcaças transportasse um bom número de noruegueses. Nem comida nem água foram dadas aos prisioneiros durante a longa travessia pela costa báltica. Desesperados, alguns beberam água salgada diretamente do mar, e muitos

morreram em consequência disso. Outros simplesmente pereceram de fome e exaustão. Duas judias se amarraram com toalhas e pularam na água. Seu peso somado era a garantia de que afundariam rapidamente.

Em uma das barcaças, os guardas da SS pediram voluntários para empurrar pessoas no mar. De acordo com uma testemunha, alguns ucranianos se apresentaram. “Eles pegaram alguns de nós e lançaram na água”, relatou. “Os escolhidos eram despidos, arrastados para uma escada de ferro íngreme e atirados ao mar pela escotilha. Este era um meio de aliviar a carga da embarcação.”¹⁸

Por fim, a tenebrosa odisséia — com exceção de uma das barcaças, que foi deliberadamente afundada no Báltico pela tripulação de seu rebocador — chegou a Neustadt. Era a véspera da catástrofe envolvendo o *Cap Arcona*, e o dia em que Samain e sua unidade de comandos alcançaram o porto. Quando se aproximavam do cais, os homens da SS começaram a espancar os prisioneiros com a coronha de seus rifles e a empurrá-los do convés para a água. Uma vez no porto, o capitão de um dos rebocadores, horrorizado com o que tinha visto, cortou a corda de sua barcaça. Os guardas já haviam desembarcado, e os prisioneiros noruegueses a bordo, sobretudo policiais que haviam se rebelado contra a ocupação de seu país, assumiram o controle. Eles improvisaram uma vela com cobertores, conseguiram manobrar o barco e foram em direção às forças britânicas que entravam na cidade.

Os prisioneiros na outra barcaça foram simplesmente despejados na praia. Muitos foram fuzilados. De acordo com algumas fontes, a chacina foi executada por fuzileiros navais da escola de submarinos de Neustadt. “A praia ficou coberta de corpos por centenas de metros”, recordou um oficial britânico que foi até o local pouco tempo depois do massacre. “As duas barcaças holandesas [sic], que eram muito profundas, tiveram suas escadas removidas e não havia como as vítimas escaparem. Essas pessoas foram metralhadas [...] As crianças, espancadas até a morte com os rifles, a julgar pelo formato de suas feridas.”¹⁹

Ocupado em outra parte da cidade, Bryan Samain não viu nada disso pessoalmente, mas logo ouviu a respeito. Quase todo o seu tempo era dedicado a patrulhar a cidade e impedir saques e tumultos — embora, ao contrário da maior parte das cidades alemãs, este não tenha sido um grande problema em

Neustadt. Seu trabalho mais importante, porém, era ajudar na segurança de campo.

O trabalho das unidades de Segurança de Campo do Exército britânico era similar ao do Corpo de Contraineligência do Exército americano (CIC) — proteger os militares contra ameaças de inteligência e sabotagem. Em termos práticos, isso significava caçar oficiais nazistas e agentes da Gestapo que pudessem estar tentando prosseguir a guerra e atacar as forças aliadas com métodos escusos e clandestinos.

Na liderança da missão em Neustadt estava um aristocrata belga, o major Arthur de Jonghe, um sujeito alto, magro, sinistro e lupino que atuara como agente britânico na Bélgica antes de ser identificado pela Gestapo e fugir para a Inglaterra. Agora, a caça se tornara o caçador. De Jonghe provou ser um entusiasmado farejador de homens da SS e da Gestapo. De posse de uma lista, ele e sua equipe se dedicaram incansavelmente à tarefa.

“Como os próprios nazistas”, lembrou Samain, “nós operávamos na calada da noite — irrompendo nas casas e nos apartamentos de suspeitos, batendo rudemente nas portas e arrombando se fosse preciso —, quase sempre nas primeiras horas da madrugada, quando eles estavam em sono profundo em suas camas”. Apenas um suspeito tinha oferecido resistência até então, uma mulher. Despertada do sono, ela pegou uma pistola de cano duplo embaixo do travesseiro e tentou atirar, mas foi rapidamente dominada e presa.

Esta tarefa dava a Samain um sentimento de satisfação profunda. “Nós lidávamos com os nazistas”, lembrou ele, “da mesma maneira como eles haviam lidado com os judeus e os outros em seus dias de poder”.²⁰

Enquanto isso, muitas cenas grotescas aguardavam as equipes de tanque britânicas quando elas chegaram a Neustadt e irromperam na praça da cidade. “Ali, estavam reunidos de início um punhado, depois um grande grupo, e logo em seguida uma enxurrada de prisioneiros políticos e sobreviventes de dois grandes navios que ainda ardiem na baía”, lembrou o oficial britânico que testemunhara mais cedo os ataques aéreos. “Alguns sem conseguir falar, caídos no chão, enquanto outros tentavam beber das poças d’água acumuladas nas ruas.”

Ele e as equipes de tanque fizeram o possível para ajudar, distribuindo entre as vítimas porções de sardinha e biscoitos, mas não era suficiente. Então, resolveram requisitar a comida, as roupas e os cobertores dos soldados alemães,

e deram ordem aos civis para produzir pão e queijo. Os prisioneiros estavam tão famintos que brigavam por migalhas. Foi preciso disparar alguns tiros para restaurar a tranquilidade.²¹

Agora era necessário sepultar as centenas de cadáveres que enchiam as praias de ambos os lados da baía de Lübeck. Eram tanto vítimas dos ataques aos navios e do massacre da SS aos sobreviventes como prisioneiros do campo de Stutthof que haviam atravessado o mar para acabar sendo fuzilados na praia.

“Com ordens estritas de não retaliar”, recordou um comando britânico, “nós convocamos os alemães a trazerem suas pás e enterrarem os corpos. Quando viram o estrago feito por seus compatriotas, eles imaginaram ter sido chamados para cavar suas próprias sepulturas, temendo ser fuzilados como retaliação por aqueles crimes. Alguns tentaram fugir. No final, eles cavaram as sepulturas para enterrar as vítimas de Himmler”.

Ao anoitecer, os corpos de centenas de homens, mulheres e crianças foram levados ao descanso. Enquanto isso, a distância, os comandos puderam ver o brilho do fogo da artilharia russa se aproximando a leste.²²

17. "O BECO SEM SAÍDA DO REICH"

Neste momento, os russos já estavam em Berlim. Enquanto os corpos das vítimas da SS eram enterrados ao longo das praias da baía de Lübeck sob a supervisão dos atentos soldados britânicos, suas contrapartes no Exército Vermelho vasculhavam criteriosamente o bunker de Berlim à procura de vestígios do corpo de Hitler. Foram necessários mais de dois dias de buscas até encontrarem seus restos mortais carbonizados no jardim da Chancelaria.

O que eles descobriram rapidamente, no entanto, foram os cadáveres de Joseph Goebbels e sua mulher, Magda, e dos seis filhos do casal. Em seu último testamento político, Hitler havia nomeado seu leal ministro da Propaganda como o novo chanceler da Alemanha e o almirante Dönitz como seu novo presidente. Mas, Goebbels e Magda preferiram se suicidar a viver em um mundo sem seu líder. Primeiro, eles envenenaram as crianças com cianureto, que foi colocado em suas bocas pelo médico pessoal de Hitler enquanto elas dormiam. Em seguida, saíram do esconderijo para o jardim da Chancelaria e ingeriram suas próprias cápsulas de veneno. Um homem da SS atirou em suas nuças para se certificar de que estavam mortos. Os russos encontraram as crianças ainda encolhidas em seus cobertores no beliche do bunker, da mesma forma como haviam adormecido.

A morte de Hitler, entretanto, não colocou um ponto final nos combates. As forças alemãs capitularam na Itália, mas continuaram a resistir ao Exército Vermelho na Áustria, Tchecoslováquia e no leste da Alemanha. E ao longo da costa báltica, os russos continuaram em sua marcha para Lübeck.

Na noite de quarta-feira, 2 de maio, na dianteira de suas próprias colunas, um oficial de observação soviético chegou de jipe ao porto de Wismar, cerca de

40 quilômetros a leste de Lübeck. Era outro pequeno porto medieval com casas típicas e grandes igrejas góticas de tijolos vermelhos. Em 1922, suas labirínticas ruas haviam servido de cenário para *Nosferatu*, clássico do expressionismo alemão dirigido por F. W. Murnau. Agora, Wismar estava em ruínas, esmagada pelos recentes bombardeios aéreos aliados. Apenas uma das três igrejas imponentes permanecia intacta. Durante o rigoroso inverno, a população se protegeu do frio transformando em lenha o que restara da grande escultura de madeira de São Jorge com o dragão, que ainda estava na igreja de mesmo nome.

Para sua surpresa, o oficial soviético descobriu que Wismar já fora ocupada pelas tropas do 1º Batalhão de Paraquedistas do Canadá, sob o comando do 18º Corpo Aerotransportado dos Estados Unidos, do general Matthew Ridgway, enviado para garantir aos Aliados o flanco oriental em seu avanço. Com este encontro dos dois exércitos aliados em Wismar, ambos os lados agora detiveram sua marcha. “É o fim, é o beco sem saída do Reich”, reportou um exultante Wynford Vaughan Thomas enquanto se posicionava ao lado da cancela de madeira na estrada que demarcava as linhas entre os exércitos britânico e soviético. Pouco antes, alguns prisioneiros alemães haviam sido detidos, enquanto tentavam desesperadamente atravessar para o lado britânico. “Os guardas russos piscaram os olhos para mim”, disse Vaughan Thomas a seus ouvintes na Inglaterra, “e disseram ‘Sibéria’”.

Evidências do pavor alemão diante do avanço russo apareciam por toda parte na estrada para Wismar. Em certo momento, os tanques canadenses pararam para reabastecer e em um pequeno bosque depararam-se com um aglomerado de cerca de 3 mil recrutas alemães ansiosos por se render. “Civis alemães, inclusive mulheres e crianças, estavam lá com os soldados”, relatou um dos canadenses, “e quando as tropas se perfilaram na estrada, muitos tinham suas esposas e seus filhos ao lado para acompanhá-los na marcha para a jaula [dos prisioneiros de guerra]. Isso porque havia rumores de que o Exército russo estava apenas a 13 quilômetros dali. Todos queriam ser capturados por nós”. O avanço canadense para Wismar foi facilitado porque os próprios alemães queriam que eles avançassem o máximo possível a leste antes dos russos. Milhares de soldados alemães perfilavam-se nas estradas e enchiam as cidades. Alguns até mesmo saudavam a chegada dos canadenses.¹

A esta altura, a 82ª Divisão Aerotransportada de Gavin também havia cruzado o Elba. Ainda no volante de seu jipe, Leonard Linton acelerou para Neuhaus, a primeira pequena cidade a leste do rio, convencido de que seria o primeiro americano a pisar ali. Para sua decepção, porém, ao chegar ao hotel principal da cidade, encontrou pichada em seu muro a frase “Kilroy esteve aqui” — marca registrada dos soldados americanos por toda a Europa ao anunciar sua chegada. Linton seguiu em frente para Ludwigslust.

A cidade recebera esse nome — que pode ser traduzido como “alegria de Luís” — em 1754, depois que Luís II, grão-duque de Mecklemburgo-Scherinn, estabeleceu ali uma fazenda de caça e transformou o local aos poucos em sua residência principal, e depois na capital de seu ducado. Mais adiante, ele construiu um grande palácio barroco, o *Schloss*, que estava localizado no meio de um grande parque em estilo inglês com canais, fontes e cascatas artificiais. A cidade também abrigava uma igreja que lembrava um templo grego, com colunas dóricas, e que fora construída na mesma época. Embora contasse agora com uma linha regular de trem, a cidade tinha apenas 10 mil habitantes quando Linton chegou e perdera havia muito tempo seu status de capital do estado. O palácio e seus jardins tinham se tornado um parque municipal. No entanto, alguns moradores ainda consideravam Ludwigslust a “Versalhes do Norte”.

Apenas 3 quilômetros ao norte, nos arredores do vilarejo de Wobbelin, os americanos descobriram um pequeno campo de concentração repleto de prisioneiros famintos — cerca de 7.500 homens e mulheres, todos doentes, esqueléticos e à beira da morte. A suástica ainda tremulava no mastro. “Podia-se sentir o fedor do campo”, escreveu Gavin, enojado. Os prisioneiros eram sobretudo russos, poloneses e tchecoslovacos, mas havia muitos da França, dos Países Baixos, da Espanha e da Grécia, assim como da própria Alemanha. Menos da metade eram judeus.

Linton resolveu conhecer a dura realidade por si mesmo:

O portão estava escancarado, e todos os guardas alemães haviam fugido, então perguntei aos prisioneiros por que eles não estavam indo embora. A resposta patética foi que não sabiam para onde ir, e meu guia, um prisioneiro simpático da Letônia, apontou para os alojamentos e disse: “A maioria dos que estão ali não verão o sol nascer amanhã.” Eu ainda não tinha me dado conta de que acabara de atravessar os portões do inferno. Voltei a meu jipe, dei a eles algumas barras de chocolate e doce que trazia comigo e percebi que

meu guia letão estava fraco demais para rasgar a embalagem, enquanto a maior parte dos outros apenas segurava os pacotes.

Linton perguntou como os alemães os estavam matando, já que não havia indícios de câmara de gás ou crematório por ali. “Os prisioneiros disseram em uma voz triste: simplesmente não nos dão comida.”²

Os guardas da SS haviam fugido no dia anterior. Cadáveres jaziam a céu aberto. Linton entrou em um pequeno prédio que servia como misto de hospital e posto de primeiros socorros. “Lá dentro”, escreveu, “havia uma pilha de cadáveres nus e definhados socados contra a parede, e outras pilhas aqui e ali”. Nas casernas de tijolo, prisioneiros esqueléticos vestidos com as roupas típicas dos campos de concentração, listradas de preto e cinza, estavam prostrados em fileiras de três ou quatro nos cubículos. Alguns já estavam mortos, mas a maior parte deles estava muda e com olhos congelados de terror. “Conversei com alguns sobreviventes que perambulavam, perguntei de onde eles eram. Quase todos declararam ser camponeses da Rússia e ter passado por vários campos de concentração.” Aos poucos, Linton entendeu que eram pessoas acostumadas a trabalho duro na lavoura e por este motivo tinham conseguido sobreviver aos rigores dos presídios nazistas. Os prisioneiros vindos das cidades, por sua vez, acostumados ao conforto urbano, haviam perecido rapidamente diante das severas privações.

O pior de tudo era o cheiro daquele lugar, tanto dentro das casernas quanto do lado de fora. “Não dá para descrever direito, e não acredito que escritores melhores conseguiriam fazer isso”, continuou Linton. “Era um odor de carne humana morta e ressecada, mais parecendo um fungo, um pouco adocicado — bem diferente do cheiro dos corpos bem nutridos que encontrávamos nos escombros dos prédios bombardeados —, misturado com um odor de putrefação e sujeira.” Ele saiu do campo inclinando-se para fora do jipe, na esperança de que o vento varresse as minúsculas partículas de fedor que ele imaginava terem se agarrado em seu corpo e em sua roupa.

O campo era um satélite de Neuengamme e fora construído somente em fevereiro. As condições se deterioraram tão rapidamente que, quando os paraquedistas chegaram, os prisioneiros estavam comendo o fígado dos que haviam morrido. Esta foi a primeira experiência de Linton com os horrores

nazistas. “Retornei à nossa base com um ódio ainda mais acentuado por tudo que fosse alemão, se é que isso era possível.”

A descoberta do campo tornou a atmosfera na cidade sinistra e silenciosa. O major Seward, oficial comandante de Linton, ordenou que o prefeito viesse encontrá-lo. Em seguida, escreveu Linton,

lhe fez um ataque verbal que deveria ter sido registrado para a posteridade. Eu traduzia [...] Seward estava tomado por uma indignação profunda, mas em vez de recorrer a termos de baixo calão, usava as palavras mais eruditas que ouvi desde que entrei no Exército. Isso me enchia de orgulho e humildade pelo fato de estar ali, vestindo o uniforme do Exército dos Estados Unidos. Ao terminar seu discurso, meu comandante virou as costas, enojado, diante de um prefeito em silêncio.

Linton conduziu o homem para fora. Disse a ele que não queria ver nenhuma hesitação de sua parte ou de qualquer outro alemão de Ludwigslust na tarefa de salvar todos os sobreviventes do campo. Mais tarde, naquele mesmo dia, o prefeito foi levado ao campo para testemunhar as cenas de degradação e morte. No dia seguinte, cometeu suicídio tomando veneno com a mulher e a filha.³

Para os soldados americanos, Wobbelin teve o mesmo efeito revelador que o campo de Belsen havia tido para os britânicos, ao expor os horrores do regime que estavam combatendo, dando um significado maior para a causa a que serviam, mas que até então não fora totalmente compreendida. “Foi um divisor de águas em nossas vidas”, escreveu um paraquedista, “sobre quem nós éramos, em que acreditávamos, o que defendíamos”.⁴

Outros habitantes de Ludwigslust também optaram pelo suicídio. Uma mulher, que acreditava que o marido da Luftwaffe havia morrido no front oriental, atirou em si mesma e nos dois filhos do casal após ouvir rumores de que os russos se aproximavam da cidade. Linton viu os berços manchados de sangue e soube que as crianças haviam sobrevivido e tinham sido levadas para um hospital. Alguns dias depois, o marido apareceu vivo e foi até o escritório de Linton perguntar pelos filhos. Linton tentou descobrir, mas as crianças haviam sido transferidas para outro lugar e ele não tinha mais como ajudar. O homem se uniu aos milhares em toda a Europa que procuravam pelos sobreviventes de suas famílias.

Linton e seu destacamento deram o melhor de si pelos sobreviventes de Wobbelin ao transferir a maioria deles para um hospital nas proximidades, mas Linton dedicara especial atenção a um pequeno grupo de prisioneiros que falavam francês. Vestidos em seu patético uniforme listrado, dois deles pareciam “zumbis”, tão mentalmente inertes que tinham até mesmo perdido a vontade de viver.

Eles jamais sobreviverão no hospital superlotado, pensou Linton. Então, colocou-os na traseira do jipe e os alojou em um escritório vazio e intacto nas dependências da estação de trem da cidade. Em seguida, foi buscar comida e voltou para entregá-la ao líder do grupo, que estava em condições mais razoáveis, recomendando que todos se alimentassem em pequenas porções. Todos os dias pela manhã, Linton aparecia para ver como os franceses estavam reagindo, até que percebeu uma mudança. Os olhos dos “zumbis” começaram a seguir seus movimentos e eles pareciam escutar e entender suas palavras. “Após alguns dias de visitas intermitentes”, recordou, “os antigos zumbis começaram a falar e admirei o homem que tinha assumido a responsabilidade pela vida de seus companheiros”.

Durante uma das visitas, o líder perguntou a Linton onde ele havia aprendido seu excelente francês. “Contei um pouco sobre a minha vida em Paris e sobre meu tempo no Lycée Claude Bernard”, lembrou o americano, “e fiquei pasmo ao descobrir que um daqueles zumbis tinha estudado comigo. Ele se tornara jornalista e escrevera durante anos para um jornal parisiense que era porta-voz da propaganda nazista”. Mas acabara detido e lançado no tristemente célebre campo de Drancy “porque alguns colegas o denunciaram aos censores alemães, afirmando que ele escrevia artigos com duplo sentido que eles não conseguiam captar, ridicularizando-os debaixo de seu próprio nariz”.⁵

Enquanto isso, outros membros da divisão administravam a rendição local de um exército alemão inteiro. Apenas algumas horas depois de estabelecer seu posto de comando no palácio de Ludwigslust, Gavin foi visitado pelo tenente-general Kurt von Tippelskirch, comandante do XXI Exército alemão. Embora suas tropas tivessem lutado contra os russos, von Tippelskirch, como a maioria dos oficiais da Wehrmacht àquela altura, queria se render aos americanos. Após algumas controvérsias sobre os termos, o comandante alemão acabou

concordando com a rendição incondicional dos 150 mil combatentes sob suas ordens.

Na manhã seguinte, os alemães começaram a jorrar através das linhas americanas. O desfile de prisioneiros começou em ordem reversa, com os comandantes na frente e os soldados por último. Havia dez generais do estado-maior. Quando se renderam, a bordo de suas limusines com motorista, os oficiais pareciam, observou um paraquedista americano estupefato diante da cena, “ter se preparado para o *grand finale*. Impecavelmente barbeados e bem-vestidos, com uniformes limpos e bem-passados, botas engraxadas, monóculos e medalhas, eles mostraram orgulho até o último instante”. Foram necessárias várias horas para que todos os veículos passassem.

No final da procissão, a pé e exaustos, vieram os soldados da linha de frente. Suas idades variavam de 16 a 60 anos. “Todos estavam sujos e despenteados, com seus sapatos amarrados com trapos”, observou a mesma testemunha, “e era evidente que se tratava de uma tropa abatida sem ânimo algum para a luta”.

Mas Linton teve uma impressão bem diferente ao abordar, na periferia ao norte da cidade, um comboio de caminhões cinza repleto de homens de Dönitz nada arrependidos. Os oficiais da Kriegsmarine, assim como seus pares do Exército, estavam imaculadamente trajados, com sobretudos compridos de couro cinza e quepes com enfeites dourados e prateados. Os marinheiros, porém, eram truculentos e hostis, acomodados na carroceria dos caminhões, empunhando fuzis e baionetas — e nada cooperativos. Quando Linton ordenou que removessem os ferrolhos dos fuzis, eles simplesmente fizeram troça e ignoraram suas ordens. Apenas quando a ordem foi transmitida por seu próprio capitão eles obedeceram.⁶

Duas unidades húngaras de cavalaria também eram uma exceção em meio ao desânimo que predominava entre as tropas da linha de frente do Exército alemão. Rendidos com centenas de cavalos puro-sangue muito bem tratados e equipamento imaculadamente preservado e polido, os integrantes da unidade se ofereceram para unir forças com os americanos e combater os russos. Em vez disso, foram despojados de suas armas e montarias. Nos dias seguintes, os americanos se deliciaram montando os puros-sangues em páreos improvisados ao redor da cidade.

Houve apenas um pequeno contratempo nos procedimentos pacíficos, quando uma companhia de soldados da SS escondida nos bosques recusou-se a

se render. Uma companhia de paraquedistas foi enviada com ordens para capturá-los ou varrê-los do mapa. Com a sensação de já terem cumprido o seu papel na guerra, e desafiando todas as estatísticas, conseguindo chegar vivos ao outro lado, os paraquedistas atacaram rápida e pesadamente. Após matarem cerca de quarenta homens da SS, os demais saíram das moitas acenando com bandeiras brancas e gritando, “*Bitte! Bitte!*” (Por favor! Por favor!). Eles foram bruscamente mandados para a prisão.⁷

Linton foi confrontado com um turbilhão de tarefas enquanto o governo militar e as unidades de contrainteligência trabalhavam duro para restaurar a ordem em meio ao caos generalizado. Esforços foram empreendidos no sentido de encontrar um novo prefeito sem vínculos com o nazismo ou o comunismo e, por fim, nomearam um socialista de cabelos brancos que aceitou a tarefa. Linton teve de lidar também com o *Kreisleiter*, o funcionário mais graduado da área. Ele o considerou um “mestre do silêncio dissimulado”, que apenas fingia cooperar enquanto resistia sutilmente. Em poucos dias, o homem foi preso pelo Corpo de Contrainteligência.

Milhares de armas e outros equipamentos militares cobriam as ruas. Os despojos pareciam algas marinhas deixadas na praia após uma tempestade, pensou Linton. A simples tarefa de supervisionar seu recolhimento e tornar as ruas seguras para a circulação de crianças, pedestres e veículos ocupou grande parte de seu tempo. Havia também a questão urgente da alimentação. Por alguns dias, ele empregou a maior parte de sua energia visitando as três ou quatro padarias da cidade, assegurando-se de que tinham trigo suficiente para a produção, e supervisionando a distribuição de pão para os mais necessitados. Ele também encontrou uma garagem repleta de equipamentos médicos novos em folha e tratou de colocar tudo à disposição dos que cuidavam dos sobreviventes do campo de concentração. Nos intervalos entre as muitas tarefas, garimpava a cidade e a zona rural em busca de lembranças para levar para casa, sobretudo pequenas armas, câmeras fotográficas e quaisquer instrumentos óticos em que pudesse pôr as mãos. Ele era um dedicado astrônomo e fotógrafo amador.

Como a maioria dos jovens militares americanos, Linton se esforçava para cumprir a regra da não fraternização. Mas, pelo menos uma vez, se envolveu com uma garota alemã de Schleswig-Holstein. Na maior parte do tempo, porém, ao contrário dos soldados na linha de frente cujo trabalho havia

terminado, ele estava exausto demais pelas exigências do trabalho para procurar diversão. Acordando sempre de madrugada para dar conta das emergências e dos problemas que ocupavam todo o seu dia, ele normalmente desabava na cama a cada noite e caía rápido no sono.

Ele também tinha que lidar com episódios de estupro — ainda que não cometidos por seus colegas, mas por soldados do Exército Vermelho. Milhares de civis alemães aterrorizados haviam chegado à cidade vindos do leste, onde contingentes do Exército Vermelho, em seu caminho através da Prússia Oriental e da Pomerânia, tinham praticado saques e estupros. “Os soldados do Exército Vermelho não acreditam em ‘relações individuais’ com as mulheres alemãs”, escreveu um oficial da Marinha russa em seu diário. “Nove, dez, 12 homens ao mesmo tempo — o estupro para eles é uma atividade coletiva.”⁸ O Exército Vermelho havia atravessado a Prússia Oriental em janeiro. Por volta de abril, os relatos de estupro sistemático e em massa de mulheres e meninas alemãs já causavam pânico em todos os locais ameaçados pelas forças de Stalin. Goebbels e sua máquina de propaganda exploraram estes episódios ao máximo.

As histórias só eram em parte exageradas. Nem todos os soldados soviéticos aderiam à violência, e esforços ocasionais foram feitos para impedi-la. Mas, no geral, o estupro e o saque indiscriminado acompanhavam rotineiramente os homens de Stalin em seu avanço pela Alemanha. Na maioria das vezes, eram explicados ou justificados como vingança pela destruição causada pelos alemães na Rússia. Ao ser comunicado de saques feitos por suas tropas, o marechal Vasilevski, comandante da 3ª Frente Bielorrussa, ofereceu uma resposta típica: “Não dou a mínima. Chegou a hora de nossos soldados fazerem sua própria justiça”. Mas isso era apenas um pretexto para encobrir o que costumava ser apenas uma explosão espontânea de testosterona reprimida misturada ao desejo, aumentado pelo álcool, de humilhar e dominar os inimigos conquistados. Em abril, os soldados do Exército Vermelho “tendiam a enxergar as mulheres alemãs mais como um direito casual de conquista do que como um alvo de ódio”.⁹

A cidade de Schwerin, próxima a Ludwigslust, tinha acabado de ser pilhada pelo VIII Exército soviético. O romancista e correspondente de guerra russo Vassily Grossman estava lá na ocasião. “Coisas terríveis estão acontecendo com as alemãs”, escreveu ele. “Um alemão bem instruído me explicou com gestos e algumas palavras em russo que sua mulher havia sido estuprada por dez

homens naquele dia.” Grossman também relatou que uma jovem mãe estava sendo violentada continuamente no galpão de uma fazenda até sua família ser obrigada a pedir aos soldados que fizessem uma pausa, para que ela pudesse amamentar seu bebê, que gritava de fome. Tudo isso, observou Grossman, acontecia sob os olhos dos oficiais supostamente responsáveis pela disciplina das tropas.¹⁰

Linton teve que lidar com um caso parecido. Certo dia, uma fazendeira de 72 anos veio pedir sua ajuda. Dez homens do Exército Vermelho a tinham violentado no dia anterior e depois lhe atirado do alto de uma escada. Tudo o que ele pôde fazer foi mandá-la direto para o hospital.

Durante a noite, do outro lado do canal que formava a linha demarcatória acordada com os russos, os paraquedistas americanos ouviam frequentemente os gritos das mulheres alemãs sendo estupradas. “Quando a espécie humana envia seus rapazes para as guerras a fim de matarem uns aos outros”, registrou um paraquedista sobre o episódio dos gritos à noite, “as vítimas se estendem para muito além do campo de batalha”.¹¹

Milhares de alemãs preferiram o suicídio a se submeter ao estupro. Num pequeno vilarejo alemão, uma unidade inteira de garotas da Juventude Hitlerista morreu cortando os pulsos. Estupradas, outras se mataram em seguida. No total, estima-se que mais de 2 milhões de alemãs tenham sido violentadas pelos exércitos conquistadores de Stalin. Dentre as que engravidaram, a estimativa é que em torno de 90% tenham praticado aborto.¹²

Cinco dias depois da chegada de Linton a Ludwigslust, realizou-se em frente ao palácio uma cerimônia simbólica de sepultamento, em homenagem às vítimas do campo de Wöbbelin. Primeiro, civis proeminentes da cidade foram obrigados a exumar duzentos cadáveres da vala comum que ficava atrás da cerca de arame farpado e transportá-los até a frente do palácio. Em seguida, foram forçados a cavar uma sepultura individual para cada um dos corpos e envolvê-los em lençóis. Então, o capelão da Divisão, major George Wood, conduziu uma cerimônia fúnebre. Os registros do campo haviam sumido pouco antes que ele fosse libertado, de forma que os nomes das vítimas sepultadas eram totalmente desconhecidos. No entanto, das duzentas sepulturas, 179 foram marcadas com uma cruz e as 21 restantes com estrelas de davi.

Era uma segunda-feira, 7 de maio. Milhares de quilômetros a oeste dali, em Reims, na França, representantes da Wehrmacht estavam assinando o documento de rendição incondicional de todas as forças alemãs na Europa.

Enquanto isso, no alto dos Alpes italianos, Fey von Hassell aproveitava seus primeiros dias de liberdade. O hotel para onde tinham sido levados parecia um “paraíso terrestre”. Ela fez caminhadas nas matas, se deliciou saltando sobre os riachos de águas cristalinas que desciam das montanhas e desfrutou de boa comida e bons vinhos. Dentro dela, porém, a ansiedade começava lentamente a fustigar seu alívio por estar finalmente livre. Os gritos desesperados de Corrado ao ser arrancado de seus braços pela enfermeira da SS ressoavam insistentemente em seus ouvidos. O que tinha acontecido a seus meninos? Ela voltaria a vê-los algum dia? Quando? E eles a reconheceriam após tanto tempo? Agora que havia pouca coisa com que se preocupar, o tormento por seus filhos perdidos começava a ocupar mais espaço em sua mente e a lhe provocar insônias.

Fey, como de costume, contava com Alex von Stauffenberg para lhe trazer algum conforto. Ele fora seu confidente habitual durante a odisséia amarga daqueles últimos meses, e, desde a morte trágica de sua esposa, eles haviam ficado ainda mais próximos. Libertados, mas confinados nas montanhas, passavam o tempo em longas caminhadas pelos bosques. “Muito embora a perda das crianças pesasse muito e oprimisse o meu espírito”, confessou Fey, “eu encontrava uma paz muito particular estando com Alex, que, no final das contas, havia perdido praticamente tudo”.¹³

Os poucos dias passados nas montanhas também proporcionaram a outros no grupo a oportunidade para um tempo de calma e privacidade. Observando a cena, nada escapava dos olhos de águia de Sigismund Payne Best, oficial britânico do SIS. “Embora eu possa ter parecido distante, muito pouca coisa escapava à minha observação”, admitiu mais tarde. “Eu ficava particularmente feliz quando via surgir os flertes e os casos de amor, pois isso demonstrava, mais do que qualquer outra coisa, que aquelas pessoas estavam se recuperando.”¹⁴

Ao retornar de uma de suas excursões, Fey e Alex viram vários jipes camuflados estacionados diante do hotel, com muita gente em volta. Era sexta-feira, 4 de maio. Uma companhia da infantaria dos Estados Unidos tinha

chegado finalmente. Nas proximidades, tropas do VII Exército americano que avançavam desde a Alemanha haviam cruzado o passo do Brennero e se encontrado com o V Exército, que seguia para o norte através da Itália. Com esta junção, eles tinham conseguido eliminar todas as especulações sobre o Reduto Alpino. As tropas americanas diante do hotel desarmaram os soldados alemães que estavam protegendo o grupo de prisioneiros especiais e se empenhavam agora em tentar controlar um punhado de partisanos italianos que chegara ao local querendo ação. Por fim, se livraram deles também.

Então, a verdadeira libertação aconteceu. A maioria dos soldados americanos nunca tinha ouvido falar de Blum, Schuschnigg ou de qualquer outra pessoa do grupo de políglotas que agora os recebia efusivamente, embora soubessem que eram importantes e os tinham coberto de presentes. Isso era o suficiente para Blum e sua esposa. A ideia da morte tinha sido uma companhia constante por meses, e a chegada dos americanos produziu nele um sentimento próximo do êxtase. “Por vários dias”, escreveu o primeiro-ministro francês, “nós sabíamos que estávamos vivos. Agora, sabíamos que estávamos livres!”

Comida, remédios e roupas se materializaram da noite para o dia, e o grupo foi inundado por pacotes de cigarros e barras de chocolate. Payne Best teve uma reação similar à de Blum: “Foi espantoso saber das dificuldades por que haviam passado para nos trazer conforto e segurança, e também que eram bons sujeitos.” Dois dias depois, um enxame de jornalistas aliados — fotógrafos e correspondentes de guerra — pousou no hotel. Eles entrevistaram as celebridades, e o saguão e os corredores foram tomados pelos flashes das máquinas, pelo vozerio dos repórteres e pelas luzes e pelos ruídos das câmeras de filmagem.¹⁵

Fey estava agradecida por ainda dispor de alguns dias de tranquilidade nas montanhas antes de se reintegrar ao mundo real e dar o inevitável adeus ao grupo que se tornara sua família em cativeiro nos últimos e terríveis meses da vida de todos. No dia seguinte, um padre católico de Munique que tinha estado entre os prisioneiros durante a maior parte da trajetória rezou uma missa na pequena capela de pedras próxima ao hotel. Fey, como muitos outros, era luterana, mas todos compareceram à celebração católica. O padre “agradeceu a Deus por nos ter protegido e libertado”, escreveu ela. “O sermão foi tão simples e tocante que todos ficaram profundamente emocionados naquela

capela perdida nas montanhas, afastada do resto do mundo. Foi o lugar perfeito para uma celebração como aquela.”

Por outro lado, ela não gostou do culto protestante ministrado pelo pastor Martin Niemoller, um ex-comandante de submarinos. “Ele caminhava para cima e para baixo, na nossa frente, como se ainda estivesse no convés de um navio”, registrou. Fey sabia muito bem que, tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos, Niemoller havia se tornado um símbolo vigoroso da resistência cristã a Hitler, e que havia demonstrado grande coragem pessoal pregando contra o Führer nas igrejas de Berlim. Mas naquelas circunstâncias, quando todos estavam apenas agradecidos por estarem vivos, ela não estava nem um pouco interessada em se orgulhar de seu sofrimento pessoal.¹⁶

Os filhos de Fey eram apenas duas entre milhões de vítimas desalojadas de seus lares pela guerra. Agora que os combates haviam cessado, os mais afortunados começavam a voltar para casa. Alguns caminhavam, outros eram transportados em caminhões, mas a maior parte era embarcada em trens. Não muito tempo antes, o sistema ferroviário estatal — o Reichsbahn — se ocupava despachando milhões de soldados para as linhas de frente, assim como milhões de judeus para os campos de extermínio. Agora, em maio de 1945, o mesmo sistema começava a despachar os desalojados pela máquina de guerra de Hitler de volta para suas terras.

Muitos libertadores se viram subitamente sobrecarregados com tarefas que nunca imaginariam ter de desempenhar quando vestiram seus uniformes pela primeira vez. Um deles era o oficial britânico destacado para o exército de Patton a fim de montar uma central de alimentação para os desalojados. Assim como Francesca Wilson, ele tinha trabalhado com refugiados após a Primeira Guerra Mundial, alimentando os famintos na Silésia.

Na linha principal entre Munique e Frankfurt havia uma aldeia próxima a Bamberg chamada Stullendorf. A estação tinha um par de ramais e uma linha secundária que podia absorver três composições ao mesmo tempo. Perto, havia um rio em que os desalojados podiam se banhar. “Eu tinha cinco ou seis trens todos os dias, quarenta caminhões para cada trem, e trinta a quarenta pessoas para cada caminhão”, recordou o oficial britânico. “E havia trens chegando à noite também, e eu tinha que alimentar entre 12 mil e 22 mil pessoas a cada dia.” A caminho do norte estavam russos, poloneses, lituanos, letões,

estonianos e húngaros. Para o sul, viajavam italianos, gregos e iugoslavos. “Eu dispunha de seis grandes caldeiras que comportavam 500 litros de sopa”, contou ele, “além de pão, queijo, pacotes de ração do Exército americano e alguns doces para as crianças. Algumas daquelas pessoas estavam em trânsito há dois ou três dias e tinham muita fome [...] Algumas ainda trajavam os uniformes do campo de concentração. Eram as que estavam em pior estado, ou morrendo ou doentes demais para se mover”. Certa vez, ele teve que reunir uma equipe médica para cuidar de uma carga humana que chegou num dos trens seriamente doente e coberta de feridas. Mais de uma vez, ele sepultou alguma alma infortunada.

Um dia, ele recebeu um telefonema de Nuremberg. “Problemas à vista”, comunicou do outro lado uma voz americana. “Estão chegando para você 2 mil russos num trem. Eles conseguiram armas em algum lugar e estão disparando contra as pessoas pelo caminho.” Os russos também estavam bêbados. Quase imediatamente, um oficial do governo militar de Bamberg surgiu em seu carro. “Eu soube que vocês terão problemas pela frente”, disse. “Não conseguiria dormir esta noite se deixasse você encará-lo sozinho. Alertei algumas tropas. Elas estarão aqui a qualquer momento. Vamos ocupar os dois lados da ferrovia. Apagaremos as luzes e daremos aos russos uma bela recepção.”

Eles aguardaram no escuro. Então, ouviram o trem se aproximando. Os russos gritavam e atiravam. Quando a locomotiva entrou na estação, os americanos de repente acenderam as luzes e os russos se depararam com a infantaria americana apontando automáticas para eles dos dois lados da linha. “Eles ficaram sóbrios na mesma hora”, contou o oficial britânico, e não causaram nenhum problema.¹⁷

18. A PILHAGEM DE HITLER

Foi uma rendição longa e a conta-gotas — uma paz com choradeira. Mesmo entre as ruínas do colapso militar alemão, Dönitz esperava salvar o suficiente do Reich para permitir um rápido renascimento do país. Ele manteve em seu governo alguns funcionários do gabinete de Hitler, não proibiu nem dissolveu o Partido Nazista e não fez qualquer alteração no alto-comando da Wehrmacht.

Suas táticas militares na primeira semana de maio foram motivadas também por este objetivo. Inicialmente, ele se empenhou com todas as forças para negociar uma rendição apenas no front ocidental, enquanto continuava a combater os soviéticos a leste. Quando estes esforços fracassaram e os Aliados ocidentais insistiram na rendição alemã em todas as frentes, Dönitz tratou de ganhar tempo. Sua meta agora era recuar o máximo possível de tropas alemãs para o ocidente, a fim de evitar que caíssem nas mãos do Exército Vermelho.¹

Na quarta-feira, 2 de maio, ele enviou o almirante Hans-Georg Friedeburg, seu sucessor no comando da Marinha alemã, ao quartel-general de Montgomery na Charneca de Lüneburg, pouco mais de 100 quilômetros ao sul de Hamburgo. Sua missão era oferecer a rendição das forças alemães na Holanda, Dinamarca e no norte da Alemanha, inclusive as que estivessem combatendo os russos. Montgomery recusou a proposta. As forças do norte deveriam se render ao Exército Vermelho, respondeu ele, e se os alemães se recusassem a fazer isso, ele continuaria a atacá-los. Friedeburg retornou a Lüneburg 24 horas depois de se reunir novamente com Dönitz. Dessa vez, assinou a rendição nos termos ditados por Montgomery.

Mas Dönitz não se deu por vencido. Ele agora mandava o mesmo Friedeburg até o quartel-general de Eisenhower em Reims para oferecer a

rendição de todas as forças alemãs no ocidente, mas *apenas* no ocidente. Mais uma vez esta oferta foi recusada. E mais uma vez Friedeburg disse que teria de consultar Dönitz. Enquanto isso, a postergação dava tempo para que milhares de combatentes da Wehrmacht recuassem para oeste em direção às linhas aliadas, a fim de que rendições locais e setorizadas pudessem acontecer. No domingo, 6 de maio, Dönitz ordenou que Jodl pegasse um avião e fosse até a França para obter de Eisenhower o que Friedeburg não havia conseguido. Ele recebera instruções precisas: tinha que tentar mais uma vez a capitulação parcial dos alemães no ocidente. Mas, se isso falhasse, como era provável, então ele deveria ganhar o maior tempo possível ao propor que a rendição acontecesse em duas etapas distintas. A primeira consumaria o fim das hostilidades; a segunda permitiria aos combatentes alemães liberdade de movimento pelo maior tempo possível terminado o confronto.

Previsivelmente, Eisenhower insistiu na rendição incondicional em todos os fronts. E ainda exigiu que o termo de rendição fosse assinado naquela mesma noite. Mas ele deu uma colher de chá para os alemães: as linhas aliadas permaneceriam abertas por 48 horas. Isso significava que se as tropas alemãs lutando contra o Exército Vermelho conseguissem alcançar as linhas aliadas ocidentais naquele período, por ele não haveria problemas.

Dönitz entendeu que esta concessão de Eisenhower era tão boa quanto a que ele pretendia conseguir através de seus enviados. Às 2h41 da madrugada de 7 de maio, uma segunda-feira, o general Alfred Jodl, chefe de operações do alto-comando alemão, colocou, junto com Friedeburg, sua assinatura na rendição incondicional das forças alemãs na Europa em todas as frentes. E o armistício entrou em vigor antes da meia-noite do mesmo dia. Uma cerimônia parecida aconteceu no quartel-general do marechal Jukov, em Karlshorst, Berlim, pouco depois da meia-noite de terça-feira, 8 de maio.

Graças às táticas de adiamento de Dönitz, quase 2 milhões de soldados alemães conseguiram escapar do cativeiro na Sibéria.² Mas o sucessor de Hitler não poderia ter conseguido isso sem uma boa dose de benevolência dos aliados ocidentais. O Grupo de Exército alemão cuja rendição fora testemunhada por Leonard Linton em Wismar, alguns dias antes, tinha lutado contra o Exército Vermelho, e não contra os americanos. Ou seja, eles deveriam se render aos russos.

Na Áustria, bem ao sul, o correspondente da BBC Robert Reid estava transmitindo uma cena semelhante.

Depois de entrevistar os prisioneiros de guerra libertados em Moosburg, ele permaneceu com o III Exército de Patton pela Bavária em direção à Áustria. Estradas esburacadas, barreiras e terrenos ruins eram as únicas coisas que agora retardavam o seu avanço. Vez por outra alguns nazistas fanáticos ofereciam resistência, mas os americanos logo os varriam do caminho. Reid viu o que aconteceu quando o inimigo tentou atrasar a travessia do rio Isar: os obuses entraram em ação, ele contou a seus ouvintes, e “a resistência infrutífera foi transformada em farelos espalhados ao vento pela salva de tiros”.³

Na Inglaterra, sua esposa, Vera, travava suas próprias lutas. Como milhões de mulheres no front doméstico, ela mantinha a casa funcionando, pagava as contas, cuidava das crianças, fazia pequenos consertos, costurava roupas, conservava o jardim em ordem, alimentava as galinhas e executava uma infinidade de tarefas diárias.

Com o fim da guerra à vista, ela também se preocupava com a futura moradia da família. Até ali, eles estavam vivendo em uma casa alugada, mas Vera ouviu boatos de que os proprietários estavam querendo o imóvel de volta. O que ela e Robert fariam? Entrariam na justiça para mantê-lo por mais algum tempo? Ou ele voltaria da Europa com economias suficientes para dar entrada numa casa própria?

Nos últimos 12 meses, alguns vizinhos da mesma rua haviam tentado em vão comprar uma casa, e agora seus senhorios lhes davam somente um mês para deixar o imóvel. E se isso também acontecesse com os Reid? Afinal, ela lembrou ao marido, ninguém tinha filhos.

Aflita, ela reduziu gastos e economizou, mas nos últimos meses as contas pareciam se avolumar, e velozmente. Acima de tudo, porém, ela se sentia só. O último fim de semana de abril foi doloroso, “daqueles finais de semana terríveis”, reclamou numa carta. A guerra parecia estar durando para sempre, e uma notícia na imprensa de que havia terminado era falsa. O clima também não estava ajudando. Era uma primavera inglesa típica e traiçoeira, o sol aparecia por poucas horas e logo voltava a esfriar e a nevar. Houvera até mesmo uma nevasca, e ainda fazia muito frio. O moral de Vera estava baixo quando ela descarregou suas ansiedades e frustrações em duas longas cartas para o marido no front. Que pesadelo seria se a guerra na Europa acabasse e

ele fosse enviado pela BBC para a Birmânia? Mas o pior de tudo era que ela não ouvia transmissões dele havia vários dias. Até ouvia menções ao seu nome no rádio, mas não era algo pessoal, que pudesse amainar a saudade e a falta que sentia dele. “A impressão que eu tenho é de que perdemos todo contato”, queixou-se. “Sei tão pouco sobre onde você está ou o que está fazendo! Você pelo menos está bem, fora de perigo?”⁴

Não havia com o que se preocupar. Na verdade, Reid tinha passado a noite do suicídio de Hitler numa aconchegante casa de fazenda próxima a Braunau-am-Inn, cidadezinha na fronteira austríaca às margens do rio Inn onde o ditador nazista havia nascido e para onde os tanques de Patton avançariam no dia seguinte.

O fazendeiro e sua mulher estavam interessados em agradecer o correspondente da BBC, então lhe serviram um lauto jantar e lhe mostraram fotos de parentes que moravam em Chicago e Seattle. Em seguida, com o ambiente iluminado pelas chamas de uma vela instalada sobre uma garrafa de cerveja, o casal contou como odiava Hitler e tudo o que ele representava. Opinou sobre quanto tempo os americanos e britânicos deveriam permanecer na região e especulou se a Bavária voltaria a ser um estado soberano.

A noite foi toda muito *gemütlich*, mas testou a paciência e a boa índole de Reid. Ele estivera em Buchenwald apenas duas semanas antes e via com extremo ceticismo os relatos de alemães que se diziam anti-hitleristas. Apenas o futuro dirá, assegurou ele a seus ouvintes, o quanto estas declarações súbitas dos alemães são realmente sinceras e profundas.

Reid não era o único correspondente aliado a observar causticamente o quanto os alemães estavam ávidos, agora, por se distanciar dos nazistas. Assim como Geoffrey Cox, que de correspondente de guerra virara soldado, a escritora e romancista americana Martha Gellhorn havia produzido reportagens sobre a Guerra do Inverno de 1939. Logo em seguida, foi cobrir a guerra na Europa. Em maio de 1945, Gellhorn criticou duramente os alemães num artigo para a revista *Collier's*:

Ninguém é nazista. Ninguém jamais foi. Pode até haver alguns nazistas na cidade ao lado [...] Ah, os judeus? Bem, não havia muitos judeus nessa vizinhança. Escondi um judeu por seis semanas. Escondi um judeu por oito semanas. Todas as criaturas de Deus esconderam um judeu. Isso seria melhor se virasse música. Assim, os alemães poderiam

cantar o refrão. Todos falavam desse jeito. E a gente se pergunta como o governo nazista ao qual ninguém devotava lealdade alguma conseguiu sustentar esta guerra por cinco anos e meio.⁵

Na manhã de 7 de maio, segunda-feira, Reid estava de volta ao quartel-general de Patton em Ratisbona. De repente, ele e os demais correspondentes foram convocados para uma coletiva especial. Conforme o coronel americano lia uma declaração, Reid escrevia em seu bloco de anotações. “A guerra termina oficialmente no minuto seguinte à próxima meia-noite, e o cessar-fogo entrou em vigor às oito da manhã de hoje.”

Apressadamente, ele e mais dois colegas pegaram algumas caixas de alimento e embarcaram em seus jipes. O equipamento de gravação e os colchões foram acomodados na traseira e eles voaram freneticamente na direção da Áustria e da linha de frente. O mau tempo dos dias anteriores dera lugar a um lindo céu azul quando eles cruzaram a fronteira. Criancinhas corriam pela margem da estrada e atiravam ramos de flores no caminho. A bandeira austríaca vermelha e branca era hasteada por toda parte sob o sol brilhante — pela primeira vez desde que as tropas de Hitler marcharam sobre Viena em 1938.

Reid passou aquela noite no vilarejo de St. Martin. De uma janela no alto de um castelo ele olhou para um pátio em volta e viu o comandante alemão da área, junto com seu pessoal, desembarcar soturnamente dos carros e se render aos americanos. Bem cedo, na manhã seguinte, ele acordou com o badalar dos sinos da igreja. Olhando através das cortinas do pequeno quarto, viu os aldeões nos seus melhores trajes a caminho de uma missa de ação de graças. Ele se barbeou numa fonte em um pomar, debaixo de uma macieira frondosa, com a mesma euforia de quase um ano antes, nas praias da Normandia. Então, voltou a seu jipe para atravessar as estradas empoeiradas em direção a Viena. Às vezes, parecia que estava numa viagem de férias.

Ele logo chegou a Linz, junto ao Danúbio. Era a terceira maior cidade da Áustria e também o berço natal de Hitler. Ali, o futuro ditador nazista concluía o ensino fundamental e, aos 12 anos, um garoto curioso e impressionável, sentara-se num dos lugares mais baratos do teatro da cidade para assistir a sua primeira ópera, *Lobengrin*, de Wagner. Aquela noite resultou

em uma “experiência estética transcendental” que despertou os sentimentos artísticos e culturais mais profundos do futuro ditador.

Anos mais tarde, Linz foi a primeira parada da marcha triunfal de Hitler para Viena em seguida ao Anschluss. Pouco depois, ele selecionou Linz como uma das cinco “cidades do Führer”. Ela foi marcada para se tornar a cidade mais imponente da região do Danúbio, suplantando até mesmo Budapeste como epicentro da cultura europeia, com um complexo que incluía uma biblioteca, um museu, uma ópera, um cinema e uma sala de concerto. Na imaginação de Hitler, a revolução nazista era acima de tudo uma revolução cultural que despertaria as aspirações mais profundas do povo alemão. No cerne do projeto de Linz estava um museu de arte europeia que se equipararia à Galeria Uffizi, de Florença, e abrigaria a grande coleção particular que Hitler ia rapidamente adquirindo e aumentando através de pilhagem e vendas forçadas. Uma maquete da nova cidade de Linz chegou a ser construída no bunker de Berlim. Ali, Hitler passava horas admirando os detalhes enquanto a capital alemã, acima dele, caía em chamas e escombros. O Museu de Linz, como registrou uma das secretárias do Führer, era para ele “um dos assuntos prediletos no chá da tarde”.

Linz também estava poderosamente ligada ao compositor favorito de Hitler, Anton Bruckner, que nascera perto dali e trabalhara como organista na catedral da cidade por muitos anos. Um concerto com músicas de Bruckner sempre integrava a programação cultural dos comícios nazistas em Nuremberg, e Hitler até mesmo prestara homenagem ao compositor ao visitar seu monumento no famoso templo de Valhalla, o panteão dos heróis alemães erigido perto de Ratisbona, onde o Führer ficou em silenciosa reverência enquanto a Filarmônica de Munique executava o adágio de sua Sétima Sinfonia. Esta peça, declarou certa vez o líder nazista, igualava em grandiosidade a Nona Sinfonia de Beethoven.

Durante os desesperados dias finais em Berlim, corria o boato de que, quando a Filarmônica de Berlim executasse a Quarta Sinfonia de Bruckner, era porque o fim do Reich estava próximo. Por obra do destino, a peça foi incluída no concerto da orquestra de sexta-feira, 13 de abril. Quando a plateia se enfileirou para deixar o teatro, membros uniformizados da Juventude Hitlerista distribuíram cápsulas de cianureto nas portas de saída para os fiéis do partido.⁶

Aquilo havia acontecido apenas três semanas antes, mas Reid não tinha tempo para fazer turismo ou ficar conjecturando sobre as ironias da história e as ambições culturais de Hitler. De qualquer forma, Linz não passava agora de uma montanha de escombros entupida de refugiados em abrigos subterrâneos. Então, ele seguiu adiante. Cerca de 20 quilômetros ao sul de Linz, alcançou seu destino, a cidade de Enndorf, no rio Enns, em sua junção com o Danúbio. Ali, quando o jipe trafegava pela rua principal, avistou sua primeira leva de soldados alemães se rendendo. O motorista atravessou uma ponte e, num descampado, Reid viu cerca de 60 mil homens caminhando em sua direção, uma grande cavalgada de derrotados que incluía os remanescentes do grupo sul dos exércitos alemães. Supervisionando a marcha estavam algumas dezenas de soldados americanos, uma fileira de canhões de campanha entrincheirados na retaguarda e um avião de reconhecimento que balançava e oscilava no alto, mergulhando baixo de vez em quando para dar uma olhada mais de perto.

Pelo que Reid conseguia ver, veículos alemães estavam engarrafados parachoque com parachoque e carroças de madeira barulhentas carregando suprimentos e armas espalhavam-se por todas as direções. Às vezes, um policial militar americano direcionava os caminhões carregados de rifles, bazucas e armas automáticas abandonadas pelos alemães para o local de onde Reid assistia a tudo com o microfone na mão, gravando a cena no teledifone para sua audiência na Grã-Bretanha. Muitos dos veículos estavam apinhados de mulheres, civis, enfermeiras e auxiliares do Exército que vinham seguindo os soldados de seu país desde Viena e do leste europeu, fugindo dos russos. Alguns veículos transportavam também soldados exaustos, debilitados ou gravemente feridos. Alguns soldados de bicicleta evitavam os sulcos deixados na estrada pelas meias-lagartas.

Remanescentes da Juventude Hitlerista cruzaram com Reid pelo caminho e o olharam com arrogância. “Você teve algum problema com eles?”, Reid perguntou ao jovem major americano encarregado, nascido em Pittsburgh. “Não. Eles nos pediram cigarros; parecem felizes por terem se livrado dos russos.”

“Este foi o Dia da Vitória que eu vi”, concluía Reid em sua reportagem especial para a BBC, “um dia surpreendente e inesquecível [...] um dia que eu gostaria de poder compartilhar com todos aqueles que tiveram suas casas bombardeadas, com todos aqueles que perderam um ente querido na guerra, e

com as centenas de milhares de pessoas que foram torturadas e sacrificadas no altar do nazismo desde 1933”. No calmo Danúbio, meninos e meninas se banhavam e brincavam nas águas esverdeadas, observados por soldados alemães feridos e enfermeiras nos deques dos barcos-hospital atracados no rio. Quando tomou a estrada de volta para Ratisbona, Reid cruzou com soldados americanos descansando à beira da rodovia, atiradores limpando suas armas, tripulantes de tanque olhando atentos das torres, e também com sapadores construindo pontes. Nenhum deles acenou, cumprimentou ou fez alguma piada que lhe valesse uma boa história. A sombra gelada da guerra, deduziu Reid, ainda estava muito próxima de seus corações.⁷

A essa altura, o mundo sabia que a Áustria não abrigava Reduto Nacional algum e que a ameaça de Lobisomens nazistas era puro mito. Mais ao sul, ainda nas montanhas da Estíria, o agente da SOE Fred Warner havia chegado à mesma conclusão.

Depois de uma semana em seu refúgio montanhoso protegendo-se da neve, ele saiu à procura de uma casa de civis que pudessem ajudar. Logo no dia seguinte a encontrou. Era uma típica casa de campo austríaca com uma grande varanda que circundava toda a frente do primeiro andar. Situada no alto de uma colina, convenientemente isolada, era de propriedade de um casal de idosos, que a dividiam com a filha e um bebê, além de uma mulher e outras duas crianças. Todos se mostraram amistosos e hospitaleiros. O genro dos donos da casa estava na Wehrmacht, lutando contra os russos em algum lugar.

O casal deu a Warner uma cama confortável e lhe serviu uma refeição revigorante com pão preto, manteiga, bacon, salsichas, peras em calda com requeijão, além de uma jarra farta de vinho tinto caseiro. Depois de duas noites sem que ninguém tivesse informado sobre sua presença à polícia local, ele se sentiu seguro naquele lugar. A família estava saturada da guerra e queria o fim das hostilidades, com o retorno imediato de seus homens para tocar a fazenda. Warner, então, explicou quem ele era e por que estava lá, e dois dias depois foi levado pelo idoso até um vilarejo próximo a fim de encontrar um grupo da resistência local. O grupo consistia em um capitão que convalescia de uma grave lesão na perna, adquirida no front oriental, e alguns amigos que escutavam secretamente a BBC todas as noites enquanto catalogavam os nazistas da região. Warner descobriu que o capitão ia se tratar com frequência

em um hospital próximo ao local de pouso dos agentes da SOE. Ansioso por saber o que tinha acontecido com seu equipamento de comunicação sem fio, ele decidiu acompanhar o capitão em sua próxima visita.

Ao viajar para a cidade numa confortável charrete puxada por um belo cavalo, eles cruzaram com colunas de soldados alemães batendo em retirada diante do avanço dos russos, incluindo tropas da Divisão Viking da SS. Era óbvio que a guerra estava quase terminada. Na estação de polícia local, ele conseguiu descobrir que o kit de comunicação do grupo havia sido capturado pela Gestapo e levado para Murau, a cidade grande mais próxima. Mais interessante, no entanto, foi a informação de que paraquedistas — britânicos ou americanos — haviam tomado o aeródromo de Zeltweg. Como este era um dos alvos de seu grupo, ele resolveu seguir naquela direção.

Antes disso, porém, Warner precisava de um carro. Como todos ali, o oficial nazista mais graduado do local também queria se livrar dos russos e cair nas graças dos britânicos e americanos, e não chegou a ser uma grande surpresa quando se ofereceu para levar o agente da SOE em seu próprio carro. Sentado ao lado do oficial nazista, ele chegou ao aeródromo de Zeltweg algumas horas depois. Um grande número de caminhões americanos estava estacionado ao lado da entrada. Uma observação minuciosa revelou, porém, que traziam a insígnia do Exército Vermelho. Os russos tinham chegado, e em poucos minutos Warner estava sendo apresentado a um major soviético que o informou de que o resto de seu grupo já estava lá. A notícia de sua chegada se espalhou rapidamente; antes que alcançasse o prédio principal do aeródromo, os outros já o estavam abraçando com alegria e dando tapinhas em suas costas.⁸

Por mais bizarra que tivesse sido sua viagem até Zeltweg, ele descobria agora que George Bryant e seu grupo tinham uma história ainda mais inusitada para contar. Eles haviam escutado no rádio a notícia da rendição do Grupo Sul do Exército na Itália. Deduzindo que isso se aplicava também às forças nazistas na Áustria, eles desceram de seu esconderijo na montanha até o vilarejo mais próximo, fizeram uma ligação para a base militar alemã em Judenburg e se identificaram como oficiais britânicos.

Pouco depois da meia-noite, dois oficiais alemães com uma escolta de soldados apareceram e disseram ao grupo da SOE que a rendição não se aplicava à Áustria. Entretanto, explicou um deles, os alemães se entregariam de bom grado aos Aliados do ocidente, mas em hipótese alguma aos russos.

Então, ele educadamente convidou o grupo de espões a se hospedar com o Exército alemão.⁹

Eles partiram em comboio e foi somente quando chegaram ao local do gabinete do general Rendulic, em Schloss Thalheim, nos arredores de Judenburg, que Bryant reconheceu a cidade como o antigo lar de seus tios, onde ele passara muitas férias quando menino. Ainda não estava claro, porém, se estavam sendo levados como prisioneiros, de forma que, por precaução, quando já estava instalado confortavelmente, ele pegou seu bloco de anotações confidenciais, rasgou-o, jogou no vaso sanitário e deu descarga. No dia seguinte, ficou acertado com Rendulic que o grupo faria contato com sua base da SOE na Itália para pedir instruções sobre a rendição proposta. Mas para isso eles precisariam de seu kit radiotransmissor que fora confiscado pela Gestapo e levado a Murau.

Pegar o equipamento de volta podia ser arriscado porque as relações entre a Wehrmacht e a Gestapo eram, muitas vezes, hostis. Do grupo da SOE, o que tinha aparência ariana mais acentuada era Eric Rhodes, com seus olhos azuis, cabelo bem louro e mais de um metro e oitenta de altura. Então, ele vestiu um uniforme do Exército alemão e, acompanhado de dois simpáticos oficiais da inteligência alemã, partiu para Murau. Para seu alívio, os oficiais da Gestapo estavam ocupados demais tentando salvar a própria pele que nem se preocuparam com o destino do equipamento: entregaram o kit completo sem fazer perguntas. De volta a Schloss Thalheim, Kelly, o operador de rádio do grupo, passou uma mensagem em código para a SOE na Itália relatando o que estava acontecendo.

Enquanto aguardava resposta, o grupo foi para o aeródromo de Zeltweg. Ali, porém, toparam com um truculento coronel alemão que se recusou a entregar o campo de pouso. Ele já havia negociado antes com Walter Freud, que aparecera ali sozinho dois dias antes e tentara fazer o coronel se render. Mas Freud não conseguiu contatar sua base na Itália e era tão jovem e inexperiente que o coronel preferiu prendê-lo e despachá-lo para Linz. Embora ninguém soubesse disso, Freud tinha encontrado as fileiras americanas em Linz e estava prestes a embarcar rumo a Paris.¹⁰

Provavelmente irritado com a presença de mais agentes britânicos oferecendo acordos, o coronel alemão desta vez ameaçou retê-los como prisioneiros de guerra. Com o agravamento da situação, Bryant decidiu apelar

para uma autoridade superior. Desta vez era ele quem vestiria um uniforme alemão. Fardado com uma jaqueta e um boné da Luftwaffe, e acompanhado por um oficial da Wehrmacht, ele se dirigiu para Salzammergut.

Muitos oficiais de elite do Partido Nazista já haviam desfrutado do conforto daquela região de altos pinheiros e lagos cristalinos que seria o núcleo do imaginado Reduto Nacional. A estrada ziguezagueava montanha acima numa paisagem iluminada por fontes e cascatas que faziam as rochas brilharem, e por flores primaveris que desabrochavam nas margens. Depois de passarem pela estância turística de Bad Aussee, eles tomaram uma estrada ainda mais íngreme para Alt Aussee, cidade ainda menor, com cerca de 4 mil habitantes, que se aninhava em torno de um dos lagos alpinos mais bonitos, tendo os picos nevados como moldura. Este era o destino de Bryant — e a base austríaca do homem de confiança de Himmler, Ernst Kaltenbrunner.

Hospedado em Villa Kerry, nos arredores da cidade, Bryant descobriu rapidamente um bom número de assessores de Kaltenbrunner. Entre eles estava o dr. Werner Gotsch. Com uma aparência jovial em seus 30 anos, e vestindo trajes civis, Gotsch estava ocupado tentando organizar um governo da “Áustria Livre”, uma cartada final de inspiração SS para rivalizar com o governo já estabelecido em Viena pelos russos sob a liderança de Karl Renner. Conhecido como “Vovô Renner”, o social-democrata de 75 anos e barba branca encabeçava agora uma coalizão formada pelos maiores partidos políticos austríacos. Gotsch era um antissoviético ferrenho e disse a Bryant que gostaria de colaborar com a inteligência britânica contra Moscou. Nitidamente interessado em salvar a própria pele, ele sugeriu um lugar onde os agentes britânicos poderiam se refugiar em total segurança até que a situação se acalmasse.

Mais tarde, de volta a Schloss Thalheim, Bryant soube que um oficial ligado ao quartel-general de Zagreb do general Lohr — comandante das forças alemãs que combatiam contra os russos e iugoslavos nos Bálcãs — também desejava conversar sobre a possibilidade de rendição aos Aliados do ocidente. Como o grupo da SOE ainda não havia recebido instruções da Itália, ele decidiu encontrar o oficial em Klagenfurt, capital da Caríntia. Ali, nas cercanias da cidade, eles discutiram a rendição e concordaram em passar os termos para seus respectivos quartéis-generais. Fred Warner garante que o homem que Bryant encontrou em Klagenfurt foi o Obergruppenführer Odilo Globocnik. Se foi

este o caso, a reunião deve ter sido marcada por tensões, uma vez que Bryant era um judeu austríaco expulso de sua terra pelos nazistas, e Globocnik fora um dos responsáveis diretos por esse expurgo.

Descrito pelos historiadores como um homem “cuja energia e impetuosidade o distinguiram da maioria de seus pares na SS”, Globocnik nasceu em Trieste. Quando o porto adriático foi transferido para a Itália após a Primeira Guerra Mundial, ele se mudou para Klagenfurt, onde emergiu como um dos mais influentes nazistas austríacos por trás do Anschluss. Por isso, Hitler o nomeou prefeito de Viena. Mais adiante, Himmler mandou-o para Lublin como chefe de polícia e da SS na Polônia, onde ele ajudou a elaborar a Operação Reinhard, que organizou o assassinato em massa de milhões de homens, mulheres e crianças, com a construção dos campos de extermínio de Belzec, Treblinka, Sobibor e Chelmno. Mais tarde, ele transferiu seu talento homicida para sua terra natal, Trieste. Em maio de 1945, no entanto, o carrasco estava de volta à Caríntia, e em fuga.

Na sede da prefeitura de Klagenfurt, afirmou Warner, Globocnik “implorou” que Bryant informasse seus superiores sobre a necessidade urgente de Aliados ocidentais e alemães se unirem contra as “hordas” soviéticas. Mas, se isso de fato aconteceu, o oficial da SOE não fez menção alguma ao assunto em seu relatório pós-missão redigido duas semanas depois. É mais provável que neste caso Warner tenha sido traído pela memória.¹¹

De qualquer maneira, porém, tanto o relatório de Warner quanto o de Bryant declararam que dois dias depois eles receberam, enfim, retorno da Itália. Os alemães teriam de se render às forças contra quais haviam combatido por último — o que significava os russos e as tropas iugoslavas comunistas do marechal Tito. Mas os alemães em Schloss Thalheim recusaram-se terminantemente a fazer isso. Em 24 horas eles deixaram a cidade, zarpando em velocidade na direção das fileiras americanas. Em Zeltweg, o comandante se tornou afável de uma hora para outra e convidou os britânicos para um uísque em seu gabinete. Durante a conversa que tiveram, concordou imediatamente em colocar o aeródromo à disposição da Royal Air Force e retirar as minas de demolição escondidas na pista. Ele também providenciou uma lista de todos os aviões, provisões e equipamentos disponíveis, que foi passada por rádio ao comando na Itália.

Instalados confortavelmente no cassino dos oficiais, eles esperaram pela chegada das forças britânicas. O primeiro avião a pousar foi um Mosquito americano, cujo piloto revelou que as unidades britânicas que avançavam pelas montanhas da Itália estavam sendo retardadas por tropas da SS e que os russos estavam se aproximando. Ele sugeriu que os alemães abandonassem o aeródromo imediatamente e partissem ao encontro dos americanos em Linz, levando com eles seus aviões. A sugestão foi acatada na mesma hora.

Os homens da SOE, de repente, se viram sozinhos no aeródromo, exceto por alguns soldados húngaros que decidiram ficar com suas famílias. No dia seguinte, os russos chegaram com os tanques e a infantaria. Horas depois, foi a vez de Warner aparecer.

Ao anoitecer daquele dia, o grupo da SOE e vários oficiais soviéticos sentaram para jantar no refeitório do aeródromo. Foi um encontro cordial e vibrante. As últimas garrafas foram entornadas em homenagem a Stalin, Churchill, ao Exército Vermelho e às forças britânicas. Warner ficou contente que os copos tivessem sido enchidos com vinho e não vodka. Mesmo assim, não demorou para que os russos deixassem de lado o costume civilizado do uso de saca-rolhas e começassem a abrir as garrafas batendo com o gargalo na quina da mesa. Cada oficial tinha atrás de si um guarda-costas empunhando uma pistola automática durante toda a refeição. Tendo sido treinado para a guerra secreta, tudo aquilo constrangia Warner. Ele também ficou perplexo quando perguntou ao tenente sentado a seu lado se gostava dos jipes e caminhões americanos estacionados do lado fora, e o oficial respondeu que não tinha visto nenhum. Warner apontou-os pela janela. “Mas eles têm insígnias russas”, respondeu o oficial, acreditando piamente que tinham sido fabricados em seu país. Mais tarde, quando Warner lhe mostrou o painel de instrumentos com palavras em inglês, o homem retrucou: “Ah, sim, eles foram feitos para exportação”. Este, concluiu Warner, era o poder da propaganda soviética.

Ele e seu grupo ficaram mais três ou quatro noites no aeródromo. Os russos eram “horrríveis”, Warner recordou. “Pareciam selvagens ao anoitecer. Muitos se embebedavam, atiravam balas traçantes em qualquer janela onde brilhasse uma luz e, pior de tudo, saíam pelas redondezas estuprando as mulheres que vissem pela frente. Foi uma experiência tenebrosa ouvir os gritos e não poder fazer nada.”¹² A violência era completamente indiscriminada.

Numa cidade vizinha, o líder comunista local, libertado da prisão havia pouco tempo, teve sua casa saqueada e a mulher violentada.

E não eram apenas os soldados do Exército Vermelho que ficavam fora de controle. À medida que os nazistas fugiam, milhares de trabalhadores escravos deixavam os campos de concentração e juntavam-se à baderna geral. Entre estes havia centenas de russos famintos, muitos deles prisioneiros de guerra, que tinham sido mantidos por longos meses ou anos em condições deploráveis. A morte no campo de batalha era quase sempre melhor do que as condições impostas aos soldados do Exército Vermelho capturados pela Wehrmacht. Uma vez presos, eles eram tratados como escravos, fuzilados por qualquer deslize ou assassinados por brincadeira, diversão. Apenas uma fração mínima dos milhões de prisioneiros capturados pelas tropas de Hitler no front oriental da guerra ainda estava viva em maio de 1945.¹³

Em Judenburg, os russos — tanto soldados quanto prisioneiros de guerra e civis — invadiam as casas e lojas e jogavam pela janela nos braços de seus compatriotas tudo o que considerassem luxuoso, tivesse utilidade ou não. Warner viu soldados russos vestindo casacos de pele e chapéus de mulher, e gente usando cabos de vassoura como cabideiros, nos quais se penduravam dezenas de pares de sapato. Mais tarde, ele viu muitos destes objetos boiando no rio que atravessava a cidade.

Warner ficava chocado com estas cenas, mas achava difícil condenar aqueles transgressores. “Quem poderia culpar essas pessoas, brutalmente oprimidas por tanto tempo?”, perguntava-se.¹⁴

Em nenhum lugar da Áustria a crueldade e a barbaridade sistemáticas dos nazistas — e a retaliação selvagem contra eles — foram melhor exemplificadas do que no campo de concentração de Mauthausen. Ele ficava alguns quilômetros a leste de Linz, às margens do Danúbio. Três dias antes de Robert Reid passar por ali a toda velocidade para reportar a rendição no Dia da Vitória, as forças americanas haviam chegado a seus portões.

Depois de Ohrdruf, Buchenwald, Belsen e muitos outros, o quadro que aguardava os soldados era agora tristemente familiar. O campo tinha sido construído pouco depois do Anschluss para abrigar 12 mil prisioneiros. Agora, mantinha em torno de 20 mil. A comida era escassa, o tifo estava fora de controle e centenas de internos morriam a cada dia. Pelo menos 1.200 corpos

jaziam ao ar livre. Apenas alguns prisioneiros eram judeus. No começo, a maior parte deles eram socialistas alemães, homossexuais, testemunhas de Jeová e ciganos. Uma segunda leva trouxe artistas poloneses, cientistas e intelectuais, seguidos, em 1941, por um grande número de russos do Exército Vermelho. Depois que os alemães marcharam em direção ao sul da França em novembro de 1942, milhares de refugiados republicanos da Guerra Civil espanhola também acabaram em Mauthausen. Para estes espanhóis antifascistas, o campo era o seu Auschwitz. Poucas horas após sua libertação, eles colocaram uma grande faixa sobre o portão de entrada onde se lia em espanhol: “Os espanhóis antifascistas saúdam as forças de libertação.”

Por todo o complexo de Mauthausen — o campo principal e seus 49 subcampos — passaram 335 mil prisioneiros, dos quais 122 mil pereceram. O trabalho brutal e desumano foi a principal causa das mortes. A *raison d'être* do campo era uma enorme pedreira de extração de granito nas proximidades, que fornecia material para as construções megalomaniacas de Hitler. Do andar térreo da pedreira até seu topo estavam as temidas “escadas da morte”. Os prisioneiros eram obrigados a carregar grandes blocos de pedra nos ombros por quase duzentos degraus. Se fraquejassem ou hesitassem, eram chicoteados, baleados, empurrados do penhasco ou transferidos para outros campos a fim de servir de cobaia para experimentos médicos.

Logo que os americanos chegaram, a violência e o caos se alastraram entre os prisioneiros famintos. Informantes, colaboradores e kapos eram surrados até a morte. A maioria do pessoal da SS desapareceu rapidamente, mas pelo menos um guarda foi pego e enforcado, totalmente nu a não ser pelo quepe na cabeça, no caibro de uma das casernas. Os prisioneiros soviéticos usaram seu corpo para praticar pontaria, lançando sobre ele, em turnos, uma grande faca de cozinha. Ele permaneceu lá por dois dias até que os americanos cortaram a corda. Outros sobreviventes do Exército Vermelho vagavam pelo interior, aterrorizando os austríacos locais.

Um dos sobreviventes do campo era um judeu polonês chamado Simon Wiesenthal. “Eram dez horas da manhã de 5 de maio de 1945 quando avistei um enorme tanque cinza com uma estrela branca na lateral e a bandeira americana tremulando na torre de tiro”, disse ele. “Não lembro como fui do meu quarto até o pátio. Eu mal conseguia andar. Estava usando aquele uniforme listrado e desbotado com um J amarelo sobre um triângulo duplo

amarelo e vermelho.” Ele queria tocar a estrela na lateral do tanque, mas estava fraco demais — seus joelhos cederam e ele caiu no chão. Depois, ele só se lembra de alguém o carregando: “Senti a textura grosseira de um uniforme verde-oliva americano raspando meu braço. Eu não conseguia falar. Não conseguia nem mesmo abrir a boca. Apontei para a estrela branca, senti a couraça fria e empoeirada com minhas mãos, e então desmaiei.”¹⁵

Finalmente recuperado, Wiesenthal se dedicou à tarefa que consumiria o resto de sua vida — caçar criminosos de guerra nazistas.

Outro interno de Mauthausen era um prisioneiro político grego, Iakovos Kambanellis. Ele também viu o momento em que um desgastado tanque americano abriu caminho pelo portão. Ao se juntar à multidão, que beijava a superfície metálica do tanque, chorando e batendo com a cabeça nas laterais do veículo, ele sentiu alguém agarrar seus tornozelos. Olhou para baixo para ver o que era. Dois prisioneiros espanhóis tinham derrubado um kapo no chão e, com suas facas, tomados de fúria, o esfolavam vivo.¹⁶

Em alguma outra parte, os exércitos de Patton desvendavam segredos desconhecidos do Estado nazista. Enquanto Reid reportava sobre o Dia da Vitória, dois jipes e um caminhão cheio de soldados americanos subiam cautelosamente pela estrada tortuosa das montanhas, na direção de Alt Aussee. Estavam especialmente alertas porque os temores de um Reduto Alpino ainda não haviam se dissipado inteiramente, e nenhum deles estava certo de que era apenas uma miragem. Tampouco era provável que a notícia da rendição incondicional já tivesse chegado àquelas paragens tão remotas. Ainda que isso tivesse acontecido, não havia garantias de que seria respeitada. Os americanos estavam à procura de um dos maiores troféus do Terceiro Reich de Hitler, que deveria ser protegido até o amargo final.

Por volta de 1943, Hitler já havia reunido uma grande quantidade de pinturas e objetos de arte para o museu que pretendia construir em Linz. A maior parte deles havia sido pilhada ou comprada a preço irrisório de colecionadores particulares, sobretudo judeus, mas também de museus e galerias de cidades europeias que caíram sob domínio nazista. Guardadas em museus, esconderijos e mosteiros, essas obras de arte estavam espalhadas por todo o Reich. Mas quando os ataques aliados a Berlim, Munique e outras grandes cidades começaram a se tornar mais frequentes, este tesouro passou a

correr sérios riscos. Ele precisava ser escondido em um lugar seguro. Depois de alguns meses de busca, encontrou-se finalmente um refúgio em Alt Aussee. Ali, uma labiríntica mina de sal talhada nas profundezas da montanha proporcionava uma infinidade de câmaras a um quilômetro e meio da superfície. O esconderijo era ideal porque manteria os quadros numa temperatura favorável, tinha poucas entradas e saídas e era operado por um grupo restrito de homens cujas famílias trabalhavam na mina havia muitas gerações. As galerias eram alcançadas por pequenos trens que circulavam em tortuosos e minúsculos trilhos.¹⁷

Com a aprovação de Hitler, centenas de operários foram liberados do serviço militar para transformar a mina austríaca em uma enorme galeria de arte subterrânea equipada com prateleiras de armazenamento, proteção de parede e teto, piso apropriado e eletricidade. Milhares de quadros foram enviados de toda a Europa para o local. O acesso era difícil: a única estrada que levava à mina era estreita e tortuosa, e ficava fechada durante o inverno. Quando o tempo melhorou, bois e tanques entraram em ação para puxar os pesados caixotes com a pilhagem de Hitler. O trabalho durou meses, mas, quando foi concluído, os guardiões da mina tiveram a certeza de que o tesouro estava protegido dos Aliados.

A última entrega tinha acontecido apenas algumas semanas antes. Os caixotes encerravam milhares de pinturas e outros objetos de arte, incluindo alguns dos maiores tesouros da Europa. No início, os nazistas faziam um registro meticuloso do saque, peça por peça, à medida que as obras entravam na mina. Estes registros eram volumosos e ocupavam dezenas de prateleiras. Mas, no final, o volume do material era tão grande que o sistema ruiu, e a maior parte das peças era simplesmente etiquetada com um número indicativo do carregamento em que tinha vindo. Algumas não receberam número algum.

Mesmo assim, os curadores alemães fizeram o melhor que podiam diante das circunstâncias. Somente a coleção particular de Hitler dos Velhos Mestres incluía 15 Rembrandts, 23 Breughels, 2 Vermeers, 15 Canalettos, 15 Tintoretos, 8 Tiepolos, 4 Ticianos e 2 Leonardos, sem mencionar as dezenas de pinturas de Cranach, Rubens, Holbein e Goya, entre outros. Um dos itens mais delicados era o famoso retábulo belga de Jan van Eyck, a *Adoração do cordeiro místico*, que teve uma sala especial construída na mina para abrigá-lo. Estas muitas preciosidades foram transportadas até Alt Aussee num comboio

especial. O material incluía também dezenas de pinturas saqueadas por Göring que ele não queria que fossem vistas em sua coleção particular.¹⁸

Nunca ficou claro se este legado precioso e secular da cultura europeia sobreviveria à guerra. Hitler acabara de expedir seu decreto de terra arrasada e, depois de ouvi-lo, o gauleiter local, o SS Obergruppenführer August Eigruber, determinou que os tesouros em Alt Aussee jamais deveriam cair nas mãos dos “bolcheviques” ou do “judaísmo internacional”. Em vista disso, o nazista fanático tomou providências para explodir a mina pelos ares, se necessário.

Em meados de abril, vários carregamentos com a etiqueta suspeita “Mármore — Não deixe cair” foram entregues na mina. Eles chegaram junto com uma escolta fortemente armada de soldados da SS que, então, montaram guarda na entrada do esconderijo. Isso provocou uma grande ansiedade entre os curadores que zelavam pelo tesouro. Alguns deles, apavorados com o plano destruidor de Eigruber, tentaram imediatamente sabotar a entrada do material. Operários da mina de sal, porém, preocupados em garantir a continuidade de seu meio de sobrevivência, aderiram ao plano. Por fim, depois que todos os esforços desesperados falharam, os curadores apelaram diretamente para Kaltenbrunner. Por sorte, naquele instante, o chefe de inteligência da SS estava desesperado para estabelecer bons vínculos com os aliados ocidentais. Os 800 quilos de explosivo dos carregamentos de “mármore” haviam sido estrategicamente colocados ao longo das incontáveis galerias da mina. Numa delicada operação que durou dois dias, por determinação de Kaltenbrunner, o material foi retirado cuidadosamente dali nos pequenos trens e transportado de volta pelos quilômetros de trilhos, sendo, por fim, escondido num matagal do lado de fora. Então, num sábado, 5 de maio, a entrada da mina foi lacrada por uma explosão.¹⁹

Enquanto isso, um agente britânico também vinha tentando salvar o tesouro. Albrecht Gaiswinkler era nativo de Bad Aussee, ativista sindical e membro do partido social-democrata. Pouco depois do Anschluss, ele se juntara a um grupo de resistência, mas com a Gestapo em seus calcanhares, decidiu se alistar na Luftwaffe. Mandado para a França, ele desertou pouco depois do Dia D e logo foi recrutado pela SOE.

Duas semanas antes de Fred Warner e seu grupo serem lançados de paraquedas na Estíria, Gaiswinkler e sua equipe de três homens tinham sido lançados também de paraquedas em Salzgammergut. Ali, em terreno familiar,

sua primeira missão foi apurar e relatar a situação da mina. Quando ele e sua equipe de “Bonzos”, como ficaram conhecidos, chegaram às montanhas, comboios de caminhões ainda descarregavam cargas de arte pilhada na mina. Dois dias depois, os caminhões da SS apareceram com o estoque de “mármore”.

Os rumores sobre aquela intenção destrutiva logo se espalharam. Gaiswinkler e sua equipe, então, resolveram dificultar o máximo possível a vida daqueles guardas e reuniram um contingente de 350 homens para perturbar os alemães. Utilizaram para isso uma grande variedade de métodos, inclusive se vestindo com uniformes da SS e emitindo ordens e contraordens que confundiam completamente o inimigo. Gaiswinkler também fez contato com Kaltenbrunner. Em 6 de maio, os Bonzos, junto com membros da resistência local e alguns mineiros simpatizantes, assumiram a segurança da área.

Os americanos chegaram à entrada da mina dois dias depois, no Dia da Vitória. Estavam preparados para o pior, mas, em vez de encontrarem uma saraivada de balas, foram recebidos por guardas de mentirinha que se renderam como cordeiros. Os responsáveis pela mina e pelo tesouro cultural, assim como Gaiswinkler e seus homens, logo se juntaram aos americanos. Rapidamente, eles se autoproclamaram os salvadores das obras de arte, mostraram aos soldados as bombas de “mármore” e posaram para fotografias.

Algum tempo depois, um grupo de especialistas chegou para inspecionar o conteúdo da mina e providenciar a sua remoção. Eles integravam uma equipe americana conhecida como “Monuments Men”, uma agência montada para proteger e recuperar obras de arte e tesouros culturais na Europa devastada pela guerra.

Estava frio debaixo da terra, então eles vestiram casacos pesados e cachecóis. Embarcaram em um dos pequenos trens, que eram compostos de locomotiva e meia dúzia de vagões em miniatura. Cada um media cerca de um metro e meio de comprimento e carregava uma caixa de madeira pesada de 60 centímetros por 60. Os americanos se apertaram ali como sardinhas. Os mineiros, pensou um deles, “pareciam uma tropa de anões de Walt Disney”.

Depois de duas partidas em falso, o pequeno trem iniciou sua jornada barulhenta rumo à caverna. Nos primeiros metros, as paredes irregulares estavam caiadas de branco, mas eles logo ingressaram num túnel onde os muros eram de rocha natural. Algumas vezes havia pouco mais de 20

centímetros de cada lado e o teto era alto, mas em outros locais o teto diminuía rapidamente até que a passagem fosse quase impossível e as paredes se aproximassem ameaçadoramente. Em algumas partes do túnel havia lâmpadas elétricas, mas elas eram penduradas em intervalos irregulares, lançando uma fraca luz nas paredes.

O trem desviou subitamente do trilho principal e depois de cinco minutos parou ao lado de uma porta maciça de ferro localizada na parede do corredor. Esta era a Mina do Kaiser Josef. Não havia luz elétrica ali, então eles acenderam lamparinas a carbureto. Um dos americanos pegou uma grande chave e destrancou a porta. O local era iluminado apenas por lampiões tremeluzentes e lanternas que haviam levado consigo. Um dos *Monuments Men* descreveu o que viu em meio a escuridão:

À nossa frente, podíamos ver fileiras e mais fileiras de caixotes embalados. Atrás deles, havia uma larga plataforma de madeira. Os flashes de nossas lanternas apontaram para um objeto volumoso e maciço no centro da plataforma. Chegamos mais perto e vimos que se tratava de uma estátua, uma estátua de mármore. Então, descobrimos que era a *Madona de Bruges*, de Michelangelo, uma das maiores obras-primas do mundo. As luzes de nossos lampiões iluminaram as dobras delicadas da túnica da *Madona*, o traço suave de seu rosto. Seus olhos tristes estavam voltados para baixo, parecendo conscientes apenas em parte da Criança robusta aninhada contra ela, com uma das mãos segurando firmemente a dela [...] O incongruente cenário das tábuas rústicas apenas destacava sua suave beleza.²⁰

Isso era apenas o começo. Em outras galerias subterrâneas, os americanos deliciaram os olhos com peças equivalentes. Eles vinham colhendo informações sobre a mina de *Alt Aussee* desde que desembarcaram na Europa, mas nunca imaginaram a dimensão de seu tesouro. Um inventário feito pouco depois estimava o acervo da mina em “6.577 pinturas, 2.300 desenhos e aquarelas, 954 gravuras, 137 esculturas, 129 armas e couraças, 122 tapeçarias, 78 peças de mobiliário, 79 objetos de vime, 484 caixotes aparentemente de arquivos, 181 caixotes de livros, entre 1.200 e 1.700 caixotes aparentemente de livros ou similares, 283 caixotes de conteúdo completamente desconhecido”. Nas semanas seguintes, no meio do verão, de dia e de noite, os *Monuments Men* e

os funcionários da mina foram e voltaram das profundezas nos pequenos trens, carregando caminhões com os tesouros para enviá-los a Munique.²¹

O maior problema dos americanos era onde estocar em segurança as obras de arte. O lugar mais óbvio era a Haus der Deutschen Kunst, o primeiro grande projeto de construção de Hitler. Um dos Monuments Men chegou lá no princípio de junho e encontrou o lugar ainda coberto de camuflagem verde-escura. Mas Hitler tinha saqueado demais: o prédio era simplesmente muito pequeno para o propósito.

Ali perto, ao lado um do outro na Königsplatz, ficavam o Führerbau e o Verwaltungsbau, respectivamente o gabinete pessoal de Hitler e o quartel-general do Partido Nazista. Depois da chegada das forças dos Estados Unidos na capital da Bavária, eles foram completamente esquadrihados, e no chão havia retratos de Hitler em molduras de luxo, livros espalhados, artigos de escritório com emblemas nazistas e resmas de arquivos do partido. Tudo que havia de valor nas galerias fora roubado, como pinturas de Kandinsky, Nolde e Klee, que tinham sido confiscadas pelos nazistas do Museu Schloss, em Weimar, depois que eles assumiram o poder na Turíngia, em 1929.

Os Monuments Men decidiram que o Verwaltungsbau era o melhor lugar para abrigar a arte pilhada. Entretanto, Patton já estava de olho no prédio para ser seu quartel-general na cidade, e uma batalha burocrática pela posse do lugar teve início. Desta vez, o intrépido general perdeu. Em meados do mês, o prédio já tinha se tornado seguro, protegido por uma forte cerca de arame farpado e vigiado 24 horas por dia por policiais militares armados.

Os homens de Patton, por sua vez, assumiram a Haus der Deutschen Kunst, local da infame exposição de “Arte Degenerada” promovida pelos nazistas oito anos antes. Ali, por estranha ironia, os americanos converteram o berço da arte nazista purificada num elegante clube de oficiais. “Lá dentro, uma orquestra típica alemã tocava os últimos sucessos ‘degenerados’ da música americana durante os jantares e coquetéis.”²²

Se Ernst Kaltenbrunner pensou que salvaria sua vida ao abortar o plano de destruição de Eigruber, ele estava enganado. Por toda a Europa, os vitoriosos caçavam agora suas presas. Dono de uma folha corrida de abundante criminalidade e desumanidade, o chefe da SS na Áustria estava no topo da lista.

Com a ideia fixa de que os chefões nazistas estavam supostamente escondidos no Reduto Alpino, uma equipe de agentes da contrainteligência americana do III Exército de Patton chegou em Salzgammerkut, no início de maio, para um grande acerto de contas. Na badalada estância termal de Bad Ischl, berço natal do compositor Franz Lehar, autor da opereta predileta de Hitler, *A viúva alegre*, e também antiga residência de verão do imperador austro-húngaro Francisco José I, eles receberam uma pista de um membro da resistência austríaca de que Kaltenbrunner estava escondido na vizinha Strobl. Mas quando os agentes chegaram, já era tarde: a presa tinha fugido, embora eles tivessem conseguido capturar sua esposa. Depois de outra pista, eles rumaram para Alt Aussee com o apoio de tanques e da infantaria.

Na quarta-feira, 9 de maio, os agentes chegaram ao pequeno balneário à beira do lago. Graças a Gaiswinkler, foram levados diretamente até a equipe SS de Kaltenbrunner em Villa Kerry, onde prenderam todos. Entre eles estava Werner Gotsch (o oficial que havia se reunido anteriormente com George Bryant), alguns nazistas menores e também Walter Riedel, o chefe de construção dos foguetes V2 de Hitler. Por lá, acharam também Norman Bailey-Stewart, um famoso partidário inglês de Hitler que fora preso na Torre de Londres em 1930 após acusações de espionagem. Após ser libertado, ele voltou à Alemanha e trabalhou em Berlim com William Joyce, o “Lord Haw-Haw”, transmitindo programas em língua inglesa para a Inglaterra.

Mas a prisioneira mais valiosa, entretanto, era Gisela von Westarp, amante de Kaltenbrunner e mãe de seus filhos gêmeos. Para os americanos, sua presença ali indicava que o líder da SS estava escondido muito perto. Então, eles receberam uma pista de um guarda florestal e partiram para uma cabana isolada, bem no alto, junto ao cume nevado de uma montanha. No interior da casa, encontraram quatro homens, uma grande quantidade de munição e alguns documentos de identidade da SS queimados. Dois deles admitiram ser guardas SS, mas o outro insistiu que era apenas um médico reformado da Wehrmacht e que tinha documentos para comprová-lo. Embora se tratasse sem dúvida de Kaltenbrunner, facilmente reconhecível pelas cicatrizes no rosto, os americanos não podiam provar.

No entanto, ele foi traído por sua amante. Quando o grupo estava em marcha para Alt Aussee, algumas horas mais tarde, ela irrompeu do meio do

povo que assistia à cena para abraçá-lo. Sem demora, Kaltenbrunner foi enviado para uma central de interrogatórios.

De volta a Alt Aussee, o agente “Wild Bill” Donovan, do OSS, tinha aberto uma central de investigação própria, apoiado pelos oficiais de sua especializada Unidade de Investigação de Arte Roubada (ALIU). Sua missão inicial era identificar os agentes nazistas que podiam estar usando a pilhagem de obras de arte e ações relacionadas para encobrir atividades de espionagem. Agora, sob o codinome “Projeto Orion”, sua tarefa passara a ser identificar e impedir o fluxo de valores decorrentes dos saques para refúgios onde pudessem ser usados para financiar a sobrevivência do nazismo no pós-guerra.²³

19. "A MANHÃ ENFIM DESPONTOU"

“Acabou, graças a Deus.” Era quinta-feira, 3 de maio, na margem do lago de Garda. Robert Ellis estava em Malcesine, concluindo as anotações do dia em seu diário. Vinte e quatro horas antes, ele tinha ouvido sobre a rendição alemã na Itália no noticiário da BBC. Estava ao mesmo tempo aliviado e triste. “A manhã enfim despontou”, escreveu numa carta para casa, “a fera nazista finalmente desistiu e este terrível holocausto de sofrimento e morte está quase no fim”. Mas ele desejava que aqueles que haviam morrido na guerra pudessem estar lá para comemorar. “Realmente sinto muito”, acrescentou, “por muitos dos meus velhos e melhores amigos dos dias de Camp Hale que perderam suas vidas”. Era um dia de reflexão silenciosa mais do que de celebração exacerbada. Esta última caberia sobretudo aos civis.¹

Para Ellis, como para a maioria dos soldados da frente de batalha na Europa, o fim dos combates não representava o fim da guerra e oferecia pouco mais do que uma pequena pausa na rotina diária. Na noite seguinte, a Companhia F foi mandada para Bolzano, a base de operações do general von Vietinghoff e do general da SS Karl Wolff. Ali, no alto dos Alpes, a missão da Companhia era marcar a presença do Exército americano e impedir ataques de partisanos italianos aos alemães. Ao deixar para trás os vinhedos e ciprestes do lago de Garda e ingressar no ar puro e frio das montanhas, Ellis teve que cruzar bloqueios alemães, onde os guardas usavam braçadeiras brancas. Alguns empunhavam varas compridas com ponta de palha para indicar a estrada certa. No escuro, o amarelo da palha reluzia.

Bolzano era a porta de entrada para o passo do Brennero. Apenas alguns dias antes, soldados do VII Exército americano vindos do norte haviam se encontrado com o VI Exército de Mark Clark, que avançava do sul. Para todos

os observadores, aquele elo representava o fim de qualquer chance de uma resistência final nazista nos Alpes. Mesmo assim, era fácil encontrar partidários leais de Hitler.

A cidade ainda estava sob o controle de um Comitê de Libertação local e a ordem pública era mantida por patrulhas conjuntas de alemães — ainda armados, embora tivessem se rendido — e partisans italianos. Era uma situação insólita. As tropas alemãs superavam os americanos em quase sessenta por um e alguns tinham dificuldade em admitir a derrota. No princípio, os americanos tiveram até que pedir acomodações, enquanto Wolff, o comandante alemão, dormia numa mansão luxuosa com 27 carros à sua disposição. “Oficiais alemães”, noticiou o jornal inglês *The Times*, “circulavam por toda parte em carros velozes, acompanhados de mulheres, como se ainda fossem os senhores da situação”.²

Caminhando pela cidade com sua câmera, Ellis fotografou vários militares alemães saudando uns aos outros com o “Heil, Hitler”, e homens da SS uniformizados passeavam pelas ruas. Certa manhã, ouvindo um barulho de marcha, Ellis olhou pela janela e viu um pelotão de alemães corpulentos, vestindo uniformes da tropa de assalto ou algo parecido, dirigindo-se em fila para uma missão. Ele não pôde deixar de pensar nas guardas dos campos de concentração cujas fotos haviam sido amplamente divulgadas nos jornais desde a libertação de Belsen. Junto com a maioria dos outros combatentes da 10ª Divisão de Montanha, ele aproveitou para recolher lembrancinhas e se apoderou de duas pistolas da fábrica da Beretta na cidade.

Ellis voltou a Malcesine para o Dia da Vitória. Parecia não haver muita coisa para comemorar, como ele escreveu para casa:

Se estivéssemos nos Estados Unidos, talvez conseguíssemos entrar no espírito, mas aqui, longe de casa, tudo parece meio vazio e sem sentido. Não é que não estejamos aliviados. É que demos tanto de nós, vimos tanto sofrimento e morte, que até mesmo o fim parece indigno de alegria [...] Eu me sinto como um corredor que se esforçou o máximo que pôde e venceu a corrida, mas chegou tão exausto que não conseguiu comemorar.

Além disso, o final da guerra na Europa significava simplesmente que ele agora poderia ser mandado para o Pacífico. “Vivi esta guerra até as entranhas”, escreveu à irmã, “e sei que minha vida nunca estará garantida se eu estiver na linha de frente [...] Talvez”, brincou ele, “eu deserte para a Pérsia”.³

Neste clima de cansaço e pessimismo, a notícia de que fora condecorado com a Estrela de Bronze por heroísmo no dia em que matou o franco-atirador não lhe serviu de muito consolo. Também não ficou entusiasmado ao assistir a *Two Down and One to Go*, filme do Departamento de Guerra sobre as rendições da Alemanha e da Itália — com a do Japão ainda por vir. O futuro pesava muito em sua mente. O ceticismo também se instalou depois que o comandante da Companhia lhe pediu para se encarregar da tarefa de redigir as indicações para condecorações militares. Uma medalha era resultado do número de pontos acumulados por tempo de serviço, meses no campo de batalha e campanhas em que o soldado estivera envolvido. Depois de obtido certo número de pontos, o soldado era elegível para obter baixa. Ellis achava difícil aceitar a arbitrariedade de um sistema que concedia estrelas de batalha a militares que nunca tinham estado na linha de frente, e achava terrível que “as altas patentes do Exército conferissem Estrelas de Bronze a oficiais altamente graduados, mas que não tinham se exposto aos tiros e explosões”, enquanto homens de reconhecida bravura em combate eram esquecidos. Ainda mais duro era lembrar diariamente que, com apenas 44 pontos, ele estava longe dos 85 requeridos para obter baixa. Em vista disso, era com pavor que imaginava o dia em que seria embarcado para o Japão. O combate selvagem e suicida em Okinawa era um sinal aterrorizante do que se podia esperar por lá.⁴

Enquanto isso, ele era incumbido de localizar, desarmar e reunir soldados alemães para enviá-los aos campos de prisioneiros de guerra. Isso significava trocar a paisagem agradável das vilas e os banhos no lago de Garda pela imunda e barulhenta Brescia, cidade industrial no vale do Pó. Ali, milhares de soldados alemães estavam sendo reunidos em grandes acampamentos antes de serem mandados para casa. Fazia muito calor, a temperatura beirava 38 graus, e seu posto era uma tenda para duas pessoas fincada num terreno próximo ao campo de pouso.

A impressão que ele tinha era a de que ficaria ali para sempre. Porém, do nada, uma semana depois, a divisão recebeu surpreendentes novas ordens: teriam de se deslocar rapidamente por 320 quilômetros na direção nordeste, até as cercanias de Udine, na região de Friuli. O que parecia improvável de repente mostrava-se possível: a luta poderia recomeçar. Mas desta vez o inimigo não era a Wehrmacht, e sim o Exército iugoslavo do marechal Tito, que ameaçava

tomar Trieste e seus arredores. Um conflito armado aberto foi seriamente discutido.

Três dias depois, uma segunda-feira, 21 de maio, às duas da madrugada, Ellis se viu armando sua tenda nas margens lamacentas do rio Torre, na periferia de Udine. Caía um temporal e ele e seu companheiro de barraca tentaram fazer uma contenção de terra para impedir que a água da chuva inundasse a tenda, mas sem sucesso. Logo, tudo estava encharcado. Era triste. No dia seguinte, cada regimento da 10ª Divisão foi organizado em grupos de combate, todos fortemente armados e instruídos a ficar em alerta máximo contra qualquer ato de hostilidade. Aquilo parecia a Ellis uma maneira infernal de se terminar uma guerra.

Sessenta e cinco quilômetros a sudeste, em Trieste, Geoffrey Cox sentia-se exatamente do mesmo jeito. Na maior parte do mês de maio, ele fora testemunha ocular de uma crise que crescia rapidamente entre Ocidente e Oriente.

O mundo soube da morte de Hitler na terça-feira, 1º de maio. Naquela mesma manhã, Cox e os neozelandeses deixaram para trás Veneza e o rio Piave e zarparam em seus veículos blindados na direção de Trieste por uma estrada deserta contra pouca resistência. “Nenhum bloqueio, nenhuma cratera enquanto avançavam velozmente, a 50 quilômetros por hora”, Cox registrou, “postes de rádio balançando como arbustos, seus pneus chiando na superfície úmida da estrada, os comandantes em pé nas torres, com fones de ouvido sobre as boinas pretas”.⁵

Os únicos obstáculos foram as multidões de italianos em êxtase, agitando bandeiras, aplaudindo, alinhadas na margem das estradas por todo o trajeto até a fronteira com a Iugoslávia. Os partisans italianos já controlavam a maior parte dos vilarejos. Eram principalmente das brigadas “Osoppo”, não marxistas, grupos formados por cristãos democratas que usavam lenços ou camisas verdes e que adotaram para sua brigada o nome de uma montanha perto de Udine famosa por sua rebelião contra os austríacos na época em que a região fazia parte do Império dos Habsburgo.

Cox deu carona a um deles em seu jipe. Um rapaz simpático que vestia uma jaqueta do tipo avental, cinto Sam Browne e chapéu Bersaglieri com uma pena do lado, era o líder da Osoppo em Udine e parente do marido de Fey von

Hassell, Detalmo. Embora tivesse combatido na Divisão Aríete contra os Aliados no Norte da África, ele acabara de escapar dos alemães, que o haviam prendido. Para Cox, foi bom tê-lo a bordo. Quando as multidões viam seu uniforme de partisan, saudavam-no mais entusiasticamente ainda. Chovia muito — uma chuva fria e persistente que vinha dos Alpes —, mas aquilo parecia não importar diante do calor humano dos italianos, alegres por estarem finalmente livres.

Então, os ânimos mudaram. Na travessia do rio Isonzo e na chegada à cidade industrial naval de Monfalcone, a 27 quilômetros de Trieste, os partisans agora vestiam vermelho — e não mais verde —, boinas azuis cheias de estrelas vermelhas e cachecóis. Retratos de Tito apareciam na estrada e os muros estavam pichados com os slogans “*Zivio [Longa Vida] Tito*” e “*Zivio Stalin*”. Cox reparou nas palavras “*Tukay je Jugoslavia*” [Aqui é a Iugoslávia]. Os neozelandeses haviam transposto uma fronteira invisível.

Aquele era um território disputado, uma terra de ninguém habitada tanto por italianos quanto por eslavos. Tito estava determinado a tomá-lo para a Iugoslávia e a fazer de Isonzo a fronteira de seu país com a Itália. Seus partisans já haviam entrado em Monfalcone, que eles chamavam por seu nome eslavo, Trzic. Na sacada da prefeitura, iluminada por lâmpadas elétricas, havia uma grande estrela vermelha. Naquele mesmo dia, Cox e os neozelandeses também entraram em Gorizia, 24 quilômetros ao norte, nas margens do Isonzo.

Por ora, no entanto, haviam sido aparentemente bem recebidos. Cox não fazia ideia de que ele e os neozelandeses estavam envolvidos numa disputa acirrada com os iugoslavos para alcançar Trieste primeiro, e o general Freyberg chegou a conversar com dois oficiais superiores iugoslavos e declarar que se sentia orgulhoso de ter encontrado as “magníficas tropas do marechal Tito, há tanto tempo combatendo corajosamente nesta causa comum”.

Na tarde seguinte, os neozelandeses prosseguiram em seu avanço para Trieste. Ao meio-dia, a rendição alemã na Itália se tornou oficial, mas não se estendia às tropas alemãs a leste de Isonzo: em Trieste, a guarnição alemã ainda resistia contra os partisans que haviam chegado à cidade na véspera. Os neozelandeses também encontraram alguma resistência isolada, principalmente na estrada paralela ao longo de Carso, o vasto planalto de calcário no interior. Mas nada sério os deteve.

Pelo meio da tarde, eles chegaram a Miramare, uma península no perímetro de Trieste que ostentava um castelo branco de conto de fadas em seu promontório. O pequeno destacamento alemão que ocupava o castelo se rendeu sem demora, e Freyberg decidiu que aquele seria um bom lugar para estabelecer o quartel-general da divisão. Cox logo viu seu trailer de inteligência ser estacionado debaixo de uma frondosa oliveira ao lado do terraço do castelo. Enquanto isso, os tanques Sherman neozelandeses avançavam pela estreita estrada litorânea e alcançavam Trieste, recebendo tumultuadas boas-vindas da população local.

O castelo de Miramare era um local idílico para o fim da guerra. Construído pelo arquiduque Maximiliano da Áustria como um retiro pessoal para ele e sua esposa Charlotte, era uma típica construção torreada do século XIX que mesclava o gótico, o medieval e o renascentista, e era rico em referências históricas. Pouco depois de se mudar para lá, o arquiduque aceitara com alguma relutância o cargo de imperador do México e navegara com sua mulher para Vera Cruz, apenas para morrer diante de um pelotão de fuzilamento republicano quatro anos depois. Sua viúva, Charlotte, passou os sessenta anos seguintes de sua vida num asilo na Bélgica. Posteriormente, o castelo foi usado como residência ocasional pelos Habsburgo, e nos anos 1930, estando Trieste sob o domínio italiano, tornou-se a residência oficial do duque de Aosta. Este também o deixou para abraçar uma missão malsucedida; foi despachado por Mussolini para ser vice-rei da Etiópia, onde caiu nas mãos dos britânicos em 1941. Durante a guerra, os alemães utilizaram a imponente construção como escola de treinamento de oficiais.

Atrás do trailer de Cox ficava o parque. Ele fora projetado por Maximiliano nos mínimos detalhes e era adornado por pinheiros, magnólias e ciprestes, e também por algumas palmeiras e iúcas importadas do México. Dezoito metros abaixo, as águas do Adriático tocavam delicadamente nas rochas. Havia um pequeno cais, do qual o arquiduque e a arquiduquesa partiram para sua viagem à América. Agora, de sua sólida base de pedras, os soldados neozelandeses mergulhavam na água e se divertiam no límpido mar azul.⁶

Os alemães bateram em retirada depressa, e na sua primeira noite no castelo Cox se deliciou com manteiga dinamarquesa, presunto fresco e um bom vinho do Reno. Depois de sossegar, ele finalmente encontrou tempo para escrever à esposa. Quando sentou sob a luz da noite que iluminava Trieste do outro lado

da baía, ele se lembrou da distante Wellington com suas montanhas. Mas seu lar agora era a Inglaterra, onde decidira se estabelecer com seus filhos no pós-guerra. Ele estava num estado de espírito confiante e esperançoso, planejando o futuro da família, e orgulhoso do papel que havia desempenhado para pôr fim àquela guerra. Agora, sentia que não tinha mais nada a fazer na Itália e estava louco para ir embora. Só precisava de um emprego em Londres e que Cecily deixasse os Estados Unidos e voltasse à Inglaterra. Estava seguro — disse a Cecily na carta — de que estaria de volta no final de junho. No caminho, faria uma parada em Veneza para comprar artigos de louça e seda. “Está tudo acabado”, escreveu, “e podemos começar a viver novamente [...] Eu te amo, minha querida, e estarei com você muito em breve”.⁷

Cox tinha razões suficientes para estar confiante. As relações com os iugoslavos e os partisans eram complicadas, mas podiam ser negociadas. Era verdade que os neozelandeses e iugoslavos tinham chegado a Trieste praticamente ao mesmo tempo e houve muita confusão para tentar esclarecer essa situação. Ambas as forças desejavam capturar o inimigo em seu último reduto na fortaleza da cidade, o castelo San Giusto, e a pressa dos alemães em se render aos neozelandeses, e não aos comunistas, obrigou os neozelandeses a desafiar o fogo iugoslavo para chegar primeiro aos portões do castelo.

Mais tarde, naquela mesma noite, ao se sentarem com os prisioneiros alemães para uma refeição, os homens de Tito tentaram mais de uma vez entrar no castelo, e, das casas acima, franco-atiradores miravam em qualquer coisa que se movia no interior dos muros. Na manhã seguinte, apenas a presença dos neozelandeses protegia os alemães de uma turba hostil e sedenta de vingança enquanto eles marchavam para o cativeiro. No entanto, em outro ponto da cidade, iugoslavos e neozelandeses trabalhavam juntos para expulsar os alemães dos tribunais, onde um oficial da SS decidira opor resistência: tanques neozelandeses abriam buracos na parede do prédio e os iugoslavos cercavam os defensores. Mas, para complicar o quadro, haviam chegado à cidade, junto com as tropas aliadas, milhares de inimigos políticos de Tito em fuga da Iugoslávia. Eram chetniks leais ao general Draza Mihailovitch — líder da resistência monárquica — e também bandos de sérvios colaboracionistas de Belgrado.⁸

Estes problemas, no entanto, ou já haviam sido resolvidos ou estavam em intensa discussão. Cox se reuniu com o general Drapsin, comandante do IV Exército iugoslavo, que havia aberto caminho 200 quilômetros acima pela costa

dálmata, enfrentando dura resistência alemã, e ocupava agora aquela área. Ele tinha posições definidas sobre os direitos iugoslavos em Trieste e sobre a fronteira de Isonzo, mas Cox sentiu que era um homem acessível, agradável e inteligente — alguém com quem se podia negociar. Ele teve a mesma impressão do chefe de gabinete de Tito, o stalinista convicto Arno Jovanovic, que também estava presente.⁹

Infelizmente, porém, a confiança de Cox não se confirmou. Em sua admiração e simpatia pelos homens de Tito, ele subestimou a crueldade destes para atingir seus objetivos políticos. A calorosa recepção aos neozelandeses em Trieste refletia não apenas um agradecimento do povo pela partida dos alemães, mas seu alívio por estarem sendo libertados do jugo iugoslavo. Cox sabia que muitos cidadãos antigermânicos e pró-aliados haviam sido presos em Trieste, mas, assim como outros na equipe de Freyberg, que agora observavam a cena do confortável castelo em Miramare, estava iludido pela aparente civilidade e amabilidade dos homens de Tito. Além do mais, os neozelandeses apenas haviam sido informados de que Trieste precisava ser ocupada por razões militares. Eles conheciam muito pouco do xadrez político.

A maneira como os neozelandeses encaravam a confusão na cidade pode ser vista no comentário típico do brigadeiro Gentry, comandante das tropas conjuntas de ocupação da cidade: “Se há alguma coisa política por trás disso, eu não sei”, confessou, a respeito das prisões, na reunião de comando realizada no castelo. “Partidas de futebol”, sugeriu Freyberg, poderiam ajudar a aliviar a tensão. “Lá estávamos nós, do outro lado do mundo, na mais completa inocência, alheios ao caldeirão das disputas políticas e coisas ainda piores”, observou Gentry muitos anos depois.¹⁰

Soldados neozelandeses e iugoslavos patrulhavam Trieste lado a lado, mas Freyberg decidiu deixar os iugoslavos no controle dos assuntos civis, o que significava que o poder estava agora nas mãos dos movimentos de libertação pró-Iugoslávia e do Conselho de Libertação Ítalo-eslavo, ambos apoiados pelo governador militar iugoslavo que havia se instalado na prefeitura. Muitos dos eslavos locais que haviam sido banidos e perseguidos por Mussolini também estavam por trás destas organizações. E a agenda era clara: o futuro de Trieste era dentro da Iugoslávia.

Para a maioria da população predominantemente italiana da cidade, entretanto, este não era o futuro desejado. A voz desta maioria era um

movimento de libertação rival, o Comitato di Liberazione Nazionale (CLN). Como seus similares por toda a Itália, ele era ligado ao governo em Roma através de Milão, mas, ao contrário dos demais, excluía os comunistas, que em Trieste apoiavam o grupo pró-Iugoslávia na crença de que um socialismo iugoslavo prometia um futuro melhor para o país do que uma burguesia italiana. Mas eles estavam iludidos. A estrela vermelha impressa no verde, vermelho e branco da bandeira da Itália representava muito pouco. “A única estrela vermelha que conta aqui”, escreveu o correspondente do *Times* na cidade, “está por trás do azul, branco e vermelho, as cores dos partidários do marechal Tito”.¹¹ Eles não estavam sozinhos em suas ilusões e, como logo perceberiam, “o orgulhoso renascimento de uma nação oprimida pelos fascistas [Iugoslávia] estava por sua vez se tornando um nacionalismo cruel e opressivo”. Facções existem dentro de facções, e, como Cox escreveu mais tarde, “aquilo tudo parecia um caldeirão maligno de conflitos políticos e nacionalismos”.¹²

Uma coisa, entretanto, logo ficou clara: grupos pró-italianos, de qualquer tendência política, estavam ameaçados. Embora o CLN tivesse promovido um levante bem-sucedido no final de abril, a pressão iugoslava quase obrigou o comitê a entrar imediatamente na clandestinidade, e seus membros mais uma vez começaram a se encontrar em segredo e a publicar jornais e panfletos apócrifos. Os Aliados não ofereceram nenhuma ajuda imediata: quando uma delegação do CLN foi pedir ajuda a Freyberg, ele se recusou a recebê-la, e um ônibus lotado de *carabinieri* enviado para ajudar no policiamento das ruas foi proibido de entrar na cidade.

Apesar das promessas em contrário, muito pouco foi feito quando os iugoslavos começaram seu castigo à cidade. Seis líderes do CLN foram presos, junto com centenas de civis. Uma multidão carregando uma bandeira italiana foi cercada por guardas iugoslavos e várias pessoas foram baleadas. Janelas que ostentavam bandeiras da Itália também eram alvo das balas, e um decreto proibiu qualquer demonstração de sentimento nacional. Mas com as bandeiras iugoslavas tremulando nos prédios públicos e a estrela vermelha na boina de cada soldado iugoslavo, estava claro que esta era uma medida que só valia para os nacionalistas italianos. O medo se alastrou rapidamente pela cidade.

Os iugoslavos alegavam estarem apenas caçando fascistas e varrendo a cidade dos colaboracionistas alemães. Eles de fato faziam isso, e era uma tarefa

necessária. Mussolini investira muito dinheiro público em grandes construções com a intenção de transformar Trieste num símbolo arquitetônico da Itália moderna, e os fascistas prosperaram por lá, aproveitando-se das benesses do poder público. E, apesar dos esforços recentes para se distanciar dos alemães, os italianos também haviam colaborado na construção e administração do famoso campo de concentração da cidade, o Risiera San Sabba.

Suas origens estão na resposta de Hitler à adesão da Itália aos Aliados em setembro de 1943, quando os nazistas ocuparam o nordeste do país e o reuniram a partes da Eslovênia para criar a “Adriatisches Kuestenland” (Costa Adriática), uma região que incluía as cidades de Fiume, Trieste, Udine, Pola, Gorizia e Liubliana. O território foi colocado sob o controle policial de Odilo Globocnik, o oficial da SS que talvez tenha encontrado George Bryant em Klagenfurt mais adiante.

Globocnik, a essa altura da guerra, já havia concluído seu projeto de extermínio na Polônia. Um trabalho similar o aguardava em sua cidade natal, Trieste, e nas redondezas, onde judeus, partisanos e opositores políticos dos nazistas e de seus aliados fascistas proliferavam diante de seus olhos vorazes. A fábrica de San Sabba foi rapidamente adaptada para se tornar uma combinação de delegacia policial, centro de tortura e triagem e campo de concentração. Dirigido pelos alemães, tendo ucranianos como carcereiros, o novo campo dependia da ajuda da polícia local e da milícia dos fascistas italianos. Por todo o ano e meio seguinte, várias centenas de judeus de Trieste e Veneto foram mandados da fábrica diretamente para as câmaras de gás na Polônia. Um número bem maior de suas 3 ou 4 mil vítimas (o número preciso das mortes em San Sabba permanece desconhecido) era composto por prisioneiros políticos eslovenos, croatas e italianos, partisanos e reféns, com frequência incluindo suas esposas e seus filhos.

O lado mais sinistro de San Sabba foi a chegada, em setembro de 1943, de uma equipe especializada de matadores alemães formada por veteranos da conhecida “T-4”, a unidade de eutanásia responsável pelo desaparecimento de milhares de doentes mentais e deficientes físicos alemães no interior do Terceiro Reich. Eles levaram um “furgão de gás” e logo construíram um grande crematório no terreno da fábrica para incinerar os cadáveres de suas vítimas. Em San Sabba, escreveu um historiador, “a morte chegava à noite, camuflada com a música que saía dos alto-falantes. Ela vinha na forma de um

guarda ucraniano empunhando um porrete ou estrangulando as vítimas com suas mãos fortes. Se a vítima fosse pequena demais, era pisoteada até a morte. O fedor dos corpos carbonizados poluiu toda a vizinhança”.¹³ Numa tentativa inócua de esconder seus crimes, a SS explodiu o crematório e sua chaminé três dias antes de os neozelandeses chegarem a Trieste.

Porém, o expurgo “honesto” dos que haviam sido cúmplices daqueles crimes e atrocidades em San Sabba, ou que tinham apoiado ativamente os fascistas, também foi utilizado para neutralizar os opositores de Tito. Cartazes colados oficialmente nos muros proclamavam: “Democracia significa a vontade do povo, não a liberdade dos inimigos do povo”. No interior da cidade, uma guerra civil feroz se desenrolava. E um dia depois de Cox dizer à esposa que sua missão estava encerrada, um desdobramento novo e significativo eclodiu.

Na segunda-feira, 7 de maio, na ponte sobre Isonzo, um carro fúnebre preto escoltado por um jipe do Exército britânico a caminho de Veneza se aproximou de sentinelas no lado iugoslavo daquela que havia se tornado uma fronteira não oficial. Um capelão uniformizado explicou que estava levando o corpo de um soldado britânico para a Itália. Acomodados ao lado do esquife estavam um amontoado de cobertores velhos e utensílios militares. Aquilo pertencia ao defunto, explicou o capelão. Os guardas iugoslavos o liberaram, e o comboio desceu lentamente a ponte branca de concreto. Quando já estava bem dentro da Itália, e longe da vista dos guardas, o carro fúnebre parou e de baixo dos cobertores se levantaram três guerrilheiros do CLN de Trieste. Alvo primordial das hostilidades iugoslavas, o CLN estava sendo denunciado agora publicamente como um “cavalo de Troia” dentro da cidade. Mas, naquela tarde, os membros do CLN já estavam em Veneza, contando ao governo romano sobre as ações violentas para subjugar Trieste à Iugoslávia. Em questão de dias, notícias de que “traidores” pró-Iugoslávia estavam exercendo uma atividade desleal na cidade estamparam as manchetes do mundo todo. A tempestade política que tomara conta da Itália se transformava agora numa crise internacional de grandes proporções.¹⁴

O futuro a longo prazo de Trieste se tornara um campo minado tão poderoso que os Aliados preferiram deixá-lo de lado durante a maior parte da guerra. Mas em abril de 1945, com os exércitos aliados avançando sobre a cidade em ambas as direções, o problema teve finalmente de ser enfrentado. Para o ocidente, existiam razões políticas e militares poderosas para capturar a

cidade. Controlar aquele porto adriático e seus canais de comunicação ajudaria no avanço britânico sobre a Áustria. Ao mesmo tempo, rechaçar Tito da cidade seria uma mensagem clara a Moscou: se Stalin havia fincado os pés na Polônia, o ocidente manteria uma posição firme na Itália e em suas fronteiras.

Churchill, especialmente, pensava assim. “Nossa tendência deve ser respaldar a Itália contra Tito”, ele havia declarado em março. Agora, este sentimento era ainda mais forte. A ferocidade de Stalin na Polônia se tornava cada dia mais clara. Viena já havia caído nas mãos do Exército Vermelho, e Berlim estava prestes a acompanhá-la. A decisão estava em Washington, porque sem o apoio americano os britânicos nada poderiam fazer. “O melhor a fazer”, Churchill disse a Truman na sexta-feira, 27 de abril, “é chegar lá [em Trieste] antes que os guerrilheiros de Tito ocupem a cidade [...] A posse determina a lei”. O presidente americano concordou de imediato e no dia seguinte as forças aliadas na Itália receberam ordem de correr para Trieste. Coube aos neozelandeses assumir a dianteira do grupo, e era por isso que Geoffrey Cox encontrava-se agora no castelo de Miramare, onde descobriu que as linhas telefônicas neozelandesas já estavam sendo grampeadas.¹⁵ Apenas dois dias depois de dizer a Cecily que logo estaria em casa, ele se viu envolvido em trabalho duro no trailer da inteligência e tomando parte nas tensas reuniões militares no castelo. Desta vez, no entanto, em vez de marcar as posições da Wehrmacht, Cox procurava identificar o paradeiro do Exército iugoslavo e de unidades de guerrilha.

E foi assim que ele passou o Dia da Vitória. Enquanto civis por toda a Europa celebravam o fim da guerra, as tropas aliadas em Trieste preparavam-se para um novo round da luta. Nunca antes durante a guerra os oficiais e soldados neozelandeses haviam tido necessidade de sair à rua armados. Mas agora, quando iam ao cinema ou tomar sol na praia, levavam seus rifles e até mesmo suas Tommys, sob ordens explícitas de evitar tumultos e incidentes que pudessem levar ao deflagramento de um conflito. Mesmo quando viam civis sendo espancados ou assediados pelos iugoslavos, estavam proibidos de intervir. O clima foi ficando cada vez mais pesado.

Naquela noite, não houve comemoração aliada em Trieste. Cox ouviu o discurso de Churchill no Dia da Vitória pelo rádio de seu trailer, com mapas das posições iugoslavas abertos na sua frente. A vitória trouxera uma paz incerta.¹⁶

No centro urbano da cidade, a crise logo se aprofundou. Quatro dias mais tarde, apareceram panfletos proclamando o futuro de Trieste como uma cidade autônoma dentro da federação da Iugoslávia e denunciando qualquer oposição como fascista. O Conselho de Libertação, reformado com um secretário comunista e com a “milícia do povo”, que recebia ajuda da polícia secreta iugoslava, intensificou sua caçada aos inimigos políticos, fechou jornais e ocupou estação de rádio. Desdobramentos parecidos aconteceram por toda a região de Veneza Giulia, e pessoas começaram a desaparecer sem deixar rastros. O pior episódio isolado de vingança, ou de justiça grosseira dos vitoriosos, aconteceu em Basovizza, uma cidade no Carso, próxima do quartel-general de Drapsin.¹⁷

Na quarta-feira, 2 de maio, dom Virgilio Sceck, padre de um vilarejo de Corgnale, na Eslovênia, estava a caminho de officiar o sepultamento de alguns partisanos na cidade vizinha de Basovizza, cujo padre não estava disponível. Nas proximidades, ele percebeu um aglomerado de cerca de 150 civis. A maioria, afirmou mais tarde, eram membros da polícia fascista de Mussolini. O povo do vilarejo estava se armando para ir até lá e executar “justiça sumária”, mas as forças de Tito que ocupavam o local, pertencentes ao IV Exército de Drapsin, insistiam num procedimento mais convencional, embora a distinção entre uma coisa e outra não passasse de mera formalidade. “Aquelas pessoas foram abordadas e trazidas à presença de toda a população, que as acusou”, contou o sacerdote.

Tão logo um deles foi interrogado, quatro ou cinco mulheres os acusaram pelo assassinato ou tortura de parentes, ou de pôr fogo em suas casas. Os acusados eram agredidos e quase sempre admitiam os crimes a eles imputados. Quase todos foram condenados à morte. E mesmo os não condenados tiveram o mesmo destino.

Todos — sem distinção entre condenados ou não — foram fuzilados em massa por um grupo da resistência. “Os partisanos estavam armados com submetralhadoras”, relatou dom Sceck, “e depois, como não havia caixões, os corpos foram jogados no fosso de Basovizza”. Este “fosso” era a *foiba* local, uma das centenas de cavernas escavadas nas minas de calcário das montanhas atrás de Trieste, conhecidas como Pozzo della Miniera. O padre afirmou não ter estado presente quando tudo isso aconteceu.

Segundo outras fontes, porém, algumas das vítimas foram atiradas na *foiba* ainda vivas. Além disso, o padre teria dado auxílio em seus momentos finais. Se assim foi, há de ter sido um tipo bem singular de consolo, pois dom Sceck era conhecido como anti-italianista e pró-esloveno. “Vocês erraram até aqui, vocês se divertiram torturando os eslavos”, ele foi visto dizendo para uma das vítimas da polícia fascista, “e agora nada resta a vocês senão encomendar sua alma a Deus. O castigo que estão recebendo agora é inteiramente merecido”.

O padre voltou a Basovizza no dia seguinte. Desta vez, um aglomerado ainda maior, de duzentas a trezentas pessoas, estava no campo. A maioria, como na primeira leva, eram civis, presos pelas forças de Tito em Trieste após entrarem na cidade. Mas cerca de quarenta homens eram soldados alemães. “Estas pessoas também foram mortas a tiros de metralhadora”, jurou o padre, acrescentando que eram, quase todos, da polícia fascista. Os corpos foram novamente lançados no fosso, junto com vários cavalos mortos.

Outras testemunhas pintaram um quadro ainda mais dramático, garantindo que alguns dos mortos foram obrigados a saltar para o abismo ainda vivos. “[Eles] foram ordenados a saltar de um penhasco para o outro (numa distância de cerca de três metros e meio), com a promessa de que quem conseguisse atingir o outro lado seria poupado da morte”, disse uma delas, “[mas] embora alguns tivessem conseguido realizar a tarefa com sucesso, ainda assim foram fuzilados e lançados no fosso”. De acordo com outra fonte, mais de quinhentas pessoas foram atiradas na *foiba*. Mais tarde, foram lançados explosivos nas profundezas da mina.

A maioria dos habitantes não tinha simpatia alguma pelos mortos. Mas era uma pena, reclamou uma idosa do lugar, que se desperdiçassem tantas roupas boas. Os fascistas deveriam ter sido despídos antes de serem lançados, declarou com frieza. Crianças que garantiram ter visto a cena expressaram sentimentos no mínimo sanguinários: “Como os fascistas gritaram!”, disse uma menina com óbvia satisfação.

A identidade das vítimas do massacre de Basovizza permanece um mistério até hoje e tem sido objeto de intensa controvérsia política. Sem dúvida, muitos *foram* membros da polícia fascista italiana. Um outro padre pró-esloveno da região declarou que não importava quem eram, “eles com certeza mereceram o fim que tiveram”, e haviam sido mortos por soldados do Exército iugoslavo por ordens explícitas do general Drapsin. Outros acusaram os partisans pelos

disparos. “Os iugoslavos fizeram uso daquela [*foiba*] para se livrar dos fascistas e de todos os outros que consideravam inconvenientes”, lembrou um oficial da inteligência britânica que na época estava lotado nas proximidades. “Os esforços diplomáticos para pôr fim àquelas práticas não deram em nada, e o projeto de se montar um Gabinete de Guerra para tentar descobrir quantos morreram nunca foi concretizado.”¹⁸

No total, estima-se que em torno de 2 mil pessoas desapareceram na região nos dias posteriores à chegada das tropas iugoslavas. E é certo que não eram todos italianos ou fascistas, uma vez que nem todos os eslovenos eram partidários de Tito. Sem dúvida, também, o massacre proporcionou uma oportunidade para que se fizessem ajustes de contas pessoais.

No mesmo dia em que os cartazes chegaram às ruas de Trieste anunciando seu futuro iugoslavo, Churchill enviou a Truman uma sombria mensagem em que inseria o destino da cidade num contexto mais amplo da ação dos russos e dos comunistas em toda a Europa.¹⁹ Truman, no entanto, não precisava ser convencido de que alguma coisa tinha que ser feita. Ele já havia instruído seus chefes do estado-maior a avisar Tito de que Trieste e as terras no seu entorno deveriam ser entregues aos Aliados. Não teria nada a ver, disse, “com táticas ou tomadas de terra descontroladas, todas muito parecidas com as de Hitler e do Japão”. Em Moscou, Stalin foi informado da exigência.

Tito levou uma semana para responder. E, quando o fez, foi com um incisivo “não”. Truman percebeu que chegara o momento de pôr os músculos americanos em ação; então as tropas de Patton na Áustria receberam ordens para se deslocar rumo ao passo do Brennero, e as forças navais puseram-se no caminho do Adriático. Uma força naval britânica também chegara a Trieste, e no dia 19 de maio o marechal de campo Alexander expediu uma ordem do dia para que todas as tropas aliadas se preparassem para a batalha. Três dias depois, ele instruiu as forças aliadas na região de Veneza Giulia a avançar até pontos-chave, a fim de melhorar suas posições táticas. O general Mark Clark, comandante do 15º Grupo de Exército, deslocou um contingente significativo de tanques e da infantaria dos Estados Unidos, através de Gorizia, para territórios mais altos e estratégicos a leste, suplantando barreiras de controle iugoslavo pelo caminho. “A batalha deve começar”, alertou Freyberg, de Trieste, ao governo da Nova Zelândia. “Se isso acontecer, podemos esperar um bom número de baixas.” Na noite de domingo, 21 de maio, à medida que a

tensão aumentava, 25 tanques T34 de fabricação russa, com insígnias do Exército iugoslavo, rugiram ostentadamente ao longo da zona litorânea e se dispersaram pela cidade.

Na periferia de Udine, Robert Ellis tinha passado as duas semanas anteriores preparando-se para um possível novo combate. Acompanhado por um oficial num jipe, sua missão era visitar vários grupos de guerrilheiros e descobrir a localização de qualquer unidade iugoslava. Havia sobrado muito pouco afeto entre os “vermelhos” e os “verdes”, e na região de Udine atos de violência e matança entre os dois grupos guerrilheiros rivais era frequente. Havia também pelo menos um bando fascista ainda à solta nas montanhas. E quando eles atiraram contra uma patrulha americana, dois bandos de partisans foram enviados para eliminá-los.

Outra incumbência de Ellis era localizar as posições defensivas utilizadas pelos italianos contra os austríacos e alemães durante a Primeira Guerra Mundial. Restauradas e recuperadas, estas cidadelas poderiam ser necessárias na luta contra Tito. Ellis achou a tarefa “quase inacreditável”, mas ela lhe dava uma oportunidade fantástica de fazer turismo. As poucas que encontrou estavam tão destruídas que obviamente não tinham utilidade alguma.

Ele também descobriu que poucos moradores da região enxergavam com bons olhos a chegada iminente dos iugoslavos: a maioria deles queria simplesmente ser deixada em paz depois de tantos anos de confusão e guerra. Certo dia, ele encontrou uma jovem francesa que lhe disse que gostaria de ir para a América. De brincadeira, Ellis lhe disse que era um americano muito rico. “Não é isso que eu quero”, a moça respondeu, “só quero comida, um lar, paz e felicidade”.

Nada daquilo parecia real, mas Ellis não estava infeliz. Era interessante circular e conversar com os habitantes locais — na Itália, sobretudo, isso era um grande presente. A Batalha de Okinawa estava na sua oitava semana sangrenta, com 8.300 americanos mortos e mais de 20 mil feridos. E os americanos ainda não tinham conseguido romper a principal linha de defesa japonesa na ilha. Enquanto Tito estivesse causando problemas em Trieste, a 10ª Divisão de Montanha não seria transferida para o Pacífico tão cedo.

Poucas horas depois de o general Jodl colocar sua assinatura na rendição incondicional da Alemanha, Hermann Göring, de 52 anos, se entregou aos americanos. Após o bombardeio de sua mansão pela RAF, ele fora transferido por seus captores da SS para o castelo Mauterndorf, a 64 quilômetros de Salzburgo, cidade natal de seu padrinho, onde ele havia passado parte da infância. Sua mulher, Emmy, e a filha, Edda, estavam com ele. A vida ficou melhor: ele degustou bons vinhos, fumou charutos e até mesmo expôs sua árvore genealógica a seus captores. Seus ancestrais, gabava-se ele, tinham parentesco não apenas com os imperadores alemães, mas também com Goethe e Bismarck.

Com Hitler morto e Himmler desaparecido, o ex-comandante da Luftwaffe esperava emergir das cinzas para desempenhar um grande papel nas negociações de rendição com Eisenhower. “Considero absolutamente vital [...] em paralelo às negociações de Jodl abordar Eisenhower extraoficialmente, de marechal para marechal”, ele informou Dönitz por rádio, ignorando que o sucessor de Hitler tentava manter a maior distância possível dos velhos camaradas do Führer. “Posso criar uma atmosfera apropriadamente pessoal para as conversas de Jodl.” Em seguida, Göring passou uma mensagem a Eisenhower, sugerindo um encontro no castelo Fischhorn em Zell-am-See, na Áustria. Seu papel, insinuava ele, deveria ser comparado ao do marechal Pétain, que, em 1940, agira da mesma forma para livrar a França num momento de necessidade.²⁰

No dia seguinte, ao meio-dia, trajado com seu uniforme cinza-aperolado de marechal, e com uma pistola Mauser acoplada firmemente ao cinto, Göring subiu pesadamente em sua limusine Maybach e partiu com a família para o que ele imaginava ser um encontro histórico, no qual, por fim, sua grandeza política seria reconhecida, desta vez como um estadista da paz. Mas, na metade do caminho para Zell-am-See, ele foi interceptado por um comboio americano liderado pelo brigadeiro-general Robert Stack, vice-comandante da 36ª Divisão (Texas). Stack saudou-o com elegância e o levou para um carro de passeio americano que o aguardava. Ele embarcou, e o comboio seguiu para Fischhorn.

Ali, Göring recebeu um quarto. Tomou um reconfortante banho quente e encontrou o general americano para o jantar. Em seguida, de pé em frente à bandeira da Estrela Solitária do Texas, ele posou para fotografias. “Quando encontrarei Eisenhower?”, perguntou a Stack, impaciente. O general americano

foi evasivo, e Göring colocou a questão de maneira diferente através de um intérprete: “Pergunte ao general Stack se devo usar minha pistola ou minha adaga cerimonial no encontro com Eisenhower.” A resposta de Stack foi curta e grossa: “Não me importo.”

Na manhã seguinte, ainda convencido de que encontraria o Comandante Supremo aliado, Göring foi levado até o quartel-general da Divisão do Texas no Grande Hotel em Kitzbühel, onde, novamente, teve de posar para fotografias. Dessa vez foi o próprio comandante da Divisão, o major-general John E. Dahlquist, quem convidou Göring a lhe acompanhar numa refeição, embora nessa ocasião o cardápio fosse mais modesto, com os dois dividindo o lanche do general, composto de frango, batatas e petit-pois servidos em marmitas do refeitório. Logo em seguida, tendo vestido o uniforme da Luftwaffe e se adornado com suas abotoaduras favoritas, Göring voltou a posar para fotos na recepção do hotel. “As coisas estão indo bem”, ele havia dito à esposa antes de se despedir naquela manhã, embora tivesse se preocupado em levar consigo suas duas malas azuis. Nelas estavam escondidas três pequenas cápsulas de latão contendo cianureto.

Nos dias seguintes, os americanos o mantiveram na Bavária e chegaram a levá-lo de avião a Augsburg, para se reunir com o general Spaatz, comandante da Força Aérea Estratégica dos Estados Unidos, que o interrogou duramente sobre a Luftwaffe e o impacto dos bombardeios aliados. Ele também concedeu uma entrevista coletiva para um grupo com mais de cinquenta correspondentes de guerra.

Aos poucos, foi entendendo que nunca encontraria Eisenhower, que não haveria negociação alguma em que pudesse tomar parte e, o pior: que ele não passava de um prisioneiro. Göring passou mais alguns dias num centro de interrogatório americano em Wiesbaden e, então, lá pelo final de maio, foi mandado de avião para Luxemburgo, a fim de se reunir aos outros nazistas de alta patente que tinham sido capturados.

“A causa pela qual Göring lutou está perdida”, registrou um relatório oficial de interrogatório em Wiesbaden.

Mas o astuto Hermann mesmo agora só pensa em salvar parte de sua fortuna pessoal, e em obter vantagens para si próprio. Ele hoje condena seu adorado Führer sem hesitação [...] [mas] por trás de sua conversa quase sempre espirituosa espreita por uma oportunidade de se colocar numa situação favorável.²¹

Ele certamente seduzira os generais Stack e Dahlquist, mas a recepção franca e amigável que eles deram ao homem tido certa vez como sucessor de Hitler criou suspeitas sobre a política de não fraternização, e quando se espalharam as notícias sobre os encontros cordiais e as mordomias que o nazista vinha recebendo dos oficiais americanos, um coro de protesto se formou, sobretudo nos Estados Unidos. A indignação se tornou tão incômoda que George C. Marshall foi obrigado a telegrafar de Washington para Eisenhower pedindo sua intervenção. A reação da sociedade americana a este caso lamentável de fraternização, advertia Marshall ao Comandante Supremo, tinha sido “amarga”. Eisenhower agiu com rapidez para deixar claro às suas tropas que um episódio como aquele não se repetiria. Aquilo havia contrariado suas ordens expressas, disse furiosamente a seus subordinados. “Oficiais alemães de alta patente terão apenas as acomodações mínimas essenciais, que não serão, repito, luxuosas, e todos os prisioneiros serão alimentados unicamente com a ração que estiver autorizada para prisioneiros alemães da categoria específica”, sublinhou. “Qualquer incidente semelhante no futuro será tratado de maneira sumária. Ao final desta campanha bem-sucedida, não terei a opinião pública arruinada na América por conta de ações imprudentes de qualquer oficial.”²² O estrago, porém, já estava feito, e nos três meses seguintes o “episódio Göring” atuaria como um freio em todas as tentativas de amenizar a política de não fraternização.

PARTE QUATRO

DO DIA DA VITÓRIA NA EUROPA À CONFERÊNCIA DE POTSDAM

20. O DIA DA VITÓRIA NA EUROPA

“Estou mais feliz que pinto no lixo.” O Cape Breton Highlander Reg Roy tinha todas as razões para estar contente. No Dia da Vitória, ele se encontrava em Londres escrevendo para os pais, dizendo a eles que tinha sobrevivido.

Uma semana antes, acuado por uma barragem de tiros na fortaleza alemã de Delfzijl, ele não apostaria um centavo em sua vida. Depois da batalha, passou dois dias ajudando na limpeza da cidade holandesa e recolhendo lembrancinhas para levar para casa, inclusive uma grande bandeira com a suástica, que enviou pelo correio a seu pai, no Canadá. “Não é uma beleza?”, escreveu, brincando que ele poderia usá-la na vitrine de sua concessionária, talvez com uma adaga nazista fincada no meio para chamar bastante atenção. Ele também “liberou” 25 libras de um soldado alemão capturado.

Então, iniciou sua semana de folga. Eram necessários pelo menos seis meses de ação para poder pleiteá-la, e mesmo assim era preciso esperar a sua vez. Após os últimos combates, Roy sentia-se mais do que pronto. Tudo estava muito bem-preparado. O Exército canadense sabia como tratar seus homens. A primeira parada foi num campo de trânsito em Groningen, onde eles apanharam dezenas de outros. Então, Roy foi mandado de caminhão para uma viagem de cinco horas até Nijmegen, onde havia um acampamento de luxo com refeitórios, salão de jogos, barbeiro, alfaiate, passadores de roupa, engraxates, banho quente e camas — tudo para transformar matadores do campo de batalha em rapazes limpos e apresentáveis. Em seguida, ele foi embarcado num trem e, após uma escala em Lille para o chá (“Eles pensam em tudo, não é mesmo?”, Roy brincava numa carta à irmã), chegou ao porto de Calais ao amanhecer.

Novamente, a logística exemplar do Exército entrou em ação: seus florins holandeses foram convertidos em libras esterlinas e um guia mostrou aos viajantes onde deveriam se lavar e tomar o café da manhã. Roy achou tudo aquilo “muito, muito bom”. Ainda melhor foi a saborosa refeição servida por garçonetes francesas e preparada por chefs franceses. Ele aproveitou para praticar um pouco o idioma e comprou perfume e artigos de seda para sua noiva, Ardith. Então, seguiu-se uma turbulenta travessia pelo canal da Mancha que o deixou bastante enjoado. Na noite de domingo, 6 de maio, Roy finalmente chegou a Londres.

No dia seguinte, durante o almoço, foi noticiada a rendição final e incondicional dos alemães em Reims. Como ela entraria em vigor à meia-noite, 8 de maio foi considerado oficialmente o Dia da Vitória na Europa.

Houve comemorações, é claro. Por toda a Grã-Bretanha elas começaram logo que a notícia da rendição foi ao ar. Bandeiras apareceram nas janelas, o comércio fechou e as pessoas encheram as ruas. Quando rompeu a meia-noite, os navios no cais de Southampton tocaram suas buzinas e um holofote fez piscar no céu a letra “V” de “vitória”, em código Morse. Pelo meio-dia, multidões se dirigiram para o centro de Londres, e a catedral de St. Paul e outras igrejas ficaram lotadas de fiéis em cultos de ação de graças. Às três da tarde, Churchill falou pelo rádio à nação e ao império de seu escritório no número 10 da Downing Street, declarando o fim da guerra na Europa e concluindo com a exortação: “Para a frente, Grã-Bretanha! Longa vida à causa da liberdade! Viva o rei!” Então, sentado no banco da frente de um carro aberto e fazendo o sinal da vitória com as mãos, ele foi levado até o Parlamento através de uma multidão em festa, onde repetiu seu discurso para os representantes do povo. Ao final da cerimônia, a multidão cantou o hino nacional.

Naquela noite, o iluminado West End londrino foi rapidamente tomado por uma aglomeração de jovens emocionados que agitavam bandeiras. Tocando seu clarim, Humphrey Lyttelton, ainda com o uniforme da Guarda, trouxe o jazz de Nova Orleans para o Mall, comandou um desfile eufórico de Piccadilly Circus até Trafalgar Square e terminou tocando “For He’s a Jolly Good Fellow” quando o rei e a família real apareceram na sacada iluminada do Palácio de Buckingham.

Em Edimburgo, o centro das comemorações foi a estátua do duque de Wellington, o herói da nação que derrotou o último grande tirano europeu, Napoleão Bonaparte. Ali, um soldado britânico se equilibrava perigosamente na crina do cavalo do duque, tentando agarrar as dezenas de bonés que eram atirados para o alto pela multidão enlouquecida. Por toda a cidade, tremulava a bandeira da Grã-Bretanha. Mas muitas outras podiam ser vistas: o Estandarte Real da Escócia, com seu dragão vermelho flamejante sobre um fundo amarelo, a Foice e o Martelo comunista, assim como bandeiras dos Estados Unidos, França, Bélgica e Polônia, e muitos outros países. Às oito da noite, os pubs de Edimburgo já tinham esgotado seu estoque de cerveja.

O mesmo aconteceu em Londres. Alguns mais entusiasmados e desvairados escalararam a tela que protegia a estátua de Eros em Piccadilly. Lá pelo fim da noite, muitos haviam mergulhado nas fontes — querendo ou não — ou montado os leões que guardavam a Coluna de Nelson em Trafalgar Square. Toda inibição desapareceu. “Estranhos se beijaram”, escreveu um historiador, “casais fizeram amor, preservativos eram inflados como balões de festa, e fogueiras foram acesas”.¹ O delírio das multidões surpreendeu alguns soldados aliados, que agora valorizavam o lendário “cabeça erguida” dos militares britânicos.

Reg Roy estava entre eles. Ele acompanhou a multidão em Piccadilly Circus e em Trafalgar Square, viu as fogueiras nas ruas, desviou de bombinhas, apreciou as luzes da cidade novamente acesas por completo, andou em bondes e ônibus lotados de gente comemorando e acenando, reparou nas pessoas usando chapeuzinhos de papel onde se lia a palavra “Vitória” e contemplou extasiado grupos de londrinos jovens e velhos que marchavam de braços dados pelas ruas, rindo e cantando.

Por toda parte, Roy se deparou com soldados e marinheiros empoleirados em postes e monumentos, urrando e gritando para o povo. Verificou seu saldo bancário e viu que estava bom, então comeu e dormiu o máximo que pôde, aproveitou a “porção divina” de coca-cola e suco de tomate que estavam sendo distribuídos de graça, juntou-se à multidão que contemplava a família real acenando da sacada do Palácio de Buckingham e ouviu o pronunciamento de Churchill nos alto-falantes da praça do Parlamento. Também assistiu à troca da guarda, participou de um culto de ação de graças na Catedral de St. Paul e foi ao cinema ver Laurence Olivier em *Henrique V*.

Do outro lado do Atlântico, os nova-iorquinos também começaram a comemorar com um dia de antecedência, pois a notícia da rendição alemã vazou antes do anúncio oficial. Trabalhadores de escritório inundaram as ruas com papel picado, bolinhas de papel, catálogos telefônicos vencidos, baralhos e qualquer coisa que encontrassem pela frente. Foram acompanhados pelas confecções, cujos funcionários, em vez de papel, atiravam das janelas retalhos de tecido de todo tipo. O *New York Times* noticiou que “cada possível sobra em cada possível tom e cor girava e se contorcia sob o tênue sol da manhã”, até a Broadway ficar com uma camada de 25 centímetros de pano. As embarcações no East River tocavam seus apitos enquanto em terra os motoristas de táxi buzonavam freneticamente. A loja de departamento Macy’s vendeu todos as bandeiras em seu estoque. Soldados e marinheiros orgulhosos em seus uniformes encheram a Times Square, beijando e sendo beijados por suas namoradas ou por qualquer um que estivesse disponível.

Estas foram as imagens que os repórteres e cinegrafistas registraram para a posteridade. Há menos registros das comemorações mais modestas nas ruas fora do centro das grandes cidades, sobretudo na Grã-Bretanha. Ali, mães devastadas pela guerra juntaram seus cupons de alimentação a fim de preparar bolos para os chás dançantes. As crianças se enfeitaram com o vermelho, branco e azul da bandeira, e fizeram o mesmo com seus cachorros. Milhares de bonecos de Hitler e seus carrascos foram enforcados naquela noite, ou queimados em fogueiras, cujas chamas atingiam grande altura na escuridão. A sobrevivência do Big Ben e do domo da catedral de St. Paul foi revelada a todos pelos holofotes, e agora ninguém pensava mais nos bombardeios ou nos ataques de foguetes V2. Porém, 12 mil pessoas ainda estavam alojadas ou dormindo nas estações de metrô e nos abrigos subterrâneos.

Todo mundo estava aliviado que a guerra contra a Alemanha tivesse terminado. Mas para milhões de viúvas desoladas e pais enlutados, cujos maridos e filhos jamais voltariam, aquele era um momento de grande vazio que eles desejavam que passasse o mais rápido possível. “Eu vivia aterrorizada com o Dia da Vitória”, escreveu uma mulher que havia perdido o marido na Itália no ano anterior. “Eu tinha muito medo de não ser corajosa o bastante. Mas, quando a tensão diminuiu e o dia finalmente chegou, me senti mais forte para seguir em frente. A partida de Johnny deve servir sempre como inspiração para eu continuar seguindo em frente, cada vez com mais coragem. Mas só Deus

sabe como isso às vezes é difícil.”² Pelo menos não haveria mais telegramas informando as famílias sobre outras mortes na Europa, apenas notícias de que prisioneiros de guerra haviam sobrevivido. Somente naquele dia, duzentos bombardeiros Lancaster trouxeram de volta para a Inglaterra 13 mil prisioneiros de guerra libertados dos campos na Itália e na Alemanha.

Mas, é claro, a guerra no Extremo Oriente ainda não havia acabado. Em Whitehall, Churchill apareceu na sacada do Ministério da Saúde, depois de seu discurso no Parlamento, e regeu a multidão em “Land of Hope and Glory”, mas alertou: “Um inimigo mortífero foi derrubado e agora aguarda nosso julgamento e misericórdia, mas ainda há outro inimigo ocupando grande parte do império britânico, um inimigo marcado pela crueldade e a ambição — os japoneses.” Houve uma vaia ensurdecadora das 20 mil pessoas presentes, embora elas soubessem que o Exército Imperial japonês não era um vilãozinho de brincadeira. Churchill terminou aclamado ao finalizar seu discurso com um de seus típicos floreios de retórica: “Onde quer que o pássaro da liberdade gorjeie nos corações humanos”, disse, “eles olharão para o que fizemos e dirão: ‘Não entre em desespero. Não ceda à violência e à tirania. Marche em frente e morra se for preciso, sem se deixar conquistar’”.

Ainda haveria muitas mortes. Ainda haveria muitos nazistas durões esperando por mais um dia de lutas; ainda havia aqueles que tinham sido libertados da degradação dos campos somente para morrer nos braços de seus libertadores; e havia enormes exércitos de deslocados, famintos e assustados que não sobreviveriam no caos que era a Europa, agora que a guerra tinha acabado, mas a paz ainda não estava garantida.

Para Reg Roy, as celebrações do Dia da Vitória em Londres contrastavam intensamente com a miséria que ele havia deixado para trás na Europa. Viajando pela Holanda, ele observava das janelas milhares de pessoas enxameando em todas as direções: trabalhadores escravos holandeses arrastando-se para casa vindos da Alemanha, exilados retornando da Inglaterra e os abatidos soldados de Hitler marchando para leste. Cidadãos que haviam passado anos em esconderijos agora voltavam para a luz. Era como se uma grande vara tivesse cutucado um formigueiro, pensou ele.³

Robert Reid também estava fascinado pelos milhares de andarilhos vagando pelas estradas da Europa, uma visão que o impressionara muito antes de sua

chegada ao Reno. Era uma das mais extraordinárias cenas que ele já havia presenciado na vida, um espetáculo de dimensões bíblicas. Sem dúvida, como ele contou aos ouvintes da BBC assim que retornou à Inglaterra, a procissão itinerante o lembrava daquelas “imagens coloridas que nós víamos na Bíblia da família quando criança”, com 40 mil ou 50 mil pessoas arrastando-se pelas estradas empoeiradas através das vinhas de Moselle, seus rostos iluminados pelo sol poente. Reid viu bandos de russos — famílias inteiras — sendo transportados em carroças de munição puxadas a cavalo e com bandeiras vermelhas tremulando, milhares de deportados franceses (“só Deus sabe onde eles conseguiram aquelas bandeiras tricolores”), velhos e mulheres, bebês de colo, iugoslavos cavalgando em pelo, pessoas empurrando os poucos utensílios que lhes restavam em carrinhos; e uma corrente sem fim de gente apenas caminhando a pé lentamente para oeste. Como ele já havia dito, o futuro dos deslocados de guerra era um dos problemas mais sérios que a Europa precisaria enfrentar agora.⁴

Mas havia uma multidão de outros. Por trás da euforia superficial das comemorações do Dia da Vitória na Europa, pairava a consciência sombria de uma dura realidade. Era como se, ao término da luta, uma cortina se abrisse para revelar o drama real que se desenrolava nos bastidores. A Europa estava em ruínas: suas cidades eram puro entulho, suas fábricas tinham sido destruídas, o sistema de transporte estava paralisado, o povo não tinha teto e estava traumatizado. Milhões de europeus haviam morrido, e era difícil enxergar algum futuro quando o presente era tão desanimador.

O clima de apreensão e angústia foi registrado com precisão pelo jornal *Scotsman*. “Finalmente”, ele declarava no Dia da Vitória, “o longo pesadelo da Europa chegou ao fim [...] mas será necessário ainda um longo tempo até que as feridas da guerra estejam cicatrizadas [...] As causas destas feridas permanecem”, prosseguia o editorial, apontando para as rivalidades nacionais do continente antes da guerra. “Os vitoriosos serão imparciais diante das necessidades mais urgentes? Hitler e Mussolini sucumbiram, mas deixaram como legado um mundo destruído.”

O artigo finalizava com uma pergunta sensata e impossível de responder: “Desta vez não há ilusão, como houve depois da última guerra, de que um tempo de paz universal despontará automaticamente. Sem dúvida, os sofrimentos da guerra e os rancores que eles produziram podem complicar a

tarefa dos estadistas. Os inimigos foram decisivamente vencidos. Mas os vencedores poderão conquistar a paz?”.⁵

O Dia da Vitória na pequena cidade alemã de Bernterode foi testemunha de uma cena extraordinariamente diferente de tudo mais na Europa. Ali, no profundo da floresta da Turíngia, próximo a Weimar, ficava uma mina de sal de 244 metros de profundidade. Nove anos antes, os nazistas a haviam transformado numa grande fábrica subterrânea de munições e em armazéns de depósito. Durante a guerra, um pequeno exército de trabalhadores escravos italianos, franceses e russos foi empregado no seu complexo de corredores e câmaras de 22 quilômetros de extensão. Muitos deles estavam agora morando num vale de pinheiros lá fora.

O acesso à mina era feito por um elevador em forma de gaiola. No fundo do poço, um grupo de homens fortes lutava desesperadamente para embarcar um enorme esquife de metal na gaiola. O objeto pesava cerca de 540 quilos e era tão grande que se fosse apenas um centímetro maior não caberia no elevador. Finalmente, depois de muito suor e uma hora de tentativas e xingamentos, os homens conseguiram acomodá-lo na jaula. Em seguida, fecharam as portas e fizeram sinal para outra equipe que aguardava num pequeno edifício na entrada da mina. Lenta e cuidadosamente, eles começaram a içar o esquife para a superfície.

Ao lado deles havia um rádio. O aparelho transmitia os discursos do Dia da Vitória e músicas de toda a Europa. Enquanto o esquife iniciava sua cautelosa subida, os homens puderam ouvir os acordes do hino nacional dos Estados Unidos. Quando o elevador atingiu a superfície, era o hino britânico que tocava. Os homens sorriram daquela ironia. Pois dentro do esquife estavam os restos mortais do maior de todos os reis da Prússia, o homem que transformara suas terras no mais temido e poderoso de todos os estados alemães: Frederico, o Grande.

Seu ataúde havia sido descoberto por acaso apenas dez dias antes por uma unidade de artilharia do Exército americano enviada para investigar as 400 mil toneladas de munição estocadas na mina. Depois de caminhar 450 metros pelos seus corredores principais, eles perceberam um muro com argamassa ainda úmida. Tinha um metro e meio de espessura, mas eles o derrubaram e encontraram uma porta gradeada. Atrás dela, os soldados se depararam com

uma grotesca e arrepiante caverna do tesouro. Era quase fantástico demais para acreditar.

O salão era dividido em vários compartimentos. Em cada um deles, empilhadas contra as paredes e forradas com estandartes brilhantes, havia dezenas de pinturas, caixas e tapeçarias. Mas os olhos daqueles homens ficaram paralisados com o que viram no centro do salão: quatro grandes ataúdes metálicos. Um deles estava decorado com uma grinalda vermelha de seda, inscrita com a suástica e o nome “Adolf Hitler”. Durante os últimos dias de batalha, o paradeiro e o destino do ditador alemão ainda eram desconhecidos. Estaria ele morto? E, se estivesse, teriam encontrado seu ataúde por mero acaso?

Pouco tempo depois, um oficial americano chamado Walter Hancock, um dos Monuments Men, chegou ao local. Na vida civil, ele era um conhecido escultor.

Desde que haviam iniciado seu trabalho, a preocupação principal dos Monuments Men não eram os nazistas, mas os exércitos aliados; eles estavam empenhados em impedir que seus próprios soldados e pilotos danificassem os monumentos públicos, obras de arte e coleções europeias pela ação militar. Embora tivessem fornecido aos comandantes de campo listas de prédios e localidades na esperança de que as estátuas pudessem ser preservadas de ataques e bombardeios, o sucesso que obtiveram foi limitado. Em face do maciço bombardeio aéreo nas cidades inimigas, de fato, na Alemanha, a causa estava praticamente perdida. Até o início de 1945, mais de 180 monumentos de um total de duzentos no Terceiro Reich tinham sido atingidos, e 120 deles estavam completamente destruídos.

Quando libertaram a Europa Ocidental e atravessaram o Reno em direção à Alemanha na primavera de 1945, as forças aliadas continuaram sendo uma ameaça para a arte europeia, pois muitos soldados estavam ansiosos demais por tomar as peças para si e enviá-las a familiares e amigos. No início, os Monuments Men tentaram proteger as galerias de arte e museus das cidades capturadas instalando placas com os dizeres “zona interdita”, mas logo descobriram que o aviso estava sendo ignorado e optaram, então, por uma medida mais drástica, cercando os prédios com o sinal usado para alertar sobre a presença de minas não desativadas.

Foi só quando penetraram mais fundo na Alemanha que os especialistas começaram a tropeçar nas centenas de cavernas e minas lacradas, e a descobrir os vastos depósitos secretos de arte europeia.

Neste momento, sua missão mudou. Alguns dos objetos de arte encontrados representavam tesouros de galerias alemães que haviam sido armazenados nos subterrâneos como proteção contra o bombardeio aliado, o fogo de artilharia e os saques. Mas a maior parte deles tinha sido pilhada pelos nazistas de coleções de arte particulares, museus e galerias por toda a Europa ocupada.

Era vital proteger e repatriar estes tesouros, não só para a posteridade, mas pelo bem da cultura europeia e do orgulho nacional. Ninguém sabia naquele momento se a derrota militar poria um fim definitivo ao Terceiro Reich de Hitler, e a caçada aos líderes nazistas tinha apenas começado. Poderiam eles, na clandestinidade, iniciar um movimento de resistência? Ninguém sabia, nem mesmo as agências de inteligência aliadas. Então, era de suma importância resgatar esse enorme tesouro de arte antes que ele pudesse ser utilizado para financiar um ressurgimento do nazismo no pós-guerra.⁶

Era com tudo isso em mente que Hancock engatinhava agora por uma abertura até o salão oculto. Quase imediatamente, ele percebeu que aquele não era um depósito comum para obras de arte:

O lugar parecia um santuário. A simetria da planta, o corredor central com três compartimentos em cada lado conectando duas grandes baias; a colocação cuidadosa dos estandartes suntuosos, pendurados em barras sobre os ataúdes e com efeitos decorativos nas bordas; a própria presença dos ataúdes ali sugeria o cenário de um moderno ritual pagão.⁷

Em cada um dos compartimentos, Hancock encontrou um esquiife de madeira lacrado com fitas adesivas sobre as quais havia algo escrito com giz de cera vermelho. Nas etiquetas, podia-se ler: “Feldmarschall von Hindenburg”, “Frau von Hindenburg” e — no ataúde enfaixado com a homenagem pessoal de Hitler ao “Rei Soldado” da Prússia — “Friedrich Wilhelm, der Soldaten König”. Por fim, no último compartimento à esquerda, Hancock encontrou Frederico, o Grande. O ataúde não tinha ornamentação de tipo algum, apenas a mesma etiqueta em giz de cera vermelho: “Friedrich der Grosse”. Ao lado dele,

Hancock achou uma pequena caixa de metal contendo retratos de chefes militares alemães — do “Rei Soldado” a Hitler.

Em outra parte da câmara, ele também encontrou mais de duzentos estandartes de regimentos da Prússia que datavam das guerras do século XVII até a Primeira Guerra Mundial, todos desenrolados, e que faziam aquele lugar parecer ainda mais um santuário. Havia caixas com inúmeros artigos da nobreza prussiana, como a coroa e o cetro usados na coroação de Frederico, o Grande, em 1713. Sessenta caixas de aço, fabricadas para armazenar munição, abrigavam porcelanas valiosas e dezenas de volumes encadernados em couro vermelho que eram a biblioteca completa de Frederico, transportada para a caverna de seus palácios em Berlim e Potsdam.

Na baía de entrada e nas proximidades, Hancock encontrou mais de 250 pinturas que haviam sido retiradas das coleções reais da Prússia. Entre elas estavam obras-primas do século XVIII de Watteau, Boucher e Chardin, assim como telas de Cranach e de mestres alemães posteriores.

Alguns dos operários franceses ainda estavam por perto, e Hancock lhes perguntou o que sabiam sobre a cena que ele acabara de presenciar. Eles contaram que um mês e meio antes, todos os civis haviam sido abruptamente evacuados da área. Nas quatro semanas seguintes, em completo sigilo, o Exército alemão desembarcou de caminhões todos aqueles objetos na mina. Então, no começo de abril, ela foi lacrada. O santuário, especularam os operários franceses, “tinha o intuito de preservar os símbolos mais poderosos da tradição militar alemã, em torno dos quais as gerações futuras poderiam se reunir”. O segredo fora mantido por apenas 25 dias.⁸

Apenas algumas horas depois de Frederico, o Grande, ter sido alçado à superfície da floresta da Turíngia, os restos mortais do ditador nazista que mantinha um retrato do imperador na parede de seu bunker estavam sendo investigados nos subúrbios de Berlim.

Na manhã de 9 de maio, uma quarta-feira, dia escolhido pelos soviéticos para comemorar a Vitória na Europa, Frau Kathe Heusermann, uma assistente de dentista de 36 anos, estava em seu apartamento na Pariserstrasse em Berlim. Como a maioria das mulheres da cidade, ela temia ser estuprada pelos russos e, para manter a discrição, ficava a maior parte do tempo em casa. Então, alguém bateu a sua porta. Ela abriu com muita cautela. Era o dr. Feodor Bruck, um

médico judeu da Silésia que havia passado vários meses na clandestinidade e acabava de chegar a Berlim para assumir a clínica odontológica do dr. Hugo Blaschke. Este havia sido o dentista de Hitler desde 1933, era membro do Partido Nazista e major-general na Waffen SS. Bruck explicou a Frau Heusermann que alguns oficiais soviéticos haviam aparecido em sua clínica na elegante Kurfurstendamm procurando pelos registros dentários de Hitler nos arquivos de Blaschke. Era necessário que ela o acompanhasse com urgência. A mulher pegou seu casaco e o seguiu.

Frau Heusermann sabia bastante sobre os dentes de Hitler. Havia seis meses, pouco antes de abandonar seu quartel de comando em Rastenberg, nas florestas da Prússia Oriental, diante do avanço do Exército Vermelho, Hitler tivera uma séria infecção dentária. Blaschke foi chamado e ela viajou com ele para o sul, a fim de ajudá-lo na extração do dente infectado. Ela conhecia os detalhes da boca do Führer assim como a palma de sua mão.

Mais tarde, quando o Exército Vermelho se aproximou, ela se refugiou na Chancelaria e viu Hitler em diversas ocasiões. Estava no bunker quando ele e Eva Braun se suicidaram, e, embora não tenha visto os corpos, foi informada de que eles haviam sido incendiados com gasolina. Ela ficou no bunker até o último minuto. Então, o Exército Vermelho chegou e ela se uniu a um grupo que tentava fugir para oeste andando pelos trilhos subterrâneos do U-Bahn (metrô berlinense), mas foi capturada pelos soviéticos em uma das estações. No final, os soldados a deixaram ir para casa. Blaschke ainda estava escondido.

Ao chegar ao consultório danificado por estilhaços de bombas, Heusermann encontrou um coronel soviético e uma intérprete. Mas não achou os arquivos de Hitler, e todos rumaram para a Chancelaria. Lá, também não havia nada. Por fim, o coronel a conduziu até os subúrbios da capital. No quartel-general soviético foram mostrados a ela uma ponte de ouro do maxilar superior, um osso maxilar inferior completo, uma pequena obturação de ouro e outra ponte de um maxilar inferior diferente. Ela os examinou de perto e confirmou na mesma hora que a ponte de ouro superior e o osso maxilar inferior eram de Hitler. Com menos certeza, identificou o restante das amostras como sendo de Eva Braun.

As arcadas haviam sido descobertas três dias antes por um soldado soviético que vasculhava o jardim da Chancelaria, e era tudo o que sobrara de Hitler e sua mulher. Primeiro a gasolina, depois o bombardeio incessante do local pela

artilharia do Exército Vermelho haviam reduzido seus cadáveres a pequenos fragmentos negros.⁹

Os soviéticos tinham a esperança de capturar Hitler vivo. O SMERSH (departamento de contrainteligência militar russo) havia até mesmo montado uma unidade especial para encontrá-lo, e o marechal Jukov, maior comandante de Stalin, alardeara que trancaria “Hitler, aquele animal pegajoso”, numa jaula e desfilaria pelas ruas de Moscou. Mas agora estava claro que o ditador nazista havia ludibriado os russos. “Então, o bastardo jogou a toalha!”, vociferou Stalin ao saber da notícia.¹⁰

Poucos dias depois, Frau Heusermann recebeu ordem dos soviéticos para arrumar as malas e se preparar para uma ausência de várias semanas. Ela foi levada e, por vários anos, nada mais se soube de seu paradeiro, enquanto esteve em cativeiro na Rússia, junto com outras testemunhas dos últimos dias de Hitler.

O Dia da Vitória na Europa selou a sorte do homem cujo nome, mais do que qualquer outro, veio a simbolizar a odiada colaboração com os nazistas: Vidkun Quisling, líder do Nasjonal Samling, o Partido Nazista da Noruega. Ele agora temia por sua vida. Por todo o inverno e a primavera, a resistência clandestina norueguesa se ocupava em caçar e executar colaboracionistas, sobretudo aqueles que trabalhavam nas polícias norueguesa e alemã. Eles conseguiram até mesmo eliminar em via pública o chefe da Polícia de Estado e Segurança, enquanto ele fazia seu trajeto diário para o trabalho.

De 1941 em diante, Quisling tinha sido praticamente um prisioneiro em sua casa, uma bela vila num fiorde perto de Oslo. Conhecida a princípio como Villa Grande, a mansão foi construída por um industrial da Primeira Guerra Mundial antes de se tornar propriedade do Estado. Quisling rebatizou-a de Gimle, inspirado na morada dos antigos deuses da mitologia nórdica. Era uma casa grande e espaçosa, com vistas magníficas para o fiorde e a cidade, e rodeada por um parque. Quisling abarrotou-a de antiguidades, livros e tesouros de arte. Nos fundos do jardim, ficava atracada uma lancha, sempre pronta para uma fuga rápida pelas águas.

Na primavera de 1945, a Noruega era a maior fortaleza da Alemanha na Europa. Ali se concentravam 365 mil soldados alemães da Wehrmacht, em seus fiordes abrigavam-se dezenas de submarinos e corriam muitos rumores sobre

uma última resistência dos nazistas no país. Se Hitler realmente decidisse resistir, Quisling temia pelo que poderia acontecer diante de uma invasão aliada. O dr. Josef Terboven, comissário do Reich no país, queria combater até o último cartucho, mas Quisling só desejava sair ileso daquela confusão, iludindo-se de que seria possível um acordo para a transferência pacífica do poder a uma nova administração formada por membros do governo norueguês exilados em Londres.

Ele não tentou fugir e descartou a oportunidade de embarcar num avião de Terboven para a Espanha, onde poderia ter conseguido asilo político com o general Franco. Um dos passageiros que *aceitou* a oferta foi Léon Degrelle — líder do Walloon, partido belga rexista e pró-germânico —, que havia comandado a Divisão Walloon da Waffen SS. Ele apareceu inesperadamente em Oslo, no dia 7 de maio, vestindo um uniforme de general da SS, antes de embarcar no avião para a Espanha naquela noite. As notícias da rendição incondicional da Alemanha já haviam chegado à Noruega, e bandeiras nacionais apareceram, de repente, em todos os lugares da capital. O povo celebrava abertamente nas ruas, e Quisling até saiu para um discreto passeio na cidade a fim de ver o que estava acontecendo, aliviado porque tudo transcorria pacificamente.

No dia seguinte, pouco depois de uma hora da tarde, um representante do Milorg, o movimento de resistência militar, chegou a Gimle, onde alguns ministros de Quisling aproveitavam o sol para caminhar e conversar no gramado. Numa sóbria e embaraçosa reunião, Quisling concordou em se entregar, recebendo em troca a garantia de que teria um julgamento honesto. “Eu sei que o povo norueguês já me condenou à morte”, disse ele, “e que o destino mais fácil para mim seria tirar minha própria vida. Mas eu quero deixar que a história chegue ao seu veredito”. Ele passou o resto do dia arrumando seus papéis e correspondência e preparando-se para uma tranquila internação em algum lugar ameno. Algumas horas depois, porém, recebeu um choque inesperado, ao ser informado de que deveria se apresentar na delegacia central de Oslo. Seus protestos e telefonemas tarde da noite para vários interlocutores não deram resultado, e às 6h15 da manhã seguinte Quisling e seus ministros deixaram Gimle num comboio de quatro carros. Era uma manhã tranquila e cinzenta, e as ruas estavam desertas depois da intensa celebração. No centro de Oslo, uma escolta se juntou a eles, e com as forças do Milorg armadas com

submetralhadoras Stein montadas no estribo dos automóveis, Quisling foi levado para o quartel-general da polícia em Mollergaten. O local era usado pela Gestapo até poucos dias antes para encarcerar os membros da resistência.

Após os procedimentos burocráticos de praxe, Quisling foi submetido a uma revista corporal completa e vexatória e, em seguida, levado a sua cela. Pelas seis semanas seguintes, ficou sob vigilância para que não cometesse suicídio. Suas refeições consistiam basicamente em arenque salgado e batatas podres — ele não dispunha de garfo ou faca e tinha de comer usando uma colher. A luz na cela nunca era apagada. E ele foi proibido de ler jornais.

Por fim, Quisling foi transferido para uma cela na torre do castelo Akershus, dentro da fortaleza que durante séculos havia protegido Oslo do ataque inimigo. Ali, a vigilância permanente continuou. Naquele verão, enquanto ele definhava sob custódia, 90 mil outros noruegueses estavam sendo investigados por colaboracionismo. Destes, 46 mil foram considerados culpados em algum nível, enquanto seiscentos receberam sentenças de prisão de mais de oito anos e 25 foram condenados à morte.

Finalmente, em meados de agosto, Quisling foi levado a julgamento. Condenado por traição, ele foi executado no castelo por um pelotão de fuzilamento no mês de outubro.¹¹

Se a rendição alemã marcou o fim de uma história, para muitas pessoas foi o começo de outra. Depois de esperar em Granville por muitas semanas, Francesca Wilson recebeu finalmente a ordem para se movimentar. Enfim, estava a caminho da Alemanha.

Sua equipe era formada por oito agentes. Como a maior parte das unidades da UNRRA, era uma equipe multinacional. O diretor e o médico eram belgas. Os dois motoristas e o auxiliar da assistência social eram franceses. Os demais eram britânicos: a própria Francesca, assistente social chefe; Zinaida — ou Zina —, russa de nascimento, mas casada com um coronel do Exército britânico; e uma enfermeira.

O diretor tinha participado do exército secreto belga antes de ser preso pela Gestapo. Torturado e condenado à morte, foi salvo apenas com a chegada dos exércitos aliados. O médico era um professor de patologia que trabalhara no Congo belga. Todos o chamavam de “Tubeeb”, palavra árabe para “curandeiro”, adotada pelos franceses. O assistente de Francesca, Pierre, fora

sentinela de ataque aéreo na Paris sob ocupação. Marcel e Jacques, os motoristas, eram homens de estrutura sólida e confiáveis, pais de família. Zina havia fugido da Rússia com a mãe depois da Revolução Bolchevique, mas tinha se tornado, já havia algum tempo, pró-soviética e trabalhara durante a guerra pelo entendimento anglo-soviético. Francesca tinha feito o treinamento com ela na Inglaterra e admirava seu calor humano e dinamismo, típicos dos russos.

Até ali, a UNRRA só vinha recebendo baixas avaliações da imprensa. Por que a agência hesitava tanto? Quando finalmente entraria em ação? Qual era a sua tarefa? Paris está passando fome — e onde está a UNRRA? Por que não está prestando assistência aos holandeses? Estas eram as manchetes dos jornais. Eles não entendiam uma coisa, pensava Francesca: a UNRRA só podia entrar num país depois de um convite formal de seu governo. Tanto a França quanto a Holanda queriam cuidar de seus próprios problemas e não desejavam a ingerência de um organismo internacional. A agência também não podia se deslocar sem a autoridade e a ajuda do Exército. Assim, estava sendo responsabilizada por problemas fora de sua alçada, o que era muito desmoralizante.

Em 7 de maio eles partiram de Granville em dois antigos caminhões do Exército recondicionados. Os veículos estavam repletos de camas de campanha, cobertores, garrafas de água, kits de primeiros socorros, capacetes e máscaras de gás — pois a guerra só terminaria oficialmente à meia-noite daquele dia. Eles passaram o dia sacolejando pela Normandia e enfim chegaram à cidade catedral de Chartres.

Multidões tomavam as ruas da cidade, já comemorando a vitória.

De manhã cedo, Francesca deu uma escapulida para ver a famosa catedral, apogeu da arquitetura religiosa da França, mas encontrou-a com sua cobertura de tempo de guerra. Sacos de areia estavam empilhados contra o portão principal, ocultando as famosas esculturas góticas que ela guardava na memória de uma visita anterior. Os magníficos vitrais do século XII estavam num depósito por precaução, e o interior da igreja tinha sido esvaziado de seus ornamentos. Ela achou tudo muito triste.

Embora fosse oficialmente o Dia da Vitória, seu ânimo não era dos melhores. Francesca ouviu o anúncio oficial da vitória na Europa no rádio dos fundos de um café onde o comboio parou para uma refeição. A mulher do dono continuou estoicamente lavando louça, mas sua filha segurou o avental

sobre a cabeça e chorou. Seu marido tinha sido morto em combate alguns meses antes — a paz chegara tarde demais para ela. Em vez de se sentir contente porque a guerra havia acabado, Francesca foi tomada por “um sentimento de desolação por tudo o que tinha sido irre recuperavelmente destruído e perdido”.

Dois dias depois, eles cruzaram a fronteira com a Alemanha. Bandeiras brancas tremulavam nas casas e nos prédios públicos, e as ruas estavam estranhamente silenciosas. Os caminhões do Exército dos Estados Unidos passavam em velocidade, carregados até o limite de prisioneiros de guerra alemães, sujos, abatidos, barbudos e, na sua maioria, vestidos com o uniforme cinza da Wehrmacht, às vezes com o azul da Luftwaffe. De tempos em tempos, um comboio de trabalhadores escravos recém-libertados passava com bandeiras francesas, holandesas ou soviéticas. Eles rumavam para casa, com exceção dos russos, que eram enviados para algum campo de triagem temporário. Zina gritou para eles em russo e eles responderam acenando alegremente.

Depois de uma breve escala no escritório da UNRRA em Heidelberg, eles seguiram para Stuttgart. A cidade tinha sido capturada por tropas francesas um mês antes e estava bastante destruída. O casal alemão em cuja vila no alto da montanha eles ficaram hospedados reclamou amargamente dos franceses. Eles tinham saqueado a cidade, protestou o casal, e “não deixaram um tesouro ou uma virgem em seu rastro”. O marido, um senhor careca vestindo uma bermuda tirolesa incongruente, andava pelos fundos, vigiando preocupadamente sua elegante mobília.

Por fim, na noite de 12 de maio, um sábado, a equipe de Francesca chegou a Starnberg, seu destino na Bavária. Eles partiram de Granville achando que estavam sendo mandados para Dachau, mas em Heidelberg foram remanejados para esta cidade agradável junto ao Starnberger See, apenas alguns quilômetros ao sul de Munique. Ela tinha uma linda vista dos Alpes e abrigava dezenas de residências de verão dos alemães ricos. Aqui, nas águas escuras do lago, o louco monarca Luís II se afogara misteriosamente em 1886.

Era típico do caos e do clima de improviso do fim da guerra que o capitão Paisley, do Exército dos Estados Unidos, chefe do governo militar na Bavária, não estivesse esperando por eles. De fato, admitiu, nunca ouvira falar da UNRRA. Mas Francesca o achou gentil, atencioso e encantador. Ele foi também amigável e hospitaleiro, e providenciou alojamento para o grupo. Francesca e

as duas outras mulheres dormiram numa confortável vila à beira do lago que havia sido requisitada duas semanas antes. A propriedade pertencia ao barão do aço Friedrich Flick, o maior partidário de Hitler entre os industriais. Paisley o havia prendido, e ficara com seu carro e seu obsequioso mordomo.

Ele explicou que a chegada da equipe da UNRRA era um presente de Deus. Apenas a alguns quilômetros dali, junto ao lago, havia um campo com 3 ou 4 mil desalojados sob os cuidados de um solitário oficial americano que precisava de muita ajuda. Os ocupantes tinham partido de Dachau poucos dias antes da chegada dos americanos — eram alguns dos milhares que Fey von Hassell tinha visto da janela do ônibus quando estava sendo evacuada daquele campo. Eles foram dispersos nos Alpes bávaros e provavelmente seriam metralhados em algum vale obscuro, mas os americanos apareceram na última hora. Eles estavam abrigados agora num lugar chamado Feldafing.¹²

Tão logo chegou ao poder, Hitler estabeleceu um sistema de ensino médio especial para o treinamento de futuros líderes nazistas, conhecido como Escolas de Política Nacional — colégios militares cujas turmas de adolescentes eram chamadas de “pelotões”. Inspiradas pelo exemplo, as tropas de assalto da SS inauguraram uma escola própria em Feldafing, no prédio onde funcionava o colégio Pestalozzi, fechado pelos nazistas. Na nova instituição, crianças de 8 a 18 anos recebiam educação completamente ariana, que incluía visitas culturais frequentes aos museus e galerias de Munique, assim como ao festival anual de música de Wagner em Bayreuth. Os alunos eram levados também para assistir a extravagâncias nazistas como as Olimpíadas de Berlim de 1936 e a tristemente famosa mostra de “Arte Degenerada” de 1937, em Munique.

Feldafing era bem conhecida de Fey von Hassell, pois ali morava sua avó materna. Fey passou muitas férias desinteressantes por lá, onde comemorou, inclusive, seu aniversário de 14 anos, apenas com sua avó e a acompanhante dela na casa. Apesar da importante data, nenhuma de suas aulas foi cancelada. “Estou morrendo de tédio aqui”, desabafou ela em seu diário de adolescente. Anos mais tarde, os nazistas confiscaram a casa para construir uma escola nazista logo em frente. Seus pais resolveram comprar, então, uma nova moradia em Ebenhausen, a cerca de 20 quilômetros de Munique.¹³

Por um tempo, a *Oberschule* de Feldafing fez intercâmbio em regime de internato com escolas de elite inglesas e americanas, como a Rugby e a Choate. Pelo menos um aluno americano que passou por Feldafing foi afetado

violentamente pela predominância do tema do “ressurgimento da Alemanha”, bem como pela crença generalizada de seus colegas alemães de que os judeus — entre eles, o episcopal Franklin Roosevelt — controlavam a América.¹⁴

Mas agora os americanos tinham assumido a escola de Feldafing, que fora evacuada pela SS alguns dias antes. O encarregado era o tenente Smith, que, por um desses golpes de mestre da justiça poética — e como que para ratificar as ilusões dos antigos alunos do lugar —, era judeu. A escola consistia em oito grandes prédios de tijolo com uma excelente cozinha, hospital, casas de banho e oficinas — não se pouparam gastos para formar os futuros líderes do Reich. Como muitas instituições alemãs do tempo de guerra, a escola foi erguida à custa do trabalho forçado e a acomodação temporária dos operários era de barracos de madeira que ficavam próximos do canteiro de obras. Este acampamento abrigava agora 1.200 prisioneiros russos de Dachau. Nas dependências da escola propriamente dita estavam apinhados outros 2.500 prisioneiros de guerra de 15 países diferentes. A maioria eram judeus.

Smith estava morando a cerca de 3 quilômetros do campo, na cidade de Tutzing. Francesca o encontrou instalado numa chácara agradável, com um jardim que dava para o lago. “Ele é um homem muito dinâmico e cheio de energia”, datilografou ela nas folhas que usava como diário.¹⁵ O tenente corroborou imediatamente sua impressão ao ordenar ao novo prefeito de Tutzing — um antinazista nomeado pelos americanos — que encontrasse uma casa ampla para a equipe da UNRRA. Obedientemente, ele instalou os agentes humanitários na vila ao lado da residência de Smith.

Era um casarão moderno em estilo bávaro com varanda e um ancoradouro na beira do lago. A porta foi aberta por uma mulher alta, bonita e de pele escura que empalideceu ao ver o grupo. O prefeito disse-lhe polidamente, mas com firmeza, que ela tinha três horas para desocupar a casa. Com toda a dignidade que pôde reunir, ela mostrou as instalações para Francesca e os outros, e então pediu calmamente que permitissem a ela e suas três crianças ocuparem o andar de cima, que poderia ser isolado do restante da casa. Isso foi acertado, e os cinco homens da equipe se acomodaram no andar térreo. Um procedimento parecido aconteceu na casa vizinha, onde Francesca, Zina e a enfermeira se alojariam. A proprietária caiu em prantos assim que avistou o trio caminhando pela entrada da casa. Ela também acabou conseguindo permissão para ficar, mas sob a condição de se encarregar da limpeza de tudo.

Isto era o que a derrota significava para os cidadãos comuns, pensou Francesca, a prostração do conquistado, e o medo de ser lançado na prisão por algum passado nazista. O fardo maior caía sobre os ombros do prefeito. Ele tinha que expulsar pessoas de suas próprias casas, requisitar junto a seu povo comida e utensílios pedidos pelos americanos e desabrigados, confiscar tecelagens e pagar carpinteiros para fabricar centenas de camas para o campo de Feldafig. Quando começava a se sentir culpada pelo transtorno causado às donas de casa alemãs, Francesca se lembrava de que fora o trabalho forçado dos internos do campo que garantira àquelas mulheres, durante a guerra, uma vida melhor do que em qualquer outro país europeu. Ninguém ali se sentia responsável pelos trabalhadores escravos, mas quase todas as famílias da Alemanha se beneficiaram, de uma forma ou de outra, dos artigos baratos que eles produziram.

No dia seguinte, Smith mostrou a Francesca os arredores do campo. No início, ela ficou repugnada. Já tinha visto vítimas da fome antes — depois da Primeira Guerra Mundial, na Sérvia, Rússia e em Viena —, mas o que via neste momento eram vítimas de maldade deliberada, pessoas que ainda vestiam os “pijamas” listrados de azul e branco do campo de concentração, tinham as cabeças raspadas e seus números tatuados no braço esquerdo. “Elas tinham o olhar furtivo e os gestos dos animais caçados”, observou. “Pelos anos de tratamento brutal, pelo assassinato de seus parentes, pelo terror constante da presença da morte, tudo o que era humano tinha sido tirado delas.”

Smith colocou a turma da UNRRA para atuar imediatamente. Ele já conseguira reunir uma equipe alemã de quase trezentos servidores que trabalhavam duro como médicos, enfermeiras, faxineiras, encarregados de manutenção e almoxarifes — “meus escravos”, ele os chamava de brincadeira —, e estava determinado a fazer de seu campo de desalojados o melhor da Bavária. “Smith era como um furacão”, contou Francesca, “em seis lugares ao mesmo tempo, explodindo de raiva ou dando gargalhadas, ameaçando e afagando”. Era tarefa dela cuidar dos judeus. Para se aproximar deles, explorou os prédios em que apenas três semanas antes ecoava o som de marchas nazistas e dos risos de adolescentes dispostos a morrer por Hitler. Os pisos estavam sujos e maltratados, e os banheiros imundos, entupidos propositalmente pelos internos para que a equipe alemã os limpasse. Em toda parte pequenas fogueiras queimavam e grupos de homens fritavam carne ou assavam pão. Nas

proximidades, Francesca avistou uma grande pilha de carteiras, mesas, estantes e outros itens de mobiliário escolar sendo retalhados a machadadas por um sargento alemão.

Nos porões, ela achou uma coleção de esquis, usados pelos alunos como parte do rigoroso treinamento físico, assim como pilhas de violinos, violoncelos, baterias e instrumentos de sopro, todos quebrados. A escola nazista, como parte de sua educação cultural, chegara a formar três orquestras. Mas, na noite em que chegaram, os prisioneiros de Dachau, principalmente os gregos, invadiram o porão e destruíram todos os instrumentos.

A maioria dos prisioneiros gregos eram rapazes que falavam bem o francês. Vinham todos de Tessalônica e haviam sido estudantes, barbeiros ou alfaiates. Francesca conhecia a cidade muito bem, pois a visitara logo após o grande incêndio de 1917, que destruiu três quartos da cidade velha, e de novo dez anos depois, quando emergira das cinzas como uma cidade grega moderna. Ela conversou com os gregos e manifestou com sinceridade o apreço que tinha pelo país deles e por seu povo. “Vocês foram nossos únicos aliados [na Europa] em 1940, quando lutávamos sozinhos”, disse a eles com carinho. Os rapazes gregos a cercaram entusiasmados, todos falando ao mesmo tempo. Alguns haviam combatido lado a lado com os britânicos, outros deram abrigo a aviadores ingleses abatidos, e alguns haviam fugido para Creta. Estes eram os remanescentes dos judeus gregos cercados pelos alemães e deportados para Auschwitz e outros campos em 1943, a maior parte de Tessalônica — onde 95% dos judeus haviam sido deportados —, mas também de Atenas, num total de 70 mil judeus gregos. As mulheres, as crianças e os idosos foram mandados direto para as câmaras de gás. Quando o Exército Vermelho se aproximou de Auschwitz, o que sobrava do grupo foi despachado para Dachau. Havia apenas quinhentos deles agora.

“O que será de nós?”, perguntaram a Francesca ansiosamente. “Se voltarmos para Tessalônica, o que fazer? Todos os nossos parentes estão mortos, tudo que possuíamos foi levado. Não seremos bem-vindos. E se formos para a América? Ou para a Palestina?”

Ela não tinha respostas fáceis, mas reavivou memórias do sol no mar Egeu e se fez o mais humana possível para o grupo. Eles eram judeus sefarditas, um grupo que vivia na Grécia desde seu banimento da Espanha no século XV. “A Grécia é a terra de vocês”, argumentou ela. “Se forem para qualquer outro

lugar, sentirão saudades do mar e das manhãs no golfo de Tessalônica, do calor do meio-dia, do sabor do polvo fresco lavado com retsina, dos figos maduros, dos olhos negros das mulheres gregas. Dinheiro não importa tanto quando se tem um clima como este, diferentemente da América.”

Alguns assentiram com a cabeça. Gostaram da parte sobre serem sefarditas, e não asquenazes da Europa Central. “Não falamos ídiche”, disseram com orgulho, “falamos espanhol, grego, francês e hebraico!”

Francesca tentou ser mais corajosa. Ela quis saber por que, com seu rico lastro cultural e amor pela música, haviam quebrado os instrumentos musicais. “Porque eram alemães”, foi a resposta. “Nós precisávamos destruir coisas ao sermos libertados. Mas deixe isso pra lá! Podemos cantar pra você sem instrumentos. Temos o melhor coral do campo.”

Ao se afastar, Francesca pensou nas crianças que tinham sido evacuadas de Londres para se proteger dos ataques aéreos alemães. Separadas de suas famílias, sozinhas no interior, elas nutriam mágoas e sentimentos de vingança contra a sociedade que as havia feito se sentir como marginais. Quanto tempo seria necessário, imaginou, para que estes traumas infantis das vítimas do nazismo fossem superados? E que futuro se apresentava para os milhares largados agora nos campos, libertos, mas ainda não exatamente livres?

Em Schleswig-Holstein, o comando britânico Bryan Samain também achava que o Dia da Vitória na Europa tinha poucos motivos para ser comemorado. Naquele dia, sua unidade se deslocou de caminhão e de jipe do porto de Neustadt para a pequena cidade de Eutin, a meio caminho entre Lübeck e Kiel. Era uma bela cidade mercantil, quase não fora atingida pela guerra e abrigava um grande palácio com jardins ao estilo inglês, que fora construído para os príncipes eclesiásticos de Lübeck e se tornara mais tarde a residência de verão dos duques de Oldenburgo. Devido ao fluxo intenso de refugiados, a população pré-guerra de Eutin, de 7 mil habitantes, havia quase dobrado. “Não posso afirmar que ficamos especialmente entusiasmados ou tivemos vontade de comemorar”, recordou Samain. “Havia quase uma sensação de anticlímax [...] uma sensação — e isso era geral — de que havíamos partido com uma missão a cumprir e que finalmente tínhamos conseguido.”¹⁶ Para ele, ainda havia muito a fazer. A missão dos comandos agora era alcançar Eutin e seus arredores e seguir adiante.

Isso envolvia muitas tarefas: capturar os oficiais nazistas ainda à solta; estabelecer um conselho municipal a partir de uma lista de funcionários empenhados em eliminar os nazistas e seus adeptos; restabelecer o abastecimento de energia e gás; fazer o sistema de transporte voltar a operar; instituir centros de emergência alimentar para dar de comer aos refugiados e deportados que vagavam pelas ruas; recolher alimentos nas áreas rurais e organizar sua distribuição; encontrar moradia temporária para milhares de desalojados; pôr a polícia da cidade para trabalhar novamente; realocar os refugiados alemães provenientes das regiões ocupadas pelo Exército Vermelho; e reabrir igrejas.

De seus escritórios no prédio da prefeitura, em uma semana os comandos conseguiram restabelecer o abastecimento de eletricidade e gás e fazer os trens voltarem a funcionar. Oficiais nazistas foram presos e os suprimentos de comida estavam sob controle. Um novo gabinete municipal, livre da presença de nazistas, foi estabelecido. A reorganização da polícia demorou um pouco mais, porque ela estava impregnada de nazistas. Controlar os milhares de trabalhadores escravos foi uma tarefa bem mais difícil. Como em todos os lugares da Alemanha, eles reagiam à sua libertação com ímpetos de violência e saques, e foram necessárias algumas doses severas de disciplina do Exército britânico para mantê-los sob controle. Samain também foi procurado por moradores da cidade que desejavam retomar sua vida normal e precisavam de sua ajuda em muitos aspectos. Além deles, havia as centenas de refugiados de outras partes da Alemanha que precisavam ser estabelecidos em algum lugar. Todos queriam permanecer na zona britânica, ou, no mínimo, não serem devolvidos aos russos.¹⁷

Samain teve também de ajudar na recepção e triagem dos prisioneiros de guerra alemães. Graças em parte à estratégia de adiamento de Dönitz, havia agora em torno de 2 milhões de membros da Wehrmacht rendidos na zona britânica da Alemanha. Eles foram despojados de suas armas e estavam sendo postos em marcha ou transportados de caminhão para Schleswig-Holstein. Mais ou menos metade deles iria para a costa oeste da península alemã, sobretudo os altamente doutrinados paraquedistas e soldados da SS, que seriam confinados na ilha rochosa e árida de Nordstrand. Em torno de 500 mil estavam sendo despachados para a costa leste de Schleswig-Holstein, e o restante era distribuído entre os rios Elba e Weser. Além destes 2 milhões,

outros 500 mil prisioneiros alemães, feridos ou enfermos, estavam nos hospitais de Schleswig-Holstein e dos arredores.

Uma tarefa específica de Samain e sua unidade era organizar a recepção de um grupo de 10 mil prisioneiros de guerra que precisavam ser acampados na floresta de Eutin. Eles tinham também que supervisionar os soldados da SS que marchavam pela cidade em seu caminho para a costa. Isso irritou consideravelmente os ocupantes britânicos. “Nós vimos uma longa coluna deles, talvez um batalhão, marchando com ar desafiador e precisão militar pelas ruas de Eutin, mantendo o passo firme e entoando a canção marcial ‘Horst Wessel’ enquanto desfilava.” Por fim, os britânicos os obrigaram a parar e deram instruções para que as colunas seguintes procedessem em silêncio na travessia pela cidade. Obedientemente, a coluna seguinte não cantou seu hino marcial. Em vez disso, assobiou.

Como os cidadãos de Eutin reagiram a este show de empáfia é difícil de saber. Hitler obtivera 55% dos votos da cidade na eleição presidencial de 1932, e um percentual ainda maior nas eleições legislativas seguintes. Até mesmo os conservadores nacionalistas, os adversários políticos mais fortes dos nazistas na cidade, tocaram com ênfase os tambores do antissemitismo. Mas, agora, eles pediam ajuda a Samain, porque simplesmente queriam voltar às suas vidas normais.¹⁸

Cento e trinta quilômetros ao norte de Eutin, e agindo como se o Dia da Vitória fosse totalmente irrelevante, o último governo nazista tentava desesperadamente seguir na normalidade. Ele tinha se estabelecido em Flensburg, próximo à fronteira dinamarquesa, e a cidade abrigava 60 mil militares alemães das três armas. O lugar estava tão lotado que as tropas britânicas que chegaram para ocupá-lo não conseguiram encontrar hospedagem. O major-general J. B. Churcher, comandante da brigada de infantaria na vanguarda do avanço britânico na região, foi até o centro da cidade dois dias depois da celebrada vitória na Europa. “A situação era, no mínimo, bizarra”, recordou ele. “As ruas estavam repletas de veículos militares alemães ocupados por oficiais alemães. Ônibus do Exército alemão cruzavam a cidade com desembaraço. O porto era patrulhado pela polícia naval e militar alemã fortemente armada. A Luftwaffe ainda estava encarregada do campo de pouso [...] Flensburg foi o último reduto nazista.” Ansioso por encontrar

alojamento para seus homens, Churcher deu ao prefeito um ultimato para conseguir, em no máximo três dias, casas decentes para os vencedores. Ele também lhe ordenou tirar a foto de Hitler que estava em destaque sobre a mesa de seu gabinete. “Não quero ver de novo a cara desse homem”, rugiu o general britânico.¹⁹

Porém, Hitler continuava a adornar paredes em toda a vizinhança. Dönitz havia montado seu quartel-general na Escola de Cadetes Navais em Murwick, a leste de Flensburg, numa construção ampla e magnífica com vista para o mar, e exteriormente os negócios continuavam como de costume. A cada manhã, Dönitz, no seu uniforme impecável de grande almirante, era transportado para as dependências da escola no seu enorme Mercedes blindado — presenteado por Hitler — a fim de despachar com seu gabinete. Soldados alemães armados montavam guarda do lado de fora dos escritórios, e a bandeira de guerra do Reich tremulava no alto do prédio. As fotografias de Hitler estavam por toda parte, e o novo governo até havia contratado um fotógrafo oficial.²⁰

Os membros do último governo nazista pareciam cegos para a magnitude da derrota da Alemanha, para a enormidade de crimes do Terceiro Reich e para a realidade da política internacional. Ainda nutriam a esperança de um rompimento entre o Ocidente e Moscou, que levaria os governos de Londres, Washington e Paris a reconhecê-los como um legítimo governo alemão. A ampla aliança do tempo de guerra realmente estava por um fio, mas acreditar que o Ocidente aceitaria os homens de Flensburg era uma ilusão de poder, ou um ato de desespero.

Até mesmo Albert Speer, o ministro do Armamento que, no fim, demonstrou alguma consciência da criminalidade do regime a que havia servido, se iludiu de que poderia colaborar na reconstrução de seu país no pós-guerra. Ele sabotara o decreto de “terra arrasada” de Hitler nas últimas semanas da guerra a fim de salvar a indústria da Alemanha, e acreditava agora ser o homem que poderia fazer as coisas voltarem a ficar bem. Speer se distanciou deliberadamente de Dönitz e dos outros chefes nazistas e se instalou confortavelmente no castelo de Glücksburg, a poucos quilômetros de Flensburg, onde viveu como hóspede de seu dono, o duque de Mecklemburgo-Holstein, primo do rei George VI da Inglaterra.

Aqui, ele continuou a viver no estilo a que estava habituado. Em meados de maio, ele recebeu a visita de vários americanos importantes que desejavam

conversar sobre a produção de guerra alemã. John Kenneth Galbraith, George W. Ball e Paul H. Nitze, do Departamento de Pesquisa de Bombardeio Estratégico Ofensivo, tentavam determinar o quanto os bombardeios aliados tinham afetado, efetivamente, a indústria alemã. O encontro transcorreu de forma amigável e civilizada. Speer, ainda esperando uma carreira eminente no pós-guerra, cooperou de boa vontade, mas com cautela. Amigáveis, os oficiais aliados ainda o convidaram para passar um dia com eles em Paris.²¹

Dönitz e outros tentaram certamente tornar este último governo nazista aceitável pelos Aliados, e o sucessor de Hitler procurou se manter distante das atrocidades que eram reveladas pela abertura dos campos de concentração. Seu ministro das Relações Exteriores, von Krosig, teve a audácia de perguntar a Eisenhower se a Corte de Justiça do Reich teria permissão para julgar os acusados de violar “as leis e os princípios básicos de justiça e moralidade”. O povo alemão, afirmou ele, nada sabia das condições nos campos e até mesmo “personalidades da liderança alemã” as ignoravam. Três dias depois desta bazófia, Dönitz anunciou que os milhões de soldados alemães e membros do Waffen SS também nada sabiam sobre as atrocidades nos campos e que tinham lutado de forma “honrada e limpa”.

A fantasia de que as Forças Armadas alemãs eram inocentes dos crimes de guerra e dos crimes contra a humanidade foi sustentada com veemência por este último governo nazista. Da mesma forma, eles se isentavam de qualquer culpa ou responsabilidade pelo que havia acontecido desde 1933. Para apoiar esta causa, Dönitz demitiu os nazistas mais conhecidos de seus cargos e deixou claro a Himmler que ele não lhe tinha qualquer utilidade. O líder da SS tinha aparecido em Flensburg, obviamente esperando um cargo do homem que, surpreendentemente, havia tomado o seu lugar como sucessor de Hitler, e com quem havia colaborado de perto durante as semanas anteriores na luta contra os “derrotistas” no interior do Reich. Mas Dönitz era astuto demais. Aceitar o líder da SS no seu governo seria, com certeza, receber um beijo da morte. Então, na tarde de 6 de maio, um domingo, Dönitz recebeu Himmler em seu gabinete e confirmou que o ex-comparsa estava destituído de todas as suas funções.

Ainda assim, ele não atirou Himmler aos lobos completamente nu: concordou em providenciar para o Reichsführer SS e para o séquito que o havia acompanhado a Flensburg documentos falsos que os identificariam

somente como soldados alemães. “Ocultem-se na capa da Wehrmacht”, foi a última ordem de Himmler para seus seguidores.

Foi assim que o homem mais temido do Terceiro Reich de Hitler se mostrou, “bem distante do exemplar frio e calculista de virtudes nórdicas que Hitler havia descrito”, incitando seus homens a uma resistência final contra as hordas de “judeus e bolcheviques” ou sacrificando a si mesmo como havia sacrificado tantos milhões de vítimas. Em vez disso, Himmler raspou o bigode, colocou um tapa-olho negro, adotou um nome falso e, em 10 de maio, seguiu rumo ao sul com um punhado de oficiais nazistas de alta patente em quatro grandes carros.²²

Naquela mesma semana, um pouco mais tarde, um extraordinário episódio se desenrolou na Holanda.²³

Havia uma velha fábrica da Ford abandonada na periferia de Amsterdã. No final da tarde de domingo, 13 de maio, dois veículos militares estacionaram ali e dois homens foram atirados dos veículos ao chão. Suas mãos estavam amarradas às costas, e eles foram levantados grosseiramente a fim de se colocarem contra o muro de um abrigo antiaéreo vizinho. Seus olhos foram vendados e, então, apareceu um pelotão de fuzilamento. A ordem foi dada, e as armas descarregaram uma saraivada de tiros. Os dois corpos tombaram no chão e um oficial se adiantou e deu o *coup de grâce* em cada um deles. Apenas algumas horas antes, estes homens haviam sido condenados à morte por uma corte marcial oficial.

Eram desertores, e o fuzilamento de desertores era comum. Mas o que tornou aquela execução extraordinária foi que tanto a corte militar quanto o pelotão de fuzilamento eram alemães, e as vítimas eram antinazistas da Marinha de Hitler. Além disso, a execução aconteceu cinco dias *depois* da capitulação das forças nazistas. De fato, naquele mesmo dia, o rei George VI e a rainha Elizabeth desfilaram de carro pelas ruas de Londres a caminho do culto em ação de graças pela vitória na catedral de St. Paul. Para tornar as coisas ainda mais surreais, todo o episódio foi apoiado pelo Exército canadense, que forneceu os rifles, o caminhão e a escolta que conduziu o pelotão de fuzilamento ao local da execução.

Esta cooperação bizarra, pós-Dia da Vitória, entre os canadenses e seus inimigos derrotados pode ser explicada por uma decisão tomada pelos

comandantes canadenses que se seguiu à rendição alemã a Montgomery na Charneca de Lüneburg. Quando isso aconteceu, cerca de 150 mil soldados alemães ainda portavam armas no oeste da Holanda. Eles controlavam todos os setores da vida diária holandesa e nenhum soldado canadense havia entrado ainda naquela área. Então, quem estava mantendo a lei e a ordem e supervisionando a rendição? A resposta era óbvia: o próprio Exército alemão.

Para tornar isso possível, Eisenhower e o alto-comando aliado decidiram driblar a Convenção de Genebra. Em vez de declarar aqueles alemães “prisioneiros de guerra”, eles os classificaram como “pessoal inimigo sob rendição”. Isso trazia dois grandes benefícios: primeiro, eles teriam que se alimentar por conta própria, não dependendo desta maneira dos Aliados, que já estavam tendo sérios problemas para alimentar os holandeses famintos; e segundo, eles permaneceriam com a hierarquia militar intacta, em plena autoridade. Os Aliados poderiam expedir suas ordens e vê-las cumpridas pela cadeia de comando da hierarquia alemã.

Este arranjo prático oferecia uma solução hábil para um problema complicado e funcionava extremamente bem. Os canadenses davam as ordens e os alemães as cumpriam com eficiência impressionante. Dessa maneira, centenas de unidades alemãs permaneceram em seus lugares durante muitos dias após a libertação do país, completamente armadas e nas ruas holandesas, até começarem a marchar sob o comando de seus oficiais para os locais designados, onde deporiam, enfim, seus instrumentos de guerra. Para a população holandesa, entretanto, era difícil entender o fato de soldados armados canadenses e alemães estarem trabalhando lado a lado, em vez de se digladiando.

Mesmo depois de entregarem as armas, os soldados alemães na Holanda continuaram sob o controle total da Wehrmacht, com um comandante alemão encarregado do contato com seus superiores na cadeia de comando que levava ao general Johannes Blaskowitz, comandante em chefe da “Fortaleza Holandesa” de Hitler. Dessa forma, duas estruturas paralelas, canadense e alemã, funcionaram na Holanda por várias semanas depois do Dia da Vitória na Europa. Os alemães contavam com uma surpreendente situação de autoridade e os soldados alemães continuaram a prestar lealdade às suas próprias Forças Armadas, e não à autoridade canadense.

Esta foi a trama que vitimou os dois desertores alemães. Pelo menos um deles tinha fortes antecedentes antinazistas. Rainer Beck, marinheiro de 28 anos, era filho de uma judia, e seu pai fora perseguido pelos nazistas por ser social-democrata. Em setembro de 1944, quando as forças aliadas atravessaram pela primeira vez a fronteira holandesa, ele desertara de uma unidade de defesa do porto de IJmuiden e se refugiara com a irmã, que estava escondida em Amsterdã. Quando os canadenses entraram finalmente na cidade, ele saiu do esconderijo e, junto com outro desertor, entregou-se à resistência holandesa. Por sua vez, o pessoal da resistência os conduziu até o Seaforth Highlander, o regimento canadense que apenas alguns dias antes tinha entrado na cidade faminta sob intensa celebração.

Imediatamente, os canadenses colocaram os dois homens dentro da fábrica da Ford, junto com outros 1.800 fuzileiros navais alemães capturados. Em acordo com combinações feitas em outro lugar da Holanda, o campo improvisado tinha um comandante alemão, equipe própria e até um código de disciplina. Ávido por mostrar autoridade, o comandante prendeu os dois desertores, decidiu julgar os “traidores” e instalou uma corte marcial, deixando claro qual era o veredito esperado. Os acontecimentos se desdobraram com uma rápida e terrível previsibilidade. O julgamento ocorreu na frente de todo o campo, o clima logo ficou lúgubre, e quando tentou se defender, Beck foi calado aos berros. Tudo durou apenas 15 minutos, e o júri decretou unanimemente a sentença de morte.

O que aconteceu a seguir foi ainda mais espantoso. O comandante alemão pediu aos canadenses que lhe dessem as armas para executar a sentença. Flabbergasted, o oficial canadense encarregado do lugar, ligou para uma autoridade maior pedindo instruções. Não desejando romper os acordos ao confrontar a autoridade alemã a respeito de seus próprios soldados, os oficiais superiores canadenses recusaram-se a intervir. Por fim, todos concordaram com o fuzilamento daqueles homens, e a ordem foi passada adiante pela cadeia de comando canadense até chegar ao campo da antiga fábrica da Ford em Amsterdã. Ali, o oficial canadense providenciou diligentemente o transporte de caminhão e liberou oito rifles alemães que haviam sido capturados com 16 balas para o esquadrão de execução. Do julgamento até os corpos caírem sem vida no chão não se passaram nem 12 horas.

Por mais assombroso que possa parecer, este episódio não foi nem de longe uma exceção. Em outras partes da Holanda, desertores alemães continuaram a ser entregues pelos canadenses após o Dia da Vitória, e vários deles foram executados. Apenas o surgimento de uma maré de inquietação entre os canadenses envolvidos naqueles episódios forçou uma mudança de política. Após muito derramamento de sangue, os desertores alemães passaram a ser entregues não mais à Wehrmacht, mas às unidades de segurança aliadas.

“Como puderam os alemães matar estes dois rapazes num dia tão lindo, depois que a guerra havia terminado?”, questionou o oficial canadense que os entregara, talvez chocado com as consequências de sua própria obediência cega às ordens. “Estes rapazes eram desertores”, respondeu um dos oficiais alemães do lugar, “e se lhes fosse permitido voltar para casa e ter filhos, estes também teriam mentes sujas”. Esta era uma prova assustadora de como as atitudes nazistas ainda estavam arraigadas entre as forças derrotadas de Adolf Hitler.

21. "FORTUNA NEM SEMPRE É ALEGRIA"

No hotel Lago di Braies, no alto dos Alpes italianos, Fey von Hassell estava tendo dificuldades em se adaptar à ideia da paz, e a libertação do cativeiro trouxera ainda mais escuridão à sombra que pairava sobre o destino de seus dois meninos.

Ela não era a única do grupo que havia sofrido uma separação forçada dos filhos. A mão da SS tinha ido longe na retaliação ao atentado contra a vida de Hitler. Um dos cabeças do complô havia sido o coronel Cesar von Hofacker, membro do alto-comando alemão em Paris, onde a resistência francesa conseguira capturar mais de mil homens da SS antes da execução do atentado. O coronel foi preso e seus três filhos pequenos foram levados pela SS para algum lugar na Áustria. A mãe deles, Ilse-Lotte, tinha se tornado uma das companheiras mais próximas de Fey. "Era um alívio enorme", Fey escreveu, "estar com alguém que podia entender o tormento constante que aquela separação causava". Mika von Stauffenberg, cunhada de Alex, também havia perdido seus filhos para a SS, assim como Irma, a nora do malfadado prefeito de Leipzig, Carl Goerdeler.

Todas elas cercavam Sigismund Payne Best para saber como poderiam iniciar a busca por seus filhos, mas o oficial de inteligência britânico sabia que as comunicações com a Alemanha estavam tão deterioradas que havia pouca esperança de resultados a curto prazo. "Lembro de ter feito o possível para consolar aquelas mães, mas eu estava tão debilitado psicologicamente que em algum momento posso ter dado lugar à impaciência", recordou ele com pesar. Mas pelo menos Fey achou que Payne Best tinha aceitado o desafio: ele era "muito superior" a todos a quem ela podia recorrer naquela hora, disse a ele mais tarde.¹

Este foi um breve intervalo em que Fey pôde lentamente recobrar o fôlego, se adaptar à vida normal e dar os primeiros e tímidos passos em direção à liberdade. No entanto, era difícil esquecer os traumas dos últimos meses. “Muito embora eu soubesse que aquilo tinha acabado, era difícil acreditar que não haveria mais batidas ameaçadoras na porta ou novas ordens para arrumar a bagagem e partir imediatamente.”²

Deus estava muito presente em seus pensamentos. Dois dias antes de o grupo ser finalmente transferido do hotel, ela foi com Alex até a capela. Como todos os Stauffenberg, ele era católico. Alex sentou-se e começou a tocar o pequeno órgão da igreja. “As lágrimas me vieram aos olhos”, escreveu Fey. “Eu me senti profundamente tocada pela beleza daquela música sacra no silêncio das montanhas e naquela atmosfera mística da capela.” Eles em breve estariam partindo, retornando para suas famílias, seus amigos e relacionamentos pessoais. Alex havia perdido não só a esposa, mas também seus irmãos. Em muitos aspectos ele parecia desamparado. A ideia de deixá-lo provocava uma imensa tristeza em Fey.³

Não muito tempo antes, ela havia escrito uma carta apaixonada ao marido, Detalmo, enquanto ainda estava grávida de Roberto:

Você sabe que, se eu morresse hoje ou depois do segundo bebê, ficaria imensamente triste por deixá-lo, e também porque demoraria muito para nos encontrarmos de novo. Pelo resto eu não ficaria triste, porque tive tanta felicidade nestes poucos anos [...] Tive uma linda infância [...] e tive dois anos de casamento divinos e excepcionais. Aprendi o significado do amor verdadeiro entre um homem e uma mulher.⁴

Mas era difícil saber agora onde estavam seus verdadeiros sentimentos.

O Dia da Vitória chegou e se foi, irrelevante e despercebido. Dois dias depois, um comboio de ônibus chegou ao hotel para levá-los dali. Fey embarcou com suas companhias habituais — Payne Best, os Stauffenberg e os Schuschnigg —, e lá se foram numa esburacada viagem de quatro horas montanha abaixo até Verona e um confortável quarto no Hotel Colomba d’Oro, perto da Piazza Brà e da antiga arena romana. Enquanto Fey caminhava pelo saguão, um italiano bem-apegoado em uniforme militar se apresentou. Ele era amigo de sua cunhada Marina e tinha visto o nome de Fey na lista dos prisioneiros libertados. Deixara seus afazeres para verificar se estava tudo bem com ela e mandou chocolates e cigarros para seu quarto. Mas aquilo soou

estranho. Era a primeira vez em muitos meses que ela tinha contato com alguém ligado à sua vida na Itália.

Na manhã seguinte, eles partiram em outro comboio de jipes e ônibus para o aeroporto de Verona, onde embarcaram em três aviões militares americanos. O dia estava ensolarado, e quando eles sobrevoaram os campos, Fey apreciou a vista. O avião passou por Roma e voou baixo sobre as ruínas do bombardeado mosteiro de Monte Cassino e sobre o campo de batalha que ceifara tantas vidas um ano antes. Finalmente, às 11 da manhã, pousaram em Nápoles.

Ali, um choque impactou Fey e os outros alemães, que já tinham quase esquecido de sua nacionalidade. Eles foram separados dos antigos companheiros de prisão e por um longo tempo ninguém lhes deu satisfação alguma. Tinham se acostumado a ter Payne Best sempre por perto, um homem solícito e amigável, que gostava dos alemães e era sensível ao destino pessoal de cada um deles, mas, tão logo desembarcaram, ele foi levado de carro para o quartel-general aliado em Caserta, nos arredores.

Divididos por nacionalidade, os outros foram partindo aos poucos também. Na confusão geral, ninguém se preocupou em dizer adeus. Haviam estado juntos por tanto tempo, levados de um lugar para outro tantas vezes, que imaginaram que se veriam de novo. Mas os americanos pareciam não saber o que fariam com os alemães, e eles ficaram ali por horas. Fey nem sequer percebeu quando os húngaros foram embora, mesmo gostando muito da companhia deles. “Éramos alemães, cidadãos de uma nação derrotada”, ela percebeu, de repente. O sofrimento pelo qual tinham passado nada significava. Mas, enfim, foram transportados pela baía de Nápoles até a ilha de Capri, onde ficaram no hotel otimisticamente chamado *Paradiso Eden*, na cidade de Anacapri. Os americanos, ela entendeu, queriam interrogá-los. Até lá, eles não podiam deixar o hotel. Sua liberdade, aparentemente, tinha sido curta.

Entretanto, dois dias depois, os oficiais em seu grupo foram embarcados para uma prisão militar na Alemanha. Entre eles estava o coronel von Bonin, que os havia salvado da morte certa nas mãos da SS ao alertar von Vietinghoff da presença dos nazistas em Villabassa. Fey sofreu ao vê-lo ser levado sob uma escolta armada. Mas não sentiu o mesmo em relação ao príncipe Philipp de Hesse e não lamentou sua partida. Ele era um nazista convicto até ser mandado para a prisão, e ela não conseguia nem esquecer nem perdoar a atitude dele em relação a seu pai.⁵ Depois que os oficiais partiram, os remanescentes do grupo

foram liberados para sair às ruas. “Alex e eu continuamos passando a maior parte do tempo juntos”, recordou ela. “Mas, de alguma maneira, percebi que ele sabia que tudo aquilo havia acabado, que eu tinha que retornar ao meu lugar, onde minhas energias seriam mobilizadas para reconstruir minha família devastada.” Payne Best fez uma reparação breve e tentou levantar o moral do grupo, pedindo paciência e prometendo que faria o máximo possível para agilizar o encontro de todos com suas famílias. Ele se empenhou especialmente por Fey, que percebia estar seriamente abalada. “Ela estava absolutamente enlouquecida por causa de seus dois garotos”, observou. Então, no café da manhã, ele a apresentou ao major do Exército dos Estados Unidos encarregado do grupo. Não havia muita coisa que aquele americano pudesse fazer para ajudar, mas, como sublinhou Payne Best, “trouxe conforto para ela conversar sobre o problema com alguém que parecia ter autoridade. E como era uma mulher muito bonita, ele a ouviu atenciosamente”.⁶

Mas Fey também tomou a iniciativa. Assim que pôde, foi à agência dos correios da ilha e mandou um telegrama para Detalmo em Roma, dando o seu paradeiro e pedindo que viesse buscá-la. Ela não tinha ideia se o marido ainda estava por lá, ou mesmo se estava vivo, pois há longos meses um não tinha notícia do outro. Mas, para sua alegria suprema e espanto, já no dia seguinte ela recebeu a resposta de Detalmo dizendo que estava indo a Capri apanhá-la. Naquela manhã, ela mal pôde se conter, andando de um lado para outro fora do hotel, procurando por ele. Então, subitamente, lá estava Detalmo, e eles se beijaram. As palavras se embaralhavam enquanto tentavam contar um ao outro o que tinha acontecido naquele um ano e meio de distanciamento.

Detalmo ficou visivelmente chocado ao saber do destino dos filhos. Não fora informado de que os meninos tinham sido levados e esperava encontrá-los com Fey no hotel. Mas tentou manter a calma e garantiu que a Cruz Vermelha ou o Vaticano os ajudaria a encontrá-los. “Apesar de sua convicção exterior, vi em seus olhos a mesma aflição que por tantos meses me havia assolado”, recordou Fey.

Naquela noite, depois de se mudarem para um hotel mais confortável, eles ofereceram um jantar para os amigos especiais de Fey no grupo — os Stauffenberg, Hofacker e Hammerstein. Infelizmente, muitos deles pareciam estar com pouco apetite. Estavam tão acostumados a esperar que a comida acabasse que tinham jantado no hotel antes de sair. Entretanto, a noite foi um

grande sucesso. Estimulados pela fartura de vinho, todos discursaram, inclusive Detalmo, que Fey achou um dos melhores. Ele concluiu sua fala dizendo que, tendo conhecido todos ali, lamentava do fundo de seu coração não ter sido preso junto com eles. O sentido de seu comentário ficaria claro para o casal apenas mais tarde, quando o abismo que separava agora marido e mulher se tornava, por vezes, intransponível.

No final do jantar, Fey sentiu um terrível nó na garganta. Deveria mesmo se separar destas pessoas que aprendera a admirar? Especialmente de Alex? “Como poderá ele enfrentar a vida dura que o aguarda, sem esposa, família ou um lar?”, refletiu. “O pensamento era doloroso, mas eu precisava ter confiança no meu futuro na Itália com Detalmo. E esperar que Alex compreendesse isso.”⁷

Na manhã seguinte, Fey e Detalmo embarcaram para o continente. Alex não apareceu para se despedir, mas Fey segurava um poema nas mãos, o último de vários que ele escrevera para ela.

A lua brilha do céu luminoso
Sobre os jardins inebriantes do sul
E toca meu coração triste
Enquanto ceiam os amigos, a despedida apunhala e confunde,
Escondida amargamente pela alegre multidão — sopra forte
o vento do deserto

Tremendo e cambaleante, duas coisas me mantêm vivo,
São meu fio de esperança na noite de dor.
Com sede, sorvo intensamente
Fundo em meu peito, seu coração que bate

Você é minha, grito para os ventos,
O mar, em espumas azuis, se choca contra as rochas
E você ouvirá meu chamado nesta noite cruel de verão.

Sonho agora com os tempos sombrios
Em que a felicidade irreal possuiu meu coração,
Em que uma ninfa, numa floresta das Dolomitas, com sua varinha de condão

Tocou em mim e me deu esperança.⁸

Quando o barco partiu do cais, Fey escreveu: “Sinto meu coração se partindo em mil pedaços. Meus nervos estão em frangalhos. Por tempo demais procurei manter minhas emoções sob controle.” E, finalmente, ela desabou e chorou. Detalmo não sabia como confortá-la. Ela deixava para trás amizades e um amor sedimentados de forma tão profunda que, diante deles, seus relacionamentos antigos pareciam vazios. Fey tinha aprendido, como muitos ao longo das duras provações desta guerra terrível, que era possível amar pessoas ainda mais profundamente do que a um pai, um marido, um filho, um irmão ou uma irmã.

Já no continente e empenhado em acalmá-la, Detalmo levou-a para almoçar num pequeno restaurante napolitano de frente para o mar. Normalmente, ela acharia aquele lugar encantador, mas não hoje. Detestou cada minuto ali. Acima de tudo, detestou o violinista e a maneira como ele cantava “com aquele sentimentalismo artificial para agradar turistas, e lágrimas falsas nos olhos”. O sol refletia nas águas calmas do Mediterrâneo e ela finalmente encontrara o marido. No entanto, aquilo tudo parecia horrivelmente fora de contexto. “Sofrimento nem sempre é tristeza, Fortuna nem sempre é alegria.” As palavras de Goethe, que estavam entre as preferidas de Alex, ecoavam em sua mente. A libertação significava que ela se sentiria terrivelmente só por um longo tempo.⁹

Milhões em toda a Europa experimentavam sofrimentos parecidos. A separação e destruição de famílias faziam parte da guerra, mas sob o jugo nazista estavam mais nítidas que nunca.

Em Feldafing, Francesca Wilson ajudava a reagrupar os cacos de famílias destruídas. Quando tinha sucesso, era como se um raio de luz iluminasse subitamente uma paisagem escura e desolada. Ela acreditava firmemente na democracia, e não apenas dentro da UNRRA, cujas equipes se reuniam sempre para discutir os assuntos e buscar soluções, mas também em relação às pessoas que precisavam de ajuda. Elas deveriam ser consultadas em tudo que lhes dissesse respeito. Atitudes autoritárias, escreveu ela, convicta, faziam parte do passado. Francesca entendia que a cooperação dos refugiados deveria ser

buscada desde o início. “De outra maneira, eles se transformarão rapidamente em indigentes.”¹⁰

Certo dia, um jovem judeu polonês do campo chamado Joseph foi até o escritório de Francesca pedir ajuda. Sua irmã e sua prima moravam em Budapeste, e por muito tempo ele pensara que estivessem mortas, mas alguém lhe havia dito que elas estavam vivas, internas no campo de um aeródromo próximo a Landsberg, uma cidade da Bavária a 80 quilômetros dali. A essa altura, Francesca já tinha conseguido requisitar um carro de alguns alemães. “Eu disse que o levaria a Landsberg”, escreveu. “Havia um grande campo lá e eu queria uma lista de seus internos para afixar em Feldafig.”

Eles vasculharam o aeródromo por uma hora sem sucesso, até que encontraram um sargento americano. “Aquelas duas senhoras judias?”, perguntou ele. “Foram embora ontem. Estão morando com camponeses na cidade. É melhor procurarem por lá.”

Num estábulo próximo a uma casa de fazenda, Francesca e Josef encontraram um velho casal ordenhando vacas. “Minha irmã Judith está aqui?”, perguntou Josef. O homem parou o que estava fazendo. “Judith é sua irmã? Então”, concluiu, apertando calorosamente a mão do rapaz, “você deve ser Josef. Ela pensa que você está morto”. Sua esposa completou: “Elas foram embora ontem. Para os horrorosos alojamentos de Landsberg. Acham que, estando lá, serão repatriadas mais rápido.”

Os alojamentos de Landsberg consistiam em três prédios enormes abarrotados com 5 mil pessoas de vinte nacionalidades diferentes. Era guardado por sentinelas americanos, e apenas alguns internos tinham permissão para sair a qualquer momento. Francesca não encontrou vestígio algum das duas jovens em qualquer lista, mas de qualquer maneira eles entraram para procurá-las. A tarefa parecia impossível. “Mas Josef não desistia fácil”, lembrou Francesca, “e, de repente, nós abrimos uma porta e lá estavam elas. Num momento, irmão e irmã estavam nos braços um do outro”.

Se Robert Reid descrevera as peregrinações dos deportados pela Europa com imagens bíblicas, Francesca sentia que estava vivenciando algo medieval:

Havia algo naquela cena que remontava ao mundo antigo, ou pelo menos a uma era anterior às cartas, aos telegramas, aos trens e a todas as comunicações do nosso mundo moderno. Era uma cena banal — um irmão encontrando uma irmã —, mas também

milagrosa, a ponto de fazê-los sentir que as luzes do mundo se acendiam novamente. Isso me dava a medida do quanto a Europa tinha retornado à Idade das Trevas.

Judith e sua prima Polly tinham sido deportadas de Budapeste e passaram vários meses em Dachau. Depois de libertadas, moraram e trabalharam, felizes, na fazenda daquele casal de camponeses bávaros, antes de se incorporarem ao campo de desalojados de Landsberg. Não havia ainda nenhum indício do começo das repatriações para a Hungria. Assim, depois de convencer as duas mulheres a voltarem para a fazenda, com a promessa de que Josef se uniria a elas o mais breve possível, Francesca levou-as de volta em seu carro. “Nem Josef nem as moças acharam estranho que o destino os tivesse guiado para a casa de alemães tão gentis”, observou ela. Muitas vítimas de Dachau, percebeu, mencionavam alemães bondosos. Com frequência, os sentimentos mais amargos eram dirigidos aos compatriotas que os haviam traído. “De todos os pecados”, pensou Francesca, “a traição é o mais difícil de perdoar”. Não era a primeira vez, desde que desembarcara no continente, que ela chegava a essa conclusão.¹¹

A reunião de Josef e Judith foi um interlúdio luminoso naquele difícil e sombrio mês de maio. Muitas iniciativas progrediam bem: a maior parte dos europeus ocidentais tinha sido repatriada rapidamente para Bélgica, França ou Holanda; o médico da equipe de Francesca conseguira controlar em pouco tempo o problema do tifo; as condições sanitárias do campo haviam melhorado e as carências nutricionais das crianças estavam sendo atendidas; e Zina trabalhava duro com os russos. Francesca, no entanto, achava uma parte daquele trabalho frustrante. E isso porque a UNRRA tinha muito pouca autonomia. As coisas mais importantes estavam sob o controle dos militares. Era assim em todos os lugares da Europa, e isso fazia parte dos protocolos que levaram à criação da agência. Nos primeiros meses de paz, era óbvio que somente o Exército disporia dos meios de transporte e equipamentos para lidar com os problemas. As equipes humanitárias estavam lá para ajudar, e não para atuar como unidades independentes.

Em Feldafing, o tenente Smith exercia o controle sobre toda a comida e os equipamentos, monopolizava os meios de transporte e mantinha na retaguarda uma grande equipe sem vínculo algum com Francesca e a UNRRA. Nessas circunstâncias, ela achava que parte do seu treinamento tinha sido pouco mais

que um castelo nas nuvens. Por exemplo, aprendera a montar uma central de informações. Mas qual era a utilidade disso, reclamou, se não havia informações para dar? Todos os dias alguém queria saber como conseguir um visto para os Estados Unidos, a Palestina ou a Austrália, ou como reencontrar um parente. Ela passava horas anotando nomes e detalhes sobre pessoas vistas pela última vez em Theresienstadt, Auschwitz ou algum outro lugar tenebroso. Mas, até o momento, não existia uma central de buscas, então o melhor que ela podia fazer era circular suas listas pelos outros campos da região.

Um dos aspectos mais perturbadores e inesperados de seu trabalho era cruzar com internos que não queriam ir para casa. Ninguém a havia treinado para isso. Um dia, ela perguntou a um judeu lituano por que ele não queria voltar para sua terra e o homem respondeu:

Eu morava na capital, Vilna, numa rua onde viviam muitos judeus, mas os nazistas levaram meus pais, meus irmãos e minhas irmãs, e todos foram para as câmaras de gás. Não me sobraram parentes. E não creio que vou encontrar algum amigo nas ruas. Eu não conseguiria voltar para minha cidade com tantas memórias terríveis. Quero sacudir a poeira da Europa e começar vida nova em outro lugar.¹²

No último dia de maio, Francesca sentou diante da máquina de escrever e descarregou suas frustrações no diário. Era um dia chuvoso e úmido, o que contribuía para aquela sensação de desânimo. Estranhamente, o dinamismo e a energia do tenente Smith haviam se tornado parte do problema. Ele era tão organizado e proativo que parecia haver pouco espaço em sua agenda para Francesca e os outros. E como ela era obstinada, tornou isso ainda pior. “É difícil abrir caminho para alguém deste jeito, embora haja tanto o que fazer”, reclamou ela. “Jamais em minha vida trabalhei sem ter acesso aos suprimentos [...] Mas aqui parece haver toda uma hierarquia de pessoal controlando essas coisas, e não sinto prazer algum em ir até eles para passar o chapéu.” Ela achava especialmente frustrante não conseguir sequer montar e pôr em operação uma oficina de costura. “É uma situação embaraçosa”, concluía, “e cada vez mais tenho a sensação de que Smith não nos quer aqui...”.¹³

Havia uma notícia auspiciosa, porém. Naquele dia, o capitão Paisley chegara de Tutzing com um colega, também capitão, encarregado dos prisioneiros de guerra alemães. Até ali, os prisioneiros vinham sendo mantidos isolados por cercas de arame farpado, mas, agora, explicaram os dois americanos, muitos

seriam libertados para trabalhar na agricultura. Os exércitos de ocupação estavam começando a se preocupar com a situação alimentar da Alemanha no inverno seguinte e precisavam do máximo de mão de obra possível na colheita. Aquilo era um pequeno e esperançoso sinal de retorno à normalidade.

A alguns quilômetros dali, entretanto, acabava de ser encenado o último ato daquilo que havia se tornado uma terrível normalidade durante o regime nazista.

Kaufbeuren é uma pitoresca cidadezinha da Bavária com cerca de 40 mil habitantes e uma impressionante muralha do século XII. Um de seus festivais históricos mais conhecidos é o Tanzelfest, um espetáculo representado por mais de 1.500 crianças que relembra a visita do imperador Maximiliano à cidade em 1497. Como em tantos lugares encantadores da Europa de Hitler, porém, ali também se guardava um segredo terrível. A instituição mental de Kaufbeuren era uma das dezenas na Alemanha do Terceiro Reich onde crianças e adultos com deficiência física e mental eram sistematicamente assassinados.

Obcecados com a miragem da pureza racial e da perfeição física, os nazistas começaram a eliminar os deficientes — ou, segundo eles, “a vida que não vale a pena ser vivida” — no final da década de 1930. Por fim, as notícias destes homicídios vazaram e, em agosto de 1941, o bispo católico de Münster fez um sermão indignado denunciando os crimes. Um clamor público se seguiu, e Hitler interrompeu o programa. Mas isso se aplicava apenas ao método de assassinato por gás. Os especialistas envolvidos simplesmente deslocaram sua perícia letal para os campos de extermínio e outros centros, como o Risiera San Sabba, em Trieste.

Os asilos e hospitais, por sua vez, passaram a matar os deficientes por medicação letal e fome forçada, e a matança de crianças prosseguiu durante toda a guerra. O diretor em Kaufbeuren, dr. Valentin Falthammer, era um adepto entusiástico do programa e com orgulho introduziu aos pacientes uma dieta não calórica cuidadosamente concebida, que garantia sua morte e ainda economizava em remédios. A taxa de mortalidade cresceu de tal maneira que a direção do asilo proibiu o badalar dos sinos nos enterros para não chamar a atenção da população.¹⁴

Kaufbeuren tinha capacidade para 3 mil internos. Suas vítimas, todas elas alemãs, vinham dos mais variados pontos do Reich de Hitler. O Exército dos

Estados Unidos chegou à cidade seis dias após a morte do ditador e prendeu Falhammer, mas como havia sinais de “Tifo!” espalhados por toda parte, os soldados não se aventuraram no interior da instituição. Ali, os médicos continuavam com o programa de eutanásia, como se a rendição da Alemanha e o Dia da Vitória nunca tivessem acontecido. Na terça-feira, 29 de maio de 1945, a enfermeira-chefe da ala infantil, irmã Worle, aproximou-se do leito de um menino de 4 anos e o matou com uma injeção letal. A hora da morte foi registrada como 13h10. A enfermeira sabia o que estava fazendo, pois já havia matado mais de duzentas crianças da mesma maneira. O menino, Richard Jenne, fora classificado meses antes como “débil mental idiota” e levado à inanição quase completa antes de receber a injeção. Em seu atestado de óbito, a causa de morte registrada era o tifo. Três semanas após o fim da guerra empreendida para destruir o nazismo, o pequeno Richard Jenne foi provavelmente a última pessoa levada à morte pela máquina de extermínio de Hitler. O hospital ficava a menos de 800 metros do quartel-general americano na cidade.

Ainda mais impressionante que o fato de os nazistas continuarem matando após o fim da guerra é que isso só tenha sido descoberto no começo de julho, quando finalmente o pessoal médico dos Estados Unidos entrou no hospital. “O que seus olhos encontraram estava além da imaginação”, escreveu um historiador. Cerca de 1.500 pacientes doentes, confinados na mais absoluta esqualidez [...] e um necrotério sufocante repleto de corpos que não haviam sido enterrados e não podiam ser descartados com rapidez, pois o crematório novinho em folha inaugurado em novembro de 1944 tinha sido fechado.”¹⁵

“Vai acontecer alguma coisa comigo?”, perguntou a enfermeira-chefe, parecendo surpresa de que alguém pudesse pensar que havia algo errado ali. A essa altura, entretanto, a imprensa mundial já estava saturada de histórias sobre as atrocidades nazistas. O *Times*, por exemplo, noticiou os assassinatos no pós-guerra em Kaufbeuren com uma manchete bastante sensacionalista — “Novo campo de morte alemão é encontrado. Assassinatos continuam” —, mas dedicou à história apenas trezentas palavras, parafraseando o relato da Reuters sobre o caso. O necrotério abrigava cadáveres de homens e mulheres, mortos entre 12 e 36 horas antes da entrada dos americanos, que chegavam a pesar apenas 27 quilos. Entre as crianças ainda vivas estava um menino de 10 anos

pesando somente 10 quilos e com panturrilhas de apenas 6,5 centímetros de diâmetro.¹⁶

Na Alemanha do final da guerra havia em torno de 12 milhões de desabrigados que precisavam de cuidados. No resto da Europa, alguns outros milhões estavam malnutridos, desalojados e procurando desesperadamente por parentes perdidos. Como Francesca Wilson aprendia agora em Feldafing, e como Fey von Hassell sabia por experiência pessoal, entre as vítimas da guerra estava uma proporção muito alta de crianças. Por todo o continente, grupos selvagens de crianças catavam comida, se uniam aos soldados para ganhar sobras, vagavam por campos de concentração e de refugiados, percorriam as estradas e esperavam para ser devolvidas a seus pais. Por toda parte, observou um historiador, “crianças que foram escondidas durante anos, forçadas ao silêncio e à escuridão, emergiam à luz para interagir com um mundo estranho. Muitas delas, mandadas em idade tenra de nações ocupadas para famílias do Reich, com o objetivo de serem ‘germanizadas’, permaneceriam escondidas até que tudo terminasse, e algumas nunca descobririam quem realmente eram”.¹⁷

Muitos daqueles diretamente envolvidos nos assassinatos por eutanásia preferiram se matar a se submeter à justiça aliada. Em Kaufbeuren, o chefe da equipe médica foi capturado, mas seu assistente se enforcou um dia antes de os americanos finalmente reunirem coragem para entrar no asilo. Odilo Globocnik era outro caso em questão. No último dia de maio, ele foi capturado pelas forças britânicas numa cabana com vista para o Weissensee, na Caríntia. Mais tarde, no mesmo dia, conseguiu se matar, ingerindo uma pílula de cianureto que seus captores não haviam encontrado durante a revista.¹⁸ Nisso, ele estava seguindo o exemplo de seu mestre na SS, Heinrich Himmler.

Após deixar o gabinete de Dönitz em Flensburg, Himmler rumou para o sul em direção à Bavária. Com ele estavam alguns de seus mais destacados auxiliares na SS, como o dr. Karl Brandt, outrora conselheiro médico de Hitler; Otto Ohlendorf, chefe do esquadrão da morte Einsatzgruppe na Rússia; e o próprio conselheiro médico de Himmler, dr. Karl Gebhardt. No total, o grupo chegava a 15 pessoas. Os documentos falsos os identificavam como suboficiais exonerados da Polícia Militar Secreta. Na nova carteira de identidade, Himmler era o sargento reformado Heinrich Hitzinger, de uma companhia de blindados

especial subordinada à Polícia Secreta de Campanha, que fora desmobilizada em 3 de maio de 1945.¹⁹

Ao atingir o Elba, eles abandonaram seus carros, contrataram um barqueiro para atravessar o rio e prosseguiram a pé, a fim de se misturar à confusão generalizada. Milhares de soldados alemães desarmados perambulavam pela região e acampavam ao ar livre, de forma que ninguém reparou naquele grupo de homens com uniformes surrados. E ninguém parecia reconhecer Himmler sem o bigode e os óculos característicos, e ainda mais usando um tapa-olho preto.

Por fim, na sexta-feira, 18 de maio, eles alcançaram a pequena cidade de Bremervoede, onde se alojaram durante quatro dias numa fazenda. Havia um posto de controle britânico na ponte que eles precisavam atravessar, e dois membros do grupo decidiram tentar passar. Foi uma escolha ruim, pois o posto de controle funcionava também como um centro avançado de inteligência montado pela Segurança de Campo, que estava à procura de nazistas proeminentes e criminosos de guerra. O grupo havia feito outra escolha fatal no que dizia respeito às identidades falsas. A Polícia Militar Secreta havia passado ao controle do principal órgão de segurança do Reich, o Reichssicherheitsdienst, ou RSHA, que fazia parte da SS em 1944, e por essa razão estava na lista de “Procurados” da inteligência aliada. Até mesmo militares de baixa patente da instituição, como suboficiais, deveriam ser imediatamente presos tão logo identificados.

Assim, ao mostrar seus documentos, os dois homens foram conduzidos a um posto de segurança num moinho de farinha a fim de serem interrogados por oficiais da inteligência. Os homens da SS revelaram que havia outros do grupo nas imediações, mas que estariam doentes. Deliberadamente convencidos de que estava tudo bem, foram mandados de volta para resgatá-los com dois caminhões e uma escolta do Exército. Ao retornar, foram separados, interrogados individualmente e presos. Naquela mesma noite, foram mandados a um campo de internação civil ao sul de Lüneburg, para investigações posteriores. Neste momento, suas identidades verdadeiras ainda permaneciam desconhecidas. Antes de partir, porém, alguns do grupo revelaram que três de seus membros tinham sido deixados na fazenda. Um pelotão retornou ao local e não encontrou ninguém, então a Segurança de Campo expediu um alerta às tropas da região para que ficassem alertas.

Um desses três homens era Himmler. O motivo de não ter embarcado com os demais nos caminhões para cruzar o rio permanece um mistério, mas, talvez, seus apurados instintos de preservação o tenham levado a farejar uma armadilha. Em todo caso, depois de se esconder pelas 24 horas seguintes, ele e seus dois acompanhantes tomaram novamente a estrada para o sul. Mas, desta vez, Himmler usava trajes civis e uma capa de chuva azul.

O passeio, no entanto, foi curto. Enquanto caminhavam pela rua principal de Bremervoede, uma patrulha móvel do Exército os deteve, rendeu e conduziu ao moinho. Ao entrar na sala, o intérprete da Segurança de Campo viu o homem da capa de chuva desconsolado sentado no chão. “Ele está com dor no estômago”, declarou um dos acompanhantes. Então, no estilo típico do Exército britânico, serviram a ele uma xícara de chá. Naquela noite, os três homens dormiram no chão antes de serem levados de caminhão para se juntar aos outros no campo civil.

Até ali, Himmler não fora identificado, mas, assim que entrou no campo de internação, foi reconhecido por outro nazista de alta patente, Karl Kaufmann, ex-prefeito de Hamburgo. Himmler sabia agora que o jogo estava próximo do fim e pediu para ver o comandante. Ao ser introduzido no escritório, tirou o tapa-olho, colocou seus óculos e, com uma voz tranquila, disse simplesmente: “Heinrich Himmler”.

Em meia hora, um oficial da inteligência britânica chegou ao campo para confirmar sua identidade. Três horas depois, Himmler foi posto no banco traseiro de um carro e levado até Lüneburg, para uma casa reservada aos prisioneiros de alta prioridade. Ele já fora despido e revistado duas vezes. Foram achados com ele dois pequenos estojos de bronze. Um deles continha um frasco de vidro que foi confiscado; o outro estava vazio. Com a suspeita de que o frasco ausente pudesse estar escondido na boca do prisioneiro, foi chamado um médico experiente para revistá-lo mais uma vez. No mesmo prédio, alguns dias antes, um oficial de alta patente do SS, o Obergruppenführer Hans Prutzmann, chefe da organização dos Lobisomens, cometera suicídio ao ingerir veneno escondido num isqueiro.

Às 22h45 de quarta-feira, 23 de maio, Himmler foi levado até o médico militar. “Fui gentil e respeitoso”, lembrou o médico, “e ele, calmo e cooperativo”. Ele examinou todos os orifícios corporais e nada encontrou. Então, casualmente, pediu a Himmler que abrisse a boca. Perscrutando seu

interior, avistou na mesma hora “um pequeno objeto azul em forma de seio” na bochecha do prisioneiro. Rapidamente, enfiou seu dedo para retirá-lo. Mas, ao fazer isso, Himmler mordeu o dedo do médico, afastou sua mão para longe e balançou a cabeça para o lado. Então, com um sorriso de desdém, esmagou o frasco entre os dentes e respirou fundo. Seu rosto imediatamente se contorceu, seus olhos ficaram vidrados e ele desabou no chão.

Esforços frenéticos foram feitos para reanimá-lo. “Nós imediatamente aprumamos o velho bastardo”, lembrou um oficial britânico no comando, “e enfiamos sua boca numa bacia de água para tentar remover o veneno. Gemidos e grunhidos terríveis saíam daquele porco”. O médico também tentou fazer respiração artificial e pediu estimulantes cardíacos com urgência. Mas nada adiantou. Heinrich Himmler morreu às 23h14 daquela noite, apenas 15 minutos depois de esmagar a cápsula mortal.

Ninguém no alto-comando pareceu perturbado com isso, e o brigadeiro Edgar Williams, oficial-chefe da inteligência de Montgomery, apenas tomou um drinque quando ouviu a notícia. Este desfecho despertou sentimentos na cúpula. Apenas três semanas antes, quando Himmler tentava negociar, Churchill havia declarado, reservadamente, que eles deveriam considerar a oferta e, então, “eliminá-lo mais tarde” — uma visão condizente com sua antiga convicção de que todos os chefes nazistas deveriam ser fuzilados sem julgamento. Com seu suicídio, Himmler tinha livrado os britânicos deste aborrecimento.²⁰

A questão agora era como se desvencilhar do corpo. A última coisa que os Aliados queriam era ver fanáticos nazistas exumando o cadáver, pois naquele momento ninguém sabia se o nazismo estava morto e enterrado ou não. “Enterrem o corpo amanhã de manhã cedo”, ordenou o coronel Michael Murphy, chefe de inteligência do II Exército britânico. O mínimo de pessoas possível, ordenou ele, deveria conhecer a localização.

Em seguida, com o corpo de Himmler autopsiado e fotografado em detalhes, o comandante britânico e seu sargento o enrolaram em dois cobertores, depois em duas redes de camuflagem e amarraram o pacote com fios de telefone. Na sequência, “levamos o cadáver num caminhão para seu último passeio”, escreveu o oficial laconicamente em seu diário. “Foi um inferno encontrar um terreno solitário. Por fim, achamos um lugar, abrimos uma cova e atiramos ali o embrulho velho.”

Foi este o fim de Heinrich Himmler, lançado com desprezo numa sepultura não identificada, como os milhões de vítimas que havia feito. O prédio onde se matou foi transformado mais tarde num asilo de velhos. Seu nome era Lebensabend — “O anoitecer da vida”.

O mundo soube de sua morte pela BBC na noite de quinta-feira, 24 de maio. Coincidentemente, foi a última irradiação internacional do transmissor de guerra de alta potência MCN (“Mike, Charlie, Nan”), montado próximo a Bruxelas em setembro de 1944 para levar as notícias dos correspondentes de guerra ao mundo. Desde então, ele havia transmitido milhares de coberturas ao vivo de repórteres ingleses, americanos, canadenses, australianos, franceses e belgas, incluindo a reportagem sobre a rendição dos alemães a Montgomery. “O MCN está sendo desativado”, anunciou o renomado repórter da BBC Chester Wilmot em sua transmissão de encerramento no dia seguinte. “A guerra na Europa está terminada e seu trabalho foi feito.”²¹

Para Leonard Linton, porém, a guerra estava longe de acabar. A 82ª Divisão Aerotransportada de Gavin ficou estacionada em Ludwigslust até o meio de junho e, ali, o jovem americano de 23 anos prosseguia em sua tarefa de ajudar a amenizar as ásperas relações cotidianas com o Exército Vermelho.

Em seu segundo dia na cidade, ele dirigia seu jipe próximo ao palácio quando avistou um blindado soviético. Ao lado do tanque, um oficial russo de bigode parecia perdido. Linton se aproximou e ofereceu ajuda em russo. O oficial ficou surpreso e lhe perguntou onde e como havia aprendido o idioma. Linton contou a ele. O oficial, então, recuou como se ele tivesse uma doença contagiosa. “Então”, respondeu agressivamente, “eles eram traidores da Guarda Branca”.

“Eles” eram os pais de Linton, ambos refugiados e exilados da Revolução Bolchevique de 1917. Sua mãe era de Saratov, no rio Volga, e seu pai da região de Odessa. Eles se conheceram em Yokohama, no Japão, e Linton nascera ali, no dia de Ano-Novo de 1922. Pouco tempo depois, a família se mudou para Berlim. Sua mãe era cristã ortodoxa e seu pai, judeu. Depois que os nazistas chegaram ao poder, eles se mudaram rapidamente para Paris. Cinco anos mais tarde, no final do verão de 1938, pouco antes da Crise de Munique, se mudaram de novo. Viajando com passaportes “Nansen” — documentos expedidos para refugiados sem pátria da Primeira Guerra pelo explorador e

posterior filantropo norueguês Fridtjof Nansen, ganhador do Prêmio Nobel da Paz —, eles embarcaram no transatlântico *Ile de France* no porto de Le Havre, chegaram a Nova York e se estabeleceram em Manhattan. Foi então que adotaram o nome “Linton”, que soava bem em inglês e podia ser entendido por qualquer um.

Portanto, se Leonard Linton tinha uma língua “estrangeira”, essa língua era o inglês. No colégio, em 1938, ele aprendera o inglês de Oxford e o achava interessante para “fiscar” nova-iorquinas. Ele tinha muita facilidade para línguas. Depois de um período na New York University (NYU), transferiu-se para a Columbia e formou-se em física. Ainda era tecnicamente um apátrida quando foi convocado pelo Exército e mandado para treinamento básico em Camp Wheeler, em Macon, na Geórgia. Foi somente em outubro de 1943, na corte distrital de Macon, que ele se naturalizou cidadão norte-americano. Era essa a típica história do jovem que agora se defrontava com um oficial do Exército Vermelho nos quintais do palácio de Ludwigslust.

Linton dificilmente ficava sem palavras, mas a observação hostil do oficial russo lhe tirara a respiração. Ele rapidamente mudou o rumo da conversa e explicou ao homem que fazia parte de uma unidade do governo militar. Diante disso, o oficial soviético se tornou um pouco mais civilizado e revelou que estava vindo estabelecer a linha demarcatória entre os americanos e as forças do Exército Vermelho. Sacou um mapa de uma mochila de couro pendurada no ombro, pegou o lápis que carregava na orelha e traçou uma linha no papel. “Vamos entrar em acordo sobre esta linha demarcatória e recuar cada um de nós um quilômetro desta linha.” Linton ficou chocado. A demarcação do russo ignorava indicadores topográficos básicos como estradas e canais, assim como quaisquer divisas administrativas. Depois de uma discussão áspera, o oficial soviético subiu em seu blindado, fechou a escotilha e partiu.

Não era um bom começo, e a questão, no final das contas, só foi resolvida depois que Gavin e seu gabinete convidaram os russos para uma conversa regada a champanhe e conhaque. Então, Gavin se dirigiu ao posto de comando soviético em Grabow, a cerca de 8 quilômetros. “Foi uma tremenda experiência!”, registrou o comandante em seu diário naquele dia.

Agora entendo por que os alemães não queriam se render a eles. Eles chutavam vidraças de lojas, saqueavam tudo [e] rolavam grandes barris de vinho até a praça da cidade, onde qualquer um que chegasse com uma caneca podia enchê-la. Depois saíam bêbados pelas

ruas interceptando veículos [...] Eram muito entusiasmados e muito grosseiros com os alemães.

Ele também percebeu a excepcional quantidade de equipamentos militares americanos que os russos possuíam — como resultado dos generosos empréstimos de guerra americanos.²²

Linton também já havia testemunhado o comportamento tempestuoso e alcoólico dos combatentes soviéticos. No dia anterior, em seu jipe, quase colidira com dois russos bêbados que dirigiam um Volkswagen militar alemão recém-liberado. Seguindo com eles até Grabow, ele viu soldados e oficiais do Exército Vermelho no meio da rua dando tiros para o ar. Mas nem todos estavam embriagados ou fora de controle. No dia seguinte, ao voltar para negociações adicionais sobre a linha demarcatória, Linton viu todos se apurarem rapidamente diante da chegada de um capitão impecavelmente uniformizado, usando bordado verde no quepe e nas dragonas. Era o oficial da Polícia Secreta soviética (NKVD). Cada unidade do Exército Vermelho contava com um ou mais deles. “Pude perceber o medo que os outros oficiais tinham desse capitão”, escreveu.²³

Com seu russo fluente, Linton se viu lidando tanto com o Exército Vermelho quanto com os assuntos civis alemães. Na maioria das vezes eram oficiais soviéticos que apareciam para visitas sociais. Para Linton, eles tinham muita curiosidade sobre a vida na América. “Como os trabalhadores americanos realmente vivem?”, costumavam perguntar. “Quanto ganham?” Algumas vezes chegavam com câmeras, para tirar fotos com os americanos e mandar para casa. Havia sempre muita vodca, cordialidade e sorrisos. Havia também, observou Linton, o que os comediantes berlinenses da era nazista costumavam chamar de “*der Deutsche Blick*” (o olhar alemão). Era um golpe de vista medroso sobre os ombros, em busca da presença da Gestapo. Quando os bordados verdes apareciam, os soldados vermelhos simplesmente calavam a boca.

Linton achou isso vantajoso em uma ocasião. “Linton, o quartel-general da Divisão está sem energia”, avisou seu oficial comandante um dia, depois de receber um telefonema urgente. “Resolva logo isso.”

Ele foi até a antiquada usina elétrica e encontrou alguns técnicos alemães franzindo a testa sobre uma pilha de desenhos de circuitos elétricos. Muitas

interrupções de energia tinham acontecido antes, mas os reparos sempre foram feitos. Desta vez a coisa era mais séria e complicada. “Quem pode consertar isso?”, perguntou Linton.

Eles deram de ombros. “Apenas o chefe”, veio a resposta.

O chefe morava em Grabow e não tinha autorização para cruzar a linha demarcada. Linton correu até o posto de comando soviético e pediu permissão — que foi recusada. Informaram a ele que esse tipo de documento não era concedido a civis. As autorizações viriam somente de escalões superiores.

Frustrado, Linton voltou à usina e olhou novamente os circuitos. Notou que um dos que ainda estavam funcionando alimentava Grabow. Então, mandou que o desligassem. Depois de aguardar um pouco, retornou ao posto de comando soviético, onde encontrou o oficial sentado à mesa com uma vela acesa. Dez minutos depois, recebeu uma autorização verbal para levar o chefe da usina a Ludwigslust, e o problema foi rapidamente resolvido.

De seus encontros prévios com os soviéticos, Linton havia aprendido uma lição fundamental. “Eu não conseguia entender a dificuldade que todo mundo tinha em negociar com os soviéticos”, escreveu. “Contanto que você tivesse uma proposta vantajosa a fazer e, acima de tudo, a solução nas suas mãos, a coisa [funcionava].”²⁴

Mas lidar com o Exército Vermelho não significava apenas uma dura barganha. De vez em quando, havia momentos de exuberância quase surreal. Um dia, Linton recebeu outro telefonema urgente, lhe dizendo para ir até a estação ferroviária o mais rápido possível. Uma patrulha da polícia militar alertara sobre uma locomotiva a vapor com homens do Exército Vermelho aterrorizando mulheres alemãs. Convencido de que estava prestes a se deparar com uma cena de estupros e saques, ele pegou sua arma e acelerou até o local. Mas o que seus olhos viram foi uma cena espantosa e totalmente diferente. Diante de uma grande casa com um gramado e árvores altas, havia uma locomotiva a vapor ostentando um grande número de série russo. Estava pintada de um preto reluzente, com algumas bandeirinhas vermelhas na parte dianteira. O metal polido de suas rodas cintilava sob a luz do sol. Atrás dela, havia um vagão. No gramado, vários oficiais do Exército Vermelho sentados pacificamente, fazendo uma refeição que era servida por mulheres que entravam e saíam da casa. Na lateral do gramado, Linton viu uma grande tina

de água, onde outras mulheres lavavam peças de uniforme do Exército Vermelho. Parecia o cenário idílico de uma pintura campestre russa.

Estacionando seu jipe para um retorno rápido, Linton aproximou-se cautelosamente dos oficiais. Para sua surpresa, cheios de entusiasmo e risadas extravagantes, eles apertaram sua mão e o abraçaram. Por acaso sabiam, Linton perguntou polidamente quando as manifestações de afeto enfim cessaram, que estavam em território do Exército dos Estados Unidos? É claro que sim, disseram entre risos, mas só tinham vindo dar uma olhada e estavam gostando; ficariam ali por mais alguns dias e em seguida retornariam à área russa. Além do mais, acrescentaram, ninguém sentiria falta deles por lá, porque eram apenas membros de um batalhão de transporte ferroviário.

Linton não viu sinal algum de assédio às mulheres. Pelo contrário, notou que algumas pareciam olhar para os russos com simpatia. Mais relaxado, ele foi convidado a sentar e compartilhar da comida. Até ali, havia falado em alemão, mas, ao aceitar o convite em russo, começou o pandemônio. Eles lhe estenderam um grande copo de vodka, dizendo, “Beba até o fim!”, e assim ele o fez. O que aconteceu depois não está muito claro. Houve mais brindes — para Eisenhower, Jukov, Truman e Stalin —, garrafas de vinho começaram a aparecer do vagão, as mulheres serviam travessas e mais travessas de salsichões com batata e, de alguma forma, ele esqueceu de perguntar aos russos quando eles planejavam partir. Depois do banquete, tudo o que lembrava era de entrar no jipe, atravessar os trilhos e acordar muitas horas depois, ainda completamente uniformizado e com uma tremenda dor de cabeça.

Pouco tempo depois, começou a circular um rumor entre os oficiais alemães de alta patente com os quais Linton tinha que lidar: a 82ª Divisão Aerotransportada deixaria a área e a entregaria ao Exército Vermelho. No princípio, ele ignorou a notícia, mas logo estava sendo questionado sobre isso por um tenente da polícia com quem trabalhava. Todos sabiam que Linton era o principal contato dos americanos com os russos para assuntos administrativos. Ele não havia escutado nada a esse respeito de seus contatos soviéticos, tampouco seus próprios comandantes haviam comentado algo do gênero, de modo que ele respondeu com firmeza que a história não tinha fundamento.

Apesar disso, o rumor continuava a crescer, fomentado justamente pelos contatos que Linton mantinha com o Exército Vermelho para resolver assuntos

práticos. Uma das preocupações mais constantes eram as permissões de viagem para civis alemães. Quando as condições normalizaram, ele se viu expedindo uma quantidade cada vez maior destes passes. “Os alemães apareciam com as histórias mais criativas e estranhas a fim de obter permissão para ir para outro lugar”, observou. “Um dia, uma garota muito bonita chegou com uma história familiar tristíssima, solicitando permissão de viagem para várias pessoas. Ela começou a chorar e eu lhe disse gentilmente para se acalmar, pois estávamos liberando os passes quase que automaticamente; ela parou de chorar na mesma hora e era só sorrisos. Uma atriz em potencial, pensei.”²⁵

Após algumas semanas de crescente normalidade, Linton foi avisado de que os americanos seriam substituídos por tropas britânicas e mandados de volta para sua base na França. Ele e sua unidade de governo militar permaneceram no local por mais dois dias após a partida do corpo principal dos paraquedistas de Gavin, a fim de entregar o controle da região aos britânicos, que, irritantemente, chegaram com dois dias de atraso. Então, Linton embarcou num pequeno comboio, improvisado com uma limusine Mercedes apreendida, e rumou para oeste. “Deixei aquele lugar com um aperto no coração e preocupado”, escreveu, “pensando em como todas aquelas pessoas — as boas, a moça que encontrei e até mesmo as más — ficariam sem a nossa proteção e nosso cuidado”.

De volta à base da 82ª Divisão na França, muitos soldados e oficiais que haviam reunido pontos suficientes começaram a voltar para os Estados Unidos. Linton imaginou quando se juntaria a eles.

22. "UMA COMÉDIA GROTESCA"

Às 9h30 de 23 de maio, dia em que Himmler mastigou sua cápsula mortal em Lüneburg, três limusines cinza com placas da Wehrmacht deixaram o quartel-general de Dönitz em Flensburg e dirigiram-se ao cais.¹ Ali, estava atracado o *Patria*, luxuoso navio de passageiros alemão da linha Hamburgo-Amerika. A bordo dele encontravam-se os membros de uma missão especial enviada por Eisenhower de seu quartel-general dez dias antes. Com eles, um grupo de oficiais soviéticos. A tripulação era alemã.

No carro da frente ia Dönitz, em seu uniforme de gala de grande almirante. No carro seguinte estava o almirante von Friedeberg, comandante em chefe da marinha alemã, e no terceiro vinha o general Jodl, chefe de operações do alto-comando do país. Quando o comboio chegou ao cais, o ajudante de ordens de Dönitz apressou-se em descer para abrir a porta do carro para o chefe. Empunhando seu bastão com ponteira de ouro, Dönitz dirigiu-se à prancha de acesso ao navio, seguido marcialmente pelos demais. Eles foram conduzidos a um salão espaçoso com uma mesa de madeira coberta por uma toalha branca e, então, convidados a se sentar. Houve uma pausa silenciosa de alguns minutos, após a qual os integrantes da missão aliada entraram no recinto, comandados pelo major-general Lowell W. Rooks, dos Estados Unidos, seguido por seu delegado, um brigadeiro inglês. Os alemães ficaram de pé. Rooks começou a ler um texto que havia preparado de antemão. “Senhores”, disse, “fui instruído [...] a comunicá-los que o Comandante Supremo, general Eisenhower, decidiu, em acordo com o alto-comando soviético, que, hoje, o governo alemão em exercício e o alto-comando alemão devem ser postos sob custódia e todos os seus membros feitos prisioneiros de guerra. A partir de agora, o governo alemão em exercício está dissolvido”.

Dönitz ouviu impassível, registrou uma testemunha, “de pescoço ereto e lábios cerrados, como sempre”. O rosto de Jodl ficou vermelho e ele deixou cair das mãos alguns papéis. Von Friedeberg parecia a ponto de chorar. Rooks perguntou a Dönitz se ele tinha alguma coisa a dizer. “Qualquer palavra minha”, respondeu secamente o grande almirante, “seria supérflua”.

Os três comandantes alemães, agora prisioneiros, foram transportados de volta às suas bases para fazer as malas, sendo em seguida levados para o prédio da polícia de Murwick, que estava cercado por tropas britânicas. Ali, eles receberam a companhia de Albert Speer. O antigo ministro do Armamento de Hitler fora preso no castelo de Glücksburg numa operação simultânea cuidadosamente planejada pelas forças britânicas e uma companhia de segurança de campo belga onde todos falavam alemão. A ação dos Aliados foi tão surpreendente para os sessenta hóspedes do castelo que encontrou Speer sentado na banheira. “Então, está tudo terminado”, comentou ele. “Muito bem. Tudo não passa de uma ópera, no final das contas.”²

Agora, sentado num banco com os outros, Speer aguardava pacientemente enquanto eram todos intimados, um de cada vez, a entrar numa sala, onde passariam por uma revista de corpo inteiro em busca de cápsulas de veneno escondido. Depois, todos foram levados em comboio armado para o aeródromo mais próximo, onde embarcaram num voo que os levou para a prisão e centro de interrogatório aliado em Bad Mondorf, Luxemburgo. O bizarro capítulo final do Terceiro Reich de Hitler chegara, enfim, a seu desfecho.

Era também o fim de um desconfortável interlúdio para os Aliados ocidentais. A existência prolongada de um enclave nazista na Alemanha ocupada começara como uma curiosidade, mas terminara em constrangimento, refletindo imperícia e incerteza na alta cúpula do comando aliado. De acordo com documentos oficiais da rendição, não deveria sequer haver um governo alemão. No entanto, por quase duas semanas, os oficiais aliados na área haviam deixado Dönitz e seu gabinete em paz. Em parte, para evitar um confronto com os soldados armados que guardavam o reduto nazista de Flensburg, o que poderia causar mortes desnecessárias. Mas o reduto fora tolerado também porque Dönitz exercia muito pouco poder ou influência fora de seu minúsculo domínio, sobretudo depois que forças britânicas ocuparam a estação de rádio de onde o almirante insistia em transmitir mensagens para o povo alemão.

Havia, porém, outras razões para os líderes aliados hesitarem em dissolver o remanescente nazista. Churchill, pelo menos, achava que Dönitz e seu grupo poderiam ser úteis. Milhões de militares alemães estavam agora concentrados na zona britânica, dentro e em torno de Schleswig-Holstein, e havia centenas de milhares de soldados alemães fortemente armados na Dinamarca e na Noruega, como se a guerra não tivesse acabado. De que forma eles seriam desarmados e administrados? Mais importante ainda: de que maneira a população alemã como um todo seria controlada e direcionada, em meio ao caos que se abateria sobre a Europa? O primeiro-ministro britânico falou em “deixar as coisas fluírem” por algum tempo, e em usar o governo de Dönitz, incluindo generais alemães capturados, para ajudar a restabelecer a ordem na Alemanha. “Não conheço nem me importo com Dönitz”, escreveu Churchill uma semana após o Dia da Vitória. “Ele deve ser um criminoso de guerra. [...] a questão para mim é: poderá ele convencer os alemães a depor suas armas rapidamente, sem mais perda de vidas? Não temos condição de vasculhar cada gueto e argumentar com cada alemão que é sua obrigação se render ou ser morto.” Churchill perguntou também ao pessoal de seu Ministério das Relações Exteriores: “Vocês querem um instrumento com o qual seja possível manobrar o povo conquistado ou ter de enfiar as mãos num formigueiro agitado?”³

Para Eisenhower, porém, a ideia de negociar com o sucessor de Hitler era abominável e foi sabotada por Rooks e a missão aliada a bordo do *Patria* quando se decidiu que o último governo nazista deveria ser imediatamente desmantelado. Isso não aconteceu apenas porque a sugestão de Churchill estava se mostrando inviável, mas também porque a existência prolongada daquele governo começava a provocar discordâncias entre Washington e Moscou sobre a maneira de lidar com os alemães. Os americanos ainda estavam comprometidos com a política de não fraternização. Os soviéticos, ao contrário, abraçavam os alemães com grande impetuosidade, por vezes até literalmente, e a bordo do *Patria*, relatou Rooks com assombro, um oficial soviético foi visto bebendo e gargalhando com três oficiais alemães em sua cabine. Além disso, a imprensa, sobretudo a dos Estados Unidos, estava ficando cada vez mais hostil com o empreendimento de Dönitz. Já na reportagem sobre sua sucessão a Hitler, duas semanas antes, o *New York Times* havia descrito o grande almirante como alguém “não mais confiável do que

Himmler”, e o *New York Herald Tribune* definira todo o caso como “uma comédia grotesca”. Até mesmo o *Times* de Londres, em geral mais comedido, criticava agora qualquer acordo com Dönitz.⁴

Para piorar as coisas, o esperto Dönitz tirava proveito da situação. No domingo, 20 de maio, ele solicitara um encontro com Rooks para reclamar amargamente que o Ocidente estava considerando criminosos todos os alemães, e que os jornais estavam cheios de matérias sobre os campos de concentração em reportagens, protestava ele, “altamente exageradas”. Por outro lado, na sua zona militar, os russos estavam sendo amáveis e até distribuía cigarros e doces. “Se vocês continuarem a tratar o povo alemão como têm feito até agora”, avisou, “ele se voltará para a Rússia, e Stalin, sem dúvida, saberá aproveitar esta oportunidade”. De fato, alguns sentimentos pró-soviéticos e antiocidentais já estavam ficando aparentes, sobretudo na Marinha alemã, que havia combatido principalmente contra os britânicos, e cujos homens e oficiais acreditavam— ao contrário da Wehrmacht — não ter sido derrotados em batalha. Mas Dönitz manipulava a realidade e usava este argumento como um estratagema para obter vantagens.

Discursos desse tipo eram perigosos para os Aliados ocidentais. Mas querer minimizar as atrocidades nazistas em maio de 1945 também era tolice, e Dönitz exagerou na mão. Sintomaticamente, até mesmo a rendição incondicional teve pouco efeito para transpor as ilusões que continuavam a brotar em Flensburg. Apenas quatro dias depois do Dia da Vitória, Jodl havia declarado — aparentemente a sério — que “chegará o momento em que nós desempataremos o jogo entre os russos e os anglo-americanos”, e um comunicado da inteligência alemã naquele mesmo dia anunciava que “a Alemanha já é novamente o fiel da balança na Europa”.⁵

Por ocasião da invectiva de Dönitz a Rooks, no entanto, um furioso Eisenhower já decidira prender o sucessor de Hitler e seus ministros, com a anuência do alto-comando soviético. A Rádio Moscou inclusive já transmitia incessantes noticiários denunciando o governo de Dönitz. Em seguida, Rooks expediu a ordem para que todo o gabinete de Dönitz comparecesse à reunião no *Patria*.

Um dos que não compareceram para o embarque no aeródromo de Flensburg foi o almirante Hans Georg von Friedeberg, o homem que colocara sua assinatura na rendição alemã no quartel-general de Montgomery duas

semanas antes. Enquanto arrumava sua bagagem, ele pediu licença para ir ao banheiro, trancou a porta do quarto e mastigou a pílula de cianureto que conseguira esconder até ali. Seu cadáver foi encontrado sobre a cama, diante de um retrato de Dönitz.

Mas no mesmo dia, em compensação, os militares aliados encontraram Alfred Rosenberg. O ideólogo racial do nazismo, antigo ministro dos Territórios Orientais e diretor da força-tarefa especial para confisco da arte judia, estava escondido no Hospital de Flensburg, convalescendo de uma torção de tornozelo adquirida durante uma bebedeira.

Um dos poucos do lado aliado que mantinha reservas sobre a prisão de Dönitz era o almirante Andrew Cunningham, comandante da Marinha Real britânica, que estava preocupado com os possíveis efeitos desta prisão sobre os milhares de oficiais, tripulantes e marinheiros que operavam os inúmeros submarinos alemães ainda em Bergen, na Noruega.

Mesmo enquanto Dönitz era preso sem cerimônia, uma equipe de oficiais aliados desvendava os segredos das praticamente invulneráveis docas de concreto que abrigavam os submarinos alemães no porto norueguês. Cerca de 400 mil combatentes alemães ainda estavam em solo norueguês, onde a ordem dependia da disciplina da Wehrmacht. No quartel da guarda, um jovem oficial alemão a princípio recusou-se a abrir o portão para o veículo dos oficiais britânicos, olhando para eles de maneira sombria, mas por fim consentiu e permitiu que o carro avançasse por uma pista longa cercada por muros de concreto com espessura variando entre 1,8 e 3 metros, como proteção contra estilhaços. Logo à frente, os britânicos notaram um grande bunker com telhado de 5,5 metros de espessura, no qual operários haviam trabalhado até três semanas antes. Dentro do abrigo, eles descobriram sete docas. Algumas eram individuais, mas outras eram grandes o suficiente para abrigar dois submarinos atracados lado a lado, e uma delas também servia como estaleiro; cabos de força móveis podiam conduzir eletricidade aos submarinos que precisassem de reparos com solda. Em outubro do ano anterior, a RAF empreendera um ataque aéreo devastador sobre o porto de Bergen, mas, embora as operações de submarinos tivessem sido suspensas por um tempo e as construções em torno dos hangares estivessem destruídas, a equipe britânica só conseguira detectar uma brecha causada pelos bombardeiros.

Os oficiais ficaram impressionados. Isto era algo que os especialistas navais britânicos deveriam examinar. Eles ficaram intrigados também com o conforto que Dönitz providenciara para suas tripulações submarinas. Eles tinham pelo menos duas semanas livres depois de cada patrulha e eram levados para os hotéis nas montanhas em torno de Bergen, onde em tempos de paz se praticavam esportes de inverno. Agora, enquanto a equipe britânica inspecionava os hangares, o pessoal da Marinha alemã a observava sem expressão, à medida que ia chegando para suas atividades.⁶

No final de maio, quase todos os grandes chefes nazistas que não haviam cometido suicídio ou sido mortos estavam atrás das grades. Por exigência aliada, Dönitz fora obrigado a entregar o marechal de campo Wilhelm Keitel, chefe do alto-comando de Hitler, apenas alguns dias antes de ser destituído. E Rudolf Hess, antigo delegado de Hitler, tinha caído em mãos britânicas desde que voara até a Escócia num Messerschmitt, numa bizarra e malsucedida missão solitária de paz em 1941.⁷ Os demais nazistas estavam sendo caçados por militares aliados de percepção aguda e olhos atentos, embora a operação fosse desencorajadora devido ao caos que se abatera sobre a Alemanha e às outras dezenas de providências urgentes que exigiam esforço supremo das tropas de ocupação.

Os nazistas se dispersaram em alta escala durante os dias finais de Hitler no bunker, na maior parte dos casos para fugir dos russos, mas também na esperança de escapar da vingança e da justiça. Somente em agosto os Aliados conseguiram chegar a um acordo sobre o que fazer a respeito dos crimes de guerra e seus perpetradores. Os britânicos e americanos prepararam instruções detalhadas às suas tropas sobre como identificar e prender os suspeitos de atividades criminosas, muito embora fornecer o último endereço conhecido de cada um deles tenha sido uma providência inútil naquelas circunstâncias. Os detidos eram mandados para campos de internação e submetidos a interrogatórios preliminares e, se necessário, a inquisições mais intensas.⁸

Alguns foram capturados quase que por acidente. Este foi o caso de Julius Streicher, preso pelos americanos na Bavária em 23 de maio. Depois de fugir de Nuremberg diante do avanço das forças de Patton, o notório editor de *Der Stürmer* se uniu a dezenas de outros nazistas que rumavam para Berchtesgaden. Então, desapareceu. Um mês depois, um oficial da 101ª Divisão Aerotransportada dos Estados Unidos parou numa casa de fazenda para beber

um pouco de leite fresco. Um homem de barba branca maltratada, usando uma camiseta sem gola e listrada de azul, estava sentado junto à porta, próximo a um cavalete. “Você é o fazendeiro?”, perguntou o americano, no ídiche típico dos nova-iorquinos. “Não. Apenas moro aqui. Sou artista.” O oficial americano perguntou o que ele achava dos nazistas. O homem alegou não entender dessas coisas — nunca dera importância à política. “Mas você se parece com Julius Streicher!”, brincou o americano que num relance percebeu a semelhança entre o homem e o nazista, que vira em uma fotografia. O velho olhou em seus olhos. “Como me reconheceu?”, deixou escapar, antes de tentar se corrigir. Mas era tarde demais. Por puro acaso, o abominável caçador de judeus do Terceiro Reich tinha sido capturado por um judeu.

Outros nazistas foram traídos por compatriotas alemães. Alguns queriam cair nas graças dos ocupantes; outros temiam retaliações caso ficasse provado que sabiam, mas haviam se recusado a denunciar o paradeiro de algum hitlerista; e ainda havia aqueles que, enfim, tinham reunido coragem para expressar seus verdadeiros sentimentos antinazista. Robert Ley, ministro do Trabalho de Hitler, conhecido pelo estilo de vida luxuoso e por seu banheiro folheado a ouro, também fugiu para Berchtesgaden, onde se refugiou numa cabana de montanha ao sul da cidade. Mas depois que moradores da região deram uma pista, soldados americanos irromperam no esconderijo de Ley com suas automáticas em punho. Na cabana, encontraram um homem de pijama azul usando botas de alpinismo e um chapéu tirolês, acuado no canto da cama. Ele negou veementemente ser Ley, mas mesmo assim foi levado para interrogatório na base do exército dos Estados Unidos em Berchtesgaden. Ali, o oficial de inteligência trouxe para a sala outro nazista capturado, um senhor que havia sido tesoureiro do partido. Ele o reconheceu imediatamente, “Então, dr. Ley, o que faz por aqui?”, e o jogo acabou. Ley fora o idealizador do movimento Força pela Alegria, que organizava as atividades de lazer dos trabalhadores.

O primeiro ministro das Relações Exteriores de Hitler, Konstantin von Neurath, foi capturado pelos franceses antes mesmo do Dia da Vitória, e no mesmo dia — 6 de maio —, Hans Frank, um advogado católico da classe média de Karlsruhe, ex-governador da Polônia ocupada, conhecido como “Carrasco dos Judeus da Cracóvia”, por comandar os assassinatos em massa na cidade, foi identificado num grupo de 2 mil prisioneiros de guerra em

Berchtesgaden, após uma tentativa de cortar os pulsos. Na ocasião, ele disse aos americanos que era um “homem de cultura” e revelou onde havia armazenado obras de arte saqueadas e avaliadas em milhões de dólares, assim como um diário em 38 volumes em que falava em detalhes sobre suas atrocidades na Polônia. Mas Auschwitz e Maidanek, insistia, tinham sido obra de Himmler, e não dele. Em seu diário, porém, Frank registrara que, se os nazistas ganhassem a guerra, “pelo que me diz respeito, os polacos e os demais podem ser transformados em picadinho”.⁹

Enquanto isso, o Reichskommissar na Holanda, Artur Seyss-Inquart, estava em poder dos britânicos. Depois de concluir suas negociações com os Aliados e oficiais holandeses na escola em Achterveld, ele foi levado de volta às linhas alemãs e seguiu para Schleswig-Holstein a fim de se encontrar com Dönitz. Ali, imaginava poder atuar como mediador junto aos Aliados. Depois de se reunir com o grande almirante, ele tentou retornar à Holanda de carro, mas ficou preso num grande engarrafamento de veículos militares aliados em Hamburgo. Ao ser interceptado por um policial militar e obrigado a mostrar seus documentos, ele declarou que estava indo se encontrar com Montgomery. “Pode apostar!”, replicou o policial. Naquela mesma noite, Seyss-Inquart estava num dos hotéis de Hamburgo, detido pelos britânicos.¹⁰

No final de maio, outra captura espetacular chegou às manchetes — a de William Joyce, também conhecido como “Lord Haw-Haw”, que passara a maior parte da guerra transmitindo propaganda nazista de Berlim pelo rádio. Ele era um antigo irlandês pró-britânico que, durante a Guerra Civil irlandesa, trabalhara para a notória “Black and Tans” — tropa de elite britânica criada para reprimir as rebeliões na Irlanda — como informante contra o Sinn Féin — o partido político de esquerda. Mas, antes de partir para a Alemanha em 1939, Joyce era também um ferrenho antissemita e partidário dos fascistas britânicos de sir Oswald Mosley. Após um início tímido, ele emergiu como uma das estrelas da propaganda nazista em língua inglesa com sua marca registrada, “Alemanha chamando! Alemanha chamando!” Sua voz fina e anasalada, escreveu o correspondente William Shirer, da rádio CBS, soava “como [a de] um velho e decadente aristocrata inglês de sangue azul”.

No início de abril de 1945, o Ministério da Propaganda de Goebbels expediu uma ordem para que William Joyce e sua esposa Margaret fossem protegidos a todo custo dos Aliados e arquitetou um plano a fim de evacuá-los

para a Suécia. Os nazistas forneceram a Joyce documentos de identidade falsos com o nome Wilhelm Hansen, pretense professor nascido em Galway, Irlanda. No último dia de abril, apenas algumas horas antes do suicídio de Hitler, um carro levou o casal Joyce de seu apartamento em Hamburgo para Flensburg, na primeira etapa de sua fuga para Estocolmo. Porém, em meio ao caos generalizado, o plano fracassou, e, após alguns dias na Dinamarca, o casal voltou para Flensburg. Não tendo conseguido alojamento na cidade lotada, eles descobriram um vilarejo nas proximidades e se hospedaram com uma idosa viúva inglesa. Viveram tranquilamente por lá nas duas semanas seguintes, sem ser incomodados.

Na segunda-feira, 28 de maio, porém, o casal caminhou até um vilarejo vizinho para comprar comida. Na ocasião, discutiram sobre a situação difícil em que se encontravam e acabaram brigando, o que fez com que ele decidisse voltar sozinho da cidade pelos bosques. Escurecia, mas ainda havia luz do sol. De repente, dois soldados britânicos apareceram num caminhão, procurando lenha. “Tem mais lenha ali”, disse Joyce, em francês. Mas logo repetiu a frase em inglês. Os soldados logo reconheceram aquela voz inconfundível — suas transmissões radiofônicas nunca chegaram a ser censuradas pelos britânicos e gozavam de grande audiência. “Você não seria William Joyce, seria?”, perguntou um deles.

Joyce levou a mão esquerda ao bolso para pegar sua identidade falsa, mas os soldados imaginaram que ele sacaria uma arma e um deles o baleou com uma pistola Walther, de fabricação alemã, que havia confiscado em Hamburgo. A bala atingiu as nádegas de Joyce, que caiu ao chão contorcendo-se em dores. Perguntado mais uma vez se era William Joyce, ele respondeu “Fritz Hansen”. O nome não condizia com o de seus documentos, e tampouco era o que constava no salvo-conduto da Wehrmacht que ele trazia consigo, em nome de William Joyce. Os soldados fizeram um curativo em sua ferida o melhor que puderam e o levaram em seu caminhão até o posto de comando britânico mais próximo. De lá, ele foi transportado para o hospital de Lüneburg. As notícias de sua captura começaram a circular. Enquanto Joyce era levado de maca, os soldados britânicos gritavam em zombaria, imitando seu característico sotaque: “Alemania chamando! Alemania chamando!”

Havia uma dupla ironia na captura de Joyce, que, em questão de meses, foi levado a julgamento por traição em Londres e enforcado. Só por uma

tecnicidade dúbia, ele era britânico, uma vez que nascera em Nova York e era filho de pais irlandeses, que haviam renunciado à nacionalidade britânica para se tornar americanos. Quanto ao soldado britânico que o baleou, sua identidade o apontava como o tenente Geoffrey Perry, do Corpo de Inteligência. Mas seu nome de nascimento era Horst Pinchewer, um judeu alemão que fora obrigado a fugir do Reich de Hitler em 1936. A exemplo de centenas de refugiados alemães, ele havia aderido ao Corpo de Sapadores e mudado de nome. Fora enviado à Alemanha nas semanas finais da guerra para ajudar no interrogatório de prisioneiros alemães, e então escolhido para restabelecer a imprensa livre no país assim que a guerra acabou. O primeiro número do *Hamburger Nachrichtsdienst*, editado por Perry, chegou às ruas no dia seguinte ao Dia da Vitória.¹¹

Com a prisão de Joyce, portanto, um forasteiro capturara outro. Mas admitir que havia alemães combatendo com uniforme britânico ainda era uma questão muito sensível, e assim a participação de Perry no episódio foi por muito tempo encoberta.

Joyce foi apenas um dos muitos Aliados renegados que aderiram a Hitler ou Mussolini, num lembrete de que a atração exercida pelo nazismo e o fascismo repercutia bem além das fronteiras da Alemanha, Itália e até mesmo da Europa. Naquele mês, outro prisioneiro capturado que inspirou manchetes foi o inglês John Amery. Em muitos aspectos, seu caso era ainda mais chocante que o de Joyce, pois ele era filho de um dos ministros de gabinete de Winston Churchill.

John Amery nasceu em 1912, primogênito de Leo Amery, membro conservador do Parlamento, secretário de Assuntos Imperiais nos anos 1920 e, durante a guerra, como partidário de Churchill, secretário de Estado para a Índia. Mas desde o começo o jovem Amery se mostrou um problema. Ele possuía, como disse uma vez a notável escritora e jornalista Rebecca West, o “caráter de um automóvel que não consegue se manter na estrada”. Duas vezes expulso da Harrow School, John Amery se envolveu em pequenos delitos, promiscuidade sexual e bebedeiras na Grã-Bretanha antes de partir para a França no final da década de 1930. Ali, depois de se envolver com políticos da extrema direita antisemita e anticomunista ligados ao regime de Vichy, ele se estabeleceu em Berlim.

A chegada do filho de um ministro britânico à capital de Hitler causou sensação. Com o poderoso apoio do ministro das Relações Exteriores, Joachim

von Ribbentrop, Amery começou a fazer programas de rádio para a Inglaterra. Os programas, observa Adrian Weale, eram pouco mais que “panfletos antissemitas incoerentes e vulgares”. Ou, como observou pitorescamente Rebecca West, “as palavras fluíam da boca de Amery nos agrupamentos convencionais da cultura inglesa, mas ele não possuía inteligência, somente um círculo vazio onde rolava uma bola de neve feita de conversa fiada fascista”.¹²

John Amery também se envolveu na criação de um grupo de voluntários chamado “Legião Britânica de São Jorge”, para combater ao lado da Wehrmacht contra o Exército Vermelho, e viajou por toda a Europa ocupada exortando os colaboracionistas locais a empreenderem ainda mais esforços heroicos contra o inimigo bolchevique. Ele passou os últimos seis meses da guerra na Itália, a convite de Mussolini, fazendo seus programas na rádio italiana, e até se encontrou com o ditador algumas horas antes de sua fuga para o lago de Como. Mussolini chegou a convidar Amery para ser membro das Brigadas Negras, mas ele declinou, alegando não querer lutar contra seus compatriotas. Em vez disso, vestiria um simples uniforme fascista.

Trajado desta maneira, ele partiu para Como, mas foi detido na *autostrada* por partisans e reconduzido a Milão. Logo que se veiculou a notícia de sua captura, o capitão britânico Alan Whicker — que mais tarde se tornou um importante jornalista televisivo — correu até a cidade a fim de resgatá-lo da cadeia onde estava preso. “Graças a Deus você está aqui”, disse Amery, aliviado e temeroso. “Pensei que iriam me fuzilar.” Poucas horas depois, no entanto, ele pôs o laço no próprio pescoço, ao pedir uma máquina de escrever e produzir um longo depoimento em que contava detalhadamente suas atividades durante a guerra. John Amery, assim como William Joyce, enfrentou julgamento na Inglaterra e foi enforcado. Seu irmão mais novo, Julian, serviu lealmente como oficial da SOE durante toda a guerra.¹³

A captura de Amery não foi a única na Itália a render manchetes de jornais. Alguns dias depois, o poeta americano Ezra Pound, o mais famoso propagandista pró-fascista aliado, caiu nas mãos das forças dos Estados Unidos em Rapallo.

Com 59 anos na ocasião, o poeta natural de Idaho já era famoso quando se estabeleceu na Itália, na década de 1920. Após um encontro com Mussolini, entretanto, suas obsessões políticas logo alçaram voo, e, em 1941, ele começou a transmitir mensagens contra os Aliados na Rádio Roma. Dois anos mais

tarde, foi indiciado por traição pela Procuradoria-Geral dos Estados Unidos, e a inteligência militar americana na Itália foi abastecida pelo FBI com fotos e descrições detalhadas de Pound.

As pregações radiofônicas do poeta americano eram invectivas desconexas e antissemitas que acusavam os Estados Unidos de empreender uma guerra “ilegal”, atacavam Roosevelt por violar seu juramento como presidente ao decretar uma guerra por “ouro, usura e monopólio”, e vangloriando Mussolini e Hitler. Após a derrocada de Mussolini, Pound se mudou para Rapallo, na Riviera italiana, e manteve seu apoio à República Fascista de Salò. Por um ano e meio, ele trabalhou intensamente para a Rádio Milão, como redator de discursos e criador de slogans, por vezes fazendo inflamados pronunciamentos.

Um deles, bem típico, foi feito durante uma série de transmissões que visavam às tropas americanas no Norte da África e na Europa em dezembro de 1943. Após denunciar os italianos que haviam se posicionado contra Mussolini e clamar pela execução do conde Ciano, Pound concluía afirmando que “todo ser humano que não é um estúpido irrecuperável deveria perceber que o fascismo é superior em todos os aspectos à Judeocracia russa e que o capitalismo fede”.¹⁴

As forças americanas entraram em Rapallo dois dias após a morte de Mussolini e Clara Petacci. Pouco depois, partisans comunistas armados com submetralhadoras Tommy chegaram à casa de Pound, o algemaram e o levaram consigo. Depois de ser interrogado sobre alguns figurões fascistas que estavam sendo procurados, ele foi solto, mas, em seguida, a seu próprio pedido, conduzido ao posto da polícia militar americana. De lá, ele foi transportado para o quartel-general do Corpo de Contrainteligência, próximo a Gênova, onde chegou 24 horas antes da rendição alemã na Itália. Ali, ele assinou várias declarações sobre suas atividades durante a guerra, antes de ser transferido para o Centro de Detenção e Treinamento do Exército americano (DTC) nas proximidades de Pisa, na quinta-feira, 24 de maio. “Hitler foi um mártir”, Pound declarou a um repórter que conseguiu entrevistá-lo rapidamente antes que ele fosse levado de Gênova.

O DTC era um empoeirado complexo com pouco mais de um quilômetro quadrado, cercado de arame farpado e com torres de vigia. No local eram mantidos os “assassinos, brigões, estupradores e desertores da linha de frente, em torno de 3.600 homens da soldadesca mais cabeça dura e indisciplinada já

produzida pelo Exército”. Nas suas dependências, detentos que ainda não eram casos de prisão ou execução tinham uma última chance de se redimir através de um programa de recuperação de um ano, com 14 horas de atividades diárias e um adestramento rígido. Aquilo era, como escreveu um biógrafo de Pound, “verdadeiramente o Primeiro Círculo [do Inferno de Dante]”. Quem tentasse fugir era fuzilado no ato.

O campo também contava com uma fileira de dez jaulas de metal. Reservadas aos condenados à morte, elas ficavam ao descampado e tinham apenas uma cobertura de papelão para proteger seus ocupantes do sol e da chuva. Uma delas foi especialmente adaptada para o poeta. Na noite anterior à sua chegada, ela recebeu o reforço de uma tela galvanizada e pesadas placas de aço. Isso não visava impedir a fuga de Pound, mas desencorajar qualquer simpatizante fascista de tentar resgatá-lo. No final de maio, Pound dormia no chão de cimento de sua jaula, sendo alimentado com ração escassa apenas uma vez por dia, e dispendo de uma lata para fazer suas necessidades. À noite, uma luz ficava acesa sobre a gaiola. Ele era o único civil em todo o campo. O semanário do exército *The Yank* garantia que o DTC era “o mais rigoroso centro de recuperação do Exército [...] mais rigoroso ainda que os combates na linha de frente”.¹⁵

Provavelmente, nem Robert Ellis nem qualquer outro soldado da 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos concordaria com esta avaliação, sobretudo depois do que haviam sofrido na linha de frente dos montes Apeninos. Mas a situação de Pound era certamente muito mais difícil agora do que aquela que a 10ª Divisão enfrentava.

No final de maio, as forças aliadas na Itália ainda estavam em alerta quanto a um possível conflito com o Exército iugoslavo de Tito. No dia em que Pound foi posto em sua jaula de metal, Ellis e seu regimento foram deslocados da área úmida e lamacenta às margens do rio Torre, próximo a Udine, perto da disputada fronteira ítalo-iugoslava, para as terras bem mais secas de Tricesimo. A situação era de espera, pois a maior parte da ação se desenrolava nos bastidores, em negociações diplomáticas entre Washington, Londres, Belgrado e Moscou. Mas as forças americanas ainda tinham muito a fazer. As tropas de montanha localizaram todas as forças da Osoppo, de Garibaldi e dos iugoslavos na área e mobilizaram partisans para neutralizar um bando de

renegados fascistas que ainda estavam soltos e os haviam atacado. Houve pequenos tiroteios entre partisans da Osoppo (anticomunistas, “verdes”) e forças iugoslavas, e estas, com seus aliados partisans da força Garibaldi, tentaram duramente recrutar civis para suas unidades.

O problema se tornou mais sério no final de maio, e foram expedidas ordens para que qualquer civil que pedisse proteção contra tais assédios fosse colocado sob proteção armada e evacuado da região.¹⁶ Aqueles sérios combates ainda podiam irromper, e Ellis soube disso quando, certo dia, o treinamento regular foi repentinamente interrompido e os batalhões instruídos a tomar posição em pontos de tiro e usar munição de verdade.

Mas, no geral, as coisas permaneciam em ordem e calma. Ellis passava o tempo, como a maioria de seus companheiros, jogando softball, lendo e desfrutando de boa comida. Além disso, havia parado de chover, finalmente. Contanto que estivesse na Itália e não fosse enviado para lutar contra os japoneses, Robert Ellis estava feliz.

Em Trieste, Geoffrey Cox também se mantinha em alerta. Depois que os tanques T34 de fabricação russa fizeram sua demonstração de força na zona portuária, todas as atividades sociais entre neozelandeses e iugoslavos foram suspensas, e as forças aliadas entraram em alerta máximo. Mas ambos os lados cuidaram para evitar desgastes adicionais. Metade dos tanques soviéticos desapareceu quase que imediatamente pela zona rural, e os remanescentes jamais entraram em ação. Dois dias depois, eles também foram retirados.

Em muitos lugares, Cox recordou, “palavras hostis” foram trocadas entre iugoslavos e neozelandeses, mas não houve troca de fogo. Os iugoslavos haviam colocado alguns obstáculos nas ruas da cidade, mas quando um tanque Sherman neozelandês varreu do caminho os mais incômodos, nada aconteceu. Três dias mais tarde, os iugoslavos convidaram os oficiais aliados em Trieste para um banquete em homenagem ao aniversário de Tito e soltaram fogos de artifício na orla. Enquanto isso, na cidade, a “limpeza política” continuava a todo vapor.¹⁷

Por todo o norte da Itália, o final da primavera trazia a paz, mas não o término da matança. A execução de Mussolini e seus colaboradores de alto escalão, empreendida pelos partisans, era apenas o ato mais explícito e dramático de

retaliação e vingança naquela que, durante a vigência da República de Salò, se transformara praticamente numa guerra civil. No vácuo entre a partida dos alemães e a imposição de regras militares efetivas pelos Aliados, uma onda de violência e sangue varreu a região.

Geoffrey Cox e os neozelandeses contornaram Bolonha em seu caminho para o norte, deixando a cidade ser ocupada primeiro por tropas polonesas. Dois dias depois, o líder da Comissão Aliada para a Itália, o futuro primeiro-ministro britânico Harold Macmillan, entrou na cidade na traseira de um jipe, vestindo seu característico casaco de caça em tweed e acompanhado do comissário regional americano. Embarcando, posteriormente, num veículo mais apropriado, eles seguiram para o prédio da prefeitura, onde os oficiais do governo militar já haviam se instalado, e que por milagre estava intacto. Pouco antes de deixar Bolonha, as Brigadas Negras fascistas haviam assassinado dois políticos conhecidos da oposição, e seus corpos estavam cerimoniosamente expostos no prédio, com uma multidão chorosa desfilando diante dos caixões abertos. “Um dos homens assassinados”, registrou Macmillan em seu diário, “era velho, cabelos brancos, rosto magro com feições bem definidas — sem dúvida um homem de caráter”. Ele podia ver respingos de sangue na parede, no local onde os dois haviam sido baleados. Ela já estava coberta com fotografias de dezenas de outras vítimas, homens e mulheres de todas as idades que haviam sido aniquilados pelas Brigadas Negras nos meses anteriores. O prefeito fascista da cidade, entretanto, não conseguira fugir a tempo e foi morto pelos guerrilheiros perto de suas últimas vítimas. “Dava para ver o cérebro espalhado no muro”, observou Macmillan.¹⁸

Esta era uma evidência clara da liquidação de fascistas que ocorria em todo o norte da Itália durante a libertação. Bolonha foi o centro de uma região particularmente sanguinária conhecida como “Triângulo Vermelho”, uma área tradicionalmente comunista que abarcava as províncias de Reggio Emilia, Módena, Ferrara e a própria Bolonha. Em toda essa parte do vale do rio Pó houve centenas de execuções sumárias, assim como milhares de agressões, linchamentos, sequestros e roubos. Esta formidável onda de crimes foi motivada em parte por pura vingança, mas também por um desejo de limpar o terreno para uma revolução política e social mais ampla. Vários latifundiários foram obrigados a pagar altas somas de resgate. Muitas surras e assassinatos eram fruto de vinganças pessoais e acertos de conta particulares. Parte da

violência era orquestrada pelos comitês de libertação locais, mas parte dela era a manifestação aleatória e espontânea da “justiça da praça”. No vale do Pó e sobretudo ao longo da Emília-Romanha — o chamado Triângulo da Morte —, as matanças prosseguiram por mais três anos.¹⁹

As ações de retaliação e vingança se alastraram também por outras grandes cidades industriais do norte. Os alvos principais eram invariavelmente os membros das Brigadas Negras de Mussolini. Nesses locais, o fim da guerra entre a Alemanha e os Aliados parecia quase irrelevante. Partisans e camisas-negras estavam em guerra havia meses, e a libertação apenas fizera a balança pesar a favor dos primeiros. Em Turim, a Brigada Negra era chamada de Ather Capelli. De seus 220 integrantes, 93 foram mortos pelos partisans — 55 imediatamente antes da libertação, e 28 no mês que se seguiu. Entre seus oficiais, o número de mortos foi maior depois da libertação do que antes. Ao todo, no Piemonte, estima-se que 2 mil pessoas tenham sido assassinadas durante a libertação.²⁰

Matanças semelhantes aconteceram em Milão e Gênova, mas em geral por meios que não permitem precisar os números. As pessoas simplesmente desapareciam e, de manhã, seus cadáveres surgiam amontoados na sarjeta, depositados nos portões do cemitério ou na calçada do necrotério. Dois dias depois do Dia da Vitória na Europa, o embaixador inglês em Roma relatou que “cerca de quinhentas pessoas” haviam sido executadas em Milão, a maioria fascistas. Em Turim, disse ele, “por volta de mil”. O oficial britânico de ligação com os partisans assegurou que “não morreu ninguém que não merecesse”.²¹

As vítimas mais afortunadas desta onda de revanchismo acabaram na prisão. Em meados de maio, o presídio de San Vittore, em Milão, estava abarrotado com mais de 3.500 prisioneiros políticos. Muitos deles esticavam as cabeças para fora das janelas e gritavam para suas famílias e amigos na rua. O imenso presídio de Coltano, na periferia de Pisa, abrigava mais de 32 mil homens.

Mesmo com tanta gente encarcerada, porém, os assassinatos não arrefeceram. Em Milão, após uma breve pausa, as matanças voltaram com força total em meados de maio, e o número de cadáveres não identificados no necrotério da cidade desde a libertação chegou a mais de quatrocentos. Um traço sinistro era que todas as formas de identificação tinham sido cuidadosamente removidas dos corpos antes que as vítimas fossem mortas. “É difícil afirmar”, disse o embaixador britânico, “se as vítimas são fascistas

executados pelos partisans ou partisans executados pelos fascistas”. As estatísticas macabras aumentaram ainda mais com os 44 assassinatos que aconteceram somente na quinta-feira, 17 de maio.

Dez dias depois, a situação ainda estava caótica. Em alguns lugares, tribunais civis especiais que obedeciam aos procedimentos da lei trabalhavam duramente. Em outros, tribunais militares extraordinários e semilegais expediam sentenças de morte. Por toda parte, comitês de libertação da resistência italiana davam ordens que colidiam com as expedidas pelo governo militar aliado. Finalmente, na segunda-feira, 28 de maio, um oficial de alta patente dos Estados Unidos convocou o chefe do Comitê de Libertação Nacional da Alta Itália (CLNAI) e o repreendeu: “Isso tem que parar.” Dali para a frente, comunicou ao líder da resistência, nenhuma ordem, decreto ou acerto feito pelos italianos teria valor se não fosse referendado pelos Aliados.

Mas a medida também não pôs fim à matança e levantou a questão sobre quando — ou se algum dia — a ordem pública na Itália seria finalmente restaurada.²²

O governo de Dönitz em Flensburg não foi o único a ser dissolvido na quarta-feira, 23 de maio. O governo de guerra da Grã-Bretanha havia sido uma coalizão entre os três maiores partidos do país — Conservador, Trabalhista e Liberal —, e Churchill esperava que as coisas continuassem assim pelo menos até a vitória sobre o Japão. Mas o Partido Trabalhista rejeitou a ideia e ao meio-dia Churchill se dirigiu ao Palácio de Buckingham para apresentar sua demissão ao rei George VI. Poucas horas depois, no entanto, ele voltou ao palácio e foi convidado a encabeçar um novo governo, puramente Conservador. Logo se iniciou a campanha para as eleições gerais.

No dia anterior às duas visitas do primeiro-ministro ao palácio real, o primeiro submarino da frota de Dönitz a se render, o U-776, navegou pelo Tâmesa e atracou no píer de Westminster. Era um submersível moderno de 700 toneladas, rápido e cinza, e ainda levava três canhões antiaéreos atrás de sua torre de comando. Os motores potentes o conduziam velozmente pelo rio sob escolta, enquanto uma multidão compacta mas silenciosa se alinhava nas margens e assistia ao espetáculo. Em cenários como este, observou um espectador, morreu a Marinha de Hitler.²³

Mas a matança havia realmente acabado? Naquele mesmo dia, Churchill recebeu um relatório altamente secreto de seu chefe de gabinete pessoal, sir Hastings Ismay. O primeiro-ministro estava ficando cada vez mais alarmado com os planos de Stalin para os países da Europa Central, agora ocupados por suas tropas. O relatório era uma análise da “Operação Impensável”, um plano hipotético para uma guerra limitada contra a União Soviética para garantir à Polônia um “negócio justo”. A conclusão definitiva da análise era que qualquer ataque precipitaria uma guerra generalizada, impossível de vencer e por isso impensável. A única trilha possível com os soviéticos, concluiu Churchill, era a negociação dura e implacável.

23. "UMA CORTINA DE FERRO"

“Tempos de guerra”, refletiu um historiador logo após a rendição alemã, “são tempos de esforço, vigilância, heroísmo e sofrimento. O breve período que se segue é o momento da decisão: [em que saberemos] se as lutas foram apenas mais uma disputa entre nações [...] ou se podem ser vistas como as angústias da criação”. A vitória dos Aliados sobre Hitler significava a abertura para um horizonte novo e pacífico? Ou apenas prenunciava um novo capítulo sombrio na sanguinária história da Europa? Ao final de maio de 1945, a resposta não estava clara para ninguém.¹

Mas Churchill vislumbrava desdobramentos que o enchiam de tristeza e apreensão. Não foi por acaso que intitolou o volume final de suas memórias sobre a guerra de *Triunfo e Tragédia*. Enquanto as multidões celebravam eufóricas o Dia da Vitória nas grandes cidades, chegava a Londres a notícia de que 15 líderes poloneses aprovados pelo Ocidente como membros eventuais de um futuro governo democrático na Polônia haviam sido presos e levados para Moscou. O que isso prognosticava para a democracia naquelas partes da Europa?, perguntava-se Churchill.

Cinco dias depois, num sábado, 12 de maio, ele colocou seus pensamentos por escrito numa longa mensagem a Truman, que enfocava os acontecimentos em Trieste, mas também dizia respeito ao futuro de todo o continente. “Estou muito preocupado com a situação europeia”, declarou sem rodeios, antes de realçar seus temores de que, enquanto as forças aliadas estariam em breve sendo reduzidas com a remoção das tropas americanas e canadenses para o outro lado do Atlântico, as tropas de Stalin permaneceriam para dominar a Europa. Ali, desabafava, o poder soviético, combinado com as técnicas comunistas, já causava enorme apreensão.

Mas o que tornava o futuro ainda mais sombrio, ele alertava o presidente — empregando uma metáfora previamente usada por Joseph Goebels, que ele tornaria famosa num discurso em Fulton, Missouri, um ano depois —, era que “uma cortina de ferro está levantada a sua frente. Não sabemos o que há por trás dela. Parece não haver dúvidas de que toda a região a leste da linha Lübeck-Trieste-Corfu estará, em breve, completamente nas mãos deles”. Ainda mais assustador, prosseguia Churchill, era que imensas áreas da Alemanha ocupadas atualmente pelos americanos a leste do Elba teriam de ser entregues aos russos por conta dos tratados de guerra que as classificavam como zona de ocupação soviética. Esta retirada americana, temia ele, poderia gerar outra enorme onda de refugiados na direção do ocidente. E uma vez que as condições da Alemanha eram débeis e desastrosas, a Rússia teria oportunidade de avançar para o mar do Norte e até mesmo para o Atlântico.

Mas não eram apenas os acontecimentos por trás das linhas soviéticas que inquietavam Churchill. A França e a Itália, onde os partidos comunistas haviam emergido mais fortes depois da guerra, também eram grandes motivos de preocupação. No dia seguinte ao Dia da Vitória, o primeiro-ministro britânico havia dito secretamente a Eisenhower que as armas alemãs capturadas poderiam vir a ser necessárias aos Aliados naqueles dois países.² Enquanto isso, entretanto, havia um vácuo na política aliada em relação ao inimigo derrotado. Durante os últimos meses da guerra eles haviam estabelecido os limites das zonas de ocupação, discutido as fronteiras no pós-guerra e concordado sobre aspectos básicos e elementares como a desmilitarização e a desnazificação.

Tudo isso, porém, significava pouco até que eles se sentassem juntos como poderes de ocupação e executassem em conjunto algumas medidas práticas. Mas quanto a isso, tudo era muito vago. Só uma semana após o Dia da Vitória Churchill participou a seus subordinados que sua política para a Alemanha podia ser resumida em duas palavras — “desarmar” e “cavar”. Com isso, ele queria dizer que a Alemanha jamais deveria estar novamente em condição de deflagrar uma guerra mundial e que sua população precisava ser salva da fome. A menos que isso seja feito, alertou ele, “poderemos enfrentar as condições de Buchenwald em larga escala, afetando milhões em vez de milhares, e isso inevitavelmente teria reflexos na Grã-Bretanha”.³

Mas por quanto tempo as tropas americanas e canadenses permaneceriam na Europa para fazer frente aos milhões de soldados de Stalin que já ocupavam a

Europa Central? De que forma os Aliados conduziriam a economia da Alemanha, e quando concordariam com uma política compartilhada? A Alemanha sempre fora o motor econômico da Europa. Se esse motor parasse de funcionar, que futuro se poderia esperar para a Europa e a sua população? Como as pessoas seriam alojadas e alimentadas, e o que aconteceria aos milhões de refugiados ansiosos por voltar para casa, encontrar trabalho e reconstruir suas vidas? A “cortina de ferro” estava destinada a se tornar uma realidade definitiva na paisagem do continente? Se assim fosse, o que seria da multidão de desabrigados nos campos da Alemanha e da Áustria que não queriam de forma alguma retornar à vida sob o jugo soviético? E o que aconteceria aos milhões de germânicos que não eram mais bem-vindos em lugares como a Polônia e a Tchecoslováquia? Os fatos recentes proporcionavam respostas perturbadoras a estas perguntas.

A paciência do oficial Fred Warner com os Aliados do Exército Vermelho estava rapidamente se esgotando.

Os militares soviéticos estavam agora encarregados do aeródromo de Zeltweg. Três dias depois do Dia da Vitória, eles deixaram claro que os britânicos não eram mais bem-vindos ali e os proibiram de utilizar os radiotransmissores do campo de aviação. Também ordenaram aos soldados húngaros ainda estacionados ali, por ordem dos alemães, que voltassem para casa com suas famílias. Munidos de um salvo-conduto de aspecto oficial, expedido por um militar soviético de alta patente, os húngaros se desmobilizaram da Áustria num grande comboio de carroças puxadas a cavalo, entulhadas com seus pertences pessoais. Mas aquilo era uma armadilha: com pouco tempo na estrada, o comboio foi parado por um destacamento militar russo que procurava comida. “Eles roubaram tudo o que os húngaros tinham de valor”, recordou Warner, “até mesmo os cavalos. Estremeci ao pensar o que deve ter acontecido com as mulheres”. Os húngaros imediatamente voltaram para oeste, em busca da proteção das forças britânicas.⁴

Obrigados a deixar o aeródromo, os agentes da SOE se deslocaram para o sul, atravessando o rio Mura, o marco que separava as tropas soviéticas das britânicas. Warner não estava nem um pouco triste por deixar Zeltweg e os russos para trás. “Àquela altura”, escreveu, “toda a nossa ilusão a respeito deles

já havia sido destruída”. E nada do que aconteceu até o final de maio mudaria sua opinião.

A nova base do grupo era Schloss Authal, residência do príncipe von Croy, um austríaco naturalizado belga, e de sua esposa, a condessa Schwarzenberg. Ali, o agente Kelly montou seu radiotransmissor e restabeleceu contato com o quartel-general da SOE em Siena — o único meio que eles tinham para receber instruções naquela transição da guerra para a paz que se mostrava fluida e altamente inflamável. O castelo estava repleto de refugiados e evacuados dos campos. Entre eles, o conde e a condessa Andrassy, da Hungria, e seus filhos e netos. A condessa era sueca, e um de seus genros estivera lotado como oficial húngaro no aeródromo de Zeltweg. Uma das crianças, um garotinho, passava boa parte do tempo no castelo arriscando a vida ao brincar ingenuamente com armas abandonadas que achava nos jardins. Os Andrassy tinham fugido da Hungria para escapar dos russos, mas o Exército Vermelho os alcançara de qualquer maneira. O príncipe e a condessa estavam felizes em receber Warner e seu grupo, que propiciavam naquele momento uma proteção valiosa.

A presença dos britânicos ali logo se mostrou necessária, porque o castelo era um alvo constante de soldados russos bêbados em ações de pilhagem — o que não chegava a surpreender, uma vez que havia na propriedade uma boa quantidade de gado e aves. O grupo de Warner, portanto, tratou de mobilizar prisioneiros de guerra franceses para se revezarem como sentinelas em turnos de 24 horas. Eles já trabalhavam na propriedade havia alguns meses e estavam sendo bem tratados pelos Croy, de modo que aceitaram de bom grado a nova incumbência.

Embora a guerra na Europa tivesse oficialmente chegado ao fim, não era esta a impressão que Warner tinha. O poder nazista havia evaporado, mas o medo dos russos era palpável. “Tentamos ao máximo rechaçar os soldados russos que viviam se aventurando além do rio Mura”, lembrou. “Havia um vai e vem permanente, inclusive de civis procurando ajuda e aconselhamento — entre eles, mulheres que haviam sido estupradas pelos russos. Outras, temendo que isso pudesse acontecer, atravessavam o rio a nado, uma vez que os russos vigiavam todas as pontes.” O rio, de fato, foi logo se tornando uma barreira entre os Aliados. Uma noite depois de chegarem ao castelo, os agentes da SOE foram avisados de que era perigoso circular pelo outro lado em qualquer

veículo ostentando a bandeira inglesa, pois corriam o risco de ser atingidos por fogo soviético.⁵

Certo dia, a situação deixou de ser apenas incômoda para se tornar sinistra quando dois comissários soviéticos mal-encarados apareceram numa motocicleta e anunciaram que tinham vindo prender o príncipe von Croy. Os homens da SOE se recusaram categoricamente a entregá-lo. “Ficamos ali por algum tempo, discutindo furiosamente”, contou Warner, “o príncipe usando short e um velho chapéu de palha, parecendo qualquer coisa, menos principesco”. Por fim, os britânicos conseguiram persuadir os comissários de que eles próprios já haviam prendido von Croy. Na verdade, o haviam assinalado como o primeiro “*Landeshauptmann*” para governar a Estíria no pós-guerra, sob orientação britânica.

Outra visita inesperada foi mais amistosa. Certa noite, dois carros alemães chegaram e deles saíram quatro oficiais alemães. Um deles se apresentou como capitão Niemoller, sobrinho do pastor Martin Niemoller, companheiro de Fey von Hassell durante sua odisseia forçada pelos Alpes. Niemoller era assistente de um general que tinha usado o castelo como base e procurava documentos que haviam ficado para trás na sua saída apressada do local. Aliviados ao encontrar os britânicos e não os russos no controle do castelo, os alemães concordaram em ficar para jantar. Como recordou Warner, “foi uma confraternização internacional entre austríacos, suecos, húngaros, alemães e britânicos em torno da bela mesa de jantar dos Croy, que não fora coberta por uma toalha, mas contava com pequenas esteiras sob os pratos, ao estilo inglês. Graças sobretudo ao charme de nossos anfitriões, esta foi a mais prazerosa refeição que tivemos desde os nossos pousos desastrados em solo austríaco”.⁶

Em outros momentos, Warner fazia incursões infrutíferas ao quartel-general do Exército Vermelho em Zeltweg, para tentar pôr fim às frequentes investidas dos russos além do Mura, e para negociar a troca de prisioneiros de guerra soviéticos e britânicos pela linha demarcatória. Ao encerrar estas visitas, já se acostumara a ver sentinelas russos prestando continência com meia dúzia de relógios em cada braço e despertadores pendurados no pescoço.

Uma coisa estava absolutamente clara: a população local já estava farta da ocupação. Até mesmo aqueles que haviam saudado o Anschluss declaravam ter se cansado dos nazistas pouco tempo depois. Expoentes do Partido Nazista tinham se mudado para a Áustria, confiscado as melhores terras e induzido os

moradores a emigrar para leste. Isso tinha arrefecido a empolgação inicial do povo austríaco quanto às vantagens da união do país com a Alemanha e despertado a chama pela independência da Áustria. Em relação aos russos, o comportamento dos soldados do Exército Vermelho se encarregou de extinguir qualquer entusiasmo pela União Soviética, até mesmo entre os comunistas austríacos. Para Warner e os ocupantes britânicos, porém, a lua de mel prosseguia a pleno vapor — se não por outra razão, porque eles não eram russos.

Os soviéticos, entretanto, ainda eram aliados, pelo menos no papel. Pouco tempo depois de chegarem ao local, finalmente, as tropas britânicas concordaram com uma solicitação dos russos de ajustar a linha demarcatória para mais ao sul do rio Mura, o que significava entregar Schloss Authal, onde ficava o castelo, ao Exército Vermelho. Embora o acordo proibisse que qualquer civil se mudasse, Warner e seus amigos conseguiram abrir uma exceção para seus hospedeiros:

Contamos aos Croy e pedimos que avisassem todos os outros no castelo. Isso foi feito, e eles logo planejaram uma rápida evacuação. Os Andrassy haviam chegado ao castelo em veículos puxados a cavalo, que eram agora novamente carregados com pertences deles e de outros. Tudo foi levado para uma aldeia ao sul de Judenburg, fora da área de ocupação dos russos. Levamos os Croy um pouco mais longe, até uma cabana de tiro de sua propriedade nas montanhas ao sul. Eles levaram apenas seus bens mais importantes, mas, por cortesia, disseram que poderíamos dispor do que quiséssemos [...] Fui presenteado com um belo rifle Mauser de cano duplo e com vista telescópica. Eric [Rhodes], que era um fumante compulsivo, ganhou uma cigarreira de ouro e um rifle calibre 22.⁷

A essa altura, Warner e os outros agentes estavam atuando sobretudo como intérpretes para o Regimento Leicestershire, que ocupava a área. A tarefa implicava seu total envolvimento em uma das mais célebres operações do Exército britânico na Áustria do pós-guerra — o agrupamento de cidadãos soviéticos e seu retorno forçado ao Exército Vermelho e repatriamento à União Soviética.

Ao longo da guerra, vários milhões de cidadãos soviéticos caíram em mãos alemãs. Devido aos maus-tratos nazistas, dos 6 milhões de prisioneiros de

guerra, apenas cerca de um milhão sobreviveram. Em maio de 1945, porém, ainda estavam vivos cerca de 2 milhões de trabalhadores escravos, um milhão de refugiados vindos de lugares menores da União Soviética e profundamente aversos tanto aos russos quanto aos bolcheviques, e mais um milhão de homens que combateram ativamente do lado dos alemães contra o Exército Vermelho. Este último grupo havia sido recrutado entre os prisioneiros de guerra russos para prestar serviço no Exército de Libertação do general Andrei Vlassov, que havia desertado para o lado alemão em 1942, ou para ser distribuído pelas legiões orientais da Wehrmacht, compostas de georgianos, calmucos, ucranianos e cossacos, entre outros. Saindo da Rússia para oeste junto com as tropas alemãs, estes soviéticos passaram a maior parte do inverno de 1944-1945 no norte da Itália, mas, com o avanço dos Aliados no norte, recuaram durante a primavera para os Alpes e a Áustria. Quando a guerra terminou, renderam-se aos britânicos. Um oficial britânico registrou:

Com seus gorros cossacos de pele, longas suíças, botas na altura do joelho e carroças rústicas levando seus pertences, incluindo mulher e família, não havia como não reconhecê-los [...] Eles eram um quadro da Rússia de 1812. Manadas de cavalos galopavam em todas as direções pela estrada, impedindo nosso avanço, assim como o das carroças. Era inútil dar ordens a eles; poucos falavam alemão ou inglês e os que entendiam não estavam dispostos a obedecer.⁸

Na parte da Estíria que cabia a Fred Warner, os cossacos também se mostravam selvagens. Horrorizados com a ideia de cair nas mãos dos soviéticos, eles dispunham de muito pouca comida e com frequência assediavam a população local. Embora fossem cavaleiros intrépidos e tivessem paixão por seus animais, estavam agora os esartejando para saciar a fome. Alguns cavalos tiveram sorte, conseguiram se desvencilhar e fugiram a galope na direção da fronteira com a Alemanha. Warner escreveu: “Duvido que tenham encontrado sorte pior do que a que estava reservada a eles por seus donos, com quem nos relacionamos na Áustria.”⁹

Os cossacos que ele ajudou a reagrupar pertenciam ao 15º Corpo Cossaco de Cavalaria, que havia estado sob o comando do general Helmuth von Pannwitz, agora prisioneiro dos Aliados. A maioria dos oficiais da tropa eram alemães, e alguns haviam colaborado com os britânicos na ingrata missão de

reagrupar seus homens para levá-los até a fronteira zonal, onde seriam entregues aos russos. Como forma de incentivo, ganharam um refeitório próprio ao lado do usado pelos oficiais do Leicestershire e foram alocados em pequenos destacamentos de veículos blindados e caminhões conduzidos pelos oficiais britânicos responsáveis pela área. Warner relatou:

Estas missões de busca eram feitas nas montanhas e em outros locais onde as turmas de reconhecimento, civis austríacos, a polícia etc. já tinham informado sobre a presença de cossacos [...] Foram investidas muito bem-sucedidas e capturaram pelo menos 2 mil cossacos de todos os escalões, já sem nenhuma liderança, aparentemente esgotados, famintos e abatidos. Nas áreas de concentração, os oficiais eram separados dos soldados. Era muito desolador ver os soldados dizendo adeus. Os cavalos e as armas eram confiscados de todos, que eram autorizados a manter apenas seus pertences pessoais. Alguns oficiais, com lágrimas nos olhos, entregavam seus cavalos pessoalmente a certos oficiais do Regimento Leicester, implorando para que cuidassem bem deles.

Então, os cossacos eram jogados nos caminhões do Exército britânico e levados sob forte guarda para Zeltweg, onde eram entregues aos russos. “Pelo que ouvimos mais tarde”, escreveu Warner, “os oficiais eram fuzilados logo na chegada, enquanto cerca de 2 mil homens de outras patentes foram mandados para um campo na Rússia após serem condenados a 25 anos de trabalhos forçados”.¹⁰

Warner fez questão de ocultar os detalhes desta entrega, mas existe um retrato nítido do que aconteceu quando um grupo de oficiais cossacos foi transferido para o Exército Vermelho em Judenburg, no final de maio. Ali, o rio Mura divide a cidade. Uma ponte sobre o desfiladeiro estabelecia a fronteira entre as zonas britânica e soviética. Primeiro, os oficiais cossacos foram separados de seus homens, o que se conseguiu através de uma artimanha dos britânicos, que os levaram a acreditar que seriam conduzidos ao marechal de campo Alexander para ouvir pessoalmente sobre o seu destino. É claro que, quando chegaram ao local designado, não havia marechal algum, e um oficial britânico comunicou abruptamente que eles seriam entregues aos russos e que a questão já estava resolvida. Os cossacos foram, então, detidos por uma noite.

Na manhã seguinte, caminhões do Exército britânico chegaram para transportá-los até o outro lado da fronteira, mas os cossacos se recusaram a se

mover e resistiram pacificamente, sentando-se no chão de braços dados e formando uma corrente. Um pelotão da infantaria britânica avançou contra eles com rifles e baionetas. Ainda assim eles não se moveram. Finalmente, os soldados britânicos recorreram à força e os levaram arrastados para os caminhões. Nicholas Bethell continua a narrativa:

Um desfiladeiro demarcava a fronteira. Veículos blindados britânicos e metralhadoras davam cobertura à aproximação. Um por um, os caminhões cruzaram a ponte sobre o rio para o lado soviético. Enquanto os caminhões esperavam a sua vez de atravessar, um cossaco obteve permissão para usar o mictório na base da ponte. Então, de repente, ele saiu em disparada e saltou do penhasco, caindo nas pedras 30 metros abaixo.

O homem foi resgatado com vida e entregue, destroçado e agonizante, ao Exército Vermelho. Pelo menos um outro oficial cossaco conseguiu cortar o pescoço com uma navalha.

Os britânicos não viram nada do que aconteceu depois que os cossacos atingiram o lado soviético, mas puderam ouvir muito bem. Naquela noite e nas seguintes, registra Bethell,

eles ouviram disparos esparsos vindos do outro lado do rio, acompanhados pelo mais lindo coral de vozes masculinas que já haviam escutado. Depois de cada rajada de balas vinha sempre um grande grito de aplauso. Sem dúvida, os oficiais cossacos sabiam como morrer corajosamente. Por vários dias e noites, os pelotões de fuzilamento soviéticos estiveram ocupados liquidando os cossacos numa usina siderúrgica desativada em Judenburg.¹¹

Logo depois, todos os cossacos remanescentes, junto com suas mulheres e seus filhos, foram entregues aos soviéticos contra a própria vontade. Muitos se mataram para evitar este destino, enquanto cerca de 4 mil se refugiaram nas florestas da região. Ali, as patrulhas britânicas iam atrás deles, às vezes ajudadas por agentes soviéticos do SMERSH. Perto de 1.300 foram capturados e, deste total, novecentos foram entregues aos soviéticos e imediatamente executados. Ao todo, na Áustria, 50 mil cossacos foram entregues. “É claro”, escreveu Warner, “que esses homens eram traidores, mas não era possível ficar indiferente a sua sorte”.¹²

Pouco tempo depois, o grupo da SOE começou a se separar. Eric Rhodes entrou na caçada a criminosos de guerra, chefes nazistas e outros elementos identificados no Arquivo Central de Criminosos de Guerra e Suspeitos de Segurança (CROW-CASS), montado pelo quartel-general de Eisenhower naquela primavera, e logo estaria na pista de Odilo Globocnik. Embora o oficial da SS tenha conseguido se suicidar antes de ser capturado, dois gauleiters austríacos que viajavam com ele entregaram-se a Rhodes sem oferecer resistência. Um deles era pai de dez filhos, e sua esposa fora condecorada pessoalmente por Hitler com uma “Cruz da Mãe” feita em ouro puro. Rhodes “liberou” a relíquia e a deu de presente a Warner.

No começo de junho, Warner estava em Villach auxiliando na segurança pública. Todos os funcionários envolvidos na tarefa eram policiais britânicos, e nenhum deles, com exceção de Warner, falava alemão. Sua missão específica era supervisionar as tradutoras, todas austríacas da comunidade. Logo ficou claro para ele que as mulheres estavam comprometendo aqueles de quem não gostavam e favorecendo os amigos para que conseguissem bons empregos junto às forças de ocupação. “Chegamos à conclusão de que estas ‘senhoras’ tinham sido escolhidas por sua beleza e não por sua integridade. O período que sucedeu a guerra estava repleto de corrupção. Já era hora de impor os velhos padrões: recebemos dezenas de denúncias e cartas anônimas.”¹³

Mas ser um ocupante não significava apenas trabalho. No primeiro final de semana de junho, Warner foi convidado por um amigo a fazer uma viagem pelas montanhas e cruzar a fronteira com a Itália para assistir à grande corrida de esqui organizada pela 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos. Tendo boas recordações de seu próprio treinamento com esqui na Itália, ele logo aceitou. A bordo de um Tatra conversível, eles partiram para uma deliciosa viagem pelas Dolomitas até Udine.

Umas das ironias da guerra em relação à 10ª Divisão de Montanha foi que, depois de tanto treinamento em Camp Hale, uma vez na Europa eles quase não usaram seus esquis. Tanto o terreno — entrecortado e rochoso — quanto o clima chuvoso da primavera contribuíram para isso. Os benefícios do rigoroso treinamento nas montanhas se traduziram, no entanto, na excelente forma física das tropas americanas na Itália e também na intensa camaradagem que produziu. “Umas 12 patrulhas de reconhecimento chegaram a usar esquis, mas é claro que nenhuma delas se lançou montanha abaixo”, lembrou um veterano.

“O que realmente contava nos combates era a destreza para escalar as rochas.”¹⁴

Então, o encontro nos Alpes era a primeira oportunidade para os melhores esquiadores da divisão exibirem seus talentos desde a chegada à Europa. Centenas de soldados dos Estados Unidos foram levados de caminhão para assistir às demonstrações de perícia na neve e para se divertir um pouco após as tensões excessivas da guerra. Entre eles estava Robert Ellis, que viu a competição geral ser vencida pelo sargento Walter Prager — treinador de esqui da Universidade de Dartmouth, ganhador por duas vezes da importante corrida Arlberg-Kandahar, realizada anualmente na Suíça, e campeão mundial em 1931. Prager era um instrutor suíço conhecido em Davos, e um dos mais de cem europeus que foram incorporados à 10ª Divisão de Montanha. A maioria eram exilados de nações ocupadas, como a Áustria e a Noruega, e haviam sido grandes esquiadores antes da guerra. A presença deles na divisão, aliada às suas fortes convicções antinazistas, muito contribuiu para a invejável imagem pública que construíram, de uma unidade de elite ousada e temível.¹⁵

Infelizmente, Fred Warner não conseguiu ver a disputa. Na noite anterior, em Udine, ele fora convidado para uma grande festa, regada a “baldes” de champanhe. Tudo de que se lembrou mais tarde foi da presença de dois neozelandeses, com quem conversou um pouco porque duas de suas irmãs viviam lá. Ao abrir os olhos, na manhã seguinte, numa cama de campanha, ele descobriu que todos os seus pertences e documentos haviam sido furtados, inclusive o relógio que recebera da SOE ainda em Londres. Abatido ao extremo e amargando uma enorme dor de cabeça, ele descartou a competição de esqui e voltou para a Áustria.

Em Wolfsberg, Warner tinha agora uma nova tarefa: examinar funcionários da polícia, expedir autorizações de viagem para civis e vasculhar locais à procura de armas escondidas. Numa destas missões, ele encontrou um velho Fiat abandonado numa garagem. Ninguém queria aquele carro porque a marcha a ré não estava funcionando; então, Warner o tomou para si. Sempre que precisava dar ré, convocava uma turma de garotos bem-dispostos para ajudar a empurrá-lo e os recompensava com doces. Lá pela metade do verão, ele era uma espécie de celebridade em Wolfsberg.

O repatriamento dos cossacos foi apenas um episódio no gigantesco movimento de pessoas na Europa nas semanas que se seguiram ao Dia da Vitória. Ainda que o retorno forçado dos cidadãos russos à União Soviética tenha produzido manchetes, a maioria das pessoas estava louca para voltar para casa. Mas isso não significava necessariamente que elas partiam cheias de felicidade, como Francesca Wilson estava descobrindo na Bavária. No final de maio, ela ainda permanecia no campo de Feldafing, dando assistência social aos judeus. “A gente acaba se apegando a essas pessoas”, escreveu em seu diário, “mas a maioria são pobres coitados despedaçados”. Três dias antes, o primeiro grupo de judeus tchecos deixara o lugar, sendo transferido para um campo de recepção em Pilsen. Quase todos os europeus ocidentais já haviam partido, mas essa era a primeira evacuação para países do leste. Francesca passou longas horas registrando a saída dos tchecos, individualmente, nas fichas do Quartel-General Supremo da Força Expedicionária Aliada (SHAEF) que haviam sido impressas aos milhões. Uma cópia de cada ficha era enviada para o centro de recepção no destino, enquanto a outra era mantida na Alemanha. Além dos dados pessoais de cada pessoa, a ficha continha um histórico de saúde assinado pelo colega médico de Francesca.

Ela gostava daquele trabalho porque lhe permitia conhecer os tchecos individualmente. Mas também o odiava. Havia muitas perguntas que detestava ter de fazer. “Você é casado?” “Tem filhos?” A resposta era quase sempre a mesma — Auschwitz. Ela estava lidando com pessoas que haviam perdido maridos, esposas e filhos. Mesmo para ela, que tinha experiência de uma vida inteira no trabalho com refugiados pela Europa, a tarefa era dura. “Era esta solidão que fazia essas pessoas parecerem mais à deriva e vulneráveis do que quaisquer outras que eu já tenha conhecido. Nem mesmo o repatriamento despertava sua alegria”, escreveu ela.¹⁶

No domingo, 17 de junho, ela estava sentada no ancoradouro em Tutzing, meditando sobre os acontecimentos desde o Dia da Vitória. O lago tremulava suavemente sob seus pés, e suas águas cinzentas recebiam vez por outra um facho de sol. Ao longe, as nuvens encobriam os Alpes. Era um momento de paz após muitos dias de agitação intensa. No início do mês ela começara a trabalhar com os milhares de deportados dispersos pelas cidades, vilarejos e fazendas em toda a Bavária. Era uma mudança animadora. O comandante do campo de Feldafing, tenente Smith, preferia fazer as coisas do jeito dele, e

Francesca chegou a sentir, algumas vezes, que estava desperdiçando suas energias ali.

Desde então, tinha vasculhado a região tentando pôr ordem no caos. Na maioria das vezes, era uma tarefa frustrante. Um dos maiores problemas era encontrar trabalho para os desalojados. Os soldados alemães estavam sendo desmobilizados e os fazendeiros locais já tinham mais compatriotas em suas lavouras do que podiam empregar, e estrangeiros estavam fora de cogitação. Ela descobriu que muitos deportados eram engenheiros e mecânicos qualificados, mas havia centenas de alemães igualmente capazes na filas de trabalho. E ainda que as autoridades militares tivessem decretado que os desabrigados deveriam ter prioridade sobre os alemães, na prática isso era algo difícil de forçar.

Em certa ocasião, Francesca visitou um aeródromo que fora arrasado e estava sendo reconstruído pelos americanos próximo a Munique. “Eu poderia empregar cem desabrigados aqui”, disse o capitão do Exército dos Estados Unidos encarregado da obra, “mas não tenho moradia para eles. Até posso mandar um caminhão buscá-los, se não estiverem muito longe. Tenho vaga para 25 homens já na próxima segunda-feira”. Francesca sabia de um vilarejo a 12 quilômetros dali onde havia dezenas de russos, a maioria engenheiros e técnicos. Encontrar estes poucos empregos não era muita coisa, ela refletiu, mas com o desemprego em massa dos anos 1930 ainda na memória coletiva, a conquista parecia valiosa como ouro. Mas aquilo chegaria a acontecer? O caminhão havia ficado de aparecer no vilarejo às 6h30 da manhã seguinte, mas ela se frustrara muitas vezes antes para alimentar grandes esperanças.¹⁷ O fato é que ninguém queria facilitar a vida dos desalojados ou encorajá-los a ficar. Os alemães os temiam e detestavam, e cada vez mais os americanos eram cautelosos no trato com os problemas do grupo. Agora, todo o empenho era para mandá-los para casa e não para encontrar emprego para eles. Alguns dos piores problemas diziam respeito aos russos, o maior aglomerado de estrangeiros à solta na Bavária.

Francesca ainda estava se recuperando de um fiasco envolvendo os russos. Certa manhã, começou a correr o boato de que o repatriamento pelo qual todos esperavam havia várias semanas começara, e que 4 mil pessoas por dia estavam deixando Munique de trem. Como a cidade abrigava 50 mil russos, fora decidido que eles partiriam primeiro, seguidos pelos milhares que se

espalhavam por toda a Bavária. Mas alguém, em algum lugar da hierarquia de ocupação, resolveu ajudar os americanos encarregados do campo de Starnberg, onde havia russos causando problemas, e decidiu-se que eles seriam embarcados imediatamente. Francesca se voluntariou para liderar o comboio e acomodar os russos em 19 caminhões até Munique.

A viagem foi um pesadelo. Ninguém se preocupou em avisar aos russos que ela estava a caminho, e, ao chegar, Francesca os encontrou numa barraca em torno do fogão, deliciando-se com um guisado de coelho que insistiam em degustar até o fim. Eles também bebiam enormes quantidades de um horrível álcool de madeira, e quando finalmente se aprontaram para partir, ela teve de recolher nos bosques alguns que haviam sucumbido à bebedeira, bem como convencê-los a não deixar para trás a maioria de seus pertences, inclusive cobertores e casacos. Esta foi uma providência sábia, pois voltou a chover pouco depois de o comboio deixar o campo, e os cobertores garantiram uma proteção contra o mau tempo.

Então, veio a grande confusão em Munique. As ruas ainda estavam atulhadas de escombros de ambos os lados, congestionadas pelos milhares de desalojados e civis alemães, então o tráfego estava lento. Francesca foi obrigada a abandonar o comboio por uma hora e meia e seguir a pé, para saber exatamente para onde estavam indo. Quando retornou, ficou aliviada ao constatar que os russos não tinham se envolvido em saques. Por fim, ela os levou até o posto de recepção da estação de trem, mas as notícias sobre o comboio se espalharam, e militares dos Estados Unidos deram ordens para que centenas de russos fossem trazidos de Feldafing na manhã seguinte. Entretanto, eles tinham bloqueado a estrada diante de um segundo comboio que vinha de Starnberg, o que o obrigara a dar meia-volta. Quando este retornou, porém, o campo já tinha se transformado num centro de detenção para suspeitos nazistas, cercado com arame farpado e guaritas com metralhadoras. Francesca foi encarregada, então, de encontrar alojamento alternativo para os russos em Feldafing, mas o tenente Smith insistiu para que os quartos fossem desinfetados cuidadosamente, pois ainda havia tifo no campo. Foi um dia exaustivo e frustrante.

Francesca se sentiu culpada. Se não tivesse encorajado aqueles homens a embarcar no comboio, todo aquele caos poderia ter sido evitado. Por outro lado, refletiu, as coisas poderiam ter sido ainda piores. Mas, para sua alegria,

nenhum de seus pesadelos se materializou: os russos não assassinaram ninguém; e o furacão que os alemães estavam colhendo como resultado do tratamento atroz que haviam lhes dado ficou restrito aos furtos.

De qualquer modo, os acontecimentos se sucediam depressa e sempre havia um problema novo para resolver: ruminar os antigos era perda de tempo. Um dia, Francesca descobriu um “ninho inteiro” de desalojados em Penzberg, um vilarejo a cerca de 30 quilômetros de Tützing onde havia uma mina de carvão. Alguns eram oficiais russos que haviam sido forçados a trabalhar na mina; outros eram polacos, mantidos num campo separado. O problema era que metade dos polacos fora subitamente transferida pelos americanos, sem qualquer aviso, para outro campo em Oberammagau. As famílias foram separadas de maneira arbitrária e a confusão começou. Francesca e um oficial polonês, prisioneiro da Alemanha desde 1939, dirigiram para o quartel-general do governo militar dos Estados Unidos em Murnau para tentar descobrir o que estava acontecendo.

Um tenente e um major simpáticos estavam encarregados da situação. Francesca gostava da maioria dos americanos que encontrava. Nos seus melhores dias, eles tinham alguma coisa que faltava aos europeus, achava. “Eles são animados, têm cabeça fresca, falam com originalidade e sem clichês”, anotou. “Mas, acima de tudo, se dispõem a experimentar as sugestões que recebem, não na semana que vem, mas na mesma hora.”¹⁸

Agora, havia um caso em questão. O tenente explicou que eles estavam tentando evacuar os desalojados de Penzberg, porque queriam pôr a mina novamente em funcionamento. Mas os alemães recusavam-se a trabalhar. Não estavam confiantes em deixar suas casas e sentiam necessidade de defendê-las — e suas mulheres — do “ataque dos escravos libertos”. Pelo menos, era isso o que alegavam, contou o tenente. Sendo assim, ele decidira evacuar todos os estrangeiros da região, para que não houvesse mais desculpas. Mas para onde poderia mandar o resto dos polacos?

Francesca disse que encontraria um lugar. Então, prosseguiu com o oficial polonês para Oberammagau. O dia estava lindo — a Bavária no seu esplendor. Os agricultores ceifavam o feno e o empilhavam nos prados verdes e ensolarados, e as montanhas no alto ainda exibiam picos nevados. Ela passou por vilarejos com chalés de venezianas coloridas e sacadas repletas de flores —

como se Hitler e os homens da SS jamais tivessem existido, e tampouco a ruína e a miséria humana com que ela se deparava todos os dias.

Depois disso, foi um choque entrar nas barracas em Oberammagau. Não havia banheiros, as camas estavam cheias de perceijos, o encanamento estava quebrado e havia goteiras no teto. Era um lugar deprimente, onde não se via sequer uma flor. As crianças estavam vestidas de maneira precária e pareciam doentes. Elas se sustentavam com meio litro de leite por dia e nenhuma comida especial. “Muito pouca manteiga e açúcar, e muita vagem. Faltavam vitaminas. Onde estão as lojas de que ouvimos falar? E o óleo de fígado de bacalhau?”, Francesca registrou em seu diário. Os suprimentos da Cruz Vermelha de vez em quando chegavam, mas eram sempre insuficientes. Ela descobriu que o comandante do campo era um holandês — provavelmente um antigo colaboracionista — bastante malquisto, que tratava os internos como se fossem prisioneiros e não permitia sua saída. Então, ela e o oficial polonês foram embora imediatamente e encontraram adiante um campo muito melhor, com um hospital, uma escola e espaço suficiente para abrigar os polacos de Penzberg. Ela esperava, agora, que o tenente americano concordasse com a transferência.¹⁹

No trajeto de volta, Francesca foi confrontada com outros imprevisíveis destroços humanos da guerra. Eles pararam para dar carona a um senhor de rosto enrugado e traços mongóis que estava sentado sobre uma pilha de bagagem na beira da estrada. Ele vinha de um campo de calmucos escondido nas profundezas de um vale próximo; eles o levaram até lá e num instante foram cercados por uma multidão de homens, mulheres e crianças falando todos ao mesmo tempo.

A história do grupo era complicada. Originalmente um povo nômade da Mongólia, eles haviam se estabelecido no sudeste da Rússia entre o Volga e o Don, e eram os únicos budistas da Europa. Os calmucos foram perseguidos sistematicamente pelos tsares, mas, ainda assim, muitos combateram no Exército Branco contra os bolcheviques, o que fez com que Stalin os oprimisse ainda mais cruelmente, destruindo seus mosteiros, matando e atormentando os monges e fazendo tudo a seu alcance para eliminar a religião deles. Então, em 1944, o ditador confinou na Sibéria ou exilou na Ásia Central todos os calmucos que não estavam combatendo no Exército Vermelho. Os que tinham se exilado previamente, em decorrência da revolução de 1917, se estabeleceram

em países como França, Bulgária e Iugoslávia, antes de serem escravizados pelos nazistas para trabalhos em fábricas e minas. Outros ainda, em torno de 350, foram capturados pelos nazistas em Rostov e outras partes da União Soviética. Agora, tudo o que eles queriam era ficar juntos e se tornar emigrantes — mas não na Alemanha, sublinharam enfaticamente, pois ali tinham sido tratados como uma espécie inferior de seres humanos.

Com orgulho, eles mostraram a Francesca seu pequeno templo, decorado com imagens de Buda, o altar e as luminárias. Ela e o oficial polonês foram os primeiros estrangeiros a mostrar algum interesse por eles. Eles perguntaram se conseguiriam obter permissão para viajar a Munique, a fim de contatar o escritório de imigração russo. Ela disse que tentaria ajudar, mas sabia que era uma tarefa impossível. Talvez os que já tivessem trabalhado na França pudessem voltar para lá, mas e os demais? Ao ver aquele povo tentando desesperadamente encontrar alguém que os ajudasse, ela quase não conseguiu conter as lágrimas. “Nos dê alguns cavalos e verão que sabemos lidar com eles”, clamaram. “Todos os animais — mas sobretudo cavalos.”

Francesca registrou o encontro em seu diário: “Nunca vi um povo desarraigado tão perdido e esquecido como esse.”²⁰ Mas havia muitos outros povos quase tão perdidos. Os cidadãos soviéticos estavam sendo mandados de volta, mas, assim como os calmuços, muitos não tinham desejo de retornar para a ditadura brutal de Stalin. A política acordada pelos Aliados na Conferência de Yalta, naquele mês de fevereiro, determinava que todos os que fossem cidadãos soviéticos em agosto de 1939 teriam que retornar, independentemente de sua vontade. Como Fred Warner testemunhara na Áustria, aquela decisão fazia milhares de vítimas e provocava angústia nos agentes humanitários da linha de frente como Francesca Wilson. Repatriamento — “ir para casa” — era uma palavra animadora em todos os livros, assim como nos panfletos da UNRRA, mas a agência não havia previsto que tantos desalojados rejeitariam o retorno ao lar. No final, sua maior incumbência acabou sendo não o repatriamento, mas cuidar daqueles que escolheram *não* ir para casa. Francesca não fora preparada para isso, e tudo era muito mais complicado do que esperava.

Um dia, por exemplo, ela encontrou um grupo de dez camponeses de olhos negros e cabelos cacheados aguardando do lado de fora da sua casa. Eram georgianos e armênios de Tbilisi que tinham servido na Wehrmacht — mas

somente, garantiam eles, porque ou era aquilo ou a morte. Eles juravam não ter pegado em armas, mas haviam trabalhado para a Organização Todt. Agora, queriam voltar para suas esposas e seus filhos, mas temiam ser fuzilados. Francesca argumentou que a União Soviética precisava de todos os trabalhadores possíveis para a reconstrução do pós-guerra, e que muito provavelmente tudo ficaria bem. A única alternativa, lembrou a eles, seria terrível: se tornarem apátridas na Alemanha. “Aqueles olhos grandes foram ficando cada vez mais tristes”, anotou. “Era angustiante.”²¹

Ela também não estava nem um pouco convencida de que lhes dava o melhor conselho. Em certa ocasião, tinha ido a Dachau para ver se conseguia documentos que provassem que os russos em Feldafing tinham sido mandados para o campo acusados de sabotagem ou atividades antinazistas, como por exemplo tentar fugir de um campo de prisioneiros de guerra. Isso podia ser uma questão de vida ou morte para eles, porque muitos russos, em maior ou menor escala, combateram voluntariamente nas fileiras da Wehrmacht, e, ao retornar à União Soviética, decerto encontraram a morte ou, no mínimo, o trabalho forçado. Os americanos, porém, pareciam dispostos a mandar de volta para casa tantos russos quantos fosse possível, e os alemães aguardavam ansiosamente por isso. E não era apenas pela alegria de ver pelas costas seus antigos escravos: eles também precisavam de espaço para uma nova leva de refugiados alemães que se aproximava.

Numa reunião com o prefeito de Tutzing, Francesca ouviu que milhões de alemães estavam sendo expulsos pelos tchecos dos Sudetos e em breve chegariam à Alemanha. Muitos já estavam a caminho, trazendo apenas uma mochila nas costas. Tutzing, sozinha, esperava receber 25 mil deles. Onde seriam abrigados? Como seriam alimentados? Francesca vislumbrava um pesadelo iminente.

O destino dos sudetos fazia parte da retaliação em massa que agora se abatia sobre os 15 milhões de germânicos que estavam sendo expulsos de suas terras na Europa Central e Oriental. A multidão vinha de partes da Alemanha repentinamente subjugadas pelo governo soviético ou polonês, como a Prússia Oriental, a Pomerânia e a Silésia, mas cerca de 3 milhões deles procediam da Tchecoslováquia. Foi a maior “limpeza étnica” na história sangrenta da Europa do século XX.

O governo tcheco no exílio arquitetou sua política de expulsão muito antes da libertação, e então obteve o consentimento de todos os Aliados para executá-la. A simpatia e adesão dos sudetos a Hitler alcançou seu clímax com a ocupação da região pelos nazistas em 1938, o que praticamente garantiu que não haveria lugar para esta populosa e turbulenta minoria étnica na Tchecoslováquia do pós-guerra. Embora a massa de germânicos morasse na região da fronteira ocidental conhecida como Sudetos, um número significativo estava nas cidades da Boêmia como Praga e Brno. De fato, a Universidade de Praga já teve ambições de ser reconhecida como uma das mais antigas universidades *alemãs* na Europa.

As expulsões começaram assim que os combates pararam, em maio de 1945, e não levaram em conta idade, gênero ou alianças políticas passadas — uma grotesca imagem espelhada da “limpeza” racial praticada pelos nazistas, que incluía até mesmo alemães que se opunham a Hitler, como os social-democratas e comunistas. Muitos tchecos germânicos viram os avisos nos muros e partiram voluntariamente, em grandes comboios de carroças, antes mesmo do fim das batalhas, para o ocidente, em direção à fronteira da Alemanha. “Nós lemos que Hitler estava morto”, recordou um homem. “Era hora de partir [...] Deixamos nossas cidades às oito da noite e às quatro da madrugada já tínhamos alcançado a rodovia para oeste. Ela estava cheia, abarrotada, com toda espécie de carroças, charretes e veículos que se possa imaginar.”²²

A decisão de expulsar os alemães tinha fundamento numa crua realidade. Muitos sudetos haviam exercido papéis proeminentes no governo nazista sobre o país — por exemplo, o detestado e cruel general da SS Karl Hermann Frank, de Karlsbad, que comandava a polícia e sucedia o general da SS Reinhard Heydrich como “protetor” da Boêmia e da Morávia, depois do assassinato deste último, em 1942, por agentes tchecos treinados pelos britânicos da SOE. Um dos piores massacres nazistas em toda a Europa aconteceu numa vila de Lídice, não muito distante de Praga, onde, em represália direta pela morte de Heydrich, todos os homens foram mortos, e as mulheres e crianças, deportadas para a Alemanha. A vila foi então demolida, e todos os vestígios de sua existência, apagados. Em 10 de junho de 1945, o presidente tcheco Edward Benes visitou o lugar e fez um discurso, no qual culpou os alemães da região pela chacina cometida pelos nazistas. “Não podemos esquecer”, acrescentou,

“que os principais instigadores, mandantes e executores destes crimes foram *boêmios* alemães”.²³

O III Exército de Patton ocupava a maior parte dos Sudetos ocidentais. Ali, as coisas se mantinham relativamente calmas — tanto que havia reclamações de que os americanos estavam sendo bonzinhos demais com os alemães. Nas áreas libertadas pelo Exército Vermelho, porém, a retaliação contra os germânicos era rápida e muitas vezes violenta. Em Praga, onde a resistência tcheca tinha ajudado a libertar a cidade, os partisanos invadiram a estação de rádio controlada pelos alemães e começaram a transmitir convocações para “Matar os alemães onde quer que se encontrem”, sem distinção entre soldados e cidadãos. Por toda a cidade, guardas revolucionários cercaram os alemães e os internaram em prisões, teatros e escolas, onde eles passaram fome, sofreram estupros e outras formas de tortura. Além disso, milhares de tchecos germânicos estavam confinados agora em Theresienstadt, o campo de concentração usado pela SS como estação de parada a caminho de Auschwitz.

Uma semana após o Dia da Vitória na Europa, quase toda a população germânica de Brno tinha sido detida e confinada. Nas duas semanas seguintes, oficiais tchecos foram de casa em casa avaliando seus bens para confisco. Então, no último dia de maio, os 20 mil alemães ainda remanescentes foram obrigados a marchar ou para os campos de detenção ou para a fronteira austríaca. Ali, no entanto, os guardas recusavam a sua entrada. Impossibilitados de voltar, eles se sentaram no chão por vários dias sem comida ou recursos sanitários, e o tifo logo se espalhou.

Esta era uma situação típica do clima de extermínio que tomava conta da Tchecoslováquia durante o verão de 1945. Em um campo para mulheres, tchecos e russos armados apareciam à noite, escolhiam suas vítimas sob a luz de tochas e as estupravam em público. As autoridades tchecas exigiam que todos os alemães, dentro ou fora dos campos, usassem uma braçadeira branca. Eles só tinham direito a uma ração precária e estavam proibidos de utilizar os transportes locais.²⁴

De volta à Bavária, Francesca Wilson viajou para ver Dachau. Percorreu os hospitais improvisados nas barracas, ainda repletos de doentes. “Meu Deus, como essas pessoas parecem solitárias!”, pensou. Algumas estavam morrendo, outras inconscientes, e algumas convalesciam. O plano agora era dividir o

campo de Dachau em dois. Uma de suas metades seria usada como hospital, e a outra se transformaria num presídio para 10 mil homens da SS que tinham sido capturados. Uma bela retaliação, pensou Francesca.²⁵

Em Belsen, na zona britânica, as condições melhoravam lentamente e o índice de mortalidade declinara bastante: de quinhentos óbitos por dia na libertação do campo para menos de cem por dia em meados de maio. O Campo 1 — considerado o pior — estava sendo evacuado, e cada cabana que ficava vazia era incinerada. Os últimos quatrocentos internos foram evacuados no sábado, 19 de maio, e, dois dias depois, a última cabana foi cerimoniosamente queimada. Porém, 12 mil doentes continuavam no hospital, e milhares de outros — agora já classificados como “desalojados” — viviam no Campo 2 (para homens) e no Campo 3 (para mulheres).

Em junho, quando os sobreviventes já estavam melhor, novos problemas afloraram. Alguns dos antigos prisioneiros, na maioria russos e polacos, haviam iniciado uma orgia de destruição de qualquer coisa que fosse alemã, e os ataques a enfermeiras alemãs aumentavam.²⁶ A composição do campo também começava a mudar. Entre os abandonados, a maioria eram judeus, muitos sem ter para onde voltar e determinados a construir um país próprio. Para eles, em Dachau e outros campos de concentração, como Belsen, a liberdade tinha sido ao mesmo tempo o fim de uma história e o início de outra.

24. “VOCÊ PERDIA PESSOAS ENQUANTO GANHAVA A LIBERDADE”

Pela janela aberta de seu quarto de hotel, Robert Reid podia ver montes arborizados e picos nevados, como num quadro. No centro da imagem, uma espessa coluna de fumaça negra se erguia em direção ao céu. Quando a noite surgiu, ela assumiu um tom avermelhado, refletindo as chamas de um incêndio fora de seu campo de visão. Mas o jornalista da BBC sabia do que se tratava. Ele estava em Berchtesgaden, e alguém — talvez um exilado sem teto — havia posto fogo num dos prédios que circundavam a Berghof de Hitler. Tão logo o *War Report* parou de ir ao ar, após o Dia da Vitória, Reid tomou o rumo de casa, assim como a maioria dos correspondentes de guerra. Mas em vez de embarcar num avião militar que fazia várias escalas pela Europa, ele trocou a fuselagem gelada por um retorno por terra, para se sentir de novo na pele de um turista, exatamente como ele e Vera haviam feito na década de 1930 em sua excursão pelo continente. Era uma viagem de 1.500 quilômetros de jipe até Paris, e ele planejava aproveitar cada minuto.

Berchtesgaden foi sua primeira parada. Tropas francesas haviam chegado à cidade primeiro, mas, agora, o lugar também fervilhava com forças do VII Exército do general Patch. Ao lado de um colega e meia dúzia de soldados americanos, Reid avançou pela estrada íngreme e tempestuosa, castigada pelas bombas, até as ruínas da incendiada residência de Hitler, atrás dos pinheiros. Berghof tinha sido alvejada pelos bombardeiros Lancaster da RAF duas semanas antes, e a ampla sala de visitas, com seu janelão com vista para a montanha Untersberg (de onde, segundo a lenda, o imperador Carlos Magno

despertará algum dia para restaurar as glórias passadas do Império Germânico), estava vazia e desolada.

Ali, ao contrário de Hitler, Reid não via nada que lhe desse inspiração. Os catadores e saqueadores já tinham feito seu trabalho e restara apenas um salão carbonizado enegrecido pelo fogo, o reboco meio solto e uma janela vazia. Quanto à grande varanda onde Hitler fora tantas vezes fotografado, tendo a dramática vista dos Alpes ao fundo, tinha virado um amontoado de pedras, árvores espatifadas e metal retorcido, com o cheiro de um cadáver preso em algum lugar embaixo.

Agora, enquanto via a fumaça se elevar a distância, Reid pensava nas chamas não como o resultado de um cigarro largado com descuido ou algo criminoso. Aquilo parecia mais a pira funerária de uma nação.

Em torno do enorme complexo, outros chefes nazistas haviam construído suas casas, e os caçadores de lembranças e soldados americanos com câmeras na mão já estavam por lá com força total. Investigadores haviam encontrado uma boa parte da ampla coleção de arte roubada de Hermann Göring, e todo mundo parecia ter algum souvenir do Terceiro Reich de Hitler para levar para casa, inclusive Reid. Num canto de seu quarto havia uma pilha de livros. Ele pegou um deles, um volume grande encadernado em azul, com o nome “Edda” impresso em letras douradas. Dentro, havia centenas de fotos da filha de Göring. Na incursão pelos escombros, Reid descobriu também meia dúzia de arquivos com as correspondências de Göring, muitas delas com seus comentários e respostas manuscritos. Em um deles, encontrou cartas nas quais o marechal convidava amigos a fugir do “bombardeio de terror” aliado e refugiar-se com ele em Karinhall. Havia também instruções para o Reichsbank sobre a venda ou compra de moeda estrangeira, assim como longas listas de seus tesouros de arte. De que forma os pertences pessoais do segundo homem mais poderoso do Reich de Hitler tinham ido parar ali Reid não fazia ideia.¹

Os flashes das câmeras também brilhavam em Munique quando ele foi visitar a famosa cervejaria onde Hitler planejara seu fracassado *Putsch* em 1923. Pessoas sozinhas ou em grupos tiravam fotos da fachada com muita descontração e gargalhadas. Lá dentro, centenas aguardavam silenciosa e pacientemente na fila para ter suas canecas e copos abastecidos com a cerveja da Bavária. Era como se estivessem de folga do mundo em desordem lá fora, Reid pensou.

Então, ele seguiu de jipe pela Alemanha em direção ao Reno. As estradas estavam banhadas pelo sol e o forte aroma das flores de primavera, mas o estrago da guerra era bem visível. Casas arruinadas, estações de trem despedaçadas, fábricas enegrecidas pela fumaça das bombas e igrejas destelhadas maculavam a paisagem. Contudo, foram os despojos humanos, os nômades da Europa voltando para casa em correntes sem fim, que realmente chamaram sua atenção:

Mulheres russas com seus lenços de cabeça brancos, figuras patriarcais e de barba em casacos forrados, mongóis bochechudos e de pele acobreada, bandos de soldados italianos em uniformes tropicais completos, com as faces semiocultas por chapéus de sol, prisioneiros alemães saltando dos caminhões numa ponta da cidade para ingressar no cativeiro, enquanto na outra ponta prisioneiros de guerra britânicos e americanos embarcavam em caminhões na primeira etapa da sua jornada de volta para casa.²

Finalmente, ele estava de volta a Paris, resplandecente sob o sol, com seus bulevares lotados, mulheres bem-vestidas e turistas em roupas cáqui. Na capital francesa, ele encontrou colegas que tinha visto pela última vez agachados em trincheiras ou algo do gênero, tagarelou e contou histórias pela noite adentro.

Não foi a primeira visita de Reid à cidade depois da célebre reportagem em Notre Dame: ele estivera em Paris por dois dias no último mês de fevereiro, quando a cidade foi libertada, mas a França ainda estava em guerra. Então, foi atraído de volta à catedral por curiosidade, para ver se conseguia achar a coluna em que se protegera dos tiros e identificar as marcas das balas no granito. Em vez disso, viu uma moça na casa dos 20 anos, silenciosa e contrita diante do altar de uma capela lateral, onde duas grandes velas ardiam. Mais tarde, ele a viu novamente, concentrada e pensativa, desta vez diante das figuras de Cristo e dos Reis Magos no quadro da Natividade. Ali, imaginou, estava a esposa ou namorada de algum dos 2 milhões de prisioneiros de guerra franceses ainda na Alemanha. Que pensamentos estariam passando em sua mente? A amarga angústia da separação, medo, incerteza, esperanças perdidas? Estas, concluiu, eram as tragédias da França.³

Pelo final de maio, ele estava num estúdio da BBC em Londres sendo entrevistado a respeito de suas experiências com os homens de Patton. “Adorei cada um deles”, contou a seus ouvintes, dizendo que tinha visto os militares

americanos aprendendo com a experiência e se adaptando com rapidez às condições, de tal forma que, quando atravessaram o Reno, “já eram os guerreiros mais bravos e inteligentes do mundo”. Outra coisa que sempre o impressionou a respeito dos americanos era a sua combinação eficiente de trabalho de equipe e iniciativa individual:

A todo momento eu cruzava com soldados que tinham uma tarefa específica a cumprir — serviços técnicos para fins de engenharia, como o reconhecimento de alguma via ou vau de rio. Então eles se deparavam de repente com uma posição controlada pelo inimigo. Tecnicamente, não era sua obrigação varrer do caminho aquele obstáculo, mas sabendo que o problema precisava ser resolvido a fim de que qualquer coisa pudesse ser feita mais adiante, eles se lançavam ao trabalho e completavam o serviço.

Quanto a Patton, ele era provavelmente o soldado “mais brilhante” que Reid já tinha conhecido. “Eu não gostaria de tê-lo como inimigo”, brincou.

Mas o que mais o havia impressionado, ele disse aos ouvintes, foi o efeito da descoberta das atrocidades nazistas sobre o soldado comum. Ele citou um tenente americano que havia ocupado o campo de Ohrdruf e lhe contara que, depois de ver aquilo, passara a acreditar em qualquer coisa que lhe dissessem a respeito dos alemães. “Os militares que entraram lá”, relatou Reid, “foram tomados por uma fúria intensa e, daquele dia em diante, realmente passaram a conhecer o tipo de coisa que as Nações Unidas [os Aliados] estavam combatendo”.

Quanto aos problemas da Europa no pós-guerra, o destino dos desalojados vinha para ele no topo da lista. Em seguida, a reeducação das crianças alemãs. Ele contou uma história para justificar sua opinião. Certo dia, ele conversou com uma menina alemã da idade de sua filha e lhe fez duas perguntas simples. Ela sabia alguma coisa sobre a Inglaterra ou os Estados Unidos? Muito pouco, admitiu. E quem era Hitler? Era o líder da nação e o maior homem do mundo. Reid, então, mostrou à garota uma foto de Himmler. Ele também era o maior homem do mundo, ela respondeu. “Onde você aprendeu isto?”, perguntou ele. Em casa, com o pai, ela disse. Ele concluiu para os ouvintes da BBC: “ali estava uma jovem mente deformada e iludida, pronta para o ferro de passar da democracia”. A Alemanha era uma nação de traficantes de guerra. O que

fariam os vitoriosos para reeducá-la e começar tudo de novo, dessa vez com decência?⁴

Purificar a sociedade da contaminação do nazismo era algo que também passava pela mente dos holandeses, como Reg Roy descobriu ao retornar a Delfzijl após as celebrações do Dia da Vitória em Londres.

A libertação na Holanda foi um episódio apaixonante, mas com pitadas amargas. A rendição das forças alemãs no noroeste da Europa, Dinamarca e Holanda, assinada em Lüneburg em 4 de maio, entrou em vigor na manhã seguinte. Mas quando os 9 milhões de cidadãos holandeses no oeste do país, desesperados e famintos, colocariam os olhos em seus libertadores? A resposta era 7 de maio, o dia combinado entre o general Blaskowitz e o general Foulkes para que as forças canadenses entrassem na “Fortaleza Holanda”.

Entretanto, nos dois dias de transição, as tensões foram grandes. A autoridade continuava em mãos alemãs, suas tropas ainda controlavam as ruas, o toque de recolher permanecia e a frustrada resistência holandesa estava proibida de portar armas. “Devo me sentir livre?”, perguntou um habitante de Roterdã, resumindo o sentimento nacional. “Não podemos sair de casa, e quando hasteamos nossa bandeira, somos recebidos com tiros. Os hunos estão por toda parte.”⁵ Em alguns lugares houve tiroteios isolados e escritórios de nazistas holandeses foram saqueados, mas por toda parte a SS, descontente com a rendição, continuava sendo uma ameaça.

Na manhã de segunda-feira, 7 de maio, como planejado, os soldados aliados cruzaram a Holanda ocidental e ocuparam Utrecht, a primeira grande cidade a recepcionar os libertadores. Em Amsterdã, uma multidão se reuniu em expectativa no Dam, o grande quarteirão no centro da cidade, onde, com sua abóbada e característica rosa dos ventos em formato de navio, ficava o enorme palácio real construído no século XVII, no auge da gloriosa prosperidade marítima da república holandesa. Aguardavam a rainha, que já voltara ao país, ou os canadenses? Ninguém sabia bem. Enquanto isso, a multidão cantava e dançava ouvindo um dos tradicionais realejos da cidade.

De repente, porém, ouviram-se sons de tiros vindos de um prédio numa esquina da praça. O povo correu, tomado pelo pânico, e em poucos minutos a praça estava vazia — exceto pelos 19 holandeses mortos e mais de cem feridos. Os tiros vinham das janelas do Grote Clube, onde um grupo de oficiais

bêbados da Marinha alemã afogava suas tristezas pela derrota do Terceiro Reich.

Mas havia pouco tempo para luto. No dia seguinte — Dia da Vitória na Europa — as tropas canadenses finalmente chegaram à cidade. O sol brilhava sobre Amsterdã quando os primeiros soldados ingressaram em seu perímetro em meio a uma euforia que espantou os libertadores. “Os holandeses são um povo sóbrio”, escreveu um deles, “mas, quando se soltam, simplesmente se despem de qualquer inibição”. Assim que os primeiros canadenses apareceram, foram logo cercados pela multidão. Um oficial de transporte relembra:

Quando os caminhões entravam na cidade, havia uma pequena ponte, seguida de uma curva fechada, que quase os forçava a parar. Neste ponto as pessoas começavam a subir nos veículos. Algumas de pé, outras sentadas, outras penduradas em lugares inimagináveis. Em cada caminhão de 10 toneladas devia haver umas 125 pessoas [...] até mesmo os mensageiros eram forçados a andar com três ou quatro pessoas penduradas em suas motos.⁶

Estas cenas de êxtase se repetiram por toda a Holanda ocidental nos dias que se seguiram. Uma jovem de Haia lembra de

estar lá, olhando a estrada. No terceiro dia vi um tanque a distância, e a cabeça de um soldado, e o sangue parou no meu corpo, e eu pensei: Aí vem a *Libertação*. E à medida que o tanque ia se aproximando, eu já não tinha mais fôlego, e o soldado se levantou, e ele era como um santo. Fez-se então um enorme silêncio, quebrado de repente por um grito alto, como que saído da terra. E as pessoas subiram no tanque, tiraram o soldado de lá e choraram. E nós corríamos com os tanques e jipes por toda a cidade.⁷

Mas nem tudo era alegria. Entre a multidão delirante que ocupava as ruas de Amsterdã havia uma jovem judia. Ela tinha documentos falsos e por milagre sobrevivera normalmente escondendo sua identidade real. Agora, de uma hora para outra, podia voltar às ruas e usar seu nome de verdade. Nos últimos tempos, ela vinha vivendo da ajuda dos refeitórios municipais — muitas vezes, apenas uma tigela de sopa aguada. Sua mãe estava tão fraca que mal podia ficar de pé. “Os canadenses pareciam tão bem nutridos e saudáveis!”, recordou a jovem. “Uma das primeiras coisas que fizeram foi se dirigir ao refeitório

central da cidade e enriquecer a sopa com que éramos alimentados, em geral feita de beterraba e cascas de batata. A sopa que nos serviram após a chegada dos canadenses estava fantástica — tinha carne, arroz e legumes.”

Mas muitas bocas estavam ausentes para desfrutar da experiência de libertação, quer no refeitório, quer gritando nas ruas. A maior parte dos judeus de Amsterdã jamais voltou dos campos de concentração, e 85% dos judeus holandeses foram exterminados nas câmaras de gás. “Quando um judeu encontrava outro”, lembrou a jovem, “não ousava perguntar por seus parentes, porque sabia que haviam sido mortos [...] Você perdia pessoas enquanto ganhava a liberdade”.⁸ O mesmo se podia dizer de outras centenas de famílias holandesas cujos filhos, irmãos, pais ou tios tinham sido fuzilados pelos alemães.

Se milhares de holandeses padeceram, uma minoria, entretanto, colaborou ativamente com os nazistas, e a sede de vingança não parava de crescer. Se a libertação tinha por fim conduzir à democracia, então os traidores precisavam ser “expurgados” da nação. Cerca de 65 mil holandeses colaboracionistas já haviam fugido para a Alemanha.

No momento em que Reg Roy voltou a Delfzijl, o expurgo de colaboracionistas de todas as camadas sociais e níveis de autoridade estava em curso. A prisão em massa de suspeitos pelos grupos da resistência holandesa começou antes mesmo da chegada das forças aliadas, e entre 120 mil e 150 mil homens e mulheres foram detidos. Em parte, isso foi feito para protegê-los da “justiça das ruas”, ou linchamentos públicos — uma reação que assustava de tal forma o governo holandês em exílio que ele alertara seus representantes secretos no país para contê-la. O mesmo fez a Igreja Católica romana: em setembro de 1944, quando os primeiros contingentes aliados cruzaram a fronteira com a Bélgica, o Vaticano ordenou que os padres abrigassem nas igrejas holandesas os refugiados suspeitos de colaboracionismo.

Devido a essas precauções, o linchamento em grande escala foi evitado. No entanto, na região de Groningen, para a qual Roy retornou, os sentimentos ficaram particularmente acirrados contra os que haviam ajudado os nazistas. Na cidade de Winschoten, por exemplo, uma multidão destituiu o prefeito nomeado pelos nazistas e o atirou no canal, arremessando nas águas, em seguida, os retratos de Adolf Hitler e do líder do Partido Nazista holandês, Anton Mussert, que o prefeito mantinha na parede. Colaboracionistas de

menor importância foram humilhados ao ser encarregados de ocupações inferiores: Roy viu alguns deles trabalhando como serventes no Hotel Krasnopolsky.

Por toda a Holanda, “comitês de expurgo” especiais trabalhavam duro. Mas somente algumas semanas depois da libertação o governo se deu conta plenamente da escala do problema, e no final de junho o primeiro-ministro já falava publicamente de um “câncer em nossa nação”. A onda de detenções aumentou, e os suspeitos eram amontoados nas centenas de campos de internação criados apressadamente. No fim das contas, cerca de 50 mil colaboracionistas receberam sentenças de prisão, e mais de 150 foram condenados à morte. Destes, no entanto, apenas quarenta foram executados. Anton Mussert tinha sido encontrado por soldados canadenses sentado no seu escritório, em Haia. Apenas uma semana antes, numa atitude desafiadora, ele prometera combater até a morte, mas, ao final, acabou consentindo docilmente em ser levado sob custódia. Exatamente um ano depois, ele foi executado por crime de traição.

Em Groningen e nos seus arredores, os detidos eram mantidos em escolas, hotéis, restaurantes, ginásios e grandes galpões. Alguns destes campos improvisados recebiam dezenas de internos, enquanto os maiores abrigavam várias centenas. Eram em geral antigos quartéis e complexos, e haviam sido usados pela Wehrmacht, pelo Ministério do Trabalho holandês ou pela Organização Todt. Somente em Groningen havia dez grandes campos onde, nas horas de exercício dos presos, espectadores desocupados se aproximavam para assistir e fazer chacota. Havia vários campos para mulheres e crianças, e a cidade chegara a montar um lar especial para os filhos de colaboracionistas. No apogeu da onda de prisões, Groningen tinha 18 mil internos — 8.500 homens, 6.500 mulheres e 3 mil crianças —, uma população elevada se comparada à média nacional holandesa. Alguns campos eram razoavelmente confortáveis, mas por toda parte a comida era ruim e escassa, a higiene precária e havia muita disenteria. As condições eram tão ruins que, enquanto o primeiro-ministro falava do “câncer” da nação, os jornais denunciavam os campos como excessivamente cruéis.

Mas depois do pico de junho, os números declinaram rapidamente, e no final do verão somente vinte campos ainda estavam em atividade na província de Groningen.⁹ No âmbito nacional, “restauração” e “renovação” estavam na

ordem do dia — o consenso era de que a sociedade holandesa precisava ser reformada, mas de maneira pacífica, e isso significava ser mais cuidadoso quanto aos expurgos e refrear o sentimento radical que havia brotado na resistência. O primeiro-ministro Willem Schermerhorn, o primeiro do pós-guerra, afirmava que era preciso encontrar um meio de “adormecer esse sentimento, em termos políticos”. Pelo final do verão de 1945, a tarefa fora amplamente concluída.¹⁰

Lidar com os colaboracionistas era um problema doméstico dos holandeses. Para o Exército canadense, as tarefas mais imediatas e urgentes envolviam cuidados médicos, abastecimento de comida e a repatriação dos prisioneiros de guerra alemães. Havia ainda algumas medidas de contrainteligência a serem adotadas, como lembrou um oficial canadense envolvido:

Nas três primeiras semanas, conseguimos mandar de volta para a Alemanha cerca de 100 mil soldados alemães na Holanda. Cada soldado que saía era inspecionado por um grupo da resistência holandesa capacitado para reconhecer agentes inimigos, colaboracionistas e outros que tinham servido à inteligência alemã. Se o soldado conseguisse passar pelos centros de controle, ele estava livre e podia seguir para um campo de desmobilização em seu próprio país; do contrário, era imediatamente preso. Claro que nem todos que usavam o uniforme da Wehrmacht eram soldados alemães. Alguns eram holandeses tentando fugir de seu próprio país.

A equipe de interrogadores deste oficial investigava dezenas de pessoas a cada dia. Ainda assim, ele admitiu que “somente em setembro conseguimos concluir os interrogatórios de todos os detidos em nossa área de segurança”.¹¹

Mas a partida dos alemães era apenas o início de uma nova história. Havia 170 mil militares canadenses na Holanda no Dia da Vitória. Quando eles voltariam para casa? Os canadenses competiam com centenas de milhares de americanos pelo mesmo privilégio, e a demanda pelo embarque nos transatlânticos era tão grande que a fila ainda se mantinha enorme em 1946. Enquanto esperavam, e os dias e as semanas tornavam-se meses, a impaciência nas tropas aumentava e o moral e a disciplina começavam a decair. O problema afetou as relações com os holandeses. Os canadenses haviam chegado como cavaleiros, santos, libertadores, mas, ao final do verão de 1945, eram vistos apenas como ocupantes.¹²

No fim da guerra, a Holanda estava empobrecida. O país fora sistematicamente explorado pelos alemães, e o Inverno da Fome tinha matado milhares, deixando muitos outros em um nível de desnutrição tão grave que sua recuperação seria difícil. O serviço de trens era precário, não havia transporte público rodoviário, e empregos estáveis permaneciam um projeto distante para muitos. Não é de surpreender que um mercado negro tenha rapidamente florescido. As maiores moedas de troca eram o cigarro e a bebida. Os canadenses estavam bem supridos de ambos. As tropas foram advertidas a não vender ou permutar víveres com os civis, mas isso se mostrava quase impossível. Para uma família no Canadá, mandar um pacote com mil cigarros para um soldado na Holanda custava apenas 3 dólares. No mercado negro, o soldado podia vendê-los por 400 dólares, ou ainda trocá-los por bens e serviços. Muitos não resistiram à tentação.

Os soldados canadenses possuíam ainda outro trunfo valioso. Os homens holandeses que haviam sobrevivido à guerra estavam maltrapilhos, subnutridos e pobres. Em contraste, os jovens canadenses eram musculosos, tinham aura de heróis e uma gentileza cativante do Novo Mundo que encantava as mulheres — além de muita comida e dinheiro. “Não acho que tenhamos encontrado uma população feminina tão ávida quanto a que vimos na Holanda”, revelou o soldado canadense de um exército que também incluía ingleses, italianos, franceses e belgas. “Elas eram muito calorosas [...] pareciam mais desinibidas do que a maioria das garotas que encontramos antes e não se incomodavam com muitas coisas.” Para muitos militares canadenses na Holanda, o verão de 1945 foi um período louco e selvagem. “Vamos ser francas”, lembrou uma garota holandesa do pós-guerra. “Depois de tudo o que passamos, os canadenses pareciam deliciosos.” *Gezelligheid*, palavra holandesa que significa ao mesmo tempo aconchego e camaradagem, foi estendida por famílias inteiras a seus libertadores.

A experiência de um soldado canadense em Groningen é emblemática. Ele e um amigo saíram certa noite e encontraram duas garotas na rua. Começaram o flerte e uma das garotas os levou até sua casa para conhecer seus pais, irmã e irmão. Os canadenses foram até seu acampamento e retornaram com barras de chocolate, chá, café e cigarros, e todos comemoraram a libertação até altas horas. Quando já estavam de saída, a mãe da jovem disse aos soldados que eles poderiam trazer sua roupa suja para lavar. A partir dali, a garota começou a

sair regularmente com um dos canadenses. Ela não falava inglês, nem ele o holandês, mas conseguiam se comunicar através de gestos, sorrisos e “yes” e “no”. Em pouco tempo ele a pediu em casamento e a convidou para ir com ele para o Canadá. “Eu quase desmaiei e disse sim na hora”, recordou a moça. “Meu pai gostou muito dele, talvez por causa dos cigarros.” Eles obtiveram a permissão do prefeito e do oficial comandante do soldado, cada um passou por uma revista de saúde e a garota foi investigada, a fim de verificar se não havia sido colaboracionista. Para o casamento, eles reservaram um café, que foi pago com cigarros, e, para a festa, alugaram quatro carruagens a cavalo. Foi um dos primeiros de muitos “casamentos de guerra” em Groningen, e cerca de quinhentas pessoas abarrotaram a igreja local.¹³

A fraternização entre soldados e mulheres civis nas semanas que se seguiram à libertação foi intensa, e as inibições da sociedade holandesa, tradicionalmente recatada, desapareceram. Os combates tinham cessado, mas uma nova frente de batalha se abria. No verão de 1945, um oficial médico na 5ª Divisão do general Hoffmeister confirmava um aumento progressivo de doenças sexualmente transmissíveis nas tropas, a despeito da campanha pelo uso de preservativos e dos alertas quanto aos perigos do sexo sem proteção. “Talvez”, observou o oficial, “seja porque as holandesas e os canadenses se entendam tão bem”. Não havia registro de estupros na área.

À medida que o verão avançava, porém, começaram a surgir ressentimentos nacionais quanto ao comportamento dos soldados canadenses e das garotas holandesas, e a visão de suas moças de braços dados com os ocupantes começou a incomodar. “Os holandeses foram batidos militarmente em 1940, e sexualmente em 1945”, escreveu um jornalista local. Até mesmo canções populares refletiam a indignação com os canadenses. “*Meisje let op je zaak*” (Garota, tome cuidado) continha muitas advertências para as mais afoitas:

Muitos colaboraram com os alemães
E agora carregam o estigma;
Mas, garota, você também é uma traidora
Manchando a honra da Holanda!
As pessoas vêm e vão;
E com os soldados não será diferente
Eles não vão levar você;

Garota, já pensou nisso?

Rapaz holandês algum

Voltará a olhar pra você

Porque, digamos assim,

Você o tratou com desprezo.

Seja boa com os libertadores;

Foi uma grande conquista deles,

Mas pense, deve haver limites:

Garota, tome cuidado!

Uma piada sobre o número de garotas que estavam “se metendo em confusão” também começou a circular. “Daqui a vinte anos, quando uma nova guerra mundial estourar, não será preciso mandar uma força expedicionária canadense para a Holanda. Alguns navios cheios de uniforme serão o suficiente.”¹⁴

Outras irritações também começaram a surgir. Havia mais tumultos envolvendo soldados canadenses, casos de pilhagem em excesso, muitas evidências de que os canadenses fomentavam o mercado negro, mais bebedeira pública, veículos militares em velocidade exagerada pelas ruas, muitos acidentes. Em meados do verão, os libertadores estavam começando a deixar de ser bem-vindos. O *Vrij Nederland*, importante jornal clandestino durante a guerra, agora legal, publicou um artigo sobre a sexualidade das tropas canadenses. “Faremos o que for preciso pelos canadenses”, dizia, “mas nossas moças devem ficar longe deles [...] Agradeceremos a Deus quando eles voltarem para o Canadá”.¹⁵

Os militares canadenses começavam a se sentir da mesma maneira. Estava na hora de partir.

“No momento, em vez de explorar esta nova cidade, estou aqui sentado de braços cruzados, aguardando pacientemente, imaginando quando chegará a ordem para arrumar as malas e partir. A cada dia esse momento se aproxima, é claro, mas detesto ficar sem fazer nada.”

Era o começo de julho, e Reg Roy desabafava com seus pais numa carta de seis páginas escrita à mão. Os Cape Bretoners tinham acabado de se mudar para Bolsward, uma cidadezinha de 7 mil habitantes na Frísia. Como muitas

comunidades locais, ela devia sua existência à navegação, mas a drenagem progressiva e a recuperação de terras do Zuiderzee significavam que agora ela estava enclachada a 8 quilômetros do mar.

Roy estava impaciente para voltar para casa, e cansado de ser um ocupante. Nem mesmo as competições esportivas, os bailes noturnos e os passeios em locais históricos conseguiam aliviar a monotonia de uma rotina de exercícios físicos, reparo de veículos e conserto de equipamentos e uniformes, tão necessários. Sua visita recente a Paris, com atrações turísticas como o Folies Bergère e o túmulo de Napoleão, tinha sido rápida e somente fazia com que aquele canto da Holanda parecesse ainda mais desinteressante e provinciano. De fato, a transferência para Bolsward significava alguns novos espaços para explorar, mas no fim das contas não havia ali nada para ver além da magnífica prefeitura, com seus tijolos vermelhos e elegante fachada barroca. “Esta é uma cidade antiga e muito silenciosa”, ele disse aos pais.

Junto com um amigo oficial, Roy ficou hospedado na casa de um pastor menonita. Seu quarto era agradável o bastante, mas não havia luz elétrica nem água quente. As refeições dos oficiais, no entanto, aconteciam num hotel confortável e eram servidas por garçons. Ainda assim, o tempo passava devagar, e ele o gastava imaginando quando seria finalmente embarcado para casa. Nada indicava que a partida de um navio para a Colúmbia Britânica estivesse próxima, ainda que ele já estivesse mandando dinheiro para que sua noiva Ardith comprasse móveis para o casamento. Havia muitos problemas. Um deles era que a sua divisão estava em penúltimo lugar na fila dos canadenses que iriam para casa, e a prioridade máxima era para o retorno dos prisioneiros de guerra e dos homens que tinham se voluntariado para servir no Extremo Oriente. Ele definitivamente não fazia parte desse grupo e não via a hora de se livrar do uniforme e voltar para a vida civil. Além disso, ele dependia ainda do sistema de pontos. Nesse quesito, não estava tão mal classificado, pois já somara 150 de 250 possíveis. Mas havia um outro empecilho. Autoridades superiores haviam decretado que o regimento jamais deveria ter menos que 25 oficiais, em hipótese alguma. Assim, mesmo que ele se qualificasse para o repatriamento pelo sistema de pontos, se os Highlanders tivessem poucos oficiais na área, ele teria de permanecer.

Voltar para casa, Roy confessou à irmã numa carta em julho, tinha se tornado “uma questão vital”, que ganhava importância a cada dia. Ele estava

sentado no seu quartinho simples, teclando com dois dedos numa das máquinas de escrever estrangeiras que os Highlanders haviam confiscado da Wehrmacht, e reparou que aquela era italiana. Enquanto isso, Bing Crosby cantava no rádio. Todos os oficiais da divisão tinham sido avisados que, pela sobrecarga no transporte marítimo, talvez demorasse até a “próxima Páscoa” para que toda a divisão embarcasse de volta. Com 26 mil homens cruzando o Atlântico para o Canadá a cada seis semanas, Roy conseguia vislumbrar o tamanho de seu problema. Até ali, dos 170 mil canadenses que estavam em solo holandês no Dia da Vitória, apenas 16 mil já haviam partido. “O pequeno Reggie ainda deve ficar um bom tempo de lado”, disse à irmã mais velha, no seu estilo brincalhão, “e isso significa que eu talvez não volte para casa antes da próxima primavera [...] Me ajude, por favor. Se eu tiver que ficar mais tempo por aqui, é melhor começar a providenciar os documentos de imigração”.

Não havia nada que ele pudesse fazer, exceto gritar, praguejar e lidar com a situação. Suportar a demora era difícil porque ele estava ansioso para cursar uma faculdade e as aulas começavam em setembro. Antes disso, ele teria de voltar ao Canadá, dar baixa no Exército, se matricular numa universidade disposta a aceitá-lo e — não menos importante — se casar com Ardith. “É um sistema pobre”, escreveu aos pais, “e pensar nisso me deixa louco”.

Nesse meio-tempo, ele desfrutava dos suprimentos que a mãe continuava a lhe mandar, exatamente como havia feito durante a guerra, num pacote sortido que incluía laranjas, maçãs, biscoitos, chá, calções, camisetas e dezenas de revistas. Em retribuição, ele prometera ao pai que voltaria para casa com um par de baionetas dos boches, um par de “encantadores binóculos” e uma pistola Browning de fabricação belga que ele apreendera junto com uma garrafa de uísque Hiram Walker. “Voltarei para casa com armas reluzentes”, escreveu. “Aqui sou conhecido como Roy ‘Caolho’ — ou seria ‘Olho Fraco’, ha!”, brincava ele.

Ele se orgulhava também de algumas fotos que havia tirado em Delfzijl. “Estão realmente boas, mas algumas são bem tristes.” Ele se referia às fotos de seus camaradas Highlanders mortos na batalha, mostrando seus corpos enrolados em panos e aguardando o sepultamento. Tudo aquilo já parecia ter acontecido havia muito tempo.¹⁶

No noroeste da Europa, o comando britânico Bryan Samain, ainda estacionado em Eutin, na região de Schleswig-Holstein, também esperava ordem para partir.

Samain, assim como Reg Roy, estava bastante interessado em levar para casa alguns troféus de guerra. Sua oportunidade apareceu quando um alemão entrou em seu escritório na sede da prefeitura de Eutin. Ele usava um uniforme gasto da Luftwaffe, falava bom inglês e tinha uma história surpreendente para contar.

O homem afirmava ser um desertor e ter sido capturado pela SS próximo a Lübeck, em 1943. Eles prometeram não entregá-lo à Luftwaffe e o colocaram para tomar conta de um depósito secreto de provisões, onde ele ficou pelo resto da guerra. Ultimamente, estava refugiado no campo, próximo a Eutin, escondido no celeiro de uma velha estalagem. Ele se ofereceu para levar Samain até lá.

No volante do jipe, Samain rodou com aquele homem por cerca de 15 quilômetros por estradinhas do interior, até que no meio do que aparentava ser uma aldeia deserta apareceram as ruínas de uma estalagem. O alemão o levou até um grande alçapão e de lá eles desceram para um grande porão, onde havia centenas de caixas repletas de câmeras fotográficas e lentes teleobjetivas muito caras. As câmeras eram todas Contax III, cada uma valendo uma pequena fortuna. Samain encontrou também dezenas de binóculos Zeiss Ikon, assim como engradados cheios de pinturas a óleo enroladas e baixelas de ouro e prata embrulhadas com muito zelo.

Tudo havia sido escrupulosamente inventariado. O homem da Luftwaffe até preparara uma lista com o selo oficial da SS. Mas o que, na verdade, estava acontecendo ali?, Samain se perguntou. Seria aquilo pilhagem da SS ou uma trapaça elaborada pelo autoproclamado desertor? Infelizmente, Samain nunca chegou a descobrir, porque a questão foi imediatamente repassada a oficiais superiores. Mas ele e muitos de seus camaradas dos comandos voltaram para a Inglaterra com uma câmera Contax e uma lente teleobjetiva.

Durante seu mês em Eutin, Samain não enfrentou nenhum sério problema com a população local. De fato, uma de suas lembranças mais persistentes era do primeiro dia da rendição, de homens e mulheres alemães de todas as classes e idades nas ruas, limpando o melhor que podiam os destroços, entulhos e danos provocados pelas bombas. Mas não houve muito tempo para ficar

observando isso. Junto com muitas outras unidades britânicas na Europa, agora os comandos haviam sido designados para entrar em ação no Extremo Oriente. No princípio de junho, Samain partiu com um pequeno grupo de oficiais e soldados para conduzir um comboio de caminhões e jipes para Arromanches, na Normandia, de onde atravessariam o canal da Mancha em direção à Inglaterra. Enquanto isso, o restante do Comando 45 navegou para Tilbury, nas proximidades de Hamburgo.

Samain teve sorte, já que por todo o resto da Alemanha a lei e a ordem estavam em falta. A violência praticada pelos grupos itinerantes de trabalhadores escravos recém-libertos inquietou o país por meses, e os remanescentes dos Lobisomens e nazistas fanáticos continuavam a causar problemas. Em áreas remotas, como partes da Saxônia e dos Alpes bávaros, bandos da Wehrmacht e tropas da SS lançaram ataques por todo o verão e o outono, até que o inverno os obrigasse a retornar aos esconderijos.

Os Lobisomens não foram o transtorno que a inteligência aliada imaginava, mas alguns grupos continuaram ativos bem depois do Dia da Vitória, especialmente na Silésia sob ocupação polonesa e nos Sudetos. Alguns causaram problemas também em regiões da Alemanha Ocidental. Os Aliados responderam às transmissões da Rádio Lobisomem em abril, prometendo que todos os lobisomens vivos seriam caçados, capturados e levados a julgamento — e fuzilados, se considerados culpados. Eles mantiveram a promessa, e, nas semanas seguintes ao Dia da Vitória, muitos alemães foram executados por atirar em soldados aliados ou por posse ilegal de armas. Somente em Schleswig-Holstein os britânicos executaram 12 lobisomens, e outros trinta aguardavam a pena de morte no final do verão. Nos meses seguintes, a contrainteligência dos Aliados investigava dezenas de outros casos. A Dinamarca se mostrou um terreno surpreendentemente fértil para grupos de resistência nazista. Milhares de alemães fugindo da Rússia se abrigaram na Jutlândia enquanto esperavam para reingressar no país. Em meados de junho, surgiram evidências de que o escritório da Cruz Vermelha alemã na Dinamarca estava sendo usado para encobrir atividades nazistas e esconder alemães procurados pela inteligência aliada. Tanto seu executivo-chefe como seu delegado no país foram presos. No sudoeste da Alemanha, um grupo fanático de ex-membros da SS em Stuttgart lançou vários ataques a bomba contra

“fraternalistas” e tribunais de desnazificação, até seus membros serem presos no final do ano seguinte.¹⁷

Na quinta-feira, 14 de junho, os oficiais da inteligência britânica capturaram o último figurão do apogeu nazista.

Joachim von Ribbentrop tinha sido ministro das Relações Exteriores de Hitler e embaixador na Grã-Bretanha. Como muitos outros nazistas da elite, ele fugira para Flensburg, onde ofereceu seus préstimos ao almirante Dönitz. Mas o sucessor de Hitler escolheu em vez dele o conde Schwerin von Krosigk, um homem que considerava mais útil no contato com os Aliados em caso de serem abertas negociações. Rejeitado por Dönitz, Ribbentrop partiu para Hamburgo. Ali, de início, buscou abrigo com um comerciante de vinhos que conheceu em tempos mais felizes, 25 anos antes, quando fazia parte do ramo. Rejeitado mais uma vez, ele acabou alugando um quarto na cidade, identificando-se como “Herr Reiser”. Durante o mês seguinte, viveu na clandestinidade, como um pacato cidadão de meia-idade que caminhava às vezes pelas ruas vestindo um elegante terno transpassado, chapéu de feltro preto e óculos escuros.

Enquanto isso, a Segurança de Campo do Exército britânico havia tomado o antigo quartel-general da Gestapo na cidade, ainda equipado com aparelhos para grampos telefônicos. Eles estavam informados sobre os nomes de todos os oficiais da inteligência nazista na cidade — sobretudo ex-agentes da Abwehr —, assim como dos nazistas na lista geral dos procurados. Alguns tinham trabalhado para a máquina de propaganda de Goebbels nos estúdios da Rádio Hamburgo, de onde William Joyce frequentemente transmitia seus programas. A essa altura, os britânicos haviam ocupado a estação e a estavam desnazificando e repondo em funcionamento.

Muito embora tenha se recusado a dar abrigo a Ribbentrop, o comerciante de vinhos manteve sigilo sobre o encontro. Seu filho, porém, não agiu da mesma forma e foi à polícia avisar da presença de Ribbentrop na cidade. A pista mostrou-se útil para os Aliados, porque os rumores das últimas duas semanas davam conta de que o ex-ministro havia sido capturado pelos russos.

Uma equipe de três agentes de segurança liderada pelo tenente escocês J. B. Adam, de 29 anos, professor em Paisley em tempos de paz, seguiu uma pista que dava num apartamento do quinto andar de um edifício próximo à estação ferroviária. Os militares britânicos bateram à porta, que foi aberta por uma

jovem morena de cabelos despenteados vestida apenas com um roupão. Tirando a moça do caminho, os soldados começaram a revistar o apartamento e num dos quartos encontraram sobre a cama um homem em sono profundo. Adam o sacudiu pelos ombros por um bom tempo até conseguir acordá-lo. Ele se protegeu da luz, fitou Adam incredulamente e, então, sem dizer uma palavra, levantou da cama.

“Qual o seu nome?”, perguntou Adam.

“Você sabe muito bem quem eu sou”, respondeu Ribbentrop, antes de fazer uma reverência e acrescentar ironicamente: “Meus parabéns!”

Ele carregava um pequeno estojo metálico com veneno, que entregou voluntariamente antes de ser revistado. Mais tarde, Ribbentrop foi reconhecido tanto pelo comerciante de vinhos como pela própria irmã, que fora presa anteriormente. Seu filho, capturado uma semana antes pelos americanos na Bavária, não fornecera pista alguma do paradeiro do pai.

“Eu queria permanecer em Hamburgo até que a opinião britânica esmorecesse”, Ribbentrop disse a seus interrogadores. “Então, pretendia me entregar e conseguir um julgamento justo.” Mas os britânicos não nutriam bons sentimentos por ele. O *Evening Citizen*, de Glasgow, publicou em editorial: “Mais do que qualquer outro, este foi o homem responsável por lançar o mundo na guerra. Ele era o ‘gênio do mal’ de Hitler. Urdido pelo ódio contra os britânicos, ele incutiu na mente do Führer pensamentos enganosos que inflamaram ainda mais aquela megalomania e o convenceram de que o mundo estava aos seus pés para ser conquistado.”¹⁸

No dia anterior à prisão de Ribbentrop, Herman Pister, o comandante de Buchenwald, junto com vários ajudantes de ordem, tinha sido encontrado num campo de prisioneiros de guerra próximo a Munique. Oficiais da inteligência americana estavam na sua pista desde que ele fugira disfarçado, pouco antes de as forças dos Estados Unidos libertarem o campo.

Na Itália, uma busca desesperada de outro tipo estava em curso.

Depois da separação dolorosa de Alex von Stauffenberg em Capri, Fey von Hassell voltou para Roma com Detalmo.

A capital caía tão bem a seus novos ocupantes quanto havia se acomodado a seus predecessores nazistas. Dois dias após a libertação, em junho de 1944, os oficiais americanos substituíam os alemães nos circuitos gastronômicos

elegantes, e o jantar de despedida para o marechal Kesserling foi logo seguido pelo de boas-vindas ao general Mark Clark. Porém, o alívio de que a cidade tinha sido poupada da destruição logo deu lugar ao amargo reconhecimento de que a Itália havia sido um dos derrotados da guerra.

O Dia da Vitória foi sombrio e pessimista. Os bares e restaurantes estavam silenciosos, nenhum sino de igreja deu mais badaladas que o normal e, ainda que algumas bandeiras aparecessem, somente alguns jovens italianos saíram às ruas, tentando, “com um desespero quase patético”, tomar parte na vitória, como registrou um observador. “Mas a vitória não é deles”, prosseguiu Philip Hamburger, um correspondente de guerra americano na cidade, “e seu entusiasmo é oco”. Roma, ele escreveu, tinha recebido as notícias da paz “com o desamparo e a apatia dos derrotados”. O que significava a paz, em termos práticos? Pouco mais que a triste continuação da miséria dos preços altos, do mercado negro, do desemprego, da luta para recuperar o orgulho nacional e da “luta ainda mais dura para fazer as pessoas pensarem por si mesmas após duas décadas de entorpecimento”.

Os problemas pessoais agora se avolumavam mais do que nunca. Hamburger listou alguns dos típicos pedidos que choviam sobre ele. “Como um jovem poderia chegar a Turim para descobrir se seus pais sobreviveram à ocupação alemã? Será que os americanos conhecem alguém que entregaria uma carta ao marido de uma senhora, um partisan, em Milão? Por favor, os Estados Unidos vão permitir que os italianos deixem o país e se instalem na América?” E as perguntas nunca terminavam.¹⁹

Fey logo descobriu que era apenas uma entre milhares de pessoas com problemas que ninguém parecia ser capaz de resolver. Suas emoções estavam em completa desordem. Tudo em Roma era desconcertantemente familiar, do apartamento em Pirzio-Birlío e a família de Detalmo até as ruas e os monumentos que ela aprendera a amar quando seu pai era embaixador na cidade. No entanto, dessa vez ela estava deslocada, sem rumo, num lugar que não tinha sofrido tanto quanto outros por onde ela havia passado durante a guerra. “Parecia errado”, lembrou. “Não havia sinais do horror e da destruição que assolaram o resto da Europa.”²⁰ Detalmo tentava ao máximo distraí-la, mas ele não havia tomado parte no seu sofrimento, e compartilhar suas dores com o marido se tornou impossível.

Acima de tudo, como ela poderia retomar sua vida normal se seus filhos estavam perdidos? Com a guerra finalmente terminada e os nazistas liquidados, estes deveriam ser tempos felizes, mas para Fey eram “os piores de todos”.²¹

Pelo menos, até onde sabia, seus filhos ainda estavam vivos, e talvez algum dia eles pudessem ser uma família novamente. Outros não haviam tido tanta sorte.

Joseph Goebbels e o prefeito de Leipzig não foram os únicos nazistas a se certificar de que seus filhos, assim como eles, não sobreviveriam à queda do Reich. Nos arredores de Erfurt, por exemplo, os americanos relataram o suicídio de um homem, sua esposa, seis filhos e uma enfermeira. O filho mais velho tinha 8 anos e o mais novo, apenas 2. “Acredito que morreram todos por vontade própria”, disse secamente o médico local. Às vezes as crianças eram mortas devido às terríveis previsões de Goebbels sobre o provável tratamento que os alemães receberiam dos Aliados, ou porque a perspectiva de vida na derrota parecia dura demais para suportar. Próximo a Schweinfurt, ao saber que o marido havia sido morto na linha de frente, uma jovem deu veneno aos dois filhos pequenos e depois atirou em si mesma. Margaret Bourke-White, fotógrafa da revista *Life*, ficou profundamente chocada com a cena. “Fotografar estes corpos pequeninos e patéticos, vítimas de forças que não deveriam ter qualquer relação com a vida de uma criança, foi um dos trabalhos mais difíceis que já fiz”, escreveu ela.²²

De Roma, Fey e Detalmo tentavam freneticamente achar uma pista dos meninos.²³ Quando solicitavam permissão para viajar à Alemanha e procurá-los, sempre esbarravam em recusas burocráticas. Viajar era caótico naquele momento e eles não eram prioridade. Ironicamente, apesar de toda a sua provação, pelo fato de ser alemã e, por conseguinte, inimiga nacional, Fey não podia pleitear ajuda à UNRRA — mesmo que a agência pudesse oferecê-la.

Então, por sorte, no final de maio, Detalmo conheceu um oficial americano de partida para Munique que concordou em levar algumas cartas para a mãe de Fey na casa da família em Ebenhausen. A carta de Detalmo estava escrita em inglês e refletia a exaustão que se abatera sobre milhões de pessoas quando as armas silenciaram:

Meus pensamentos não estão muito claros. Eles vão da paciência cristã à rebeldia anárquica. Não estou preparado para aceitar o que nos aconteceu. Se ainda tenho vontade de lutar e trabalhar por um mundo melhor, é apenas pela lealdade ao sacrifício

daqueles que nos mostraram o caminho. O pai [isto é, Ulrich von Hassell] tem sido um grande exemplo para nós, e ainda estamos sob a sombra dele. É como se um monumento eterno nascesse em nossos corações.

Fey, acrescentava ele, mostrara enorme força ao sobreviver a sua provação. “Tenho vontade de casar de novo [com ela] Eu casaria com ela dez vezes, se tivesse dez vidas.”

Em sua carta, Fey pedia à mãe que começasse a procurar pelas crianças. Mas ela e Detalmo nutriam a esperança de encontrá-las a qualquer momento. Acima de tudo, eles se recusavam a acreditar que os filhos estivessem mortos.

Entretanto, notícia alguma chegava, e eles acabaram se resignando ao fato de que entrar na Alemanha naquele momento era impossível. Estava por conta da mãe de Fey descobrir o paradeiro dos netos.

Detalmo trabalhava agora como secretário particular do primeiro-ministro da Itália do pós-guerra, Ferruccio Parri, um dos maiores líderes da resistência italiana. Quando não estava ocupado com suas tarefas, ele e Fey preparavam panfletos e cartazes com detalhes sobre Corrado e Roberto e suas fotografias. Enviaram os cartazes para a Cruz Vermelha Internacional, italiana e alemã; para os serviços de inteligência americano, britânico e francês; para a Rádio Vaticano; e para todos os bispos e arcebispos na Alemanha e na Áustria. Cada folheto estava escrito em italiano, alemão, inglês, francês e russo. Mas não deu em nada e Fey foi ficando cada vez mais deprimida. As crianças eram tão novas, poderiam agora ter nomes diferentes, talvez estivessem perdidas na zona soviética da Alemanha ou da Áustria. Como poderia esperar encontrá-las em meio ao caos do pós-guerra que tragava o continente? Para passar o tempo, ela começou a relembrar tudo o que lhe tinha acontecido nos campos de concentração.

Enquanto isso, sua mãe começou a busca pelas crianças. Sua casa em Ebenhausen, assim como milhares de outras no final da guerra, era habitada apenas por mulheres. Morando com ela estavam sua mãe — viúva do almirante von Tirpitz —, sua irmã solteira e a irmã de Fey, Almuth. Nenhum de seus filhos tinha voltado para casa. Hans-Dieter fora preso depois do atentado e escapara para a zona de ocupação francesa à frente dos russos. Seu irmão mais novo, Wolf Ulli, fora visto pela última vez em algum lugar atrás das linhas russas.

Para a mãe de Fey, porém, a missão parecia igualmente impossível. Tudo o que ela sabia era que oito meses antes seus netos tinham sido arrancados da mãe em Innsbruck, na Áustria. Num país sem serviços de trem, com linhas telefônicas ainda inoperantes e sob estrita ocupação militar, onde para se locomover eram necessárias autorizações especiais, de que maneira ela poderia empreender sua busca? Corrado e Roberto eram apenas dois menininhos, provavelmente conhecidos agora por nomes falsos, entre milhões de crianças perdidas e órfãs na terra arrasada da Europa. A autoridade nazista havia se dissolvido e, com isso, os cadastros centralizados que poderiam dar uma pista de seu paradeiro. Somente os ocupantes tinham alguma autoridade, mas eles estavam assoberbados demais com a confusão. E nada sabiam sobre os meninos.

Então, no princípio de junho, ela teve um inesperado golpe de sorte. Enquanto limpavam os destroços e vasculhavam os prédios, as autoridades de Munique encontraram um BMW azul-escuro abandonado. Descobriram que o veículo havia sido confiscado dos von Hassell após a detenção do pai de Fey e o devolveram à família. Agora, pelo menos, a mãe de Fey tinha um meio de transporte próprio. Em seguida, ela obteve licenças para o carro, para viajar e para o combustível. Por fim, sua determinação levou-a ao gabinete do coronel Charles Keegan, o governador militar dos Estados Unidos na Bavária.

“Charley” Keegan era — nas palavras de um crítico severo — “um político irlandês de Nova York transformado em soldado, um homem prestativo e loquaz”. Ele seria demitido, mais tarde, por deixar muitos nazistas voltarem a ocupar cargos públicos. Mas a mãe de Fey simpatizou com ele e ficou grata pelo interesse do coronel em seu caso. Charley estava chocado e perturbado com o caos e a anarquia que tinha encontrado na Alemanha, e queria ajudar. Solenemente, ele escreveu um memorando a seus subordinados dizendo que prestassem toda assistência necessária àquela mulher.

Funcionou maravilhosamente. Munidas daquele papel, ela e Almuth planejaram com cuidado sua rota de busca. Seguiram basicamente os rumores a respeito de crianças perdidas nas mãos da Gestapo que corriam de cidade em cidade. Primeiro, foram até um lar de crianças no sul da Bavária, mas o diretor do lugar lhes deu pouca atenção, garantindo que os meninos de Fey definitivamente não estavam entre aqueles de que ele cuidava.

Entretanto, após este revés, elas receberam uma indicação forte que as levou até Bad Sachsa. A pista parecia promissora, uma vez que as crianças dos Stauffenberg e dos Goerdeler tinham sido encontradas ali. O único problema era que a cidade ficava do outro lado da fronteira com a Tchecoslováquia e estava sendo transferida dos americanos para os russos. Foram necessários dois dias difíceis até chegarem lá. E, quando conseguiram, parecia tarde demais. A pouco menos de 5 quilômetros da cidade, elas foram detidas por uma cancela de madeira na estrada. O cordial sargento britânico de serviço tentou, a princípio, persuadi-las a não seguir caminho, por causa dos russos. Mas quando a mãe de Fey insistiu, ele a convenceu a não ir com Almuth, pelo que os russos poderiam fazer com ela. Também lhe recomendou que deixasse com a filha todos os seus documentos, dinheiro e joias, que abandonasse o carro e seguisse o resto do caminho a pé.

Então, a mãe de Fey prosseguiu a pé e sozinha. Ainda usava um véu negro de viúva, em memória ao marido. Por fim, chegou à cidade, que estava quase deserta, porque a maioria dos habitantes alemães havia fugido. No prédio da prefeitura ela encontrou o prefeito, solitário e melancólico em seu gabinete, e explicou a razão de estar ali. Ele imediatamente se levantou, conduziu-a até sua velha limusine e se ofereceu para levá-la ao lar das crianças. Só podiam chegar lá — explicou — quando os russos estivessem fazendo a troca de guarda.

Eles conseguiram desviar de uma patrulha russa e alcançaram uma grande construção de pedra no topo de uma montanha. Do lado de fora, sentada numa varanda, encontraram uma mulher e uma criancinha brincando alegremente a seu lado. A mulher era a diretora do lugar. Ela olhou para as fotografias que a mãe de Fey colocou impacientemente na sua frente e foi taxativa: nunca tinha visto aquelas crianças. “Quem é este pequenino?”, perguntou a mãe de Fey, apontando para a criança que brincava por perto. “Um dos filhos de Goerdeler”, respondeu ela. Foi uma decepção terrível.

A mãe e a irmã de Fey voltaram exaustas e desanimadas para Ebenhausen. O que mais poderiam fazer? Onde deveriam procurar? A Alemanha era grande demais e elas não tinham outras pistas.

Em Roma, Fey suava no calor de junho sem nada saber sobre os esforços da mãe. Agora, ela queria voltar a Brazzà. Nem tanto para fugir do verão romano, mas para recuperar as energias e o equilíbrio interior. Sempre se sentira feliz e segura por lá. Além do mais, poderia trabalhar para que a casa voltasse a ficar

em condições de uso, o que a distrairia de suas preocupações. Mas havia um problema: Brazzà estava ocupada por oficiais britânicos. Então, Fey continuou em Roma — ainda sem pista das crianças. Quando o mês de julho chegou, seu entusiasmo começava novamente a arrefecer.

25. BERLIM: CIDADE CINZA

Francesca Wilson passou a maior parte de maio e junho na pequena Tutzing, à margem do lago. Ao lado de sua casa ficava a quinta de Frau Ludendorff, viúva do general Erich Ludendorff, chefe de gabinete de Paul von Hindenburg durante a Primeira Guerra e o homem poderoso por trás do trono na guerra do imperador. A quinta havia sido requisitada para alojar um grupo de oficiais do Exército dos Estados Unidos, mas os americanos permitiram que a viúva alemã e sua filha fizessem visitas durante o dia, antes do toque de recolher noturno.

Certa noite, Francesca foi convidada, junto com outros agentes da UNRRA, para ouvir a irmã de Frau Ludendorff, uma famosa pianista, executar obras de Schumann. A casa da família não era muito grande, mas estava cheia de mobília pesada alemã e de objetos evocativos. As memórias do general ocupavam as estantes de livro, e seus retratos cobriam as paredes: Ludendorff bebê, estudante, soldado. Havia até um retrato de Ludendorff em postura napoleônica, usando uma capa no campo de batalha.

Após a Primeira Guerra Mundial, ele se tornara um opositor intransigente da nova e democrática república alemã de Weimar e, em 1920, se aliara a Wolfgang Kapp, um colega nacionalista de direita, para participar ativamente de um golpe de Estado contra o governo de Berlim. Três anos depois, marchara ao lado de Adolf Hitler durante o famoso *Putsch* de Munique. E atuara como representante nazista no Reichstag até ser descartado pelo partido. No seu funeral, em 1937, Hitler lhe concedeu honras de Estado.

Os exemplares de *Mein Kampf* já haviam sido retirados da biblioteca, mas, quando observou as prateleiras, Francesca encontrou as obras reunidas de Houston Stewart Chamberlain. Este, depois de se estabelecer na Alemanha,

aderira ao círculo de Bayreuth, formado por intelectuais nacionalistas influenciados pelas ideias antissemitas de Richard Wagner, e se casara com a filha do compositor. Seu livro *The Foundations of the Nineteenth Century* defendia que a raça “branca” ou “ariana” era superior a todas as outras — e Hitler o exaltou como um profeta do Terceiro Reich.

A viúva Ludendorff era médica e conhecida na década de 1920 como uma porta-voz das ideias de Hitler. Autora de vários livros sobre as teorias raciais na ordem do dia, ela expunha sobre os perigos do catolicismo e do judaísmo, a falsidade do cristianismo e a necessidade de uma religião teutônica nova e “autêntica”. De fato, Francesca era levada a acreditar que havia sido pela influência da esposa militante que Ludendorff colocara seu peso político a favor de Hitler e participara do levante fracassado. Ao contrário do Führer, que passara os seis meses seguintes na prisão escrevendo *Mein Kampf*, Ludendorff foi absolvido no julgamento.

Enquanto escutava Schumann, Francesca passeava os olhos pela sala acanhada e opressiva. No meio da plateia atenta formada por oficiais americanos estava Frau Ludendorff, calma e solene, usando um vestido de gola alta e parecendo muito mais nova do que realmente era. É provável, pensou Francesca, que ela ainda acredite em toda aquela teoria racial. Mas que futuro a viúva poderia imaginar para as ideias que um dia pregara com tanta convicção quando ela própria estava sentada ali, cercada pela “raça mestiça” de americanos denunciada por Hitler?¹

Havia outros lembretes de que as atitudes do pré-guerra não haviam desaparecido com a derrota da Alemanha. Logo depois, Francesca encontrou um cientista a quem se referia apenas como “dr. X”. Seu pequeno sítio na Bavária era isolado por uma grande placa de sinalização onde se lia “zona interdita”. Ele havia trabalhado no projeto dos foguetes V2 e fora evacuado de Peenemünde quando pareceu que a Bavária poderia resistir como parte do Reduto Alpino. Francesca visitou o cientista em seu quarto, que agora servia também como laboratório.

Esperando encontrar um homem de idade avançada, ela se deparou com um jovem alto e louro que falava com sotaque alemão do norte. “Ele era pálido e bastante desenvolvido, parecendo uma planta cultivada em laboratório, mas gentil e calmo.” Era também formal, correto e excessivamente polido. Francesca não gostou da maneira distanciada com que ele se referiu aos

foguetes nazistas, mas estava curiosa quanto ao raio de ação e pontaria daquele armamento. Ele admitiu que os foguetes nem sempre atingiam seus alvos, mas que no final da guerra o projeto já estava bastante aperfeiçoado.

“Como irão usá-los agora, em tempo de paz?”, quis saber ela.

“Bem, não há razão para que não sejam usados como serviço postal. Seria possível disparar correspondências para Nova York. Elas chegariam lá em quarenta minutos.”

“O que mais?”, insistiu Francesca.

O cientista disse alguma coisa sobre Marte e Vênus, e seus dois assistentes, que também participavam da reunião, concordaram com entusiasmo. Em seguida, o dr. X ressaltou que todas essas especulações eram divertidas, mas sem importância. “Nós cientistas conhecemos agora as nossas limitações [...] e percebemos que somos mais perigosos que benéficos. Só os médicos ainda conservam as fantasias do século XIX e chegam a delirar que um dia poderão criar vida. Mas a ciência jamais criará algo que não tenha sido criado, nem é capaz de explicar qualquer mistério que seja. Ela vive no mundo quantitativo e ignora a qualidade”, acrescentou.

Sem dúvida, pensou Francesca, este homem lamenta que a arma “milagrosa” de Hitler tenha frustrado as expectativas de seus criadores. “Quando vocês se deram conta de que a guerra estava perdida?”, perguntou abruptamente.

“Stalingrado foi um marco”, respondeu ele. “Mas, na verdade, a guerra foi perdida depois de Dunquerque, com a Batalha da Grã-Bretanha.” Em seguida, ele revelou que os alemães haviam avaliado mal o enorme desenvolvimento aéreo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, e em decorrência disso o Terceiro Reich só começou a construir fábricas de armamentos subterrâneas tarde demais. E eles dependiam de suprimentos, como os cartuchos da alta Silésia. “Quando aquelas fábricas caíram nas mãos dos russos”, disse ele, “nós fomos a pique. Não havia nada mais a fazer, a não ser esperar pelo fim com as mãos cruzadas”.

Atrás do cientista, Francesca reparou numa pequena fileira de pedras numa estante e disse a ele que a lembravam da coleção de seixos que tinha na infância. Ele acendeu um fósforo e tocou numa pedra vermelha, que entrou em combustão e em seguida caiu no chão, onde continuou a queimar inofensivamente. Aquela demonstração deixou um cheiro sufocante no ar. “Foi um alívio sair daquele lugar para a noite estrelada”, escreveu em seu diário, “e

ver os planetas ainda frios e inacessíveis por não haver cientistas mefistofélicos conspirando para perturbar sua inviolabilidade”.²

Havia ainda muitos nazistas na Bavária. Com efeito, alguns até mesmo já preparavam seu caminho de volta à vida pública. Outros sequer chegaram a deixá-la. Sob o governo de Charles Keegan, “desnazificação” e “desmilitarização” viraram quase uma chacota.

No final de maio, Keegan nomeou o dr. Fritz Schaeffer, um ex-interno de Dachau, para ministro-presidente da Bavária. Mas sua alardeada passagem por um campo de concentração nazista havia sido curta, e suas credenciais democráticas eram no mínimo fracas, uma vez que ele era um veterano do arquiconservador e ultranacionalista Partido do Povo Bávaro. Logo que assumiu o governo, Schaeffer começou a reconduzir nacionalistas, militaristas e até mesmo antigos nazistas a altos postos. Seu ministro da Fazenda enriquecera durante o nazismo graças à amizade com o prefeito da região; seu ministro do Interior chefiara uma frente de propaganda nacionalista pangermânica usada pelos nazistas; e seu ministro da Educação empenhava-se ao máximo para sabotar qualquer desnazificação do sistema educacional da Bavária.

O general Patton não se incomodava com nada disso e até tomou a ofensiva contra Eisenhower, afirmando que a desnazificação estava afastando muita gente experiente dos cargos públicos. Os dois líderes ainda estavam em desacordo sobre esse ponto quando o verão de 1945 chegou ao fim. Muito pouco parecia ter mudado na Bavária.³

Não foram apenas os nazistas na Alemanha que abraçaram as ideias e atitudes racistas ou nacionalistas. Polacos, russos e eslavos continuavam sendo amplamente desprezados, agora até mais do que antes, graças aos saques e crimes praticados pelos trabalhadores escravos libertos. E as ideias antissemitas continuaram assustadoramente entranhadas. Enquanto alguns alemães ficaram sinceramente horrorizados com Auschwitz, outros continuaram a enxergar os judeus como uma raça à parte — e definitivamente inferior. Apesar de todas as revelações sobre os campos de extermínio nazistas, estes preconceitos podiam ser observados até mesmo nas profissões mais “piedosas”, como um judeu sobrevivente de Auschwitz e Buchenwald descobriu naquele verão. Após ser libertado pelos americanos, ele foi morar num campo na periferia de Jena. Sendo médico, estava ajudando na recuperação de seus camaradas

sobreviventes num hospital administrado por enfermeiras e técnicos alemães simpáticos e cooperativos. Um dia, ele precisou levar o frasco de urina de um paciente para o laboratório de análise. Ali, tirou seu jaleco e arregaçou as mangas da camisa, deixando à mostra seu número de Auschwitz tatuado no braço esquerdo. “O que é isto?”, perguntou a jovem assistente, uma alemã bonita com quem ele até já começara a flertar. O médico contou. Ela tinha ouvido as transmissões americanas sobre Auschwitz no rádio, mas queria saber se era verdade que as pessoas haviam sido mortas nas câmaras de gás. Ele confirmou. A réplica da jovem o deixou petrificado: “Mas eram apenas judeus, não?”⁴

Atitudes como esta, bem como terríveis experiências da guerra, ajudavam a explicar o que Francesca via acontecendo no campo de Feldafing. Mais do que nunca, ela tinha consciência de que, sob a gestão do tenente Smith, o lugar estava se transformando num campo especificamente judeu. Ela decidiu que, ali, uma judia que falasse bem o ídiche poderia se encarregar do trabalho social de maneira bem mais eficaz.

O sionismo estava se alastrando como um incêndio pelo campo. A maioria dos judeus ainda abrigados em Feldafing eram poloneses. “A Palestina era a Terra Santa para eles”, registrou Francesca — e era o único lugar que clamava por eles. Comboios de rapazes partiam à noite envoltos em mistério, supostamente em direção à Itália, mas o nome “Palestina” era sempre mencionado em voz alta. Rumores sobre um *pogrom* na Polônia aumentavam o temor de voltar para lá e inflavam os sonhos sionistas. A chegada da Brigada Judaica, no final de junho, intensificou estes sentimentos nas legiões de desalojados judeus espalhados por toda a Bavária. A brigada era uma unidade do Exército britânico formada por 5 mil voluntários hebreus que tinham combatido com o estandarte sionista e a estrela de Davi.

Por toda a Bavária, um sentimento semelhante crescia rapidamente em todos os campos. Aos olhos da UNRRA, os judeus não eram considerados um grupo nacional específico, mas cidadãos poloneses, romenos ou soviéticos — devendo, portanto, retornar para a Polônia, Romênia e União Soviética, respectivamente. Mas a maior parte deles não desejava isso, e, sem alternativa à vista, os sentimentos de solidariedade judaica se aprofundaram e foram encorajados por figuras influentes. Uma delas era o rabino militar americano,

dr. Abraham Klausner, que chegou a Dachau no final de maio e, por fim, graças à UNRRA, montou um escritório em Munique de onde pressionou incansavelmente os americanos para que reconhecessem os judeus como uma nacionalidade específica.

Contando com um bom número de simpatizantes, como o tenente Smith em Feldafing, não foi surpresa que este campo fosse o cenário de uma importante declaração naquele verão. No domingo, 1º de julho, 43 delegados judeus vindos de toda a Bavária se encontraram para elaborar uma política para o futuro. O ato final da assembleia foi redigir uma resolução aos poderes aliados que estavam para se reunir em Potsdam solicitando que todos os judeus que desejassem emigrar para a Palestina recebessem tal autorização, como primeiro passo para a criação de um estado judaico. Este foi um marco decisivo. A história da libertação do nazismo estava terminando e uma nova história começava: este foi o início da luta pela criação do Estado de Israel.⁵

Enquanto os judeus nos campos da Europa lutavam por seu futuro, o destino de Trieste estava sendo decidido na Itália. Desde a libertação, a vida para muitos italianos sob o governo iugoslavo parecia mais uma prisão do que liberdade. Ao contrário, entre muitos eslovenos, tanto em Trieste como nas cidades por toda a Veneza Giulia, o entusiasmo por Tito aumentava rapidamente.

O mesmo aconteceu com a tensão militar. Os exércitos oponentes mantinham-se em alerta enquanto Churchill e Truman exigiam que Tito recuasse e punham forte pressão em Stalin para que torcesse o braço de seu aliado. Este era o primeiro exemplo real do desafio que o Ocidente enfrentaria e que fora definido por Churchill como uma “cortina de ferro” em seu telegrama a Truman. O escritor italiano Gaetano Salvemini abordou o episódio num artigo para o jornal inglês *The Times*: “Este é um problema pequeno, mas ele põe à prova o método por meio do qual dificuldades análogas ainda maiores serão apaziguadas — ou envenenadas — a fim de que se evite uma Terceira Guerra Mundial já nos próximos anos.”⁶

Mas Stalin ainda não estava pronto para desafiar seus aliados do Ocidente e recusou apoio aos planos de Tito. Isso obrigou o ditador iugoslavo a recuar. Quatro semanas depois do Dia da Vitória, Tito finalmente concordou em

retirar suas tropas de uma grande parte da região disputada, incluindo Trieste, Gorizia e Monfalcone.

Em poucos dias, os iugoslavos começaram a evacuar o território e a abandonar a fronteira do Isonzo que por tanto tempo haviam cobiçado. Geoffrey Cox e os neozelandeses viram quando, a pé, em veículos motorizados e em grandes comboios puxados a cavalo, milhares de combatentes de Tito tomaram a direção do leste e do sul, deixando Trieste para trás. No entanto, eles não partiram de mãos vazias. Ignorando um ponto importante do acordo, eles se apoderaram de máquinas e equipamentos das oficinas, esvaziaram hotéis, alojamentos e casas a seu bel-prazer. “A voracidade da pilhagem dos iugoslavos só foi limitada pela escassez do transporte”, anotou uma fonte oficial.⁷ Os Aliados se mudaram rapidamente para as áreas abandonadas, a fim de estabelecer seu governo militar. “E assim terminou a disputa por Trieste”, registrou Cox, ainda trabalhando no trailer da inteligência do QG do general Freyberg, no castelo de Miramare.

Ele estava muito otimista. Os Aliados tinham certamente vencido a guerra diplomática e obrigado as forças iugoslavas a se retirar, mas uma batalha política eclodia agora para livrar a cidade da influência de Tito. Durante o mês em que ocuparam Trieste, os iugoslavos expurgaram seus inimigos italianos dos postos administrativos e colocaram comunistas e simpatizantes, às dezenas, nos cargos mais importantes. Nas semanas seguintes, o governo militar aliado se empenhou ao máximo para contrabalançar aquela influência. No início de julho, dois meses depois do Dia da Vitória e um mês depois da relutante partida das forças de Tito, a inteligência britânica divulgou um relatório pessimista. Por toda a região, observava o texto, as forças de ocupação estavam sendo confrontadas com a obstrução passiva dos conselhos de libertação locais, insuflados pela Rádio Belgrado e pela imprensa, ambas hostis ao governo aliado.

Em Trieste, especificamente, havia organizações iugoslavas atuando nos bastidores que abrigavam em torno de 7 mil cidadãos, metade dos quais eram provavelmente antigos integrantes do Exército iugoslavo. A *Guardia Del Popolo*, ou milícia do povo, tinha sido dissolvida formalmente no final de junho entre protestos e rebeliões, mas conservara-se na clandestinidade e seus membros mantinham esconderijos de armas. Muitos deles se alistaram como voluntários

na nova força policial criada pelos Aliados na esperança de ocupar espaços e exercer influência sobre ela.

O cenário em Trieste, portanto, era dos mais complexos, e o futuro da cidade permanecia incerto. O passado e o presente se digladiavam num caldeirão maligno de antagonismo racial e político. “Agentes provocadores, propagandistas treinados e desordeiros são os instrumentos típicos de qualquer partido político nos Bálcãs”, relatou a inteligência britânica. Mas as atividades do grupo em Trieste estavam ligadas ao significado que a cidade tinha para os iugoslavos e à experiência clandestina que eles haviam adquirido combatendo os alemães. Havia também um poderoso e legítimo sentimento de injustiça entre os eslovenos que foi explorado com maestria pelos propagandistas de Tito. Os eslovenos tinham sido perseguidos pelos italianos durante os vinte anos da ditadura de Mussolini, e os comunistas tinham boas razões para desconfiar de uma grande parte da população italiana na região. Além do mais, como reconhecia a inteligência britânica, aquela era a área, entre todas na Itália, com “os piores registros de colaboracionismo, tanto com os nazistas quanto com os fascistas”.⁸

Três dias antes de este relatório circular entre as unidades aliadas em Veneza Giulia, um episódio brutal de assassinato em massa numa província italiana adjacente demonstrou que acertar as contas com os fascistas continuava a ser uma questão prioritária no país. Na noite de sexta-feira, 6 de julho, um grupo de 15 homens encapuzados se aproximou da prisão de Schio, uma cidade industrial da província de Vicenza. Situada numa região outrora católica e conservadora, Schio contava com um movimento de trabalhadores militantes e fora um lugar propício para a atividade de resistência durante a guerra. Os encapuzados apontaram armas para o carcereiro e o obrigaram a entregar as chaves. Em seguida, cortaram os fios de telefone e renderam os outros guardas.

Ali havia cerca de cem prisioneiros, entre homens e mulheres, acusados de várias arbitrariedades fascistas. A maior parte eram não mais que partidários de segundo escalão de Mussolini, mas pelo menos um dos detentos era acusado de enviar cidadãos locais antifascistas para o campo de Mauthausen. Assim que os homens mascarados invadiram, o caos se instalou. Os prisioneiros recusavam-se a formar grupos, como lhes era ordenado, e os intrusos abriram fogo. Em consequência, 54 internos caíram mortos, inclusive 13 mulheres. Os executores eram partisans comunistas locais. Este foi o pior incidente isolado de violência

no verão de 1945, mas esteve longe de ser o último: a matança de fascistas prosseguiu por todo o ano seguinte.

Isso era ainda um lembrete de que, para a Itália, a Segunda Guerra Mundial fora também uma guerra civil profundamente marcada pelo ódio entre compatriotas. Os sentimentos eram exacerbados pelas ligações íntimas do fascismo de Mussolini com o nazismo alemão. O massacre em Schio coincidiu com o retorno à cidade de um sobrevivente de Mauthausen, e com a exibição de um filme sobre a libertação de outros campos nazistas. A indignação popular, combinada com uma sensação de que a justiça jamais seria feita, produziu uma disposição inflamada para a vingança e o linchamento. O governo italiano do pós-guerra ainda não havia estabelecido o controle sobre seu povo.⁹

A morte e a violência da guerra estavam na mente de Robert Ellis. O líder do esquadrão de metralhadoras da 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos ainda estava estacionado próximo a Udine, no norte da Itália. Seu pesadelo de ser morto no último momento da guerra tinha se aquietado, mas as terríveis cenas de carnificina no campo de batalha às quais havia sobrevivido permaneciam em seus pensamentos. Ellis sempre fora um filho sensível e inteligente que compartilhava seus sentimentos mais profundos com os pais. Muitos dos jovens soldados, ao escrever para casa, mantinham um tom formal e distante, para não preocupar suas famílias, mas Ellis era uma exceção.

O primeiro dia de julho foi um domingo. O calor começara já de manhã cedo, e ele se sentou para escrever outra longa carta aos pais. Acabara de recusar uma designação para a Academia Militar de West Point e agora desprezava quase todos os aspectos da vida militar. “Já tenho recordações o bastante de batalhas e mortes terríveis”, confessou. “De certa forma, estou contente por ter participado dos combates, pois tive a verdadeira visão do que é a guerra, a despeito de todo o barulho e glamour que a cercam.” A guerra para o soldado da infantaria não era uma visão atraente, ele explicou. Não era uma batalha entre indivíduos, mas puramente impessoal, de máquina contra máquina. “Você jamais associa o soldado inimigo ao seu ódio”, prosseguiu. “Você odeia as balas silvando em seus ouvidos, vindas de um exército invisível, mas você enxerga o inimigo apenas como um ponto distante, como um alvo na mira de seu rifle.” A guerra não era mais homem contra homem, lança contra

lança, mas um “grande holocausto” de destruição no qual soldados perplexos se comportavam como autômatos. É verdade que havia momentos de heroísmo, mas na maior parte do tempo era uma questão de balas e granadas se enfrentando, e a esperança de chegar vivo ao outro lado. Ele provavelmente matara muitos homens, admitia, mas o único que tinha visto fora o atirador alemão que acertara com a pistola.¹⁰

Com o advento da paz, suas emoções estavam numa montanha-russa. Os relatórios da Companhia “F”, ao longo de junho e julho, falavam amenamente sobre boa comida e moral alto, como se uma coisa alimentasse a outra. No entanto, também registravam episódios que faziam o espírito de Ellis afundar. Não era propriamente animador ou reconfortante ouvir palestras sobre “táticas japonesas” ou assistir a um filme chamado *Na Estrada para Tóquio*, sobretudo depois que a debandada de Tito eliminara os motivos para que a companhia permanecesse na Itália, o que fazia a transferência para o Pacífico parecer cada vez mais próxima. Tampouco era animador fazer exercícios constantes como preparação para algum ataque terrestre futuro, ou ficar ouvindo sermões sobre o perigo das doenças venéreas.¹¹

Mas havia alguns pontos luminosos. Ellis foi condecorado com a Estrela de Bronze, estava jogando tênis regularmente e se sentia mais à vontade nas palestras de orientação que dava aos soldados. Mas, no geral, andava irritado. Como dezenas de outros na divisão, ele não desejava nenhuma batalha futura. Mas seus esforços para se envolver em alguma coisa menos perigosa do que ser um homem de infantaria carregando uma metralhadora — como por exemplo ser deslocado para ocupações burocráticas, se tornar um historiador da divisão, ou se juntar à polícia militar — não deram em nada. Frustrado, ele via muitos de seus camaradas conseguindo estas proezas enquanto ele ficava para trás.

Foi particularmente difícil quando seu melhor amigo na companhia, Larry Boyajian, foi prestar serviço na polícia militar com o V Exército na Áustria. Ellis tinha perdido um grande número de amigos em combate, e Larry era o único com quem ainda podia realmente conversar. Eles tinham passado por algumas experiências marcantes juntos, desde o terrível ataque de morteiros em abril e o fuzilamento do atirador que lhe rendeu a Estrela de Bronze até a viagem louca que fizeram no carro dos militares alemães. “Ele escapou do Pacífico de uma vez por todas”, observou Ellis com uma inveja incontida.¹²

Mas o que o atingiu como um soco no estômago foi a carta que recebeu de sua namorada Pat, que vinha sendo a “luz de sua vida” desde que ele deixara os Estados Unidos. Era uma carta do tipo que já partira o coração de milhares de outros soldados na Europa. No dia seguinte à partida de Larry para a Áustria, Ellis fez um registro lacônico em seu diário: “Pat afirma de novo que não me ama, mas espera me amar na minha volta. Começo a achar que a vida de solteiro é melhor. Estou me acostumando a ela.”¹³

Voltar à alegre vida de casado e homem de família era exatamente o que o ex-correspondente de guerra Robert Reid estava fazendo na maior felicidade. Antes de deixar a Áustria em sua viagem “turística” para casa via Berchtesgaden e Paris, ele datilografou uma carta para Vera em que falava de sua felicidade por voltar a conviver com ela e os filhos no dia a dia. Não era apenas Elizabeth, de 10 anos, que estava crescendo rápido. Richard, de 8, tinha acompanhado as notícias o bastante para declarar solenemente no Dia da Vitória que apenas metade da guerra estava ganha e que “nós ainda temos que brigar com os japoneses”.¹⁴

Nos dias que se seguiram à rendição alemã, Vera mal continha sua impaciência em ter o marido de novo em casa. A carta em que Reid contava seu plano de voltar lentamente ainda não havia chegado, então ela telefonou para o escritório da BBC em Manchester, pedindo que eles descobrissem com o escritório de Londres a data do retorno de seu marido. Mas Londres parecia não ter notícias. “Volte logo para casa, porque tudo indica que seu trabalho por aí acabou”, ela escrevera impacientemente a Robert uma semana depois do Dia da Vitória. A prova disto era que as últimas notícias sobre o III Exército de Patton estavam sendo transmitidas agora pelo colega de Reid na BBC, Frank Gillard. Para Vera, estava claro que Reid só podia estar a caminho de casa.

Mas isso só aconteceu no começo de junho. Quatro anos antes, Reid vestira orgulhosamente seu novo uniforme, tendo no ombro a insígnia verde e dourada ostentando as palavras “Correspondente de guerra britânico” e, na cabeça, a boina com um distintivo circular bem ao centro, um “C” também verde e dourado. Ele tinha ainda uma carteira de identidade azul expedida pelo Gabinete de Guerra na qual se informava que, se fosse feito prisioneiro de guerra, deveria ser tratado como capitão. Felizmente, Reid nunca precisou usá-la, e agora seu uniforme já estava juntando poeira. A cada manhã, em vez de

embarcar num jipe e chacoalhar os ossos o dia todo atrás de uma reportagem, ele viajava de sua casa nos arredores de Stockport até Manchester, para cumprir sua rotina na redação da BBC. A guerra de Robert Reid havia definitivamente terminado.

Mas para o paraquedista americano Leonard Linton, a parte mais fascinante de sua guerra ainda estava por vir. Assim que ele retornou à França, surgiram rumores de que sua divisão seria mandada para Berlim, onde se integraria à força de ocupação aliada na capital alemã. Para a 82ª Divisão Aerotransportada, assim como para todas as unidades aliadas combatendo na Europa, a capital de Hitler sempre fora o objetivo. Apenas algumas semanas antes, os Totalmente Americanos haviam chegado muito perto de um ataque de paraquedas sobre a cidade, antes de Eisenhower resolver deixar os soviéticos tomarem a capital.

Isso, porém, não invalidava o acordo de guerra que dava aos Aliados ocidentais o controle no pós-guerra dos três setores ocidentais da capital alemã. Tinham sido semanas de altas negociações com Stalin para fazer a chegada dos Aliados a Berlim coincidir com sua retirada de partes da Alemanha Oriental prometidas aos soviéticos, como a Turíngia e Mecklemburgo. Durante maio e junho, Churchill insistiu que os americanos não retirassem suas tropas estacionadas além do Elba antes da Conferência de Potsdam, pois sua presença ali poderia ser usada como instrumento de barganha com Stalin. Mas Truman resolveu de outra maneira, e no final de junho o maciço deslocamento de tropas começou; as forças americanas abandonaram também as partes ocidentais da Tchecoslováquia que haviam ocupado durante os últimos dias de combate. Havia apenas uma migalha de consolação para Churchill: as forças soviéticas na zona britânica da Áustria agora se retiravam para sua própria zona, o que garantiria, pelo menos, que a Áustria não ficaria atrás da Cortina de Ferro.

Ao partir, os americanos levaram consigo centenas de cientistas alemães, bem como seus instrumentos de trabalho e famílias. Poucos dias depois, os chefes de estado-maior americanos deram seu aval à Operação Overcast, um programa ambicioso para transferir mais de trezentos cientistas da Alemanha e da Áustria para os Estados Unidos. A operação marcava o apogeu dos esforços iniciados antes do Dia D, com a preparação de listas sobre os principais alvos científicos da Alemanha. Depois de ingressar no país, uma unidade especial do

SHAEF conhecida como Força-T perseguiu estes alvos e removeu equipamentos de alguns dos maiores trunfos de guerra do inimigo, como a fábrica de foguetes V2 em Nordhausen. Os Aliados ficaram espantados ao descobrir como a ciência e a tecnologia alemãs estavam avançadas em tantas áreas diferentes. Os chefes de equipe britânicos concluíram, em julho de 1945, que o país estava “bem à frente” dos britânicos nos campos da aerodinâmica de alto desempenho, balística e fabricação de foguetes.¹⁵

Alarmados com a descoberta, a prioridade dos Aliados passou a ser identificar o que os nazistas tinham transferido para os japoneses. Em seguida, eles empreenderam esforços para impedir que tudo aquilo caísse nas mãos dos soviéticos. Por fim, decidiram incorporar os melhores cérebros da ciência alemã, tanto quanto possível, às suas próprias necessidades militares e científicas. “Quanto mais sabemos dos preparativos e do progresso alemão com novos armamentos”, declarou o jornal *The Times* no final de junho, “mais claro fica que os Aliados venceram a guerra com a Alemanha na hora exata [...] não é exagero afirmar que os alemães estavam a ponto de mudar de um tipo de guerra para outro”. Era da maior importância, portanto, recrutar os cientistas alemães para os propósitos aliados. Wernher von Braun, o jovem gênio responsável pelos foguetes V2, que se juntara de boa vontade aos americanos em maio de 1945, foi apenas um entre as dezenas de cientistas alemães que se mudaram de imediato para os Estados Unidos.¹⁶

Quando os Aliados deixaram a Alemanha Oriental, os soviéticos se retiraram dos setores ocidentais de Berlim. Ali, os Aliados esperavam protagonizar uma entrada grandiosa e simbólica na capital derrotada. Mas Stalin estava determinado a mostrar quem era realmente o conquistador do lugar e, ao manter sob controle os acessos à cidade, conseguiu achar muitos meios de estragar a festa. O resultado foi uma entrada com atrasos e atropelos.

Linton foi um dos primeiros americanos a alcançar a cidade, pois sua unidade fora destacada para seguir na vanguarda das forças de ocupação da 82ª Divisão Aerotransportada. Por sorte, ele ainda mantinha o pequeno mapa das ruas de Berlim que comprara em Paris no mês de abril, ao pensar que seria lançado de paraquedas na capital alemã. Sua unidade partiu em comboio pela *Autobahn* Hanover-Berlim deserta. Esperavam ser interceptados, mas atravessaram sem problema o posto de controle soviético na vila de Helmstedt, onde troncos de árvore e barris de óleo demarcavam a zona de fronteira

improvisada. A cada intervalo de 20 ou 30 quilômetros, cruzavam com grandes cartazes escritos em russo saudando Lenin e o Exército Vermelho. Linton traduzia os slogans para os demais em seu jipe.

Quase ao mesmo tempo, oitenta jipes da imprensa transportando mais de duzentos correspondentes aliados também se deslocavam com rapidez em direção a Berlim. Este comboio, no entanto, teve um encontro inesperado com uma patrulha avançada do Exército Vermelho que se deslocava na direção contrária para substituir os americanos na Turíngia. Os veículos blindados e bem-conservados que levavam a imprensa aliada contrastavam fortemente com os dos russos. “Os russos em retirada eram uma turba”, relatou um dos correspondentes ocidentais.

Suas jaquetas de algodão acolchoadas estavam puídas e manchadas de graxa e gordura, seus meios de transporte eram uma miscelânea de caminhões velhos e vagões puxados a cavalo repletos de mobília saqueada, e mais da metade deles se locomovia a pé. Mas estes eram os homens que tinham derrotado Hitler e seus grandes exércitos no front oriental. Eles pareciam imunes à privação e à fadiga, e indiferentes ao show dos veículos mecanizados que tentavam impressioná-los.

Por fim, a unidade de Linton chegou a Potsdam. Os grandes palácios construídos por Frederico, o Grande, estavam vazios e destroçados, embora seus tesouros estivessem agora sendo trazidos de volta à superfície, retirados dos esconderijos nas minas de sal e cavernas por toda a Alemanha. Mas os paraquedistas não se detiveram ali. Em vez disso, prosseguiram viagem, contornando os tanques soviéticos incendiados, as trincheiras desertas improvisadas pelos alemães e a grande quantidade de escombros. “Consegui visualizar a Wehrmacht sendo completamente dominada pelo Exército Vermelho depois que eles cercaram Berlim”, recordou Linton.

Finalmente, eles alcançaram o coração da capital.¹⁷

Os americanos assumiram oficialmente o controle de seu setor de Berlim na quarta-feira, 4 de julho, Dia da Independência dos Estados Unidos. Numa cerimônia breve, realizada nos quartéis de Adolf Hitler, o general Baranov, comandante soviético no local, transferiu formalmente a responsabilidade para o general Omar Bradley.

Horas antes, um jornalista americano, James O'Donnell, voara até a cidade a fim de estabelecer uma sucursal da revista *Newsweek* na capital alemã. Ele estava também numa missão urgente de escrever uma reportagem sobre os últimos dias de Hitler no bunker. Para chegar com rapidez do aeroporto Tempelhof à Chancelaria, fez sinal para um jipe que passava, o único objeto em movimento que ele conseguia enxergar naquela paisagem urbana estática e silenciosa. Seus ocupantes eram dois paraquedistas da 82ª Divisão que se prontificaram alegremente a levá-lo até o Portão de Brandemburgo — caso ele soubesse indicar sua localização. Diligentemente, eles avançaram com o jipe pelos labirintos de cascalho ao longo do único caminho aberto para o tráfego de veículos. Poderiam ir mais rápido, pensou O'Donnell, num tanque Sherman ou numa escavadeira.¹⁸

O corpo principal das tropas britânicas chegou a Berlim no dia seguinte, marchando diante do olhar petrificado mas atento da população que se aglomerava na estrada de Spandau, que dava acesso à cidade. Honras da casa foram feitas aos homens da 7ª Divisão Blindada, os “Ratos do Deserto”, que haviam começado sua jornada cinco anos antes no Norte da África. A cerimônia pública aconteceu debaixo de chuva, aos pés da Coluna da Vitória, o grande monumento erguido para comemorar a esmagadora vitória dos alemães sobre os franceses em 1871. A bandeira inglesa foi hasteada e os membros da força policial alemã, de uniforme verde, sabiamente prestaram uma elegante continência. A coluna demarcatória foi estabelecida no grande eixo leste-oeste que cruzava o Tiergarten e levava ao Portão de Brandemburgo. Atrás dela ficava a avenida Unter den Linden e o setor soviético. Apenas algumas semanas antes, a avenida tinha servido como pista de decolagem de emergência para os nazistas quando o Exército Vermelho apertou o cerco sobre a cidade. Comandantes britânicos, americanos, russos e franceses assistiram ao desfile das tropas, trocaram-se continências e os hinos nacionais foram executados.¹⁹

Naquele mesmo dia, os eleitores foram às urnas na Grã-Bretanha na primeira eleição geral desde 1935. Os militares britânicos em Berlim, assim como em outras partes da Europa, puderam votar do local onde estavam estacionados. Os partidos Conservador e Trabalhista, que disputavam a eleição, manifestaram confiança na vitória. No dia anterior, Churchill fizera uma excursão pelos distritos eleitorais de Londres e fora vivamente aclamado como

o homem que levara o país à vitória. Mas, num comício, teve uma recepção desigual e chegou a ser vaiado. Era um sinal.

A chegada de Leonard Linton a Berlim não foi apenas uma conquista, mas um retorno ao lar. Ele acordou bem cedo no dia seguinte e seguiu de jipe na direção do bairro residencial de Schöneberg. O entulho nas ruas era tanto que precisou fazer inúmeros contornos. Muitos prédios estavam tão danificados ou destruídos que às vezes ele não conseguia saber onde estava, e seu mapa acabara mostrando-se inútil. Em vez dele, Linton recorreu à posição do sol para se orientar. Ainda não havia abastecimento de gasolina, faltava água encanada e muitos bondes da cidade tinham sido transformados em barricadas. Suas carcaças abandonadas ainda ocupavam as ruas e dificultavam o fluxo do trânsito. Mas enfim ele encontrou o bloco de apartamentos na Aschaffenburgstrasse, onde sua família tinha morado antes da guerra. Fora naquele lugar que aprendera o alemão utilizado agora todos os dias, e que havia participado, breve e inocentemente, da Juventude Hitlerista. Mas o edifício estava reduzido agora a uma concha opaca e descoberta, e apenas as lembranças mantinham Linton ali.

Ele teve mais sorte na busca por sua meia-irmã, Irene, vista pela última vez antes que o resto da família escapasse dos nazistas. William Shirer, o jornalista americano que estava de volta à cidade de onde escrevera reportagens sobre a ascensão dos nazistas, ajudou Linton a rastreá-la até que enfim chegaram a um edifício parcialmente destruído. Ali ela morava com Inge Zimmerman, uma amiga de antes da guerra, e sua família. Dois dos irmãos de Inge haviam sido mortos no front oriental, e um terceiro tinha sido ferido. Todos naquela casa estavam muito magros, mas garantiram a Linton que se sentiam bem — pelo menos ninguém ali estava doente ou definhando.

Irene fora violentada pelos russos quando eles ocuparam a cidade. Linton providenciou atendimento médico de urgência para a irmã, que descobriu aliviada não ter contraído nenhuma doença venérea. Pouco tempo depois, ele ajudou-a a se mudar para a área do mercado em Wannsee. A única coisa desagradável era a presença ali perto de um monumento de guerra soviético com um tanque T34, supostamente o primeiro tanque do Exército Vermelho a entrar na cidade. Linton ficou perturbado ao perceber que o canhão do tanque ainda apontava para o ocidente.²⁰

Irene e seus amigos não estavam em situação pior do que a maioria da população berlinense. Dois meses após o suicídio de Hitler, o enviado especial do *Times* pintou o quadro de uma cidade ainda “entorpecida e prostrada” pelo cataclisma que a atingira. Os remanescentes eram sobretudo mulheres, crianças e idosos, e suas energias estavam voltadas para a tarefa diária de conseguir comida e tentar sobreviver. O cenário efervescente de antes da guerra dera lugar a um filete de movimento ao longo das largas avenidas no centro da cidade, por onde a população se arrastava, com as costas curvadas e os olhos no chão. No alto de um grande amontoado de escombros de prédios bombardeados, relatou o correspondente inglês, um aglomerado humano, formado principalmente por mulheres, retirava o entulho com baldes que pareciam ridiculamente pequenos para a tarefa. A reportagem era datada de 5 de julho, uma quinta-feira, mesmo dia em que foram veiculadas as notícias dos assassinatos por eutanásia no Instituto Kaufbeuren, na Bavária.²¹

Um jovem oficial britânico chegou a Berlim na mesma época que Leonard Linton e teve uma reação instantânea e opressiva diante do que seus olhos viram. A cidade estava dominada por uma única cor. “As ruínas eram cinza, as árvores eram cinza, as casas eram cinza, até as pessoas eram cinza”, escreveu Richard Brett-Smith sobre a capital de Hitler. “Praticamente todas as construções estavam destelhadas e esburacadas, e o entulho produzia uma fina poeira cinza e acre que penetrava nas roupas e faces daqueles que garimpavam em meio a ele, os desocupados curiosos, os necrófilos e os *Trummerfrauen* — bandos de mulheres — que separavam os blocos de tijolos.” Em toda parte, o desespero, a apatia e a falta de perspectiva pareciam ter criado raízes.²² Porém, esses bandos de mulheres separando tijolos nos escombros eram, paradoxalmente, um sinal de vida e renovação. E elas não eram as únicas que trabalhavam duro.

Uma das pequenas indústrias de Berlim era a de recolhimento de guimbas de cigarro. Uma vez misturadas, produzindo novos cigarros, elas passavam a ter valor de mercado — talvez o mais importante item de barganha e escambo naquele verão. “Empreendedores com bancas para a venda de papel de cigarro ou que tivessem adquirido papel higiênico extrafino”, contou um alto oficial britânico, “empregavam centenas de pessoas, crianças entre elas, para recolher guimbas”. Os catadores eram conhecidos como *Kippensammler*, e todos tinham

seus fornecedores especiais, como as prostitutas e os mendigos. Eles faziam negócio com camareiras, garçons e gerentes de cinema e cabarés. Bandos de garotos ficavam à espreita nos refeitórios aliados, nos bares e cinemas frequentados pelos militares, sempre prontos para dar o bote quando alguém jogava fora uma ponta de cigarro. Muitos garçons recolhiam as guimbas com a mesma diligência com que anteriormente recolhiam as gorjetas. Por toda a cidade foram surgindo pequenas fábricas em prédios bombardeados ou abandonados, onde pequenos exércitos de trabalhadores, homens e mulheres, separavam o tabaco e enrolavam novos cigarros.

O cigarro era pequeno, podia ser guardado em pequenos recipientes, não era facilmente perecível e tinha sempre grande procura. Os mais cobiçados eram os de marca inglesa ou americana. O preço de cada cigarro ficava entre 7 e 10 marcos. Maços descartados também eram recolhidos. Se embalados com cuidado, eles podiam parecer originais e garantiam um preço mais alto.

“Não demorou muito”, relatou outro oficial britânico, “para que o soldado aliado percebesse o poder de compra e barganha que tinha nas mãos com seus cigarros”. Ao receber cigarros de graça de seu Exército, ele podiam ganhar dinheiro com ele, economizar todo o seu soldo e comprar por preços irrisórios uma grande variedade de artigos oferecidos no mercado: canetas, joias, relógios, antiguidades, diamantes e binóculos. “A procura por cigarros era tão grande que muitos fumantes inveterados reduziram seu consumo ou até mesmo abandonaram o vício para lucrar com o mercado.”

Outro soldado britânico em Berlim estava ganhando tanto dinheiro que começou a ficar paranoico. “Eu escondia o dinheiro em todos os lugares, na minha mochila, nas meias, no forro da minha túnica”, confessou. “O dinheiro começou a me subir à cabeça e eu não conseguia dormir. Levantava durante a noite para ir à latrina e contar. Um dia, lembro de ter contado, para meu horror, 8 mil marcos. Aquilo eram 200 libras esterlinas e eu nunca havia possuído mais de 5 libras na minha vida. Foi quando decidi dar um basta naquilo, o mais rápido possível.”

Raramente os cigarros eram fumados pela pessoa que os comprava. “Eles eram passados de pessoa em pessoa como forma de obter lucro, ou como forma de pagamento por vidraças para janelas, lenha, comida e roupas”, registrou o oficial britânico que estava enriquecendo nas ruas de Berlim. “Um maço de cigarros podia mudar de mãos cem vezes e, no seu percurso, trazer

para muitas pessoas as coisas de que elas precisavam para manter a saúde e viver.”²³

Não era de estranhar que pelo menos um dos cabarés da cidade, o Roxy, mantivesse uma placa na entrada anunciando: “ÄLLES FÜR 10 ZIGARETTEN”. Por trás de todo o fenômeno escondia-se uma cruel e irônica piada. Fora Hitler, um não fumante, que reduzira sua capital a isto.

O soldado aliado com um estoque infinito de cigarros era uma figura poderosa. Ele também podia obter sexo com facilidade, como logo descobriu o soldado que começara a perder o sono por causa de dinheiro. Um dia, ele foi a um café onde já estivera muitas vezes antes. Ali, sentada em seu lugar habitual, estava uma jovem alemã de seus 18 anos. Ela sempre estava sozinha e bebendo algo que parecia água colorida. Até então, ele não havia reparado em nenhuma mulher em Berlim — estava casado havia apenas dois anos. Ela lembrava uma garota inglesa de 22 ou 23 anos, ele avaliou, bonita, de olhos azuis, mas muito pálida. Ela não falava inglês, nem ele, alemão, mas levou-a para dançar e pagou sua refeição. “Me senti um milionário”, afirmou. Então, ele a levou para casa de bonde. Depois, eles se encontraram muitas outras vezes; iam ao cinema ou saíam para dançar. Todo o tempo ele percebia que ela estava com fome.

Primeiro, ele tinha pena da garota; depois, começou a se sentir responsável por ela. “Ela era legal, tão pateticamente alegre”, explicou. Ela o fazia lembrar de um cachorro sem dono, do tipo que não larga do seu pé e pode morrer de fome se você não cuida dele. Depois de um tempo, eles aprenderam a trocar algumas palavras. Certa vez, ele ofereceu a ela uma barra de chocolate e ela quase enlouqueceu. Em outra oportunidade, deu a ela um pedaço de sabão, que ela imediatamente vendeu por 50 marcos para comprar pão no mercado negro.

Numa noite chuvosa, a jovem agarrou o soldado pelo braço e o levou até o bloco de apartamentos onde morava. O prédio fora atingido pela artilharia e os dois andares superiores tinham sido incendiados. Ela morava no terceiro andar, num apartamento com dois quartos e uma pequena cozinha. Não havia mais vidro nas janelas, e ela tapara as aberturas com panos e tábuas para ter um pouco de privacidade. Em um dos quartos havia uma foto de sua mãe, que se suicidara quando os russos ocuparam a cidade. Seu pai tinha morrido no combate. Havia uma foto dele também.

“Fiz um gesto para tentar saber se havia comida naquela casa, e ela pensou que eu estava com fome”, contou. “Então, foi até um armário e eu a segui. Ali

dentro havia algumas batatas, um copo de farinha e um pouco de sal. Ela me ofereceu metade de um pão embrulhado em jornal. Balancei a cabeça negativamente, mas não foi fácil fazê-la entender que eu não queria comer nada.” A maior parte da mobília do apartamento tinha sido roubada pelos russos e não havia nem carvão nem lenha para aquecer o ambiente. O lugar era frio. No quarto de dormir não havia camas, apenas dois sofás. Ela os colocou juntos. Mais tarde, disse que passaria alguns dias no campo colhendo batatas. Ele não conseguiu se controlar: abriu a carteira e estendeu a ela quatro notas de 50 marcos. “Ela não quis aceitar”, lembrou ele. “Caiu em prantos.”

Algumas vezes ele se sentia quase doente com o poder que tinha sobre aquela jovem. “Era como se ela fosse minha escrava. Ela remendava minhas meias e consertava coisas para mim.” Não havia promessa de casamento, e ela sabia disso. Ainda assim, conseguiu para ele uma câmera Leica num escambo de cigarros, e ele lhe confiou todo o seu dinheiro, para que ela tomasse conta. Ela também lhe disse que sabia onde conseguir um anel de diamante.²⁴

Esta era a Berlim agora ocupada pelos Aliados. Não é de admirar que a cidade tenha ficado conhecida como um “deserto sentimental”. Por toda parte, as mulheres circulavam solitárias. O número de homens alemães na cidade fora reduzido à metade desde 1939, e havia três mulheres para cada homem, a maioria deles ferido, desempregado ou sem dinheiro. Escritórios de casamento se multiplicaram, mas não resolviam o problema das mulheres que não tinham como provar que seus maridos haviam sido mortos num ataque aéreo ou na frente de batalha. “Então, em cubículos e porões”, escreveu Douglas Botting, “aquela tribo de *Frauleins* se misturava à soldadesca aliada e tocava seus negócios em quartos semidestruídos, por entre as ruínas”.²⁵ Esta era a cidade que em breve recepcionaria Stalin, Truman e Churchill na Conferência da “Vitória”.

26. SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1945

Com o sombrio telegrama sobre a “cortina de ferro” para Truman, Churchill tentara persuadir o presidente americano de que, juntos, deveriam chegar a um rápido entendimento com Moscou. E para isso era fundamental que eles se encontrassem pessoalmente com a maior brevidade possível. Churchill esperava que a reunião dos três líderes pudesse acontecer em Londres, mas, caso isso não fosse possível, poderia conseguir uma cidade na Alemanha Ocidental que não estivesse totalmente destruída.

No final, entretanto, os dois tiveram que se dobrar à insistência de Stalin para que o encontro de cúpula acontecesse em Potsdam, nos arredores da capital arrasada de Hitler, em território ocupado pelo Exército Vermelho. A decisão sobre o local levou quase um mês — por isso, em vez de junho, como Churchill esperava, a reunião foi finalmente marcada para meados de julho, mais de dois meses após a rendição alemã. Isso aconteceu porque os comandantes aliados só se reuniram no início de junho para assumir oficialmente a autoridade suprema sobre a Alemanha, e foi necessário mais um mês para organizar o Conselho de Controle Aliado encarregado de coordenar a política para todo o país.

Nesse meio-tempo, a preocupação de Churchill com o futuro da Europa só aumentou. Fora um alívio ter o apoio de Truman contra a tentativa de Tito de se apoderar de Trieste, mas quando o primeiro-ministro se encontrou com seus chefes de estado-maior, no início de junho, ele estava consumido pelo pessimismo. “Winston fez um relato longo e desanimador sobre a situação na Europa”, registrou o marechal de campo Brooke em seu diário. “Nunca em sua vida ele estivera tão preocupado com a situação na Europa.”

No entanto, na véspera da Conferência de Potsdam, a confusão reinava, e uma situação desesperadora estava emergindo na Alemanha. Uma semana antes do encontro de cúpula, o general Montgomery enviara um alerta sobre o agravamento da crise na zona britânica, que incluía as regiões mais populosas e industrializadas do país. Ele tinha 20 milhões de alemães para alimentar, outros vários milhões de desalojados e pelo menos 2 milhões de veteranos de guerra. Praticamente todas as grandes cidades estavam em ruínas, e as estradas do campo eram muitas vezes interrompidas por bloqueios. Não havia indício de resistência significativa aos britânicos, mas muitos documentos de identidade eram falsificados e a ocupação estava enfrentando sérios problemas. Não menos relevante era a proibição da fraternização. Na opinião do general, ela precisava ser suspensa imediatamente. “Não podemos reeducar 20 milhões de pessoas se não podemos falar com elas.”

Acima de tudo, porém, havia a questão do futuro da economia nos meses seguintes, sobretudo no que dizia respeito à alimentação e ao combustível. O que aconteceria ali dependia muito de como os quatro Aliados encaminhariam seu governo de quatro poderes. Eles haviam vencido a guerra contra Hitler, mas enfrentavam agora outra batalha, quase igualmente dura — a “Batalha do Inverno”. Eles a enfrentariam juntos ou divididos? Haveria apenas uma Alemanha ou duas? “Existe, de fato”, relatou Montgomery, melancólico, “uma verdadeira ‘muralha’ entre a zona soviética e as zonas dos Aliados ocidentais”. Um relatório de inteligência do SHAEF confirmava isso: “Temos muito poucos dados sobre a política russa para a parte da Alemanha que eles ocupam.”¹

Na segunda-feira, 16 de julho, as frotas americanas e britânicas no Pacífico lançaram sua primeira ação naval conjunta sobre o continente japonês, com centenas de aeronaves decolando de porta-aviões para bombardear Tóquio e seus arredores. Enquanto isso, três dos maiores navios de guerra dos Estados Unidos, o *Iowa*, o *Wisconsin* e o *Missouri*, dispararam centenas de projéteis de 406mm sobre o porto de Muroran, no sul de Hokkaido, a um quilômetro e meio da costa, e frotas de aviões Super-Fortress atacaram vários outros alvos. As cidades do Japão estavam agora em chamas, mas o imperador Hirohito ainda utilizava o rádio para exortar a Força Aérea a combater com todo o seu

poder a fim de garantir a segurança do trono. Havia poucos sinais de paz no front do Pacífico.

Na Grã-Bretanha, entretanto, um clima de paz estava definitivamente se instalando. Durante a maior parte da guerra, as lâmpadas das ruas tinham ficado apagadas, mas, em 15 de julho, pela primeira vez em seis anos, as luzes de Londres estavam ligadas com seu brilho esplendoroso e milhares de pessoas foram ao West End e a Piccadilly Circus para aproveitar o espetáculo noturno. Naquele final de semana, multidões enfrentaram fortes tempestades e relâmpagos a caminho das estações de trem para a capital, dispostas a se divertir fora de suas cidades. Muitos esperaram durante horas para conseguir lugar nos trens abarrotados, e os resorts à beira-mar superlotaram, porque dezenas de hotéis requisitados para os esforços de guerra continuavam fechados ao público. Mas os turistas que não desistiram foram recompensados: a costa do canal da Inglaterra estava coberta de sol, com temperaturas em torno de 30 graus. Em Hastings, ao anoitecer, as pessoas vibraram quando foi ligada a iluminação ao longo da praia em frente ao resort, com cerca de 3 quilômetros de extensão.

Do outro lado do canal, no entanto, a paz parecia distante para a maior parte da Europa. A Bélgica estava envolvida numa penosa polêmica sobre o futuro do rei Leopoldo, que se recusara a ir para o exílio durante a guerra e agora era acusado de excesso de cortesia com os alemães. Na Áustria, os escombros e a sujeira da guerra se acumulavam em pilhas de quase 2 metros nas ruas, e o tifo se propagava. A França comemorou durante três dias o feriado da Bastilha, celebrado pela primeira vez em liberdade desde o início da guerra em 1939. Houve uma marcha do Champs-Élysées até o Arco do Triunfo liderada pelo general de Lattre de Tassigny, comandante do I Exército francês, seguida de queima de fogos e danças nas ruas até alta madrugada. Mas havia uma inquietação crescente com relação não só à justiça sumária que estava sendo exercida contra os colaboracionistas, mas também à execução de alguns “peixes pequenos”. Enquanto isso, Paris se preparava para um peixe grande, com certeza o maior de todos — o marechal Pétain. Seu julgamento por traição estava marcado para a semana seguinte.

Francesca Wilson comemorou o Dia da Bastilha. No sábado, 14 de julho, ela estava num vilarejo em companhia de soldados franceses que tinham sido

convidados pelos americanos a ajudar no transporte. Os franceses estavam hospedados num velho hotel da Bavária com salão de festas, e Francesca caiu na dança enquanto o comandante da tropa, um velho oficial de cabelos brancos, beijava as garotas e “dava alegria e consentimento” aos festejos.

Francesca tinha se transferido de Feldafing para Föhrenwald, um outro campo da Bavária, a apenas alguns quilômetros de distância. Mas em todos os aspectos parecia que a distância era enorme. Em 1939, os nazistas tinham construído uma vila modelo para alojar operários de uma grande fábrica de munições escondida nos bosques de pinheiro dos arredores. Ela deveria servir como um exemplo clássico do bem-estar dos operários nazistas, com ruas bem traçadas, casas bem planejadas, cozinhas modernas, banheiros completos, tanques de lavar roupa, hospital, cantina e cinema. No final da guerra, a vila hospedava basicamente trabalhadores escravos. Quando Francesca chegou ali, Föhrenwald estava a caminho de se tornar o maior campo de desabrigados da Alemanha, com mais de 5 mil habitantes.

Ela achou o lugar bem mais alegre que Feldafing, um campo trágico basicamente habitado por sobreviventes do Holocausto que jamais sorriam e estavam sempre assustados. Em Föhrenwald, ela se sujeitava, de bom grado, ao tenente Harkness, um jovem comandante americano, firme, enérgico e de decisões rápidas. Ele havia lutado com o VII Exército de Patch no Norte da África e na Itália e participara da conquista da Bavária. “Garanti a ele, imediatamente, que nós da UNRRA não iríamos interferir na administração do campo, e a partir daí trabalhar com ele foi fácil e tranquilo.”²

As acomodações do campo e a natureza de seus habitantes também ajudavam bastante. Em vez de grandes casernas e dormitórios impessoais, as pessoas viviam como famílias, em casas muito parecidas com as que tinham em sua pátria, cada rua abrigando pessoas da mesma nacionalidade. Com isso, pequenos bairros foram sendo formados e havia o sentido genuíno de vizinhança. Havia em torno de 12 grupos nacionais. Tecnicamente falando, alguns moradores nem deveriam estar ali, porque pertenciam a grupos “inimigos”, como os austríacos, húngaros e o *Volksdeutsch* da Iugoslávia, mas os militares os colocaram no campo para livrá-los das cidades vizinhas. Eles praticamente não causavam problemas para os demais grupos, sobretudo quando eram solicitados a cooperar e resolver questões práticas, o que fazia Francesca enxergar o campo como uma “Nações Unidas em miniatura”.

Entretanto, havia dificuldades. Para manter seus serviços de alto nível funcionando, Föhrenwald precisava de uma grande equipe de técnicos alemães, e, por um tempo, isso serviu de cobertura para homens da SS em fuga pelas rotas de escape entre Munique e a Suíça. Mas os alemães da vila interessados em agradar aos americanos denunciaram os homens da SS e mais de trinta acabaram presos.

Francesca testemunhou uma destas prisões. Um rapaz alemão branquelo e de cabelos desalinhados estava de pé no gabinete do oficial. Ele era acusado de fazer parte da SS. “Tire a camisa”, ordenou Harkness. O jovem fez o que lhe foi mandado. “Agora, levante o braço”, disse o americano. Quando ele cumpriu a ordem, um pequeno “O” tatuado apareceu acima de uma das axilas. “É o tipo sanguíneo dele”, Harkness explicou a Francesca. “Pegamos milhares desse jeito. Hitler facilitou as coisas para nós.” De fato, cerca de 10 mil ex-integrantes da SS já estavam atrás do arame farpado de Dachau.

O que Francesca realmente gostava em Föhrenwald era de trabalhar com as oitocentas crianças do campo. Os americanos não haviam tido tempo de organizar qualquer atividade para elas, de modo que transferiram a incumbência com muita satisfação à equipe da UNRRA. Francesca preenchia seu tempo percorrendo o campo, conversando com seus ocupantes sobre as necessidades das crianças, encontrando professoras e ajudando a montar escolas em seis idiomas diferentes: polonês, estoniano, lituano, húngaro, sérvio e alemão. Os jardins de infância e berçários funcionavam excepcionalmente bem, mas uma escola em particular encantou Francesca. Ela era dirigida por uma estoniana com um talento raro para trabalhar com crianças. Toda vez que pensava que lidar com os problemas insolúveis dos ocupantes era difícil demais para ela, Francesca dava uma escapada e ia ver a estoniana cantando e brincando com as crianças debaixo dos pinheiros. “Ela [os] enfeitiçava”, escreveu. “As crianças cantavam e dançavam. Em um momento eram ursos, e no minuto seguinte já eram pássaros — e até criancinhas de 2 anos participavam e tentavam imitar os seus gestos.”³

Tudo era inocente e auspicioso, um ponto luminoso numa paisagem outrora sombria, pela qual se espalhavam sinais assustadores que lembravam Francesca de como o universo inocente das crianças havia sido contaminado pelo nazismo. Certo dia, ela foi até Munique procurar livros didáticos do ensino fundamental. Achou uma série que parecia atraente, com capas inclusive muito

bonitas. Mas então, abriu um dos livros e leu uma questão de matemática: “A Alemanha tem 100 mil epiléticos e 250 mil deficientes mentais. Cada um custa ao Estado 2,50 marcos por dia. Pela mesma quantia, quantos bebês saudáveis poderiam ir para as creches, que custam um marco por dia?” Em resumo: todos os livros didáticos existentes tinham que ser jogados fora, e novos livros precisavam ser produzidos antes que as escolas tivessem permissão para reabrir.

Francesca também ajudou a organizar a diversão no campo. Os cossacos entraram com seu coral e sua dança, os estonianos com sua música folclórica, os húngaros com valsas e músicos de jazz, e os austríacos com seus excelentes cantores. Mas a grande estrela era um violinista polonês chamado Kasimir Koszelski, que antes da guerra tocava com o conceituadíssimo Quarteto Busch. Ele havia escondido um judeu no seu apartamento em Varsóvia e se apresentava secretamente para angariar fundos para a resistência, até ser preso pelos nazistas e mandado para a Alemanha como trabalhador escravo. Enquanto estava lá, o diretor de uma fábrica que o vira tocar profissionalmente na Itália o transferiu para um trabalho mais leve, no depósito de munição em Föhrenwald. Agora, Koszelski dava concertos todos os domingos para os internos do campo, libertados mas ainda aprisionados.

O hospital de Föhrenwald era administrado pelos húngaros, que, em sua maioria, tinham fugido de Budapeste em novembro de 1944, quando o líder fascista Ferenc Szálasi tomou o poder depois que as forças de Hitler ocuparam o país e Adolf Eichmann chegou para “limpar” a Hungria dos judeus. Os médicos eram todos especialistas e tinham seus próprios técnicos de laboratório e de raio X. Nas palavras de Francesca, escritas antes da implantação do Serviço Nacional de Saúde britânico, os húngaros transformaram o hospital “naquele Centro de Saúde utópico que nós esperamos ver um dia na Inglaterra”.⁴ Ela deu sua contribuição pessoal para a saúde no campo ao vencer a burocracia militar e liberar o leite, as vitaminas, o chocolate e o óleo de fígado de bacalhau para a alimentação das crianças.

Mas aquilo estava bom demais para ser verdade. Um dia, chegou um coronel americano e ordenou que os desabrigados “inimigos” fossem evacuados. Austríacos, húngaros e iugoslavos germanófonos eram de responsabilidade da Alemanha e deveriam ser enviados para as cidades alemãs. O decreto foi posto em prática na mesma hora: os grupos étnicos atingidos pela medida foram

embarcados abruptamente em caminhões e largados em cidades e vilarejos por toda a alta Bavária. Por vários dias, ao pensar naquela gente sem cama para as crianças, sem utensílios de cozinha e sem trabalho, Francesca ficava assombrada. Na zona britânica de Berlim, havia muitos agentes humanitários da igreja dos quakers prontos e dispostos a cuidar dos ex-inimigos civis e párias germânicos, mas na zona americana da cidade isso não acontecia. Para estas vítimas da guerra, a luta para voltar à normalidade ainda estava longe do fim.

Mas ainda pior foi a remoção súbita de vários lituanos e poloneses a fim de abrir espaço para um inesperado influxo de judeus sem pátria. Os lituanos, incluindo quase cem crianças e bebês, foram instalados em casernas com janelas quebradas, camas cheias de percevejos e sem água potável. Os poloneses tinham acabado de montar sua escola e jardim de infância em Föhrenwald e a transferência arbitrária deixou Francesca furiosa. “Odeio o Exército!”, brandiu em desespero contra o capitão de rosto avermelhado que estava à frente da mudança. “Por que vocês não procuram alguém pra lutar? Por que têm que se meter com os civis?”

As relações da UNRRA com o Exército nunca foram definidas com muita clareza, mas, apesar de sua fúria, Francesca sabia que sem os militares a situação teria sido muito pior. Somente eles, àquela altura, tinham a energia e os recursos para organizar, por exemplo, o abastecimento de comida. Os recursos alimentares da UNRRA haviam sido destinados a países aliados onde a fome se tornara uma ameaça iminente, como a Grécia e a Iugoslávia, e não à Alemanha. E enquanto ela protestava com os americanos, seu próprio diretor-geral anunciava em Roma que a agência tinha sido obrigada a impor uma redução severa na importação de suprimentos para a Europa. Esta redução incluía roupas, tecidos, combustíveis, matérias-primas e alimentos básicos, como gorduras e peixe em conserva. E o problema não era mais o transporte, como se afirmara até ali, mas os estoques dos fornecedores, temerosos com a aproximação do inverno.⁵

O alegre campo de Föhrenwald era uma raridade no universo tradicionalmente depressivo dos vários campos de desabrigados no verão de 1945. Milhões de internos ainda aguardavam o repatriamento em condições miseráveis, e havia pouca comida. Vivendo entre civis alemães desamparados, muitos desalojados aproveitaram a oportunidade para conseguir comida, bebida alcoólica, mulheres e, por vezes, vingança contra seus antigos carrascos.

Episódios de assassinato, estupro e saques aumentaram nas cidades bávaras. Em julho, muitos campos de desalojados na zona britânica foram cercados com arame farpado e sentinelas armados, e o toque de recolher foi imposto aos internos.

Foi necessário inclusive rearmar a polícia alemã. Um relatório britânico revelava que “os alemães não acreditam mais na nossa capacidade para manter a lei e a ordem”. Havia também violência entre os diferentes grupos nacionais nos campos e entre as várias facções políticas. A situação se agravou quando representantes dos novos regimes comunistas da Europa Oriental, assim como oficiais do Exército soviético, intimaram os internos a voltar para casa. Dez dias antes da Conferência de Potsdam, houve tumulto num campo quando um militar soviético matou a tiros um desalojado russo e acabou sendo linchado pela massa enfurecida.⁶

O fuzileiro canadense Reg Roy ainda estava “encalhado” na costa norte do Zuiderzee. Mas na sexta-feira, 13 de julho, ele recebeu uma dose tripla de ânimo. Primeiro, alguns pacotes de sua mãe, com chá e revistas. Em seguida, a chegada de um novo oficial ao regimento, o que aumentava sua esperança de retornar em breve para casa. E, por fim, ele obteve os tão aguardados dias de folga.

Na segunda-feira, 16 de julho, ele partiu para três dias de descanso em Amsterdã. Era sua primeira visita à “Veneza do norte” e ele estava ávido para chegar à capital holandesa porque muitos de seus camaradas falaram animados de seus prazeres. De caminhão, ele atravessou os 35 quilômetros de uma estrada reta e sem tráfego ao longo do imenso golfo até chegar a um dos melhores hotéis de Amsterdã, o Krasnopolsky, que ficava na praça do Dam, bem no centro da cidade. O hotel estava quase todo ocupado por oficiais do Exército canadense de folga. “Ah, garoto, é tudo muito bom por aqui. Tem água quente e o escambau”, anotou em seu diário. Havia dezenas de bares, muitas boates, vários cinemas, e ele fez um passeio de barco pelos canais da cidade. Mas as lojas quase não tinham artigos para vender e o comércio dava pena. A população era gentil, porém, e ele conheceu uma “moça muito boa”, como enfatizou aos pais. “Passamos bons momentos juntos, mas não vejo a hora de encontrar minha querida de novo”, acrescentou, pensando em Ardith.

Para consumir sua alegria, assim que retornou de Amsterdã ele foi informado de que em poucos dias embarcaria para o Canadá. “Sim, estou sendo descongelado”, escreveu aos pais, em completo êxtase. “Estarei em casa a tempo de devorar algumas espigas de milho, e isso sem falar do Natal e afins.”⁷

No mesmo dia em que Roy chegou a Amsterdã, Robert Ellis sentou-se diante da máquina de escrever na Itália para dizer aos pais que também estava pronto para voltar para casa. Mas esta boa-nova era apenas o invólucro do pesadelo que ele temia havia muito tempo: a confirmação oficial de que a 10ª Divisão de Montanha seria em breve despachada para o Pacífico. A terrível notícia chegara dois dias antes. Além disso, ele soube que, para enfrentar os japoneses, eles seriam convertidos numa divisão regular de infantaria.⁸

Seu regimento estava agora em Florença, onde havia chegado no final da noite de sábado, 14 de julho. O estado de ânimo de Ellis não poderia ser mais diferente que o de Francesca Wilson comemorando o Dia da Bastilha ou o de Reg Roy antecipando sua partida da Europa nos dias de folga em Amsterdã. Ironicamente, seu acampamento estava localizado num parque da cidade bem do outro lado da rua onde ficava a Universidade dos Soldados que Ellis desejara frequentar um dia. Agora, em vez de aproveitar os cursos, ele passava seu tempo na cidade limpando as armas, organizando o equipamento, trocando seu uniforme de lã por um mais leve, de algodão, e fazendo preparativos para o retorno aos Estados Unidos, além de confraternizar com velhos amigos. Ele teria uma folga de três semanas e esperava encontrar Pat — sua antiga e talvez futura namorada — durante o tempo que iria passar com os pais.

Cinco dias depois, Ellis escreveu sua última carta da Europa e embarcou num velho trem italiano em direção a Nápoles. Embora estivesse com mais 24 soldados num vagão onde o calor era insuportável, com a temperatura atingindo 38 graus, e o trem levasse trinta horas para percorrer os 418 quilômetros do trajeto — e, como se não bastasse, tendo a guerra contra os japoneses confirmada para um futuro próximo —, ele se sentia feliz. “Nós estávamos indo para casa e havia um clima maravilhoso de camaradagem. Rimos muito durante o longo percurso e compartilhamos recordações o tempo todo.” Enquanto cruzavam a Itália e conversavam, os escombros da guerra eram cada vez mais visíveis. A paisagem em torno de Roma estava poluída pela presença de tanques, carcaças de armamentos e trincheiras já desmoronadas. As

idades estavam castigadas e as populações, famintas, assoladas pela pobreza e até morando em cavernas. À noite, os homens no vagão entoavam canções e hinos religiosos.

Eles chegaram a Nápoles numa noite de lua cheia e ali ficaram por dez dias, aguardando o embarque marítimo. A tradicional cidade do sul estava arrasada, e Ellis era abordado com insistência por bandos de crianças empobrecidas que negociavam sexo para suas irmãs, mães ou tias. Certo dia, enquanto vagava sem rumo, ele se deparou com uma longa fila de soldados esperando do lado de fora de um bordel numa viela escura. Enquanto tentava imaginar como seria possível sentir prazer com uma mulher que se deitara antes com dezenas de outros, ele escutou o som de alguém tocando uma peça assustadoramente bela de Rachmaninoff. A música vinha de um prédio semidestruído; um jovem italiano estava sentado num piano de cauda que escapara ileso. Por alguns minutos, Ellis assistiu e ouviu aquela maravilha, como se estivesse num sonho. Depois de se deleitar o suficiente, foi embora dali.

No último dia de julho, ele embarcou no *Marine Fox*, um pequeno navio de transporte de tropas, junto com o restante do 85º Regimento, e, finalmente, deixou a Europa. A Itália havia custado caro a sua companhia e divisão. Apenas um dos oficiais que haviam deixado os Estados Unidos seis meses antes voltava agora para casa. Em pouco mais de cem dias, a divisão perdera quase mil homens em combate e mais de quatrocentos ficaram feridos. Mas Robert Ellis, que acabara de completar 21 anos, tinha sobrevivido.

Enquanto Ellis se preparava para deixar a Itália, Fey von Hassell tentava voltar para sua casa em Brazzà. O calor do verão romano se tornara insuportável e ela ainda não tinha pista alguma das crianças.⁹ Mas, de repente, a sorte interveio. Em meados de julho, ela soube que o comandante da Força Aérea Britânica Mediterrânea estava de passagem por Roma. Seu pai o havia conhecido antes da guerra, quando era adido da Aeronáutica na embaixada britânica; então Detalmo o contactou por telefone em sua suíte no Grand Hotel e o casal foi convidado para um drinque. Foi uma noite agradável e festiva, e na manhã seguinte os dois se encontravam a bordo de um avião militar em direção a Brazzà. Um veículo militar britânico os pegou e, em pouco tempo, Fey estava sendo levada de volta para sua paisagem confortável e familiar em Friuli.

Enquanto subiam a estrada e alcançavam o pátio de cascalho, a criadagem apareceu para recepcioná-los com carinho.

Finalmente, Fey estava em casa, mas a residência ainda estava ocupada por oficiais britânicos e por ora ela e Detalmo seriam hospedados no quarto vazio de uma casa ali perto. Naquela noite, porém, eles foram convidados pelos ocupantes para alguns drinques. Era uma sensação estranha ser convidada em sua própria casa, mas Fey logo se acostumou à situação, e a noite acabou sendo leve e pontilhada pelo humor britânico. Os oficiais tinham apelidos como “Xoxota” e “Querida” e seu relacionamento com eles se estreitou ainda mais quando ela passou a ser convidada a cavalgar com eles todas as manhãs. Os britânicos tinham capturado cavalos de um regimento austríaco em debandada e estavam cuidando dos animais em Brazzà.

Nas semanas seguintes, ela passou a amar as longas cavalgadas matinais pelo parque e pelas sinuosas montanhas. Porém, sua fraternização com os novos ocupantes de Brazzà não passou despercebida. Ecoando a reação provocada por sua amizade com os oficiais alemães menos de um ano antes, alguns de seus vizinhos e amigos a desaprovaram. E como ela havia perdido o pai e seus filhos ainda estavam desaparecidos, para alguns vizinhos seu comportamento alegre parecia frívolo e inaceitável. “Mas o que eles sabiam sobre ser lançada em barracas e caminhões de gado por longos meses, se preocupando com a própria sobrevivência a cada dia?”, respondeu ela, desafiadora como de hábito.¹⁰

Em pouco tempo, Fey pôde sentir seu vigor e energia sendo restaurados. Ninguém, entretanto, tocava no assunto que ainda dominava seus pensamentos: o destino desconhecido das crianças. Ela ignorava por completo os esforços de sua mãe para encontrá-las, porque não tivera notícia alguma da Alemanha desde o fim dos combates. De vez em quando, era tomada por ondas de depressão e se recolhia ao quarto até que o sentimento passasse. Quando julho chegou ao fim, Fey ainda não tinha ideia de onde seus filhos poderiam estar.

A essa altura, o comando britânico Bryan Samain já estava de volta ao lar.¹¹ Após deixar a Europa, também de navio, no princípio de junho, o Comando 45 fora mandado para Petworth House, em Sussex, área de concentração para todas as unidades dos comandos, onde eles se dedicaram a refazer seus kits, para compensar o equipamento pessoal que haviam perdido desde o

desembarque na Normandia. Em meados de junho, Samain recebeu duas semanas de folga e foi para Londres encontrar sua bela namorada, que trabalhava no apoio à Força Aérea. “Nós estávamos muito apaixonados naquela época”, contou. A capital ainda vivia um clima de tempos de guerra, e na estação de metrô de Piccadilly o casal teve que passar por cima de colchonetes e saltar sobre pessoas que dormiam ao longo da plataforma, como se os ataques aéreos ainda fossem uma ameaça.

Um aborrecimento adicional veio na quinta-feira, 5 de julho, dia de ir às urnas para a eleição geral. Isso deu ao povo britânico a oportunidade não apenas de exercer seu julgamento sobre a liderança de Churchill durante a guerra, mas de fazer sua voz ouvida a respeito da paz que estava adiante. Ironicamente, o veterano Samain tinha apenas 20 anos e ainda não podia votar. “Jovem demais para votar, mas não para guerrear”, refletiu — embora, a este respeito, guardasse seus pensamentos para si e não os compartilhasse com os colegas, que agiam da mesma maneira.

Após alguns dias deliciosos em Londres, ele foi visitar os pais e, terminada sua folga, voltou para Petworth House, Eastbourne, com um policial e sua esposa. Ali, Samain e os outros comandos se exercitavam para manter a forma e também treinavam manobras táticas. Todos sabiam que seriam enviados para o Extremo Oriente: provavelmente, segundo os últimos rumores, para a planejada invasão da Malásia. Pouco tempo depois, Samain foi mandado para um “treinamento de combate na selva”, em New Forest, que parecia estranho, mas acabou sendo pouco mais que um cansativo jogo de esconde-esconde entre carvalhos e samambaias. “Foi bastante exaustivo”, memorizou. Em meados de julho, ainda em Eastbourne, ele se preparava para lutar contra os japoneses.

Em Berlim, Leonard Linton aos poucos desviava sua atenção das tarefas de ocupação para conhecer mais sobre as posições do Exército Vermelho na cidade e em torno dela. Ele também acabara de receber aquela carta tão conhecida dos soldados há muito tempo longe de casa. Antes mesmo de lê-la, já sabia do que se tratava. Ao abrir com impaciência o envelope, o anel de noivado que ele dera à namorada antes de partir para a Europa caiu no chão.¹²

As cenas de devastação física que presenciara ao chegar à cidade contavam a ele e ao mundo a história do fim irrevogável do Terceiro Reich de Hitler. Este era o *Stunde Null* (marco zero) da Alemanha, o momento em que a história era

passada a limpo e tudo começava fresco e do zero, sem máculas do passado. Pelo menos, esta era uma versão que circulava. E seus maiores entusiastas eram os comunistas alemães e seus financiadores soviéticos.

Poucos dias depois do suicídio de Hitler, um avião aterrissou em Berlim trazendo os expoentes do comunismo alemão que haviam passado o período da guerra exilados em Moscou. Imediatamente, o Exército Vermelho começou a colocar comunistas e seus simpatizantes em posições influentes por toda a zona de influência soviética da Alemanha, assim como em cada setor de Berlim. Desde o início, a distribuição de alimentos esteve sob a supervisão dos “Comitês do Povo”, e, antes que as forças ocidentais chegassem à cidade, os soviéticos autorizaram a formação de partidos políticos “antifascistas” e nomearam subprefeitos para cada distrito administrativo da capital.

Dois meses depois, ao assumir o controle formal de seus setores de Berlim, em meados de julho, os Aliados ocidentais enfrentaram um fato consumado. Somente os distritos “mais vermelhos” — como o operário Wedding — tinham subprefeitos comunistas, mas isto fazia pouca diferença para a realidade do dia a dia. Wilmersdorf, no setor britânico, era um distrito conservador de classe média, e o prefeito nomeado era um antigo membro do velho e direitista Partido Popular Alemão. Porém, seu delegado, seu chefe de polícia e seu conselheiro de educação eram todos comunistas. No sábado, 14 de julho, os quatro principais partidos políticos aprovados pelos soviéticos concordaram em formar um bloco “antifascista” na cidade. As forças de Stalin haviam conquistado militarmente a capital de Hitler e a saqueado e pilhado por toda parte. Agora, os soviéticos completariam a vitória assumindo também seu controle político. O futuro de Berlim e do resto da Europa estava suspenso na balança.¹³

A boa disposição dos soviéticos para negociar com os alemães contrastava fortemente com a atitude fria dos Aliados ocidentais. A não fraternização com o inimigo havia sido uma regra inegociável do SHAEF desde que os Aliados ocidentais atravessaram a fronteira alemã cerca de dez meses antes. Mas, logo que a Alemanha se rendeu, a política deixou de fazer sentido, e pelos dois meses seguintes o SHAEF, nas palavras de um historiador oficial do Exército dos Estados Unidos, “entrou em conflito consigo mesmo, tentando desesperadamente reforçar a não fraternização e, ao mesmo tempo, se livrar dela”.¹⁴

Aos poucos, a proibição de contato com os alemães passou a ser contestada como impraticável e equivocada, e Montgomery não foi o único a se exasperar com isso. De que outra maneira, perguntavam os críticos da não fraternização, os Aliados poderão reconstruir a Alemanha, a não ser conversando, trabalhando e socializando com a população? Sobretudo para os alemães que haviam confrontado Hitler e os nazistas, e sofrido as consequências, este distanciamento parecia inexplicável. Tratados como marginais, como uma espécie subumana, os cidadãos locais poderiam se sentir desestimulados a cooperar na construção de uma nova Alemanha, pacífica e democrática. Um oficial britânico contou que uma jovem datilógrafa alemã que trabalhava para ele implorou: “Algum inglês pode conversar comigo? Não aguento mais este silêncio!”¹⁵

Enquanto isso, soldados continuavam a ser presos por violar a proibição, e até mesmo alguns generais americanos foram investigados por isso. Quase todos os desvios de conduta envolviam mulheres. Mas, quase sempre, as sindicâncias davam em nada. De que forma, por exemplo, as autoridades podiam distinguir entre uma mulher alemã e uma desalojada aliada, sobretudo quando ambas falavam o alemão? Um burocrata gaiato sugeriu que as mulheres dos países aliados passassem a usar uma braçadeira com as cores nacionais de seu país! Uma unidade americana tentou distribuir broches para os desalojados, anunciando na manchete de seu jornal: “Broche, broche, quem tem broche?” Em pouco tempo, uma piada começou a circular nos arredores de Frankfurt, onde o quartel-general fortemente protegido de Eisenhower estava cercado por um perímetro de arame farpado. Os americanos são um povo, dizia a piada, que constrói campos de concentração e então se coloca voluntariamente dentro dele.

Com o mês de junho avançando, o SHAEF baixou parcialmente a guarda e anunciou que a contaminação por doenças venéreas não seria mais usada contra os soldados como evidência de fraternização.¹⁶ Entretanto, a situação ficou ainda mais delicada quando os soldados americanos receberam autorização para falar com as crianças alemãs, o que ainda era proibido para os militares ingleses e canadenses.

Foi a chegada dos militares aliados a Berlim que finalmente obrigou a uma reversão radical da medida. Os russos não tinham impedimento algum para se comunicar com os civis, e o contraste entre as duas metades da cidade foi se

tornando claramente absurdo. “A descoberta de um clube noturno em Berlim onde os russos dançavam com mulheres alemãs”, relatou o *Times* com um leve tom crítico, “deu vida nova ao exaustivo tópico da fraternização”.¹⁷ Politicamente, ficara óbvio agora que a não fraternização estava liquidando os Aliados ocidentais.

No princípio de julho, o quartel-general de Montgomery produziu um relatório em que fazia uma autocrítica sobre a situação na zona de ocupação britânica. Até ali, observava o relatório, os alemães haviam aprendido muito pouco com os Aliados, exceto que estes não gostavam deles. Enquanto os Aliados se portassem desta maneira, os alemães ficariam na posição confortável de cruzar os braços, assistir a todo aquele esforço unilateral e criticar. O relatório concluía que “a ordem de não fraternização está se transformando num bumerangue”.¹⁸

Porém, a pressão real para flexibilizar a proibição veio do que o correspondente do *Times* na Alemanha chamou de “pressão biológica”. Com isso, ele queria se referir à impossibilidade de impedir que os jovens, saudáveis, viris e ambiciosos soldados aliados fizessem sexo com as mulheres alemãs cheias de desejo. Por fim, a realidade prevaleceu: o gabinete britânico se reuniu para discutir a proibição. Enquanto não se chegasse a um veredito final, as autoridades militares na Alemanha tomariam suas próprias decisões.¹⁹

A decisão final cabia ao Comandante Supremo das forças aliadas, e Eisenhower defendera a proibição desde o início. Como as esposas americanas se sentiriam, ele perguntava com frequência, se vissem nos jornais fotografias de soldados americanos convivendo descontraidamente com sorridentes moças alemãs? Ele seria bombardeado por comentários hostis na imprensa? No domingo, 15 de julho, entretanto, Eisenhower capitulou. Dali em diante, decretou ele, seriam permitidas conversas entre as forças aliadas e alemães adultos nas ruas e em locais públicos. Decisão semelhante foi tomada para as tropas aliadas na Áustria.

A transformação foi imediata. Um correspondente do *New York Times* escreveu sobre uma cena a que assistiu no Reno:

Viu-se hoje, no Reno, uma nova paisagem — de mãos dadas, soldados americanos e garotas alemãs aproveitaram o relaxamento das restrições [...] No forte calor de uma tarde de domingo, eles sentaram-se lado a lado na grama à margem do rio, navegaram para cima e para baixo em barcos americanos e circularam animados pelas ruas, com o

prazer de uma criança que devora uma caixa de doces que antes só poderia obter pelo roubo.

Havia ainda controvérsias sobre detalhes, mas para todos os fins e propósitos a política de não fraternização estava agora morta e enterrada.²⁰

Eisenhower tomou sua decisão solene na sede do SHAEF em Frankfurt. O prédio que o órgão ocupava era o símbolo perfeito da destruição da máquina de guerra industrial-militar da Alemanha pelos Aliados. Entre 1928 e 1931, o I.G. Farben — cartel químico gigante que proporcionou grande parte do poderio industrial para o Terceiro Reich de Hitler e que explorou muitos milhares de trabalhadores escravos — havia construído um magnífico edifício sede, ultramoderno, feito de concreto e vidro, projetado pelo arquiteto Hans Poelzig, da escola Bauhaus, no extremo oeste de Berlim. O prédio escapou do bombardeio aliado e permaneceu intacto. Segundo os rumores, isso aconteceu ou porque Eisenhower já estava de olho nele ou então devido aos contatos secretos entre as indústrias químicas alemãs e americanas. O mais plausível, porém, é que uma sede administrativa cheia de mesas de escritório fosse um alvo de menor prioridade para bombardeios do que uma fábrica de produtos químicos. Independentemente da razão, o fato é que Eisenhower ocupava agora a gigantesca sala de reuniões do extinto I.G. Farben, e até brincou com seus assessores: “Isso deveria realmente pertencer a um sultão ou a uma estrela de cinema.”²¹

Mas a presença espetacular do SHAEF na Europa estava com os dias contados. Uma vez que os Aliados tivessem organizado completamente a ocupação logística de cada uma de suas zonas na Alemanha, o comando supremo de Eisenhower estaria extinto. Na primeira metade de junho, o Conselho de Controle Aliado em Berlim assumiu a gestão de toda a Alemanha. O trabalho de Eisenhower agora era transferir seu poder para os comandos administrativos aliados no país.

Quando a hora chegou, questões relacionadas a combustível, transporte, assuntos civis, desabrigados, criminosos de guerra, bem-estar psicológico, inteligência, censura, comunicações e prisioneiros de guerra foram transferidas para os comandos autônomos britânico, francês e americano. O prédio do I.G. Farben se tornaria apenas o quartel-general das forças militares dos Estados Unidos na Europa, ainda sob o comando geral de Eisenhower. O marechal de

campo Montgomery se deslocou com o Exército britânico para a região do Reno, e o general Koenig assumiu o comando das forças de ocupação francesas. Enquanto isso, o marechal Zhukov teve papel similar no lado soviético. Por todo o mês de julho, enquanto milhares de combatentes aliados se moviam pela Europa, eram enviados ao Pacífico ou simplesmente voltavam para casa, o pessoal e as responsabilidades do SHAEF iam sendo repassadas para os respectivos comandos nacionais.

Em 13 de julho, no clube de oficiais do grande prédio de Frankfurt, Eisenhower reuniu todo o seu gabinete para agradecer pelo trabalho feito. “Unidos por uma causa comum”, leu em sua última ordem do dia:

homens e mulheres da Bélgica, Tchecoslováquia, Dinamarca, França, Luxemburgo, Holanda e Noruega se juntaram à Comunidade das Nações britânicas e aos Estados Unidos da América para formar uma equipe verdadeiramente aliada, que em coalizão com o poderoso Exército Vermelho esmagou e aniquilou a agressão nazista [...] Presto minha homenagem a cada indivíduo que de forma tão dedicada e altruísta contribuiu no limite máximo de sua capacidade.²²

Na manhã seguinte, um minuto após a meia-noite, o SHAEF deixou formalmente de existir.

Também em meados de julho, o *Chicago Daily News* publicou uma revelação bombástica. Por várias semanas vinham surgindo especulações sobre o paradeiro exato dos chefes nazistas capturados pelos americanos e pelos britânicos, e a imprensa inclusive começara a publicar matérias sobre as “mordomias” dos nazistas atrás das grades. Agora, o jornal de Chicago dava um furo de reportagem e informava que todos eles estavam sendo mantidos no “Palace” hotel de Bad Mondorf, em Luxemburgo, uma cidade turística na fronteira com a França, a apenas a 6 quilômetros do rio Mosela e da fronteira alemã. A cidade era pequena, fácil de proteger e possuía acomodações ideais para os prisioneiros nos seis andares do Grand Hotel (e não Palace), cujo acesso era possível somente por uma estrada estreita. Era um lar temporário, não apenas para os figurões nazistas, mas para outros que haviam se envolvido bastante com o regime. Entre eles estava o príncipe Philipp de Hesse, que acompanhara Fey von Hassell em sua jornada pelos Alpes.

O hotel, entretanto, não fazia jus ao nome e proporcionava uma hospedagem pobre e espartana para os cerca de quarenta e tantos nazistas detidos ali por suspeita de crimes de guerra. A mobília e os tapetes foram tirados do prédio, que estava rodeado por duas altas cercas de arame farpado, e os prisioneiros dormiam em beliches com colchões de palha. A guerra havia acabado e Hitler estava morto, mas os Aliados continuavam preocupados com os Lobisomens nazistas e com a tentativa de resgate dos chefões do antigo regime por fanáticos da SS (o espetacular resgate de Mussolini da prisão nas montanhas em 1943 ainda estava fresco na memória). Então, todos os esforços foram empreendidos para manter o local em sigilo. Porém, uma vez que a notícia vazou, o coronel Burton Andrus, comandante americano da “Lata de Lixo” — o pejorativo codinome do hotel-prisão —, decidiu tirar partido da situação.

Na segunda-feira, 16 de julho, ele convocou representantes da imprensa mundial para visitar Bad Mondorf e ver com seus próprios olhos a situação dos presos. “Não estamos aqui para mimar ninguém”, disse com severidade aos repórteres. “Estes homens estão numa prisão. Temos regras e estas regras são cumpridas.” Segundo ele, os prisioneiros tinham uma rotina e uma dieta rígidas: desjejum às 7h30 com cereais e café; almoço ao meio-dia com caldo de ervilhas, bife e espinafre; e no jantar, às 18h30, ovos, batata e chá — tudo, enfatizou Andrus, na quantidade padrão para prisioneiros de guerra. Isso, no entanto, não impediu a Rádio Moscou de falsificar os fatos e sugerir que os ocidentais estavam agora afagando os capangas de Hitler. Os líderes de guerra nazistas, afirmava sem pudor a emissora oficial soviética, estavam agora “ainda mais gordos e insolentes. Estes criminosos de guerra notórios repousam em Luxemburgo depois de seu massacre sangrento, bebendo os mais finos vinhos. Na espreita, garçons levam até eles vinhos deliciosos em taças de prata, e carros de último tipo são colocados à disposição para que eles possam passear pela cidade turística”.²³

Naquela mesma segunda-feira, o presidente Harry Truman e o primeiro-ministro Winston Churchill estavam em Berlim, tendo chegado à capital em voos diferentes, na noite anterior, para a abertura da Conferência de Potsdam. Truman havia desembarcado em Antuérpia a bordo do cruzador da Marinha americana *Augusta*, para ser recepcionado por Eisenhower e outras autoridades antes de pegar um avião em Bruxelas para a capital alemã. Churchill, por sua

vez, fez um voo turbulento partindo de Hendaye, um resort no litoral francês perto da fronteira espanhola, onde, num castelo próximo, ele passara alguns dias pintando e tomando banho de mar a fim de recuperar energias após a exaustiva campanha eleitoral. O resultado ainda não havia sido divulgado e as urnas do pessoal em serviço no estrangeiro ainda não tinham sido abertas.

Em Berlim, Churchill ficou hospedado na Villa Urbig, uma graciosa casa de pedra cor-de-rosa com um gramado que descia até o lago no subúrbio de Babelsberg. Suas ruas de três pistas e quintas confortáveis haviam hospedado muitos astros e produtores de cinema que trabalhavam nos estúdios da UFA ali perto. Mas a casa de Churchill, segundo os boatos, tinha pertencido a Hjalmar Schacht, o ex-presidente do Reichsbank que se juntara a Fey von Hassell na última jornada dos *Prominente* pelo passo do Brennero em direção à Itália.²⁴

Churchill despertou para um dia de verão escaldante — “mais quente que Hendaye”, resmungou para a esposa, Clementine, numa carta — e passou a manhã na casa de Truman, 400 metros adiante. A residência onde se hospedava a delegação americana abrigara recentemente um famoso editor alemão que tinha se mudado para lá com a família no início da batalha por Berlim porque achava que ali todos estariam seguros. Não estavam. Suas filhas acabaram estupradas por soldados do Exército Vermelho na frente dele e da esposa, os móveis da casa foram destruídos e no final de maio eles receberam ordem para se mudar dali com apenas uma hora de antecedência. Os russos então reformaram a casa com mobília e tapetes retirados de algum outro local.

Este foi o primeiro encontro face a face entre Churchill e Truman. Entretanto, eles já se conheciam bem pelas muitas cartas e telegramas transatlânticos que cimentaram uma relação de amizade e respeito entre os dois. A conferência deveria começar naquela manhã, mas Stalin ainda não havia aparecido e sua abertura foi adiada para a manhã seguinte.

A filha caçula de Churchill, Mary, acompanhava o pai. Quando ele saiu da reunião com Truman, pai e filha voltaram juntos para a casa rosada. O primeiro-ministro disse a Mary que gostava de Truman, que eles falavam a mesma língua, e que tinha certeza de que poderia trabalhar com ele. “Eu quase chorei de tanta alegria e gratidão”, recordou Mary, “parecia a providência divina”.²⁵ Truman, de início, pareceu menos convencido e anotou em seu diário naquela noite que Churchill “me disse um monte de bobagens sobre o quanto meu país é grande e o quanto ele gostava de Roosevelt, e como pretendia

gostar de mim também”. Porém, mais tarde, admitiu que gostara de Churchill desde o início.

Com tempo disponível, os dois líderes resolveram, em separado, percorrer a cidade conquistada. Truman saiu primeiro, no assento traseiro de um Chrysler conversível, junto com seu chefe de gabinete e a secretária de Estado. Ao descer a *Autobahn* em direção à cidade, eles cruzaram com uma enorme procissão de homens, mulheres e crianças carregando trouxas patéticas. Despejados de suas casas pelos russos, eles faziam Truman se lembrar de sua avó confederada, que fora expulsa de sua fazenda no Missouri pelos “ianques”. Havia agora milhões de pessoas como ela na Europa, pensou.

Ao entrar na cidade, a comitiva americana logo sentiu o cheiro dos cadáveres. Em seguida, atravessaram o Tiergarten, arrasado pela guerra, ainda repleto de tanques e outros veículos destruídos e completamente desnudado de suas árvores. Viram o espantinho de uma mulher catando gravetos para cozinhar. Ao longo do Sieges Allee (Corredor da Vitória), avistaram um solitário banco de jardim milagrosamente intacto. Ele ainda continha seu aviso: “*Nicht für Juden*” (Proibido para judeus).

A comitiva fez uma rápida parada para ver a concha vazia e enegrecida em que havia se transformado o Reichstag. “Foram eles que provocaram isso”, Truman disse na ocasião, imaginando o que Hitler poderia ter feito com Washington. Então, o conversível rumou para o Portão de Brandemburgo no setor soviético, ao longo da Unter den Liden, e dobrou em direção à Wilhelmstrasse e aos escombros da Chancelaria de Hitler. Vários agentes do FBI que acompanhavam o carro do presidente saltaram depressa para escoltar Truman dentro do prédio, mas ele preferiu não entrar: não queria dar aos alemães a impressão de estar “tripudiando” de sua derrota, explicou mais tarde. No entanto, ele não tinha simpatia alguma pelo inimigo derrotado. Naquela noite, de volta a Potsdam, o presidente americano escreveu em seu diário que a ruína de Berlim “foi a Loucura de Hitler. Ele superestimou a si próprio e quis abocanhar territórios demais. Ele não tinha moral e seu povo o apoiava”.²⁶

Mais tarde, foi a vez de Churchill. Vestindo um uniforme militar leve, ele foi acompanhado pela filha, pelo ministro das Relações Exteriores Anthony Eden e por uma pequena parte da delegação britânica. Ao contrário de Truman, porém, ele não relutou em sair do carro e dar uma olhada no cenário. No Portão de Brandemburgo, foi examinar de perto os muros do Reichstag. As

peças assistiram à cena estupefatas, mal acreditando no que seus olhos viam. “É Churchill — veja o charuto!”, sussurrou alguém, e as mulheres levantaram seus filhos para que pudessem vê-lo melhor. De cara fechada e nada inclinado a fraternizar, Churchill simplesmente ignorou o povo.

Na Chancelaria, ele passou por cima dos escombros enquanto os guias soviéticos lhe mostravam o lugar. Por razões de segurança, sua visita não fora divulgada, mas o aglomerado tradicional de curiosos cercava o prédio destruído. Eles começaram a aplaudir, exceto por um idoso, que balançava a cabeça em desaprovação. “Meu ódio se foi com a rendição deles”, Churchill escreveu mais tarde, “e fiquei muito sensibilizado com seus olhares perdidos e roupas esfarrapadas”.

Por alguns minutos, ele percorreu os corredores vazios e as galerias destruídas do prédio. “Era assustadoramente perigoso andar em meio àquela multidão”, queixou-se um membro da comitiva de Churchill em seu diário, “tropeçando nos destroços empoeirados que enchiam todas as salas e passagens”. Vidros quebrados cobriam o chão, cruces de ferro espalhavam-se por todo lado, a escrivania de Hitler fora endireitada e o mapa do mundo que ele pretendia dominar estava pendurado na parede em frangalhos. “Era um lugar horrível e macabro”, recordou outro membro do grupo. “O espírito maligno de Hitler pairava pela cidade soturna que ele havia destruído.” Olive Christopher, uma das jovens secretárias de Churchill, notou que os dois enormes candelabros do hall de entrada estavam no chão. “Se as pessoas fizessem silêncio e prestassem atenção”, escreveu, “poderiam ouvir os pingos de uma goteira. Uma brisa faz uma folha de papel flutuar e um pedaço de reboco cai da parede”.

Então, Churchill foi levado ao bunker. Guiado por uma tocha, ele desceu cuidadosamente os degraus até o quarto em que o ditador e Eva Braun se suicidaram. O ar estava úmido e azedo, e a água já começava a inundar os cômodos mais subterrâneos. No quarto de Eva Braun havia um jarro com um graveto — os tristes restos de um ramo de flores de primavera que ela deve ter colhido do jardim poucas horas antes de se matar. “O quarto de Hitler era um monte de escombros”, observou Olive Christopher, “e aqui era onde viviam e trabalhavam as pessoas que planejavam a nossa destruição”.

Churchill não permaneceu muito tempo no bunker. Depois de um aceno de cabeça, ele subiu para o ar fresco do jardim. O guia apontou para o local

coberto por galões de gasolina enferrujados, onde os corpos haviam sido queimados, e forneceu ao primeiro-ministro, de primeira mão, o melhor relato possível sobre o que tinha acontecido exatamente nos momentos finais do Reich de Hitler. Churchill ouviu com atenção, tendo sempre à mão seu charuto. Então, fez uma pausa e, sem dizer uma palavra sequer, se afastou com expressão de repugnância no rosto. Ao avistar uma cadeira quebrada por perto, ele a testou com a mão e se sentou para esperar pelos outros. “Hitler”, pensou, “deve ter vindo aqui fora para tomar ar e escutou o barulho dos canhões cada vez mais perto”. Quando deixaram o prédio, Churchill voltou imediatamente para Potsdam. Já tivera o suficiente de morte e destruição.²⁷

Naquele mesmo dia, porém, milhares de quilômetros a oeste, nascia uma arma nova e terrível. Às 5h30 — 13h30 em Berlim —, no campo de testes de Alamogordo, no deserto do Novo México, uma forte luz branca iluminou o céu, seguida de um estrondo, e uma nuvem também branca em forma de cogumelo encobriu por completo o lindo azul celeste. A temperatura no centro do cogumelo era 10 mil vezes maior que a da superfície do sol. Vidraças foram espatifadas a mais de 300 quilômetros de distância. A primeira bomba atômica do mundo tinha sido testada com sucesso. A notícia esperava por Truman quando ele retornou de seu giro pelas ruínas de Hitler.

27. "OUTROS MONSTROS EM OUTRAS TOCAS"

A pelidada apropriadamente de "Terminal", a Conferência de Potsdam foi a última das reuniões de cúpula dos Três Grandes durante a guerra. No entanto, embora tenha se realizado entre as ruínas da capital de Hitler, ela teve um impacto reduzido sobre o destino da Alemanha ou de qualquer outro lugar. Isso já estava sendo decidido pelos acontecimentos que se desenrolavam.

A vontade de Stalin estava concentrada firmemente em despojar o inimigo derrotado do máximo de riquezas possível. Trens e caminhões lotados de maquinaria das fábricas de Hitler rumavam para leste a fim de ajudar a reconstruir a combalida economia soviética. Em Berlim, "unidades de despojos" especiais formadas pelo SMERSH caçavam, com êxito, espólios de guerra em museus, galerias e cofres de banco da cidade. Mesmo com a Conferência de Potsdam em andamento, relatórios vindos da Áustria informavam que, numa fábrica de Viena, apenas quarenta máquinas de um total de 5 mil haviam sido deixadas para trás, e que a prefeitura da cidade havia sido despojada de quase todos os seus caminhões. A pecuária também era alvo da pilhagem, e praticamente todo o rebanho bovino austríaco estava sendo transportado para a Rússia.¹

A expulsão e o assassinato dos sudetos da Tchecoslováquia também continuaram em ritmo acelerado. Mesmo com a conferência de paz, houve uma explosão num paiol próximo a Ústi, também conhecida como Aussig, junto ao rio Elba. Ainda que acidental, a explosão foi atribuída pela milícia tcheca local aos Lobisomens nazistas, o que foi o bastante para desencadear um massacre: alemães foram fuzilados nas ruas, mulheres e crianças, atiradas no rio, centenas de pessoas morreram e outras tantas fugiram para o oeste. Alguns corpos

foram lançados na carroceria de caminhões e levados para o extinto campo de concentração de Theresienstadt para ser cremados.

As expulsões nos Sudetos não foram as únicas. Stalin também determinou o êxodo forçado de milhões de germânicos de seus territórios ancestrais na Silésia e na Pomerânia, empurrando com isso a fronteira polonesa a oeste, até a linha dos rios Oder e Neisse, compensando desta maneira o seu satélite comunista por sua própria avidez em anexar os territórios a leste.

Diante de todas estas migrações em massa, os Aliados em Potsdam apenas recomendaram que elas fossem realizadas de forma “humana e ordeira”, e solicitaram uma moratória a fim de que a Alemanha tivesse tempo para absorver o grande influxo. O pedido foi ignorado. Por todo o verão, as estações ferroviárias de Berlim ficaram superlotadas de refugiados doentes e famintos recém-chegados da Silésia e da Prússia Oriental. “Ele morriam às centenas”, relatou o correspondente de guerra australiano Osmar White,

deitados nas plataformas imundas. Andei pelos trilhos e vi caminhões com pilhas de cadáveres, e mulheres cozinhando carne de cachorro e nabo em latas enegrecidas, ao lado de montes de fezes humanas. Uma delas agarrou a manga do meu paletó, apontou para a própria boca e sussurrou: “*essen, essen*”. Fiquei imaginando se ela, apenas por ser alemã, merecia menos piedade que os esqueletos vivos de Buchenwald. Percebi então que a guerra não havia acabado com a rendição e o desmembramento da Alemanha de Hitler. Havia outros monstros em outras tocas.²

E não eram apenas as estradas de ferro que descarregavam aquela carga humana deprimente. Apenas dez dias depois de Churchill percorrer a cidade, um barco ancorou no porto ocidental de Berlim transportando crianças alemãs entre 2 e 14 anos de idade. Elas tinham sido expulsas da Pomerânia e jaziam semimortas, imóveis, com os estômagos enrugados pela desnutrição, devoradas pelos vermes. Somente naquele mês, o número de alemães deportados seguiu numa crescente durante quatro semanas seguidas: 4.832, 11.343, 14.365 e 14.764. Estes se juntaram a outros 120 mil já em Berlim quando Churchill e Truman chegaram à cidade.³

A capital atraía os banidos como uma terra prometida. “Enquanto eles migravam aos milhares em direção à ilusória Shangri-la”, escreveu Douglas Botting, “corria o rumor de que os refugiados eram recebidos na estação pelo

prefeito e transportados de ônibus para seus novos lares, onde eram alimentados com café e torta de creme”.⁴

A realidade não poderia ser mais diferente. Um repórter inglês do *News Chronicle* foi até a estação de trem de Stettiner para conferir com seus próprios olhos. Um trem acabara de chegar de Danzig, repleto de refugiados, que desembarcaram exaustos após uma viagem de sete dias. Um caminhão de gado estava estacionado junto à plataforma. O repórter, então, olhou para dentro do veículo:

Em um dos lados, quatro corpos jaziam mortos em macas de junco e ráfia, embaixo de cobertas. Em outro canto, quatro mulheres estavam à beira da morte. Numa voz quase inaudível, uma delas chorava, pedindo água. Largada numa padiola, tão enfraquecida pela fome que não conseguia sequer mexer a cabeça ou a boca, com os olhos abertos numa expressão enlouquecida e indecifrável, estava a carcaça gasta de um homem. Ele também estava morrendo.

Na plataforma, assim como nos corredores da estação, centenas de outros trapos humanos jaziam mortos, moribundos ou famintos.⁵

Apenas a alguns quilômetros destas cenas, os três líderes mundiais também concordavam quanto aos princípios básicos que deveriam nortear a administração da Alemanha, tais como a desnazificação e a desmilitarização. No entanto, variavam os entendimentos sobre o que isso representava na prática, e não estava claro de maneira alguma que a derrota dos nazistas significava, por si mesma, a implantação da democracia no país.

Entre os alemães do povo, velhos padrões e atitudes estavam muito arraigados. Ao contrário do mito do pós-guerra, a derrota da nação não produziu um instantâneo “marco zero” que varresse o lixo da história para que um futuro novo e luminoso emergisse dos escombros. Os documentários dos cinejornais e as fotografias na imprensa mostravam a extensão do abalo causado pelos bombardeios em prédios, estradas e monumentos. Ainda que as cidades alemãs *fossem* reconstruídas com grande determinação e velocidade, a ideologia de seus habitantes permaneceria em grande parte a mesma. Continuação, e não mudança, estava na ordem do dia. Uma nobre minoria de alemães enxergava com clareza a realidade, porém a grande maioria, em 1945,

parecia incapaz ou indisposta a admitir qualquer vínculo entre a catástrofe que agora os assolava e seu entusiasmo recente por Hitler e pelo nazismo.

Pouco depois do Dia da Vitória, o conde Folke Bernadotte retornou à Alemanha, respondendo a um convite do quartel-general aliado em Frankfurt. Em seguida, ele foi num avião particular para Hamburgo. Quando se aproximaram do espaço aéreo da cidade, Bernadotte pediu ao piloto para sobrevoar em círculos o campo de concentração de Neuengamme, onde ele tinha socorrido os prisioneiros escandinavos. Voando baixo, ele avistou um grande contingente de pessoas se deslocando. Eram alemães sendo levados em custódia para ter sua vida investigada por conexões com o nazismo e crimes de guerra. Ele pediu ao piloto também para sobrevoar a propriedade rural de Bismarck, em Friedrichsruh, que servira como base da Cruz Vermelha sueca, e constatou que o castelo havia sido quase totalmente destruído pelos bombardeiros aliados. A família Bismarck estava morando agora numa das construções em anexo, que antes era usada como museu do fundador da Alemanha moderna.

Seu anfitrião em Hamburgo foi o comandante militar britânico da cidade. Naquela noite, Bernadotte foi levado ao teatro para assistir a uma encenação de *Peer Gynt* apresentada pela Old Vic Company de Londres, com Laurence Olivier no papel-título. A orquestra do musical era alemã. “Foi uma noite deslumbrante”, recordou ele, “quando pela primeira vez depois da guerra pude testemunhar a fraternização entre ingleses e alemães no campo cultural”.

Do lado de fora, porém, ele assistiu a uma peça bem mais ácida. No final de julho de 1943, Hamburgo fora atacada por esquadrilhas de bombardeiros americanos e britânicos. O número de mortos no ataque chegou a 45 mil, e metade das casas da cidade foi totalmente destruída. Bernadotte visitou o maior cemitério, em Ohlsdorf, onde as vítimas tinham sido enterradas. A sepultura coletiva tinha a forma de uma cruz gigante. Em torno dela, foram colocadas enormes vigas de madeira em intervalos fixos, indicando as diferentes áreas da cidade onde aqueles mortos um dia tinham morado. No outro extremo do cemitério, pequenas sepulturas particulares preservavam os nomes de algumas das vítimas. “Elas contam sua própria história”, lembrou Bernadotte. “Um homem honrava a memória da esposa e os sete filhos, de 3 a 15 anos — sua família inteira.” Em outra cruz de madeira levantada em memória de uma

esposa, havia uma pergunta lacônica, mas eloquente, de apenas uma palavra: “*Warum?*” (Por quê?).⁶

“Realmente, por quê?”, refletiu Bernadotte. A pergunta era direcionada a todo o país. Não havia como negar sua compaixão profunda diante de tudo que via, e sua plena convicção de que os alemães deveriam ser ajudados, mas em pouco tempo ele já percebia muitos alemães lamentando o fim dos “bons e velhos tempos” de Hitler antes da guerra, se queixando dos ocupantes e revelando sentimentos nacionalistas. Ele acreditava que os fatos deveriam ser encarados com realismo:

O povo alemão como um todo nunca fez uma tentativa séria de se livrar do jugo nazista. Eles nunca protestaram seriamente contra a política antissemita, contra as condições nos países ocupados ou mesmo contra as crueldades nos campos de concentração. Eles se omitiram e se permitiram ser conduzidos por patifes desumanos. Agora, devem beber até a última gota do cálice do sofrimento.⁷

Bernadotte não era o único profissional da compaixão preocupado com a atitude de negação dos alemães. O reverendo David Cairns era capelão de uma divisão escocesa que abria caminho da Normandia até o Báltico. Ele também presenciara os horrores em Belsen. Sendo um homem de Deus, acreditava que os alemães deveriam ser tratados com bondade, mas estava perturbado com as coisas que via. Ele passou boa parte da primavera e do verão de 1945 com as forças de ocupação na pequena cidade de Lübeck. Ao voltar para casa, escreveu um relatório com as suas impressões para o Conselho de Igrejas britânico.

Os civis alemães, dizia ele, estavam obcecados com a própria sobrevivência e a de sua família e amigos, e perambulavam “como se estivessem num sonho [onde] nada lhes podia mais abalar ou horrorizar”. Mas o que o incomodava em particular era “a falta de compreensão do sofrimento que a Alemanha causara a outros povos, e a ignorância sobre o ódio e o desprezo que países como Holanda, Dinamarca, Polônia e Bélgica sentiam por ela”. O sentimento de culpa, com uma compreensão exemplar dos fatos, concluía ele, “ainda está faltando”.⁸

Esta era uma percepção compartilhada por muitos. “Não encontrei um único alemão disposto a admitir sua parcela de culpa na guerra”, escreveu o correspondente Alan Moorehead. “Quanto mais penetro na Alemanha, mais me convenço de que não há vestígios de compaixão nos corações das alemãs

por toda a miséria e sofrimento que sua nação espalhou pelo mundo”, registrou outra correspondente, Anne Matheson. Ela estava chocada com a atitude do tipo “Quem, eu?” das alemãs, quando confrontadas com provas das atrocidades nazistas.⁹

Em pouco tempo, a evasão de responsabilidade se transformou em vitimização, e, logo, a culpa pelos males da Alemanha estava sendo colocada nos ocupantes aliados. Algumas vozes se levantaram para denunciar os Aliados como pessoas só “um pouquinho melhores” que aqueles a quem haviam derrotado. Por exemplo, o cardeal Josef Frings, arcebispo católico de Colônia, que declarou que o regime de ocupação anglo-americano “diferia muito pouco de um Estado totalitário”. Esta era uma visão assustadora por tudo o que tinha acontecido à Alemanha nos últimos 12 anos, e um indicador expressivo do pouco que havia sido aprendido com a era Hitler.

No entanto, e felizmente, nem todos os alemães concordavam com Frings e gente como ele. O *Berliner Tagespiegel* denunciou sem rodeios o espírito nacional de negação. Em particular, ele destacava

a construção de barreiras para se eximir dos terríveis crimes contra polacos, judeus e outros prisioneiros; a ingratidão estúpida e arrogante em relação à ajuda alimentar recebida dos Estados Unidos e da Inglaterra; a acusação ingênua de que outros contribuíram para a ascensão de Hitler ao fazer pactos com ele; [e] a “solidariedade nacional” má compreendida, indisposta a fazer alianças com uma Alemanha realmente diferente.¹⁰

Mas autocríticas como esta eram exceções. Não era a primeira nem a última vez na história que aqueles que haviam escapado de uma ditadura rapidamente se voltavam contra seus libertadores. A morte em grande escala de civis alemães — em torno de 600 mil —, causada pelo bombardeio aliado em ataques devastadores, como o de Hamburgo, facilitava bastante o sentimento de negação. No final das contas, como se chegou a argumentar, os alemães também eram vítimas. Este posicionamento foi fortalecido pelas sentenças punitivas decretadas pelos tribunais aliados. No começo de junho, o quartel-general de Eisenhower em Paris anunciou a execução de dois adolescentes, de 16 e 17 anos, integrantes da Juventude Hitlerista, considerados culpados de espionar as atividades militares dos Estados Unidos.¹¹

Junto com a exibição pública dos cinejornais que mostravam alemães sendo amarrados em estacas para serem executados por pelotões de fuzilamento, estas punições começaram a respaldar a atitude de rejeição aos Aliados. O correspondente de guerra britânico Leonard Mosley percorreu as zonas ocidentais de ocupação imediatamente após a rendição e ficou impressionado com a rapidez com que os Aliados se tornaram impopulares — um fato que ele atribuiu à não fraternização. Escrevendo da região do Reno, um mês após o Dia da Vitória, Mosley contou a seus leitores que os nazistas que haviam mergulhado na clandestinidade estavam recuperando forças e refazendo coligações, organizando encontros secretos e dando instruções.¹²

Este era o dilema dos Aliados. De um lado, sua ocupação tinha que ser firme o suficiente para esmagar os vestígios do nazismo e sedimentar os alicerces da vitória. De outro, se a mão fosse muito pesada, eles corriam o risco de fomentar a resistência. “Todos os exércitos de ocupação são desastrosos”, escreveu Francesca Wilson no auge das suas experiências na Bavária. “Eles sufocam o conquistado e desmoralizam o conquistador.”¹³

No verão de 1945, permanecia a dúvida sobre como — e se — os Aliados e os conquistados, juntos, resolveriam os problemas. Em junho, uma comissão aliada foi enviada para relatar em que medida seria possível manter a Europa abastecida por todo o inverno. A comissão retornou com um prognóstico sombrio: haveria uma fome tão grande que chegaria a ameaçar a lei e a ordem. O relatório chegava ao ponto de afirmar que para “manter a ordem seria preciso o poder das armas”. Antes que o ano terminasse, pelo menos um relatório americano de inteligência registrou com alarme uma relutância crescente da população em aceitar a derrota da Alemanha como definitiva, e também uma “veneração atrevida e despudorada de Hitler e do nacional-socialismo”.¹⁴

Lado a lado com a obstinada negação da responsabilidade pela catástrofe, o antissemitismo continuava sua trajetória infame. Com o impacto inicial das revelações sobre os campos de extermínio, os sentimentos antijudaicos deram uma trégua. No entanto, apenas seis meses após a morte de Hitler, uma pesquisa no setor americano da Alemanha revelou que, enquanto a maioria dos entrevistados concordava que os atos de Hitler contra os judeus eram injustificáveis, quase metade deles acreditava que “alguma coisa tinha que ser feita para manter os judeus em seus limites”.

Sentimentos antissemitas ressurgiram até mesmo na Bavária. Como Francesca Wilson estava descobrindo, milhares de sobreviventes judeus se amontoavam em dezenas de campos de desabrigados. Ali, apenas um ano depois da morte de Hitler, outra pesquisa revelou que quase 60% da população da Bavária mantinha sentimentos racistas, antissemitas ou “intensamente antissemitas”. Não foi surpresa que Munique, o berço do nazismo, demonstrasse o percentual mais alto de antissemitismo entre todas as cidades.¹⁵

Mas a Bavária era um caso especial. Em todos os outros lugares, aqueles que haviam denunciado abertamente os judeus no regime de Hitler simplesmente vestiram novas máscaras e se reinventaram. Foi o caso de Eutin, a pequena e bela cidade mercantil em Schleswig-Holstein, tão familiar ao comando britânico Bryan Samain. Ali, o mais notório opositor de Hitler antes da guerra, um advogado chamado dr. Ernst Evers, foi nomeado pelas autoridades militares britânicas como administrador de uma propriedade nazista confiscada e também como membro do primeiro conselho da cidade no pós-guerra.

No entanto, a oposição de Evers aos nazistas se originara de rivalidades internas entre os nacionalistas de direita, opositores da República de Weimar, e não de qualquer compromisso dele com a democracia. Além disso, como representante local do Partido Popular Nacional Alemão (DNVP) antes da guerra — o partido apoiado pelo pai de Fey, Ulrich von Hassell —, Evers tinha assinado uma declaração frontalmente antissemita, como política do partido, que dizia: “O judeu é um problema em todo o mundo [...] nações inteiras [...] foram incapazes até o momento de se resguardar desta raça. Assim, o mundo inteiro olha agora para a Alemanha a fim de ver que forma o antissemitismo tomará aqui”. Evers, agora, entre os escombros da guerra de Hitler, emergia também como cofundador do Partido Democrata Cristão em Eutin.¹⁶

Na Áustria, os sentimentos de negação eram tão ou mais profundos. Sobretudo para abortar qualquer recaída pelo Anschluss, os Aliados declararam o país onde Hitler nasceu como “a primeira vítima do nazismo”. A ideia foi abraçada efusivamente pelos milhões de austríacos que apenas sete anos antes haviam recepcionado Hitler com igual entusiasmo.¹⁷ Renegar o passado também capacitava o país a se concentrar em garantir um futuro para a pequena nação, novamente independente. Mas, na véspera da Conferência de Potsdam, não havia ainda um governo plenamente reconhecido em Viena

porque a administração de Karl Renner fora aprovada somente pelos soviéticos.

Quanto à Itália, no momento em que Churchill e Truman percorriam as ruas de Berlim, membros da fortíssima Brigada Majella — a primeira formação italiana de partisans oficialmente reconhecida pelos Aliados, e a única formalmente incorporada à sua frente de combate contra os alemães — tomavam parte numa cerimônia de retirada de tropas em Brisighella. Enquanto oitocentos partisans desfilavam na sua parada final, soldados das guardas britânicas Coldstream e Grenadier gritavam “Viva Itália”, numa homenagem derradeira aos bravos e decisivos combatentes.¹⁸

Mas qual seria o futuro da Itália? No verão de 1945, isso não estava nada claro. Em meados de junho, a formação de um governo de coalizão em torno de um dos principais pilares da resistência no tempo de guerra, Ferrucci Parri — de quem Detalmo, marido de Fey von Hassell, era agora secretário particular —, extinguiu a possibilidade de uma insurreição guerrilheira. Aparentemente, a vida no país voltava ao normal. Em Roma, a temporada de ópera ao ar livre se iniciou com a reabertura das Termas de Caracalla, destruídas pela guerra, para uma apresentação de *Aida*, de Verdi. Mas, assim como na Alemanha, não havia certeza alguma de que a democracia iria sobreviver. A desordem e a violência ainda dominavam o norte do país. No meio de julho, mais de trinta partisans fugiram de um presídio com a ajuda dos guardas. E, poucos dias depois, o julgamento de partisans acusados de crimes de agressão à mão armada foi interrompido quando uma multidão enfurecida tentou invadir o Palácio da Justiça em Milão, quebrando suas portas de vidro antes de ser repelida pela polícia.

A Itália estava política e geograficamente fragmentada, e física, financeira e economicamente destruída. Armas ilegais e 500 mil refugiados abarrotavam o país, e um milhão de italianos estavam a caminho de casa após serem libertados da escravidão na Alemanha ou de campos de prisioneiros de guerra. O correspondente do *Times* em Roma escreveu que o país atravessava uma grave crise. “Revoltados com a era fascista, os italianos clamam por democracia, mas sem saber como consegui-la.”¹⁹ Um veredito ainda mais apocalíptico da situação foi emitido pelo almirante Ellery Stone, o alto comissário aliado do governo de Parri: “A Itália está numa encruzilhada”, relatou. “Se as condições

atuais persistirem, o comunismo triunfará — e possivelmente pela força.”²⁰ A previsão era alarmista, mas realçava o futuro incerto e instável que o país tinha pela frente.

Entre o povo, porém, o ânimo era de triunfo contra o fascismo. No sábado, 14 de julho, foi promovida uma grande festa nas ruas de Milão, imitando o Dia da Bastilha em Paris. Alto-falantes instalados sobre caminhões transmitiam o refrão: “Dancem, cidadãos de Milão, hoje é o seu dia, pois Hitler e Mussolini estão mortos.” Pouco antes, uma turba de antifascistas tinha literalmente dançado sobre o túmulo do ditador italiano num dos cemitérios da cidade. Os manifestantes eram acompanhados por um acordeão e uma mulher que abriu as pernas e urinou com desprezo sobre a sepultura de Mussolini.

No entanto, se o Duce estava morto, logo ficou claro que o fascismo ainda vivia. Menos de um ano depois, na Páscoa de 1946, três neofascistas violaram o túmulo do ditador e esconderam seu cadáver num convento. Somente quando as autoridades concordaram em lhe conceder um enterro cristão é que o corpo foi devolvido. O líder do grupo era um militante fascista de 26 anos, um jornalista que se empenhava em manter viva a memória de Mussolini e em provar que o fascismo havia sobrevivido.

Mais tarde naquele ano, depois de promulgada uma anistia para os fascistas, um partido fascista, o Movimento Sociale Italiano (MSI), foi organizado legalmente com a aprovação do Ministério do Interior e do Vaticano. As iniciais MSI, como anunciavam abertamente seus partidários, também significavam “Mussolini Sempre Imortal”.²¹

Mussolini fora decerto destruído, mas o que dizer de Hitler? A essa altura, havia muitas especulações sobre o assunto. Com base nos restos da arcada dentária do Führer, no início de maio os oficiais do Exército Vermelho em Berlim declararam com segurança que ele estava morto. Porém, quase que imediatamente, seu tom afirmativo mudou. No início de junho, o marechal Zhukov voltou atrás e anunciou para os surpresos correspondentes aliados na capital alemã que o paradeiro atual do ditador alemão era “desconhecido”. Hitler e Eva Braun podiam muito bem ter fugido da cidade no último instante, ele disse. Sua opinião pessoal era que Hitler estava na Espanha.

Essa súbita reviravolta foi atribuída a Stalin. Numa combinação de paranoia com astúcia política, o ditador soviético se convenceu rapidamente de que

Hitler estava vivo e submerso na clandestinidade. Pelo menos foi o que afirmou ao conselheiro pessoal do presidente Truman, Harry Hopkins, em Moscou, no final de maio, referindo-se a relatórios militares que garantiam que submarinos alemães abarrotados de ouro nazista haviam partido em direção ao Japão. Stalin até insinuou que Hitler poderia estar a bordo de um deles.

A essa altura, uma campanha de desinformação soviética em alta escala estava em andamento para espalhar os rumores. Dois dias depois das insinuações de Stalin para Hopkins, a revista *Time* publicou uma reportagem deliberadamente plantada especulando que Hitler tinha escapado num trem que se movia pelos subterrâneos de Berlim. Outras histórias igualmente fantasiosas começaram a vir à tona. Uma das versões mais consideradas afirmava que Hitler tinha fugido de Berlim num pequeno avião rumo a Hamburgo, tendo decolado do Tiergarten apenas alguns minutos antes da chegada dos soldados do Exército Vermelho.

Em Potsdam, o ditador soviético tornou suas suspeitas oficiais. Durante o almoço no primeiro dia da reunião de cúpula, enquanto Truman escutava, Stalin revelou ao secretário de Estado James Byrnes que Hitler estava vivo e provavelmente refugiado na Espanha ou na Argentina.²² O resultado é que os rumores sobre a fuga de Hitler eram universais durante todo o verão de 1945. O conde Bernadotte esteve inclinado a acreditar neles, e até mesmo Eisenhower alimentava dúvidas sobre o destino do ditador nazista. Isso serviu como uma luva para os planos de Stalin. Se ele pudesse culpar os Aliados por facilitar a fuga de Hitler, tanto melhor. Tal fato comprometeria moralmente o Ocidente e desviaria a atenção de seu próprio papel como parceiro de Hitler entre 1939 e 1941, o que ajudou a precipitar a guerra.

Naquele mesmo ano, Stalin lançou a Operação *Mif* (Mito) para propagar a lenda numa escala ainda maior. Dirigida por seu seguidor fiel e camarada georgiano Lavrenti Beria, a operação alimentava rumores de que Hitler estava vivo e escondido em algum lugar do Ocidente, pronto para reaparecer com força total na década seguinte. Os alemães que sobreviveram à batalha por Berlim pareciam especialmente propensos a acreditar nos boatos. O domingo de Páscoa de 1946 caiu em 20 de abril, aniversário de Hitler. Um oficial britânico, curioso sobre a persistência do mito, aproveitou a data para entrevistar vinte berlinenses instruídos sobre o assunto. Somente um deles disse acreditar que Hitler estava morto. “Os outros 19”, disse o oficial,

“estavam conscientes de que era o dia do aniversário do Führer e convencidos de que ele estava vivo; ainda falaram dele sem nenhum tom de reprovação. Até mesmo as crianças, que normalmente oferecem boas pistas sobre as crenças dos adultos, se referam ao ‘Tio Adolf’ como um ser vivo”.²³

Acusar Londres e Washington de serem secretamente simpáticas ao nazismo e de estarem abrigando ou acobertando seus criminosos de guerra virou uma propaganda soviética típica durante a Guerra Fria. Como todas as acusações desse tipo, ela distorcia uma partícula da verdade enquanto omitia, por conveniência, o número de ex-nazistas que trabalhavam agora para os bolcheviques. Esta afirmação de Moscou também foi aproveitada pelos neonazistas, que tinham suas próprias razões para cultivar o mito da sobrevivência de Hitler.

O destino de outros nazistas de alta patente, no entanto, estava além de qualquer suspeita. Poucas semanas depois de Potsdam, os prisioneiros mantidos em Bad Mondorf foram levados ao tribunal militar aliado em Nuremberg. Ausente, além do próprio Hitler, estava seu secretário Martin Bormann, que havia desaparecido durante os caóticos momentos finais, quando os soldados russos avançaram sobre a Chancelaria. Boatos de que ele estaria vivo foram deliberadamente alimentados e se extinguíram somente quando seus restos mortais foram encontrados, muitos anos depois, sob os escombros de Berlim. Tanto Himmler quanto Goebbels tinham cometido suicídio. Göring, no entanto, foi levado à corte marcial. Durante os procedimentos jurídicos em Nuremberg, que duraram um ano, ele não mostrou arrependimento algum, mas, ao contrário, confirmou orgulhosamente seus ideais nazistas e ainda desafiou os promotores. “Ninguém”, escreveu em seu diário um advogado inglês que participou do julgamento, “parecia estar preparado para enfrentar sua imensa capacidade e conhecimento, e o domínio e a compreensão totais que ele tinha dos detalhes de cada documento capturado”.²⁴

Göring estava preparado para a morte, mas pediu, “como oficial em serviço das forças armadas alemãs”, para ser executado por um pelotão de fuzilamento. Seu último desejo foi recusado: o enforcamento tinha sido a forma de morte escolhida para os capangas de Hitler. Durante todo o julgamento, porém, Göring conseguira camuflar duas cápsulas de veneno em sua cela. A execução foi marcada para as primeiras horas da madrugada de 16 de outubro de 1946,

mas pouco antes da meia-noite Göring engoliu uma das pílulas e foi encontrado morto por um sentinela alguns minutos depois. Em uma das várias cartas descobertas em sua cela, ele deixava clara a ausência definitiva de qualquer remorso ou sentimento de culpa. “Deixem-me afirmar mais uma vez que não sinto a mínima responsabilidade moral, ou qualquer outra que seja, que justifique uma sentença de morte ou execução pelos meus inimigos.”²⁵

Outros, no entanto, foram enforcados naquela madrugada. Depois de subir os 13 degraus do cadafalso, o primeiro a ser despachado por John C. Woods, o carrasco americano, foi Joachim von Ribbentrop, o ministro das Relações Exteriores encontrado por agentes britânicos numa casa em Hamburgo. Ele foi seguido no corredor da morte pelo marechal de campo Wilhelm Keitel, conselheiro militar de Hitler; por Ernst Kaltenbrunner, delegado da SS de Himmler, que fugira para o chamado Reduto Alpino na vã esperança de salvar a própria pele e fomentar uma cisão entre os Aliados; por Alfred Rosenberg, ministro de Hitler para os territórios orientais ocupados; por Hans Frank, governador-geral da Polônia ocupada; por Wilhelm Frick, ministro nazista do Interior e incentivador fanático do programa de eutanásia, além de sucessor de Reinhard Heydrich como Protetor da Boêmia e da Morávia; por Julius Streicher, o renitente antissemita que escapou de Nuremberg apenas algumas horas antes da chegada dos americanos; pelo general Alfred Jodl, chefe de equipe e operações do alto-comando alemão; por Fritz Sauckel, que comandou os exércitos de trabalhadores escravos no Reich; e, finalmente, por Artur Seyss-Inquart, que, mesmo tendo abandonado de última hora a política de terra arrasada decretada por Hitler, não foi perdoado por seus crimes durante a ocupação na Holanda. Suas palavras finais antes que a alavanca fosse puxada foram: “Acredito na Alemanha.”

Por volta de 2h45, tudo estava acabado, e às quatro horas, antes do amanhecer, todos os corpos, inclusive o de Hermann Göring, foram levados rápida e secretamente para um crematório. Os Aliados queriam evitar qualquer tipo de comoção ou peregrinação em torno dos nazistas convictos e concordaram que após a cremação as cinzas seriam espalhadas em local secreto. Entretanto, por estranho que pareça, não há registro oficial algum sobre o que aconteceu a elas. Uma crença profundamente enraizada é a de que os corpos foram transportados até Dachau e cremados nos mesmos fornos em que milhares de vítimas do nazismo foram consumidas pelas chamas. Este teria

sido, sem dúvida, um fim bastante apropriado. Entretanto, uma outra versão é defendida pelo biógrafo de Göring, Leonard Mosley: depois que os mortos foram cremados em Munique, suas cinzas foram levadas para a zona rural da cidade, onde, debaixo de forte chuva, foram simplesmente jogadas numa vala lamacenta.²⁶

Para alguns chefes nazistas, como Rudolf Hess, líder do Partido Nazista no Congresso e confidente íntimo de Hitler, que estivera preso na Grã-Bretanha durante a maior parte da guerra, a sentença foi de prisão perpétua. A mesma sentença recaiu sobre o almirante Erich Raeder, comandante da Marinha de Hitler entre 1935 e 1943, e sobre Walter Funk, seu ministro da Economia. Para Albert Speer, ministro do Armamento e Produção de Guerra, arquiteto favorito de Hitler e membro proeminente do último governo nazista em Flensburg, foi dada uma sentença de vinte anos — a mesma que recebeu Baldur von Schirach, antigo líder da Juventude Hitlerista e prefeito de Viena durante a guerra, o único entre os nazistas de alta patente que se dobrou, assumindo a culpa por desencaminhar a juventude da Alemanha. Constantin von Neurath, antecessor de Ribbentrop no Ministério das Relações Exteriores, recebeu uma sentença de 15 anos. Surpreendentemente, o almirante Karl Dönitz, chefe do último governo nazista, recebeu a pena mais leve de todas — apenas dez anos.

Três dos acusados em Nuremberg foram absolvidos: Franz von Papen, vice-chanceler de Hitler em 1933-1934; Hans Fritzsche, encarregado das transmissões radiofônicas de Goebbels; e o ex-presidente do Reichsbank, Hjalmar Schacht, que ficou furioso por ter sido preso e acusado. Como, ele questionava o júri, um homem preso pelo nazismo podia ser acusado de nazista pelos Aliados? Assim como muitos de seus compatriotas, no entanto, ele exibiu no tribunal uma cegueira, uma parcialidade e uma amnésia seletiva extraordinárias. Quando alguém lhe perguntou se alguma vez tentara se informar sobre as políticas e as condições reais impostas ao mundo pelo governo nazista, ouvindo, por exemplo, a BBC, ele respondeu: “A BBC transmite apenas propaganda podre de estilo judaico, do tipo que nenhum alemão decente escutaria.”²⁷

Após o julgamento maior, vários outros aconteceram em Nuremberg e por toda a Alemanha, e dezenas de discípulos menores de Hitler foram ou enforcados ou presos por crimes de guerra, crimes contra a humanidade e

outros delitos. Neste lote foi incluído Josef Kramer, o comandante da SS de Bergen-Belsen, que foi enforcado junto com 11 outros membros da direção do campo em dezembro de 1945. Max Pauly, comandante do campo de Neuengamme (e anteriormente de Stutthof), responsável por mandar milhares de prisioneiros ao encontro da morte no *Cap Arcona* e em outros navios, foi para a forca em Hamburgo, junto com outros dez carrascos nazistas, em outubro de 1946. Entre 1945 e 1948, cerca de quinhentos réus compareceram diante das cortes militares dos Estados Unidos para responder por crimes de guerra cometidos em Dachau, Buchenwald, Flossenbürg e Mauthausen, e muitas sentenças de morte e de prisão foram expedidas.

Quanto a Dachau, durante muitos anos após a guerra ele serviu como campo de desabrigados, sendo agora um museu e memorial. Belsen também foi usado para abrigar desalojados, enquanto Buchenwald teve um papel menos nobre ao servir como campo de internamento para opositores do regime comunista na zona soviética da Alemanha, incluindo sociais-democratas, liberais e dissidentes cristãos. Centenas de prisioneiros foram assassinados por lá ou morreram de maus-tratos e doenças. Por fim, ele se tornou também um memorial.

Os julgamentos dos crimes de guerra não foram perfeitos: as sentenças foram por vezes inconsistentes, houve influências políticas e um pequeno número de criminosos de guerra escapou e nunca foi encontrado. Alguns até mesmo trabalharam para os serviços de inteligência de ambos os lados durante a Guerra Fria. No entanto, em 1945, estes tribunais forneceram um essencial veredito de condenação contra o nazismo. Havendo forte evidência de que nazistas clandestinos ainda estavam na ativa, os tribunais foram montados deliberadamente para emitir um alerta aos alemães e outros povos ainda tentados a pensar que a ideologia de Hitler poderia ter algum futuro. “Não temos outra opção que não seja combater fogo com fogo e sangue com sangue”, pronunciou o presidente da corte militar que sentenciou dois adolescentes à morte por atacarem militares dos Estados Unidos no verão de 1945. “Vocês pagarão por seu delito com a pena máxima, para que os alemães saibam que vamos utilizar a força que for necessária para erradicar completamente da face da Terra a praga do militarismo alemão e da ideologia nazista.”²⁸ A espada vingadora da justiça, afiada como estava, fez o seu trabalho.

EPÍLOGO: O QUE ACONTECEU COM ELES?

Caçar criminosos nazistas continuou a ser a tarefa de Fred Warner na Áustria por vários meses após o Dia da Vitória, primeiro em Villach e depois em Wolfsberg, na Estíria, onde um campo para criminosos de guerra foi aberto. Ali, ele supervisionava oficiais da polícia, exercia funções de segurança, expedía passes e autorizações para civis austríacos e atuava como intérprete. Como atividade de lazer no período da não fraternização, Warner e seus camaradas organizavam corridas de cavalo com animais “aliviados” de seus donos.

Ele voltou para a Grã-Bretanha de navio, partindo de Nápoles, quando a Conferência de Potsdam estava em andamento. Certo dia, durante uma refeição no restaurante dos oficiais, ele ouviu no rádio que Churchill tinha perdido as eleições. Houve um silêncio sepulcral que embutia um protesto dos oficiais britânicos que haviam combatido na linha de frente.

Mas uma notícia ainda pior aguardava Warner no seu retorno a Londres. A notícia que ele temia estava agora confirmada: seus pais e sua irmã mais nova, que ele tinha visto pela última vez em Hamburgo, antes de deixar a Alemanha, haviam morrido na câmara de gás do campo de extermínio de Birkenau, no complexo de Auschwitz. Ao saber disso, ele tomou a decisão de não voltar mais à Alemanha e foi com relutância que recebeu a notícia de que seria enviado para o Grupo de Crimes de Guerra do Exército britânico em Bad Oeynhausen. Ali, pelo menos, poderia capturar alguns dos bandidos responsáveis pelo que acontecera à sua família. “Sempre me perguntavam como eu me sentia”, escreveu mais tarde. “Certamente não via graça nenhuma; sentia tristeza e raiva pelos resultados trágicos e os horrores indizíveis praticados por

um pequeno grupo de seres malignos. Mas posso afirmar com toda sinceridade que não estava sedento de vingança.”¹

Warner trabalhou com o grupo durante três anos e teve a oportunidade de interrogar um dos mais famosos matadores da SS, Otto Ohlendorf, chefe de um dos *Einsatzgruppen* (esquadrões da morte especiais) que assassinaram milhares de judeus na Rússia. Ele também colheu um depoimento sobre o campo de concentração de Neuengame de um dos poucos sobreviventes do desastre com o *Cap Arcona* e desempenhou um papel fundamental no processo contra oficiais da Gestapo por crimes no interior do presídio Fuhlstattel em Hamburgo. Muitos acusados neste processo foram considerados culpados e morreram na forca.

Após deixar o Grupo de Crimes de Guerra em 1948, Warner se empregou na Divisão de Inteligência da Comissão de Controle da Alemanha e passou vários anos trabalhando na linha de frente da Guerra Fria em Lübeck, Hamburgo e Berlim. Em Lübeck, ele conheceu sua esposa, Annette, e logo tiveram uma filha. Depois de se aposentar em 1984, Warner voltou a morar em Hamburgo, de onde continuou a se corresponder com amigos de seus tempos da SOE na Áustria, como Walter Freud. Ele morreu em 2005. Sua esposa Annette recordou: “Fred dizia que, embora nunca tivesse desejado se tornar alemão novamente, o fato de Hitler ter decretado que ele não era bem-vindo ao país era uma boa razão para permanecer.”²

Robert Ellis ouviu a notícia do lançamento da bomba atômica em Hiroshima em 6 de agosto, pelo rádio do navio, antes mesmo de chegar a Nova York. Mas, devido às grandes baixas que os japoneses já haviam sofrido sem nenhum sinal de recuo, nem ele nem qualquer outro integrante da 10ª Divisão de Montanha acreditava que a bomba de Hiroshima significaria uma rendição imediata no Pacífico. Todos sabiam que a invasão das principais ilhas japonesas provocaria um banho de sangue em escala sem precedentes, e George C. Marshall alertara a Truman que, neste caso, as baixas americanas chegariam a um milhão de vidas. Apenas com a notícia de uma segunda bomba lançada dois dias depois sobre Nagasaki, e com a declaração de guerra da Rússia ao Japão, Ellis teve certeza de que a guerra, finalmente, havia acabado.

Ele mal podia esperar para gozar a liberdade que o aguardava após seu desligamento do Exército dos Estados Unidos naquele mês de novembro. Ellis

voltou para a Universidade de Chicago, concluiu um mestrado em Relações Internacionais e passou 28 anos trabalhando na Divisão de Pesquisa e Análise da CIA. Ele se casou e teve dois filhos. Depois de se aposentar, se mudou para Puget Sound, na região de Seattle, e se dedicou a fotografar a natureza, tornando-se um militante da causa ambiental. Publicou um livro sobre sua experiência pessoal nos combates da Itália em 1996 e morreu em 2002.

No prefácio de suas memórias, ele afirmou ter ingressado no serviço militar de seu país cheio de otimismo e de certezas, mas tê-lo deixado “amargurado e em dúvida se o Exército e o horror que experimentamos, com tantas perdas de vida, realmente valeram o alto preço que foi pago — mesmo com as atrocidades de Hitler e dos japoneses”. Ele não disse ou especulou, entretanto, se os italianos que ajudou a libertar pensavam da mesma maneira.

O provável futuro do comando britânico Bryan Samain nos mares japoneses também foi decidido pelo lançamento das bombas atômicas, sobre as quais ele ouviu enquanto estava no sul da Inglaterra, preparando-se para a ação no sudeste da Ásia. Num primeiro momento, porém, nada se alterou muito, e sua unidade permaneceu na rotina cansativa de “exercitar e exercitar”.

Nesse meio-tempo, sua vida pessoal deu uma guinada. A moça que ele estava namorando desde a Normandia decidiu seguir seu próprio caminho e disse a Bryan que estava se mudando para os Estados Unidos. Os 18 meses de combates também mudaram a cabeça de Samain: fizeram com que amadurecesse rapidamente, ainda que ele não tenha se embrutecido com a experiência. Pelo contrário, como atestou sua namorada no momento da separação: “Você é muito mais atencioso agora do que quando o conheci.”

No princípio de 1946, Bryan Samain e seus companheiros do Comando 45 foram levados de navio a Hong Kong a fim de ajudar a manter a lei e a ordem na colônia britânica depois da partida dos japoneses. Ele voltou à Inglaterra no final do mesmo ano, recebeu baixa do Exército, voltou ao jornalismo por algum tempo e, então, nos quarenta anos seguintes, trabalhou na área de publicidade e relações públicas de grandes empresas como a Ford, a EMI e a British Steel.

Seu livro *Commando Men* teve a primeira edição lançada em 1948 e foi dedicado ao amigo Peter Winston e a todos os oficiais e soldados dos comandos que lutaram e pereceram por um ideal. Este foi também o ano em

que ele conheceu sua futura esposa Helen, que servira no apoio administrativo do quartel-general dos comandos na Petworth House em Sussex. Bryan Samain mora com Helen em Suffolk. Eles têm dois filhos e vários netos.

O oficial Reg Roy optou por não embarcar para o Pacífico, uma vez que o serviço militar canadense no além-mar era estritamente voluntário. Ao retornar ao Canadá, ele deu baixa no Exército, se casou com sua noiva Ardith e se mudou para a Colúmbia Britânica, onde se graduou em História. Depois de trabalhar na pesquisa da história militar canadense durante a Segunda Guerra Mundial, ele se dedicou à carreira acadêmica até se aposentar como professor de História Militar na Universidade de Victoria. Roy é autor de vários livros que contam a epopeia das forças terrestres canadenses na guerra da Europa e vive com sua esposa em Victoria, onde, apesar da idade avançada, permanece escrevendo. Embora tenha viajado com Ardith pelas praias francesas do Dia D, ele nunca retornou a Delfzijl.

Francesca Wilson permaneceu no campo de Föhrenwald até setembro de 1945, quando se desligou da UNRRA e voltou para a Inglaterra. “Nunca antes na história”, escreveu, “houve um local de encontro de pessoas de todas as partes da Europa e de todos os cantos do globo como aconteceu naquela terra de ninguém, naquela terra de cegos que era a Alemanha derrotada”.³ Entretanto, ela retornou ao continente alguns meses depois para trabalhar com refugiados na Iugoslávia e para visitar campos de desalojados na região de Salzburgo, na Áustria.

A experiência foi angustiante. Para a maioria dos habitantes dos campos, o futuro continuava tão incerto quanto um ano antes, e as esperanças e a excitação trazidas pelo fim da guerra tinham se dissipado. As acomodações eram improvisadas e precárias, e a alimentação, escassa e pobre. Milhares de refugiados judeus aguardavam com impaciência crescente para seguir para a Palestina. Alguns aceitaram voltar para os países de onde haviam sido deportados, apenas para constatar com os próprios olhos que seus familiares estavam mortos e seus bens, usurpados ou desaparecidos.

Enquanto isso, 750 mil poloneses, lituanos, ucranianos e outros povos do leste europeu que se recusavam a voltar para seus países — agora sob o regime comunista — também aguardavam sem perspectiva nos campos visitados por

Francesca. Cerca de 400 mil desalojados na Áustria sequer conseguiram ser qualificados para receber ajuda da UNRRA, por pertencerem a “nações inimigas”. Eles permaneciam amontoados em cidades e vilarejos recebendo a hostilidade dos austríacos, pois eles próprios estavam vivendo em penúria com uma dieta de apenas 1.200 calorias diárias.

Depois de retornar novamente à Inglaterra, Francesca registrou suas experiências no livro *Aftermath*, publicado em 1947, o primeiro relato em primeira mão sobre o trabalho da UNRRA na Europa ocupada. Ela se estabeleceu em Londres, se tornou uma conferencista respeitada em questões de refugiados, participou de programas de rádio da BBC e, pelas três décadas seguintes, viajou bastante, abrigou em sua casa londrina muitos jovens artistas, atores e escritores de todas as partes do mundo e escreveu mais quatro livros, entre eles *They Came as Strangers*, a história dos refugiados na Grã-Bretanha desde o século XVII. Francesca Wilson morreu em 1981.

Até o fim de sua longa vida, ela sustentou sua veia boêmia, uma curiosidade sincera pelo mundo em que vivia e a capacidade de entreter os visitantes com suas cativantes memórias. Quando não estava em Londres, ela podia ser encontrada num chalé na costa de Walberswick, em Suffolk. Um de seus parentes a visitou no litoral quando ela estava com 85 anos. Sentada diante de uma lareira, com os pés sobre um apoio e uma bolsa de água quente nas costas, ela fumava um cigarro. Juntos, eles leram e discutiram *O Inferno* de Dante.⁴

Por ocasião da Conferência de Potsdam, o neozelandês Geoffrey Cox já estava de volta a Londres com sua esposa e a pequena família — logo aumentada com a chegada de duas filhas gêmeas — e fazendo o que mais gostava: trabalhar em jornal. Ele havia deixado Trieste três semanas depois do Dia da Vitória, e no caminho para casa resolvera visitar Creta, onde ele e os neozelandeses haviam enfrentado os alemães em 1941.⁵ Eles ainda estavam por lá, só que agora desarmados e aguardando repatriação. Sobrevoando o aeródromo de Maleme, onde os paraquedistas alemães tinham pousado para ocupar a ilha, ele foi até a cabine do piloto e ajudou a guiá-lo na rota que, imaginava, parecia exatamente a mesma que os neozelandeses tinham feito apenas quatro anos antes.

Ele achou a Londres do pós-guerra uma cidade depressiva, onde as esperanças de um mundo novo e luminoso prometidas pela vitória dos Trabalhistas nas eleições se evaporaram rapidamente. “Londres está cheia de

prostituição e vícios”, escreveu Cox em seu diário, em setembro de 1945. “É preciso ter um grande coração para manter a esperança em meio a tanta sujeira e cansaço [...] Não se pode falar verdadeiramente de um espírito de forte diligência — e sim de austera determinação.”⁶

Apesar disso, sua carreira deslanchou. Ele foi editor político do *News Chronicle* por uma década, transferindo-se depois para a televisão, onde atuou como editor de notícias. Em 1967, criou o *News at Ten*, o primeiro programa de notícias de meia hora da televisão inglesa. Pelos serviços prestados na imprensa, Cox se tornou presidente do Conselho de Administração da TV Yorkshire, presidente da TV Tyne Tees e diretor do jornal *The Observer*. Ele escreveu também vários livros sobre suas experiências antes e durante a guerra, incluindo *The Race for Trieste* (1977), uma versão atualizada de seu relato original publicado em 1947. Por fim, se aposentou e foi viver em Gloucestershire, onde mora numa casa de montanha com vista para o País de Gales, do outro lado do rio Severn.

Em janeiro de 1946, o correspondente de guerra Robert Reid voltou à Alemanha para ver com os próprios olhos como estavam as condições de vida no país. Sua reportagem o levou à zona britânica de Hamburgo, até Bad Oeynhausen, onde Fred Warner trabalhava com o Grupo de Crimes de Guerra do Exército britânico. Nada do que Reid testemunhou lhe inspirou qualquer simpatia pelos alemães, e ele contrastou a presente miséria do povo com os sonhos de glória que haviam alimentado durante o regime de Hitler. Em Hamburgo, ele viu muitos grupos de homens e mulheres entrando e saindo das lojas para trocar mercadorias, “a glória e o esplendor da dominação do mundo culminando em roupas esfarrapadas e na existência mendicante de um mercado de trocas”. O motorista alemão que o conduzia a Bad Oeynhausen não conhecia o caminho e, mesmo depois de pedir direções a um policial militar, perdeu a entrada para a cidade. “Durante seis anos, seus chefes [também] interpretaram mal as placas de sinalização”, ele escreveu causticamente. Mais tarde, enquanto era servido por antigas comissárias de bordo da linha marítima Hamburgo-Amerika, num jantar do Exército britânico, ele brincou que “o sonho da conquista do mundo tinha se dissolvido para elas numa bandeja redonda, em guardanapos na mesa dos ocupantes e num fósforo sempre pronto a acender um cigarro inglês”.⁷

Pouco tempo depois, Reid tomou o mesmo rumo de Cox e foi parar no *News Chronicle*, onde foi editor de reportagens especiais e assessorou o neozelandês. Os dois foram juntos a Washington em 1953, Cox para cobrir o encontro de cúpula das Bermudas entre Churchill e Eisenhower, e Reid para investigar algumas sedes de jornais americanos. Assim como Cox, ele trocou a redação de jornal pela de televisão e voltou à BBC, onde iniciou uma série de telejornalismo chamada *Special Enquiry* com uma reportagem de impacto sobre as condições precárias das favelas de Glasgow. “O perfil da série é realidade nua e crua e papo reto”, Reid escreveu sobre o programa, que ficou no ar por muitos anos. Ele trabalhou no telejornalismo até a sua morte, em maio de 1974, aos 69 anos.

Leonard Linton permaneceu em Berlim durante a Conferência de Potsdam e depois. Quando o restante da 82ª Divisão Aerotransportada retornou aos Estados Unidos no final de 1945, ele se transferiu para uma unidade de inteligência militar, foi promovido a sargento e ficou na cidade. Morando em Zehlendorf, um bairro de classe média, seu trabalho envolvia o monitoramento das atividades soviéticas e comunistas na cidade e na zona soviética da Alemanha. Antes disso, ele interrogava os milhares de desalojados nos dois campos da UNRRA em Berlim Ocidental, montados para abrigar os refugiados que chegavam do leste. Muitos não tinham qualquer documento, alguns declaravam falsamente pertencer a países aliados — tornando-se elegíveis para receber ajuda — e outros eram agentes soviéticos disfarçados que pretendiam se infiltrar nas posições ocidentais. Os refugiados eram, por sua vez, uma mina de ouro para os serviços de inteligência em relação ao Exército Vermelho. Muitos já tinham sido presos pelo NKVD e forneciam informações valiosas sobre sua estrutura e seus métodos.

No início de 1946, Linton participou de uma missão especial na Romênia e na Hungria para recolher dados de inteligência sobre o desenvolvimento daqueles países que estavam se tornando rapidamente satélites da União Soviética, e pouco depois deixou o Exército para se juntar ao Corpo de Contrainteligência como investigador especial. Uma de suas muitas missões foi infiltrar um agente no partido (comunista) de Walter Ulbricht na Alemanha Oriental.

Linton partiu de Berlim no final de 1946, voltou à vida civil em Nova York, estudou administração e fundou uma multinacional de fertilizantes químicos. Mais tarde, expandiu seus negócios para o ramo da exploração de gás e petróleo. Ele se casou, teve um filho e duas filhas, desenvolveu uma paixão pela astronomia e construiu sua casa de praia em Long Island com um observatório.

Quando a Guerra Fria terminou e a Alemanha foi reunificada, ele voltou a Ludwigslust e começou a recolher informações sobre as vítimas do campo de concentração de Wöbbelin, que tinha conhecido em maio de 1945. Em reconhecimento pelo seu trabalho, ele recebeu em 2000, por unanimidade, o primeiro título de cidadão honorário de Ludwigslust. Leonard Linton morreu em Nova York em janeiro de 2005.

Em agosto de 1945, na sua amada residência em Brazzà, Fey von Hassell finalmente recebeu uma carta da mãe, na Alemanha. Com impaciência, rasgou o envelope e devorou seu conteúdo. Ela estava emocionada porque, pela primeira vez, havia uma prova de que sua mãe de fato se envolvera na procura pelos meninos. Gritando de alegria, ela mostrou a carta a Detalmo. Mas, também pela primeira vez, conheceu os detalhes completos e sombrios do julgamento de seu pai na infame “Corte do Povo” nazista. Ele enfrentara o juiz magnificamente e apenas tivera tempo de escrever uma linda carta para a mãe de Fey antes de ser executado. “Eu rezo”, dizia a Fey, “para que o sacrifício da vida dele possa mostrar ao mundo que existia uma Alemanha melhor, uma Alemanha digna, a despeito dos gângsteres que nos oprimiam”. Mais uma vez, Fey caiu em lágrimas pelo destino do pai. Ela ficou profundamente impressionada também pela força de caráter demonstrada pela mãe. Isso lhe deu coragem renovada de que em breve encontraria seus filhos.⁸

No entanto, as semanas passaram, Detalmo voltou a Roma e não chegaram novas cartas da Alemanha. Fey sentiu sua ansiedade aumentar de novo. Talvez devesse simplesmente atravessar as montanhas da Áustria e começar sua própria busca?

No dia 11 de setembro, uma terça-feira, completava-se exatamente um ano desde que ela fora presa pelos nazistas. A manhã já ia avançada e Fey supervisionava o trabalho do jardineiro no roseiral junto à capela. De repente, Nonino, o mordomo, cocheiro e motorista da família, surgiu com um telegrama na mão. A cena não era incomum, já que Detalmo sempre mandava

notícias de Roma, então Fey abriu calmamente o envelope e leu o curto texto. A princípio, ela não entendeu. Voltou a ler o telegrama com um choque pelo que estava escrito: “Crianças encontradas. Estão com sua mãe.” As lágrimas começaram a rolar de sua face e com uma alegria incontida ela começou a gritar tão alto que todos puderam ouvir: “As crianças! As crianças! Minha mãe encontrou os meninos! Estão com ela!”

Naquela noite, os oficiais britânicos lhe ofereceram um jantar e fizeram um brinde à família. Por fim, depois de um ano de angústia, ela sabia que seus filhos estavam a salvo e que seu sofrimento chegara ao fim. A notícia transformou Fey. “Eu fiquei cheia de vida e alegria”, escreveu. “De tímida, me tornei confiante; de silenciosa, me tornei expansiva. A felicidade e a gratidão que eu sentia me transformaram radicalmente.”⁹

Mas de que maneira ela apanharia seus filhos se a viagem de civis da Itália para a Alemanha ainda estava proibida? Em Roma, Detalmo começou a mexer os pauzinhos, mas sem sucesso. Um mês inteiro de apreensão se passou. Então, a sorte resplandeceu mais uma vez. Detalmo encontrou o general Mark Clark numa recepção e pediu ajuda. Vinte e quatro horas depois, com um passe para a Alemanha expedido pelo Exército americano nas mãos, Detalmo chegou a Brazzà vestindo um uniforme do Exército dos Estados Unidos e ao volante de um jipe.

Às seis da manhã do dia seguinte, ele e Fey partiram, refazendo a mesma rota do passo do Brennero para a Áustria que ela havia feito seis meses antes, só que na direção contrária. Mas tudo parecia muito distante para ela. Até mesmo a imagem de Alex von Stauffenberg começava a desvanecer. Fey e Detalmo estavam tão concentrados em chegar ao seu destino em segurança que passaram a maior parte da viagem em silêncio. Eles só olhavam para a frente, contando os quilômetros que faltavam e orando para que nenhum bloqueio de estrada interrompesse a viagem. Finalmente, depois de dez horas ininterruptas, chegaram à casa da família de Fey em Ebenhausen. Ao ingressar na estrada de terra que conduzia à propriedade, ela não cabia de excitação e contentamento.

Sua mãe estava na porta, ainda em traje de viúva, e muito mais magra do que da última vez que tinham se visto. Saltando rápido do carro, Fey voou para abraçá-la. Sussurrou algumas palavras sobre o pai e os olhos de sua mãe se encheram de lágrimas. Seu irmão, Wolf Ulli, que havia escapado da zona

soviética, apareceu e ficou em pé ao lado da mãe. Fey o abraçou também e todos entraram em casa.

As crianças haviam saído para passear com a tia Almuth, então Fey e Detalmo se sentaram para tomar chá como se tudo estivesse normal e falaram pouco — mas com um olho e os ouvidos na porta, imaginando como reagiriam quando os meninos aparecessem. O quanto teriam mudado? O que diriam? Estes momentos foram entrecortados por lapsos de silêncio, quando Fey e Detalmo se entregavam aos pensamentos.

Enfim, eles ouviram o barulho de passos lá fora e a porta se abriu. Lá estava Almuth com os garotos, um de cada lado, segurando nas mãos da tia. Durante alguns segundos agonizantes, Corrado e Roberto ficaram estáticos, olhando para Fey e Detalmo. “Vocês reconhecem esta pessoa?”, perguntou Almuth, apontando para Fey. “Sim, é a mamãe”, respondeu Corrado. “E aquele homem ali?”, ela voltou a perguntar. Houve uma pausa e logo em seguida ele gritou excitado: “Sim, é o papai! Da fotografia!” Ele se desprende de Almuth e correu para Detalmo, se agarrou na sua calça e ficou em cima de seus pés. Era um hábito que ele tinha. Enquanto isso, Roberto caminhou timidamente na direção de Fey, sentou no seu colo e ali ficou sem dizer uma palavra. “Ele parecia a coisa mais preciosa do mundo”, ela escreveu. “Com o corpo do meu filho colado ao meu, percebi que o pesadelo havia acabado.”¹⁰

Somente mais tarde, depois que as crianças foram colocadas na cama em completa felicidade, é que ela veio saber que desde julho seus filhos estavam na casa da família em Ebenhausen. Devido à total falta de comunicação entre a Alemanha e a Itália, ela passara por aquela desnecessária agonia durante todo o verão.

Depois de seus esforços iniciais frustrados, a mãe de Fey tinha decidido procurar pelos meninos em Innsbruck, onde eles haviam sido vistos pela última vez. Ao fim de outra longa viagem, ela e Almuth dirigiram até um grande orfanato numa floresta de pinheiros. Ali, ela mostrou fotografias de Corrado e Roberto para a governanta. Após uma pausa, a senhora disse que conhecia ambos: eram os “irmãos Vorhorf — Conrad e Robert”. Então, ela as conduziu até o dormitório onde os dois meninos estavam deitados em sono profundo. Quando acordaram, porém, apenas Corrado deu alguns sinais de conhecer as visitantes. Nenhum dos dois conseguia entender uma palavra do italiano que estava sendo falado com eles, e Roberto olhou para as fotos de Brazzà e de Fey

sem sinal algum de reconhecimento. Até mesmo sua avó duvidou que pudesse ser ele. Mas, de repente, Roberto colocou o dedo num ponto branco do retrato e emitiu uma única palavra: “Mirko”. Era o nome do pônei que puxava sua pequena charrete em Brazzà.

Quando se preparava para deixar o orfanato com as duas crianças na traseira do carro, a mãe de Fey foi informada de que todos os lares de crianças da época do nazismo seriam fechados em dez dias, e que os menores que não fossem procurados seriam entregues para adoção aos camponeses. Ela chegara na hora exata.

Com a família, enfim, reunida, Fey e Detalmo retomaram a vida normal. Continuaram a se dividir entre Roma e Brazzà e, em 1948, Fey foi mãe pela terceira vez, dando à luz agora uma menina — Vivian.

Ela também manteve contato com Alex. Depois de sua libertação em Capri, ele foi morar com um amigo nas proximidades do lago de Constança e de lá escreveu muitas cartas nostálgicas para Fey lembrando o tempo que haviam passado juntos. “Apesar do que aconteceu com ele”, escreveu Fey, “Alex continuou romântico e percebi o quanto desejava me ver de novo. Mas, por outro lado, sempre fui mais pragmática que sentimental, e logo fui absorvida pela minha vida na Itália e pela criação dos meus filhos”. Por mais que seus sentimentos tenham sido intensos, a guerra havia acabado e suas obrigações eram agora com Detalmo e os filhos. Ela chegou a ser clara e firme com Alex, um ano após a libertação, dizendo que não queria se casar com ele. Por fim, Alex se conformou e reassumiu sua cátedra na Universidade de Munique, casando-se em seguida. Entretanto, admitiu Fey, “ele continuou sendo para mim um homem muito atraente, alto, e com aqueles cabelos desarrumados”. A última vez que eles se encontraram foi no início da década de 1960, quando Alex passou por Roma com uma turma de universitários a caminho da Sicília, e eles jantaram juntos num restaurante da cidade. Pouco tempo depois, Alex morreu de câncer, aos 58 anos.

Fey também manteve contato com Sigismund Payne Best. O oficial da inteligência britânica escreveu para ela um mês depois do reencontro com os filhos e Fey lhe respondeu com alegria dando notícias atualizadas dos assuntos da família, assim como de outros integrantes do grupo de *Sippenhafte*. Todos tinham se salvado, ela disse na carta a Payne Best, “graças à sua liderança decisiva nos momentos finais da nossa odisseia de medo através dos Alpes”.

Ela confessou também que sentia muita falta do companheirismo do grupo e que estava lutando para lidar com a perda de independência que a provação da guerra lhe impusera. A guerra tinha mudado irrevogavelmente não apenas a Alemanha, mas ela própria. Às vezes, confessou ao amigo, se sentia muito só.¹¹

Corrado se tornou oficial da Comissão Europeia, e Roberto fez carreira como arquiteto. Detalmo morreu em 2006, e Fey passa a maior parte do tempo em sua amada Brazzá.

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. Hitler, citado em Ian Kershaw, *Hitler*, p. 783-784; Goebbels, citado em Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 193. Ver também Max Hastings, *Armageddon*, passim, e Michael Burleigh, *The Third Reich*, p. 789.
2. John Wheeler-Bennett e Anthony Nicholls, *The Semblance of Peace*; Gregor Dallas, *Poisoned Peace*; Norman Davies, *Europe at War 1939-1945*.
3. Tony Judt, *Postwar*, p. 41, 5.
4. Sebastian Haffner, *Defying Hitler*, p. 7.

I. PRIMAVERA CRUEL

1. O cenário no bunker durante os dias finais já foi descrito muitas vezes. Aqui, recorri aos relatos de Hugh Trevor-Roper, J. P. O'Donnell, Joachim Fest, Antony Beevor e Traudl Junge, cujos livros estão listados na Bibliografia. Para Eva Braun, ver o relato esclarecedor de Angela Lambert, *The Lost Life of Eva Braun*.
2. Flint Whitlock, *Soldiers on Skis*, citado em Charles J. Sanders, *The Boys of Winter*, p. 135.
3. Para a história pessoal de Robert Ellis, ver suas memórias, *See Naples and Die*. John Imbrie, vice-presidente de Informação e Pesquisa da Associação Nacional da 10ª Divisão de Montanha, ele próprio um veterano da campanha italiana, me abasteceu com farto material sobre a divisão e facilitou minha aquisição junto à Biblioteca Pública de Denver de cópias dos relatórios matinais diários do 85º Regimento de Ellis para a Companhia “F” no período entre abril e julho de 1945. Imbrie também respondeu a minhas muitas perguntas e sugeriu leituras adicionais. Sua esposa, Barbara, merece meu agradecimento pelos excelentes mapas que produziu sobre a campanha da divisão na Itália, que me foram muito úteis. As principais fontes complementares que utilizei ao escrever sobre Ellis e a 10ª Divisão de Montanha foram do próprio Imbrie, *Chronology of the 10th Mountain Division in World War Two, 6 January 1945-30 November 1945* e *Good Times and Bad Times* (com Hugh W. Evans); John B. Woodruff, *History of the 85th Mountain Infantry Regiment*; Henry J. Hampton, *The Riva Ridge Operation* (US Army, 86th Mountain Infantry HQ, APO 345, 12 de junho de 1945); e os volumes publicados por Carl V. Cossin, Harris Dusenbery e Wilson Ware, Ernest F. Fisher, McKay Jenkins, Charles J. Sanders e Peter Shelton, todos listados na Bibliografia. Sobre a matança de prisioneiros alemães durante a batalha do Monte Belvedere, ver o testemunho de Kenyon Cooke em Imbrie e Evans, op. cit., p. 60.
4. Sou grato a Bryan Samain por me fornecer cópias de duas histórias inéditas, escritas para a sua família, e nas quais me baseei: “Family Connection” e “Going for a Soldier: Notes on Boyhood and an Early Military Life”.

- Também me beneficieei de muitas conversas e troca de correspondência com ele.
5. Além das fontes citadas anteriormente, a principal fonte que utilizei para narrar as experiências de Samain foi seu livro *Commando Men*, publicado pela primeira vez em 1948 e reeditado muitas vezes desde então. Utilizei a edição da White Lion, de 1976.
 6. Leonard Mosley, *Report from Germany*, p. 49-50.
 7. Longden, *To the Victor the Spoils*, p. 280.
 8. Barry Turner, *Countdown to Victory*, p. 309-310.
 9. Longden, op. cit., p. 282-283.
 10. Samain, *Commando Men*, p. 150.
 11. Samain, “Going for a Soldier”, p. 60.
 12. F. S. V. Donnison, *Civil Affairs and Military Government*, p. 217.
 13. Ibidem, p. 218.
 14. Ver Samain, *Commando Men*, p. 170-171. Para o episódio dos três balhadores escravos russos no hospital em Lüneburg, me baseei em *History of the Argyll and Sutherland Highlanders*, de Desmond Flower, e para a história do Comando 45 recorri a *Four Five*, de David Young.
 15. Malcolm Proudfoot, *European Refugees*, p. 144.
 16. Esta e as citações e informações seguintes foram tiradas de “Autobiographical Fragments”, de Francesca Wilson, em *A Life of Service and Adventure*.
 17. Prefácio de J. L. Hammond para *In the Margins of Chaos*, de Wilson.
 18. O relato de Francesca Wilson sobre sua passagem por Granville está em *Aftermath*, p. 1-29. Para as informações adicionais sou profundamente grato às suas sobrinhas June Horder e Rosalind Priestman. A primeira me abasteceu generosamente com fragmentos do diário de sua tia e documentos de sua propriedade, e com um exemplar de *A Life of Service and Adventure*, o livro de memórias publicado pela família em homenagem à vida de Francesca, que também inclui a primeira parte de sua autobiografia. Rosalind Priestman me forneceu uma cópia da fotografia de Francesca que aparece neste livro e compartilhou comigo lembranças de sua tia. Entre outros que me ajudaram estão Heather Eggins e Russell Enoch.

- Para os problemas da UNRRA, ver a história oficial em três volumes de George Woodbridge, listada na Bibliografia, assim como Donnison, op. cit., p. 341-358. Uma narrativa recente muito boa sobre os problemas dos refugiados do pós-guerra, sobretudo as crianças, pode ser encontrada em Lynn Nicholas, *Cruel World*, passim.
19. Sou muito grato ao professor Reginald H. Roy, agora em Victoria, na Colúmbia Britânica, Canadá, por generosamente me fornecer cópias de muitas cartas que escreveu para casa direto do front, por trechos relevantes de seu diário, e por responder a muitas perguntas enviadas por e-mail relativas a este material. A história dos Cape Breton Highlanders pode ser encontrada em Alex Morrison e Ted Slaney, *The Breed of Manly Men*.
 20. Earl Ziemke, *The US Army in the Occupation of Germany 1944-1946*, p. 244-245.
 21. A situação em Leipzig é descrita pelo correspondente da BBC Edward Ward e aparece em Desmond Hawkins (org.), *War Report*, p. 204-305. Complementei-a com a reportagem de Selkirk Panton no *Daily Express* de 20 de abril de 1945. Para relatos da entrada em Nuremberg, recorri aos volumes da história oficial da guerra dos Estados Unidos, em Ziemke, op. cit., p. 247, e a Charles B. MacDonald, *The Last Offensive*, p. 422-425. Para o comentário de Hitler sobre o suicídio do prefeito de Leipzig, ver Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, p. 143.
 22. Para o relato dos comícios do Partido Nazista, recorri em grande parte a Frederic Spotts, *Hitler and the Power of Aesthetics*, p. 61-70; a citação é da p. 66.
 23. Citado em *Encyclopaedia of the Holocaust* (editor-chefe Israel Gutman), vol. 4, p. 1.415.
 24. Muitas das construções nunca foram completadas antes do início da guerra em 1939, tal como a sede do Congresso, que hoje abriga um centro de documentação. O guia do centro, “Fascination and Terror”, publicado pelo Museu da Cidade de Nuremberg, proporciona uma fonte útil sobre a história dos locais dos comícios.
 25. Peter Heigl, *The US Army in Nuremberg on Hitler’s Nazi Party Rally Grounds*, Documentation Centre of the Nazi Party Rally Grounds, 2005; também Ziemke, op. cit., p. 247-248.

2. "TRISTEZA E ESCURIDÃO"

1. Michael Burleigh, *The Third Reich*, p. 201.
2. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 3.
3. Gregor Shollgen, *A Conservative against Hitler*, passim; a citação de Thomas Mann aparece na p. 126.
4. Fey von Hassell contou sua história em *A Mother's War*, editado por seu genro David Forbes-Watt; sou grato a ambos por me encontrarem em Roma para contar com mais detalhes sobre a sua experiência. Para um relato mais abrangente de reféns da SS, ver Hans-Gunter Richardi, *SS — Geiseln in der Alpenfestung*. Para Ulrich von Hassell e os nazistas, ver Burleigh, op. cit., p. 693-694, e Ulrich von Hassell, *The von Hassell Diaries 1938-1944*.
5. Fey von Hassell, op. cit., p. 21.
6. Ibidem, p. 42.
7. Ibidem, p. 80.
8. Ibidem.
9. Ibidem, p. 87.
10. Ibidem, p. 78-79.
11. Ibidem, p. 92-93.
12. Ibidem, p. 96.
13. Ibidem, p. 100.
14. Para "um grande carro preto", ver Lynn Nicholas, *Cruel World*, p. 419.
15. Fey von Hassell, op. cit., p. 28-29.
16. Burleigh, op. cit., p. 246, 689.
17. Robert Gellately, *Backing Hitler*, p. 248.
18. Burleigh, op. cit., p. 783.
19. Fey von Hassell, op. cit., p. 783.
20. Para detalhes sobre Melitta e a família Stauffenberg, ver Peter Hoffman, *Stauffenberg: A Family History*, especialmente p. 276-278. Ver também Gerald Posner, *Hitler's Children*, p. 171-172.
21. Texto da reportagem de Murrow no *Evening Standard*, 16 de abril de 1945.
22. *Ariel*, 12 de junho de 1974.

23. Sian Nicholas, *The Echo of War*, p. 216. Para o relato do próprio Reid, ver seu *War Correspondent*, p. 56-61.
24. Robert Reid, carta para Vera, 11 de fevereiro de 1945, Reid Papers.
25. Vera, carta para Robert Reid, 20 de abril de 1945, Reid Papers.
26. Elie Wiesel, *Night*, p. 134.
27. Ibidem, p. 135-136.
28. Christopher Burney, *Dungeon Democracy*, p. 83; ver também “I was a prisoner in Buchenwald”, do tenente Christopher Burney, no *Evening Standard* de 18 de abril de 1945.
29. Gostaria de registrar minha gratidão ao neto de Robert Reid, meu amigo e colega Jeremy Crang, de Edimburgo, por me permitir vasculhar os arquivos de seu avô, sob a guarda da família, e por sua hospitalidade enquanto eu me dedicava a esta tarefa. As citações são dos despachos datilografados por Reid, de suas cartas à esposa e das respostas que recebeu de Vera. Para a SOE e os irmãos Newton, ver M. R. D. Foot, *SOE in France*, p. 213; e para Southgate e Burney, ver o *Sunday Times* de 1º de maio de 1966. Para a história das mulheres do levante de Varsóvia, ver Reid, WRU C7792, sábado, 21 de abril de 1945, Reid Papers.
30. John Oram Thomas, *No Banners*, p. 336-339.

3. JUSTIÇA VINGADORA

1. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 34.
2. Para o Corpo de Sapadores, ver Norman Bentwich, *I Understand the Risks*, passim; para os judeus alemães e austríacos lutando contra os nazistas, ver o artigo de John P. Fox, "German- and Austrian-Jewish Volunteers in Britain's Armed Forces, 1939-1945", no *Leo Baeck Institute Year Book 1995*, p. 21-50.
3. Bryan Samain, *Commando Men*, p. 118, e "Going Soldier", p. 62; para Eric Nathan, assim como outros judeus exilados que combateram nas forças aliadas, ver Bentwich, op. cit., p. 13-16. Nathan foi morto na batalha de Osnabrück. Outras informações foram extraídas de uma conversa com Bryan Samain em dezembro de 2006.
4. Fred Warner, *Don't You Know There's a War On? A Very Personal Account*, memórias datilografadas nos arquivos do Intelligence Corps Museum, Chicksands, Bedfordshire, Arquivo nº 2580/A. Sou ainda muito grato ao próprio Fred Warner, que me convidou a visitá-lo em Hamburgo em janeiro de 2004, para conversas adicionais sobre sua missão, e a sua viúva, Annette Warner, por generosamente, após a morte do marido, me ceder uma fotografia de seu álbum de guerra. Para a missão da SOE, ver W. J. M. Macckenzie, *The Secret History of SOE 1940-1945*, p. 697-699.
5. Robert Minott, *The Fortress that Never Was*, p. 17-24.
6. 21st Army Group Counter-Intelligence Instruction Nº 3 — Operations in Germany, 27 de setembro de 1944.
7. Timothy Naftali, "Creating the Myth of the *Alpenfestung*: Allied Intelligence and Collapse of the Nazi Police-State", p. 11. Agradeço a Timothy Naftali por me fornecer uma cópia deste documento. Rodney Minnott, op. cit., passim.
8. Transmissão de radiotelegrafia Dulles nº 267, 18 de janeiro de 1945, Documento 5-10, em Neal H. Peterson (org.), *From Hitler's Doorstep*, p. 429-430.
9. Para o relatório de Quinn, ver o volume na história oficial do Exército dos Estados Unidos sobre a Segunda Guerra Mundial, *European Theatre of Operations*, de Charles B. MacDonald, *The Last Offensive*, cap. 28, "The Myth

- of the Redoubt”, p. 407. Para o Reduto Nacional e seu impacto na estratégia aliada, há literatura considerável. As fontes que utilizei foram as seguintes: Earl Ziemke, *The US Army in the Occupation of Germany*, p. 246-256; F. H. Hinsley, *British Intelligence in the Second World War*, vol. III, parte 2, p. 711-725; Stephen Ambrose, *Eisenhower: Soldier, General of the Army*, p. 392-399; Carlo d’Este, *Eisenhower*, p. 685-698; Omar N. Bradley e Clay Blair, *A General’s Life*, p. 416-428; Lionel Frederic Ellis, *Victory of the West*, apêndice X, p. 429-432; Minott, op. cit., passim; Peterson, op. cit., passim.
10. Hinsley, op. cit., vol. III, parte 2, p. 717.
 11. Ver Nigel Hamilton, *Monty: The Field Marshal*, p. 444, e Eisenhower, *Crusade in Europe*, p. 397. Para uma discussão mais ampla sobre a estratégia de Eisenhower em relação ao reduto, ver Stephen Ambrose, *Eisenhower and Berlin*, p. 71-79.
 12. Cornelius Ryan, *The Last Battle*, p. 214.
 13. Para Bradley, ver Bradley and Blair, op. cit., p. 418.
 14. Greg Bradshaw, “Nazi Gold: The Merkers Mine Treasure”, em *Prologue: Quarterly of the National Archives and Records Administration*, primavera de 1999, vol. 31, nº 1.
 15. Citado em Lynn Nicholas, *The Rape of Europe*, p. 312.
 16. Margaret Harop para Robert Reid, 13 de abril de 1945, Reid Papers.
 17. Ver Greg Bradshaw, op. cit.; Nicholas, loc. cit.
 18. Robert Reid, despachos nº 140-143, 6-8 de abril de 1945, Reid Papers. Ver também seu livro *War Correspondent*, p. 79-81.
 19. Para o memorando ditado de Patton, ver Farago, *Patton: Ordeal and Triumph*, p. 809-810; e também Martin Blumenson, *The Patton Papers*, p. 683-684.
 20. D’Este, op. cit., p. 686; Reid, despacho nº 144, de 8 de abril, Reid Papers; Ryan, op. cit., p. 329.
 21. Hinsley, op. cit., vol. III, parte 2, p. 734.
 22. Citado em J. Bridgman, *The End of the Holocaust*, p. 82.
 23. Eisenhower, op. cit., p. 408-409.

4. "UM ESTRANHO TOM APEROLADO"

1. J. Bridgman, *The End of the Holocaust*, p. 82.
2. Robert Reid, despacho nº 158, de 16 de abril de 1945, Reid Papers.
3. Major David Finnie, "The Liberation of Belsen", *The Gunner*, novembro de 2006.
4. Derrick Sington, citado em Tom Pocock, p. 81.
5. Ibidem, p. 82.
6. Ben Shephard, *After Daybreak*, p. 37-38.
7. Ibidem, p. 99.
8. Ibidem, p. 116-117.
9. Alan Moorehead, *Eclipse*, p. 222, 224.
10. Shephard, op. cit., p. 14.
11. Ibidem, p. 18.
12. John Gordon, "The Beasts of Europe", *Sunday Express*, 22 de abril de 1945.
13. Shephard, op. cit., p. 75.
14. Ronald Monsonb, "Smug Guards March Out", *Evening Standard*, 20 de abril de 1945.
15. Além das já citadas, as principais fontes que utilizei para este relato de Belsen, de um conjunto de dezenas existentes, foram as seguintes: Paul Kemp, "The British Army and the Liberation of Bergen-Belsen, April 1945", em Joanne Reilly et alii (orgs.), *Belsen in History and Memory*, p. 133-148, da qual as citações descrevendo as condições médicas no campo foram amplamente aproveitadas; "Introduction", em Reilly et alii (orgs.), op. cit., p. 1-18; Raymond Phillips (org.), *The Belsen Trial*, passim; "Report on Belsen Camp", do tenente-coronel R. I. G Taylor, DSO, MC, nos B. G. Barnet Papers, Liddell Hart Centre of Military Archives, King's College, Londres, documento que também forneceu em seu Anexo B os termos da trégua negociada com as autoridades militares alemãs, assim como uma cópia das anotações escritas à mão por Taylor sobre Belsen. Os Barnet Papers também incluem uma narrativa sobre Belsen publicada como suplemento da *British Zone Review* de 13 de outubro de 1945. Também no Liddell Hart Archive se encontra um relato sobre os efeitos de Belsen sobre as tropas, escrito pelo

general R. G. Churcher, da 11ª Divisão Blindada britânica. Também recorri a muitos trechos da imprensa britânica sobre Belsen contidos numa coleção particular emprestada a mim pelo falecido Sydney Hudson, oficial da SOE durante a guerra. Ver também Gena Turgel, *I Light a Candle*, relato de uma vítima de Belsen cujo marido, Norman, entrou no campo em 15 de abril de 1945 com uma unidade de segurança do Exército britânico e foi responsável pela prisão de Kramer.

16. Bryan Samain, “Going for a Soldier”, p. 20.

17. Ibidem, p. 53.

18. Citado em Sean Longden, *To the Victor the Spoils*, p. 30.

19. Ibidem, p. 31.

20. Samain, op. cit., p. 64-65.

21. Angela Lambert, *The Lost Life of Eva Braun*, p. 420.

22. F. H. Hinsley, *British Intelligence in the Second World War*, vol. III, parte 2, p. 733-736.

23. Carlo D’Este, *Eisenhower*, p. 697; Stephen Ambrose, *Eisenhower and Berlin*, p. 77-78.

24. Para o texto da diretriz de Hitler, ver Lionel Frederic Ellis, *Victory in the West*, Anexo X, p. 429-432.

5. "CAIR COM HEROÍSMO"

1. Robin Neillands, *Eighth Army*, p. xxv-xxvi.
2. Para a experiência de Cox me baseei no seu próprio relato, *The Race for Trieste*, especialmente p. 108-117; no seu relato pré-guerra, *Countdown to War*, numa conversa pessoal com ele em sua casa em Gloucestershire, em junho de 2004; em seus relatórios originais sobre o período encontrados no Kippenberger Military Archive and Research Library, no Museu Memorial do Exército Rainha Elizabeth II, em Waiouru, Nova Zelândia, sobretudo *2NZ Div. Intelligence Summary N° 506, 20 April 1945* e *Summary N° 507, 21 April 1945* — sou especialmente grato a Dolores Ho por me fornecer cópias destes documentos; e também dos seus documentos pessoais, sob a guarda da Biblioteca Alexander Turnbull, em Wellington, Nova Zelândia. Sou grato aos bibliotecários por me facilitarem o acesso a estes documentos, e a Peter Cooke por me fornecer cópias deles. Para o pano de fundo geral, ver também o relevante volume da *Official History of New Zealand in the Second World War*, de Robert Kay: *From Cassino to Trieste*, passim. O texto da ordem de Hitler de 17 de abril de 1945 pode ser encontrado na p. 491 deste volume. Como complemento para Freyberg, ver John Tonkin-Colville, "The Salamander's Last Offensive", em *Kia Kaha* (org. John Crawford), p. 167-172.
3. Nota datilografada com a marca "Itália, 4 de julho de 1944", Cox Papers, Biblioteca Alexander Turnbull; e também Cox, *The Race for Trieste*, p. 61.
4. *Ibidem*, p. 65-66.
5. Geoffrey Cox para Peter e Patrick Cox, 27 de agosto de 1944, Cox Papers, Biblioteca Alexander Turnbull; também carta para Peter, 30 de março de 1945, loc. cit.
6. Cox, *The Race for Trieste*, p. 115.
7. Para as biografias de Mussolini, ver as listadas na Bibliografia, de autoria de R. J. Bosworth, Martin Clark, Christopher Hibbert, Denis Mack Smith, Laura Fermi e sir Ivone Kirkpatrick. Ver também "Mussolini as War Leader", de Giorgio Rochat, em *Oxford Companion to World War Two*, p. 768-770.

8. Para a libertação de Roma, ver Raleigh Trevelyan, *Rome '44*, p. 296-326.
9. Cox para Cecily, junho de 1944, Cox Papers, Biblioteca Alexander Turnbull.
10. Robert Ellis, *See Naples and Die*, p. 45.
11. Carta a Margaret, 15 de março de 1945, citado em *ibidem*, p. 158-159.
12. Carta a Paul, 15 de março de 1945, em *ibidem*, p. 159.
13. *Ibidem*, p. 111-144.

6. "ICH WAR IMMER DAGEGEN"

1. Janet Flanner, "Letter from Cologne", *The New Yorker*, 31 de março de 1945.
2. Para as experiências de Leonard Linton na Segunda Guerra Mundial, devo muito a seu relato inédito intitulado "Kilroy Was Here", encontrado nos arquivos do Museu Aliado em Berlim. Sou igualmente grato ao diretor deste museu, dr. Helmut Trotnow, por chamar minha atenção para ele. O próprio Leonard concordou generosamente em me ajudar com informações complementares, mas faleceu em Nova York antes do nosso encontro. Sou grato a Sandy Linton, sua filha, pela permissão de uso das fotografias que selecionei para este livro. Para a história de combate da 82ª Divisão Aerotransportada neste período, ver Phil Nordyke, *All American All the Way*, p. 736-743.
3. Linton, op. cit., p. 48.
4. Para o melhor relato recente sobre o que deu errado para as forças ocidentais entre o Dia D e a Batalha do Bulge, ver Max Hasting, *Armageddon*, passim; o clássico registro do correspondente de guerra Chester Wilmont, *The Struggle for Europe*, também continua sendo uma leitura valiosa.
5. Linton, op. cit., p. 56.
6. Para as instruções de Gavin, ver James Gavin, *On to Berlin*, p. 269-270; e Cornelius Ryan, *The Last Battle*, p. 119-123.
7. Linton, op. cit., p. 57.
8. Barry Turner, *Countdown to Victory*, p. 39.
9. Sean Longden, *To the Victor the Spoils*, p. 271.
10. Ibidem, p. 277.
11. Linton, op. cit., p. 83.
12. Ibidem, p. 82-83.
13. Longden, op. cit., p. 281.
14. Douglas Botting, *In the Ruins of the Reich*, p. 189.
15. Ver, por exemplo, *Germany 1944: The British Soldier's Pocketbook*, passim. A ordem do exército dos Estados Unidos é citada na p. xxiv da "Introduction" de Edward Hampshire.
16. Botting, op. cit., p. 189.

17. Turner, *Countdown to Victory*, p. 374.
18. Longden, op. cit., p. 95; Botting, op. cit., p. 191. Para uma abordagem mais abrangente sobre as mulheres na Alemanha da época, ver Elizabeth Heinemann, *What Difference Does a Husband Make?*, passim.
19. Linton, op. cit., p. 87.
20. James Megellas, *All the Way to Berlin*, p. 257.
21. Stephen Ambrose, *Eisenhower: Soldier, General of the Army*, p. 123; ver também Winston Churchill, *Triumph and Tragedy*, p. 515-516, e Martin Gilbert, *Road to Victory*, p. 1302-1303.
22. Omar Bradley, *A Soldier's Story*, p. 433-434.
23. *21 Army Group CI* [Contraineligência] *News Sheet*, nº 20, 25 de abril de 1945, National Archives, Kew, Londres. Sobre os Lobisomens em geral, me baseei no recente e conceituado livro de Perry Biddiscombe, *The Last Nazis*, p. 11-60. Sobre o mito do lobo na imaginação alemã, assim como na do próprio Hitler, ver Angela Lambert, *The Lost Life of Eva Braun*, p. 30-31.
24. Linton, op. cit., p. 84-85, 87-91.
25. Nordyke, op. cit., p. 742-743.

7. "UM CLIMA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS"

1. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 19.
2. H. Essame, *Patton*, p. 236.
3. Martin Blumenson, *Patton*, p. 9; Carlo d'Este, *Patton*, p. 400.
4. Robert Reid para sua esposa Vera, 17 de abril de 1945, Reid Papers; para a cronologia do avanço de Patton, ver Charles M. Province, *Patton's Third Army*, passim.
5. I. B. Melchior, *Case by Case*, p. 284, 307-308. Melchior foi um oficial de contrainteligência dos Estados Unidos em Ratisbona.
6. Desmond Hawkins (org.), *War Report*, p. 21.
7. Ibidem, p. 24-25.
8. Reid, WRU: C7792, 21 de abril de 1945. Sobre os métodos de gravação e reportagem, ver o relato do próprio Reid em *War Correspondent*, p. 35-37, e Hawkins, op. cit., p. 24-25.
9. Reid, despacho nº 162, 23 de abril de 1945, Reid Papers.
10. J. Coatman para Robert Reid, 10 de abril de 1945, Reid Papers.
11. Vera para Robert Reid, 22 de abril de 1945, Reid Papers.
12. Charles B. MacDonald, *The Last Offensive*, p. 424-425.
13. Reid, carta para Vera, 25 de abril de 1945, e despacho nº 163, 23 de abril de 1945, Reid Papers.
14. Sobre a comemoração em Torgau, ver MacDonald, op. cit., p. 453-456; Anthony Beevor, *Berlin*, p. 305; Max Hastings, *Armageddon*, p. 503-504; e sobre Edward Ward, ver Hawkins, op. cit., p. 330-331.
15. De Frost BBC para Robert Reid, s.d., Reid Papers.
16. Vera para Robert Reid, 23 de abril de 1945, Reid Papers.
17. Reid, despachos nºs 170 e 171, 28 e 29 de abril de 1945, Reid Papers.
18. Ver Martin Blumenson, *The Patton Papers*, p. 693-694.
19. Esta narrativa da libertação de Moosburg foi baseada em John Nichol e Tony Rennell, *The Last Escape*, p. 276-285.
20. Reid, despacho nº 174, 30 de abril de 1945 (transmitido pela BBC em 4 de maio de 1945), Reid Papers.

21. Entrevista de Reid com o francês e o resto de sua reportagem sobre a marcha da morte: Reid, despacho nº 173, 29 de abril de 1945, Reid Papers.
22. Sobre as condições em Flossenbürg, ver *Headquarters Third United States Army Judge Advocate Section War Crimes Branch*, relatório a Patton, 21 de junho de 1945, em Avalon Project, Yale Law School, <www.yale.edu/lawweb/avalon/imt/document/nca_vol4/2309-ps.htm>.
23. John R. Wilhelm, “The Masters Bury Their Slaves”, *Chicago Sun*, 29 de abril de 1945, reproduzido em Jack Steinbuck (org.), *Typewriter Battalion*, p. 319; Reid, despacho nº 173, 29 de abril de 1945, Reid Papers; para mais detalhes sobre a marcha da morte, ver link citado na nota anterior. Sobre Vera para Robert Reid, ver a carta dela de 22 de abril de 1945, Reid Papers.
24. Reid, despacho nº 172, 29 de abril de 1945, Reid Papers.
25. Reid, despacho nº 168, 26 de abril de 1945, Reid Papers.
26. Ver Blumenson, *The Patton Papers*, p. 694.

8. "O ESPETÁCULO MAIS ABOMINÁVEL"

1. *2NZ Div. Intelligence Summary N° 509. Based on information received up to 1800 hours 23 April 45*, Kippenberger Military Archive and Research Library, no Museu Memorial do Exército Rainha Elizabeth II, em Waiouru, Nova Zelândia.
2. Monty Soutar, em Ian McGibbon (org.), *The Oxford Companion to New Zealand Military History*, p. 309-310.
3. Geoffrey Cox, *Race for Trieste*, p. 244.
4. Robin Kay, *From Cassino to Trieste*, p. 497.
5. Cox, op. cit., p. 118.
6. Do diário de um batalhão, citado em ibidem, p. 503.
7. *2NZ Div. Intelligence Summary N° 511. Based on Information received up to 1800 hours 25 April 45*, Kippenberger Military Archive, loc. cit.
8. Cox, op. cit., p. 123.
9. Geoffrey Cox, *A New Zealander Boyhood*, passim. Este resumo, uma narrativa de ficção de sua juventude, proporciona um retrato vivo da Nova Zelândia na época. Sou grato a Cox por me ter oferecido um exemplar.
10. Entrevista com Geoffrey Cox, junho de 2004.
11. Cox, *Race for Trieste*, p. 129.
12. War Diary, G Branch, HQ 2NZ Div., citado em Kay, op. cit., p. 511. Ver também *2NZ Div. Intelligence Summary N° 512*, Kippenberger Military Archive, loc. cit.
13. Anotação de diário (datilografada), domingo, 29 de abril de 1945, Cox Papers, Biblioteca Alexander Turnbull, Wellington, 2003-05/6; Cox, *Race for Trieste*, p. 131-135, 141-145; Geoffrey Cox para Cecily Cox, 28 de abril de 1945, Cox Papers, Biblioteca Alexander Turnbull, loc. cit., 2003-05-4/14.
14. Kay, op. cit., p. 518-519.
15. Cox, *Race for Trieste*, p. 146.
16. Ibidem, p. 148.
17. *2NZ Div. Intelligence Summary N° 515. Based on information received up to 1800 hours 29 April 45*, Kippenberger Military Archive, loc. cit.
18. James Morris, *Venice*, p. 35, 120, 262.

19. Cox, *Race for Trieste*, p. 162.
20. *Daily Telegraph*, 1º de maio de 1945.
21. *Ibidem*, 25 e 27 de abril de 1945.
22. Antony Beevor e Artemis Cooper, *Paris after the Liberation 1944-1949*, p. 166-167.
23. Citado em Herbert R. Lottman, *The People's Anger*, p. 91.
24. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 14-16.

9. A MORTE DE UM DITADOR

1. Robert Ellis, *See Naples and Die*, p. 200.
2. Ibidem, p. 18.
3. Frank Harper, *Night Climb*, citado em ibidem, p. 30.
4. Ellis, op. cit., p. 32-34.
5. Ibidem, p. 29.
6. Relatório matinal, 22 de abril de 1945, Companhia F, 85º Regimento da 10ª Divisão de Montanha, Biblioteca Pública de Denver, Colorado, Estados Unidos.
7. John B. Woodruff, *History of the 85th Mount Infantry Regiment*, p. 56.
8. Primo Levi, *If This Is a Man*, p. 22-25, citado em Richard Lamb, *War in Italy*, p. 28-29.
9. Sobre os esforços finais para render as tropas alemãs, ver Roderick Mackenzie MC, “The End in Italy with the Lowland Gunners: The 178th Medium Regiment RA with the US 10th Mountain Infantry Division 14 April to 2 May 1945”. Sou grato a ele por me fornecer uma cópia deste capítulo de suas memórias.
10. Ellis, op. cit., p. 194; para excelentes mapas e diagramas da campanha, ver John Imbrie e Thomas R. Brooks, *10th Mountain Division Campaign in Italy 1945*, com diagramas de batalha de Armand Casini e mapas de Barbara Imbrie, passim; para von Senger, ver McKay Jenkins, *The Last Ridge*, p. 227-228.
11. A descrição que Ellis faz deste episódio está no “Preamble” de *See Naples and Die*, p. 5-9; para as citações de Pyle, ver ibidem, p. 235, e p. xiv da “Introduction” de David Nichols de sua edição dos despachos de Pyle — Nichols (org.), *Ernie’s War*.
12. Ibidem, p. 32-33.
13. Woodruff, op. cit., p. 59.
14. Ernest Fisher, *Cassino to the Alps*, p. 504.
15. Jenkins, *The Last Ridge*, p. 242; Peter Shelton, *Climb to Conquer*, p. 198-208.
16. Mackenzie, op. cit., p. 63.

17. Laura Fermi, *Mussolini*, p. 453. Há inúmeras narrativas da morte de Mussolini, até mesmo contraditórias ou inconsistentes, mas todas com mensagens políticas implícitas. Fui bem guiado nestas águas traiçoeiras por *The Body of Il Duce*, de Sergio Luzzatto. Consulte também as biografias de Mussolini de Robert Bosworth, Denis Mack Smith, Christopher Hibbert e sir Ivone Kirkpatrick, todas listadas na Bibliografia.
18. L. K. Truscott, *Command Missions*, p. 495.
19. Para as narrativas conflitantes dos últimos momentos de Mussolini, ver Luzzatto, op. cit., p. 46-49. Como a maioria das controvérsias históricas na Itália, esta também é altamente politizada.
20. Milton Bracker, “End of the Sawdust Caesar, Milan, April 29 1945”; Steinbuck (org.), reproduzido em *Typewriter Battalion*, p. 315-317; Ernst Ashwick, “Mob Fights to Kick Musso’s Body”, *Daily Express*, 30 de abril de 1945; Luzzatto, op. cit., p. 61-70.
21. Philip Hamburger, “Letter from Rome, 8 May 1945”, *The New Yorker*, 19 de maio de 1945.
22. Ellis, op. cit., p. 207.
23. Para a busca da vila de Mussolini em Gargagno, ver Woodruff, op. cit., p. 60-61, e Jenkins, op. cit., p. 247-249. Para isso e a história mais ampla sobre o paradeiro dos documentos de Mussolini, ver Howard McGaw Smyth, *Secrets of the Fascist Era*, p. 168-235.
24. Ellis, op. cit., p. 207; para o índice de acidentes da 10ª Divisão, ver Charles Sanders, *The Boys of Winter*, p. 192.

10. A OFERTA DE HIMMLER

1. David McCullough, *Truman*, p. 377.
2. Conde Folke Bernadotte, *The Fall of the Curtain*, p. 20-21.
3. Ibidem, p. 35.
4. Ibidem, p. 56-68; ver também Peter Padfield, *Himmler*, p. 594.
5. Ibidem, p. 594.
6. Martin Gilbert, *Road to Victory*, p. 1306.
7. Padfield, op. cit., p. 596.
8. Gilbert, op. cit., p. 1232.
9. Nigel Hamilton, *Monty: The Final Years*, p. 491-495; Clay Blair, *Ridgway's Paratroopers*, p. 488-495.
10. Bryan Samain, *Commando Men*, p. 175.
11. Ibidem, p. 181-182; David Young, *Four Five*, p. 45.
12. Hamilton, op. cit., p. 495.
13. Samain, op. cit., p. 182-186.
14. Para esta citação e as seguintes, ver Leonard Linton, "Kilroy Was Here", suas memórias inéditas, p. 93-139. Ver também James Gavin, *On to Berlin*, p. 284-290; Phil Nordyke, *All American All the Way*, p. 749-756; e James Megellas, *All the Way to Berlin*, p. 257-269.

II. "THE BOULEVARD OF BROKEN DREAMS"

1. David Irving, *Göring*, p. 454; Leonard Mosley, *The Reich Marshal*, p. 312.
2. James O'Donnell, *The Bunker*, p. 131.
3. Mosley, op. cit., p. 316; Irving, op. cit., p. 17-18.
4. Angela Lambert, *The Lost Life of Eva Braun*, p. 446.
5. Para as principais fontes sobre os últimos dias de Hitler no bunker, ver a nota 1 do capítulo 1. Para as advertências do Führer a Goebbels, ver Kershaw, p. 810-811.
6. Ian Kershaw, *Hitler*, p. 80-82.
7. Lambert, op. cit., p. 457.
8. Hugh Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, p. 140-142.
9. Para a carreira de Albrecht Haushofer, assim como para a cena que se segue, ver James Douglas-Hamilton, *The Truth about Rudolf Hess*, passim, especialmente p. 218-224.
10. Ibidem, p. 221-222.
11. Kershaw, op. cit., p. 817-818.
12. Para a morte de Bonhoeffer, ver Eberhard Bethge, *Dietrich Bonhoeffer*, p. 825-831.
13. Para a morte de Melitta von Stauffenberg, ver Peter Hoffman, *Stauffenberg*, p. 280.
14. Para esta e outras referências a Flossenbürg, ver Kurt von Schuschnigg, *Austrian Requiem*, p. 24.
15. Diário de Fey von Hassell, 24 de março de 1937, citado em idem, *A Mother's War*, p. 24.
16. Para a resistência de Niemöller ao nazismo, ver suas memórias *From U-boat to Concentration Camp*, passim; e para suas pregações em Dachau, ver *Dachau Sermons*, especialmente p. 56-57.
17. Citado em Sigismund Payne Best, *The Venlo Incident*, p. 194.
18. Ibidem, p. 193-194.
19. M. R. D. Foot, *SOE in France*, p. 430. Ver também as memórias de Peter Churchill sobre suas experiências após a captura em seu livro *The Spirit in the Cage*, passim.

20. Ibidem, p. 201.
21. Von Hassell, op. cit., p. 177. Para seus comentários posteriores a Payne Best sobre Philipp de Hesse, ver sua carta para o britânico, de 19 de abril de 1946, Payne Best Papers, Imperial War Museum, Londres. Para o comércio de arte praticado por Hesse durante a guerra, ver Jonathan Petropoulos, *The Faustian Bargain*, p. 106-109, e, para uma análise ampliada de suas relações com os nazistas, ver idem, *Royals and the Reich*, passim.
22. Schuschnigg, op. cit., p. 275.
23. Léon Blum, *L'Oeuvre de Léon Blum*, p. 540. As páginas 517-544 fornecem uma narrativa detalhada da jornada dos *Prominente* baseada no seu diário. Para a vida de Blum, ver Joel Colton, *Léon Blum*, especialmente p. 431-444. Para o comentário de Schuschnigg, ver Schuschnigg, op. cit., p. 282.
24. Von Hassell, op. cit., p. 175; Blum, op. cit., p. 538.
25. Churchill, op. cit., p. 209.
26. Para detalhes resumidos do caso Vermehren, ver William Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich*, p. 1025-1026; também Hans-Gunter Richardi, *SS — Geiseln in der Alpenfestung*, p. 35-37.
27. Churchill, op. cit., p. 210.
28. Red Cushing, *Soldier for Hire*, p. 7.
29. Isa Vermehren, *Reise durch den letzten Akt*, p. 202-229, e Cushing, op. cit., p. 261-262. Bastante restrita a seu próprio grupo de amigos prisioneiros, Fey von Hassell não faz menções em seu relato nem a Isa Vermehren nem a Thomas Cushing. Para o noivo de Isa, ver a carta de Eric Vermehren para Sigismund Payne Best de 10 de novembro de 1945, Payne Best Papers, Imperial War Museum.
30. Von Hassell, op. cit., p. 179, “Italian Refugees”, *The Times*, 25 de maio de 1945.

12. REFÚGIO ALPINO

1. Léon Blum, *L'Oeuvre de Léon Blum*, p. 541.
2. Memorando sobre sua prisão escrito por seus superiores do SIS imediatamente após seu retorno à Grã-Bretanha, 22 de maio de 1945, Payne Best Papers, Imperial War Museum, Londres. Sou grato à viúva do capitão Payne Best por me permitir consultar os arquivos de seu marido.
3. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 182.
4. Francesca Wilson, *A Life of Service and Adventure*, p. 20.
5. Idem, *Advice to Relief Workers*, p. 27.
6. Idem, *Aftermath*, p. 13-30.
7. Citado em Caroline Burke, *Lee Miller*, p. 259.
8. Para a libertação de Dachau, ver John Bridgman, *The End of the Holocaust*, p. 61-76; também o texto de Flint Whitlock, “American Soldiers Recall Their Haunting Experience at Dachau”, em Jenniffer A. Bussey (org.), *Events that Changed the World*, que conta ainda com o texto da reportagem de Higgins de 1º de maio de 1945 no *New York Herald Tribune*. Para Delestraint, ver Blum, op. cit., p. 537.
9. Gavriel D. Rosenfeld, *Munich and Memory*, p. 6, 78-79, 349; para o “berço do monstro do nazismo”, ver Rodney Minnott, *The Fortress that Never Was*, p. 116.
10. Charles B. MacDonald, *The Last Offensive*, p. 435-437.
11. John Toland, *The Last 100 Days*, p. 469-474.
12. MacDonald, op. cit., p. 437.
13. Frederic Spotts, *Hitler and the Power of Aesthetics*, p. 215.
14. Klaus Mann, citado em Rosenfeld, op. cit., p. 21; para o bombardeio das tropas da SS na cidade, ver MacDonald, op. cit., p. 436-437.
15. Charles Hawley, “O soldado dos Estados Unidos que libertou Munique relembra o confronto com o inimigo nazista”, reportagem especial no site da revista *Der Spiegel*: “The Final Days of World War II”, 29 de abril de 2005. O soldado americano era Wolfgang F. Robinow, da 42ª Divisão.
16. *Daily Telegraph*, 30 de abril de 1945.

17. Sigismund Payne Best, *The Venlo Incident*, p. 237. Nos relatos de Fey von Hassell, Sigismund Payne Best e Léon Blum sobre o tempo que passaram em Villabassa, há algumas pequenas inconsistências de datas. Aqui, me apoiei na cronologia apontada por Hans-Gunter Richardi, *SS — Geiseln in der Alpenfestung*, p. 218-222.

13. "A MORTE FUGIU"

1. Gerald Schwab, *OSS Agents in Hitler's Heartland*, passim.
2. Fred Warner, *Don't You Know There's a War On?*, p. 21-30.
3. Ibidem, p. 54.
4. Ibidem, p. 48-55; major A. W. Freud, "Before the Anti-Climax", memória datilografada inédita, 1993, Imperial War Museum, Londres, Papers of Major A. W. Freud, 6, item 2, p. 46-56. Verifiquei e complementei estes relatos pessoais com material dos Arquivos da SOE nos National Archives, Londres, especialmente HS 7/146, "Activities of X Section in Italy [sic]", apêndice A; "Interrogation of Lt. Bryant, Historian Party, Date 13 May 10.10 Hours", apêndice E do mesmo documento, também em HS 7/146. Ver também W. J. M. Mackenzie, *The Secret History of SOE 1940-1945*, p. 686-689.
5. Para as explorações do grupo de Bryant nas montanhas, ver HS 7/146, op. cit.
6. Rodney Minott, *The Fortress that Never Was*, p. 25.
7. Ibidem, p. 25, 38.
8. Peter Black, *Ernst Kaltenbrunner*, p. 238.
9. F. H. Hinsley, *British Intelligence in the Second World War*, vol. III, parte 2, p. 734-736.
10. HW/HW1/3747, National Archives, Kew.
11. O melhor relato em inglês é o de Henri A. van der Zee, *The Hunger Winter*.
12. Ver *The Times*, 25 de novembro de 2003.
13. Van der Zee, op. cit., p. 230.
14. Ibidem, p. 184.
15. Francis De Guignard, *Operation Victory*, p. 452.
16. Citado em David Kaufman e Michiel Horn, *A Liberation Album*, p. 105.
17. Van der Zee, op. cit., p. 257.
18. F. S. V. Donnison, *Civil Affairs and Military Government*, p. 148. Ver também *The Times*, 28 de maio de 1945.

14. "A BATALHA MAIS AMARGA"

1. Sou grato a Reg Roy por me fornecer tantos dos detalhes íntimos de seu tempo com os Cape Breton Highlanders que aparecem no texto. Essas informações vieram em grande parte de nossa troca de e-mails, mas também através de cópias de trechos de seu diário no campo de batalha e de cartas para a família.
2. Alex Morrison e Ted Slaney, *The Breed of Manly Men*, p. 6.
3. Terry Copp, "The Cruellest Month", *Legion Magazine* (Canadá), novembro/dezembro de 2003. Ver também, para a campanha e a batalha, seu *Cinderella Army*.
4. Baudouin Bollaert, "In the Tracks of Simenon to North Cape", *Le Figaro* (Paris), 26 de julho de 2001.
5. Para informações sobre Delfzijl durante a Segunda Guerra Mundial, sou grato ao historiador holandês Franz Lenselink por me ter guiado gentilmente pela cidade em abril de 2005. Baseei-me também em seu livreto *Delfzijl 1940-1945: Five Years of War and Occupation in Retrospect*, traduzido por George van Rossum (Delfzijl, 1998), para muitos dos detalhes que apresento aqui. Sou grato ainda a Monique Brinks, do Groningen Archiv, e ao professor Homme Wedman, da Universidade de Groningen, que me deram uma ajuda valiosa sobre a história da cidade durante a guerra.
6. M. R. D. Foot, *SOE in the Low Countries*, p. 85, 140.
7. J. Prosser, *Ashes in the Wind*, p. 57-58.
8. Para detalhes do ataque canadense em Delfzijl, ver a tese não publicada em livro de Daniel T. Byers, "Operation 'Canada': The Canadian Attack on Delfzijl, April 23-May 2, 1945", Wilfrid Laurier University, Waterloo, Ontário, abril de 1991, uma cópia da qual me foi gentilmente fornecida pelo professor Terry Copp, diretor do Centro de Estudos Militares, de Estratégia e Desarmamento da universidade. Recorri também a Douglas E. Delaney, *The Soldiers' General*, especialmente p. 343-392, assim como à história dos Dragões da Colúmbia Britânica narrada por Reg Roy em *Sinews of Steel*, p. 399-406, e a Morrison e Slaney, op. cit., p. 319-329.
9. Byers, op. cit., p. 9-10; Terry Copp, *Cinderella Army*, p. 309.

10. Diário de Roy, 21 de abril de 1945; cartas aos pais e a Ardith Christie, 7 de março de 1945.
11. Professor Homme Wedman, carta ao autor, 8 de julho de 2005.
12. Diário de Roy, 30 de abril de 1945.
13. Roy ao autor, e-mail, 13 de abril de 2005.
14. Roy ao autor, e-mails, 6 de abril de 2005 e 11 de dezembro de 2006; carta aos pais, 9 de maio de 1945.
15. Diário de Roy, 1º de maio de 1945.

15. LIDANDO COM NAZISTAS

1. Chester Wilmot, despacho de 30 de abril, citado em Desmond Hawkins (org.), *War Report*, p. 322-323.
2. George Blake, *Mountain and Flood*, p. 203-204.
3. Ibidem, p. 325-326.
4. “C” [o codinome tradicional do chefe do SIS — neste caso, sir Stewart Menzies] para o primeiro-ministro, 30 de abril de 1945, National Archives, Kew.
5. Ordem de Hitler para OKW, 17 de abril de 1945, em HW1/3709, National Archives, Kew.
6. Para o respeito de Churchill pelo poder da guerrilha e resistência atrás das linhas, ver David Stafford, *Churchill and Secret Service*, passim.
7. Para a ordem do dia de Kesselring, ver HW1/3794; mensagem de Dönitz de 1º de maio de 1945, HW1/3752, National Archives, Kew.
8. Gerald Posner, *Hitler's Children*, p. 136.
9. Corelli Barnett, *Engage the Enemy More Closely*, p. 852; ver também F. H. Hinsley, *British Intelligence in World War Two*, vol. III, parte 2, p. 625-641, e Andrew Williams, *The Battle of the Atlantic*, p. 284.
10. Karl Dönitz, *Memoirs*, p. 468.
11. Chester Wilmot, *The Struggle for Europe*, p. 689-693; para “rocha de resistência”, ver Williams, op. cit., p. 284; e Peter Padfield, *Doenitz*, p. 382-403.
12. Dönitz, op. cit., p. 445.
13. Bryan Samain, memorando ao autor, 27 de junho de 2003. Ver também seu *Commando Men*, p. 186-187.
14. Desmond Flower, *History of the Argyll and Sutherland Highlanders*, p. 369.
15. Samain ao autor, 27 de junho de 2003.
16. Sean Longden, *To the Victor the Spoils*, p. 86.
17. Samain ao autor, 27 de junho de 2003.
18. Samain, *Commando Men*, p. 187.
19. Para este relato do encontro de Mills-Robert com Milch, baseei-me na narrativa publicada em *Clash by Night*, assim como em seu depoimento

inédito e juramentado sobre o incidente, com data de 8 de agosto de 1969, Mill-Roberts Papers, Liddell Hart Centre for Military Archives, King's College, Londres. Ver também, na mesma coleção de arquivo, o testemunho de suas experiências em Neustadt por E. W. Ruston, de 12 de junho de 1969. Ambos os depoimentos foram colhidos durante uma disputa pela posse legítima do bastão de Milch, que Mills-Roberts havia mantido depois da guerra e que a família de Milch tentou (sem sucesso) recuperar por ação judicial. O breve relato na biografia de Milch, *Rise and Fall of the Luftwaffe*, de David Irving, p. 295-296, como citado no diário de Milch, omite qualquer referência a Mills-Roberts. Para uma descrição manuscrita deste último, ver Bryan Samain, "Derek Mills-Roberts (1909-1980)", em *Personal Encounters*, p. 81-84.

16. O CAP ARCONA

1. *Stern*, 17 de março de 1983.
2. A história de Michel Hollard, DSO, Croix de Guerre, é contada em George Martelli, *Agent Extraordinary*, especialmente p. 270-276.
3. *Ibidem*, p. 273.
4. *Stern*, op. cit.
5. *Titanic* (Alemanha, 1943), diretores Herbert Selpin e Werner Klinger, Tobis Productions para a UFA films.
6. Martelli, op. cit., p. 274.
7. Ver N^o 83 *Group Intelligence Summary N^o 138 up to 2359 hours 3rd May [1945], Part 1*, p. 1. Sou grato a Sebastian Cox, chefe do Air Historical Branch, Royal Air Force, Bentley Priory, Stanmore, Middlesex, por me fornecer uma cópia de seu relatório, assim como outros materiais e referências com relação ao episódio do *Cap Arcona*. O relatório original (AIR 25/707) pode ser encontrado nos National Archives, Kew.
8. Martelli, op. cit., p. 276.
9. Hans Arnoldsson, *Natt och dimma*, p. 156-165.
10. *Stern*, 3 de março de 1983.
11. Estas citações foram extraídas de entrevistas com pilotos sobreviventes da RAF para uma série de reportagens publicadas em 1983 pela revista *Stern* sobre o caso *Cap Arcona*. Em alguns detalhes importantes, entretanto, tais como as esquadrilhas responsáveis pelo ataque aos navios, a reportagem não é confiável. Ver *Stern*, vols. 10-15, sexta parte da série “*Cap Arcona*”, 3 de março-7 de abril de 1983. Ver também o *Sunday Telegraph* de 13 de março de 1983. Para um relato mais cuidadoso, ver o capítulo de Roy Nesbitt em seu livro *Failed to Return*, p. 170-178. Também recorri ao panfleto de 1992 de Wilhelm Lange, “*Cap Arcona*”, escrito para a cidade de Neustadt e disponível no Museu Cap Arcona da mesma localidade.
12. *Stern*, 24 de março de 1983.
13. *Ibidem*.
14. Do arquivo *Cap Arcona*, Air Historical Branch, Stanmore.
15. Para estes relatos pessoais, ver *ibidem*.

16. “Report on Investigations”, do major N. O. Till, oficial de investigações, N° 2 War Crimes Investigation Team Headquarters, British Army of the Rhine, WO 309/1592. National Archives, Kew.
17. *Stern*, 30 de março de 1983.
18. Citado em Michael Horbach, *Out of the Night*, p. 255.
19. Carta de F. G. Parson, ex-ADC do general sir Evelyn Barker, comandante da 8º Regimento do Exército britânico, *Daily Telegraph*, 10 de março de 1983; e Nesbitt, op. cit., p. 178.
20. Samain, carta ao autor, 27 de junho de 2003. Para um perfil de Jonghe, ver Ian Dear, *Ten Commando*, p. 182-183.
21. Carta não datada de um comandante de tanque (de nome desconhecido) da 11ª Divisão Blindada britânica no material sobre o *Cap Arcona* fornecido pelo Air Historical Branch, Royal Air Force.
22. Gerry Brent, “Brent’s Navy”, manuscrito inédito que me foi gentilmente oferecido por seu autor, que serviu no Comando 6 durante a Segunda Guerra Mundial; para o “brilho do fogo”, ver as memórias inéditas de outro soldado do Comando 6, anspeçada Cliff Morris, parte 2, p. 138, Mills-Roberts Papers, Liddell Hart Centre, King’s College, Londres.

17. "O BECO SEM SAÍDA DO REICH"

1. Para os canadenses em Wismar, ver *The 1st Canadian Parachute Battalion in the Low Countries and in Germany: Final Operations. Report N° 17, Historical Section (G.S.) Army Headquarters, Ottawa, 27 October 1947*, Diretório de História e Herança, Departamento de Defesa Nacional, Ottawa, especialmente p. 38-40. Para o despacho *War Report* de Wynford Vaughn Thomas, ver Desmond Hawkins (org.), p. 334.
2. Leonard Linton, "Kilroy Was Here", p. 109.
3. Ibidem, p. 112-113.
4. Ibidem, p. 112; James Megellas, *All the Way to Berlin*, p. 61.
5. Linton, op. cit., p. 115.
6. Megellas, op. cit., p. 264-265; Linton, op. cit., p. 104.
7. Philip Nordyke, *All American All the Way*, p. 751-752.
8. Citado em Antony Beevor, *Berlin*, p. 28.
9. Ibidem, p. 32-33.
10. Ibidem, p. 67.
11. Linton, op. cit., p. 147; Megellas, op. cit., p. 267.
12. Elizabeth Heinemann, *What Difference Does a Husband Make?*, p. 81; Beevor, op. cit., p. 412; Lynn Nicholas, *Cruel World*, p. 520.
13. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 183-184.
14. Sigismund Payne Best para Fey von Hassell, carta de 18 de maio de 1946, Fey von Hassell Collection, Brazzà, com agradecimentos a David Forbes-Watt; ver também von Hassell, op. cit., p. 285.
15. Léon Blum, *L'Oeuvre de Léon Blum*, p. 544; Sigismund Payne Best, *The Venlo Incident*, p. 247; von Hassell, op. cit., p. 186.
16. Ibidem.
17. Douglas Botting, *In the Ruins of the Reich*, p. 115-116.

18. A PILHAGEM DE HITLER

1. Ian Kershaw, *Hitler*, p. 834-835. Ver também Karl Doenitz, *Memoirs*, p. 449-466, e Peter Padfield, *Doenitz*, p. 413-421.
2. Kershaw, op. cit., p. 835.
3. Robert Reid, despacho nº 175, 1º de maio de 1945, Reid Papers; Charles Province, *Patton's Third Army*, p. 275.
4. Cartas de Vera para Robert Reid, 29 e 30 de abril de 1945, Reid Papers.
5. Martha Gellhorn, "Das Deutsches Volk", *Collier's*, 26 de maio de 1945.
6. Para Hitler, Linz e Bruckner, ver Frederic Spotts, *Hitler and the Power of Aesthetics*, p. 62, 87, 187-189, 204, 211-217, 240, 230-233 e 374-378; para "uma experiência estética transcendente", ver *ibidem*, p. 4; ver também Lynn Nicholas, *The Rape of Europe*, p. 41-49; também, *idem*, *Cruel World*, p. 423, onde se diz que a data é 12 de abril.
7. Reid, gravação teledifônica, 8 de maio de 1945, WRU 11313, Reid Papers; Reid, relato da gravação, 8 de maio de 1945, nº 185, loc. cit.; Robert Reid, *War Correspondent*, p. 88-94.
8. Fred Warner, *Don't You Know There's a War On?*, p. 55-60.
9. Para esta citação e a seguinte, ver *ibidem*, assim como o depoimento pós-missão de Bryant, intitulado "Interrogation of Lt. Bryant. Historian Party 13 May 1945", nos Arquivos da SOE, HS 7/146, National Archives, Kew, p. 1-29.
10. "Before the Anti-Climax", memórias de A. W. Freud, GB 62/6/2, Imperial War Museum, Londres, p. 57-61. Um breve relato da missão de Freud, escrito imediatamente após a sua conclusão, e incluindo o texto da mensagem de rádio que ele tentou enviar de Zeltweg, difere em vários aspectos do que ele escreveu em suas memórias. Esta é a fragilidade da memória. Esther Freud, em seu romance *The Sea House*, baseia ligeiramente a trajetória de guerra de seu personagem Lehmann nas experiências de Walter Freud com a SOE na Áustria.
11. Warner, op. cit., p. 63; ver também Bryant, op. cit. Para Globocnik, ver Michael Burleigh, *The Third Reich*, p. 584; e também Gita Sereny, *The German Trauma*, p. 195, 198.

12. Warner, op. cit., p. 66.
13. Catherine Merridale, *Ivan's War*, p. 141, 351.
14. Warner, op. cit., p. 67.
15. Citado em J. Bridgman, *The End of the Holocaust*, p. 133.
16. Alison Leslie Gold, *Fiet's Vase*, p. 12.
17. Para o que se segue, ver Nicholas, *The Rape of Europe*, p. 41-49 e 312-317.
18. Spotts, op. cit., p. 215-218; Nicholas, *Rape*, p. 143.
19. Nicholas, *ibidem*, p. 346-350.
20. Thomas C. Howe, *Salt Mines and Castles*, p. 143.
21. Nicholas, op. cit., p. 348.
22. *Ibidem*, p. 360.
23. *Ibidem*, p. 282. Ver também Anne Rothfeld, "Nazi Looted Art", *Prologue* (National Archives, Washington, DC), outono de 2002, vol. 34, nº 3.

19. "A MANHÃ ENFIM DESPONTOU"

1. Para isso e o que se segue, ver Robert Ellis, *See Naples and Die*, p. 210-230; John B. Woodruff, *History of the 85th Mountain Infantry Regiment*; Carl V. Cossin, *I Soldiered with America's Elite*, p. 75-88; e os relatórios matinais da Companhia "F", maio-julho de 1945, Biblioteca Pública de Denver.
2. *The Times*, 26 de maio de 1945.
3. Ellis, op. cit., p. 214.
4. Ibidem, p. 217.
5. Geoffrey Cox, *Race for Trieste*, p. 9.
6. Ibidem, p. 156-157; Robin Kay, *From Cassino to Trieste*, p. 532-585.
7. Geoffrey Cox, carta à sua esposa, 6 de maio de 1945, Biblioteca Alexander Turnbull, Wellington, Nova Zelândia, 2003-005-4/14.
8. Kay, op. cit., p. 542-543.
9. Cox, op. cit., p. 205.
10. "Conference held at main 2NZ Div. at 0830 Hrs, 4th May 1945", Cox Papers, Kippenberger Military Archive, Waiouru, Nova Zelândia. Ver também Kay, op. cit., p. 555-556, e Robert Rabal, "A Hell of a Way to End a War", em John Crawford (org.), *Kia Kaha*, p. 276-288.
11. *The Times*, 15 de maio de 1945.
12. Claudio Magris, *Microcosms*, p. 103; e Cox, op. cit., p. 158. Ver também Franklin Lindsay, *Beacons in the Night*, p. 291-312.
13. Michael Burleigh, *Death and Deliverance*, p. 237; também, Glenda A. Sluga, "The Risiera di San Sabba: Fascism, Anti-Fascism and Italian Nationalism", *Journal of Italian Studies*, vol. 1, nº 3, p. 401-412; e *Risiera di San Sabba: Monumento Nazionale*, guia publicado pela Comune di Trieste.
14. "Quislings in Trieste", *The Times*, 21 de maio de 1945. Para "cavalo de Troia", ver Harry Coles e Albert Weinberg, *Civil Affairs*, p. 599.
15. Cox, op. cit., p. 18, 150-157, 207.
16. Ibidem, p. 245; Kay, op. cit., p. 558.
17. O relato que se segue foi baseado nos vários testemunhos encontrados no arquivo FO 371/48953, "Venezia Giulia: Yugoslav Atrocities — Investigating Committee Report, 27/9/45, Part 2, Appendix A, 'Foibes'",

National Archives, Kew. Por ocasião deste relatório, oito cadáveres completos e muitas partes desprendidas de outros corpos foram trazidos à superfície. Um corpo era o de um civil; os outros sete, de soldados alemães.

18. John Shillidy ao autor, 19 de janeiro de 2005.

19. Cox, op. cit., p. 231.

20. David Irving, *Göring*, p. 21.

21. Ibidem, p. 475.

22. Ver documentos 37-39 em *The Papers of Dwight David Eisenhower, Occupation, 1945*, vol. VI, p. 39-44.

20. O DIA DA VITÓRIA NA EUROPA

1. Juliet Gardiner, *Wartime*, p. 573. Para o relato do Dia da Vitória, recorri aos livros de Angus Calder, Maureen Waller e Russell Miller listados na Bibliografia. Ver também a obra abrangente de Martin Gilbert, *The Day the War Ended*, passim.
2. Gardiner, op. cit., p. 576.
3. Diário de Reg Roy, 2-14 de maio de 1945, e carta aos pais, 9 de maio de 1945, Roy Papers.
4. Robert Reid, entrevista da BBC com B. Whitaker, 30 de maio de 1945, Reid Papers.
5. *Scotsman*, 8 de maio de 1945.
6. Para um resumo do trabalho dos Monuments Men, ver Anne Rothfeld, “Nazi Looted Art: The Holocaust Records Preservation Project, Part 2”, *Prologue*, outono de 2002, vol. 34, nº 3.
7. Walter Hancock, “Experiences of a Monuments Officer in Germany”, *College Art Journal*, vol. V, nº 4, maio de 1946, p. 295.
8. Ibidem, p. 297. Ver também Lynn Nicholas, *The Rape of Europe*, p. 338-339.
9. Ver Anton Joachimsthaler, *The Last Days of Hitler: The Legends, the Evidence, the Truth*, especialmente p. 231-236; *The Times*, 9 de julho de 1945.
10. Citado em Benjamin B. Fischer, “The Hitler Archive... at Last”, *Intelligence and National Security*, vol. 16, nº 4, inverno de 2001, p. 238-247.
11. Hans Frederik Dahl, *Quisling*, p. 354-383.
12. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 2-3, 33.
13. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 2-3, 33.
14. Para a *Oberschule* de Feldafing, ver Lynn Nicholas, *Cruel World*, p. 118-123.
15. Diário de Francesca Wilson, 31 de maio de 1945. Sou profundamente grato à sobrinha de Francesca Wilson, June Horder, por me ceder cópias de remanescentes dos arquivos de sua tia que estavam em seu poder. A maior parte dos relatos de seu trabalho em Feldafing é baseada em Wilson, op. cit., p. 31-58. Para Salônica, ver Mark Mazowar, *Salonica*, p. 392-411.
16. Bryan Samain, nota ao autor, 23 de junho de 2005.
17. Ibidem, e David Young, *Four Five*, p. 123-127.

18. Samain, op. cit. Para os prisioneiros de guerra alemães em Schleswig-Holstein, ver *The Times*, 21 de maio de 1945; e para o arquivo político de Eutin, ver Lawrence D. Stokes, “Conservative Opposition to Nazism in Eutin, Schleswig-Holstein, 1932-1933”, em Francis R. Nicosia e Lawrence Stokes (orgs.), *Germans against Nazism*, p. 37-57.
19. Major-general J. B. Churcher, “A Soldier’s Story”, manuscrito no Liddell Hart Centre for Military Archives, King’s College, Londres, p. 74-78.
20. Peter Padfield, *Doenitz*, p. 423-433; Earl M. Ziemke, *The US Army in the Occupation of Germany*, p. 262; Joachim Fest, *Speer*, p. 277.
21. *Ibidem*, p. 275, 277-278.
22. Padfield, op. cit., p. 423-424.
23. Para o que se segue, baseei-me no artigo de Chris Madsen, “Victims of Circumstance: The Execution of German Deserters by Surrendered German Troops under Canadian Control in Amsterdam, May 1945”, *Canadian Military History*, vol. 2, nº 1, primavera de 1993, p. 93-113. Blaskowitz cometeu suicídio em 1948, antes de ser julgado no tribunal de Nuremberg por crimes de guerra.

21. "FORTUNA NEM SEMPRE É ALEGRIA"

1. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 184-192; Sigismund Payne Best, *The Venlo Incident*, p. 238; Fey von Hassell, carta a Payne Best, 14 de dezembro de 1945, Payne Best Papers, Imperial War Museum, Londres.
2. Von Hassell, op. cit., p. 187.
3. Ibidem, p. 187-188.
4. Ibidem, p. 54.
5. Ibidem, p. 189. Ver também sua carta a Payne Best de 28 de julho de 1946, Payne Best Papers, loc. cit. Para um relato abrangente das ligações de Philipp de Hesse com os nazistas, ver Jonathan Petropoulos, *Royals and the Reich*, passim.
6. Payne Best, op. cit., p. 252.
7. Von Hassell, op. cit., p. 191.
8. Ibidem.
9. Ibidem, p. 190-192. Ver também carta a Payne Best de 28 de julho de 1946, Payne Best Papers, loc. cit.
10. Francesca Wilson, *Advice to Relief Workers*, p. 6-7.
11. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 54.
12. Citado por Francesca Wilson numa conferência sobre Questões Mundiais datada de 11 de janeiro de 1950, em seus arquivos.
13. Diário de Francesca Wilson, 31 de maio de 1945, excerto de propriedade de June Horder, a quem muito agradeço.
14. Michael Burleigh, *Death and Deliverance in Nazi Germany*, especialmente p. 240-242; Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide*, p. 162-163; Lynn Nicholas, *Cruel World*, p. 38-54.
15. Ibidem, p. 3
16. Ibidem, p. 4-5. Ver também *The Times*, 5 de julho de 1945.
17. Nicholas, op. cit., p. 5.
18. Para um relato sobre o suicídio de Hitler e o mito do pós-guerra de que ele havia sobrevivido, ver Gita Sereny, *The German Trauma*, p. 200-215.
19. A narrativa que se segue está baseada no material dos arquivos do Intelligence Corps Museum, Chicksands, Bedfordshire, e no artigo

- “Himmler’s Suicide”, de John Hillyer-Funke e Winston Ramsay, em *After the Battle*, nº 14, 1975.
20. Nota de 3 de maio de 1945, como registrada em “The Private Thoughts of a Public Man”, *New York Times*, 22 de janeiro de 2006. Para Churchill e a execução sumária de nazistas de alta patente, ver Ariele Kochavi, *Prelude to Nuremberg*, p. 74.
21. Ver Desmond Hawkins (org.), *War Report*, p. 38.
22. Diário de James Gavin, 3 de maio de 1945, citado em Philip Nordyke, *All American All the Way*, p. 752.
23. Leonard Linton, “Kilroy Was Here”, p. 140.
24. *Ibidem*, p. 148.
25. *Ibidem*, p. 156.

22. "UMA COMÉDIA GROTESCA"

1. Para a história da prisão de Dönitz, ver major-general J. B. Churcher, "A Soldier's Story", memória datilografada, Liddell Hart Centre for Military Archives, King's College, Londres, p. 74-81; também Earl Ziemke, *The US Army in the Occupation of Germany*, p. 260-263; Peter Padfield, *Doenitz*, p. 424-435; Marlis G. Steinert, *Capitulation*, passim.
2. Joachim Fest, *Speer*, p. 280.
3. Churchill ao Ministério das Relações Exteriores, citado em Marlis G. Steinert, "The Allied Decision to Arrest the Doenitz Government", *Historical Journal*, vol. 31, nº 3, setembro de 1988, p. 656; Earl Ziemke, *The US Army in the Occupation of Germany*, p. 262, n. 23.
4. Steinert, *Capitulation*, p. 271-275.
5. Ibidem, p. 212-213.
6. *The War Illustrated*, nº 207, 25 de maio de 1945.
7. David Stafford (org.), *Flight From Reality*, passim.
8. Richard Overy, *Interrogation*, p. 32; Arie Kochavi, *Prelude to Nuremberg*, p. 74. Para o que se segue, ver também Joe Heydecker, *The Nuremberg Trials*, p. 1-42.
9. Anne Tusa e John Tusa, *The Nuremberg Trial*, p. 40.
10. Henri van der Zee, *The Hunger Winter*, p. 274.
11. Para a captura de Joyce, ver Adrian Weale, *Renegades*, p. 171-173. Sobre Geoffrey Perry, ver Lesley Chamberlain, "Malice through the Looking Glass", *Financial Times Magazine*, 28 de fevereiro de 2004, p. 22-25.
12. Weale, op. cit., p. 54; Rebecca West, *The New Morning of Treason*, p. 93.
13. Para Amery, ver Weale, op. cit., p. 47-62, e West, op. cit., p. 91-108. Também, Adrian Weale, *Patriotic Traitors*, p. 149.
14. C. David Heymann, *Ezra Pound*, p. 149.
15. Ibidem, p. 160. Para as atividades de Pound durante a guerra, ver Peter Ackroyd, *Ezra Pound and His World*, p. 85-87; Charles Norman, *Ezra Pound*, p. 386-405; Noel Stock, *The Life of Ezra Pound*, p. 392-415; John Tytell, *Ezra Pound*, p. 268-278.
16. John B. Woodruff, *History of the 85th Mountain Infantry Regiment*, p. 70.

17. Geoffrey Cox, *The Race for Trieste*, p. 254.
18. Harold Macmillan, *The Blast of War*, p. 701; Alfred Connor Bowman, *Zones of Strain*, p. 19-20.
19. C. R. S. Harris, *Allied Military Administration of Italy*, p. 295-316; Luca Alessandrini, “The Option of Violence — Partisans Activity in the Bologna Area 1945-1948”, em Jonathan Dunnage (org.), *After the War*, p. 58-74. Para uma discussão da historiografia do período 1943-1945, ver Richard Bosworth, *The Italian Dictatorship*, p. 180-204.
20. Roy Palmer Domenico, *Italian Fascists on Trial*, p. 144; Harris, op. cit., p. 305.
21. Sir Noel Charles, Roma, para o Ministério das Relações Exteriores, 11 de maio de 1945, National Archives, Kew.
22. Sir Noel Charles, Roma, para o Ministério das Relações Exteriores, 16 e 25 de maio de 1945, loc. cit.
23. *The War Illustrated*, nº 207, 25 de maio de 1945.

23. "UMA CORTINA DE FERRO"

1. Herbert Feis, *Between War and Peace*, p. v.
2. Para o telegrama de Churchill a Truman, ver Martin Gilbert, *Winston S. Churchill 1945-1965: "Never Despair"*, p. 6-7; para a preocupação do primeiro-ministro britânico com a França e a Alemanha, ver sua mensagem a Eisenhower de 9 de maio, citada em *Triumph and Tragedy*, volume de suas memórias de guerra, p. 490.
3. Gilbert, op. cit., p. 17.
4. Fred Warner, *Don't You Know There's a War On?*, p. 66.
5. Ibidem, p. 69. Ver também "Interrogation of Lt. Bryant, Historian Party, 13 May 1945", HS 7/146, National Archives, Kew, p. 15, 20.
6. Warner, op. cit., p. 73.
7. Ibidem, p. 74.
8. Citado em Douglas Botting, *In the Ruins of the Reich*, p. 124.
9. Warner, op. cit., p. 73.
10. Ibidem, p. 74.
11. Nicholas Bethell, *The Last Secret*, p. 166.
12. Botting, op. cit., p. 127-128; Warner, op. cit., p. 74. Ver também Christopher Booker, *A Looking-Glass Tragedy*, passim.
13. Warner, op. cit., p. 75.
14. John Imbrie ao autor, 11 de julho de 2005.
15. McKay Jenkins, *The Last Ridge*, p. 251-252.
16. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 55; e Diário, 31 de maio de 1945.
17. Ibidem; sobre emprego, ver George Woodbridge, *UNRRA*, vol. II, p. 519.
18. Wilson, op. cit., p. 65.
19. Ver ibidem, p. 71, 80-83; e, em seu diário, as entradas de 11 e 17 de junho de 1945.
20. Ibidem, 17 de junho de 1945.
21. Mark Wyman, *DPs*, p. 62-63; Wilson, Diário, 31 de maio de 1945. Para UNRRA e repatriamento, ver Woodbridge, op. cit., vol. II, p. 473-474.
22. Citado em James Lucas, *Last Days of the Reich*, p. 77.

23. Eagle Glassheim, “The Mechanics of Ethnic Cleansing: The Expulsion of Germans from Czechoslovakia 1945-1947”, em Philipp Ther e Ana Siljak (orgs.), *Redrawing Nations*, p. 209. Para outros relatos, ver Alfred de Zayas, *Nemesis at Potsdam*, especialmente p. 104-120; e Pertti Ahonen, *After the Expulsion*, p. 15-24.
24. Glassheim, op. cit., p. 207.
25. Wilson, Diário, 11 de junho de 1945.
26. Paul Kemp, “The British Army and the Liberation of Bergen-Belsen”, em Joanne Reilly et alii (orgs.), *Belsen in History and Memory*, p. 144.

24. "VOCÊ PERDIA PESSOAS ENQUANTO GANHAVA A LIBERDADE"

1. Robert Reid, "Postscript on Germany", *Yorkshire Post*, 26 de junho de 1945, Reid Papers.
2. Robert Reid, "A Journey by Jeep", *Manchester Guardian*, 19 de junho de 1945, Reid Papers.
3. Robert Reid, "Glimpse of Paris Scene", *Yorkshire Observer*, 5 de março de 1945.
4. Robert Reid, entrevista com B. Whittaker, 30 de maio de 1945, Reid Papers.
5. Henry van der Zee, *The Hunger Winter*, p. 286.
6. David Kaufman e Michiel Horn, *A Liberation Album*, p. 112.
7. Ibidem, p. 117.
8. Ibidem, p. 120.
9. Para os colaboracionistas, ver Henry L. Mason, *The Purge of the Dutch Quiling*, passim; Peter Romijn, "'Restoration of Confidence': The Purge of Local Government in the Netherlands as a Problem of Postwar Reconstruction", em Istvan Deak et alii (orgs.), *The Politics of Retribution in Europe*, p. 173-193. Para Groningen, ver o livreto escrito para acompanhar a exposição "From Me to May: The First Year after the War in Groningen", realizada em 2005 no Museu da Universidade de Groningen. Agradeço a curadora da exposição, Monique Brinks, por me fornecer uma cópia do livro e por conversar comigo sobre a exposição.
10. Peter Romijn, "The Synthesis of the Political Order and the Resistance Movement in the Netherlands in 1945", em Gill Bennett (org.), *The End of the War in Europe 1945*, p. 139-147.
11. Citado em Kaufman e Horn, op. cit., p. 147-148.
12. Para o que se segue, baseei-me em ibidem, especialmente p. 129-164, e em Michel Horn, "More than Cigarettes, Sex and Chocolate: The Canadian Army in the Netherlands, 1944-1945", *Journal of Canadian Studies*, vol. 16, nºs 3 e 4, outono/inverno de 1981, p. 156-173.
13. Kaufman e Horns, op. cit., p. 147-148.
14. Ibidem, p. 138; e Horn, op. cit., p. 167.
15. Ibidem, p. 168.

16. Ver cartas de Reg Roy aos seus pais e a sua irmã de 2, 3, 5 e 7 de julho de 1945, Roy Papers.
17. Perry Biddiscombe, *The Last Nazis*, p. 205, 235.
18. *Evening Citizen*, 15 de junho de 1945. Para detalhes da captura de Ribbentrop, ver Joe Heydecker, *The Nuremberg Trials*, assim como os arquivos da segurança de campo no Intelligence Corps Museum, Chicksands, Bedfordshire.
19. Philip Hamburger, “Letter from Rome”, 8 de maio de 1945, *The New Yorker*, 19 de maio de 1945.
20. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 193-194.
21. Fey von Hassell em conversa com o autor, Roma, junho de 2005.
22. Lynn Nicholas, *Cruel World*, p. 518-519.
23. Para a procura dos meninos, ver von Hassell, op. cit., p. 193-204.

25. BERLIM: CIDADE CINZA

1. Diário de Francesca Wilson, s.d. (julho de 1945).
2. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 111-115.
3. Para Keegan, ver Ladislav Farago, *The Last Days of Patton*, p. 73-145; para a discussão com Eisenhower, ver Stephen Ambrose, *Eisenhower: Soldier, General of the Army*, p. 423.
4. Gottfried R. Bloch, *Unfree Association*, p. 236. Sou grato a Frank Bright por me chamar a atenção para este livro.
5. Wilson, op. cit., p. 116-117. Ver também John Bridgman, “Dachau”, idem, em *The End of the Holocaust*, p. 72-73.
6. Citado em Geoffrey Cox, *The Race for Trieste*, p. 260.
7. Robin Kay, *From Cassino to Trieste*, p. 565.
8. *13 Corps Periodical Intelligence Summary* Nº 4, 9 de julho de 1945, Intelligence Corps Museum, Chicksands, Bedfordshire.
9. Sarah Morgan, “The Schio Killings: A Case Study of Partisan Violence in Post-War Italy”, *Modern Italy*, vol. 6, nº 2, 2000, p. 147-160; também a réplica de Osvaldo Croci, “Guilt, Context and the Historian: Debating the Schio Massacre”, *Modern Italy*, vol. 6, nº 2, 2001, p. 223-231. Muitos acusados pelo massacre fugiram para a Iugoslávia. Vários outros foram levados a julgamento numa corte militar aliada, e três deles receberam sentenças de morte (mais tarde canceladas).
10. Carta a seus pais, 1º de julho de 1945, em Robert Ellis, *See Naples and Die*, p. 224-225. Suas cartas são um corretivo valioso para a afirmação de Paul Fussell em *Wartime* de que as cartas dos soldados para casa não fornecem uma visão realista da batalha.
11. Ver os relatórios matinais da Companhia “F” do 85º Regimento em maio-julho de 1945, especialmente os de 8, 15 e 27 de junho.
12. Carta para a família, 17 de junho de 1945, em Ellis, op. cit., p. 222.
13. Trecho de diário, 14 de junho, em idem, p. 221.
14. Robert Reid para Vera, 9 de maio de 1945; Vera para Robert, 14 de maio de 1945, Reid Papers.

15. Citado em Matthew Utley, “Operation ‘Surgeon’ and Britain’s Post-War Exploitation of Nazi German Aeronautics”, *Intelligence and National Security*, vol. 17, nº 2, verão de 2002, p. 1.
16. Para os Aliados e a ciência alemã, ver Michel Bar-Zohar, *The Hunt for German Scientists*, e Tom Bower, *The Paperclip Conspiracy*, passim. Um relato americano recente pode ser encontrado em Wolfgang Samuel, *American Raiders*. Para von Braun, ver Dennis Piskiewicz, *Wernher von Braun*, passim.
17. Osmar White, despacho de Berlim, 3 de julho de 1945, em idem, *Conqueror’s Road*, p. 119. Para detalhes mais completos da entrada do Exército dos Estados Unidos na cidade, ver US Headquarters Berlin District e HQ First Airborne Army, *History and Report of Operations 8 May-31 December 1945*, parte 2, 27 de junho de 1946, p. 1-13. Também Leonard Linton, “Kilroy Was Here”, p. 163-165; e James Megellas, *All the Way to Berlin*, p. 272.
18. James P. O’Donnell, *The Bunker*, p. 7.
19. “British in Berlin”, *The Times*, 4 de julho de 1945; “Union Jack Flies over Berlin”, *The Times*, 7 de julho de 1945.
20. Linton, op. cit., p. 166-171.
21. *The Times*, 5 de julho de 1945.
22. Richard Brett-Smith, *Berlin ’45*, p. 88.
23. W. Byford Jones, *Berlin Twilight*, p. 34-38.
24. Ibidem.
25. Douglas Botting, *In the Ruins of the Reich*, p. 192.

26. SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1945

1. Gregor Dallas, *Poisoned Peace*, p. 527.
2. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 118.
3. Ibidem, p. 122.
4. Ibidem, p. 127.
5. “Big Cuts in UNRRA supplies”, *The Times*, 11 de julho de 1945.
6. F. S. V. Donnison, *Civil Affairs*, p. 355-357.
7. Reg Roy a seus pais, duas cartas de 22 de julho de 1945.
8. Para isso e o que se segue, ver Robert Ellis, *See Naples and Die*, p. 227-235.
9. Para isso e o que se segue, ver Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 205-208.
10. Ibidem, p. 207.
11. Para isso e o que se segue, ver Bryan Samain, carta e documento anexo para o autor, 13 de maio de 2006.
12. Leonard Linton, “Kilroy Was Here”, p. 191.
13. Philip Windsor, *City on Leave*, p. 32-48; Donnison, op. cit., p. 240.
14. Earl Ziemke, *The US Army in the Occupation of Germany*, p. 321.
15. Donnison, op. cit., p. 238.
16. Ziemke, op. cit., p. 321-324.
17. *The Times*, 9 de julho de 1945.
18. Donnison, op. cit., p. 240-241.
19. *The Times*, loc. cit.; ver também Donnison, op. cit., p. 238-239.
20. *New York Times*, 16 de julho de 1945.
21. Stephen Ambrose, *Eisenhower*, p. 420.
22. Forrest Pogue, *The Supreme Command*, p. 515.
23. Richard Overy, *Interrogations*, p. 60-61; Anne Tusa e John Tusa, *The Nuremberg Trials*, p. 44.
24. Charles L. Mee, *Meeting at Postdam*, p. 49.
25. Mary Soames, *Clementine Churchill*, p. 384; idem (org.), *Speaking for Themselves*, p. 532.
26. Charles L. Mee, op. cit., p. 82; Harry S. Truman, *Memoirs*, vol. 1, p. 82; David McCullough, *Truman*, p. 413-416.

27. Winston Churchill, *Triumph and Tragedy*, p. 539; Douglas Botting, *World War II*, p. 40-41; Joan Bright Astley, *The Inner Circle*, p. 218-219; “Opening of Potsdam Conference”, *The Times*, 17 de julho de 1945; Lord Moran, *Churchill*, p. 291; para as citações de Olive Christopher, ver Joanna Moody, *From Churchill's War Rooms*, citado no *Daily Telegraph* de 19 de fevereiro de 2007, p. 19.

27. "OUTROS MONSTROS EM OUTRAS TOCAS"

1. *The Times*, 17 de julho de 1945.
2. Osmar White, *Conqueror's Road*, p. 136.
3. W. Byford Jones, *Berlin Twilight*, p. 56.
4. Douglas Botting, *In the Ruins of the Reich*, p. 142.
5. *Ibidem*, p. 143-144.
6. Conde Folke Bernadotte, *Instead of Arms*, p. 75; ver também p. 80-81.
7. Conde Folke Bernadotte, *The Fall of the Curtain*, p. 82; e *idem*, *Instead of Arms*, p. 63.
8. British Council of Churches, *The German Reaction to Defeat*, cópia encontrada com o diário de guerra do reverendo David Cairns na coleção de documentos da Biblioteca Nacional da Escócia, referência nº ACC 5932.
9. Alan Moorehead, "Not One German Has Any Feeling of Guilt", *Daily Express*, 22 de abril de 1945; Anne Matheson, "These Women Have No Pity but for Themselves", *Evening Standard*, 30 de abril de 1945.
10. Citado em Josef Foschepoth, "German Reaction to Defeat and Occupation", em Robert G. Moeller (org.), *West Germany under Construction*, p. 73.
11. Perry Biddiscombe, *The Last Nazis*, p. 235.
12. Leonard Mosley, *Report from Germany*, p. 117.
13. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 67.
14. Botting, *op. cit.*, p. 105; Biddiscombe, *op. cit.*, p. 195, 235-236.
15. Ver Frank Stern, "The Historic Triangle: Occupiers, Germans and Jews in Postwar Germany", em Moeller, *op. cit.*, p. 207; e Constantine Goshler, "The Attitude towards Jews in Bavaria after the Second World War", em *idem*, p. 232.
16. Ver Lawrence D. Stokes, "Conservative Opposition to Nazism in Eutin, Schleswig-Holstein, 1932-1933", em Francis R. Nicosia e Lawrence D. Stokes (orgs.), *German against Nazism*, p. 49-50, 52. Na ocasião do escrito, no 68º aniversário da Kristallnacht, uma pesquisa de opinião na Alemanha revelou que 18% de seus cidadãos acreditavam que a influência dos judeus "é muito grande". Ver *The Times*, 10 de novembro de 2006.

17. Para um exemplo nítido e recente da vigorosa sobrevivência do sentimento e da lealdade nazistas na Áustria, ver o extraordinário relato do jornalista Martin Pollack em *The Dead Man in the Bunker*, sobre a busca pela verdade a respeito de seu pai.
18. *The Times*, 17 de julho de 1945.
19. *Ibidem*, 14 de julho de 1945.
20. Citado em David Ellwood, *Italy 1943-1945*, p. 198.
21. Sergio Luzzato, *The Body of Il Duce*, p. 99-116.
22. Ver Benjamin. B. Fischer, “The Hitler Archive... at Last”, *Intelligence and National Security*, vol. 16, nº 4, inverno de 2001, p. 238-247; e Anton Joachimsthaler, *The Last Days of Hitler*, p. 22-28.
23. Byford-Jones, *op. cit.*, p. 83.
24. Sir Norman Birkett, citado em Michael Marrus, *The Nuremberg War Crimes Trial 1945-46*, p. 103.
25. David Irving, *Göring*, p. 508.
26. Leonard Mosley, *The Reich Marshal*, p. 358; para a possível alternativa de Dachau, ver Anne Tusa e John Tusa, *The Nuremberg Trial*, p. 486.
27. *Ibidem*, p. 42.
28. Biddiscombe, *op. cit.*, p. 235.

Epílogo: O que aconteceu com eles?

1. Fred Warner, *Don't You Know There's a War On?*, p. 80.
2. As informações foram extraídas de *ibidem*; de uma entrevista com Fred Warner em Hamburgo, em 2005; e também de uma carta de Annette Warner ao autor, em 5 de janeiro de 2007.
3. Francesca Wilson, *Aftermath*, p. 147.
4. Ver Francesca Wilson, *A Life of Service and Adventure*, parte 2, p. 13.
5. Como narrado em Geoffrey Cox, *A Tale of Two Battles*.
6. Nota de 28 de setembro de 1945, Cox Papers.
7. Robert Reid, "Broken Dreams", *Manchester Guardian*, 31 de janeiro de 1946, Reid Papers.
8. Fey von Hassell, *A Mother's War*, p. 208.
9. *Ibidem*, p. 210.
10. *Ibidem*, p. 212-213.
11. *Ibidem*, p. 225. Ver também carta a Sigismund Payne Best de julho de 1946, Best Papers, Imperial War Museum, Londres.

BIBLIOGRAFIA

- Ackroyd, Peter. *Ezra Pound and His World*. Londres: Thames and Hudson, 1980.
- Ahonen, Pertti. *After the Expulsion: West Germany and Eastern Europe, 1945-1990*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- Almond, Gabriel A. (org.) *The Struggle for Democracy in Germany*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1949.
- Ambrose, Stephen E. *Eisenhower: Soldier, General of the Army, President-Elect 1890-1952*. Nova York: Simon and Schuster, 1983.
- _____. *The Victors: Eisenhower and His Boys: The Men of World War II*. Nova York: Simon and Schuster, 1998.
- _____. *Eisenhower and Berlin 1945: The Decision to Halt at the Elbe*. Nova York: W. W. Norton and Company, 2000.
- _____. *Wild Blue: 741 Squadron — On a Wing and a Prayer over Occupied Europe*. Londres: Pocket Books, 2002.
- Annan, Noel. *Changing Enemies*. Londres: HarperCollins, 1995.
- Anônimo. *A Woman in Berlin*. Tradução de Philip Boehm. Londres: Virago, 2005.
- Ashman, Charles e Wagman, Robert. *Nazi Hunters*. Nova York: Pharos Books, 1988.
- Astley, Joan Bright. *The Inner Circle*. Londres: Hutchinson, 1971.
- Backer, John H. *Priming the German Economy: American Occupational Policies 1945-48*. Durham, NC: Duke University Press, 1971.
- Bainton, Roy. *The Long Patrol*. Edimburgo: Mainstream, 2003.
- Balfour, Michael. *Four Power Control in Germany and Austria 1945-6*. Oxford: Oxford University Press, 1956.
- Barnett, Corelli. *Engage the Enemy More Closely: The Royal Navy in the Second World War*. Londres: Penguin, 2000.

- Barnouw, Dagmar. *Germany 1945: Views of War and Violence*. Bloomington/Indianápolis: Indiana University Press, 1996.
- Bar-Zohar, Michel. *The Hunt for German Scientists*. Londres: Arthur Baker, 1967.
- Beevor, Antony. *Berlin: The Downfall 1945*. Londres: Viking, 2002.
- Beevor, Antony e Cooper, Artemis. *Paris after the Liberation 1944-1949*. Londres: Penguin, 1995.
- Bennett, Gill (org.). *The End of the War in Europe 1945*. Londres: HMSO, 1996.
- Bentwich, Norman de Mattos. *I Understand the Risks: The Story of the Refugees from Nazi Oppression Who Fought in the British Forces in the World War*. Londres: Victor Gollancz, 1950.
- Bernadotte, Count Folke. *The Fall of the Curtain: Last Days of the Third Reich*. Londres: Cassell and Company, 1945.
- _____. *Instead of Arms*. Londres: Hodder e Stoughton, 1949.
- Beschloss, Michael. *The Conquerors: Roosevelt, Truman, and the Destruction of Hitler's Germany 1941-1945*. Nova York: Simon and Schuster, 2002.
- Best, Sigismund Payne. *The Venlo Incident*. Londres: Hutchinson, 1950.
- Bethell, Nicholas. *The Last Secret, Forcible Repatriation to Russia 1944-1947*. Londres: Penguin, 1995.
- Bethge, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer*. Londres: Collins, 1977.
- Bezymenski, Lev. *The Death of Adolf Hitler: Unknown Documents from the Soviet Archives*. Londres: Michael Joseph, 1968.
- Biddiscombe, Perry. *The Last Nazis: SS Werewolf Guerrilla Resistance in Europe 1944-1947*. Stroud: Tempus, 2004.
- Black, Peter R. *Ernst Kaltenbrunner, Ideological Soldier of the Third Reich*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984.
- Blair, Clay. *Ridgway's Paratroopers: The American Airbone in World War II*. Nova York: Dial Press/Doubleday, 1985.
- _____. *Hitler's U-Boat War: The Hunted 1942-1945*. Nova York: Random House, 1998.
- Blake, George. *Mountain and Flood: The History of the 52nd Lowland Division*. Glasgow: Jackson, Son & Co., 1950.
- Blaxland, Gregory. *Alexander's Generals: The Italian Campaigns 1944-5*. Londres: William Kimber, 1979.
- Bloch, Gottfried R. *Unfree Associations: A Psychoanalyst Recollects the Holocaust*. Los Angeles, CA: Red Hen Press, 1999.

- Blum, Léon. *L'Oeuvre de Léon Blum: Mémoires, la prison et le procès, l'échelle humaine 1940-1945*. Paris: Albin Michel, 1955.
- Blumenson, Martin. *Patton: The Man behind the Legend 1885-1945*. Nova York: William Morrow, 1985.
- _____. *The Patton Papers 1885-1940, e 1940-45*. Nova York: Da Capo Press, 1996 (publicados pela primeira vez em 1972 e 1974).
- Booker, Christopher. *A Looking-Glass Tragedy: The Controversy over the Repatriations from Austria in 1945*. Londres: Duckworth, 1997.
- Bosworth, Richard. *The Italian Dictatorship: Problems and Perspectives in the Interpretation of Mussolini and Fascism*. Londres: Arnold, 1998.
- _____. *Mussolini*. Londres: Arnold, 2002.
- Botting, Douglas. *World War II: The Aftermath: Europe*. Nova York: Time-Life Books, 1983.
- _____. *In the Ruins of the Reich*. Londres: Allen and Unwin, 1985.
- Bower, Tom. *The Pledge Betrayed: America and Britain and the Denazification of Postwar Germany*. Garden City, NY: Doubleday, 1982.
- _____. *Klaus Barbie*. Londres: Corgi, 1985.
- _____. *The Paperclip Conspiracy: The Battle for the Spoils and Secrets of Nazi Germany*. Londres: Michael Joseph, 1987.
- _____. *Blind Eye to Murder*. Londres: Warner Books, 1997.
- Bowman, Alfred Connor. *Zones of Stain: A Memoir of the Early Cold War*. Stanford, CA: Hoover Institution Press, 1982.
- Bradley, Omar N. *A Soldier's Story*. Nova York: Henry Holt and Company, 1951.
- _____ e Blair, Clay. *A General's Life*. Nova York: Simon and Schuster, 1983.
- Breitman, Richard et alii. *US Intelligence and the Nazis*. Washington, DC: National Archives Trust Fund Board, 2004.
- Brett-Smith, Richard. *Berlin '45: The Grey City*. Londres: Macmillan, 1966.
- Bridge, Ann. *Portrait of My Mother*. Londres: Chatto and Windus, 1955.
- Bridgman, J. *The End of the Holocaust: The Liberation of the Camps*. Londres: Batsford, 1990.
- British Council of Churches. *The German Reaction to Defeat*. Londres: British Council of Churches, 1945.
- Burke, Carolyn. *Lee Miller: A Life*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2005.
- Burleigh, Michael. *Death and Deliverance: Euthanasia in Germany 1900-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- _____. *The Third Reich: A New History*. Londres: Pan Heinemann, 2001.
- Burney, Christopher. *The Dungeon Democracy*. Londres, 1945.
- Bussey, Jenniffer A. (org.) *Events that Changed the World: 1940-1960*. Farmington Hills, MI: Greenhaven Press, 2004.
- Butler, Ewan e Young, Gordon. *Marshal without Glory: The Life and Death of Hermann Goering*. Londres: Tandem, 1973.
- Calder, Angus. *The People's War: Britain 1939-45*. Londres: Jonathan Cape, 1969.
- Carver, marechal de campo Lord. *War in Italy 1943-1945*. Londres: Sidgwick and Jackson, 2001.
- Cave Brown, Anthony (org.). *The Secret War Report of the OSS*. Nova York: Berkley Medallion, 1976.
- Chandler, Alfred D. et alii. *The Papers of Dwight David Eisenhower*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1978.
- Churchill, Peter. *The Spirit in the Cage*. Londres: Hodder and Stoughton, 1954.
- Churchill, Winston S. *Triumph and Tragedy*. Nova York: Bantam, 1962.
- Clark, Martin. *Mussolini*. Harlow: Pearson, 2005.
- Clay, Lucius D. *Decision in Germany*. Nova York: Doubleday, 1950.
- Coles, Harry e Weinberg, Albert K. *Civil Affairs: Soldiers Become Governors*. Washington, DC: Office of the Chief of Military History, Department of the Army, 1964.
- Colton, Joel. *Léon Blum: Humanist in Politics*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1966.
- Copp, Terry. *Cinderella Army: The Canadians in Northwest Europe 1944-1945*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.
- _____ e Vogel, Roberts. *Maple Leaf Route: Victory*. Alma, Ontário: Maple Leaf, 1988.
- Corbett, major-general R. J. S. *Berlin and the British Ally, 1945-1990*. Berlim: Zumm Druck and Satz KG, 1991.
- Cossin, Carl V. *I Soldiered with America's Elite 10th Mountain Division of W. W. II*. S.l.: 1st Books, 2001.
- Coutts, Frank. *One Blue Bonnet: A Scottish Soldier Looks Back*. Edimburgo: B&W, 1991.
- Cowgill, Anthony; Brimelow, Lord e Brooker, Christopher. *The Repatriations from Austria in 1945: The Report of an Enquiry*. Londres: Sinclair-Stevenson, 1990.
- Cox, Geoffrey. *Defence of Madrid*. Londres: Gollancz, 1937.

- _____. *The Red Army Moves*. Londres: Gollancz, 1941.
- _____. *The Race for Trieste*. Londres: William Kimber, 1977.
- _____. *A Tale of Two Battles*. Londres: William Kimber, 1987.
- _____. *Countdown to War: A Personal Memoir of Europe 1938-1940*. Londres: Coronet, 1990.
- _____. *A New Zealand Boyhood*. Stonehouse: Amadines Press, 2004.
- Crawford, John (org.). *Kia Kaha: New Zealand in the Second World War*. Auckland: Oxford University Press, 2000.
- Cushing, Red. *Soldier for Hire*. Londres: John Calder, 1962.
- Dahl, Hans Frederik. *Quisling: A Study in Treachery*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Dallas, Gregor. *Poisoned Peace: 1945 — The War that Never Ended*. Londres: John Murray, 2005.
- Dalzel-Job, Patrick. *From Arctic Snow to Dust of Normandy*. Plockton: Nead-an-Eoin, 1992.
- Danchev, Alex e Todman, Daniel (orgs.). *War Diaries 1939-1945: Field Marshal Lord Alanbrooke*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2001.
- Davidson, Edward. *Chronology of World War Two*. Londres: Cassell, 1999.
- Davies, Norman. *Europe at War 1939-1945: No Simple Victory*. Londres: Macmillan, 2006.
- De Guingaud, sir Francis. *Operation Victory*. Londres: Hodder and Stoughton, 1947.
- De Lattre de Tassigny, General Jean-Marie. *The History of the First French Army*. Londres: George Allen and Unwin, 1952.
- De Zayas, Alfred. *Nemesis at Potsdam*. Londres: Routledge/Kegan Paul, 1979.
- Deak, Istvan et alii (orgs.). *The Politics of Retribution in Europe: World War II and Its Aftermath*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.
- Deakin, F. W. *The Brutal Friendship: Mussolini, Hitler and the Fall of Italian Fascism*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1962.
- Dear, Ian. *Ten Commando 1942-1945*. Londres: Grafton, 1989.
- D'Este, Carlo. *Patton: A Genius for War*. Nova York: Harper Perennial, 1996.
- _____. *Eisenhower: A Soldier's Life*. Nova York: Henry Holt, 2002.
- Dickens, Arthur Geoffrey. *Lübeck Diary*. Londres: Victor Gollancz, 1947.
- Dönitz, grande almirante Karl. *Memoirs: Ten Years and Twenty Days*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 1990.

- Domenico, Roy Palmer. *Italian Fascists on Trial: 1943-1948*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1991.
- Donnison, F. S. V. *Civil Affairs and Military Government in North-West Europe 1944-1946*. Londres: HMSO, 1961.
- Douglas-Hamilton, James. *The Truth about Rudolf Hess*. Edimburgo: Mainstream Press, 1993.
- Dulles, Allen Welsh. *From Hitler's Doorstep: The Wartime Intelligence Reports of Allen Dulles 1942-1945*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1996.
- Dunnage, Jonathan (org.). *After the War: Justice, Continuity and Renewal in Italian Society*. Market Harborough: Troubador, 1999.
- Dusenbery, Harris e Ware, Wilson P. *Ski the High Trail: World War II Ski Troopers in the High Colorado Rockies*. Portland, OR: Binford and Mort Publishing, 1991.
- Edwards, Denis. *The Devil's Own Luck: Pegasus Bridge to the Baltic*. Londres: Leo Cooper, 1999.
- Eisenberg, Carolyn Woods. *Drawing the Line: The American Decision to Divide Germany 1944-1949*. Nova York: Cambridge University Press, 1996.
- Eisenhower, David. *Eisenhower at War 1943-1945*. Londres: Collins, 1986.
- Eisenhower, Dwight D. *Crusade in Europe*. Nova York: Doubleday, 1948.
- Ellis, Lionel Frederic. *Victory in the West: The Defeat of Germany (History of the Second World War)*, United Kingdom Military Series, vol. 2. Londres: HMSO, 1968.
- Ellis, Robert. *See Naples and Die: A Ski Trooper's World War II Memoir*. Jefferson, NC: McFarland and Company, 1996.
- Ellwood, David. *Italy 1943-1945*. Leicester: Leicester University Press, 1985.
- Enzensberger, Hans Magnus. *Civil War*. Londres: Granta, 1994.
- Essame, H. *Patton: A Study in Command*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1974.
- Farago, Ladislav. *Patton: Ordeal and Triumph*. Nova York: Ivan Obolensky, 1963.
- _____. *The Last Days of Patton*. Nova York: McGraw Hill, 1981.
- Feis, Herbert. *Between War and Peace: The Potsdam Conference*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1960.
- Fergusson, Niall. *Colossus: The Price of America's Empire*. Nova York: Penguin Press, 2004.
- Fermi, Laura. *Mussolini*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

- Fest, Joachim. *Speer: The Final Verdict*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2001.
- _____. *Inside Hitler's Bunker: The Last Days of the Third Reich*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2004.
- Fischer, Ernest F., Jr. *Cassino to the Alps, United States Army in the World War II: The Mediterranean Theatre of Operations*. Washington, DC: Center of Military History, United States Army, 1984.
- Flower, major Desmond. *History of the Argyll and Sutherland Highlanders, 5th Battalion 91st Anti-Tank Regiment*. Londres: Thomas Nelson, 1950.
- Foot, Michael. *The Trial of Mussolini*. Londres: Left Book Club, 1943.
- Foot, M. R. D. *SOE in France*. Londres: HMSO, 1966.
- _____. *SOE in the Low Countries*. Londres: St. Ermin's Press, 2001.
- Forfar, John. *From Omaha to the Scheldt: The Story of 47 Royal Marine Commando*. East Linton: Tuckwell Press, 2001.
- Freud, Esther. *The Sea House*. Londres: Penguin, 2004.
- Friedlander, Henry. *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- Fussell, Paul. *Wartime: Understanding and Behavior in the Second World War*. Nova York: Oxford University Press, 1989.
- _____ (org.). *The Norton Book of Modern War*. Nova York: W. W. Norton and Company, 1991.
- Gardiner, Juliet. *Wartime: Britain 1939-1945*. Londres: Headline, 2004.
- Gavin, James M. *On to Berlin: Battles of an Airborne Commander 1943-1946*. Nova York: Viking Press, 1978.
- Gellately, Robert. *Backing Hitler: Consent and Coercion in Nazi Germany*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- Germany 1944: The British Soldiers' Handbook* (prefácio de Charles Wheeler). Kew: The National Archives, 2006.
- Gilbert, Martin. *Road to Victory: Winston S. Churchill 1941-1945*. Londres: Minerva, 1989.
- _____. *Never Despair: Winston S. Churchill 1945-1965*. Londres: Minerva, 1990.
- _____. *The Day the War Ended: VE Day in Europe and around the World*. Londres: HarperCollins, 1995.
- _____. *Second World War*. Londres: Phoenix, 1995.

- Gimbel, John C. *The American Occupation of Germany: Politics and the Military 1945-1949*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1968.
- Gold, Alison Leslie. *Fiet's Vase, and Other Stories of Survival*. Nova York: Penguin, 2003.
- Haffner, Sebastian. *Defying Hitler*. Londres: Phoenix, 2003.
- Hamilton, Nigel. *Monty: Master of the Battlefield*. Sevenoaks: Scepter, 1985.
- _____. *Monty: The Field Marshal 1944-1976*. Londres: Scepter, 1987.
- _____. *Monty: The Battles of Field Marshal Bernard Montgomery*. Nova York: Random House, 1994.
- Hammerton, sir John. *The War Illustrated*. Londres: The Amalgamated Press Ltd, vols. 8 e 9.
- Harclerode, Peter e Pittaway, Brendan. *The Lost Masters: The Looting of Europe's Treasurehouses*. Londres: Orion, 2000.
- Harris, Charles Reginald Schiller. *Allied Administration of Italy, 1943-1945*. Londres: HMSO, 1957.
- Hastings, Max. *Armageddon: The Battle for Germany 1944-45*. Londres: Macmillan, 2004.
- Hawkins, Desmond (org.). *War Report: D-Day to V-E Day: Dispatches by the BBC's War Correspondents with the Allied Expeditionary Force 6 June 1944-5 May 1945*. Londres: Ariel, 1985.
- Heinemann, Elizabeth. *What Difference Does a Husband Make?* Berkeley: University of California Press, 1999.
- Hepburn, A. C. *Contested Cities in the Modern West*. Londres: Palgrave Macmillan, 2004.
- Heydecker, Joe. *The Nuremberg Trials*. Londres: Heinemann, 1962.
- Heymann, C. David. *Ezra Pound: The Last Rower*. Londres: Faber and Faber, 1976.
- Hibbert, Christopher. *Benito Mussolini: A Biography*. Londres: Longmans, 1962.
- Hinsley, F. H. *British Intelligence in the Second World War: Its Influence on Strategy and Operations*, vol. 3, parte 2. Londres: HMSO, 1988.
- Hirshson, Stanley P. *General Patton, a Soldier's Life*. Nova York: HarperCollins, 2002.
- Hoehne, Heinz e Zolling, Hermann. *The General Was a Spy*. Nova York: Coward, McCann and Geoghagen, 1972.

- Hoffman, Peter. *Stauffenberg: A Family History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- Horbach, Michael. *Out of the Night*. Londres: Vallentine, Mitchell, 1967.
- Howe, Thomas Carr Jr. *Salt Mines and Castles: The Discovery and Restitution of Looted European Art*. Indianápolis/Nova York: Bobbs-Merrill Company, 1946.
- Hunt, Irmgard A. *On Hitler's Mountain: Overcoming the Legacy of a Nazi Childhood*. Nova York: William Morrow, 2005.
- Ikenberry, G. John. *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, and the Rebuilding of Order after Major Wars*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.
- Imbrie, John e Brooks, Thomas R. *10th Mountain Division Campaign in Italy 1945*. Forest Hills, NY: National Association of the 10th Mountain Division, 2002.
- _____ e Evans, Hugh W. *Good Times and Bad Times: A History of C Company of the 85th Mountain Infantry Regiment 10th Mountain Division*. Queechee, Vermont: Vermont Heritage Press, 1995.
- Infield, Glenn B. *Skorzeny: Hitler's Commando*. Nova York: St. Martin's Press, 1981.
- Irvine, James. *The Waves Are Free*. Lerwick: Shetland Publishing Company, 1998.
- Irving, David. *The Rise and Fall of the Luftwaffe: The Life of Luftwaffe Marshal Erhard Milch*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1973.
- _____. *Göring: A Biography*. Londres: Macmillan, 1989.
- Jenkins, McKay. *The Last Ride: The Epic Story of America's First Mountain Soldiers and the Assault on Hitler's Europe*. Nova York: Random House, 2003.
- Jeschonnek, Friedrich; Riedel, Dieter e Durie, William. *Allierte in Berlin 1945-1994*. Berlim: Berlin Verlag Arno Spitz GmbH, 2002.
- Joachimsthaler, Anton. *The Last Days of Hitler, the Legends, the Evidence, the Truth*. Londres: Arms and Armour, 1996.
- Jones, Wilfred Byford. *Berlin Twilight*. Londres: Hutchinson, 1949.
- Judt, Tony. *Postwar: A History of Europe since 1945*. Nova York: Penguin Press, 2006.
- Junge, Traudl. *Until the Final Hour: Hitler's Last Secretary*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2003.
- Kaufman, David e Horn, Michiel. *A Liberation Album: Canadians in the Netherlands 1944-45*. Toronto: McGraw-Hill Ryerson, 1980.

- Kay, Robin. *From Cassino to Trieste (Official History of New Zealand in the Second World War 1939-45; Italy, vol. II)*. Wellington: Historical Branch, Department of Internal Affairs, 1967.
- Kemp, Anthony. *The Secret Hunters*. Londres: Michael O'Mara, 1986.
- Kershaw, Ian. *Hitler 1936-1945: Nemesis*. Nova York: W. W. Norton and Co., 2000.
- Kirby, Norman. *1100 Miles with Monty: Security and Intelligence at TacHQ*. Gloucester: Alan Sutton, 1989.
- Kirkpatrick, sir Ivone. *Mussolini: Study of a Demagogue*. Londres: Odhams, 1964.
- Knightley, Phillip. *The First Casualty: From the Crimea to Vietnam: The War Correspondent as Hero, Propagandist, and Myth Maker*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.
- Kochavi, Ariel. *Prelude to Nuremberg: Allied War Crimes Policy and the Question of Punishment*. Londres: University of North Carolina Press, 1998.
- Lamb, Richard. *War in Italy 1943-1945: A Brutal Story*. Nova York: Da Capo Press, 1996.
- _____. *Mussolini and the British*. Londres: John Murray, 1997.
- Lambert, Angela. *The Lost Life of Eva Braun*. Londres: Century, 2006.
- Lasby, Clarence. *Project Paperclip: German Scientists and the Cold War*. Nova York: Atheneum, 1975.
- Lehmann, Armin D., com Carroll, Tim. *In Hitler's Bunker*. Edimburgo/Londres: Mainstream, 2004.
- Library of America. *Reporting World War II: Part Two: American Journalism 1944-1946*. Nova York: Library of America, 1995.
- Lindsay, Donald. *Forgotten General: A Life of Andrew Thorne*. Salisbury: Michael Russell, 1987.
- Lindsay, Franklin. *Beacons in the Night: With the OSS and Tito's Partisans in Wartime Yugoslavia*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1993.
- Longden, Sean. *To the Victor the Spoils: D-Day to VE Day: The Reality behind the Heroism*. Moreton-in-Marsh: Arris, 2004.
- Lottman, Herbert R. *The People's Anger: Justice and Revenge in Post-Liberation France*. Londres: Hutchinson, 1986.
- Lucas, James. *Last Days of the Reich: The Collapse of Nazi Germany, May 1945*. Londres: Cassell, 1986.

- Luzzatto, Sergio. *The Body of Il Duce: Mussolini's Corpse and the Fortunes of Italy*. Nova York: Metropolitan Books, Henry Holt and Company, 2005.
- Lycett, Andrew. *Ian Fleming*. Londres: Phoenix, 1995.
- MacDonald, Charles B. *The Last Offensive*. Washington, DC, 1973.
- Mack Smith, Denis. *Mussolini*. Londres: Weidenfield and Nicolson, 1981.
- Mackenzie, W. J. M. *The Secret History of SOE 1939-1945*. Londres: St. Ermin's Press, 2000.
- Macmillan, Harold. *The Blast of War 1939-45*. Londres: Macmillan, 1967.
- Magris, Claudio. *Microcosm*. Londres: Harvill, 2000.
- Mandle, William D. e Whittier, David H. *Combat Record of the 504th Parachute Infantry Regiment: April 1943-July 1945*. Paris: Draeger Freres, s.d.
- Mankowitz, Zeev. *Life between Memory and Hope*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- Marrus, Michael R. *The Nuremberg War Crimes Trial 1945-46: A Documentary History*. Boston: Bedford Books, 1997.
- Marshall, Charles F. *Discovering the Rommel Murder: The Life and Death of the Desert Fox*. Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 1994.
- _____. *A Ramble through My War: Anzio and Other Joys*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1998.
- Martelli, George. *Agent Extraordinary: The Story of Michel Hollard, DSO, Croix de Guerre*. Londres: Collins, 1969.
- Martin, H. G. *The History of the Fifteenth Scottish Division 1939-1945*. Edimburgo: Blackwell, 1948.
- Mason, Henry L. *The Purge of the Dutch Quislings: Emergency Justice in the Netherlands*. Haia: Martinus Nijhoff, 1952.
- Mazower, Mark. *Dark Continent: Europe's Twentieth Century*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1999.
- _____. *Salonica, City of Ghosts*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2005.
- McBryde, Brenda. *A Nurse's War*. Londres: Sphere, 1980.
- McCullough, David. *Truman*. Nova York: Simon and Schuster, 1992.
- McGibbon, Ian (org.). *The Oxford Companion to New Zealand History*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- McGovern, James. *Crossbow and Overcast*. Nova York: William Morrow, 1964.
- Mee, Charles L., Jr. *Meeting at Potsdam*. Londres: André Deutsch, 1975.

- Megellas, James. *All the Way to Berlin: A Paratrooper at War in Europe*. Nova York: Presidio/Ballantine, 2003.
- Meincke, Albert, Jr. *Mountain Troops and Medics: Wartime Stories of a Frontline Surgeon in the US Ski Troops*. Kewardin, MI: Rucksack, 1993.
- Melchior, I. B. *Case by Case: A US Army Counter-Intelligence Agent in World War II*. Novato, CA: Presidio Press, 1993.
- Merridale, Catherine. *Ivan's War: Life and Death in the Red Army 1939-1945*. Nova York: Metropolitan, 2006.
- Middlebrook, Martin, *The Nuremberg Raid*. Londres: Cassell, 2000.
- Milano, coronel James V. e Brogan, Patrick. *Soldiers, Spies, and the Rat Line: America's Undeclared War against the Soviets*. Londres: Brassey's, 1995.
- Miller, Russell, com Miller, Renate. *Ten Days in May: The People's Story of V-E Day*. Londres: Michael Joseph, 1995.
- Mills-Roberts, Derek. *Clash by Night*. Londres: William Kimber, 1956.
- Minott, Rodney. *The Fortress that Never Was: The Myth of Hitler's Bavarian Stronghold*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1964.
- Moeller, Robert G. (org.). *West Germany under Construction: Politics, Society, and Culture in the Adenauer Era*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.
- Monahan, Evelyn M. e Neidel-Greenlee, Rosemary. *And if I Perish: Frontline US Army Nurses in World War II*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2003.
- Moorehead, Alan. *Eclipse*. Londres: Hamish Hamilton, 1945.
- Moran, Lord. *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran*. Boston, MA: Houghton Mifflin, 1966.
- Morris, James. *Venice*. Londres: Faber and Faber, 1974.
- Morrison, Alex e Slaney, Ted. *The Breed of Manly Men: The History of the Cape Breton Highlanders*. Toronto: Canadian Institute of Strategic Studies, 1994.
- Mosley, Leonard. *Report from Germany*. Londres: Gollancz, 1945.
- _____. *The Reich Marshal: A Biography of Hermann Goering*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1974.
- Nansen, Odd. *Day after Day*. Londres: Putnam, 1949.
- Neillands, Robin. *Conquest of the Reich from D-Day to VE Day: A Soldier's History*. Londres: Orion, 1996.
- _____. *Eighth Army: From the Western Desert to the Alps*. Woodstock/Nova York: Overlook Press, 2004.

- Nesbitt, Roy. *Failed to Return: Mysteries of the Air*. Londres: Patrick Stephens, 1988.
- Nichol, John e Rennell, Tony. *The Last Escape: The Untold Story of Allied Prisoners of War in Germany 1944-5*. Nova York: Viking, 2003.
- Nicholas, Lynn H. *The Rape of Europa: The Fate of Europe's Treasures in the Third Reich and the Second World War*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1994.
- _____. *Cruel World: The Children of Europe in the Nazi Web*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2005.
- Nicholas, Sian. *The Echo of War: Home Front Propaganda and the Wartime BBC 1939-1945*. Manchester: Manchester University Press, 1996.
- Nichols, David (org.). *Ernie's War: The Best of Ernie Pyle's World War II Dispatches*. Nova York: Random House, 1986.
- Nicosia, Francis R. e Stokes, Lawrence D. (orgs.). *Germans against Nazism: Nonconformity, Opposition and Resistance in the Third Reich*. Nova York: Berg, 1990.
- Niemoller, Martin. *From U-Boat to Concentration Camp*. Londres: William Hodge, 1939.
- _____. *Dachau Sermons*. Londres: Latimer House, 1947.
- Noli, Jean. *The Admiral's Wolf Pack*. Garden City, NY: Doubleday and Company, 1974.
- Nordyke, Philip. *All American All the Way: The Combat History of the 82nd Airborne Division in World War II*. St. Paul, MI: Zenith Press, 2005.
- O'Donnell, James P. *The Bunker*. Nova York: Da Capo Press, 1978.
- Orde, Roden, *The Household Cavalry at War: Second Household Cavalry Regiment*. Aldershot: Gale and Polden, 1953.
- Ordway, Frederick I., III e Sharpe, Mitchell R. *The Rocket Team*. Nova York: Thomas Y. Crowell, 1979.
- Overy, Richard. *Interrogations: The Nazi Elite in Allied Hands, 1945*. Londres: Allen Lane/Penguin Press, 2001.
- Owen, Ben. *With Popski's Private Army*. Londres: James, 1993.
- Padfield, Peter. *Himmler: Reichsführer-SS*. Nova York: Henry Holt and Company, 1990.
- _____. *Doenitz: The Last Führer*. Londres: Cassell, 2001.
- Parker, Matthew. *Monte Cassino: The Story of the Hardest-Fought Battle of World War Two*. Londres: Headline, 2003.

- Patton, George S. *War as I Knew It*. Londres: W. H. Allen, 1947.
- Peniakoff, Vladimir (“Popski”). *Private Army*. Londres: Jonathan Cape, 1950.
- Persico, Joseph E. *Nuremberg: Infamy on Trial*. Nova York: Penguin, 1995.
- Petersen, Neal H. (edição comentada). *From Hitler’s Doorstep: The Wartime Intelligence Reports of Allen Dulles, 1942-1945*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1996.
- Petropoulos, Jonathan. *The Faustian Bargain: The Art World in Nazi Germany*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____. *Royals and the Reich: The Princes von Hessen in Nazi Germany*. Nova York: Oxford University Press, 2006.
- Petrova, Ada e Watson, Peter. *The Death of Hitler: The Full Story with New Evidence from Secret Russian Archives*. Nova York: W. W. Norton and Company, 1995.
- Phibbs, Brendan. *The Other Side of Time: A Combat Surgeon in World War II*. Boston, MA: Little, Brown, 1987.
- Phillips, Raymond (org.). *The Belsen Trial*. Londres: Hodge, 1947.
- Pick, Hella. *Simon Wiesenthal: A Life in Search of Justice*. Boston, MA: Northeastern University Press, 1996.
- Piszkiewicz, Dennis. *Wernher von Braun: The Man Who Sold the Moon*. Westport, CT: Praeger, 1998.
- Pocock, Tom. *1945: The Dawn Came Up Like Thunder*. Londres: Collins, 1983.
- _____. *Alan Moorehead*. Londres: Pimlico, 1990.
- Pogue, Forrest C. *The Supreme Command*. Washington, DC: Department of the Army, Office of the Chief of Military History, 1954.
- _____. *George C. Marshall: Organizer of Victory*. Nova York: Viking, 1973.
- Pollack, Martin. *The Dead Man in the Bunker*. Londres: Faber and Faber, 2006.
- Posner, Gerald L. *Hitler’s Children*. Nova York: Random House, 1991.
- Prosser, J. *Ashes in the Wind*. Londres: Souvenir Press, 1965.
- Proudfoot, Malcolm Jarvis. *European Refugees 1939-1952*. Londres: Faber and Faber, 1957.
- Province, Charles M. *Patton’s Third Army: A Chronology of the Third Army Advance, August 1944 to May 1945*. Nova York: Hippocrene, 1992.
- Quartermain, Luisa. *Mussolini’s Last Republic: Propaganda and Politics in the Italian Social Republic (R.S.I) 1943-45*. Exeter: Elm Bank, 2000.

- Rabel, Roberto Giorgio. *Between East and West: Trieste, the United States, and the Cold War, 1941-1954*. Durham, NC: Duke University Press, 1988.
- Reese, Mary Ellen, *General Reinhard Gehlen: The CIA Connection*. Fairfax, VA: George Mason University Press, 1990.
- Reid, Robert. *War Correspondent*. Glasgow: E. J. Arnold and Sons, s.d.
- Reilly, Joanne, *Belsen: The Liberation of a Concentration Camp*. Londres: Routledge, 1998.
- _____; Cesarini, David; Kushner, Tony e Richmond, Colin (orgs.). *Belsen in History and Memory*. Londres: Frank Cass, 1997.
- Richardi, Hans-Gunter. *SS — Geiseln in der Alpenfestung*. Bozen: Edition Raetia, 2005.
- Richie, Alexandra. *Faust's Metropolis*. Londres: HarperCollins, 1998.
- Rosenfeld, Gavriel David. *Munich and Memory: Architecture, Monuments, and the Legacy of the Third Reich*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- Roskill, capitão S. W. *The War at Sea*, vol. III: *The Offensive, Part II: 1st June 1944-14th August 1945*. Londres: HMSO, 1961.
- Roy, Reginald H. *Ready for the Fray (Deas gu cath): The History of the Canadian Scottish Regiment (Princess Mary's) 1920-1955*. Vancouver: The Trustees CSR, 1958.
- _____. *Sinews of Steel: The History of the British Columbia Dragoons*. Brampton: Charters, 1965.
- Ryan, Cornelius. *The Last Battle*. Nova York: Simon and Schuster, 1966.
- Samain, Bryan. *Commando Men: The Story of a Royal Marine Commando in North-West Europe*. Londres: White Lion, 1976.
- _____. *Personal Encounters*. Durham: Pentland Press, 2000.
- Samuel, Wolfgang. *German Boy*. Londres: Scepter, 2002.
- _____. *American Raiders: The Race to Capture the Luftwaffe's Secrets*. Jackson: University of Mississippi Press, 2004.
- Sanders, Charles J. *The Boys of Winter: Life and Death in the US: Ski Troopers during the Second World War*. Boulder: University Press of Colorado, 2005.
- Sayer, Ian e Botting, Douglas. *America's Secret Army: The Untold Story of the Counter-Intelligence Corps*. Londres: Fontana, 1990.
- _____. *Nazi Gold: The Story of the World's Greatest Robbery — and Its Aftermath*. Edimburgo: Mainstream, 1998.

- Schellenberg, Walter. *The Schellenberg Memoirs: A Record of Nazi Secret Service*. Londres: André Deutsch, 1956.
- Schollgen, Gregor. *A Conservative against Hitler: Ulrich von Hassell*. Londres: Macmillan, 1991.
- Schuschnigg, Kurt von. *Austrian Requiem*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1946.
- Schwab, Gerald. *OSS Agents in Hitler's Heartland: Destination Innsbruck*. Westport, CT: Praeger, 1996.
- Senger und Etterlin, general Frido von. *Neither Fear nor Hope*. Nova York: E. P. Dutton, 1964.
- Sereny, Gita. *The German Trauma: Experiences and Reflections 1938-2000*. Londres: Allen Lane, 2000.
- Shelton, Peter. *Climb to Conquer: The Untold Story of World War II's 10th Mountain Division Ski Troops*. Nova York: Scribner, 2003.
- Shepard, Ben. *After Daybreak: The Liberation of Bergen-Belsen 1945*. Nova York: Schocken, 2005.
- Shirer, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. Nova York: Simon and Schuster, 1960.
- Simpson, Elizabeth (org.). *The Spoils of War: World War II and Its Aftermath*. Nova York: Harry N. Abram, 1997.
- Skinner, reverendo Leslie. *The Man Who Worked on Sundays*. Epsom: Skinner, 1996.
- Smith, Bradley F. *The Shadow Warriors: OSS and the Origins of the CIA*. Londres: André Deutsch, 1983.
- Smith, Jean (org.). *The Papers of General Lucius D. Clay: Germany 1945-1949*. Bloomington: Indiana University Press, 1974.
- _____. *Lucius D. Clay*. Nova York: Henry Holt, 1990.
- Smyth, Howard McGaw. *Secrets of the Fascist Era*. Carbondale/Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1975.
- Soames, Mary. *Clementine Churchill*. Londres: Cassell, 1979.
- _____. (org.). *Speaking for Themselves*. Londres: Transworld, 1998.
- Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. Londres: Phoenix, 1995.
- Spotts, Frederic. *Hitler and the Power of Aesthetics*. Woodstock/Nova York: Overlook Press, 2003.

- Stafford, David. *Britain and European Resistance 1940-1945*. Londres: Macmillan, 1980.
- _____. *Churchill and Secret Service*. Londres: John Murray, 1997.
- _____. *Ten Days to D-Day*. Londres: Little, Brown, 2004.
- _____. (org.). *Flight from Reality: Rudolf Hess and His Mission to Scotland 1941*. Londres: Pimlico, 2002.
- Steers, Bob. *FSS: Field Security Sections*. Eastlays: Robin Steers, 1996.
- Steinbuck, Jack (org.). *Typewriter Battalion: Dramatic Front-Line Dispatches from World War II*. Nova York: William Morrow, 1995.
- Steinert, Marlis G., *Capitulation 1945, the Story of the Doenitz Regime*. Londres: Constable, 1969.
- Stern, Robert C. *Battle beneath the Waves: The U-Boat War*. Londres: Arms and Armour, 1999.
- Stock, Noel. *The Life of Ezra Pound*. Londres: Routledge/Kegan Paul, 1970.
- Stout, Duncan M. *New Zealand Medical Services in Middle East and Italy*. Wellington: War History Branch, Department of Internal Affairs, 1956.
- Stuhlinger, Ernst e Ordway, Frederick I., III. *Wernher von Braun: Crusader for Space*. Malabar, FL, 1994.
- Taylor, A. J. P. *How Wars End*. Londres: Hamish Hamilton, 1985.
- Ther, Philipp e Siljak, Ana (orgs.). *Redrawing Nations: Ethnic Cleansing in East-Central Europe, 1944-1948*. Oxford: Rowman and Littlefield, 2001.
- Thomas, John Oram. *No Banners: The Story of Alfred and Henry Newton*. Londres: W. H. Allen, 1955.
- Toland, John. *The Last 100 Days*. Londres: Orion, 1994.
- Trevelyan, Raleigh. *Rome '44*. Londres: Secker and Warburg, 1981.
- Trevor-Roper, Hugh. *The Last Days of Hitler*. Londres: Macmillan, 1956.
- Truman, Harry S. *Memoirs*. Londres: Hodder and Stoughton, 1956.
- Truscott, tenente-general L. K., Jr. *Command Missions: A Personal Story*. Nova York: E. P. Dutton and Company, 1954.
- Turgel, Gena. *I Light a Candle*. Londres: Grafton, 1987.
- Turner, Barry. *Countdown to Victory: Soldiers and Civilians Tell the Story of the Final Battles for Europe 1944-45*. Londres: Hodder, 2004.
- Tusa, Anne e Tusa, John. *The Nuremberg Trial*. Londres: BBC Books, 1995.
- Tytell, John. *Ezra Pound: The Solitary Volcano*. Nova York: Doubleday, 1987.

- Van der Zee, Henri A. *The Hunger Winter: Occupied Holland 1944-5*. Londres: Jill Norman and Hobhouse, 1982.
- Vermeiren, Isa. *Reise durch den letzten Akt*. Hamburgo: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1998.
- Vinen, Richard. *A History in Fragments: Europe in the Twentieth Century*. Londres: Abacus, 2002.
- Von Hassell, Fey. *A Mother's War*. Londres: John Murray, 2003.
- Von Hassell, Ulrich. *The Von Hassell Diaries 1938-1944*. Londres: Hamish Hamilton, 1948.
- Waller, Maureen. *London 1945: Life in the Debris of War*. Londres: John Murray, 2004.
- Weale, Adrian. *Patriot Traitors*. Londres: Viking, 2001.
- _____. *Renegades: Hitler's Englishmen*. Londres: Pimlico, 2002.
- Webster, David Kenyon. *Parachute Infantry: An American Paratrooper's Memoir of D-Day and the Fall of the Third Reich*. Baton Rouge/Londres: Louisiana State University Press, 1994.
- Weighley, Russell D. *Eisenhower's Lieutenants: The Campaign of France and Germany 1944-45*. Bloomington: Indiana University Press, 1981.
- Welch, Samuel Cuthbert Rexford. *The Royal Air Force Medical Services*. Londres: HMSO, 1954-8.
- West, Rebecca. *The New Meaning of Treason*. Nova York: Viking Press, 1964.
- Wheeler-Bennett, sir John e Nicholls, Anthony. *The Semblance of Peace*. Londres: Macmillan, 1972.
- White, Osmar. *Conquerors' Road: An Eyewitness Report of Germany 1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- White, Peter. *With the Jocks*. Stroud: Sutton, 2001.
- Whiting, Charles. *Paths of Death and Glory: The War in Europe, January-May 1945*. Sutton: Severn House, 1997.
- Wiesel, Elie. *Night*. Nova York: Hill and Wang, 2006.
- Wilkinson, Peter. *Foreign Fields: The Story of an SOE Operative*. Londres: I. B. Tauris, 1997.
- Williams, Andrew. *The Battle of the Atlantic: Hitler's Gray Wolves of the Sea and the Allies' Desperate Struggle to Defeat Them*. Nova York: Basic Books, 2003.
- Wilmot, Chester. *The Struggle for Europe*. Londres: Reprint Society, 1954.
- Wilson, Francesca. *In the Margins of Chaos*. Londres: John Murray, 1944.

- _____. *Advice to Relief Workers*. Londres: John Murray, 1945.
- _____. *Aftermath: France, Germany, Austria, Yugoslavia 1945 and 1946*. Harmondsworth: Penguin, 1947.
- _____. *A Life of Service and Adventure*. Edição particular, 1996.
- Windsor, Philip. *City on Leave*. Londres: Chatto and Windus, 1963.
- Wolfe, Robert (org.). *Americans as Proconsuls: United States Military Government in Germany and Japan 1944-1952*. Carbondale, IL: Southern Illinois University Press, 1984.
- Woodbridge, George. *UNRRA: The History of the United Nations Relief and Rehabilitation Administration*, 3 vols. Nova York: Columbia University Press, 1950.
- Woodruff, John B. *History of the 85th Mountain Infantry Regiment 4 January 1945-31 May 1945*. Relato inédito, 1945.
- Woolf, S. J. (org.) *The Rebirth of Italy, 1943-50*. Londres: Longmans, 1972.
- Wyman, Mark. *DPs: Europe's Displaced Persons 1945-1951*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998.
- Young, David. *Four Five: The Story of 45 Commando Royal Marines, 1943-1971*. Londres: Leo Cooper, 1972.
- Ziemke, Earl Frederick. *The US Army in the Occupation of Germany, 1944-1946*. Washington: Center of Military History, United States Army, 1975.
- Zweig, Ronald. *The Gold Train*. Londres: Penguin, 2002.



Robert Ellis, Camp Hale, primavera de 1944.
(Denver Public Library)



Ataque da infantaria da 10a Divisão de Montanha a uma posição alemã nos montes Apeninos. (*Denver Public Library*)



Bryan Samain, aos 20 anos, lutou como comando da Normandia para o mar Báltico. (*Bryan Samain Collection*)

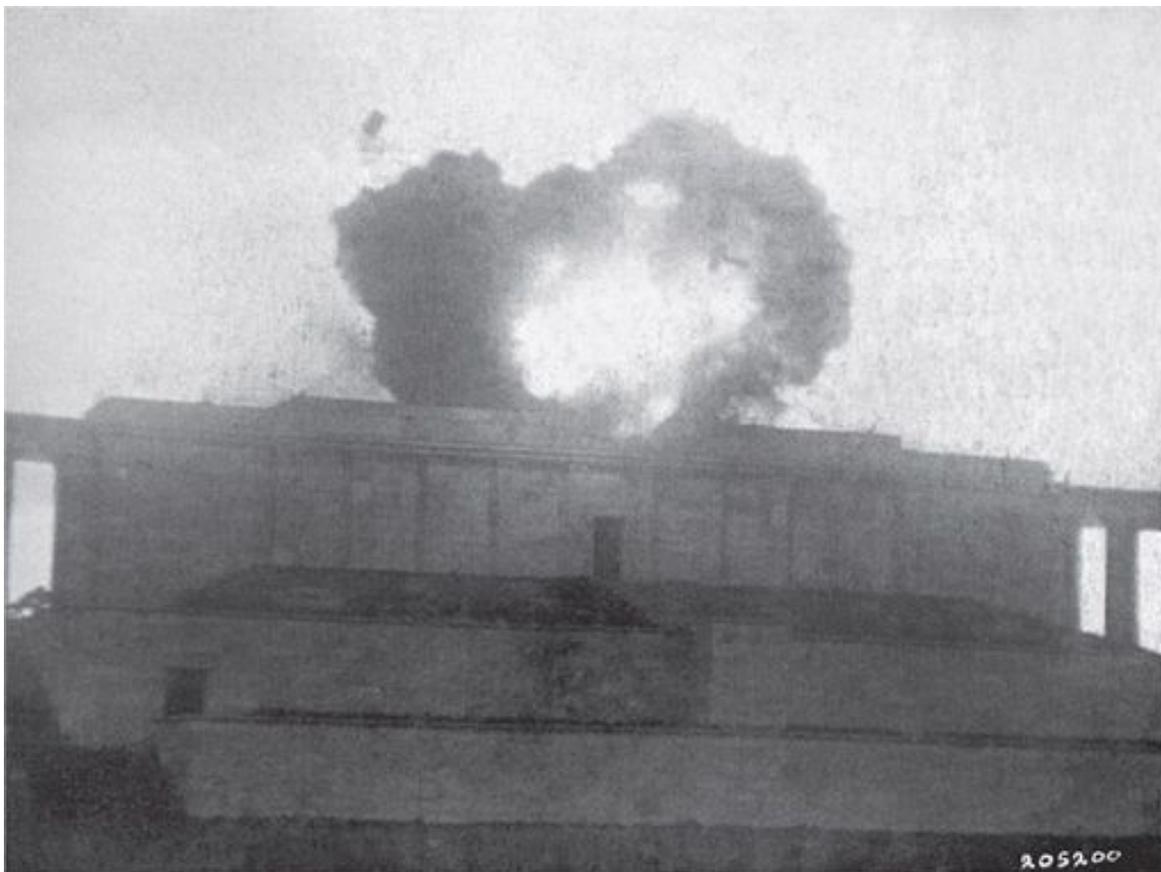


Francesca Wilson, voluntária num campo de desabrigados da Bavária. (*Rosalind Priestman Collection*)

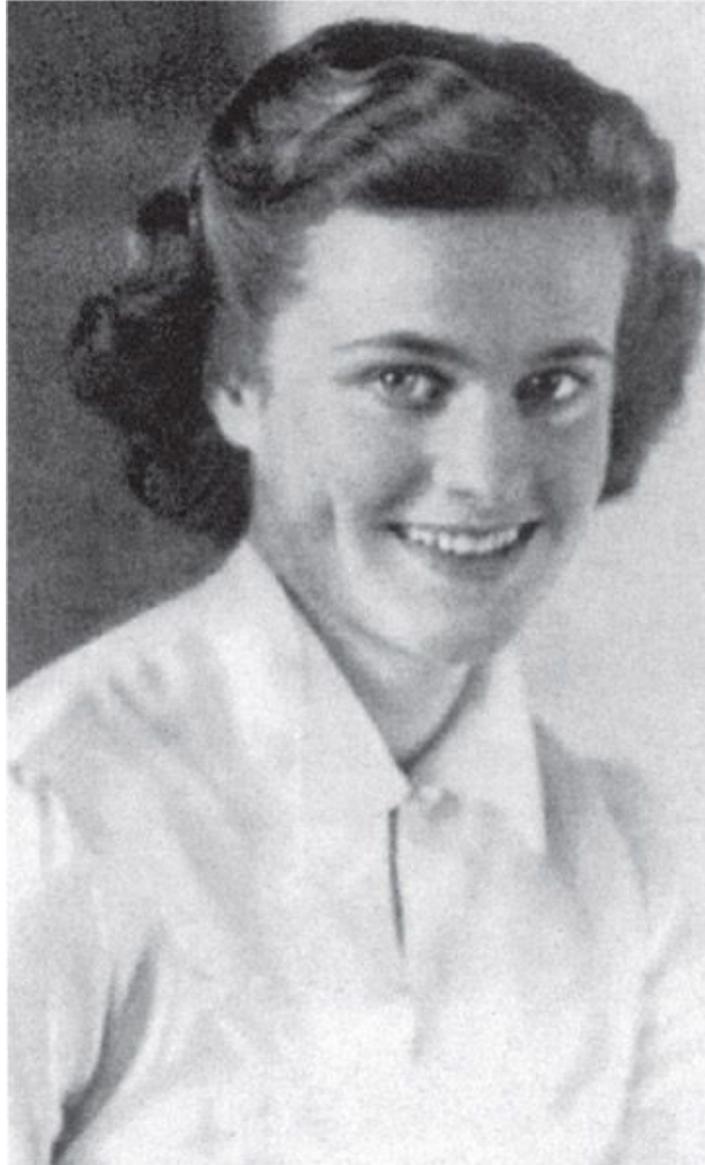


Nuremberg, abril de 1945. Ruínas e escombros em torno da estação de metrô da Adolf Hitler Platz. Pouco antes do bombardeio aliado, o prefeito da cidade, Karl Holz, garantira que a vitória alemã estava próxima. (*US National Archives and Records Administration — NARA*)





A suástica no topo do Estádio Zeppelin em Nuremberg, local dos comícios do Partido Nazista, foi despedaçada por sapadores do Exército dos Estados Unidos em 27 de abril de 1945. (NARA)



Fey von Hassell, mãe de dois filhos e prisioneira dos campos de concentração. (*Collection of Fey von Hassell*)



Fey von Hassell com Corrado e Roberto (à direita) em Brazzà, 1943. (*Collection of Fey von Hassell*)



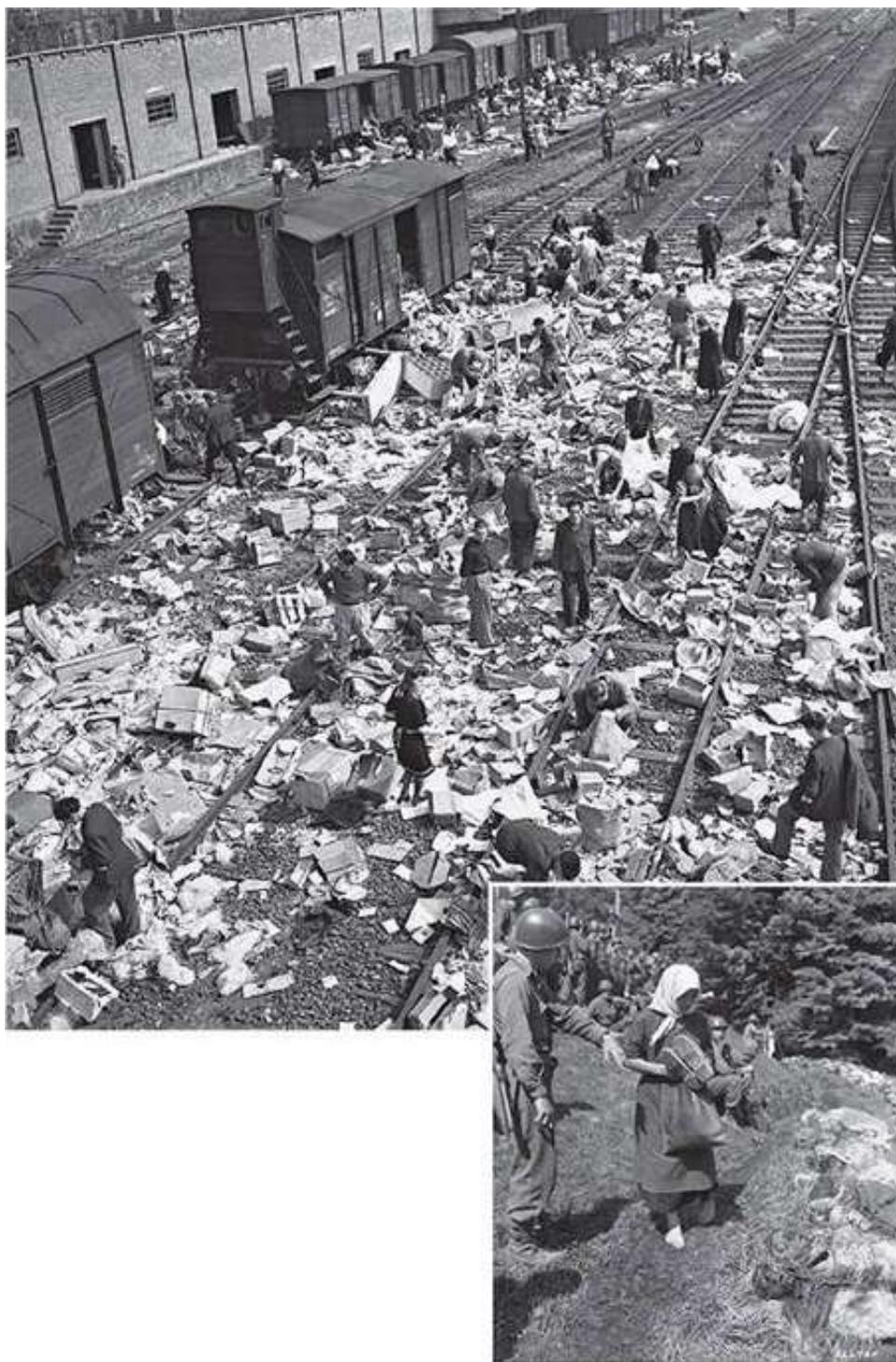
Alex von Stauffenberg, por quem Fey von Hassell se apaixonou enquanto era prisioneira da SS. (*Collection of Fey von Hassell*)



Reportagem da BBC: Robert Reid entrevista dois soldados americanos em missão na Alemanha, 1945. (*Robert Reid Papers*)



O agente secreto Fred Warner saltou de paraquedas na Áustria nos últimos dias do Terceiro Reich de Hitler. (*Fred Warner Collection*)



Abril de 1945. Trabalhadores escravos recém- libertados vasculham um terminal ferroviário alemão em busca de qualquer coisa para comer, trocar ou usar. (NARA)

Bavária, maio de 1945. Soldados norte- -americanos ordenam a uma alemã que olhe para os cadáveres de oitocentos russos e trabalhadores escravos assassinados, exumados para

enterro. (NARA)



Uma sobrevivente do campo de Belsen. (*Trustees of the Liddell Hart Centre for Military Archives, King's College, London*)

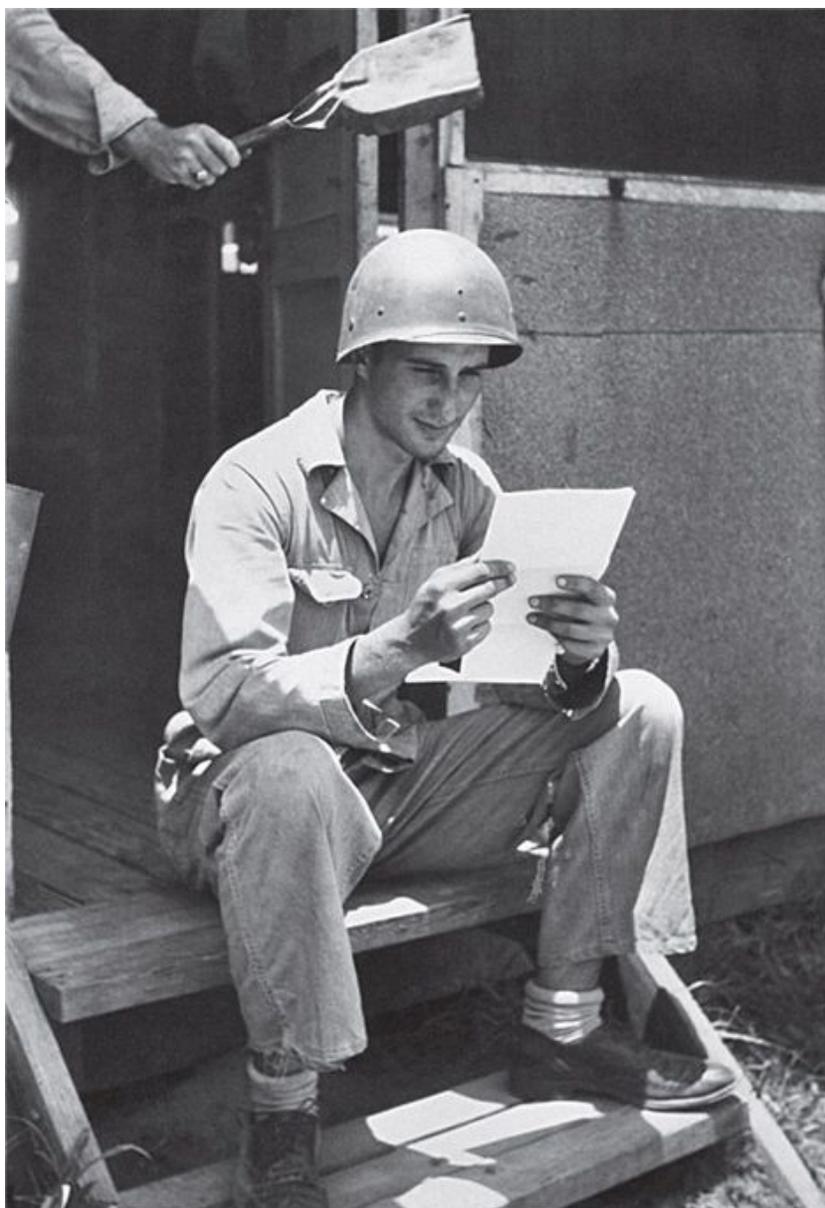
Belsen, 19 de maio de 1945. O último barracão infectado pelo tifo é incendiado por um lança-chamas britânico. (*Imperial War Museum — IWM, BU6602*)



Geoffrey Cox, agente de inteligência da linha de frente, testemunha da batalha do rio Gaiana, no norte da Itália. “Poucas vezes o caixão do nazismo foi tão bem lacrado”, escreveu ele. (*University of Otago*)



Corpo de um soldado alemão no rio Gaiana, abril de 1945. (G. F. Kaye, Kippenberger
Military Archive, Army Museum Waiouru, NZ)



Leonard Linton lê uma carta de casa. (*Family of Leonard Linton*)



Milão, abril de 1945. Vestido num traje branco respingado de sangue, o cadáver desfigurado do ditador fascista Benito Mussolini jaz ao lado do de sua amante, Clara Petacci. (IWM,)



Fascista com o “M” de Mussolini pintado na testa é escoltada até a prisão em Milão por membros da resistência italiana. (IWM, IA66354)



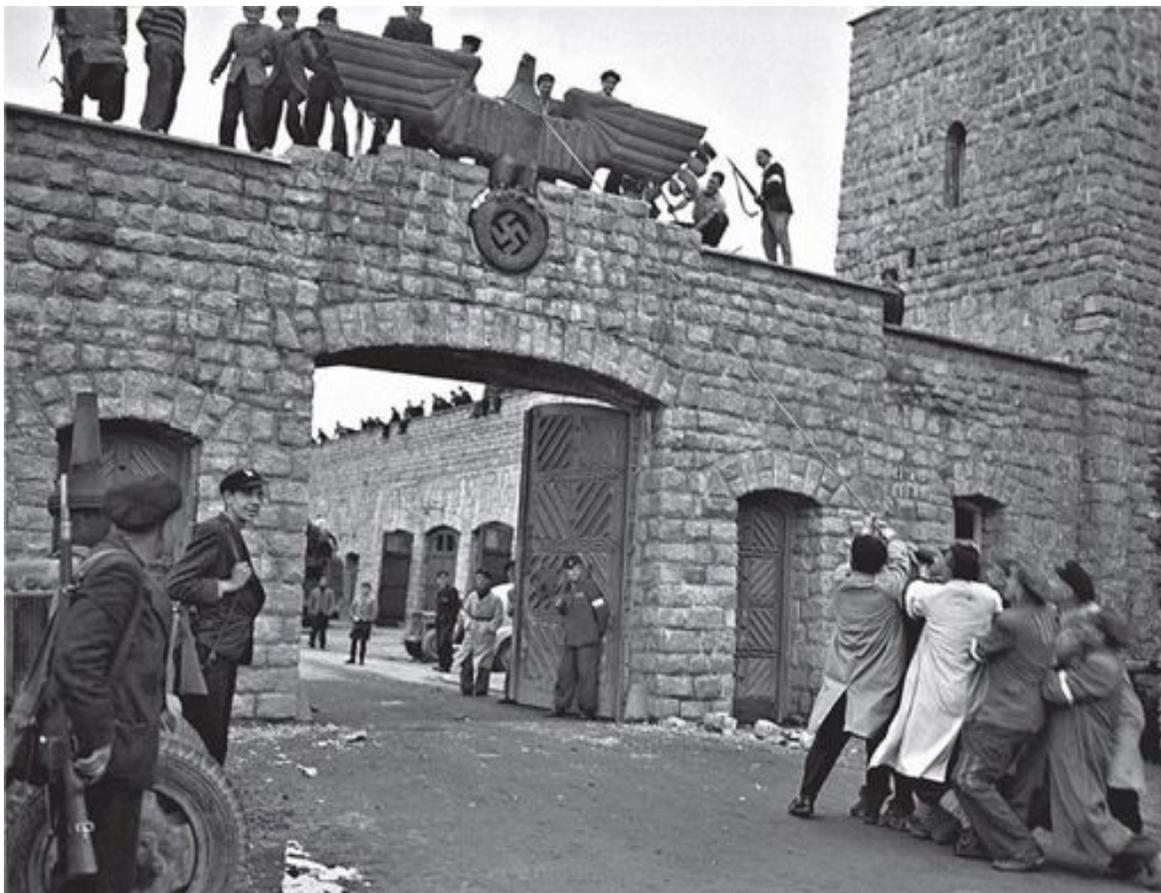
Fábrica de arroz San Sabba, em Trieste, usada pela SS como local de detenção e assassinato de prisioneiros políticos. (Foto do autor)



Um soldado neozelandês patrulha a estrada entre Trieste e Miramare, maio de 1945. (IWM, NA25262)



Civis italianos esquitejam um cavalo morto para se alimentar. (*Denver Public Library*)



Arredores de Linz, Áustria, 6 de maio de 1945. Prisioneiros libertados pelas tropas do III Exército do general George S. Patton derrubam a águia nazista na entrada do campo de concentração de Mauthausen. (NARA)



Áustria, maio de 1945. Cossacos depõem as armas antes de se render ao Exército Vermelho.
(IWM, NA25021)



Berchtesgaden, Bavária, 4 de maio de 1945. Um soldado americano assiste ao incêndio da Berghof, a residência de Hitler. (NARA)



Reg Roy (à direita), do regimento de infantaria canadense Cape Breton Highlanders, posa com colegas oficiais no dique de Delfzijl, maio de 1945. *(Collection of R. H. Roy)*



Soldados canadenses mortos na batalha por Delfzijl prontos para o sepultamento, maio de 1945. (*Collection of R. H. Roy*)



Revanche. Nazistas holandeses presos em um antigo campo de concentração marcham em fila para o refeitório, vigiados por um combatente da resistência holandesa. (IWM, B12058)



O fim da odisséia de Fey von Hassell nas mãos da SS: hotel Lago di Braies, alcançado pelas
2) tropas norte-americanas em 4 maio de 1945. (IWM, NA2487)



De chapéu e fumando um cigarro, o magro Sigismund Payne Best, oficial do serviço de inteligência britânico, posa com outros prisioneiros libertados na frente do hotel. À sua direita, com uniforme da Wehrmacht, está o coronel von Bonin. (IWM, NA24871)



Fim do último governo nazista, 23 de maio de 1945: Albert Speer (à esquerda), almirante Dönitz (ao centro) e general Jodl (à direita) em um pátio, após sua prisão. (IWM, BU6708)



Berlim, 16 de julho de 1945. Churchill, com seu charuto, visita o local onde o corpo de Hitler foi incendiado. Notem-se os galões vazios de gasolina. (IWM, BU8966)